

CRISOLITA FORTES FONSECA

**A CIDADE DO MINDELO, 1820 – 2010:
uma visão morfológica da sua ocupação urbana**

Orientador: Professor Doutor Mário Caneva Magalhães Moutinho

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Lisboa
2018**

CRISOLITA FORTES FONSECA

**A CIDADE DO MINDELO, 1820 – 2010:
uma visão morfológica da sua ocupação urbana**

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 18/06/2019, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº: 142/2019 de 05/2019, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor José Diogo da Silva Mateus –
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Vogais:

Prof.^a Doutora Marluci Menezes – Laboratório
Nacional de Engenharia Civil – Arguente;

Prof. Doutor Sérgio Miguel Padrão Fernandes –
Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura –
Arguente;

Prof. Doutor Manuel Serafim Pinto – Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

**Prof.^a Doutora Filipa Alexandra Gomes da Silva
Oliveira Antunes** – Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias;

Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia
– Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias;

Orientador:

Prof. Doutor Mário Caneva Moutinho - Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Lisboa

2018

*Um símbolo da natureza na paisagem
urbana do Mindelo.
(Autor)*



Fig. 1: Monte Cara (*Washington Face*). 2015
Fonte: Autor

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é o resultado de muita dedicação e disciplina. Os contratempos e dificuldades encontrados na recolha de dados não diminuíram a vontade de dar a minha contribuição, mesma que pequena, para o desenvolvimento urbano da cidade do Mindelo.

Este trabalho não seria possível sem a colaboração de pessoas que gentilmente contribuíram para a sua realização.

Começo por agradecer o meu orientador Professor Doutor Mário Moutinho pelo papel fundamental no desenvolvimento desta tese de doutoramento, quer pelas sugestões e comentários, quer pela paciência, diretrizes e motivação que soube transmitir ao longo de todo o processo.

Foi muito gratificante também a amabilidade e os comentários de forma profunda e rigorosa dos professores doutores integrantes do júri prévio – Manuel Pinto, Sérgio Padrão Fernandes, Filipa Antunes, Diogo Mateus e Pedro Ressano Garcia –, pelas críticas e sugestões possibilitando um melhor enquadramento temático.

Ao meu aluno de arquitetura, da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde - Pólo do Mindelo, Isaías Rodrigues, pelo apoio na recolha dos ortofotomapas do Mindelo do ano de 2003.

À toda equipa da sala da reitoria da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, em especial a doutora Nilva Martinho pela gentileza e amizade, que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Por fim, quero agradecer a minha família pelo apoio nos momentos de menor motivação, em especial ao meu irmão António Fonseca e a minha sobrinha Andrea Fonseca Soares.

A todos os meus sinceros agradecimentos.
Crisolita Fortes Fonseca.

RESUMO

A presente tese de doutoramento visa a elaboração de uma análise do Mindelo, no período 1820-2010, com base em esquemas de ocupação urbana elaborados a partir dos desenhos da cidade.

A integração dos desenhos das cidades como componente importante das análises morfológicas urbanas e fonte para a história permitiu a construção de uma visão morfológica a escala da cidade, interligando a sua ocupação urbana a fenómenos implicados na produção do espaço urbano, tendo como finalidade, uma melhor compressão da génese e transformações urbanas do Mindelo. Pretende-se a identificação dos elementos distintivos, as relações destes com o crescimento urbano e a pertinência do 'elemento' água na construção dos seus bairros periféricos, fomentando a identidade costeira dos lugares. Para tal são elencados, a orla marítima – 'elemento' água, a topografia – elevações e ribeiras, e o centro histórico – malha estruturada e conjunto arquitetónico, disseminando as respetivas potencialidades da paisagem urbana mindelense. O estudo abrange o intervalo temporal iniciado no primeiro 'plano' de base topográfica da cidade, seguindo-se até ao ano da elaboração dos primeiros instrumentos urbanísticos oficiais, após a independência do País.

Esta análise tem na complementaridade das disciplinas de arquitetura e urbanismo, um suporte metodológico enquadrando conhecimentos de diferentes bases em morfologia urbana.

Palavra-chave: Cidade do Mindelo; Ocupação urbana; Elementos distintivos; Bairros urbanos; Evolução morfológica.

ABSTRAT

The present dissertation aims at the elaboration of an analysis of Mindelo, in the period 1820-2010, based on schemes of urban occupation elaborated from the drawings of the city.

The integration of cities' designs as an important component of urban morphological analyzes and a source for history allowed the construction of a morphological vision at city level, linking their urban occupation to phenomena implied in the production of urban space, aiming at a better compression of the genesis and urban transformations of Mindelo. It seeks to identify the distinctive elements, their relationship with urban growth, and the relevance of the 'element' water in the construction of their peripheral neighborhoods, fostering the coastal identity of places. To this end are listed, along the waterfront - water element, topography - elevations and streams, and the historical center - structured mesh and architectural set, spreading the respective potentialities of the mindelian urban landscape. The study covers the time interval initiated in the first topographic 'plan' of the city, followed by the year of the first official urban planning instruments, after the country's independence.

This analysis has in the complementarity of the disciplines of architecture and urbanism, a methodological support framing knowledge of different bases in urban morphology.

Key words: City of Mindelo; Urban occupation; Distinctive elements; Urban neighborhoods; Morphological evolution.

NOTA PRÉVIA

1- A designação – desenho da cidade é atribuída a toda a cartografia, levantamento de base topográfica, planta manuscrita, plantas 'aerofotogramétricas' e ortofotomapas do Mindelo, inseridas na presente investigação.

2- Os mapas, elementos complementares da presente tese, correspondem ao enquadramento do atual limite administrativo e urbano, nos desenhos da cidade.

3- Os esquemas de ocupação urbana são resultantes da análise dos desenhos da cidade e constituem os componentes comprovativos da presente tese.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AC – Autómatos celulares.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

BO – Boletim Oficial.

CABNAVE – Estaleiros Navais de Cabo Verde.

CAVIBEL – Industria de Bebidas de Cabo Verde.

CBD - *Central Business District*.

CCM – Centro Cultural do Mindelo.

CIGE – Centro de Informação Geográfica do Exército.

CISPUT – Centro *Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territorieli*.

CONGEL – Industria de pesca e frio.

CMSV– Câmara Municipal de São Vicente.

COPA – Cooperativa de Produtos Alimentares.

CV Telecom – Telecomunicações de cabo Verde.

EICM – Escola Industrial e Comercial do Mindelo Guilherme Dias Chantre.

Electra – Empresa de prestação de serviços de eletricidade e água potável.

ENACOL – Empresa Nacional de combustíveis e Lubrificantes.

Enapor – Empresa Nacional dos Portos.

EMPA – Empresa Pública de Abastecimento.

FIC – Feira Internacional de Cabo Verde.

ICE – Instituto Geográfico do Exército.

IHM – Instituto Hidrográfico da Marinha.

INDP – Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pesca.

INE – Instituto nacional de Estatística.

Interbase – Infraestrutura de Tratamento, Congelação e Conservação de produtos de pesca e presáveis.

ISUF – '*International Seminar on Urban Form*' – Seminário Internacional sobre a Forma Urbana.

ISSS – *International Space Syntax Symposium*.

MBA – Modelos Baseados em Agentes.

M-EIA – Mindelo Escola Internacional de Artes.

MHOP – Ministério de Habitação e Obras Públicas.

ONAVE - Oficina Navais de S. Vicente .

PD – Plano Detalhado.

PDM – Plano Diretor Municipal.

PDU – Plano do Desenvolvimento Urbano.

PNUM – *'Portuguese Network of Urban Morphology'* – Rede Portuguesa de Morfologia Urbana.

PUD – Plano Urbano Detalhado.

UMRG - *Urban Morphology Reserch Group*.

RMU – Revista de Morfologia Urbana.

Séc. – Século.

UNICV – Universidade de Cabo Verde .

T.S.F – Telefonía sem fios.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	7
RESUMO	9
ABSTRAT	11
NOTA PRÉVIA.....	13
ABREVITURAS E SÍMBOLOS.....	15
ÍNDICE DE QUADROS.....	21
ÍNDICE DE GRÁFICOS	23
ÍNDICE DE ESQUEMAS.....	25
ÍNDICE DE MAPAS	27
ÍNDICE DE FIGURAS/IMAGENS	29
 INTRODUÇÃO	 35
 CAPÍTULO I - A CIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS.....	 49
1.1.A identidade da cidade.....	50
1.2.Transformações urbanas	51
1.3.O espaço/meio urbano	52
1.4.A forma urbana.....	54
1.4.1.A evolução da forma urbana e dos espaços públicos urbanos.....	56
1.4.2.A forma urbana contemporânea.....	58
1.5.Morfologia urbana	60
1.5.1.A morfologia urbana no desenho da cidade	60
1.5.2.Análise morfológica da cidade	62
1.5.3.As diferentes abordagens no estudo da forma urbana.....	67
1.5.3.1.A abordagem tipológica projetual/tipo morfológica	67
1.5.3.2.A abordagem histórico-geográfica	68
1.5.3.3.A análise sintática.....	70
1.5.3.4.A análise espacial.....	70
1.6. A morfologia urbana nos países lusófonos	71

CAPÍTULO II- A ILHA DE S. VICENTE NO CONTEXTO URBANÍSTICO DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE	75
2.1. O Arquipélago de Cabo Verde	76
2.1.1.O ambiente natural, o crescimento e a estrutura urbana em Cabo Verde	78
2.2. Enquadramento do Mindelo no contexto da Ilha de S. Vicente	82
2.2.1.Evolução demográfica	104
2.3. A caracterização e a paisagem urbana do Mindelo.....	109
2.3.1.O bairro central e histórico	111
2.3.2.A orla marítima do Mindelo - Baía do Porto Grande.....	125
 CAPÍTULO III- OCUPAÇÃO URBANA DA CIDADE DO MINDELO, 1820-2010	131
3.1.Contextualização	132
3.1.1.Área de Estudo	133
3.2.O Primeiro núcleo urbano e as transformações urbanas da Vila do Mindelo.....	141
3.2.1.A povoação de 1820 (Mapa 01).....	141
3.2.2.A Vila do Mindelo em 1858.....	143
3.3. A Cidade do Mindelo – ocupação e transformações urbanas, 1820-2010	147
3.3.1.1820 – 1873/77: O início da expansão urbana (Esquema 1; Mapa 02)	147
3.3.2.O Centro Urbano do Mindelo em 1888.....	157
3.3.3.1873/77 – 1906: A definição do traçado da área central/histórica [Esquemas- 2 e (a)2; Mapa 03]	162
3.3.4.1906 – 1920: A expansão da infraestrutura viária periurbana [Esquema 3 e (a)3; Mapa 04]	181
3.3.5.1920 – 1932: O fraco crescimento urbano [Esquema 4; Mapa 05]	195
3.3.6.1932 – 1946: O crescimento da periferia urbana do Mindelo [Esquema 5 e (a)5; Mapa 06]	205
3.3.7.1946 – 1960: Expansão urbana dispersa [Esquema 6 e (a)6; Mapa 07]	233
3.3.8.1960 – 1973: A expansão urbana para os terrenos a leste [Esquema 7 e (a)7; Mapa 08]	245
3.3.9.1973 – 1982: A expansão urbana para norte, sul e leste [Esquema 8 e (a)8; Mapa 09]	265
3.3.10.1982 – 2003: A densificação do espaço construído a norte e a expansão urbana para o sul e sudoeste. [Esquema 9 e (a)9; Mapa 10]	281

3.3.11. 2003 – 2010: A expansão urbana para terrenos contíguos ao limite urbano do Mindelo [Esquema 10 e (a) 10; Mapa 11].....	309
CONCLUSÃO.....	333
SÍNTESE EM CRIOULO	353
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	355
ÍNDICE REMISSIVO.....	363
APÊNDICES	cli
ANEXOS	cccv

INDÍCE DE QUADROS

Quadro I - A relação entre os fogos e a população: 1858-1908	105
Quadro II: Evolução da população da Ilha de S. Vicente, 1940-2010.....	106
Quadro III: Evolução da população residente urbana, segundo censos de 1990-2010.....	106
Quadro IV - Crescimento populacional do Mindelo e da Ilha de S. Vicente, 1990, 2000 e 2010.....	108
Quadro V: Evolução da população residente e a densidade populacional de S. Vicente, entre os anos de 2011 e 2015.....	109
Quadro VI - Vias que atravessam os espaços centrais/históricos do Mindelo em toda a sua extensão.....	122
Quadro VII - Largos e Praças da área Central/histórica do Mindelo.....	123
Quadro VIII (a)- Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo: vias de sentido noroeste/sudeste- Espaço urbano a norte da Rua Libertadores de África	ccci
Quadro VIII (b) - Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo: vias de sentido noroeste/sudeste- Espaço urbano a sul da Rua Libertadores de África	ccii
Quadro IX (a) - Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo: vias de sentido nordeste/sudoeste- Espaço urbano a norte da Rua Libertadores de África	cciv
Quadro IX (b) - Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo: vias de sentido nordeste/sudoeste- Espaço urbano a sul da Rua Libertadores de África	ccvi
Quadro X – Área urbana ocupada pelos bairros da cidade do Mindelo, 1820-2010 - (m2) –	ccviii

INDÍCE DE GRAFÍCOS

Gráfico I: A relação entre os fogos e a população: 1858-1908	105
Gráfico II: Crescimento populacional do Mindelo e da Ilha de S. Vicente, 1990-2010.....	108

INDÍCE DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Ocupação urbana do Mindelo, 1820-1873.	155
Esquema (a)2 – Traçado Urbano da Área Central, 1906.	177
Esquema 2 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1873/77-1906.....	179
Esquema (a)3 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1906-1920.....	191
Esquema 3 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1906-1920.....	193
Esquema 4 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1930-1932.....	203
Esquema (a)5 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1932-1946.....	229
Esquema 5 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1932-1946	231
Esquema (a)6 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1946-1960.....	241
Esquema 6 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1946-1960.....	243
Esquema (a)7 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1960-1973.....	261
Esquema 7 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1960-1973.....	263
Esquema (a)8 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1973-1982.....	277
Esquema 8 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1973-1982.....	279
Esquema (a)9 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1982-2003.....	305
Esquema 9 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1982-2003.....	307
Esquema (a)10 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 2003-2010.....	329
Esquema 10 – Ocupação Urbana do Mindelo, 2003-2010.....	331
Esquema 11 – Enquadramento da ocupação urbana, 1820-2010, nos bairros do Mindelo ...	337
Esquema 12 – Áreas urbanas densificadas, 1820-2010	345
Esquema 11 – Enquadramento da ocupação urbana, 1820-2010, nos bairros do Mindelo ...	337
Esquema 12 – Áreas urbanas densificadas, 1820-2010	345

Esquema 13 – Síntese dos elementos identitários e bases gerais da análise.....	347
Esquema 14 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros do Mindelo, 1820-2010.....	349
Esquema 15 – Ocupação Urbana do Mindelo, 1820-2010.....	351

INDÍCE DE MAPAS

Mapa 1: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1820	cliii
Mapa 2: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1873	clv
Mapa 3: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1906	clvii
Mapa 4: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1920	clix
Mapa 5: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1932	clxiii
Mapa 6: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1946	clxvii
Mapa 7: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1960	clxix
Mapa 8: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1973	clxxi
Mapa 9: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 1982	clxxv
Mapa 10: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 2003	clxxix
Mapa 11: Enquadramento do Limite do Mindelo na Cartografia de 2010	clxxxvii
Mapa 12: Toponímia da área central/histórica	cxcv
Mapa 13: Toponímia da área central/histórica	cxcvii
Mapa 14: Toponímia da área central/histórica	cxcix
Mapa 15: Toponímia da área central/histórica	cxcix

ÍNDICE DE FIGURAS/IMAGENS

Fig. 1: Monte Cara (<i>Washington Face</i>). 2015.....	5
Fig. 2: Os Elementos identitários do Mindelo.....	42
Fig. 3: Elementos morfológicos do espaço urbano.....	56
Fig. 4: Localização de Cabo Verde.....	76
Fig. 5: Arquipélago de Cabo Verde.....	77
Fig. 6: - Forte Real de São Filipe - Planta da Cidade da Ribeira Grande da Ilha de Santiago de Cabo Verde, 1778.	79
Fig. 7: 1899- Porto Grande, Ilha de S. Vicente; Fig. 8: 1900- Porto de S.ta Maria, Ilha do Sal; Fig. 9: 1901- Porto da Preguiça, Ilha de S. Nicolau; Fig. 10: 1899- Porto da P.ta do Sol, Ilha de S.to Antão; Fig. 11:1900- Porto Inglez, Ilha do Maio; Fig. 12: 1903- Porto de S. Tiago, Ilha de Santiago; Fig. 13: 1901- Porto de Sal Rei, Ilha da Boavista; Fig. 14: 1901- Porto da Furna, Ilha da Brava; Fig. 15: 1900- Villa de S. Filipe, Ilha do Fogo.....	81
Fig. 16- Lugares da Ilha de S. Vicente, 2016.	83
Fig. 17: Planta da Povoação da Ilha de S. Vicente - 1838.	85
Fig. 18: A zona Marginal Marítima e zonas vizinhas: Ocupação Inglesa – 1879-1914.....	89
Fig. 19: Proposta para ampliação do Foral do Mindelo.....	93
Fig. 20: Urbanização do Mindelo. Plano Diretor, 1969- Arquiteta Maria Emília Caria.	96
Fig. 21: Estradas de acesso as áreas suburbanas de S. Vicente. Estudos elaborados até ao ano de 1964.....	98
Fig. 22: Rua Unidade Africana. (1)- nos primórdios da sua formação; (2)- em 2015.....	99
Fig. 23: Mindelo – PDU, 1995. Proposta – Pud's.....	101
Fig. 24: Vistas panorâmicas do Mindelo, 2009.....	103
Fig. 25: Zona da praia da Lajinha – atual.....	103
Fig. 26: Praia Grande – atual.....	103
Fig.27: Ribeira do Paul.	111
Fig. 28: Rua dos Selesianos (anteriormente espaços da Ribeira do Paul).	111
Fig. 29: Vista panorâmica da área central do Mindelo, 2015.....	111
Fig. 30: Rua Libertadores de África, 2012.	113
Fig. 31: Pracinha de Igreja, 2015.....	113
Fig. 32: Fortim d’ El Rei.	113
Fig. 33: Igreja da Nossa Senhora da Luz.	114

Fig. 34: Alfândega Velha	115
Fig. 35: Camara Municipal de S. Vicente	115
Fig. 36: Antigo Quartel Militar/Correio	116
Fig. 37: Palácio do Povo.	117
Fig. 38: Torre do Mindelo	117
Fig. 39: Mercado Municipal	118
Fig. 40: Momumento – 'Poss'	119
Fig. 41: Praça Estrela – antigamente, Largo da Salina	119
Fig. 42: Praça Amilcar Cabral, antiga Praça Serpa Pinto.	121
Fig. 43: Monte Cara ou Washington Face, no texto jornalístico mais antigo que conhecemos sobre essa designação.....	125
Fig. 44: Plano Hidrográfico do Porto Grande de S. Vicente, 1899.	127
Fig. 45: Porto Grande / [Sn_Vicente_Cape Verdes]. s/ data.....	128
Fig. 46: Plano do Porto Grande de S. Vicente de Cabo Verde, 1914-1918.	129
Fig. 47: Área de intervenção – Enquadramento da toponímia das principais elevações e ribeiras.	134
Fig. 48: Bairros da Cidade do Mindelo, 2016.	136
Fig. 49 -Base topográfica dos terrenos ocupados com construções urbanas, 2010.....	136
Fig. 50: Ocupação urbana do Mindelo em 1820 e o seu enquadramento na base topográfica da cidade.	142
Fig. 51: A Vila do Mindelo em 1858: Esboço/planta da área urbana.....	144
Fig. 52: A Ponte-cais em frente à Companhia Carvoeira Miller. Finais da década de 1800.	145
Fig. 53: Ampliação do Esquema 1: Área ocupada no espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca' – 1820-1873.....	148
Fig.54: Ampliação do Mapa 02:Centro urbano e áreas adjacentes da Vila do Mindelo,1873/77	150
Fig. 55: Ampliação do Esquema 1 – Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell – 1820-1873/77.....	153
Fig. 56: Área urbana central do Mindelo: Planta incompleta do Mindelo de 1888. Enquadramento da toponímia da época	158
Fig. 57: Cidade do Mindelo, 1885.	160
Fig. 58: Ampliação do Esquema 2: Espaços ocupados na orla marítima do Mindelo no periodo 1873/77-1906.....	163

Fig. 59: Ampliação do Esquema 2: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca', no período 1873/77 -1906.....	165
Fig. 60: Matiota, 1914.....	166
Fig. 61: Ampliação do Esquema 2: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1873/77-1906.....	167
Fig. 62: Ampliação do Esquema (a)2: Sistema das vias do Mindelo em 1906.....	169
Fig. 63: Planta da Cidade do Mindelo, 1906.....	173
Fig. 64: Vista panorâmica do Mindelo.....	175
Fig. 65: Propriedade agrícola localizada na orla marítima do Mindelo.....	176
Fig. 66: Ampliação do Esquema 3: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca', no período, 1906-1920.....	183
Fig. 67: Ampliação do Esquema 3: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell - 1906-1920.....	185
Fig. 68: Ampliação do Esquema 3: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell - 1906-1920.....	187
Fig. 69: Ampliação do Esquema (a)3: Vias estruturantes e de ligação entre os bairros urbanos - 1906-1920.....	188
Fig. 70: Rua do Douro, 1911.....	189
Fig. 71: Ampliação do Esquema 4: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca' - 1920-1932.....	198
Fig. 72: Ampliação do Esquema 4: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' - 1920-1932.....	200
Fig. 73: Mindelo – zona central, 1932.....	202
Fig. 74: Ampliação do Esquema 5: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1932-1946.....	208
Fig. 75: Ampliação do Mapa 06: Espaços do bairro da Ribeira Bote em 1946.....	211
Fig. 76: Ampliação do Esquema 5: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1932-1946.....	212
Fig. 77: Ampliação do Mapa 06 – Sobreposição do traçado viário atual na ocupação urbana do Monte Sossego, 1946.....	214
Fig. 78: Ampliação do Esquema 5: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 1932-1946.....	215

Fig. 79: Ampliação do Esquema (a)5: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1932-1946.....	217
Fig. 80: Vista panorâmica tirada a cerca de 0,8 milhas ao Sul do Ilhéu dos Pássaros – 1946.	222
Fig. 81: Área central do Mindelo, 1943.	224
Fig. 82: Rua de Lisboa de, 1947. Atualmente Rua Libertadores de África.	225
Fig. 83: Ribeira Bote – anos 40.	226
Fig. 84: Ampliação do Esquema 6: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1946-1960.....	234
Fig. 85: Ampliação do Esquema 6: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1946-1960.....	237
Fig. 86: Ampliação do Esquema (a)6: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1946-1960.....	239
Fig. 87: Antiga Zona da Pontinha/ atuais espaços do cais acostável.....	240
Fig. 88: Ampliação do Esquema 7: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1960-1973.....	248
Fig. 89: Ampliação do Esquema 7: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1960-1973.....	252
Fig. 90: Ampliação do Mapa 08 – Zona com unidade de bairro em Chã de Monte Sossego, 1973.....	254
Fig. 91: Ampliação do Esquema 7: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 1960-1973.....	255
Fig. 92: Ampliação do Esquema (a)7: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1960-1973.....	257
Fig. 93: Vista panorâmica do Mindelo em 1968.	259
Fig. 94: Ampliação do Esquema 8: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1973-1982.....	266
Fig. 95: Ampliação do Mapa 09 – Área urbana densificada no bairro do Fonte Inês/Espia em 1982.....	269
Fig. 96: Ampliação do Esquema 8: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1973-1982.....	270
Fig. 97: Ampliação do Esquema (a)8: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1973-1982.....	275

Fig. 98: Rua Libertadores de África/ Rua de Lisboa – Anos 80.	276
Fig. 99: Ampliação do Esquema 9: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1982-2003.....	284
Fig. 100: Ampliação do Esquema 9: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1982-2003.....	288
Fig. 101: Análise da área residencial do bairro da Ribeira de Julião em 2003	295
Fig. 102: Ampliação do Esquema 9: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 1982-2003.....	297
Fig. 103: Ampliação do Esquema (a)9: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1982-2003.....	300
Fig. 104: Vista panorâmica dos bairros do Mindelo, 2003.	302
Fig. 105: Orla marítima do Mindelo, 2003	303
Fig. 106: Ampliação do Esquema 10: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 2003-2010.....	312
Fig. 107: Ampliação do Mapa 10 – Conjunto multifuncional, Pombas Brancas. 2010.	314
Fig. 108: Ampliação do Esquema 10 – Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 2003-2010.	316
Fig. 109: Ampliação do Esquema 10: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 2003-2010.....	320
Fig. 110: Ampliação do Esquema (a)10: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 2003-2010.....	322
Fig. 111: Orla marítima do Mindelo.	324
Fig. 112: Mindelo, 2009.....	325
Fig. 113: Conjunto Residencial da Lajinha – Edifícios Copacabana, 2014.....	326
Fig. 114: Paisagem do Mindelo e lugares contíguos (tirada a partir do Monte Verde), 2003.	328
Fig. 115: Análise da localização da Igreja	335
Fig. 116: Análise da posição do edifício do Palácio em relação ao traçado da atual Rua Libertadores de África – Sobreposição dos desenhos do Mindelo de 1873/77 e 1906 e os limites da construção urbana da via em 1858 e 1888.....	339
Fig. 117: Análise da continuidade de leitura visualizada na primeira linha construída, em terra, da Baía do Porto Grande – 1820-2010.....	342

Qualquer que seja o ponto de vista, é inegável que a cidade constitui, pois, um grande desafio colocado aos vários responsáveis pelo planeamento, edificação e humanização, incluindo as próprias populações, com vista a fazer do espaço urbano um cenário que satisfaça as necessidades humanas e promova a qualidade de vida." (Muga, 2005, p. 207)

INTRODUÇÃO

Mindelo, a única cidade da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, enquadra nos seus limites administrativos atuais, todo o espaço contíguo à Baía do Porto Grande, sendo a área escolhida para a presente análise urbana.

A cidade tem na Baía do Porto Grande, que se estende da Ponta de João Ribeiro à Ponta do Morro Branco, a base do desenvolvimento inicial da ilha. O seu centro histórico, de características urbanas homogéneas e definido atualmente pelos limites da área declarada Património Nacional, é a imagem de referência da cidade. Reflete-se nas ruas de escala humana e na arquitetura harmoniosa da urbe, conjugando elementos da arquitetura portuguesa e inglesa, realçando a sua história. Os seus espaços urbanos são marcados pela extensa linha hemicíclica da baía e por uma paisagem circundada por montes de silhuetas diversificadas e ribeiras, essencialmente secas mas de características torrenciais quando chove, contribuindo para a fragmentação da área urbana.

A escolha deste limite espacial é transversal aos dez intervalos temporais do presente estudo, por forma a potenciar o sentido de pertença da totalidade da Baía do Porto Grande à urbe mindelense. Isto, possibilita a compreensão do enquadramento desta baía, protegida dos ventos dominantes do nordeste, na imagem urbana do passado e presente, servindo-se de base para o seu desenvolvimento futuro, sem comprometer as características identitárias costeiras.

Objeto/Justificação

O título – A cidade do Mindelo 1820-2010: uma visão morfológica da sua ocupação urbana – reflete: a temática, morfologia urbana; o objeto, a cidade do Mindelo; o contexto, a ocupação da cidade. O intervalo temporal escolhido abrange desde o primeiro desenho da base topográfica – 1820, seguindo-se todos os outros, publicados/levantados até ao ano de 2010. O ano de 2010 demarca os primeiros estudos urbanos legais, para a elaboração dos instrumentos de

ordenamento e planeamento urbanísticos do país, produzidos no período após a independência de Cabo Verde.

O presente estudo tem como objetivo principal, realçar as transformações urbanas da cidade, identificando os padrões morfológicos e os fenómenos implicados na produção do espaço urbano mindelense no período referido, tendo como finalidade, contribuir para uma melhor compressão da génese do Mindelo e a ambição de aprofundar o interesse pela compreensão da possível relação existente entre as transformações urbanas derivadas do crescimento urbano, com a génese da sua zona central no contexto espacial.

Tendo em consideração os objetivos desta tese e o entendimento da forma da cidade como um todo e dependente de unidades de leitura em diferentes níveis, pretende-se analisar o percurso da ocupação urbana do Mindelo através de uma visão morfológica à escala da cidade – dimensão territorial, sendo definida pelos seus elementos básicos: 'macrossistema' de vias e bairros.

A ocupação urbana ao longo do intervalo temporal estabelecido permite elencar a seguinte hipótese relativa às transformações urbanas do Mindelo no período 1820-2010:

1) O Mindelo cresce de costas viradas ao mar e desenraizado dos seus elementos identitários, pela falta de uma visão a longo termo da cidade do Mindelo.

Este aspeto, essencialmente relacionado à relação existente entre o desenvolvimento dos bairros urbanos com a presença marinha e com o suporte geográfico do terreno, constitui uma problemática atual.

A essência marinha é praticamente inexistente nos bairros urbanos mais interiores. Isto deve-se, provavelmente, pela falta de uma estrutura viária planeada e de interligação dos bairros entre si e com a orla. Todavia, observa-se alguma relação entre terra e água/mar nos bairros localizados nas zonas de cota elevada, salvaguardando assim a perceção visual da água/mar, este elemento tão forte, transmitindo a sensação de espaço infinito, e onnipresente nas cidades costeiras.

A ocupação urbana das encostas, com construções desajustadas do suporte geográfico, obrigando por vezes a grandes movimentações de terra e criando dificuldades de acessos, torna-se preocupante em caso de urgências. Por outro lado a escassez de chuvas tem possibilitado a construção de habitações em zonas de risco. Estes aspetos, muitas vezes associados às condições económicas e talvez agravada por fragilidades a nível de fiscalização/planeamento urbano, contribuem para a perda identitária dos lugares.

2) A ocupação urbana do solo está desarticulada com os instrumentos do Planeamento urbano.

Pertinência científica - morfologia urbana

O meu interesse pelas questões da morfologia urbana foi despertado no decorrer do curso de mestrado em urbanismo, que conjuntamente com a minha formação de base em arquitetura/urbanismo veio reforçar, em mim, a importância da forma das cidades e as suas transformações ao longo do tempo.

A cidade, como objeto de reflexão e estudo, acumula um conjunto disciplinar diversificado, permitindo uma diversidade de abordagens da forma urbana, sendo relevante a existência de uma interdisciplinaridade efetiva.

A morfologia urbana é um campo disciplinar que visa fundamentalmente a interpretação e compreensão da forma física das cidades ao longo do tempo, independentemente da dimensão de análise – sectorial ou escala de rua, urbana ou escala de bairro, e territorial ou escala da cidade.

Surgido no final do século XIX no seio de geógrafos alemães, segue-se a partir da segunda metade do século XX uma diversidade de académicos ativos em questões morfológicas urbanas, em diferentes partes do mundo, em particular, Itália, Inglaterra e França.

A morfologia urbana enquanto área de conhecimento é utilizada ao longo dos tempos por vários pesquisadores de diferentes contextos disciplinares, nomeadamente: geografia, história, arquitetura, urbanismo e a sociologia.

Segundo Moudon (1997), as três escolas de morfologia urbana – italiana, inglesa e francesa, têm contribuído para um processo do desenvolvimento de diferentes abordagens para o estudo da forma urbana das cidades, com base seminal dos morfologistas Saverio Muratori e M. R. G. Conzen. Com isto, definir um contexto interdisciplinar e estabelecer fundamentos teóricos comuns, visando o crescimento do campo disciplinar da morfologia urbana, em diferentes partes do mundo. O intercâmbio interdisciplinar e internacional das investigações em morfologia urbana tem sido dinamizado pelo *Internacional Seminar on Urban Form* [ISUF]¹, criado em 1994, visando também o incentivo no desenvolvimento.

Saverio Muratori, arquiteto italiano, tem como base de estudo a recuperação da história no processo de continuidade arquitetónica, destacado nas investigações, *Studi per una operante storia urbana di Venezia* (1959) e *Studi per una operante storia urbana di Roma* (1963). Esta tradição foi assumida por Gianfranco Caniggia, designando-o de 'processual tipológica', constituindo a base teórica da abordagem tipológica-projetual da escola italiana.

¹ International Seminar on Urban Form [ISUF]. (2015). [Http://www.urbanform.org/about.html](http://www.urbanform.org/about.html). Acedido a 26 de Março, 2015 de ISUF em www.urbanform.org/

M. R. G. Conzen, geógrafo alemão, é destacado em particular pelo estudo detalhado e rigoroso à cidade inglesa de *Alnwick, Northumberland* – 1960, cujo trabalho dinamizado posteriormente por Jeremy Whitehand constituiu a base do desenvolvimento do *Urban Morphology Research Group* [UMRG]. O trabalho de Conzen, base teórica da abordagem histórico-geográfica da escola inglesa, compreende um dos aspetos chave no estudo da forma física da cidade – a divisão tripartida da paisagem urbana

No final dos anos 60, emergiu a escola Francesa de morfologia urbana – Escola de Versalhes. Fundada pelos arquitetos Philippe Panerai e Jean Castex e pelo sociólogo Jean-Charles Depaule, surge "(...) como reação à arquitetura modernista e à sua rejeição da história", (Moudon, 1997, p. 43).

Com o incremento do ISUF, tem surgido uma nova geração de morfologistas urbanos com trabalhos comparativos sobre as diferentes escolas de morfologia urbana.

Constata-se que a maioria da documentação relacionada à morfologia urbana está publicada em inglês. Porém, a Rede Lusófona de Morfologia Urbana [PNUM] – *Portuguese-speaking Network of Urban Morphology*] – apresenta-se como fonte importante de informação em português.

Importa entender o presente trabalho no contexto teórico de Lynch – conceito de legibilidade, essencial na reconstrução das cidades, Lynch (2009)². A continuidade, simplicidade, clareza da articulação, singularidade e alcance visual, são relevantes na presente análise. É importante ter claro que nesta análise estes aspetos são provenientes das características visuais da cidade. São aplicadas a escala do Mindelo, tendo em conta os seus elementos primários, por forma a facilitar o reconhecimento da identidade costeira nas diferentes partes urbanas, contribuindo assim, para a sua preservação e interação com o meio envolvente. Destaca-se o livro – Lynch, K. (2009). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, Lda.

De igual modo, a pertinência do desenho da cidade na presente investigação, põe em evidência o conceito da divisão tripartida da paisagem urbana de Conzen, no qual realça três componentes essenciais para a leitura da cidade: o plano/desenho da cidade, o tecido edificado e o uso do solo e da edificação. Pelo contributo do desenho da cidade para a caracterização da paisagem urbana – este componente bidimensional, enquadrando ruas, parcelas e edifícios – é entendido como crucial na leitura da cidade, colocando-se em uma posição hierárquica superior

² Lynch, K. (1960/2009). *A Imagem da Cidade*. (M. C. Afonso, Trad.) Lisboa: Edições 70, Lda. (original publicado em 1960).

em relação aos outros componentes da divisão tripartida, Whitehand (2014)³. Do trabalho desenvolvido por Conzen destaca-se, nesta investigação, o livro publicado em 1960: *Alnwich, Northumberland- a study in town-plan analysis*, relevante na abordagem histórico-geográfica.

A leitura da obra de Lamas (2004)⁴, pela explanação detalhada dos elementos morfológicos e da forma urbana, auxiliou no entendimento geral da temática da morfologia urbana.

Estado da arte - Cidade do Mindelo - urbanismo

A cidade do Mindelo e a ilha de S. Vicente têm sido alvo de diferentes estudos relacionados maioritariamente com a sua História e Património. É de realçar, entre outras, as seguintes obras relacionadas a questões do desenvolvimento urbano e do planeamento urbano da cidade, pertinentes para a presente investigação:

- Cidades Imaginadas nos Planos de Urbanização, 2016, de Sérgio Padrão Fernandes. Trata-se do enquadramento da compilação dos diferentes planos urbanos elaborados para as Ilhas de Cabo Verde no período pré- independência;
- Mindelo, Património Urbano e Arquitectónico (2010), de João Sousa Morais. O autor apresenta como foco principal a formação da imagem da cidade do Mindelo – 'cidade-paisagem', escrutinando o processo da evolução urbano-arquitetónica – a par dos contextos / elementos político-sociais e históricos. Obra relacionada ao estudo do desenvolvimento urbano do Mindelo inclui a descrição sintetizada das diferentes etapas do seu crescimento e o desenvolvimento urbano entre os anos 1790 e 1975, abordando alguns acontecimentos históricos e paisagísticos da época do seu povoamento. Evidencia o estudo do desenho urbano da cidade, estudo onde a tipologia dominante, os sistemas de estrutura, o enquadramento do sistema normativo, numa dinâmica de inter-relação de factos, e as morfologias urbanas apresentam-se como ferramentas do estudo da cidade. Estudo centrado essencialmente na zona histórica, sendo que a cidade no seu todo é destacada através da transcrição de alguns extratos dos planos de Maria Emília Carina, oferecendo assim uma visão geral das preocupações urbanísticas da zona ribeirinha, centro e áreas periféricas;

³ Whitehand, J. (2014). Conzen Research and urban Landscape Management. 21 International Seminar of Urban Form. Universidade do Porto. In <http://isuf2014.fe.up.pt/Whitehand.pdf>. Acedido em 7 de 12 de 2015.

⁴ Lamas, J. M. (2004). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. (3ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Mindelo D'Outrora (2013), de Manuel Nascimento Ramos. Esta obra enquadra de forma cronológica os diferentes factos históricos, urbanos e culturais do Mindelo e da ilha de S. Vicente do Mindelo;
- Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo (1984). Esta publicação do Ministério de Habitação e Obras Públicas [MHOP] apresenta não só um estudo da evolução histórica e patrimonial da cidade, mas também um resumo das características socioeconómicas e urbanas, enquadradas no período, das tentativas de povoamento até ao ano de 1975;
- Subsídios para o Estudo evolutivo da cidade do Mindelo de Cabo Verde (1968), de Manuel Bonaparte Figueira. Esta tese de licenciatura, centrada essencialmente no Porto Grande, traz-nos o estudo evolutivo da cidade, realçando também a situação socioeconómica, urbana e cultural da urbe, do povoamento até ao ano de 1968.

Metodologia

O estudo parta do alargamento da noção de forma urbana, a todo o terreno ocupado do Mindelo. Pretende-se elaborar esquemas de ocupação urbana à partir da sobreposição dos desenhos da cidade, segundo o método comparativo, publicados no período 1820 – 2010. Os desenhos da cidade, em apêndice, destacam-se como bases complementares da presente análise. Enquadrarem o critério chave da análise – os bairros urbanos, possibilitando assim a visualização das transformações e evolução da ocupação do espaço urbano da cidade.

O limite temporal estabelecido inclui de forma cronológica, praticamente, todos os desenhos da cidade, publicados no intervalo, 1820 – 2010, em particular:

- 1) O plano de base topográfica dos hidrógrafos ingleses *Vidal e Mudge*, 1820. Este plano corresponde ao primeiro desenho de base topográfica do Mindelo;
- 2) O plano do Porto Grande de 1873, 'corrigida até Maio de 1877, (MHOP, 1984, p. 34);
- 3) A planta manuscrita da cidade do Mindelo, 1906;
- 4) A cartografia da Ilha de S. Vicente, levantada em 1920 e publicada em 1922;
- 5) A cartografia da Ilha de S. Vicente, 1932;
- 6) A cartografia do Mindelo, 1946;
- 7) A planta 'aerofotogramétrica' da cidade do Mindelo, 1960. Base do Plano Diretor da cidade do Mindelo – estado atual, de 1960, do arquiteto José Amorim;

8) A planta 'aerofotogramétrica' da cidade do Mindelo, 1973. Base dos estudos do Plano Diretor da cidade do Mindelo da Arquiteta Maria Emília Caria, 1973;

9) A planta 'aerofotogramétrica' da cidade do Mindelo, 1982. Base dos estudos do Mindelo 1982 e do PDM, 1995, CMSV;

10) O ortofotomapas da Ilha de S. Vicente, 2003;

11) O ortofotomapas da Ilha S. Vicente, 2010.

Os desenhos da cidade de 1873/77 a 1906 e de 1960 a 1982 delimitam exclusivamente a área urbana da época, não permitindo a visualização da ocupação urbana à totalidade dos espaços adjacente a Baía do Porto Grande. Torna-se relevante a integração de desenhos complementares à presente análise. Estes estão realçados no capítulo III.

Os desenhos do Mindelo dos anos de 1906 e 1946 destacam-se pela importância da clareza de definição dos seus componentes na identificação dos lugares, possibilitando uma melhor compreensão das transformações urbanas ao longo de dez intervalos temporais, assinalados no fim desta página. O primeiro, 1906, apresenta-se como elemento determinante para a visualização do traçado urbano central e a demarcação da área histórica. O segundo, 1946, destaca-se pela definição detalhada da subdivisão dos quarteirões da área central e bairros contíguos, sendo o primeiro desenho do Mindelo com a explanação da compactação dos quarteirões urbanos. Realça os três componentes essenciais do desenho da cidade - as vias, as parcelas e os edifícios.

Do conjunto de desenhos da cidade, relevantes para a fundamentação desta tese, destaca-se também, os dos anos de 1858 e 1888. Porém, a insuficiência de dados destes desenhos da cidade – o desenho do Mindelo de 1858 elaborado sem base topográfica e o de 1888 enquadrando exclusivamente os espaços centrais – não permite a elaboração de esquemas de ocupação urbana, para a análise pretendida.

Da sobreposição destes onze desenhos da cidade resultam dez esquemas de ocupação urbana do Mindelo, intervalos temporais, designadamente: (1º)- 1820-1873/77; (2º)- 1873/77-1906; (3º)- 1906-1920; (4º)- 1920-1932; (5º)- 1932-1946; (6º)- 1946-1960; (7º)- 1960-1973; (8º)- 1973-1982; (9º)- 1982-2003; (10º)- 2003-2010. Enquadram a fundamentação do critério chave – os bairros, bem como o macrossistema de vias, sendo as bases gerais da presente tese de doutoramento: o resumo das transformações do terreno, a direção do crescimento, e a interação deste com os três elementos identitários da urbe mindelense, Fig.2 e Esquema 13. Estes últimos são definidos, na presente tese de doutoramento, pelos seguintes elementos morfológicos à escala da cidade:

1- A topografia – elevações e ribeiras. Os montes envolventes, possuidores de cores e silhuetas diversificadas, são realçados pelo Monte Cara e Monte Verde. O Monte Cara – escultura natural e simbolicamente 'o guardião' do Mindelo, é visualizado de qualquer ângulo da cidade, conferindo-lhe uma identidade própria. O Monte Verde, a maior elevação da ilha, apresenta-se durante quase todo o ano coberta de nuvens, contrastando como o céu da cidade, quase sempre isento de nuvens. Contribui para a expansão visual da paisagem urbana.

As ribeiras, praticamente secas, são causadores de perigo iminente quando chove.

2- A orla marítima/água. O azul do mar em contraste com a terra árida demarca a identidade costeira da cidade. É delimitada por uma baía semicircular envolvendo um ilhéu e protegida a oeste por uma cordilheira, a ilha de Santo Antão.

As diferentes fontes enquadrando poços de água dispersos pelo espaço urbano do Mindelo, na sua maioria atualmente desativados ou mesmo inexistentes mas destacados na denominação de vários bairros, comprovam também uma certa ligação do elemento água ao crescimento urbano - ver últimos parágrafos da pág.86.

3- O centro urbano. A arquitetura harmoniosa da zona central/histórica confere um equilíbrio, e identidade urbana à Mindelo. Este, conjuntamente com a sua malha ordenada e o ambiente natural envolvente, proporciona perspectivas panorâmicas identitárias.

Os esquemas de ocupação urbana são representados por manchas, integrando os critérios para fundamentação das bases gerais da presente análise:

1- Áreas compactas/densificadas - áreas urbanas totalmente preenchidas com construções, loteamentos ou equipamentos urbanos isolados.

2- Áreas em expansão – áreas urbanas ocupadas com construções mas incluindo algum espaço sem construção ou infraestrutura urbana.

3- Áreas de construção dispersa – áreas urbanas compostas por construções desarticuladas, enquadrando distâncias significativas entre si.

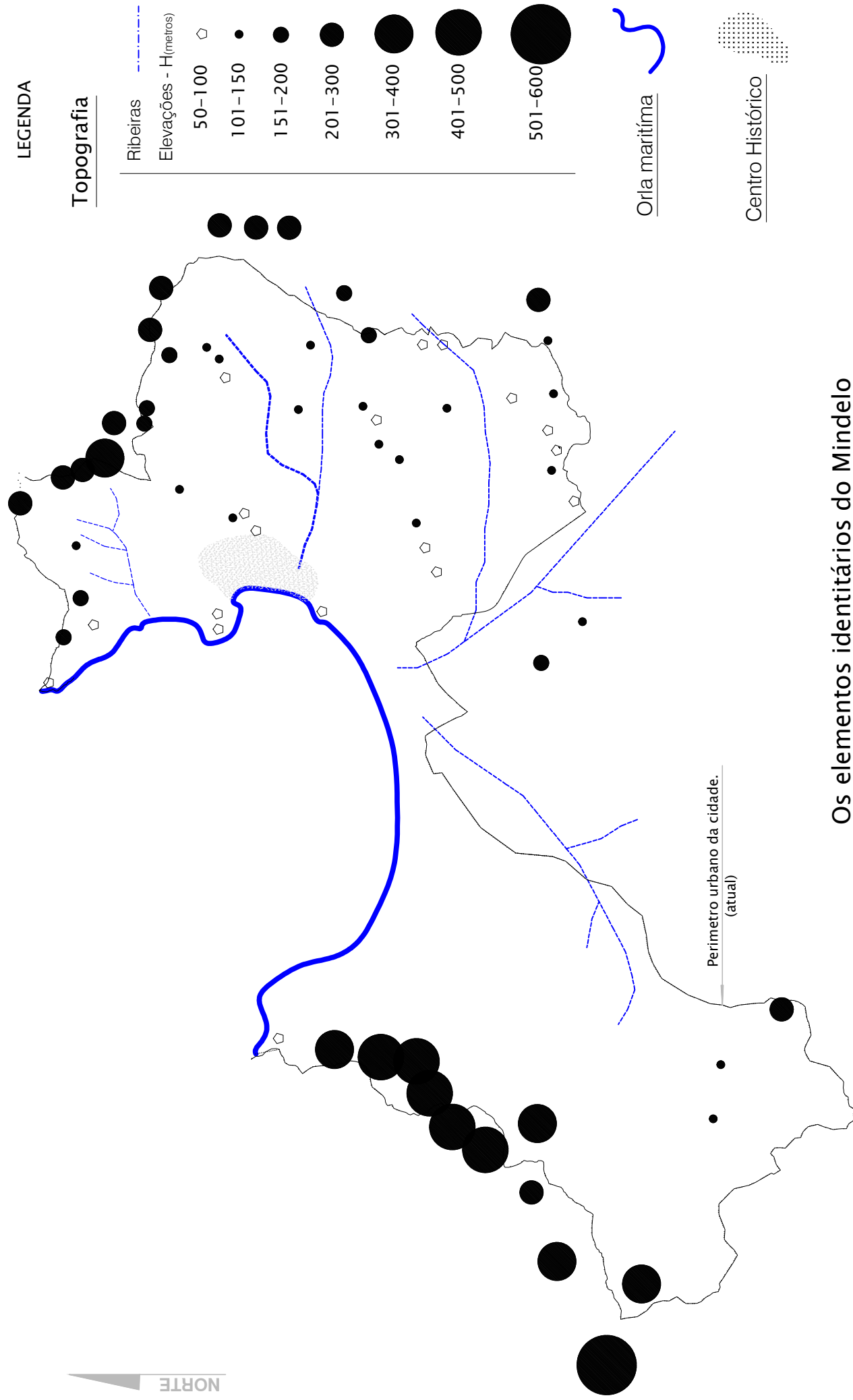
4- Área urbana sem construção – espaços urbanos de elevação significativa, áreas de reserva urbana ou de risco.

5- Outras construções – ocupações urbanas não habitacionais, demarcadas quando isoladas da área urbana.

6- As vias estruturantes de ligação entre os bairros.

7- As vias de ligação da cidade com as áreas localizadas no interior/litoral da ilha.

Fig. 2: Os Elementos identitários do Mindelo. (ver p. 43).Fonte: Autor.



Os elementos identitários do Mindelo

As áreas demarcadas, nos esquemas, em tracejado correspondem às construções visualizadas em desenhos do Mindelo, complementares à presente análise.

As vias estruturantes de ligação da cidade com as áreas interiores da ilha são realçadas nos esquemas de ocupação urbana. No entanto, as vias estruturantes de ligação entre os bairros, devido a exiguidade da sua estrutura em relação à escala dos esquemas, são destacadas em esquemas complementares aos de ocupação urbana. Estes, esquemas complementares – demarcados com a letra (a), colocada à frente do número do esquema –, são impressas em vegetal, sobrepondo os esquemas dos períodos correspondentes.

Tendo em conta que a presente análise baseia-se essencialmente no desenho da cidade, as vias em análise são identificadas unicamente pelo traçado viário, não sendo relevante o tipo de pavimentação existente. São consideradas vias, as estradas com definição do traçado e os caminhos carreteiros, acessos urbanos que não apresentam uma definição precisa.

A fundamentação dos critérios básicos para a compreensão das bases gerais, aprendidos na presente tese de doutoramento essencialmente de forma bidimensional e pontualmente completado a nível tridimensional, está na articulação destes com os elementos distintivos da urbe.

A presente tese de doutoramento está centrada em esquemas de escala 1/50.000. Todavia, devido a amplitude do período de ocupação urbana, abrangendo 190 anos e a extensão do perímetro urbano do estudo, é utilizado outras escalas nos componentes complementares à análise:

- 1/50.000 – Escala dos esquemas, base da análise pretendida.
- 1/15.000 – Escala de ampliação do centro urbano nos anos de 1820 e 1906; Escala dos Mapas integrados em apêndice.

Para uma melhor leitura do espaço urbano são também utilizadas: a escala de 1/35.000 na ampliação das três partes urbanas, constituintes dos esquemas e explanadas no capítulo III, e a escala de 1/5.000 na ampliação de fragmentos dos mapas – bairros urbanos e nos desenhos da área central do Mindelo de 1858 e 1888.

Pretende-se, através da interpretação de dez esquemas de ocupação urbana do Mindelo de 1820 à 2010, efetuar uma leitura da cidade à escala territorial, evidenciando os aspetos visuais e a identidade do lugar – cidade costeira.

Considerando que esta investigação tem bases nas disciplinas de arquitetura e urbanismo, a argumentação é complementada com exemplos da arquitetura das diferentes partes urbanas, extraído dos elementos descritos no texto, e uma descrição sumária da morfologia dos espaços urbanos dos anos de 1820, 1873/77, 1906 e 1946, e do centro urbano em 1858 e 1888. A pertinência das características urbanas destes anos deve-se a atributos peculiares dos desenhos da época, em particular, a demarcação e fundamentação da escolha dos elementos identitários da urbe mindelense. Estes constituem os componentes precípuos à compreensão dos diferentes esquemas e a conceção da urbe.

O estudo tem como base metodológica:

- 1- O estudo cartográfico e da fotografia aérea.
- 2- A produção de uma cartografia própria para explicar a formação da cidade.
- 3- Agrupamentos de dados e caracterização de períodos.
- 4- Identificação das construções e arruamentos em cada período.
- 5- Identificação de manchas de expansão de cada período.
- 6- Investigação bibliográfica e trabalho de terreno.
- 7- Proposta de compreensão do processo de ocupação do solo.

Estrutura da tese

A presente tese de doutoramento encontra estruturado em três capítulos, sendo complementada por uma introdução e a conclusão final do estudo.

A introdução contém o processo do presente trabalho, a justificação da escolha do tema, a base teórica e a metodologia aplicada.

O primeiro capítulo – a cidade e a morfologia urbana – enquadra as problemáticas e a pertinência científica referente ao estudo da forma física da cidade, em particular, a relevância dos desenhos da cidade – *town plan* –, como base de análise da forma física da cidade ao longo do tempo.

Abordamos: a identidade da cidade; as transformações urbanas; o espaço/meio urbano; a forma urbana, sendo referenciado a evolução histórica da forma urbana e dos espaços públicos urbanos, com destaque para a forma urbana contemporânea; morfologia urbana, tendo como subtema, a morfologia urbana no desenho da cidade, análise morfológica da cidade, e as diferentes abordagens no estudo da forma urbana enquadrando a abordagem tipológica projetual, a abordagem histórico-geográfica, a análise sintática, a análise espacial; a morfologia urbana nos países lusófonos

No segundo capítulo – A ilha de S. Vicente no contexto urbanístico do arquipélago de Cabo Verde – é abordado o desenvolvimento urbano da ilha, no contexto histórico do arquipélago, com evidência para o desenvolvimento urbano da sua cidade - Mindelo.

Trata o arquipélago de Cabo Verde, seu ambiente natural, crescimento e a estrutura urbana no geral e em particular, o enquadramento do Mindelo no contexto da ilha de S. Vicente. Este engloba a evolução demográfica; a caracterização e a paisagem urbana do Mindelo, com referência ao bairro central e histórico e a orla marítima - a Baía do Porto Grande.

No terceiro capítulo – Ocupação urbana da cidade do Mindelo 1820-2010 –, é apresentado o desenvolvimento da estrutura metodológica, segundo o método comparativo da investigação, baseada nos esquemas de ocupação urbana da cidade no referido intervalo temporal.

Define-se a construção da presente investigação. Trata a contextualização; a área de intervenção, o primeiro núcleo urbano e as transformações urbanas da Vila do Mindelo tendo como subtema, a povoação de 1820 e a Vila do Mindelo em 1858; a ocupação do Mindelo e as transformações urbanas no período 1820-2010, tendo como subtema o desenvolvimento dos esquemas de ocupação urbana enquadrando os seguintes períodos: 1820-1873/77, o início da expansão urbana - Enquadra também, detalhadamente, as características do centro urbano em 1888.; 1873/77- 1906, a definição do traçado da área central/histórica; 1906-1920, a expansão da infraestrutura viária periurbana; 1920-1932, o fraco crescimento urbano; 1932-1946, o crescimento da periferia urbana do Mindelo; 1946-1960, expansão urbana dispersa; 1960-1973, a expansão urbana para terrenos a leste; 1973-1982, a expansão urbana para norte, sul e leste; 1982-2003 a densificação do espaço construído a norte e a expansão urbana para o sul e sudoeste; 2003-2010, a expansão urbana para os terrenos contíguos ao limite urbano do Mindelo.

Cada período é definido pela característica dominante visualizada na sua ocupação urbana.

CAPÍTULO I - A CIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS

O capítulo I tem por base a compreensão das transformações da forma das cidades ao longo do tempo.

As diferentes formas das cidades no tempo e no espaço são importantes na análise da estrutura física e dos fenómenos urbanos, permitindo compreender a génese da ocupação urbana ou seja, a génese do lugar.

Neste sentido, entende-se como leitura de uma cidade, a interpretação da cidade física como um todo, enquadrada na prática urbana e integrada no universo de comparação das suas partes com o todo.

1.1. A identidade da cidade

As cidades surgem com a transformação primitiva, na sequência da evolução agrícola, provada de forma indireta pela arqueologia e a mitologia, uma vez que os primeiros registos escritos são posteriores às primeiras cidades. A evolução da civilização vem sempre acompanhada pelo surgimento das cidades, sendo estas constituídas por aglomerados populacionais relativamente densos, de povos heterogéneos que organizam um vasto território rural que se encontra em seu redor. Esta evolução dá origem a sociedades estratificadas. "Num plano teórico a aglomeração torna-se, para mim, em cidade quando as peças que a compõem estão dispostas no terreno de suporte segundo uma vontade expressa, de modo a criarem um equilíbrio e uma harmonia" (Delfante, 1997, p. 23)⁵.

O ambiente físico desempenha um papel fundamental em toda essa evolução humana, constituindo a base material da ideia religiosa, o estímulo emocional que liga o camponês ao sistema, tendo a cidade uma localização cuidadosamente planeada. As primeiras cidades estabeleciam-se "a partir de um centro, um santuário, um templo ou um cemitério (...)" (Guimarães, 2004, p. 10), tendo, segundo Lewis Mumford⁶, como característica mais importante o servir de morada a um Deus poderoso. Com o desenvolvimento das civilizações, esse planeamento foi ganhando formas diversas, ligadas as experiências reais dos lugares através dos respetivos habitantes, no decurso das suas vidas diárias.

"Com a evolução temporal, as cidades apresentam-se não apenas como uma aldeia de dimensões consideráveis, mas como núcleo dessa evolução, destacando-se mudanças fundamentais a nível económico, social, tecnológico e ideológico, associadas ao contexto

⁵ Delfante, C. (1997). *A Grande História da Cidade. Da Mesopotâmia aos Estados Unidos*. (L. C. Feio, Trad.) Lisboa: Instituto PIAGET.

⁶ Mumford, L. (1998/1961). SNI in Guimarães, P. (2004). *Configuração Urbana. Evolução, Avaliação, Planeamento, e Urbanização*. São Paulo: Prolivros Lda.

cultural e ambiental de cada lugar, adquirindo assim características próprias e identitárias." (Brandão, 2011, p. 63)

Essa identidade é formada não só por fatores materiais, mas também imateriais, capazes de interferir na qualidade dos espaços urbanos, sendo estratégicos na compreensão do significado dos mesmos.

Os principais elementos estruturantes das cidades – tecidos urbanos, ruas, lotes, edifícios etc, – conjuntamente com a vivência humana, conferem às cidades a imagem que permite distingui-las e identificá-las, constituindo, segundo Lynch (2009), uma arte temporal, produto de mutação constante.

Segundo o mesmo autor, nos últimos anos as cidades têm crescido de forma desenfreada, adquirindo o ambiente urbano características amplificadas, a nível de diversificação, incertezas e imponderabilidade dos fenómenos urbanos, que estão em constante mutação. As cidades constituem parte de uma rede de um sistema global competitivo, embora, no sentido da sua forma urbana prevaleça a cultura histórica. O legado ditado pelo passado e enquadrado no tempo é importante para que a imagem futura da cidade possa refletir bases desse passado em cenários históricos enquadrados na cidade nascente – relativo às transformações mais recentes –, ou seja nas transformações recentes.

1.2. Transformações urbanas

"A cidade, como qualquer organismo vivo, encontra-se em contínua modificação" (Lamas, 2004, p. 111).

O desenvolvimento económico e tecnológico reflete-se no campo espacial, social, político e cultural das cidades, proporcionando dinamismos nas relações humanas, estando intimamente ligados à origem das cidades Medieval, Barroca, Industrial, etc., correspondendo a cada época uma determinada configuração urbana.

A rápida evolução tecnológica e as transformações socioeconómicas atuais atuam de forma direta nas cidades, induzindo a reconfiguração dos espaços urbanos, a fim de se adaptarem a novas realidades urbanas, requerendo, segundo Ascher⁷ (2010), novas técnicas para o movimento e armazenamento de pessoas, visando melhor qualidade de vida urbana, valorização do património construído e proteção e equilíbrio ambientais.

⁷ Ascher, F. (2010). *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbano, um léxico*. (M. d. Lobo, & A. Valente, Trans.) Lisboa: Livros Horizonte.

A cidade atual apresenta-se complexa, fragmentada e dispersa, mas também uma cidade com história, implicando que a reconfiguração enquadra o estudo da sua evolução, caracterização e redefinição da identidade.

O reconfigurar não significa destruir e construir de novo. O diferente é o novo que vai aparecendo e o jogo de reconfiguração vai trabalhar esses dois processos.

A cidade compacta ou a fragmentada, como enfrentar a metrópole polinucleada e pluricêntrica – são questões importantes no modelo a adotar para a configuração urbana no contexto atual de globalização, de imprevisibilidade de futuro e fim de fronteiras, por forma a construir cidades competitivas e com base em planeamento estratégico.

A organização espacial das cidades é uma constante, encontrando-se enquadrada no mercado de procura e oferta, o que influencia diretamente a sua estrutura espacial e urbana e, consequentemente, a distinção de diversas áreas urbanas: a área urbana onde geralmente existe o predomínio de atividades económicas dos setores secundário e terciário e cuja organização geralmente é composta pela baixa ou *Central Business District* [CBD]; a área residencial; a área industrial; a periferia ou subúrbios. O aumento das atividades nos subúrbios contribui para a suburbanização e, consequentemente, para uma progressiva desertificação dos centros das cidades, verificando-se a tendência de expansão e descentralização das atividades.

A saturação das vias de acesso, a dificuldade de estacionamento, a escassez de espaço para expansão e as pequenas larguras das ruas nos CDB's, bem como o desenvolvimento das vias de comunicação, têm sido as causas principais dessa migração das populações dos centros urbanos, contribuindo para o surgimento de problemáticas diversas. São estas: a preocupação constante dos agentes intervenientes nos processos urbanos, com o aumento e a manutenção de infraestruturas básicas e de transporte; o custo de habitação e ambiente; o crescimento excessivo do espaço urbano. São características básicas das transformações dos espaços urbanos, intimamente ligadas aos aspetos tecnológicos, socioeconómicos, administrativos, políticos, culturais e ambientais.

1.3. O espaço/meio urbano

"O espaço e o tempo têm como essência o movimento, o que permite compreender as seguintes propriedades: objectividade, continuidade e descontinuidade, heterogeneidade qualitativa. Estas propriedades são importantes para a criação do novo objecto artístico acrescido dos novos conceitos da vivência do homem." (Consiglieri, 1999, p. 24)⁸

⁸ Consiglieri, V. (1999). *A Morfologia Urbana da Arquitectura 1920 - 1970*. Lisboa: Edições 70.

O espaço apresenta-se como objeto de estudo e análise de diversas áreas disciplinares, adquirindo uma diversidade de significado, traduzindo diferentes tipos, classificados segundo Muga⁹ (2005) em quatro tipos:

- Espaço físico – espaço orgânico, de carácter homogéneo, concreto, quantificável e exterior ao indivíduo.
- Espaço perceptivo – resultante de uma experiência independente da utilização do espaço em si, importante para a orientação no ambiente, enquadrando duas dimensões: a física, ou seja, os objetos; a social, ou seja, as pessoas.
- Espaço cognitivo – a representação mental do espaço físico, ou seja, a imagem que criamos do ambiente.
- Espaço arquitetónico – traduz a essência da arquitetura, geralmente associada ao espaço e as relações espaciais; classificado por muitos como sendo o pilar da conceção arquitetónica.

Numa perspetiva cartesiana, o espaço não apresenta qualquer dimensão qualitativa, apresentando-se no geral como um ambiente orgânico, relacionado com o inacessível, podendo adquirir dimensões físicas e/ou sociais.

O espaço urbano é um espaço humanizado e, como tal, a cidade resulta numa entidade constituída por partes físicas – infraestruturas e edificações – e móveis – pessoas e atividades –, refletidas na sua forma urbana. "O papel do ambiente urbano no relacionamento humano passa igualmente pela forma como os cidadãos se apropriam dos espaços em que vivem (...)" (Muga, 2005, p. 239). A essência do espaço urbano, associada às relações espaciais e à arquitetura – consequência das características dinâmicas em contante mutação dependentes das funções dos grupos populacionais que o ocupam – está intimamente ligada à multiplicidade expressiva dos comportamentos do espaço físico-espacial, ambiental, social, económico, político, administrativo, etc.

As cidades modernas já não representam o espaço estrutural arquitetónico – com a sua geometria precisa das fronteiras e descontração dos espaços, tendo a sua estética não só no espaço em si, mas também nas relações entre o utilizador do espaço, o autor e o espaço em si, enquadrados na esfera cultural – demonstrando assim a complexidade da estrutura espacial urbana.

⁹ Muga, H. (2005). *Psicologia da Arquitectura* (1ª ed.). Canelas: Gailivro.

O lugar de uma cidade na paisagem passa pelos seguintes processos: seleção geo-material, ou seja, a sua localização no espaço em si; de distribuição social, ou seja, quem a habita e onde habita; de implantação institucional, ou quem a constrói, e onde; de implantação arquitetónica, ou o que se constrói e como. Assim, a leitura do meio urbano é feita através da perceção direta dos seus elementos morfológicos. Estes são organizados em sequência, possibilitando a composição da forma urbana, a dimensão urbana e, da articulação entre ambas, a dimensão territorial.

Na análise morfológica, os espaços de âmbito público com as propriedades de livre circulação e de características coletivas são importantes na definição da estrutura e na imagem da cidade, e os espaços privados, definindo o alinhamento das ruas, as edificações e a volumetria têm a função de estabelecer as relações entre os fenómenos urbanos, os processos de urbanização, a estrutura urbana e a produção e ordenamento do espaço.

Segundo Lamas (2004), a análise morfológica do espaço urbano enquadra três pontos essenciais para o entendimento da parte física, sua produção e transformação no tempo; a divisão do meio urbano em partes e da articulação entre si e a envolvente, possibilitando a identificação e clarificação dos seus elementos morfológicos; a consideração dos momentos de produção.

O espaço, seja ele rural ou citadino, tem a possibilidade de ser analisado de forma integrada e de ser planeado e gerido de modo a garantir o seu desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento sustentável é um conceito muito lato, sendo que, a definição do desenvolvimento sustentável que acolhe maior recetividade internacional é a do 'Relatório de Brundtland' (1987): "um modelo de desenvolvimento que permite as gerações presentes satisfazerem as suas necessidades, sem que isso ponha em risco a possibilidade das gerações futuras virem a satisfazer as suas próprias necessidades"¹⁰

1.4. A forma urbana

O início do estudo da forma urbana pode ser marcado em finais do século XIX, início do século XX, aquando, segundo Pinto¹¹(2013), da fragmentação do espaço urbano em partes e da investigação dos princípios condutores das relações das partes como o todo. Este método de

¹⁰ Craveiro, T. (2010). *Lisboa a caminho da sustentabilidade: Do Plano Estratégico a Agenda Local 21. Mestrado em Urbanismo* - Apoio aos seminários. ULHT.

¹¹ Pinto, S. M. (2013). Regular = planeado versus irregular = espontâneo: nascimento e morte de uma relação dicotómica nos estudos históricos da forma urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, 1, 5-16.

análise é semelhante ao usado nas Ciências Naturais e elaborado para diferentes aglomerados urbanos através da utilização de métodos comparativos a nível geográfico, funcional, material, dimensional, histórico e formal. O método tem como base, os princípios de "ortogonalidade, regularidade dimensional, ângulos retos e repetição nas formas das plantas urbanas" (Pinto, 2013, p. 5)

A forma urbana é entendida como um conjunto de objetos arquitetónicos e ambientais relacionados entre si através de relações espaciais apresentando-se como o "produto de uma ação e solução de um problema" (Lamas, 2004, p. 44). A dimensão física permite-nos a leitura da forma urbana integrada no contexto do lugar e relacionada com o fator temporal, tendo nessa interligação dos componentes do tecido urbano com as relações espaciais, a organização dos elementos morfológicos do espaço urbano correlacionados as funções, aos aspetos quantitativos, qualitativos e figurativos.

A forma urbana apresenta-se como objeto de estudo de diferentes áreas disciplinares. Os valores estéticos da forma urbana estão associados à comunicabilidade através dos sentidos, tendo na arquitetura a base da análise global da cidade como estrutura espacial, embora, estando esta ligada ao urbanismo – essencialmente relacionada com a conceção formal do espaço urbano e inter-relação dos edifícios no tempo e no espaço – na intervenção e transformação do espaço urbano. Segundo Lamas (2004), a forma urbana é o objeto final da conceção da cidade e está intimamente ligada ao desenho urbano, definindo assim o modo de utilização e comunicação da cidade, ultrapassando a forma física dos objetos. A perceção da forma das cidades enquadra aspetos diversos, tais como: os relacionados com a organização funcional e intimamente ligados às atividades humanas, nomeadamente o tipo, o uso e a ocupação do solo; quantitativos, associados à realidade urbana quantificável, nomeadamente, superfície, volumetria, fluxos, etc.; qualitativos, referentes ao conforto e bem-estar a nível do habitat e do ambiente urbano, tais como, insolação, acústica, clima, acessibilidades, etc.; e, por fim aspetos figurativos, relacionados com as questões estéticas.

A parte física da forma urbana é caracterizada pelos elementos morfológicos e identificáveis das cidades – via, passeio, fachada dos edifícios, praça, verdes, edifícios, monumentos, etc, Fig. 3. A materialização do espaço urbano ao longo do tempo adquire características resultantes da acumulação e/ou sobreposição de contextos dos seus elementos identitários, tanto a nível arquitetónico como urbano, ligados a critérios de ordem funcional, jurídico-administrativa, económica, tecnológica, social, cultural, etc., importantes na solução de diferentes problemáticas do desenho urbano e do planeamento urbanístico, respetivamente.

A forma da cidade tem como cerne a organização e articulação da sua arquitetura num contexto urbano, enquadrando os critérios indissociáveis da vivência humana. As suas transformações estão intimamente ligadas ao tempo e à cultura do lugar, sendo, consequência das mudanças políticas, económicas e sociais, apreendidas da experiência no contexto das relações entre os objetos arquitetónicos e ambientais.

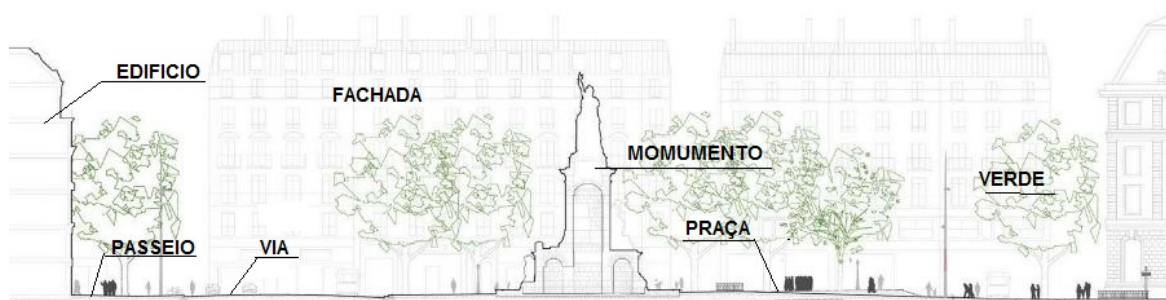


Fig. 3: Elementos morfológicos do espaço urbano.

Fonte: Autor. Base de trabalho: Bradford McKee. (2014). Landscape Architecture Magazine. mpa.

Os elementos estruturantes da forma urbana – tecidos urbanos, ruas, lotes, edifícios etc – conjuntamente com o ambiente natural e a vivência humana, conferem à cidade, uma identidade própria, ou seja, a imagem que nos permite distingui-las e identifica-las.

1.4.1.A evolução da forma urbana e dos espaços públicos urbanos

A forma urbana é geralmente associada à evolução das cidades, sua arquitetura e cultura, nesta incluída a religião. O estudo da forma da cidade tem sido temática multidisciplinar, adquirindo classificações diversas e enquadradas essencialmente em quatro grandes grupos, nomeadamente, a orgânica, a clássica, a jardim e a modernista. Esta classificação está relacionada essencialmente à Europa e ao mundo ocidental, e engloba três elementos fundamentais – a parcela, as infraestruturas e os edifícios. Destaca-se também a forma urbana contemporânea, de características modernistas, mas enquadrada num contexto em constante mutação tecnológica, social e ambiental.

A forma urbana orgânica é demarcada pela clareza de divisão dos espaços públicos e privados, existência de ruas de traçado não linear e mistura de funções, característica de muitas cidades medievais. De origens diferentes, as cidades vão-se desenvolvendo em modelos urbanos diferenciados, embora a morfologia tenda a assemelhar-se com o tempo e o traçado a

adquirir novas imagens, sendo a escala monumental substituída por uma morfologia mais orgânica, humanística, adaptadas à determinados tipos de contexto. Segundo Lamas (2004) a forma orgânica é utilizada até hoje, essencialmente em loteamentos urbanísticos. O crescimento orgânico apresenta "grande riqueza na organização e sequência de percursos, nas vistas e perspectivas das massas construídas", (Lamas, 2004, p. 156).

A forma urbana clássica está intimamente ligada aos mundos grego e romano - a época clássica. Segundo Carvalho¹² (2003) estende-se ao Renascimento, Barroco, Neoclássico e, de uma forma geral até a atualidade, espelhando traçados de malha contínua regular, geométrica, assumindo uma diversidade de formas geométricas, tendo na quadricula a essência de organização espacial; em quarteirão, com espaços livres no interior, geralmente de utilização privada. O espaço público é realçado pelo traçado das ruas, praças e logradouros diversificados, lugares de referência e comunicação. Segundo Guimarães (2004) o termo Renascimento, Era de Transição e Humanismo, foi introduzido por Vassari, em 1550 para clarificar a arte dos séculos XV e XVI na história, em oposição ao gótico medieval. O Barroco representa uma arte mais exuberante do que a clássica, sendo dinâmica e de formas esculturais e monumentais. O Neoclássico integra a recuperação da formalidade da Antiguidade Clássica.

A forma urbana clássica é caracterizada essencialmente pelo traçado ortogonal e em quadricula, de fácil construção e organização espacial e, nomeadamente por motivos de ordem fundiária, sendo ainda hoje visualizada em urbanizações. O traçado clássico enquadra desde a regularidade da forma do Renascimento, passando pelo planeamento ideal do Barroco caracterizado no embelezamento das cidades existentes, construção de avenidas com a sua perspectiva monumental e regulação urbanística, ao neoclassicismo de Haussmann – com a abertura de avenidas em Paris, o *boulevard*, apresentada como via larga e arborizada – e Cerdá – com o plano de grelha ortogonal para Barcelona –, até ao início do séc. XX, sendo, "o paradigma da ordem/harmonia, o modelo de qualquer cidade" (p. 185).

A 'forma jardim' – modelo de conceção urbana de Howard, ou seja, um modelo de organização urbana, como alternativa de resolução das problemáticas urbanas e rurais, esplanadas – é essencialmente de dimensão territorial e de enquadramento do campo na cidade. O autor associa esta forma jardim à dimensão urbana caracterizada pelo verde, envolvendo as vivendas ou habitações unifamiliares e enquadrando todo o tecido urbano – áreas públicas e privadas, áreas agrícolas, etc. – sendo que, "a génese desta forma poderá talvez ser encontrada na tradição anglo-saxónica (...)" (Carvalho, 2003, p. 186).

¹² Carvalho, J. (2003). *Ordenar a Cidade*. Coimbra: Quarteto.

Por fim, a forma urbana modernista é geralmente associada à Carta de Atenas, à cidade moderna, com base no movimento moderno. Esta forma urbana surge com a evolução industrial e tecnológica, permanecendo até aos nossos dias, sendo caracterizada pela construção de grandes conjuntos e edifícios em torre, enquadrados em espaços públicos urbanos.

1.4.2.A forma urbana contemporânea

A forma urbana contemporânea tem as suas bases na forma modernista, mas com características próprias, designada por Lamas (2004) de 'período de urbanismo operacional' e constituída pelos seguintes aspetos: grandes conjuntos urbanos; introdução de novas tipologias construtivas, implicando novas formas urbanas, focadas essencialmente na habitação; a introdução do sistema de zonamento, onde o funcionalismo constitui vetor fundamental do planeamento urbanístico, apresentando-se como o aspeto mais expressivo da rutura da cidade moderna, da cidade tradicional existente; introdução das questões fundiárias de características conceptuais, ideológicas e políticas relevantes, onde geralmente os Municípios e o Estado detêm a totalidade dos espaços públicos, delimitando assim as formas urbanas – diferenciando-se da urbanística tradicional onde o cadastro e o parcelamento do solo se dividem em público e privado; a implementação de uma arquitetura moderna e de edifícios isolados, contrapondo a relação do edifício com o espaço urbano humanizado e de escala humana existente na cidade tradicional; a introdução de matérias e tecnologias novas permitindo a edificação em altura, característica marcante da cidade contemporânea.

Essas transformações formais, sociais, políticas e ambientais descaracterizaram a cidade existente, adquirindo-se novas formas de ocupação e usos do território num contexto de evolução tecnológica sem precedentes. Essas transformações sentidas nas últimas décadas são consequências da urgência de resolução das problemáticas inerentes ao dinamismo urbano, implicando o enfoque constante no seio dos conceitos, relacionados com as urbes e a sua sustentabilidade.

O fenómeno crescente de urbanização dos territórios tem sido uma problemática de referência na organização territorial das cidades atuais, consequência da fragmentação dos espaços urbanos; essa organização apresenta-se dispersa, por vezes dominada pela presença da forma física da cidade antiga. A complexidade do sistema viário, a falta de clareza e legibilidade dos elementos morfológicos, as relações complexas entre a administração pública e os promotores, realçam a forma atual das cidades. Essa disparidade sentida na forma atual das

urbes é expressiva nos seus espaços públicos estruturantes, com efeitos diretos na qualidade urbana. As transformações sucessivas e constantes influenciam a função e forma das ruas, e consequentemente, a mobilidade e acessibilidades urbanas.

O espaço urbano contemporâneo reflete na sua essência a acumulação das diferentes formas adquiridas ao longo dos tempos, enquadrando transformações diversas de base formal e de procura constante da natureza. O traçado contemporâneo é destacado nas formas urbanas de padrões geométricos e/ou orgânicas das suas partes centrais, articuladas as funções atuais e integradas no contexto metropolitano, englobando novas funções e diferentes escalas de espaço, adquirindo assim uma nova identidade.

A forma e os espaços públicos urbanos contemporâneos apresentam-se associados à globalização e à crise económica emergente, abrindo caminho a novos modos de organização dos espaços urbanos; segundo Ascher (2010), enquadrados em uma mistura funcional e a escala de aglomerações, implicando mudanças estruturantes na forma urbana. A nova organização espacial vem dar lugar ao surgimento de cidades emergentes e em constantes transformações, "com novos fundamentos, formas específicas e novos modos de vida" (Carvalho, 2003, p. 35), contrapondo, a formalidade e organização dos quarteirões antigos, perdendo-se assim qualidades básicas tais como o conceito de vizinhança, mobilidade urbana, etc.

A forma urbana contemporânea, nas suas diferentes escalas, tem nos seus elementos estruturantes, a identidade própria.

Relativamente à organização da forma e dos espaços urbanos, Chalas¹³ (1995) caracteriza seis tipos de cidades emergentes: a cidade território – cidade dispersa enquadrando o campo e integrada numa região; a cidade natureza – cidade geralmente descontínua que integra a vida urbana com o campo; a cidade policêntrica – cidade essencialmente de consumo espelhado nas grandes superfícies comerciais, enquadrando novas centralidades; a cidade de escolhas pessoais – cidade tipicamente emergente, onde a infinidade de opções possibilita a individualidade de escolha a nível do território; a cidade móvel – cidade integrada numa região urbana, sendo constante as inter-relações entre o centro e a periferia, sendo, a proximidade associada ao tempo e não ao espaço; a cidade vazia – cidade fragmentada no território, consequência da fusão dos espaços urbanos com os florestais e agrícolas.

¹³ Chalas Y. (1995). SNI in Carvalho, J. (2003). *Ordenar a Cidade*. Coimbra: Quarteto.

1.5. Morfologia urbana

O termo 'morfologia' tem as suas bases no campo da biologia, tendo sido utilizada inicialmente pelo escritor alemão, Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) nos finais do século XVIII e início do século XIX. Porém, a característica abstrata da mesma permite que nos finais do século XIX, esta terminologia passe também a ser aplicada aos estudos relacionadas às áreas urbanas (Oliveira, 2014)¹⁴.

A morfologia urbana é no geral entendida, como campo disciplinar que estuda a cidade – sua forma física, agentes intervenientes e processos inerentes as transformações urbanas.

As diferentes formas urbanas das cidades no tempo e no espaço permitem-nos compreender a lógica do ordenamento dos territórios tendo em conta os fatores sociais, económicos, políticos, religiosos, ambientais, etc, ou seja, entender a génese do lugar, sua evolução e transformação. Esta organização formal do território não se faz exclusivamente pelo ordenamento de atividades humanas, situando também, dimensões e escalas que ultrapassam a área ocupada por edificações, utilizando outros elementos morfológicos do espaço – culturais, idealistas e ambientais.

A morfologia urbana foi reconhecida como área de conhecimento científico no ano de 1994, por um grupo de pesquisadores de diferentes países, quando da realização da primeira conferência do ISUF, sendo atribuída atenção especial as três escolas de morfologia urbana: a Escola de M.R. Conzen; a Escola de Versailles e a Escola de Saverio Muratori. (Marat-Mendes & Cabrita, 2012)¹⁵.

1.5.1. A morfologia urbana no desenho da cidade

Os desenhos da cidade – cartografias, planos urbanos a partir do século XVIII e posteriormente, plantas' aerofotogramétricas' e ortofotomapas –, enquadram as partes básicas da forma física urbana – as ruas, parcelas, e edifícios –, utilizados ao longo dos tempos como componente importante no entendimento da história, geografia e como base de dados do planeamento urbano das cidades, sendo o seu uso relevante a partir do século XIX, quando do desenvolvimento dos primeiros princípios teóricos relacionadas com a forma urbana.

¹⁴ Oliveira, V. (2014). As origens da morfologia urbana e a geografia Alemã. *Revista da Morfologia Urbana*, 2 (1), 37-46.

¹⁵ Marat-Mendes, T., & Cabrita, M. A. (2012). *Morfologia urbana em Portugal: Percurso e visibilidade*. The Seconds Conference of the Portuguese Network on Urban Morphology, PNUM 2012 - Morfologia urbana nos Países Lusófonos. In Portal do Instituto Universitário de Lisboa [IUL], <http://repositorio.iscte.pt/handle/10071/363>. Acedido em 5 de Maio de 2015.

Antoine Quatremère de Quincy (1832), identificou o desenho da cidade – enquadrando as ruas, praças, e edifícios – como elemento básico para a compreensão da sua estrutura espacial, evolução e transformação no tempo, visualizado no alargamento dos bairros, a extensão dos terrenos ocupados e a alteração dos espaços públicos e privados, destacando a regularidade urbana, como um sinal claro da existência de uma atividade urbanística ativa. Esta interpretação é posteriormente seguida, por autores como: Lenoir e Landry, 1854, Kretzschmar, 1908, e posteriormente em 1997 por Lilley. Contudo, na Alemanha, o uso dos desenhos das cidades como fonte para compreensão da sua história, segue outras direções, apresentando-se relacionadas com questões estéticas, Eichelberger (1858), e mais tarde associadas com o crescimento dinâmico das cidades da época. É também relevante o trabalho de Stüben, colocando em evidência a importância de uma análise tipológica dos edifícios e das redes de transporte para uma melhor compreensão dos espaços urbanos, bem como os diferentes fenómenos implicados na sua evolução e transformação, nomeadamente, a extensão territorial, a abertura de novas via, os desenvolvimentos especulativos e os conjuntos habitacionais. Em 1894, Fritz, vem reforçar a importância do desenho da cidade, não somente, no estudo do meio físico urbano, suas formas e as características do seu desenho para uma melhor compreensão da sua história urbana, mas também para o estudo dos respetivos desenhos – na altura, os mapas militares e as guias Baedeker¹⁶, as primeiras guias de viagem –, tendo apresentado a classificação das cidades alemãs segundo o seu tipo de plano. (Gauthiez, 2004)¹⁷.

Ainda na Alemanha, em 1899, Shlüter – autor do campo da geografia, propõe a divisão da cidade em zonas/partes, para a análise da forma da cidade em si, e os seus diferentes tipos de construção a nível de materiais/formas. Das suas obras, destaca-se: um primeiro – *Über den Grundriss der Städte*, ou seja, sobre os desenhos das cidades – onde sugere a forma como identificar o desenvolvimento urbano nos planos/desenhos da cidade, e um outro – *Bemerkungen zur Siedlungsgeographie*, ou seja, observações sobre a geografia de assentamentos –, "apresentando a sua visão sobre um conjunto de aspetos genéricos da geografia dos assentamentos urbanos." (Whitehand J. W., 2001, p. 45)¹⁸.

¹⁶ Prieto, G. (2017). Baedeker y Murray: las primeras guías modernas de viaje. In, www.geografiainfinita.com/. Acedido em 10 de 12 de 2017 em <https://www.geografiainfinita.com/2017/07/las-primeras-guias-modernas-de-viaje/>

¹⁷ Gauthiez, B. (2004). The History of Urban Morphology. *Urban Morphology*, 8 (2), 71- 89. Acedido em 7 de Maio de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2004/200482_71-89.pdf, 03 /10/2015

¹⁸ Whitehand, J. (2001). Morfologia Urbana Britânica: a tradição Conzeniana. *Revista de Morfologia Urbana*, 1, 45-52.

Os avanços metodológicos do estudo dos desenhos da cidade para a compreensão da sua forma física são demarcados: em França, no trabalho de Pierre Lavedan, 1885-1982, pela sua leitura formal dos tipos de desenhos/planos das cidades, e Marcel Poëte, 1866-1950, no destaque da função dos espaços como principal fator da criação da forma urbana; em Inglaterra nas pesquisas por Slater, de base essencialmente comparativa tendo no levantamento das características atuais do espaço, a identificação das formas preexistentes; em Itália por exemplo no atlas de tipos geográficos, 1921, bem como os textos sobre urbanismo medieval de Piccinato, 1943. (Gauthiez, 2004)

A reconstrução das cidades e a promoção do bem-estar social após a II Guerra Mundial contribuiu para o desenvolvimento dos estudos no campo da morfologia urbana.

1.5.2. Análise morfológica da cidade

A temática de morfologia urbana como objeto de estudo urbano e análise da forma física das cidades enquadra diferentes perfis disciplinares – como por exemplo, geografia, história, arquitetura, urbanismo, sociologia, etc.

A análise morfológica contribui para o entendimento da génese e a evolução urbana da cidade. Esta análise, tendo desenvolvido no seio de diferentes contextos disciplinares, culturais e linguísticos, tem contribuído para uma diversidade de formulações teóricas. Nuns casos destacam-se as características da perceção visual enquanto noutros, a história ou de leitura mais técnicas.

A análise morfológica entendida como percurso descoberto, essencial na perceção visual, tem em autores como Camilo Sitte, Kevin Lynch e Gordon Cullen, figuras, que apresentam valiosas capacidades individuais no discernimento da cidade. Neste tipo de análise morfológica, essencialmente associada a qualidade do desenho urbano, é relevante a qualidade da imagem visual, tendo na legibilidade da cidade, ou seja "a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente" (Lynch, 1960/2009, p. 10), um conceito predominante. Contudo a construção da imagem do meio ambiente é resultante da relação existente entre o observador e o meio, podendo ser analisada com base em três componentes: a identidade, ou seja o reconhecimento de um objeto como uma entidade única; a estrutura, enquadrando o padrão espacial; significado, de características pratica/emocional, essencialmente ligado à identidade e ao papel no contexto espacial.

Os conceitos de legibilidade conjuntamente com o de imaginabilidade – relacionado à legibilidade, e definido com "àquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande

probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador" (Lynch, 1960/2009, p. 17), desenvolvido por Lynch, são fundamentados no seu livro, *A imagem da cidade* (1960). Este livro centra-se na análise de três cidades americanas. O autor demonstra como nós, o utilizador/visitante, percebemos a cidade e as suas partes constituintes.

Com o desenvolvimento das pesquisas em morfologia urbana define-se, a partir dos meados do século XX, duas linhas de pensamento independentes. Uma em Itália, desenvolvida entre arquitetos dos quais sobressai Saverio Muratori, com bases na reabilitação dos centros históricos das cidades, designado posteriormente por Gianfranco Caniggia, de Abordagem 'processual tipológica', da escola italiana de morfologia urbana – Escola Muratoriana –, e uma outra em Inglaterra, tendo as suas base na geografia direccionada ao planeamento urbano, destacado nos anos 60 pelo trabalho do geógrafo alemão, M. R. G. Conzen, cujo trabalho, impulsionado por Jeremy Whitehand, constitui a base do desenvolvimento do *Urban Morphology Reserch Group* [UMRG] e a Abordagem histórico-geográfica da escola inglesa da morfologia urbana – Escola Conzeniana.

Em França, os estudos morfológicos urbanos alcançaram avanços significativos, nos finais dos anos 60, após a fundação da "Escola de arquitetura de Versalhes como parte do processo de separação das Belas Artes" (Moudon, 1997, p. 43)¹⁹, pelos arquitetos Philipe Panerai e Jean Castex, e o sociólogo Jean-Charles Depaule. Segundo este autor, a escola Francesa de morfologia urbana – Escola de Versalhes – apresenta raízes na arquitetura modernista e rejeição a história, foi beneficiada pela discussão intelectual da vida urbana, integrando arquitetos, historiadores e sociólogos, e pela interação das suas teorias e metodologias com investigadores italianos, bem como os contactos com pesquisadores da Espanha e América Latina, embora os resultados dessa interação encontrem ainda por documentar.

Com avanços científicos das abordagens morfológicas surge, nas últimas décadas do século XX, a Sintaxe espacial, e poucos anos mais tarde a análise espacial (Oliveira, 2013²⁰, 2016²¹, 2018²²). Estas abordagens com base no estudo da forma física das cidades desenvolveram-se separadamente, até à criação do ISUF, com a finalidade de promover o desenvolvimento dos estudos da forma urbana a nível interdisciplinar e internacional,

¹⁹ Moudon, A. V. (1997). Morfologia urbana como campo interdisciplinar emergente. *Revista de Morfologia Urbana*, 3 (1), 4-49.

²⁰ Oliveira, V. (2013). Morfologia Urbana. *Revista de Morfologia Urbana*., 1, 3-4.

²¹ Oliveira, V. (2016). Morfologia urbana: diferentes abordagens. *Revista da Morfologia Urbana*, 4 (2), 65-84.

²² Oliveira, V. (Ed.). (2018). *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros*. Porto: Urban Form.

fomentado a criação de grupos nacionais e regionais ligados a uma estrutura internacional, contribuindo "para a compreensão e para a gestão dos processos de desenvolvimento urbanos num período de transformações sem precedentes (...)" (Moudon, 1997, p. 41)

Todavia, os estudos morfológicos urbanos visam examinar os elementos essenciais da forma urbana – o tecido urbano integrando as ruas e praças, parcelas, e edifícios, bem como o contexto natural envolvente – constituintes básicos da análise do meio físico urbano.

Segundo Rego & Meneguetti, (2011, p. 124), as análises morfológicas apresentam-se:

- No campo da geografia, como componentes importantes no entendimento das características físicas e espaciais das cidades, Jones e Larkham, (1991);
- No desenho urbano, são destacados por Del Rio (2000), como um dos métodos de análise, relacionado ao traçado das cidades, sendo importante para as intervenções urbanas futuras;
- Na história da cidade, possibilitam o entendimento das transformações urbanas desde da sua origem à forma mais recente, interligando as construções, os processos e os agentes intervenientes.

Segundo Samuels (2018)²³, a herança histórica das cidades tem contribuído para os estudos da forma urbana centrarem-se essencialmente em aspetos históricos, fornecendo análises detalhadas, omitindo por vezes o enfoque do desenho urbano.

Estes estudos não influenciem efetivamente os trabalhos de morfologia urbana. Para Moudon (1997), a existência de uma base comum – a leitura da cidade através da análise da sua forma física, e de que a nível elementar a análise morfológica assenta em três princípios: a forma física da cidade é definida pelos seus fundamentais – ruas, parcelas e edifícios; na compreensão da forma urbana pode ser reconhecido quatro níveis de resolução – edifício/parcela; rua/parcela; rua/quarteirão, cidade e região; devido a contínua transformação/substituição dos seus componentes constituintes, a forma urbana só pode ser entendida pela sua dimensão histórica. "Assim a forma, a resolução e o tempo constituem as três componentes fundamentais da investigação em morfologia urbana. (Moudon, 1997, p. 45)

As análises morfológicas das diferentes escolas de morfologia urbana têm como objetivo o desenvolvimento de uma teoria de análise.

Moudon (1997) define três desígnios diferentes, na construção da teoria em morfologia urbana:

²³ Samuels, I. (2018). SNI in Vítor Oliveira (Ed.), (2018).

- O estudo da forma urbana com propósitos descritivos e explicativos, com o objetivo de desenvolver uma teoria de construção da cidade – *Théorie de l'edification de la ville*. Preocupam-se com a produção de conhecimento, com a finalidade de explicar como e o porquê da forma urbana. Estes estudos constituem, em particular, o objetivo dos geógrafos da Escola Inglesa e dos investigadores sociais da Escola Francesa.

- O estudo da forma urbana com propósitos prescritivos. Articulam uma visão do futuro, ou seja, determinam modalidades segundo as quais a cidade deverá ser planeada. É o enfoque principal da Escola Italiana, definido pelo desenvolvimento de uma teoria de desenho do edificado com base nas tradições históricas da construção da cidade. Destaca-se também alguns investigadores da Escola Francesa.

- O estudo da forma urbana relacionada com o impacto da teoria do desenho existente, na construção da cidade – teoria normativa. Caracteriza-se, pela complexa distinção "entre 'teoria do desenho como ideia' e teoria do desenho como pratica' (...)" (p.46). Estas análises morfológicas são defendidas pela Escola Francesa, em particular, na identificação das "raízes modernistas no desenho urbano no século XVIII." (p.46)

Os estudos morfológicos são identificados em estudos de base cognitiva e estudos de base normativa. Gauthier & Gilliland (2005), Rego & Meneguetti (2011)²⁴.

Segundo Gauthier & Gilliland (2005), os estudos cognitivos visam essencialmente o desenvolvimento de instrumentos e teorias analíticas, para o entendimento da forma urbana. Os estudos normativos articulam uma visão do futuro, ou seja, determinam modalidades segundo as quais a cidade deveria ser planeada. Ambos enquadram investigadores de abordagem 'internalistas' – *internalist approach* – e 'externalistas' – *externalist approach*. No primeiro caso estão incluídos os estudos que identificam a existência de uma lógica interna na compreensão da forma urbana, ou seja, a organização e o desenvolvimento do tecido urbano não ocorre de forma aleatória, mas segue leis que a morfologia urbana tenta identificar. No segundo caso encontram-se as abordagens que identificam a forma urbana como produto final de processos accionados pela política, antropológica, geografia, economia, história e também perceptual. Para o mesmo autor, as abordagens internalistas podem apresentar simultaneamente características dos estudos cognitivos e normativos.

²⁴ Rego, R. L., & Meneguetti, K. S. (2011). A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum Technology*, 33 (2), 123-127. Acedido em 18 de Julho de 2015, de <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/viewFile/6196/6196>.

A diversidade das análises no campo da morfologia urbana, desenvolvidas por investigadores de diferentes contextos filosóficos e epistemológicos, tem no ISUF, a criação de domínio – estendendo-se pelos campos disciplinares da geografia, história, arqueologia, arquitetura e planeamento, e consequentemente pelas humanidades, ciências sociais e por um conjunto de profissões – que reúne peças de diferentes contextos focando num fenómeno real. "James Vance designa este fenómeno real como 'construção da cidade', de modo a incluir as formas físicas e todos os processos relacionados com o ato de fazer cidade." (Moudon, 1997, p. 47).

Segundo Oliveira (2013), apesar do esforço, para garantir a diversidade teórica e metodológica, o objetivo do ISUF, encontra algumas fragilidades:

- A ausência de uma base de conhecimento partilhada, por forma a fornecer contributos que só a ciência da forma poderá facultar.
- A fragilidade existente nas análises morfológicas, resultantes de uma efetiva investigação integrada. Um contributo importante seria também o fornecimento de uma dimensão morfológica a disciplinas como sociologia urbana, economia urbana e ecologia urbana.
- A aplicação da investigação morfológica na prática profissional. Para isso foi criado em 2011, pelo presidente do ISUF uma *Task Force*, por forma a aproximar a teoria da aplicação pratica. No ano de 2012 foram apresentadas por Samuels²⁵, um conjunto de sugestões concretas:

"i) a publicação de um manifesto do ISUF; ii) a recolha e publicação de diferentes curriculums de ensino superior em que a morfologia urbana esteja a ser eficazmente integrada; iii) a produção de um guia de boas práticas sobre 'onde' e 'como' a morfologia urbana está a ser aplicada com sucesso; iv) a criação de um manual em morfologia urbana." (p. 4).

Mais tarde foi acrescentado mais um item, centrado "na transmissão do conhecimento morfológico" (Oliveira, 2014a, p. 54)²⁶.

Enumere-se aqui alguns estudos científicos relacionados essencialmente com o estudo da forma urbana de diferentes cidades, publicados nos finais do século XX e início do século XXI: Larkham, P.J. (2006) – *The study of urban form in Great Britain*; Gilliland J., & Gauthier, P. (2006) – *The study of urban form in Canada*; Hofmeister, B. (2004) – *The study of urban*

²⁵ Samuels, I. (2013): SNI in Oliveira, V. (2013).

²⁶ Oliveira, V. (2014a). A Dimensão Física do Planeamento II: A Forma Urbana. Aulas de planeamento. Porto. Acedido a 14 de 7 de 2015, de http://vitoroliveira.fe.up.pt/Aulas%20Planeamento%20Urbano_Aula%206.pdf.

form in Germany; Marzot, N. (2002) – *The study of urban form in Italy*; Conzen, M. P. (2001) – *The Study of urban form in the United States*; Darvin, M. (1998) – *The study of urban form in France*; Ibraz, J. V. (1997) – *The study of urban form in Spain*.

1.5.3. As diferentes abordagens no estudo da forma urbana

As barreiras linguísticas e culturais existentes, em particular, no desenvolvimento das primeiras pesquisas em morfologia urbana – em alemão, italiano, inglês e francês –, permitem, por vezes, que as abordagens sejam consumidas pelos seus próprios estudos, sendo importante a divulgação das bases de morfologia urbana, em outras línguas (Samuels, 2018, p.5).

A complexidade das questões da forma urbana, encontrando-se ainda por construir uma base sólida e internacional da morfologia urbana como área de produção de conhecimento, permite uma infinidade de leituras, tendo como base a forma física da cidade.

Enquanto área de produção de conhecimento existem quatro abordagens dominantes em morfologia urbana: Abordagem tipológica projetual ou tipo morfológica, promovida pela Escola Muratoriana; Abordagem histórico-geográfica, desenvolvida pela Escola Conzeniana; Sintaxe espacial – *Space syntax*; Análise espacial Oliveira (2016, 2018).

1.5.3.1. A abordagem tipológica projetual/tipo morfológica

A abordagem tipo-morfológica é desenvolvida com base no trabalho do arquiteto italiano, Saverio Muratori. A cidade é entendida como um organismo vivo, como obra de arte coletiva e de desenho de novos edifícios em continuidade com a cultura construtiva do lugar (Oliveira, 2018). Tem por base os conceitos fundamentais:

- Tipo – só existe num contexto concreto, ou seja no tecido;
- Tecido – só existe no seu envolvente, entendido como organismo urbano;
- Organismo urbano – concretiza-se na sua dimensão histórica, numa construção temporal
- História operativa.

Segundo Cataldi, Maffei, e Vaccaro (2002), na primeira metade do século XX, Muratori põe em evidência o 'empobrecimento' do desenho da cidade, demarcado pela perda da identidade histórica no planeamento e nas teorias do desenho urbano.

Neste sentido, nos anos 40, Muratori desenvolve um novo quadro teórico, ou seja, um conjunto de leis para a reprodução da história por forma a devolver a qualidade do desenho da

cidade. Com o desenvolvimento da sua perspectiva teórica operacional, destaca-se, no final da década de 50 e início dos anos 60, dois estudos interligando a investigação com a prática em arquitetura e planeamento: *Studi per una operante storia urbana di Venezia* (1959), constituindo "a primeira pesquisa sistemática sobre os edifícios históricos de uma cidade" e *Studi per una operante storia urbana di Roma* (1963), visando compreender os "diferentes valores inerentes as diferentes fases da formação da forma urbana (...)" (Cataldi, et. al., 2002, p. 26).

A tradição de Muratori é seguida por Gianfranco Caniggia, designando-a, na sua prática académica e profissional, de 'processual tipológica' devido a relevância dos edifícios enquanto componentes básicos da forma urbana (Mondon, 1997). Com a consolidação da teoria, Caniggia conjuntamente com Maffei publica, em finais dos anos 70, o primeiro volume da obra – *Composizione architettonica e tipologia edilizia*, e em 1984, o segundo volume. O primeiro está relacionado com a interpretação dos edifícios comuns, e o segundo com o desenho dos edifícios comuns. Destaca-se também, na década de 80, o projeto do bairro Quino em Gênova, demarcando a aplicação prática das suas investigações.

Cataldi (2003) identifica seis contributos de Caniggia, fundamentais da abordagem tipológica projetual:

"i) o desenvolvimento de um conjunto de conceitos formulados por Muratori: tipo, tipologia, estrutura, tecido, série; ii) o estabelecimento do método tipológico projetual; iii) a descoberta e o reconhecimento do domus (casa pátio) como a matriz, na arquitetura e no planeamento romanos, para todos os tipos básicos seguintes; iv) a distinção entre tipo básico e tipo especializado; v) a teoria da 'medievalização' e os processos de utilização espontâneos de estruturas planeadas; e, finalmente, iv) o método de interpretação por fases da história de uma cidade em articulação com os processos tipológicos básicos." (Oliveira V. , 2016, p. 70)

A dinamização atual da abordagem tipológica projetual tem sido efetuada pelo *Centro Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territoriali* [CISPUT], fundada em 1981 por Cataldi e um grupo de investigadores italianos e americanos, e também pelo ISUF Itália.

1.5.3.2. A abordagem histórico-geográfica

A abordagem histórico-geográfica foi desenvolvida com base no trabalho de M. R. G. Conzen e em particular marcada, segundo Whitehand (2001), pelo livro publicado em 1960: *Alnwich, Northumberland- a study in town-plan analysis*.

Na análise realizada a cidade de *Alnwick*, Conzen põe em evidência a divisão tripartida da paisagem urbana, da qual realça três componentes essenciais para a leitura da cidade. Em primeira posição, o plano da cidade – componente bidimensional, de base topográfica é composto por ruas e a sua organização em sistemas viários, as parcelas e a sua organização em quarteirões, e edifícios –, de seguida o tecido edificado, e por último os usos do solo e da edificação (Whitehand, 2001, 2007²⁷; Oliveira, 2016). Segundo Whitehand (2014), a classificação e a hierarquia destas componentes estão relacionadas com a importância das mesmas, como contributos para a caracterização da paisagem urbana.

Nesta abordagem é relevante os conceitos relacionados aos processos de desenvolvimento urbano: as cinturas periféricas – *fringe belt*; a região morfológica – *morphological region*; o ciclo da parcela burguesa – *burgage cycle*.

O conceito de cintura periférica está relacionado com a fragmentação na construção, maioritariamente de áreas residenciais, em momentos em que o preço do solo assume valores muito altos (Whitehand, 2001), conduzindo as áreas de crescimento habitacional alternadas com cinturas periféricas. A cintura periférica geralmente é formada durante um período em que a área construída não cresce ou a crescer lentamente, incluindo nos seus limites, áreas abertas, muitas vezes cobertas por vegetação, como parques, campos desportivos, serviços de utilidade pública (Whitehand, 2007).

O conceito de região morfológica é caracterizado pela divisão de uma área urbana em regiões com unidade em relação a forma urbana, distinguindo-a da envolvente próxima. A metodologia deste conceito constitui uma ferramenta que permite a delimitação de áreas com unidade a nível de plano, tecido urbano e usos do solo, e consequentemente, a produção do mapa de regiões morfológicas. A produção deste mapa revela o desenvolvimento de uma área urbana. Segundo Whitehand (2001), o ajuste do mapa de regiões morfológicas com as necessidades de planeamento constitui as bases para o enraizamento da gestão futura da paisagem urbana, na sua evolução histórica. Este conceito é demonstrado por Conzen em um conjunto de cidades, entre os quais as de *Alnwick* e *Ludlow*. No mapa da cidade de *Alnwick*, Conzen reconhece uma hierarquia de regiões morfológicas estruturadas em quatro camadas, relacionadas essencialmente com o plano, enquanto, na cidade de *Ludlow*, Conzen identifica uma hierarquia estruturada em cinco camadas, centrada no plano, tecido edificado e uso do solo (Oliveira, 2015).

²⁷ Whitehand, J. W. (2007). Conzen urban Morphology and urban Landscapes. *6th International Space Syntax Symposium*. In, http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr/papers%5CInvitedpapers%5CJeremy_whitehand.pdf. Acedido em 3 de 7 de 2015.

O conceito do ciclo da parcela burguesa está centrado no solo do proprietário medieval, em que o ciclo corresponde a ocupação progressiva dos espaços livres traseiros dos edifícios, terminando com a eliminação do edifício em um período de pousio urbano, antecedendo o início do novo ciclo de desenvolvimento. É caracterizado pela pressão crescente associada no geral a requisitos funcionais, em que estão os lotes em uma área urbana.

A abordagem histórico-geográfica tem sido dinamizada pela UMRG, da universidade de Birmingham.

1.5.3.3. A análise sintática

Sintaxe espacial – *Space syntax* – criada nos anos 70 do século XX, na *Unit for Architectural Studies* em Londres, coordenado por Bill Hillier, é desenvolvida por este e pela sua colega Julianne Hanson. Tem as suas bases, nos anos 60, numa visão morfológica mais quantitativa do que as tradições existentes - italiana e inglesa. Destaca-se o livro, *The Social Logic of Space*, de Hillier e Hanson, publicado em 1984.

A abordagem é também conhecida como Teoria da Lógica Social do Espaço, tendo como característica fundamental o espaço e as relações entre o espaço e o movimento.

"um modo de representação do espaço do ponto de vista das articulações inter-partes, no qual a relação entre cheios e vazios estabelece a hierarquia entre os espaços possibilitando, portanto, constatar quais apresentam maiores potenciais de movimento – quer sejam pessoas ou de veículos." (Ramos, 2012/2013, p. 10)²⁸

Com o desenvolvimento dos estudos de investigação, torna-se relevante o conceito de configuração espacial. Este, conceito chave dessa abordagem morfológica, é definido por Hillier et al. (1987) como: "as relações entre dois espaços dentro de um sistema considerando as suas relações com todos os outros aspetos nesse sistema." (Oliveira, 2016 a, p. 74).

As análises da sintaxe espacial utilizam essencialmente técnicas computacionais, destacando-se os mapas axiais, como ferramentas de investigação.

As pesquisas têm sido dinamizadas pelo *International Space Syntax Symposium* [ISSS], realizadas desde 1997, Viana (2015).

²⁸ Ramos, T. B. (2013). Apresentação. In T. B. Ramos (Coord.), A. P. Barros, B. Turkienicz, C. V. Silva, B. F. Macedo, F. Holanda, et. al., *Arquitetura, Urbanismo, Desing: Metodologias e métodos de investigação* (pp. 9-11). Caleidoscópio.

1.5.3.4. A análise espacial

Kropf (2009) identifica três tipos de análise espacial – autómatos celulares, modelos baseados em agentes e fractais. Estes, por não serem mutuamente exclusivos, podem ser utilizados de forma complementar (Oliveira, 2016).

Os Autómatos Celulares [AC], estando relacionados com autómatos 'auto-reproduzidos' – capacidade de uma máquina de se auto-replicar, são inicialmente utilizados em áreas como física e matemática, beneficiando do desenvolvimento da computação, nos anos de 1950 a 1970. Como conceito para o estudo da forma física da cidade, é inicialmente utilizado por Tobler, em 1979, no seu trabalho *Cellular Geography*. Neste o autor propõe um modelo geográfico, realçando o conceito de vizinhança.

Nos estudos urbanos, os modelos AC constituem um instrumento para a modulação de fenómenos urbanos, sendo que, por 'celular' entende-se a estrutura espacial e por 'autômato', um código, ou seja a capacidade de processar os estados da célula, com base num conjunto de regras. Enquadram cinco componentes fundamentais: as células; o estado das células – ligado ou desligado; a vizinhança; as regras de transição; o tempo (Oliveira, 2018).

Modelos Baseados em Agentes [MBA] – é um conceito que possibilita a simulação individual de diferentes agentes, a mediação do comportamento e os resultados do sistema ao longo do tempo.

O conceito Fractal está relacionado com a geometria euclidiana, sendo fundamental, a forma – geralmente irregular –, a mudança e a dimensão.

1.6. A morfologia urbana nos países lusófonos

Os estudos morfológicos urbanos, nos países de língua portuguesa, têm-se destacado essencialmente em Portugal e no Brasil. Isto, relativo a quantidade dos artigos, referentes às suas cidades/espacos urbanos e às questões morfológicas urbanas, publicados essencialmente na RMU da PNUM, tendo no ano de 2013 a primeira publicação da revista.

A PNUM, criada no âmbito dos incentivos da ISUF para a construção de grupos nacionais ou regionais de morfologia, surge no seminário realizado na cidade Hamburgo no ano de 2010. Inicialmente designada de Rede Portuguesa de Morfologia Urbana, tendo em particular após a 2ª conferência realizada em 2012, o alargamento da rede, e no ano de 2014 o estabelecimento da sua designação atual – Rede Lusófona da Morfologia Urbana.

Não tendo o desígnio de apresentar uma revisão geral dos trabalhos científicos publicados no âmbito da morfologia urbana nos países de língua portuguesa, mas o de

evidenciar alguns trabalhos relevantes para a compreensão da morfologia urbana lusófona, em particular o percurso da morfologia urbana em Portugal. Para tal foi relevante o artigo de Teresa Marat-Mendes e Maria Amélia Cabrita, publicado na 2ª Conferência da PNUM, realizada em 2012, tendo como tema – A morfologia urbana nos países Lusófonos.

Em Portugal, o interesse pelo estudo da forma das cidades tem as suas bases em áreas de geografia urbana, história, sociologia, arquitetura, e também a arqueologia, relacionada essencialmente as épocas históricas mais recuados. Recentemente tem-se destacado áreas como arquitetura paisagística e o impacto que a análise morfológica pode ter na prática, destacado por Tenedório²⁹, no Atlas da área Metropolitana de Lisboa " e por Calado³⁰, no Atlas de Lisboa" (Marat-Mendes & Cabrita, 2012).

Segundo estes mesmos autores, a revisão do 'estado da arte' efetuada por Teixeira (1993), de obras publicadas, essencialmente relacionados com períodos históricos peculiares e também com a História urbana, começam desde da época dos assentamentos urbanos seguindo-se até as políticas urbanas do Estado Novo, incluindo o urbanismo colonial, sendo relevante as décadas de 50, 60 e 70. Neste sentido é destacado: a publicação Lisboa na 2ª Metade do séc. XVIII (Plantas e Descrições das suas Freguesias); a recolha e índices por Francisco Santana³¹; os trabalhos da reconstrução da cidade, após o terremoto de 1755" utilizando a cartografia com base de análise da forma da cidade, realçando "as bases sólidas de uma autêntica escola portuguesa de urbanismo, ainda mal reconhecida. O trabalho de Francisco Santana é complementado com levantamentos topográficos por forma a um melhor enquadramento do limite das freguesias.

Para Marat-Mendes & Cabrita (2012), as bases multidisciplinares alusivas ao estudo da morfologia urbana, deste período, são relevantes em trabalhos de pesquisas. Dentre outros, os contributos: do geógrafo – Jorge Gaspar, em particular o artigo Morfologia Urbana de Padrão geométrico na Idade Média, 1969; do sociólogo – Vítor Matias Ferreira, em particular o artigo Morfologias Urbanas e Espaços Públicos na Metrópole de Lisboa. Uma aproximação instrumental e metodológica no quadro de uma investigação, 2002; o arquiteto – Frederico Ressano Garcia, com a análise morfológica dos planos.

De realçar também o contributo do arquiteto Nuno Portas na construção efetiva dos estudos da forma urbana em Portugal, sendo destacado por Joaquim Brazinho, como o pioneiro

²⁹ Tenedório. (2003). SNI in Marat-Mendes, T., & Cabrita, M. A. (2012).

³⁰ Calado. (1993): SNI in, idem.

³¹ Santana, F. (s.d). SNI in, idem.

da introdução da morfologia urbana em Portugal, através das diferentes revistas e livros trazidos de Itália, possibilitando uma reflexão metodológica da arquitetura.

Após a segunda Guerra Mundial, em Portugal, a arquitetura e os arquitetos viviam divididos entre a consciência crítica, associada a Nuno Portas, a necessidade de mudança impedimento ideológico imposto pelo Estado Novo, estabelecendo modelos ultrapassados, essencialmente ligados às obras públicas. Porém, destaca-se uma certa abertura no projecto de Olivais Norte, enquadrando diferentes padrões, em particular nas habitações sociais (Marat-Mendes & Cabrita, 2012).

Recentemente, as investigações no campo da morfologia urbana em Portugal têm sido dinamizadas essencialmente pelas escolas de Arquitetura de Lisboa e do Porto e em particular o papel da 'Rede Lusófona de Morfologia Urbana', bem como a publicação da 'Revista de Morfologia Urbana'. De realçar: os trabalhos efetuados pelo FORMA URBIS LAB da Universidade de Lisboa, 'criada em 2006 como base no projeto de investigação – a Rua em Portugal – Inventário Morfológico'³², financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia [FCT], com um conjunto de trabalhos publicados, dentro os quais dois números dos Cadernos de Morfologia Urbana – Os Elementos Urbanos, e a Forma Urbana, editada pela Argumentum.

As obras, *Urban Morphology: An Introduction to the Study of the Physical Form of Cities* (2016) de Vítor Oliveira, e 'O estudo da Forma Urbana em Portugal' (2015) de Vítor Oliveira, Teresa Marat-Mendes e Paulo Pinho. O primeiro realça os componentes básicos para o entendimento da morfologia urbana, sua evolução teórica e aplicação prática, e o segundo apresenta, em particular, um conjunto de contributos de investigadores portugueses, em morfologia urbana.

De realçar também a publicação, *Desenho Urbano – elementos de análise morfológica* (2007)³³ de Mário Moutinho, Diogo Mateus e Judite Primo, editada pela Universidade Lusófona das Humanidades e Tecnologia. Esta obra, direccionado a estudantes de arquitetura e urbanismo apresenta de forma sistematizada, um quadro referencial sobre os elementos morfológicos urbanos.

³² FORMA URBIS Lab. (2015). In <http://formaurbislab.fa.utl.pt/investiga.html>. Acedido a 27 de Dezembro, 2015 de FORMA URBIS Lab em www.formaurbislab.fa.utl.pt.

³³ Moutinho, M., Mateus, D., & Primo, J. (2007). *Desenho Urbano. Elementos da análise morfológica*. Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas.

No contexto luso-brasileiro, segundo Cláudia Monteiro (2015)³⁴, o contributo para o debate e internalização da morfologia urbana, tendo como base as publicações em um conjunto de revista internacionais, é o seguinte: a mais antiga datada de 1974, e a mais significativa a partir do 2005, representando 80% das publicações em relação aos 20% publicados entre os anos de 1990 à 2004. Destas publicações, 2/3 correspondem a contribuições de investigadores portugueses, destacando à área de arquitetura com 75% dos autores, estando maioritariamente ligados ao ensino académico.

Com isso pode-se constatar que a morfologia urbana, como área de conhecimento, em Portugal está essencialmente ligada à ação dos arquitetos, e consequentemente, à área de arquitetura e urbanismo.

³⁴ Monteiro, C. (2015). A forma física das cidades- uma análise do contributo luso-brasileiro para o debate internacional. *Revista da Morfologia Urbana*, 3 (2), 134-136.

CAPÍTULO II - A ILHA DE S. VICENTE NO CONTEXTO URBANÍSTICO DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE

O capítulo II apresenta os aspetos característicos da paisagem e da estrutura urbana do arquipélago de Cabo Verde, o seu crescimento urbano, bem como o enquadramento da Ilha de S. Vicente no contexto urbano do país. Esta ilha constituída por um único município tem no Mindelo, base da análise morfológica pretendida, a sua única cidade.

2.1. O Arquipélago de Cabo Verde

Cabo Verde é um país insular de origem vulcânica e com uma superfície de 4.033 Km². Fica localizado a 455 Km da costa ocidental Africana, entre as latitudes 14° 23' e 17°12' Norte e longitudes 22°40' e 25° 22' Oeste. Fig.4.



Fig. 4: Localização de Cabo Verde.

Fonte: Portal da Empirebuilder Wiki. In, http://empirebuilder.wikia.com/wiki/File:World_map_blank_black_lines_4500px.gif. Acedido em 30 de Janeiro de 2018.

As ilhas do arquipélago, de clima tropical seco, foram descobertas entre 1460 e 1462 pelos navegadores portugueses Diogo Gomes, António da Noli e Diogo Afonso, à época sem

A posição geoestratégica do arquipélago nas rotas marítimas da Europa, África e Brasil contribuiu para que, desde cedo, o país de recursos naturais limitados, isolamento geográfico e de pequena escala, se tornasse num centro de concentração e dispersão de homens, plantas e animais, servindo de entreposto comercial.

2.1.1. O Ambiente natural, o crescimento e a estrutura urbana em Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde é essencialmente de topografia montanhosa. O relevo acidentado é resultante da sua origem vulcânica e mais expressivo nas Ilhas do Fogo, Santiago e Santo Antão. Essa expressividade montanhosa é marcada: no panorama da Ilha do Fogo, pelos 2.829 metros de altitude do seu vulcão praticamente centrado; na ilha de Santiago, pela cordilheira que a atravessa praticamente de Norte a Sul e demarcada pelo Pico de Antónia, com os seus 1.394 metros de altitude; na ilha de Santo Antão por um platô vulcânico atravessando a ilha de Sudoeste a Noroeste, constituído por vários picos, sendo a sua maior elevação o Topo de Coroa, com os seus 1979 metros de altitude.

As restantes ilhas são de relevo menos acidentado. Destacam-se as ilhas do Sal, Boa Vista e Maio, praticamente planas.

O país é isento de rios ou importantes acumulações de água, devido à irregularidade do regime das chuvas, embora estas possam ser causadoras de estragos. Consequentemente, a flora do arquipélago é também pobre, não na variedade mas sim na quantidade existente.

Apresenta alguns vales e nascentes de água potável concentrados nas ilhas de Santiago e Santo Antão, que abastecem essencialmente o consumo local e a irrigação dos terrenos anexos. A água potável para o consumo das populações urbanas em Cabo Verde é no geral proveniente da dessalinização da água do mar.

A ilha de Santiago e alguns povoados diminutos nas ilhas do Fogo e da Boa Vista destacam-se como primeiros aglomerados urbanos dos finais de quatrocentos em Cabo Verde. O arquipélago permanece escassamente povoado até setecentos e a ocupação urbana essencialmente concentrada na cidade da Ribeira Grande, na Ilha de Santiago. Esta é a capital e o centro "socioeconómico, administrativo, militar e eclesiástico" do arquipélago (...) (Santos et al., 2001, p. 226)³⁵. A cidade de Ribeira Grande de Santiago fica localizada entre rochedos altos, encravada entre vales. Fig. 6.

³⁵ Santos, M. E., Correia e Silva, A., Soares, M. J., Baleno, I., Torrão, M. J., Cabral, I. M., et. Al., (2001). *História Geral de Cabo Verde* (2ª ed., Vol. II). Coimbra: Imprensa de Coimbra, Lda.

Fortaleza de S. Filipe – forte militar "onde se instalaram os governadores das Ilhas (...)" (Santos, et al., 2001, p. 229).

Com o declínio das rotas marítimas e, consequentemente, o declínio do comércio, bem como o aumento da pirataria marítima, esta primeira cidade europeia em África termina ao abandono sendo, no séc. XVIII, a capital cabo-verdiana transferida para a cidade da Praia, 1770 – período pombalino. O período é caracterizado pela modernização das urbanizações ultramarinas portuguesas, construção de malha ortogonal e a renovação do sistema político e administrativo.

As ocupações urbanas pontuais do início da colonização, séculos XV a XVIII, são demarcadas no século XIX pela construção de portos de abrigo servindo as rotas atlânticas, contribuindo para a construção de novas cidades e a expansão das existentes, bem como a elaboração de planos com bases em características modernas. Destaca-se o caso do plano de Sá da Bandeira para a povoação do Mindelo, de 1838. Este plano, com base nos esquemas das cidades europeias da época, não foi incrementado devido a dificuldades económicas, organizativas e políticas do sistema colonial. Com o declínio das atividades portuárias, na primeira metade do séc. XX, e a escassez de recursos naturais, inicia-se nas ilhas um período de crise, contribuindo para o êxodo rural.

Este período inicial de expansão urbana, entre os séculos XIX e XX, Fig. 7-15, é sentido essencialmente nas urbes da Praia e do Mindelo, através da construção de algumas infraestruturas e equipamentos públicos e, em especial, da elaboração de planos urbanísticos. Destaca-se: o Plano de Melhoramentos do Mindelo – 1938, para o enquadramento da expansão da urbe; os planos urbanos para algumas povoações do país, 1940-1960, por forma a consolidar os núcleos populacionais, fomentar o investimento e a coesão urbana; os planos diretores municipais para Praia e Mindelo – 1960, e os diferentes planos parcelarem – 1970, afirmando a aptidão dos lugares e crescimento económico do país. Embora muitos desses planos não tenham sido implementados na íntegra, contribuíram para a transformação da paisagem urbana Cabo-verdiana.

A falta de instrumentos de planeamento durante as primeiras décadas após a independência contribuiu para o crescimento desordenado e a descaracterização urbana dos principais centros urbanos do país.

Ocupações Urbanas nas Ilhas de Cabo Verde, nos finais do séc. XIX e início do séc. XX.

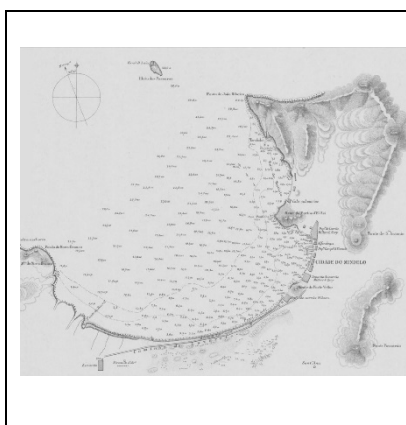


Fig.7

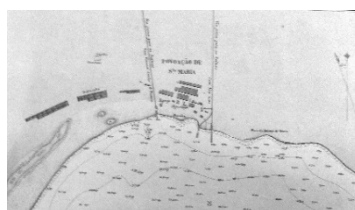


Fig. 8



Fig.9

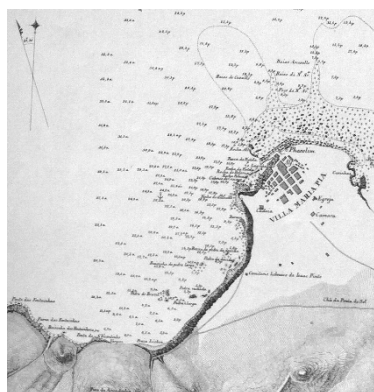


Fig.10

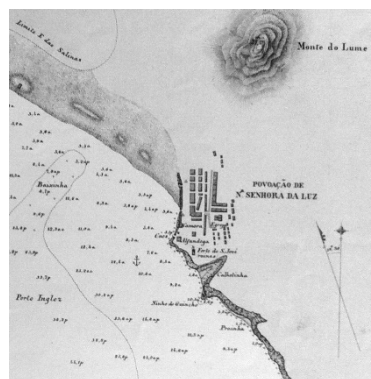


Fig.11

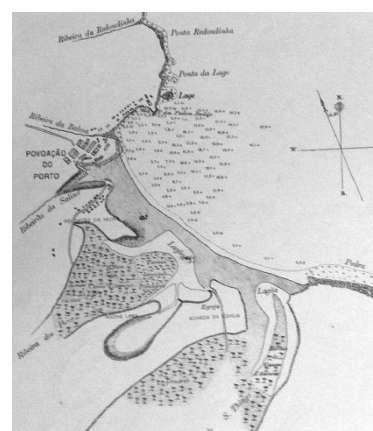


Fig. 12

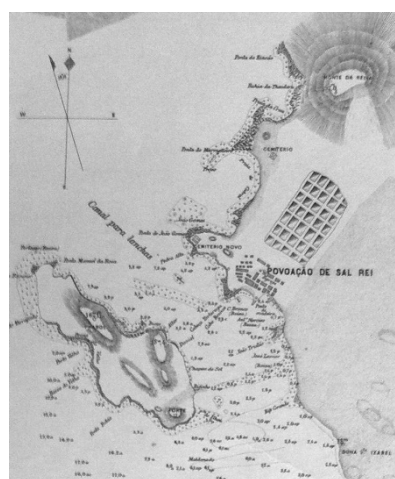


Fig.13



Fig.14

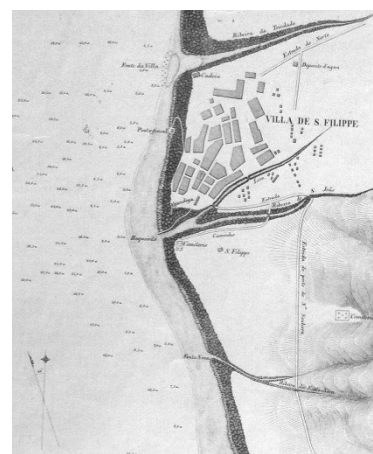


Fig. 15

Fig. 7: 1899- Porto Grande, Ilha de S. Vicente; Fig. 8: 1900- Porto de S.ta Maria, Ilha do Sal; Fig. 9: 1901- Porto da Preguiça, Ilha de S. Nicolau; Fig. 10: 1899- Porto da P.ta do Sol, Ilha de S.to Antão; Fig. 11: 1900- Porto Inglez, Ilha do Maio; Fig. 12: 1903- Porto de S. Tiago, Ilha de Santiago; Fig. 13: 1901- Porto de Sal Rei, Ilha da Boavista; Fig. 14: 1901- Porto da Furna, Ilha da Brava; Fig. 15: 1900- Villa de S. Filipe, Ilha do Fogo
Fonte: Excerto de Planos diversos. Centro de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica Tropical [CDI].

2.2. Enquadramento do Mindelo no contexto da Ilha de S. Vicente

A Ilha de S. Vicente fica localizada no grupo de Barlavento do arquipélago de Cabo Verde entre as Ilhas de S.^{to} Antão a noroeste e S.^{ta} Luzia a sudeste.

Esta ilha de paisagem essencialmente árida permaneceu desabitada por três séculos, após o seu descobrimento a 22 de Janeiro de 1462 pelo navegador português Diogo Afonso. As condições inóspitas e com pouca ou nenhuma vegetação contribuíram para o seu povoamento tardio. Em meados do século XIX a ilha ganha nova dinâmica, em torno do comércio e serviços ligados ao mar, demarcando o início do crescimento e desenvolvimento urbano.

A orografia da ilha de S. Vicente é composta por elevações diversas situadas essencialmente nos limites da mesma, enquadrando diferentes vales e algumas baías. Destas baías destaca-se a Baía do Porto Grande, envolvendo toda a extensão Oeste e noroeste da cidade. Esta imagem agreste e montanhosa é realçada nas silhuetas diversas dos seus montes, visíveis de praticamente todos os pontos da ilha. Deste conjunto de elevações, destacam-se o Monte d’Cara com os seus 480 metros de altitude, embelezando a Baía do Porto Grande, e o Monte Verde, a maior elevação da ilha com 774 metros de altitude, quase sempre envolvida por nuvens. Esta paisagem é completada por espaços de ribeiras praticamente secas e de características torrenciais quando chove.

S. Vicente ou '*Soncênt*'³⁸ é uma ilha constituída por um único município – Município de S. Vicente, com 227 Km² de superfície, uma população estimada em 81.014 habitantes, segundo o Instituto Nacional de estatística [INE] (2015)³⁹, e uma densidade populacional de 356,89 habitantes/km². A população da ilha encontra centrada essencialmente na sua única cidade – a cidade do Mindelo.

Embora o município de S. Vicente seja composto por um conjunto de lugares de características paisagísticas diferentes, é geralmente identificada como ilha/cidade. Isto advém da dimensão da ocupação urbana da sua única cidade, Mindelo, em relação aos demais lugares da ilha, Fig. 16. Os seus terrenos interiores são evidenciados pelas enseadas – enquadrando praias de lazer urbano, praia da Baía das Gatas, Praia da Salamansa, a Praia Grande, Praia de João d’Évora, etc. – pelos espaços das hortas agrícolas – Madeiral, Ribeira de Calhau, Ribeira de Vinha, etc. –, e pelo microclima das zonas de maior altitude – Monte Verde, Mato Inglês, etc.

³⁸ *Soncênt* – como se diz S. Vicente na língua crioula e sotaque dos habitantes da ilha de S. Vicente.

³⁹ Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2015). Anuário Estatístico de Cabo Verde. [Http://bdmi.ine.cv/anuarios/Anuario_CV_2015.pdf](http://bdmi.ine.cv/anuarios/Anuario_CV_2015.pdf). Acedido a 28 de Março, 2016 de INECV em <http://bdmi.ine.cv/>

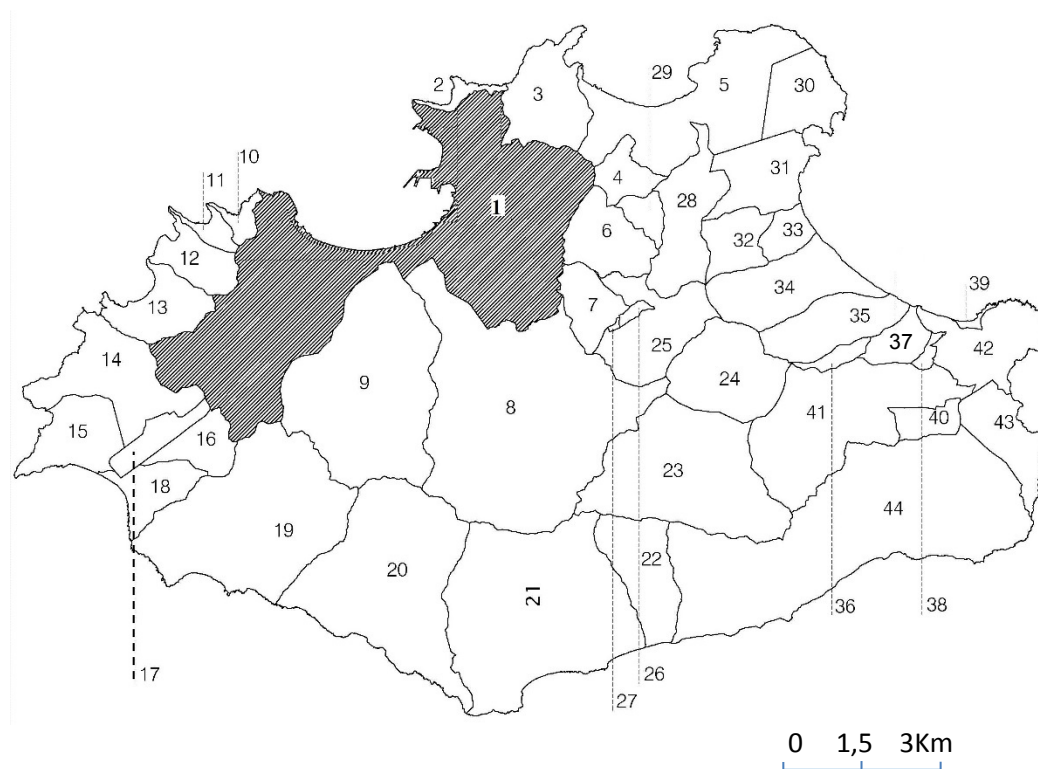


Fig. 16- Lugares da Ilha de S. Vicente, 2016.
Fonte: CMSV.

Legenda

1 – Cidade do Mindelo	16 – Morro de Brinjinha	30 – Baía das Gatas
2 – João Ribeiro	17 – Aeroporto Cesária	31 – Norte 1
3 – João d'Évora	Évora (anteriormente,	32 – Monte Verde
4 – Salgadinho	Aeroporto de S. Pedro)	33 – Norte 2
5 – Salamansa	18 – Aldeia de São Pedro	34 – Baleia
6 – Lameirão	19 – Flamengos	35 – Feijoal Preto
7 – Saladinha de Cal	20 – Topo de Caixa	36 – Goa de cima
8 – Ribeira de Julião	21 – Calheta	37 – Ribeira de Aldeia
9 – Ribeira de Vinha	22 – Palha Carga	38 – Goa de Baixo
10 – Monte Cara	23 – Madeiral	39 – Praia Grande
11 – Ribeirinha	24 – Bairro Branco	40 – Chanzinha
12 – Entre picos	25 – Mato Inglês	41 – Ribeira de Calhau
13 – Fateixa	26 – Fazenda Real	42 – Calhau
14 – São Pedro	27 – Seixal	43 – Vila Miséria
15 – Santo André de São Pedro	28 – Pé do Verde	44 – Saragarça
	29 – Bolim	

A cidade do Mindelo encontra-se situada de nordeste a sudeste da Baía do Porto Grande. Esta baía de características naturais propícias a navegação fica localizada na sua costa noroeste, servindo inicialmente "de porto de abrigo aos corsários Ingleses" (Figueira, 1968, p. 8)⁴⁰. A localização geoestratégica do seu porto, nas rotas entre Europa, África e Brasil, aliada às condições naturais favoráveis, deu ao Porto Grande uma mais-valia na navegação mundial do século XIX, constituindo assim a base do desenvolvimento urbano da ilha.

Mindelo teve no início da formação do seu aglomerado urbano, a designação de Aldeia Nossa Senhora da Luz, "que evidentemente existia antes de 1794/95" (MHOP, 1984, p. 6)⁴¹. Em 1798, o aglomerado existente recebeu o nome de povoação Dom Rodrigo e a partir de 1820, chamada de D. Leopoldina. Todas "no entanto sem fontes conhecidas." (p. 7).

Com a aprovação do Decreto Régio de 11 de Junho de 1838, a povoação existente passa a designação de Mindelo. O decreto foi assinado pelo Visconde de Sá da Bandeira, "então Presidente do Conselho de Ministros, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e, interinamente, Encarregado da Pasta dos Negócios da Marinha e Ultramar" (Figueira, 1968, p. 80).

Segundo Ramos (2003)⁴², a povoação do Mindelo de 1838 não passava de um conjunto de casinholas e palhoças. A Portaria de 30 de Junho de 1838 e a publicação do 'primeiro plano de urbanização', Fig. 17, da ilha vem demonstrar o interesse do Governo Português em criar uma nova cidade.

Todavia, é de realçar a importância do Governador-geral de Cabo Verde, Joaquim Pereira Marinho, na fundação do Mindelo. A sua dedicação à Ilha de S. Vicente é demonstrada nos diversos relatórios enviados ao Ministro Marquês de Sá da Bandeira. Num dos seus relatórios enviados em 1835, solicita "ao Ministro que publicasse um decreto que transferisse a capital da vila da Praia para esta ilha" (Figueira, 1968, p. 83).

Porém, a visão deste governador em transformar a ilha de S. Vicente "num depósito de todas as produções da Guiné (...)" (Figueira, 1968, p. 87), e a mudança da capital da Praia para Mindelo, não se concretizaram. Isto está relacionado com a transferência deste governador, para a Guiné quando da revolução francesa; a escassez de recursos monetários relacionados a proibição da nacionalização das embarcações estrangeira; a desistência deste governador em

⁴⁰ Figueira, M. B. (1968). *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo de Cabo Verde*. Lisboa: UTL

⁴¹ Ministério da Habitação e Obras Públicas [MHOP]. (1984). *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Praia, República de Cabo Verde: Fundo de Desenvolvimento Nacional- Ministério da Economia e das Finanças.

⁴² Ramos, M. N. (2003). *Mindelo D'Outrora*. Mindelo: Gráfica do Mindelo, Lda.

apoiar a mudança da capital da cidade da Praia para à cidade do Mindelo. O "volte-face do governador Marinho, segundo se depreende, devia ter sido originado por pressão de tais homens notáveis e de grandes proprietários de S. Tiago" (Figueira, 1968, p. 91).

De realçar também, a relevância do primeiro Governador-geral de Cabo Verde António Pussich. Este visionário do desenvolvimento desta terra "alegando que o futuro e progresso social e económico de Cabo Verde estavam inteiramente na base do seu Porto Grande" (Ramos, 2003, p. 23).

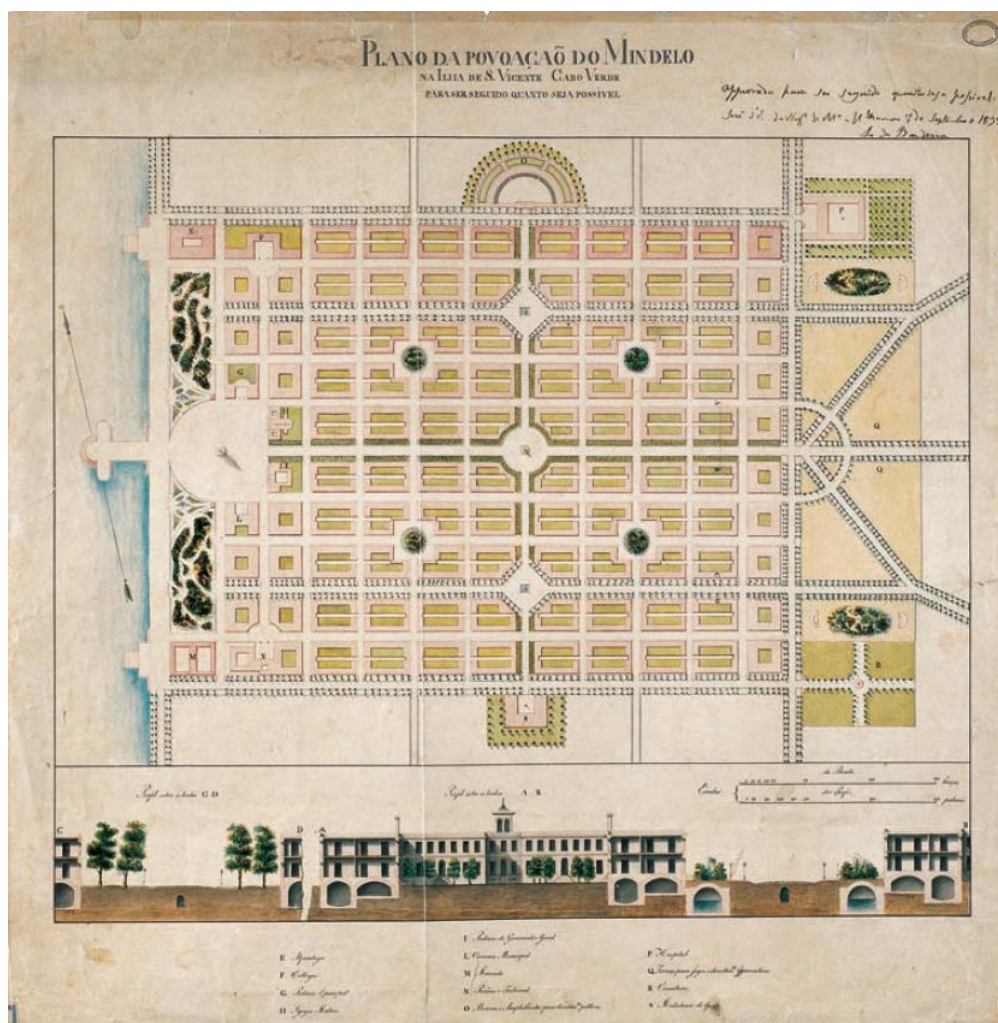


Fig. 17: Planta da Povoação da Ilha de S. Vicente - 1838.
Fonte: Álbum Cartográfico de Cabo Verde⁴³

⁴³ Santos, M. E., Garcia, J. C., Carvalho, C. A., De Barros, F. F., Do Amaral, I., Ribeiro, J. M., et. al., (2009). *Álbum Cartográfico de Cabo Verde. Comissão de Cartografia (1883-1936)* (1ª_2008 ed.). Lisboa: SIG- Sociedade Industrial Gráfica.

No ano de 1838 estabelece em Mindelo "a primeira Companhia com depósito de carvão de pedra, a EAST INDIA (...)" (Ramos, 2003, p. 23), iniciando um período de rápido desenvolvimento económico centrado no comércio do carvão.

Depois de cerca de cem anos das intenções e tentativas iniciais para o povoamento da ilha, a povoação do Mindelo é elevada "à categoria de vila em 29 de Abril de 1858 (...) e (...) por fim, através do decreto de 14 de Abril de 1879 também elevada à de cidade (...)" (Figueira, 1968, p. 80).

Os anos de 1800 ficaram marcados pela instalação das companhias de carvão, nomeadamente: a *East India* em 1838; a *Royal Mail* em 1850; a *Potent Fuel* em 1851; a *Visger & Miller's*, posteriormente ligada a *Miller's & Nephews* em 1863/70; a *Cory Brothers & C.^a* e por último a Companhia de S. Vicente de Cabo Verde em 1875 (Ramos, 2003, p. 23). Como pode-se constatar na figura 18, todas as companhias carvoeiras, exceto a Companhia de S. Vicente, eram companhia de carvão com denominações em inglês demarcando a frente mar do Mindelo com ocupações inglesas.

Com a instalação das companhias carvoeiras, Mindelo torna-se um lugar de concentração económica, iniciando um período de franco desenvolvimento, que se prolonga até ao início do século XX. O desenvolvimento inicial ligado ao carvão de pedra vem, naturalmente, gerar outros ramos de atividade económica, nomeadamente o do comércio de abastecimento dos navios, sendo uma boa parte exercida por ingleses.

Neste período é também relevante a construção de edifícios públicos e particulares, "apoiada pela exploração periódica de uma pedreira e pelo fabrico de cal" (MHOP, 1984, p. 31).

O rápido crescimento da vila e a instalação das obras públicas, em 1858, inicia-se um dos períodos mais florescente de obras públicas em S. Vicente. Imediatamente inicia-se a abertura de poços para abastecimento de água à vila, por forma a solucionar este difícil problema, devido a questões económicas e a raridade de fontes nas proximidades da vila, que era um fator decisivo para o desenvolvimento da ilha – "havia água fora da vila mas ainda não fora possível canaliza-la" (p. 38). Após os diversos estudos e projetos para o abastecimento de água, a vila do Mindelo em 1879 era fornecida por 35 poços localizados no seu perímetro urbano – em Areia Branca e Madeiralzinho, etc –, ou nos seus arredores – em Lameirão, Mato Inglês, Madeiral, etc.

Dos edifícios públicos construídos no período 1858-1879, destaca-se: a construção/reconstrução do edifício da Igreja da Nossa Senhora da Luz, 1853-1863; a

Alfândega, 1858 e 1860/61; o novo Quartel Militar com alojamento para militares, um piso, 1859-1874; o Palacete do Governo, 1859-1874; os Paços do Concelho, 1862-1871/74; a Cadeia Civil -1863; a casa de guarda da Pontinha, 1868-1869; o Mercado Municipal, um piso, 1874-1878; o Matadouro e Curral do Concelho, antes de 1876.

Dos esforços em outros domínios é de realçar o seguinte: a construção de uma fábrica de cal, 1859; extração de pedra na praia da Galé, 1861; a construção da ponte-cais da Alfândega, 1873; a terraplanagem do "Largo do Albuquerque, aonde se iria instalar o mercado municipal em 1874, ano do lançamento da 1ª pedra para a sua construção; a construção do caminho para o Monte Verde, 1874; em 1875-76, a construção da muralha de resguardo na Rua da Praia e do embelezamento da Praça Dom 'Luiz'; o início do calcetamento das principais ruas da vila, 1874, embora, a Praça do Pelourinho, "o que deve ter sido o local do primeiro mercado, visto que o local do edifício do Mercado Municipal na altura era ocupado por uma horta (...)" (p. 40); Instalação da iluminação pública – 1874 e em 1879 iniciou-se a construção da escola municipal do sexo feminino.

No entanto constata-se a existência anterior, de três edifícios públicos na povoação do Mindelo: o Fortim d'El Rei – 1852; o antigo Quartel Militar localizado na Rua S. João; uma alfândega e um hospital. De realçar também a existência de "uma capelinha coberta de colmo (...)" (Ramos, 2012, p. 25) nos espaços da Igreja da Nossa Senhora da Luz.

Esses anos louros da urbe são realçados no calcetamento das ruas centrais. No Boletim Oficial [BO] 4/1871 – Relatório das Obras Públicas, no BO 9/1875 – Notícias dos concelhos, no BO 41/1875 – Relatório das Obras Públicas, 1874 -1875, e no BO 1871- 79⁴⁴ destacam-se as seguintes obras públicas: as obras de calcetamento do Mindelo foram iniciadas por volta de 1870, seguidas: em 1874/75 pela praça Dom Luiz e ruas adjacentes; 1876, Rua do Calheiros, Largo do Palácio- posteriormente Largo do João Paes – e Rua dos Navegadores; 1876, da Rua do Hospital ao Largo Dr. Regala e Rua do Custódio Duarte; em 1878, as ruas da Luz, Marginal, São João, S.^{to} António e a parte sul da Rua do Infante D. Henrique, Largo do Albuquerque, e as Travessas da Praia e a da Igreja; em 1879, as ruas do Tejo, Sá da Bandeira de Sagres e de Lisboa (p.40).

⁴⁴ BO 4/1875, BO 9/1875, BO 41/1875, BO1871- 79. SNI in MHOP (1984). P. 40.

Legenda original - A zona Marginal Marítima e zonas vizinhas: Ocupação Inglesa – 1879-1914

- | | |
|---|---|
| 1 – Telégrafo | 35 – <i>Millers & Cory</i> |
| 2 – Fortim | 36 – Ponte Norte |
| 3 – Fonte de Miller | 37 – Ponte Meio |
| 4 – Alto da Companhia | 38 – Ponte Sul |
| 5 – (<i>Millers & Nephew</i>) <i>Millers & Cory</i> | 39 – Ponte metálico da Alfândega |
| 7 – Consulado Inglês | 40 – Empresa Madeiral – Ponte de água |
| 8 – Quintal do Norte | 41 – Armazém |
| 9 – Quintal Meio e Sul | 42 – Companhia S. Vicente de Cabo Verde |
| 10 – Telégrafo | 43 – Companhia S. Vicente de Cabo Verde |
| 11 – <i>Millers & Cory</i> | 44 – Zona Rendall |
| 12 – Alfândega | 45 – Empresa Madeiral |
| 13 – Rendall | 46 – Ponte N°I, <i>Millers & Cory</i> |
| 16 – (<i>Millers & Cory</i>) | 47 – Companhia S. Vicente de Cabo Verde |
| 17 – Ponte de despejos | 48 – <i>Wilson</i> |
| 18 – (<i>Millers & Cory</i>) | 49 – Companhia S. Vicente de Cabo Verde |
| 19 – Salina, Campo de <i>Cricket</i> | 50 – <i>Wilson, Sons & Company</i> |
| 20 – (<i>Cory Brothers</i>) <i>Millers & Cory</i> | |
| 21 – (<i>Millers & Cory</i>) | |
| 22 – <i>Court de Tennis, Millers & Cory</i> | |
| 23 – Casa de guarda | |
| 24 – Armazém da Alfândega | |
| 25 – Ponte de materiais inflamáveis | |
| 26 – Ponte de água | |
| 27 – Plano inclinado | |
| 28 – Oficina do Estado | |
| 29 – <i>Millers & Cory</i> | |
| 30 – <i>Blandy Brothers</i> | |
| 31 – Telégrafo | |
| 32 – <i>Millers & Cory</i> | |
| 33 – <i>Wilson</i> | |
| 34 – <i>Blandy Brothers</i> | |

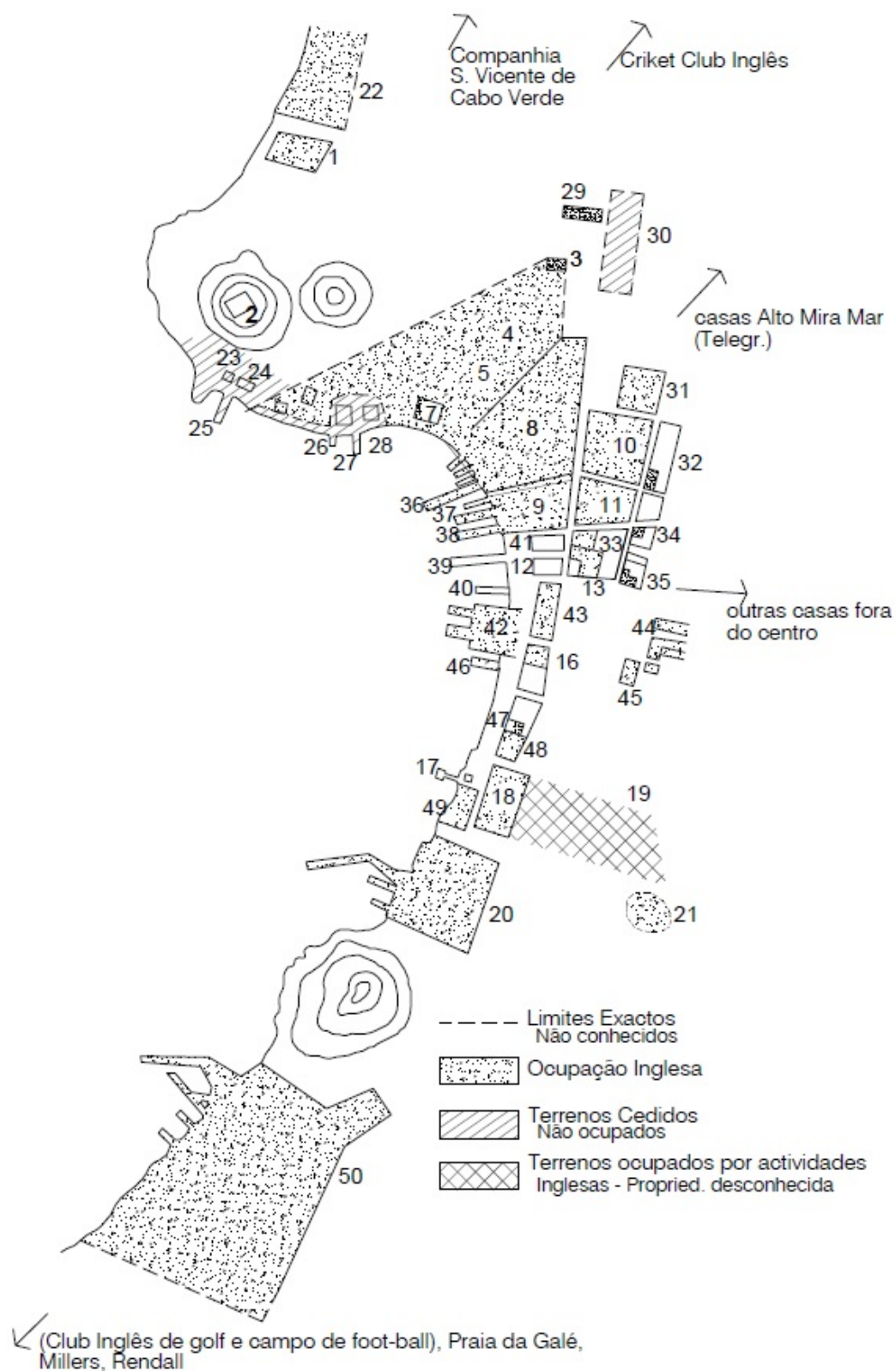


Fig. 18: A zona Marginal Marítima e zonas vizinhas: Ocupação Inglesa – 1879-1914. Esc1:10.000
 Fonte: Autor- vectorização da planta. Base de trabalho: MHOP (1984, p. 51)

Com o desenvolvimento do Porto Grande, a construção de casas de habitação tomara proporções extraordinárias, alargando-se de forma desordenada para bairros periféricos mais distantes da urbe existente, alterando assim, a distribuição ordenada inicial. Nos anos de 1860 a 1880, destaca-se também a ocupação de terrenos para construção de quintas de exploração agrícola nos espaços distantes da vila, tais como: Goa, Madeiral, Mato Inglês, Baleia, Lameirão, Norte, Monte Verde, Ribeira de António Gomes, Ribeira de Julião, Ribeira de Calhau; Salamansa, Figueiral, Fonte de Gêgê, Fonte Nova – atualmente zona do hospital –, Fonte Francês, Pé do Verde, Madeiralzinho, Ribeira do Barro Branco, Monte Carriçal, Baía das Gatas etc. A incerteza das chuvas não constituiu obstáculo para a continua ocupação de terrenos para agricultura, sendo a década de 1880, à de maior ocupação de terrenos para pratica de agricultura (p. 59 e 60).

A partir da atribuição do estatuto de cidade ao Mindelo, inicia-se o auge da infraestruturação do porto e de serviços ligados à navegação. Destaca-se: a construção dos armazéns reais- 1880-1882; a ampliação da construção da muralha marginal, para o sul – 1891 e a construção de uma nova muralha do lado norte da Alfândega – 1910; obras no barracão para serviços de desinfecção – 1901, e a respetiva ponte – 1902; reconstrução da zona fronteiriça à Alfândega – 1908; a demolição da velha ponte-cais, em 1908, quando da conclusão da nova ponte da Alfândega; a construção de postos fiscais em Matiota e S. Pedro; a instalação do sistema de farolagem no canal de S. Vicente – 1880-1886. O serviço de farolagem iniciou-se com a inauguração do Farol Dom Luiz I no Ilhéus dos Pássaros e terminou com a instalação do Farol Rainha D. Amélia na ponta oeste da Ilha. De realçar, também, a edificação do Lazareto contíguo a uma ponte, a sul da Galé – 1882-1900 e a estrada de acesso ao Lazareto - 1911 (p. 47 e 48)

Embora o início da construção do cais acostável seja datado de 1960, nos anos de 1902-1903 existia neste local, então denominada de zona da Pontinha, uma ponte de desembarque de materiais inflamáveis. A construção do plano inclinado da Pontina foi terminada em 1909. Também é de realçar a existência, em 1897-1898, de uma oficina de "reparação de vapores, (...) para serviço da fiscalização do Porto Grande" (p. 47).

Contata-se que no período inicial da cidade do Mindelo, 1879-1916, à ocupação da zona portuária, bem como, do solo nas proximidades da urbe é essencialmente de domínio privado, sendo a maioria pertencente às companhias carvoeiras.

Nessa época, a importância do Mindelo era relevante em todo o território de Cabo Verde, consequência dos rendimentos resultantes da exploração portuária, de taxa de telegrafia

e comércio local, Fig.18. "Em 1900, um dos anos de maior movimento no porto, as receitas cobradas Recebedoria do Concelho e Cofre Geral em S. Vicente, foi mais que a metade das receitas totais da Província (~251.963\$000 réis/ - 461.278\$000 réis) " (p. 57).

"A vila do Mindelo continua a crescer num ritmo acelerado, mas dentro do plano de arruamentos já traçados em devido tempo (...)" (Figueira, 1968, p. 164), adquirindo a cidade uma imagem construída ordenadamente.

Paralelamente ao crescimento económico, populacional e urbano – com a edificação de casas na sua maioria primados pela beleza e conforto e, com ruas largas e ordenadas –, a cidade depara com problemáticas urbanísticas. A grande afluência de pessoas e a precaridade das habitações adquiridas por renda contribui para a falta de condições de higiene e sanitárias, das habitações em finais de 1800 e da década de 1900. Considerando todavia a importância da melhoria das condições habitacionais, essencialmente após ao flagelo de tuberculose registado no ano de 1900, e a contínua escassez de água potável, "o Delegado de Saúde conseguiu que de futuro fosse sempre ouvida a autoridade competente na construção de novas casas (...)", sendo também "aprovado o Regulamento para as edificações na cidade do Mindelo", seguindo-se a aprovação do "Plano Geral de melhoramentos da cidade do Mindello (..)" em 1911 e a entrada em vigor do "Regulamento de salubridade das edificações na cidade do Mindello." (MHOP, 1984, p. 67).

Esta época áurea da urbe mindelense – em que "o Porto Grande de S.Vicente se tornou um dos principais depósitos de hulha negra do Atlântico Sul (...) e a ilha de S. Vicente, a base de comunicação com o Hemisfério Sul, pelos nove cabos submarinos amarados à ilha, junto ao Mindelo" (Lopes, 2016, Secção I, parag. 1)⁴⁵ – começa a declinar quando da crise do tráfego marítimo devido a concorrência de outros portos do atlântico, seguido da Grande Guerra 1914-1918, determinando a decadência do Porto Grande e consequentemente da ilha. A falta de meios militares de defesa e proteção, o porto torna-se em alvo fácil aos ataques dos submarinos alemães. Paralelamente a esta situação houve a substituição do carvão de pedra para óleos minerais.

Nos anos vinte a ilha passa por uma crise agrícola e alimentar, "ocasionado só durante os anos 1920-22 a morte de cerca de 16% da população." (MHOP, 1984, p. 76)

⁴⁵ Lopes, C. A. (2016). *Cabo Verde na Grande Guerra, XI (I)*. Acedido em 17 de Maio de 2017, em, http://www.momentosdehistoria.com/001-grande_guerra/001-01-marinha/001-01-09-marinha_cabo_verde.html.

Para superar a crise da navegação do porto e a depressão económica mundial, com a maior destaque na primeira metade da década de trinta foram adotadas novos equipamentos para o Porto Grande, nomeadamente, a construção da nova ponte da Alfândega, concluída em 1936 e melhoramentos da cidade com a 'construção/remodelação' de algumas obras públicas. Nessa altura foram criadas o Grémio dos Comerciantes de Combustíveis de S. Vicente por forma a manter as mesmas na ilha, e o Fundo de Melhoramento do Porto Grande de S. Vicente. Entre outros, é de realçar a criação da base económica para a instalação de novos estabelecimentos comerciais, a introdução da luz elétrica em Mindelo no ano de 1929 e o regulamento para a circulação automóveis (MHOP, 1984). Esta dinâmica é sentida também no domínio do ensino, tendo a urbe de 1930, "10 escolas na cidade, 1 na Ribeira bote, postos de ensino no Monte, Ribeira Bote, Lombo e Mato Inglês." (p. 83)

De 1931 a 1933, Cabo Verde entra num período de seca instalando-se uma crise alimentar e o desemprego. Segundo a mesma fonte, durante este período, a ilha de S. Vicente teve mercadorias para a subsistência da sua população e abastecimentos dos navios, sendo os efeitos da seca refletida unicamente no decréscimo das receitas do município, de um pouco mais de 30%, em 1930, para 28% em 1935. Isto em relação as receitas totais dos municípios cabo-verdianos. Os efeitos da seca não interferiram no crescimento populacional dos bairros existentes da cidade e na expansão para áreas periféricas próximas.

Podemos constatar que no período entre as duas grandes guerras, a situação económica e social da ilha era estável.

Com o fim da guerra em Cabo Verde vive-se uma época de dificuldades, relacionadas não só com a conjuntura da época mas também com a seca. Em 1941-43 e 1947-48 as ilhas foram assoladas pela fome, causando uma mortalidade de mais de 45.000 pessoas (p. 93).

A cessação das companhias carvoeiras em 1958 e, posteriormente em 1973/74, da atividade de telegrafia, a emigração foi a solução para um grande número da população mindelense. Nos anos quarenta houve uma reestruturação da atividade telegráfica, transformando a "*Westen Telegraph Company* na companhia *Cable & Wireless (...)*" (p. 93), como resposta a telegrafia sem fio. No entanto, a posição geoestratégica da ilha já não era relevante para uma telegrafia sem fios.

Todavia, as características urbanas do Mindelo, ligadas ao comércio e atividades afins, possibilitaram um crescimento populacional firme, servindo de alternativa de solução de vida de muita gente das ilhas agrícolas.

O crescimento urbano reflete-se no limite físico da cidade do Mindelo, definido em 1911 - Boletim Oficial [B O] 4/1911⁴⁶, sendo delimitado pelos seguintes espaços:

"A área urbana limita-se a oeste pelo Porto Grande, ao Norte pela chamada «primeira ribeira da Matiota» da sua foz à origem e por uma recta ligando este último ponto ao monte «Vigia», a leste por uma linha quebrada passando pelos montes «Vigia», «Selarina» e Passarão», ao sul por uma linha quebrada passando pelo monte «Passarão», parte sul do cemitério novo e primeiro pontão da estrada do Lazareto." (MHOP, 1984, pp. 68-69)

"Entre 1940 e 1975 a população de S. Vicente aumentou dos cerca de 16.000 habitantes para aproximadamente 36.000 pessoas" (p. 95). Esta condição acarreta um aumento caótico do solo urbano e consequentemente a necessidade de ordenamento do seu território, bem como, a solicitação, por parte dos técnicos envolvidos nos estudos urbanos do Mindelo, para o aumento do Foral da cidade. Fig.19.

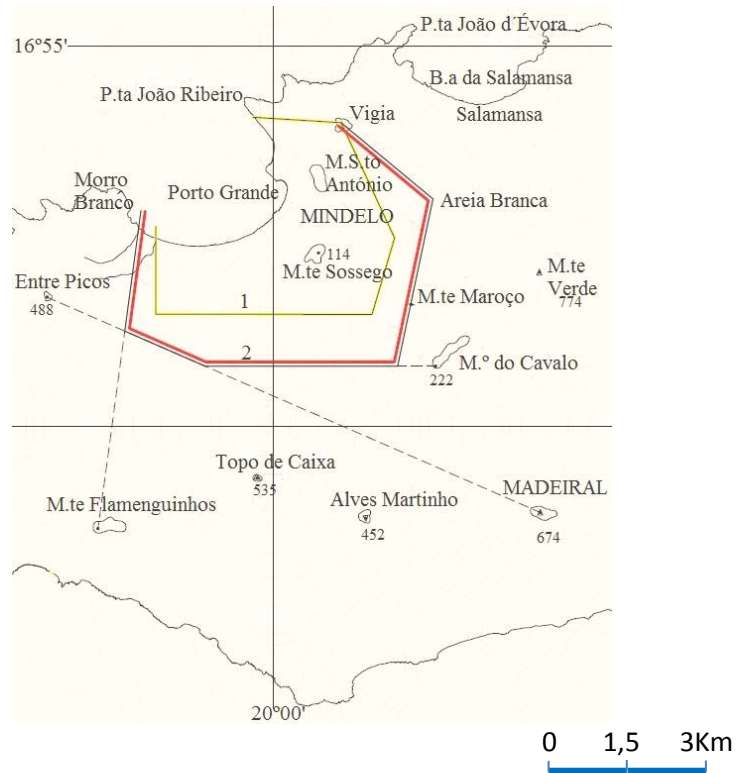


Fig. 19: Proposta para ampliação do Foral do Mindelo.

Fonte: Autor- Imagem editada; vectorização. Base de Trabalho: Caria M. E. (1970). Urbanização do Mindelo. AHU

Legenda

1- Limite do Foral pedido em 1963, embora desconheça se foi concedido - limite assimilado em amarelo; 2- Proposta de ampliação do Foral, 1970.

⁴⁶ Boletim Oficial 4/1911. SNI in MHOP. (1984). P. 68-69.

" O primeiro foral da cidade foi concebido pelo Diploma legislativo de 15 de Abril de 1926, desconhecendo-se quaes foram os limites considerado. Em 1963 foi solicitado e concebido a ampliação do foral que passa a ter limites assinalado no desenho amarelo." (Caria, 1970)⁴⁷

Neste processo de ordenamento da cidade foram elaborados vários estudos urbanísticos para a ilha e em particular para a cidade do Mindelo. Da consulta a extensa documentação relacionada a urbanização do Mindelo, constatamos a constância da temática urbanística nos anos sessenta e setenta, demarcada por dois Planos Diretores Municipais [PDM] da cidade. O primeiro elaborado em 1960 e outro em 1969. Evidencia-se também um conjunto de estudos e Planos Urbanos [PU]. De realçar os seguintes planos urbanos, elaborados para a cidade do Mindelo, do Ministério do Ultramar dos anos de 1960 a 1973:

- Planos urbanos de José Luís Amorim – Arquiteto.

1960 – O Plano Diretor Base, o Plano parcelar da Zona Marginal; o Plano Parcelar da Célula 2, Monte Sossego, Zona Desportiva, Parque e Escolas Secundárias; Habitações – exemplo de implantação no terreno. Esta última enquadra a organização, tipo, para implementação das habitações do Plano Parcelar da Célula 2, Monte Sossego e Zona Desportiva, Parque e Escolas Secundárias, em áreas de ocupação imediata. Este padrão foi repetido em diferentes planos avulsos, elaborados no período pós-independência.

- Planos urbanos de Jorge Branco Ló – Arquiteto.

1963 – O planeamento do Sector das Antigas Instalações *Miller's*; Plano Geral da Avenida Marginal.

No planeamento do sector dos Antigas Instalações *Miller's* é visível a intensão de salvaguardar a ligação da Rua do Governador Sampaio, atual Rua Unidade Africana, com a orla marítima.

Interessante também é a expansão da área de apoio ao cais acostável, enquadrada na Planta Geral da Avenida Marginal. O arquiteto apresenta uma expansão para o mar, localizadas a norte e a sul da área do cais integrada nos planos de 1960 do arquiteto José Amorim.

- Planos urbanos de Maria Emília Caria – Arquiteta.

1964 – Plano do zonamento existente; o plano parcelar da Zona Marginal – Esquema do *PIPE- LINE*;

⁴⁷ Caria, M. E. (1970). *Elementos relativos aos forais das cidades da Praia e Mindelo*. Praia, Cabo Verde: Ministério do Ultramar.

1966 – Plano Parcelar da Zona da Marginal – Esquema de *pipeline*; Arranjo da Zona Marginal do Mindelo

1968 – Os estudos e a localização do Monumento ao Poeta José Lopes.

1969 – Plano Diretor da Cidade – Fig. 20: o plano do zonamento do existente; o esquema geral das possibilidades de expansão da cidade; o plano de evolução da cidade; o plano – rede viária prevista; um conjunto de planos parcelares. Embora o Plano Diretor da arquiteta Caria não tenha sido implantado na íntegra, transformou de forma significativa diversas áreas urbanas da urbe mindelense, nomeadamente a frente marinha contígua ao atual edifício do clube náutico, anteriormente armazéns da Alfândega.

Plano Parcial da Zona Norte; Plano Parcial da Zona Sul; Plano parcial da zona Portuária

1970 – Análise ao estudo feito na província para a zona da Cruz D'João Évora, pelo arquiteto Branco Ló; Plano Parcelar da Cruz João Évora, Arruamentos e Perfis-tipo; os estudos e a localização do edifício do Palácio da Justiça; Plano Parcelar para as zonas da Chã de Alecrim, Madeiralzinho, Ribeirinha

O plano da Cruz João Évora de 1970 visa a organização das construções existentes e o enquadramento da zona na estrutura viária da cidade. Este aspeto é demarcado pelos seguintes acessos: a cidade, a sudoeste; a zona da Ribeirinha a sul; ao Madeiralzinho a norte.

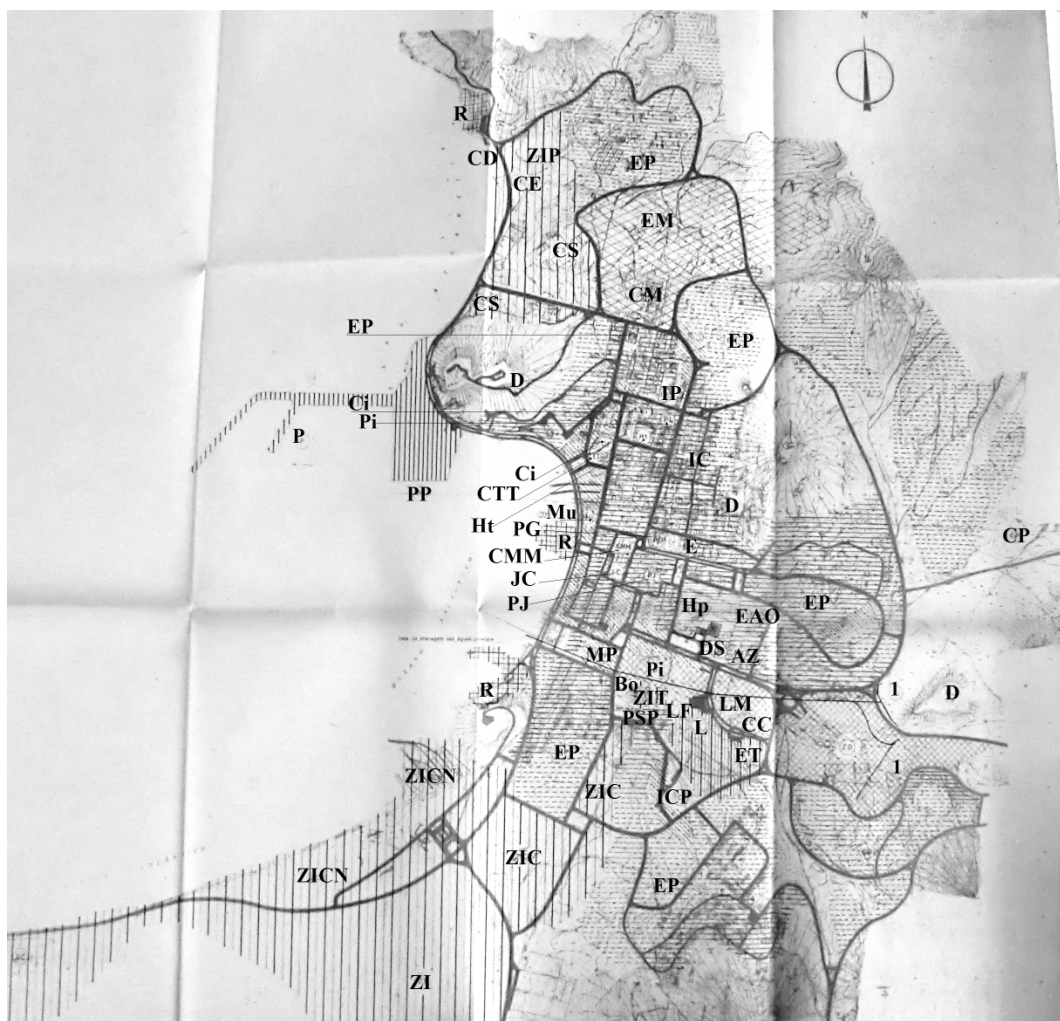
1971 – O plano com a identificação das zonas abrangidas pelos planos parcelares elaborados para a cidade do Mindelo; O arranjo dos espaços interiores aos bairros mindelenses é datado do período entre 1962 e 1971. Estes estudos enquadram essencialmente áreas de construção dispersas, contribuindo para a organização estrutural do espaço e para a expansão organizada das áreas periféricas.

1973 – Estudos para a zona da Ribeirinha; o plano parcelar para a Avenida Marginal e áreas adjacentes.

Deste conjunto dos planos da arquiteta Caria destaca-se também a intervenção na infraestruturação viária. Fig. 21. O desenho, demarcando a pavimentação/aberturas das vias de acesso as zonas mais afastadas do centro urbano, constitui as bases do traçado viário atual.

Sendo a cidade do Mindelo uma urbe ladeada por montes com inclinações iguais ou superior a 20°, nos estudos urbanísticos, a arquiteta Caria realça a importância dos espaços das ribeiras com escoamento para o mar através da área urbana, nomeadamente: a regulação e canalização da ribeira da Matiota, por forma a enquadrar em parte a vala de drenagem e "

correção torrencial, prevista pelo engenheiro Armando Lencastre em 1961" (Caria, 1969); a drenagem da zona dos Salgados e de escoamento das Ribeiras do Lameirão, Julião e da Vinha, na zona da Galé; o enquadramento dos disques de correção torrencial nos espaços das ribeiras de Areia Branca e da Pedra Rolada, previstos nos mesmos estudos do engenheiro Armando Lencastre; o estudo de uma vala de correção torrencial na base do monte de S. João; a zona de junção das ribeiras, de Areia Branca e da Pedra Rolada, seguindo-se até a orla marítima, realçada como área sujeita a inundações, sendo reservada para espaço verde da cidade. A arquiteta Caria destaca também o acesso ao aeroporto e o acesso, as áreas suburbanas da Baía das Gatas, Salamanca e Assomada da Baleia, bem como os das áreas periurbanas da Ribeira de Julião – acesso à estação rádio naval situada na zona da Ribeira de Julião, do Monte de Passarão e o do acesso ao Albergue na zona da Ribeirinha.



Esc: 1/25.000

Fig. 20: Urbanização do Mindelo. Plano Diretor, 1969- Arquiteta Maria Emília Caria.

Fonte:AHU

Legenda original:

AZ – Asilo	CS – Cabo Submarino
BO – Bombeiros	D – Depósito Água
Ci – Cinema	DC – Depósito De Combustível
CC – Centro Cultural	DS – Delegacia de Saúde
CD – Central Dessalinização	E – Escola Ciclo Preparatório
CE – Central Elétrica	EAO – Edifícios de Artes e Ofícios
CM – Comando Militar	EM – Edifícios Militares
CMM – Câmara Municipal	EP – Escola Primária
CP – Cadeia Penitenciária	ET – Escola Técnica
CTT – Correios Telégrafo E Telefone	H t – Hotel
HP – Hospital	PJ – Palácio de Justiça
IC – Igreja Católica	PP – Porto Pesca
ICP – Igreja Católica E Centro Paroquial	PSP – Policia De Segurança Pública
IP – Igreja Protestante	R – Zona De Recreio
L – Liceu	ZI – Zona Industrial
LF – Lar Feminino	ZIC – Zona Industrial Condicionada
LM – Lar Masculino	ZIT – Zona Industrial Transitória
MU – Museu	ZICN – Zona Industrial de Construção Naval
MP – Mercado Municipal	ZIP – Zona Industrial Portuária
P – Porto	1 – Zona Sujeita A Inundações
PG – Palácio Do Governo	

Estes estudos urbanísticos demarcam uma época de destaque para a resolução das problemáticas urbanísticas do Mindelo. Podemos de facto detetar que a organização de espaços interiores de alguns bairros do Mindelo enquadram áreas integradas nos estudos dos planos parcelares dos anos 60-70, em particular das zonas de Alto Mira Mar, Alto S. Nicolau, Monte Craca, Alto Santo António – 1962, Ribeira Bote – 1964, Monte Sossego – 1964, Chã de Alecrim – 1964, Bela Vista – 1964, Madeiralzinho, Cruz João Évora – 1964, Fonte Cónego – 1965 e Che Guevara – 1966. Sendo estes, inicialmente áreas de construção dispersas, os estudos dos anos 60 contribuirão não só para a organização estrutural do espaço, mas também para a expansão organizada de diferentes áreas periféricas.

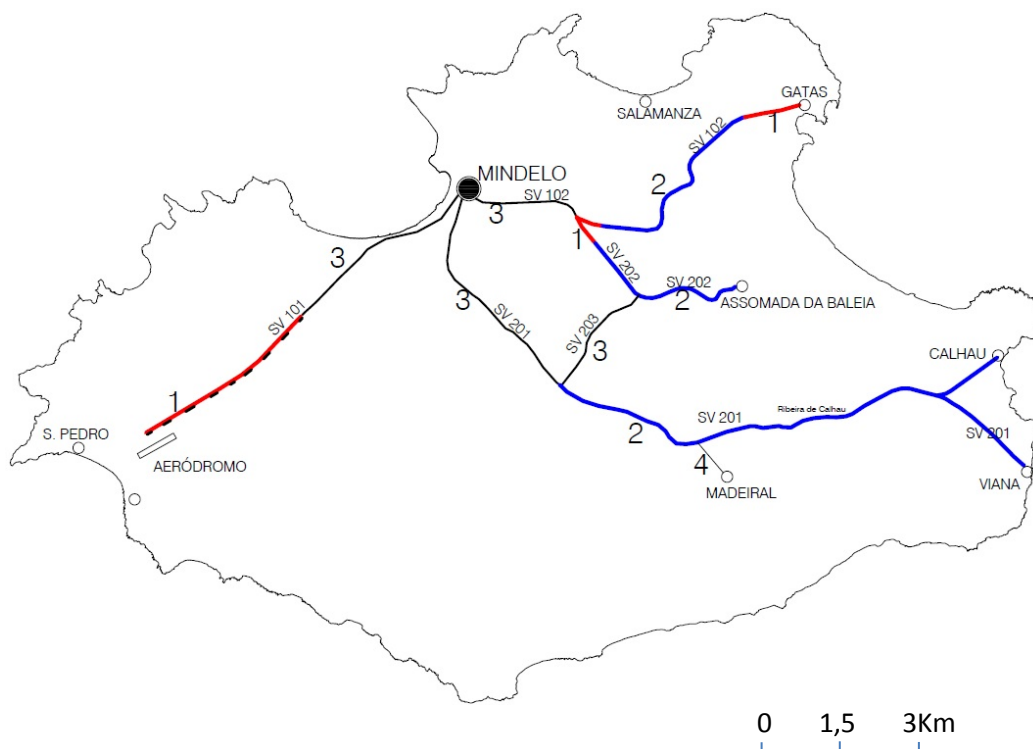


Fig. 21: Estradas de acesso às áreas suburbanas de S. Vicente. Estudos elaborados até ao ano de 1964
Fonte: Autor- vectorização do desenho da arquitecta Maria Caria; Imagem editada. Base de trabalho: Urbanização do Mindelo. AHU

Legenda

- 1- Terraplenagem anterior ao ano de 1964
- 2- Pavimentação anterior ao ano de 1964
- 3- Estradas antigas em trânsito
- 4- Terraplenagem do ano de 1964
- — — - Pavimentação do ano de 1964

Não menos relevante é a concretização de parte do plano parcelar da Marginal, demarcado pela demolição dos espaços da Companhia *Miller* e a integração dos blocos de edifícios, com planta em formato 'L', nomeadamente um bloco contíguo ao edifício do atual clube náutico e antigo armazém da alfândega e, um outro, localizado mais a Norte e nas proximidades da atual Praça Amílcar Cabral, antiga Praça Serpa Pinto. Estas construções alteraram de forma significativa a paisagem da cidade do Mindelo, essencialmente pelo corte da ligação ao mar, da atual Rua Unidade Africana, Fig. 22.

No entanto é de realçar também alguns estudos efetuados nos finais da década de cinquenta, nomeadamente: o novo plano de arranjo do Porto de S. Vicente – 1958, do Engenheiro Henrique Lapa Travassos Valdez; o arranjo do Porto de S. Vicente – 1959, da

Brigada de Fiscalização das Obras Portuárias de Cabo Verde; o plano de urbanização do Mindelo – 1959, do Arquiteto João Aguiar.



(1)



(2)

Fig. 22: Rua Unidade Africana. (1)- nos primórdios da sua formação; (2)- em 2015.

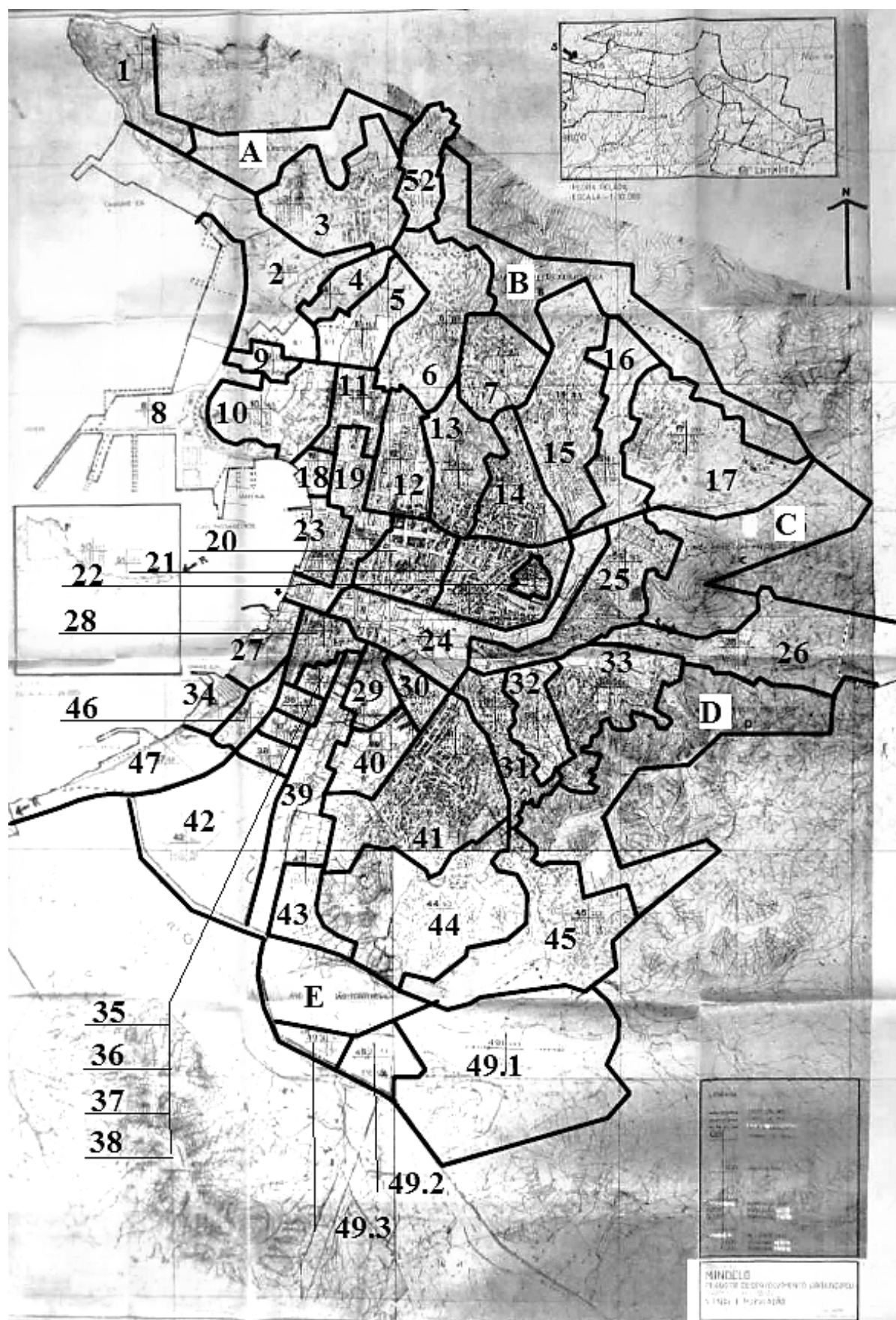
Fonte: *Blog do mindelosempre*. In, https://mindelosempre.blogspot.pt/2015_03_01_archive.html. Acedido em 25 de Janeiro de 2017.

No período pós-independência, na década de 80, foram elaborados alguns pré-planos e posteriormente em 1995, um PDM da Ilha de S. Vicente e o Plano de Desenvolvimento urbano [PDU] da cidade do Mindelo, Fig. 23. Este último, tendo como base a planta 'aerofotogramétrica' de 1982, é enquadrado em apêndice – Mapa 09.

Legenda: Mindelo – PDU, 1995. Proposta – Pud's

- | | |
|--|---|
| 1 – João Ribeiro, uma zona militar | 28 – Monte Craca IP – Igreja Protestante |
| 2 – Zona Industrial Norte, enquadrando os espaços da Mاتيota e de Santa Filomena | 29 – Ex. 'Cemitério dos Ingleses' |
| 3 – Chã de Alecrim | 30 – Bairro Holanda |
| 4 – Quartel Militar de Chã de Alecrim | 31 – Fonte Francês |
| 5 – Aldeia Guevara | 32 – Fonte Francês e Bela Vista |
| 6 – Madeiralzinho e Fonte de Meio | 33 – Bela Vista |
| 7 – Cruz João Évora | 34 – Zona ONAVE |
| 8 – Zona Portuária | 35 – Monte |
| 9 – Zona Escolar, Guevara | 36 – Campinho 1 |
| 10 – Alto S. Nicolau | 37 – Campinho 2 |
| 11 – Zona Habitacional da cidade | 38 – Campinho 3 |
| 12 – Alto Mira Mar | 39 – Zona Industrial Sul |
| 13 – Alto Solarine | 40 – Chã de Monte Sossego |
| 14 – Fonte Filipe | 41 – Monte Sossego, Loteamento Monte Sossego |
| 15 – Fonte Inês/Espia | 42 – Mindelo Sul 1 |
| 16 – Ribeirinha, zona da Cadeia Civil | 43 – Mindelo Sul 2 |
| 17 – Ribeirinha, enquadrando a zonas, Trás da Cadeia e Areia Branca | 44 – Mindelo Sul 3 |
| 18 – Zona Central, a Marginal e a zona da Praça Amílcar Cabral | 45 – Novo Fernando Pó, Fernando Pó e Ribeira de Craquinha |
| 19 – Zona Centro Comercial | 46 – Dji d' Sal |
| 20 – Fonte Cónego, Lombo e Hospital | 47 – Cova d'Inglesa enquadrando o porto de pesca |
| 21 – Ribeira Bote | 48 – Relativo ao PUD de 1982, foi cancelado |
| 22 – Ilha de Madeira | 49.1 – Lameirão 1 _ Ribeira de Julião |
| 23 – Centro Histórico | 49.2 – Lameirão 2, na zona da Ribeira de Julião |
| 24 – Chã de Cemitério e Fontinha | 49.3 – Lameirão 3 |
| 25 – Lombo Tanque e Vila Nova | 50 – Lazareto |
| 26 – Pedra Rolada | 51 – Lazareto, enquadrando a zona industrial do Lazareto |
| 27 – Zona Turística, espaços da 'Enacol' | 52 – Vila Nova em Chã de Alecrim |

A, B, C, D – Áreas de proteção urbanística; E – Área de proteção torrencial



Esc: 1/25.000

Fig. 23: Mindelo – PDU, 1995. Proposta – Pud's. Fonte: Autor. Base de trabalho: PDU, 1995, CMSV.

O PDU de 1995, resultado da revisão e complementação do PDU de 1982, compreende 52 Planos Urbanos Detalhados [PUD]’s (Papini et. al., 1995)⁴⁸, 4 áreas de proteção urbanística e uma área de proteção torrencial. Estas duas últimas encontram-se integradas com as áreas urbanas, mas não estão enquadradas nos PDU's do Mindelo.

O PDU e os respetivos PDUs, 1995, foram aprovados pela Assembleia Municipal da Ilha de S. Vicente, mas não homologado pelo Governo. O constrangimento legal, possibilitando a descaracterização de várias áreas urbanas e periurbanas, não impediu que os referidos planos constituíssem a base do crescimento urbanístico da cidade até ao ano de 2010, quando do início dos estudos para a elaboração do PDM, efetuados pelo governo de Cabo Verde. No entanto, até aos finais de 2015, este novo PDM encontrava-se por ser aprovado, e a cidade com o crescimento integrado em planos avulsos e em áreas de 'construções clandestinas'. Estes planos avulsos têm por base o PDM de 1995, de vigência inicial até ao ano de 2007 e prorrogado até ao ano de 2010. Os PUD’s de 1995 apresentam-se saturados em 2005.

Com a ocupação dos terrenos ao norte e leste a cidade estende-se por áreas suburbanas, localizadas essencialmente nos espaços ao sul e sudeste da área consolidada, ocupando áreas planas e sem vistas panorâmicas para o mar. Esta característica está presente no crescimento da cidade pelas zonas da Ribeira de Julião e do Passarão, integradas nos PUD’s de 1995 por forma a corresponder a demanda urbana e o enquadramento de áreas de construção clandestina.

Os espaços da Ribeira de Julião têm a expansão inicial em loteamentos elaborados pela Câmara Municipal, enquadrando essencialmente construções habitacionais unifamiliares, do tipo geminadas e vivendas, com um a três pisos. Esta condição é alterada com o crescimento e a demanda urbanística nos finais dos anos 2000, apresentando-se uma expansão que inclui tipologias multifamiliares e com mais de cinco pisos, essencialmente nos loteamentos privados, mas também visualizada de forma pontual em loteamentos camarários.

O enquadramento do crescimento da cidade em diferentes planos urbanos demarca o interesse constante dos agentes urbanos com as problemáticas de organização espacial. Apesar destes planos não terem sido implantados na íntegra, contribuíram para uma certa homogeneidade urbana. Porém, esta homogeneidade apresenta-se fragmentada devido à ausência da execução na íntegra dos PDM’s de 1960, 1969 e 1995, bem como da incapacidade de resposta à procura urbana, implicando o surgimento de ocupações clandestinas. Estas, por vezes, enquadradas em planos avulsos, possibilitando assim uma melhor organização do espaço

⁴⁸ Papini, L., Papini, B., Asplund, G., Femenias, P., Andersson, G., Jansson, I., et. al., (1995). *Plano Diretor Municipal [PDM] da ilha de S. Vicente- Plano Desenvolvimento Urbano [PDU] da cidade do Mindelo*. S. Vicente: Direcção Geral do Ordenamento do Território - Câmara Municipal de S. Vicente.

urbano. Na figura 24, embora com alterações inerentes ao desenvolvimento, podemos visualizar algum espaço urbano enquadrado no traçado destes planos:

- Imagem à esquerda – o traçado da Avenida 12 de Setembro, a Avenida da Holanda em Chã de Monte Sossego/Monte Sossego, os campos de futebol, os tanque da Vila Nova, etc.
- Imagem à direita – o traçado da Avenida Marginal, e uma parte da zona do Alto S. Nicolau.



Fig. 24: Vistas panorâmicas do Mindelo, 2009.

Fonte: Google Earth. In, In, <http://www.panoramio.com/photo/>. Acedido em 26 de Janeiro de 2016.

Nos últimos anos, S Vicente e a sua cidade do Mindelo tem sido alvo de algumas obras a nível de infraestruturação e acessibilidades, Fig. 25-26. Porém, alguma construção desorganizada, expandindo a cidade pelas encostas e vales, ocupando áreas destinadas ao lazer e zonas de risco, em detrimento a áreas livres e verdes urbanas, têm contribuído para a descaracterização da ilha de S. Vicente no geral e em particular da cidade do Mindelo.



Fig. 25

Fig. 25: Zona da praia da Lajinha – atual. Fonte: Blog do mindelosempre. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2014/04/0807-enquanto-o-administrador-nao-volta.html>. Acedido em 15 de Janeiro de 2017.



Fig. 26

Fig. 26: Praia Grande – atual. Fonte (Fig. 26): Blog do palo. In, <http://divablogdopalo.blogspot.pt/2011/05/fotos-lindas-da-minha-terra.html>. Acedido em 15 de Janeiro de 2017.

2.2.1.Evolução demográfica

Mesmo após os importantes momentos de desenvolvimento urbano, interligados com as diversas crises urbanas e portuária, a ilha de S. Vicente teve sempre um crescimento populacional consistente. (ver gráficos I e II).

Porém, este crescimento assumiu contornos diferentes ao longo dos tempos, decorrente particularmente das epidemias e fomes que assolaram o país, geralmente enquadrados em períodos de seca, bem como a forte corrente de emigração dos finais dos anos sessenta e na década de 60 e 80.

Nos anos 20 do século XIX, então povoado D. Leopoldina, inicia-se o período de crescimento da população depois das vãs tentativas de povoamento da ilha. Apesar da fome de 1831 a 1833, no qual a população da ilha passou de 200 para 350 pessoas, em 1840, a Vila do Mindelo cresce para 400 pessoas, e em 1840/49 para 553 indivíduos (MHOP, 1984).

No entanto é com o início do interesse dos ingleses pela ilha, particularmente pela sua baía protegida, que o crescimento populacional tornar-se mais expressivo. Segundo a mesma fonte, em 1855 a ilha contava com uma população de 1.350 habitantes. O crescente crescimento da população da ilha teve um decréscimo significativo no ano de 1856, quando do flagelo da cólera mórbus, reduzindo assim, a sua população para 705 pessoas. Todavia, a relevância das companhias de carvão e das atividades afins da época contribuíram para uma rápida recuperação da urbe, atingindo-se em 1858 uma população de 1.141 pessoas, distribuída por 170 habitações.

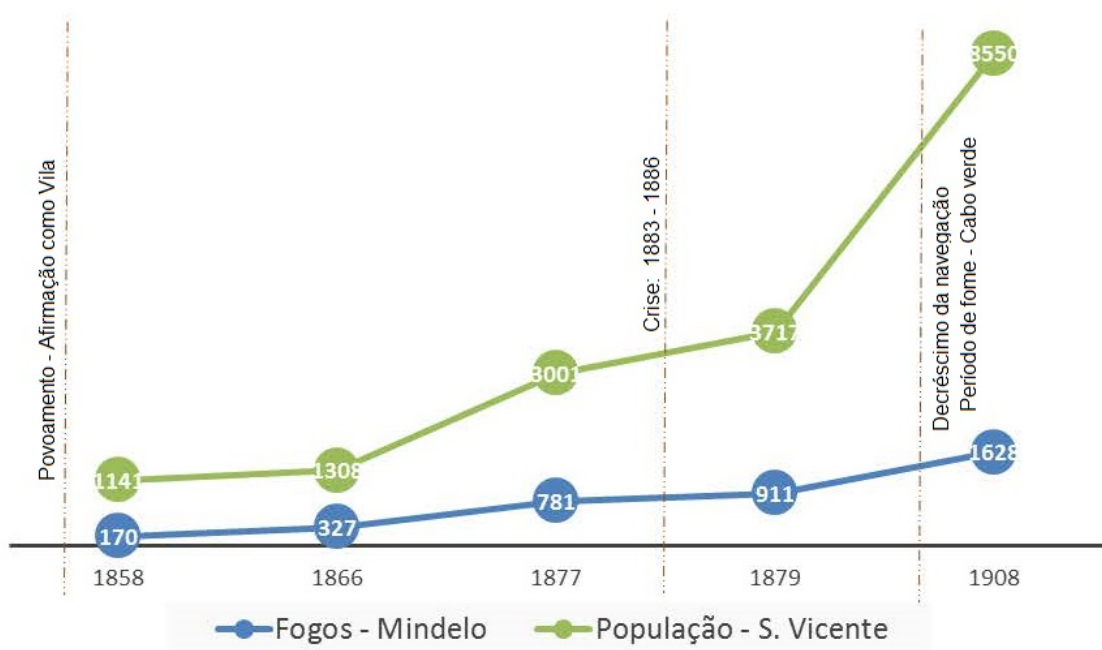
No período de expansão das companhias carvoeiras é evidente o desenvolvimento de atividades comerciais relacionadas ao negócio portuário, transmitindo não só um rápido crescimento populacional, mas também um modo de crescimento populacional essencialmente urbano. Este acha-se em torno do desenvolvimento do Porto Grande, sendo maioritariamente masculina. "A partir de 1877 (até à década de 1890) havia mais homens que mulheres no Mindelo, isso devido ao estabelecimento da *Cory Brothers & Co*" (MHOP, 1984, p. 33).

A população, em 1860, de 1.141 habitantes, aumenta em 1871 para 1.817 pessoas e para 3.717 no ano de 1879. Nos anos de 1860, 1866, 1877 e 1879, o número de fogos aumentou de 236 para 327, 781 e 911 respetivamente. Mesmo com a crise de 1883 e 1886 a ilha viu a sua população crescer para 6.561 habitantes, em 1889.

Da análise ao gráfico I/quadro I podemos constatar que a evolução urbana inicial, até inícios dos anos de 1900, tem um crescimento consistente, sendo o período 1877-1879 o mais

florescente. A crise económica de 1883-1886 e a fome que assolou o país nos anos de 1883 e 1886 não constituíram obstáculo para a imigração de gentes das ilhas vizinhas, e consequentemente, um crescimento urbano relevante entre 1877 e 1879. A prosperidade do Porto Grande de 1888 a 1889 contribuiu para um acréscimo populacional significativo. Neste intervalo, a população da ilha cresce de 5.647 para 6.561 habitantes, sendo proporcional ao número de fogos.

Gráfico I: A relação entre os fogos e a população: 1858-1908



Fonte: Autor. Base de trabalhos: MHOP, 1984; Ramos A. M., 2013.

Quadro I - A relação entre os fogos e a população: 1858-1908

	Anos				
	1858	1866	1877	1879	1908
População da Ilha de S. Vicente	1.141	1.308	3.001	3.717	8.550
Fogos- Mindelo	170	327	781	911	1.628

Fonte: Autor. Base de trabalhos: MHOP, 1984; Ramos A. M., 2013

Após altos e baixos nos índices de crescimento populacional, em 1891, início do decréscimo do tráfego marítimo, e nos primeiros anos de 1900, período de fome em Cabo Verde,

a ilha chega a 8.780 habitantes em 1900. "Em 1910 a população ultrapassa oficialmente pela primeira vez o limite de 10.000 habitantes." (MHOP, 1984, p. 59).

A estagnação e crise portuária não foram obstáculo para o crescimento populacional de S. Vicente. A partir desta época inicia-se um crescimento sucessivo, desligado do desenvolvimento da navegação. Porém, realça uma pequena redução da população mindelense em 1929-1930, coincidente com o período de depressão económica capitalista, (MHOP, 1984). Segundo a mesma fonte, dos 14.639 residentes em 1920, a população viria a reduzir para, 12.887 pessoas no ano de 1930. (MHOP, 1984, p. 84).

Destacam-se nos quadros II e III, do Instituto Nacional de Estatística [INE] de Cabo Verde, alguns dados da evolução da população residente na ilha de S. Vicente nas décadas entre 1940 e 2010 e, a população urbana do Mindelo nos anos de 1990, 2000 e 2010. Mindelo tem os censos da sua população urbana geralmente associada a população residente na ilha de S. Vicente.

Quadro II: Evolução da população da Ilha de S. Vicente, 1940-2010

	Anos							
	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
S. Vicente	15.848	19.576	20.705	31.578	41.594	51.277	67.163	76.140

Fonte: INE (2010)⁴⁹

Quadro III: Evolução da população residente urbana, segundo censos de 1990-2010

	Anos		
	1990	2000	2010
Mindelo	47.109	62.497	70.468

Fonte: INE (2010a)⁵⁰

Da análise destas tabelas constata-se um renascimento populacional pouco expressivo, mas firme, a partir do ano de 1940, estando particularmente relacionada à migração interna. Este "assume fundamentalmente a forma de êxodo rural direcionado para os principais polos de desenvolvimento, nomeadamente, as cidades da Praia e do Mindelo" (INE, 2010a).

Segundo dados dos estudos sobre a urbanização do Mindelo do arquiteto José Amorim, em 1960 a cidade tinha uma população urbana composta aproximadamente por 17.061

⁴⁹ Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010). Evolução da população residente em Cabo Verde por ilha Concelho (1900-2010). *Recenseamentos de População 1900-2010. Praia*. Acedido a 5 de Abril, 2016 de INECV em <http://bdmi.ine.cv/>.

⁵⁰ Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010a). Evolução da população residente urbana por Ilha e Concelho, segundo censos de 1990-2010. *Censos 1990, 2000 e 2010*. Praia. Acedido a 28 de Abril, 2016 de INECV em <http://www.ine.cv/>.

indivíduos. No desenho da ocupação populacional do Mindelo por agrupamento de sectores do ano de 1960, em anexo, destaca-se o seguinte: 476 pessoas, na base sul do monte Fortim, zona do Alto S. Nicolau estendendo-se pelos espaços do bairro central a leste até a Avenida 5 de Julho, seguindo-se em direção ao mar a partir da intercessão da transversal com a Rua Angola e os espaços ocupados a norte da atual Rua Izidoro Martins; 586 pessoas, nos espaços enquadrando a área do bairro central localizado entre a Avenida 5 de Julho a oeste e as ruas do Izidoro Martins a norte e Patrice Lumumba a sul, estendendo-se para a parte norte do bairro do Alto Mira Mar; 1.446 pessoas, na área urbana entre a Avenida 5 de Julho a oeste, as ruas Patrice Lumumba a norte, Libertadores de África seguindo-se a Rua Franz Fanon a partir do Palácio do Povo, à sul e a restante área do bairro do Alto Mira Mar; 2.544 habitantes, nos espaços urbanos compreendidos entre a área central da orla marítima integrante da urbe ao oeste, as ruas Libertadores de África e Franz Fanon a norte, estendendo-se para o Sul até a Rua do Figueiredo de Barros, enquadrando a zona da Praça Estrela, o quarteirão dos campos de Ténis do Mindelo e o quarteirão dos atuais polivalentes do Amarante e da Shell. Nestes espaços, esta ocupação desvia-se para leste, seguindo a Avenida 12 de Setembro até a interseção desta com a Rua Celso da Silva Leão, junto ao Lar Nhô Djunga no bairro da Ribeira Bote, até interceder a Avenida Capitão Ambrósio, seguindo-se para oeste até a Travessa do Dispensário, seguindo-se a direita até a interseção com a Rua Franz Fanon.

A ocupação urbana localizada a sul do monte Fortim expande-se também pelos espaços da atual zona Militar.

Nos espaços urbanos periféricos encontravam-se: 2.138 pessoas ocupavam os espaços da zona Monte Craca, Dji d' Sal, Chã de Cemitério e Chã de Monte Sossego; 33 habitantes, na zona da Matiota; 19 pessoas no bairro do Che Guevara, estendendo-se para o sul até ao quarteirão da Escola Técnica enquadrando os edifícios deste e do Cabo Submarino; 587 habitantes, nos espaços do bairro de Chã de Alecrim; 636 pessoas, distribuídos entre os bairros do Fonte Meio/Madeiralzinho e Cruz João Évora; 2.456 habitantes, espalhados pelos espaços dos bairros do Alto Solarine/Forca e Fonte Filipe ao norte, e também pela parte sudeste do bairro do Fonte Cónego e parte norte do bairro da Ribeira Bote; 2.257 residentes nos espaços, centro e sul da zona da Ribeira Bote; 125 habitantes espalhados entre as zonas do Fonte Filipe, Fonte Inês/Espia, espaços nordeste da Ribeira Bote, e uma pequena área nos espaços sudestes da zona da Ribeirinha; 1.362 habitantes, repartidos pelos espaços ocupados nos bairros da Bela Vista/Pedreira, Fonte Francês, e pequenas áreas nas zonas da Torrada e Vila Nova/Lombo

Tanque; 2.348 pessoas, na zona do Monte Sossego; 50 habitantes nos espaços dos bairros do Campinho e Zona Industrial Sul.

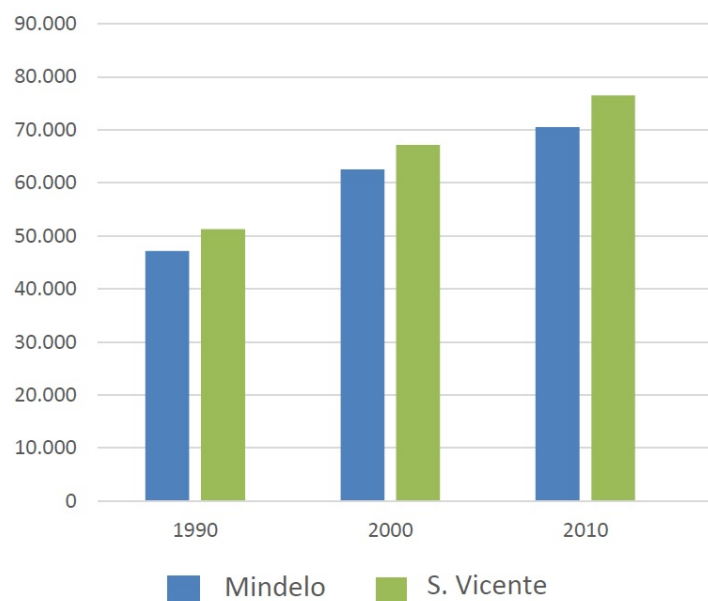
A ocupação urbana da zona do Monte Sossego expande-se de forma significativa para a zona do Fonte Francês

Esta expansão pelos bairros periféricos é relevante nas áreas mais altas e com boa visibilidade do mar, nomeadamente, as zonas do Monte Sossego e Alto Solarine/Forca. Ambos com mais de 2.000 habitantes. Este valor é aproximadamente igual aos habitantes da área central do Mindelo, mas com uma ocupação de terreno muito inferior.

Do exame da relação da população do Mindelo com a da ilha de S. Vicente, constata-se que em 1960 a cidade alberga mais de 82% da população da Ilha.

O gráfico II é resultante da análise dos quadros II e III. O período temporal deste gráfico está relacionado com a falta de dados consistentes, relativos a população residente em Mindelo nas décadas anteriores à 1990, salvo os dados iniciais demarcados no gráfico I e, posteriormente, alguns dados, já citados, demarcados nos estudos urbanísticos do Mindelo.

Gráfico II: Crescimento populacional do Mindelo e da Ilha de S. Vicente, 1990-2010



Fonte: Autor. Base de trabalhos: INE. (2010).

Quadro IV - Crescimento populacional do Mindelo e da Ilha de S. Vicente, 1990, 2000 e 2010

	Anos		
	1990	2000	2010
População residente na Ilha de S. Vicente	51.277	67.163	76.140
População urbana da Ilha de S. Vicente – Mindelo	47.109	62.497	70.468

Fonte: Autor. Base de trabalhos: INE (2010, 2010a)

A interação dos gráficos I e II possibilita a compreensão do nexo histórico da evolução demográfica, com a importância do Mindelo no contexto geral de S. Vicente.

Pôde-se constatar que a essência maioritariamente urbana, sentida no período de expansão das companhias carvoeiras, mante-se ao longo do crescimento da urbe mindelense.

Nos últimos anos a ilha continua com um crescimento constante, embora pouco significativo, como podemos constatar no quadro IV. Podemos aqui observar como a génese do Mindelo, essencialmente urbana, prolonga-se até a atualidade, sendo S. Vicente, uma ilha/cidade.

Quadro V: Evolução da população residente e a densidade populacional de S. Vicente, entre os anos de 2011 e 2015.

	Anos				
	2011	2012	2013	2014	2015
População residente	77.389	78.325	79.241	80.140	81.014
Densidade Populacional-Habitantes/ Km ²	340,92	345,04	349,08	353,04	356,89

Fonte: INE (2015).

2.3. A Caracterização e a Paisagem Urbana do Mindelo

O espaço urbano da cidade, subjetivamente centrado no seu centro histórico, desenvolve-se como o eixo de organização geral do ambiente urbano do Mindelo e da ilha de S. Vicente. Os seus principais pontos de referência estão ligados à água e a Baía do Porto Grande envolvida por uma avenida – a Avenida Marginal, delimitada a norte pela construção dos edifícios da ENAPOR, e a sul, pelos depósitos de combustível da Enacol. Esta é incompleta devido a presença de barreiras naturais e construtivas, a Noroeste e a Sul da mesma, mas com a vantagem de sair dos seus limites em direção a artérias periféricas, pela interseção de vias estruturantes que possibilitam a penetração do elemento água, para além da frente marinha, em quase toda a extensão do perímetro histórico e patrimonial. Porém, excetuando a Rua Unidade Africana, interrompida pela construção do quarteirão anexo ao atual Clube Náutico – espaço da antiga instalação da Companhia Carvoeira *Millers & Cory*. Esta característica relevante da urbe mindelense perde-se com o processo do crescimento urbano, não conseguindo suplementar a essência inicial.

A parte histórica, elevada a Património Nacional, possui como características básicas e essenciais a orientação e o sentido de pertença do lugar, tornando-o facilmente identificável

e apresentando as propriedades elementares, o "centro e lugar, direção e trajeto e a área e domínio" (Muga, 2005, p. 87).

Mindelo tem na sua morfologia, o enquadramento e a partilha da zona patrimonial e histórica com o todo, conferindo-lhe um sentido identitário característico e único. É demarcado pelos seguintes elementos referenciais:

- 1- A Baía do Porto Grande, abraçando a cidade de forma aconchegante
- 2- O Monte Cara – o guardião do Mindelo, visualizada de qualquer ângulo da cidade, conferindo-lhe uma identidade própria
- 3- As ruas com escala humana, essencialmente na zona central/histórica e atualmente elevada a categoria de Património Nacional, proporcionando perspetivas panorâmicas
- 4- A arquitetura harmoniosa do centro urbano, dando um equilíbrio e enquadramento à cidade
- 5- Os montes envolventes, possuidores de cores e silhuetas diversificadas
- 6- As ribeiras particamente secas, mas causadoras de perigo iminente quando chove
- 7- O azul do mar em contraste com a terra árida.

Esses elementos de referência do Mindelo relacionam-se entre si e com a paisagem, conferindo à imagem urbana uma qualidade essencial, de lugar identificável e único, o que permite a visualização das fragilidades existentes, *a priori* identificadas: o leito das ribeiras ocupadas inicialmente por construções precárias e atualmente por construções de caráter definitivo; a escassez ou quase ausência de espaços verdes e livres urbanos indispensáveis na resolução de várias problemáticas urbanas; os espaços públicos – especialmente as praças, apresentando-se intransitáveis por, a maioria não se localizar a nível do passeio, mas com acesso através de degraus e rampas. Como fragilidades podemos constatar, também, a perda das perspetivas panorâmicas da cidade não só pela construção de barreiras visuais, mas também devido ao crescimento urbano desenraizado dos elementos característicos e identitários da sua paisagem.

A paisagem urbana da cidade é realçada pela enseada, ladeada por montes, tendo, na sua baía o escoamento de diversas ribeiras. As ribeiras de Vinha, de S. João e do Lameirão, localizadas a sul da cidade, escoam para a praia da Galé. As ribeiras, da Pedra Rolada, Areia Branca e Paúl – área de interseção das ribeiras da Pedra Rolada e da Areia Branca – Fig. 27 - 28, têm o seu escoamento, na zona central, anexo à Praça Estrela – antigo Largo da Salina. A ribeira da Mاتيota, a norte, escoam na zona da Lajinha.



Fig.27- anos 40



Fig.28 - 2007

Fig. 27: Ribeira do Paul. Fonte: *Blog do Manuel Paris*. In, <http://www.fotolog.com/manuelparis/48431526/>. Acedido em 9 de Março de 2017;

Fig. 28: Rua dos Selesianos (anteriormente espaços da Ribeira do Paul). Fonte: Google Earth. In, https://www.panoramio.com/user/761224?photo_page=4

2.3.1.O bairro central e histórico

A área central é caracterizada por espaços de trajetos singulares, com vias paralelas à água e intersetadas por outras, possuidoras de vistas panorâmicas da Baía do Porto Grande, por caminhos de direção a percursos interessantes, por vias que possibilitam uma viagem pela urbe central sem perder a essência de um dos seus elementos mais fortes – o Monte Cara, localizado no extremo sul da Baía protegida. Fig. 29.



Fig. 29: Vista panorâmica da área central do Mindelo, 2015.

Fonte: Autor.

A estrutura urbana do centro do Mindelo é dominada maioritariamente pela atividade humana, distribuída por ruas de organização ortogonal e de uma arquitetura de base colonial de caris harmonioso, expandindo-se para a sua periferia proxima.

Trata-se da zona que reflete a essência urbana da ilha, enquadrando marcos arquitetónicos e paisagísticos de referência. Estes, elementos essenciais na transformação da forma urbana no tempo e no espaço, constituem a base de compreensão lógica da organização espacial.

Mindelo tem na sua arquitetura a marca identitária do lugar, espelhada essencialmente no centro histórico, hoje Património Nacional.

Realçando os versos '*Quem cá conchê Mindel, cá conchê Cabo Verde*'⁵¹ remetem para a existência do sentido do lugar incutido na imagem urbana desta cidade do Mindelo, que enquadra de forma harmoniosa a relação entre as arquiteturas inglesa e portuguesa, resultando numa 'arquitetura Mindelense', ou seja, no conjunto das diferentes culturas arquitetónicas com a paisagem natural e humana do Mindelo. Essa expressividade arquitetónica é sentida não só na monumentalidade de alguns edifícios quando isolados, mas também na grandeza do conjunto urbano da cidade, interrelacionando edifícios, espaços públicos e paisagem urbana, tendo no Monte Cara a referência indissociável deste conjunto. Embora a monumentalidade, marcada em alguns dos seus edifícios, apresenta características simples é relevante no contexto geral do conjunto urbano, sendo realçada nos seguintes espaços centrais e identitários da urbe mindelense':

- Praças e Largos – Praça Amílcar Cabral; Praça da Doutora; Praça Nhô Roque; Largo do Palácio; Praça Zimbabwe; Praça Dom. 'Luiz'⁵²; Pracinha da Igreja; Praça Baltazar Lopes da Silva; Praça Dr. Regala; Largo do Madeiral; o antigo Largo William du Bois⁵³; Praça Estrela; Ruas contornando, de NW a SE, o edifício do Mercado de verduras; Largo Madina do Boé; Praça José Lopes; Largo da Paz; Praça Estrela. (ver quadro VII).

- Ruas que atravessam os espaços centrais e históricos do Mindelo em toda a sua extensão – Avenida da Republica «Rua da Praia» + Avenida Marginal; Rua de S.^{to} António + Avenida 5 de Julho; Rua do Douro + Via que atravessa a Praça Estrela + Rua da Luz + Via

⁵¹ Verso da música '*Esse país*' de autoria de Manuel d'Novas. Em língua crioula de S. Vicente - '*Quem cá conchê Mindel, cá conchê Cabo Verde*'. Tradução para a língua portuguesa – Quem não conhece Mindelo, não conhece Cabo Verde.

⁵² Designação original – Luís terminado com 'z'. Com a reconstrução da praça, esta passa a ser demarcada com escrita atual- Luís.

⁵³ Este largo, situado a sul do edifício do Madeiral, é também designado de Largo do Madeiral. O edifício do Madeiral enquadra dois largos, um a norte e outro a sul.

anexa a Pracinha da Igreja – com ligeiro desvio junto ao edifício da igreja + Rua Senador Vera Cruz; Rua Suburbana + Largo do Madeiral + Rua Jaime Mota + Avenida Dr. Baltazar Lopes; Rua Unidade Africana, embora delimitada por um conjunto de edifícios contíguos à Avenida 5 de Julho; Travessa da Praia. (ver quadro VI).

Este conjunto, de vias, largos e praças, cria um ambiente urbano de desenho e construção facilmente reconhecidos, representado pelo padrão unificado dos seus elementos arquitetónicos e da interação com meio. Estas características são relevantes nos conjuntos arquitetónicos/urbanos, da Rua Libertadores de África, da Pracinha da Igreja, da Praça Amílcar Cabral, etc. Fig. 30-31.



Fig. 30



Fig. 31

Fig. 30: Rua Libertadores de África, 2012. Fonte: Autor.

Fig. 31: Pracinha de Igreja, 2015. Fonte: Blog do arrozcatum. In, <http://arrozcatum.blogspot.pt/2015/09/>. Acedido em 3 de Setembro de 2017.

A área central/histórica tem uma imagem arquitetónica essencialmente da época tardio-oitocentista, sendo a expansão edificativa/urbana relevante nas últimas décadas de XIX e início do século XX. Destes, destacamos as seguintes:

- Fortim d' El Rei, 1852 – 1853, Fig.32.



(1) –Anos 40



(2) –Ano 2000

Fig. 32: Fortim d' El Rei.

(1)- Fonte: *Blog do mindelsempre*. In, <https://mindelsempre.blogspot.pt/2014/05/>. Acedido em 24 de Abril de 2017; (2)- Fonte: CMSV, 2002

Este edifício de arquitetura militar e localizado no monte Fortim é a construção mais antiga da cidade. Trata-se de uma construção modesta, e construída para a defesa do Porto Grande, embora tenha albergado a cadeia civil da ilha nos anos de 1930 a 1970.

- Igreja da Nossa Senhora da Luz, 1853 – 1863, Fig.33.

Segundo MHOP (1984), os trabalhos de construção da igreja iniciaram-se em 1851, sendo no entanto sujeita a modificações no ano de 1852.

O edifício da Igreja da Nossa Senhora da Luz foi construído em várias fases.

Em 1853 o edifício era composto apenas pela sacristia, e pela capela-mor, embora esta encontrasse por terminar. Porém, é com o começo das obras públicas, 1857-59, que foram efetuadas obras de remodelação e construção do corpo da igreja, sendo concluída em 1863.

Nos últimos anos o edifício foi sujeito a obras de ampliação, particularmente no tardo do edifício.



(1)- Sem data



(2)-2012

Fig. 33: Igreja da Nossa Senhora da Luz.(1)Sem data; (2) em 2012.

Fonte: Blog da Praia de Bote. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2014/05/>. Acedido em 24 de Abril de 2017.

- Alfândega Velha, 1858-1861, Fig.34.

O edifício da alfândega Velha do Mindelo, uma das mais antigas instituições da urbe, teve as suas obras iniciadas quando da elevação do Mindelo a categoria de Vila. Esta obra concluída em 1861, teve as suas instalações ampliadas, na parte traseira, em 1880-82. O edifício funcionou como Alfândega até ao ano de 1976, depois de 115 anos, albergando atualmente o Centro Cultural do Mindelo [CCM].

Na figura 34 (1) contatamos a acuidade de preservação da imagem do elemento água para os espaços interiores, sendo a construção de apoio à ponte-cais localizado por forma a não interromper a perspetiva marinha.



(1) – Sem data



(2)- 2011

Fig. 34: Alfândega Velha

(1)- Fonte: *Blog da mindelsempre*. In, https://mindelsempre.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html. Acedido em 13 de Abril de 2017; (2)- Fonte: *Blog do Brito Semedo*. In, <http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/2011/03/?page=26>. Acedido em 20 de Julho de 2014.

- Câmara Municipal do Mindelo, 1862- 1873, Fig.35.

Neste edifício funcionava inicialmente a "Câmara Municipal, Tribunal Judicial, Cadeia Civil e escolas de instrução primária." (MHOP, 1984, p. 115).



(1)-Sem data



(2)-2016

Fig. 35: Camara Municipal de S. Vicente

(1)- Fonte: *Blog do Mindelsempre*. In, https://mindelsempre.blogspot.pt/2014_06_01_archive.html. Acedido em 3 de Abril de 2017; (2)-Fonte: Pagina da internet do NetworkContacto. In, <http://beta.networkcontacto.com/visaocontacto/Lists/Posts/Post.aspx?ID=1999>. Acedido em 03 de Setembro de 2017.

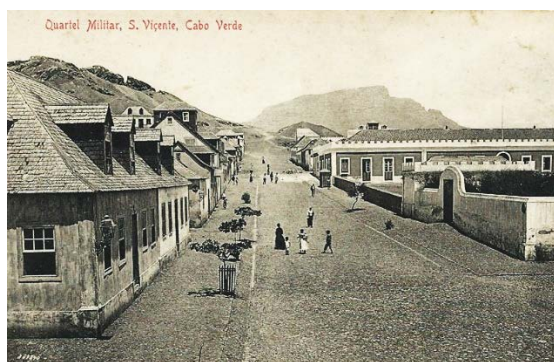
De construção iniciada de 1862, segundo a mesma fonte, o edifício do Paços do Concelho só viria a ser concluído em 1873, consequência dos diferentes intervalos por falta de meios financeiros. Após a independência, foram elaboradas obras de ampliação no tardoz do edifício.

Na fotografia a esquerda – 35 (1), visualiza-se a existência de um coreto nos espaços em frente ao edifício do Paços do Concelho.

De realçar que o coreto é visualizado em fotos da Pracinha de Igreja de 1909, mas ausente nas de 1932.

- Antigo Quartel Militar/Correio, 1859 – 1921, Fig. 36.

O edifício que alberga atualmente a instituição de ensino superior, M_EIA. Destaca-se como uma das primeiras obras pública do Mindelo. O quartel, inicialmente composto por um único piso e enquadrando o Largo da Parada, teve as suas obras concluída em 1873. Fig.36



(1)-1908

(2)- 2017

Fig. 36: Antigo Quartel Militar/Correio

(1)- Fonte: Pagina da Macrofilia de Cabo Verde. In, http://www.marcaspostais.com/Cabo_Verde.html#swipebox. Acedido em 18 de Dezembro de 2017; (2)- Fonte: *Blog do Brito Semedo*. In, <http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/2017-ano-de-eugenio-tavares-de-baltasar-568659>. Acedido em 20 de Julho de 2014.

Em 1921 foi aprovado a instalação, neste edifício – então chamado de Quartel do Corpo da Policia e Guarnição, do Liceu Nacional D. Henrique. Contudo, neste mesmo ano, iniciaram-se as obras do piso superior, para a instalação da Repartição Superior dos Correios e Telégrafos, cujas obras terminaram no ano de 1924. Em 1927-28, os espaços do liceu foram ampliados para a parte traseira, tendo as obras sido concluídas em 1932. As construções à leste do corpo principal foram efetuadas nos anos 50, adquirindo o edifício a configuração atual.

Nesse processo de transformação, o Largo da Parada que anteriormente era fechado ao público, passou-se a espaço de lazer, denominado de Largo do Liceu ou Pracinha do Correio, embora a designação oficial fosse Praça do Dr. Duarte Silva. MHOP (1984)

- Palácio do Povo, 1858 – 1934, Fig.37.

O antigo Palacete do Governo ou casa do Estado-maior foi inicialmente constituído por único piso, concluído em 1874.

Segundo MHOP (1974), a construção foi eventualmente iniciada em 1858.

Destaca-se hoje pelos vãos redondos e silhueta clássica dos seus pilares e pórtico em betão, resultante das obras de elevação do 2º piso, 1928-1934.



(1)- Sem data



(2)- 2016

Fig. 37: Palácio do Povo.

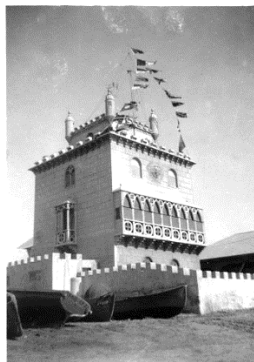
(1)- Fonte: *Blog do mindelsempre*. In, <https://mindelsempre.blogspot.pt/2014/05/>. Acedido em 24 de Abril de 2017; (2)- Fonte: Pagina da internet do NetworkContacto. In, <http://beta.networkcontacto.com/visaocontacto/Lists/Posts/Post.aspx?ID=1999>. Acedido em 03 de Setembro de 2017.

- Réplica da Torre de Belém «Antiga Capitania dos Portos», 1918-1921, Fig.38.

Segundo MHOP (1984), este edifício, também designado de Torre do Mindelo, só ficou completamente construído em 1937, quando da conclusão dos respetivos anexos. A escada semicircular, inicial, enaltecendo a entrada principal do edifício da Capitania dos Portos, foi eliminada com as obras da via contígua. Após as obras de restauro/requalificação a réplica da Torre de Belém em Mindelo passa a albergar, anos mais tarde, o Museu do Mar,



(1)- Sem data



(2)-Anos 40



(3)- 2017

Fig. 38: Torre do Mindelo

(1)- Vistas, frontal e lateral esquerda. Fonte: Pagina da internet do Flickr. In, <https://www.flickr.com/photos/fpc-cdi/27596331220/in/album-72157669134435200/>. Acedido em 18 de Dezembro de 2017; (2)- Vista, posterior e lateral esquerdo. Fonte: *Blog de sanvicnete*. In, <http://saovicnete.blogs.sapo.cv/2010/08/>. Acedido em 11 de Março de 2017.; (3)- Vistas, frontal e lateral esquerdo. Fonte: *Blog do mindelsempre*. In, <https://mindelsempre.blogspot.pt/2014/02/0731-comemoracoes-do-3-aniversario-do.html>. Acedido em Acedido em 03 de Setembro de 2017.

- Mercado Municipal, 1930-1933, Fig.39.

Inicialmente os espaços do mercado da ilha encontravam enquadrados em um espaço vedado e ladeado pelo Largo do Albuquerque.

Em 1877, ainda com um piso e enquadrando um poço nos seus espaços centrais, o mercado era composto por quatro pavilhões destinados a venda de carne, peixe, verduras, etc. MHOP (1984).

A construção do edifício do mercado iniciou-se no ano de 1874, mas o seu aspeto atual é o resultado das alterações efetuadas nos anos de 1930-33 – quando da ampliação dos seus espaços, nomeadamente a construção do piso superior.



(1)- sem data



(2)- 2016

Fig. 39: Mercado Municipal

(1)- Fonte: Pagina da Macrofilia de Cabo Verde. In, http://www.marcaspostais.com/Cabo_Verde.html#swipebox. Acedido em 18 de Dezembro de 2017. (2)- Fonte: Pagina da internet do NetworkContacto. In <http://beta.networkcontacto.com/visaocontacto/Lists/Posts/Post.aspx?ID=1999>. Acedido em 03 de Setembro de 2017.

- Monumento alusivo a primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul em 1922 e os espaços adjacentes, Fig. 40.

Este marco identitário da cidade, vulgarmente designado de '*poss*'⁵⁴, localizado junto ao edifício da Alfândega Velha e contíguo à orla marítima, foi erigido em 1922 em celebração da passagem por Mindelo dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral quando da Travessia do Atlântico Sul.

Inicialmente o monumento encontrava envolvida por uma esplanada. Com o crescimento urbano, este aspeto característico da orla inicial, visando o embelezamento dos seus espaços, é alterado. A área contígua ao monumento foi alterando com o passar dos anos.

Atualmente o monumento encontra envolvida por uma pequena rotunda e visualmente desligada da linha física do mar. A pequenez do espaço contíguo e a conjuntura da área envolvente não permite uma relação direta com este elemento de referência do Mindelo.

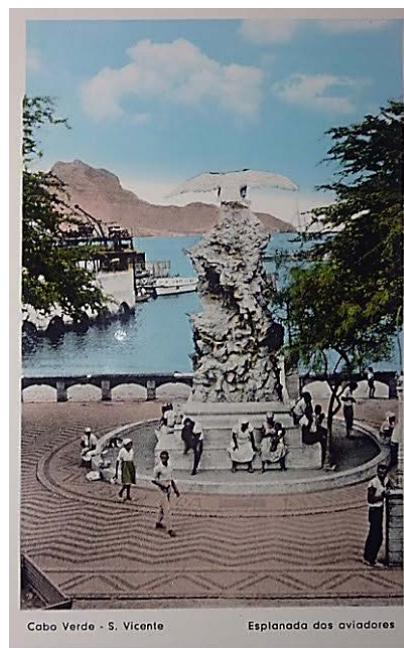
⁵⁴ '*Poss*', designação de pássaro na língua crioula da ilha de S. Vicente.



(1)- Postal com carimbo de 1935



(3)- 2012



(2)- A esplanada em anos mais recentes à data do postal anterior

Fig. 40: Momumento – 'Poss'

(1), (2)- Fonte: *Blog do mindelosempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2016/07/2257-gago-coutinho-e-sacadura-cabral-no.html>. Acedido em 11 de Abril de 2017; (3) 2012- Fonte: Autor

- Praça Estrela, início do século XX – anos 40, Fig. 41.

A Praça Estrela foi construída nos espaços do antigo Largo da Salina.



(1)- Sem data.



(2)- 2012

Fig. 41: Praça Estrela – antigamente, Largo da Salina

(1)-Fonte: *Blog do mindelosempre*. <https://mindelosempre.blogspot.pt/2014/04/0813-praca-estrela-e-o-seu-obelisco.html> Acedido em 25 de Março de 2017. (2)- Fonte: Pagina da Internet do Sapo Viajar. In, <http://viajar.sapo.cv/fotogaleria/replica-da-torre-de-belem/3>. Acedido em 03 de Setembro de 2017.

Segundo MHOP (1984, p. 163), a designação de salina, deste espaço localizado nos limites da área urbana do Mindelo, no início do século XX, é derivada da intenção de um

comandante Militar – de visita à S. Vicente – de explorar uma salina junto aos espaços da *Cory Brothers*, proporcionando o desenvolvimento da ilha, embora esta nunca tenha sido explorada.

Ao longo dos tempos, esta vasta área urbana, terraplanada, teve diferentes usos, nomeadamente: campo de futebol, *jogo cricket*, prática de provas atléticas, etc.

Com a construção do Estádio da Fontinha, nos anos 40, o largo passa a albergar uma praça com coreto de música, bancos e canteiros. Em 1979, este espaço foi vedado, enquadrando uma feira popular. Anos mais tarde a Praça Estrela foi devolvida à cidade, como espaço público (Ramos, 2003, p. 163).

- Praça Amílcar Cabral /'Praça Nova'. Fig. 42.

A Praça Amílcar Cabral, vulgarmente designada de Praça Nova, tem como designação inicial de Praça Serpa Pinto. Esta foi construída em substituição da antiga Praça 'Dom Luíz', quando da demolição desta para a construção dos depósitos de carvão. Fig. 42. "Em 1893 os planos de Machado para construção do depósito na Praça Dom 'Luiz' foram aprovados (...)" (MHOP, 1984, p. 157).

A Praça tem tido algumas transformações ao longo dos tempos, sendo um dos mais relevante a localização do coreto de música. Este, inicialmente no local do quiosque, tem a sua posição, atual, do fim da década dos 20, quando da restauração da praça, passando a apresentar uma imagem mais planeada. O coreto foi construído em 1931-32.

Na imagem (1) da figura 42, pode-se observar: a posição inicial do coreto de música, no primeiro plano. Este localiza-se do lado oposto ao edifício do Senador Vera Cruz, antigo Liceu e atualmente Centro Nacional de Artesanato. Visualiza-se também a ausência do quiosque e o enquadramento de muita vegetação nos seus espaços interior.

Na imagem (2), da figura 42, do ano de 2009, a Praça apresenta o seu aspeto atual. Observa-se a atual posição do coreto de música, junto ao edifício do Centro Nacional de Artesanato, e o enquadramento do quiosque no extremo oposto da praça. Visualiza-se também a integração de uma nova construção, junto ao coreto. Este, enquadrando no subterrâneo as instalações de um sanitário urbano, veio substituir à antiga esplanada da praça. Segundo MHOP (1984, p. 158), a esplanada da praça foi construída na década de 50, sendo reconstruída no ano de 1981.

Todavia, é de realçar a conservação da posição do chafariz, localizada nos seus espaços centrais.



(1)-Praça Serpa Pinto- sem data



(2)-2009

Fig. 42: Praça Amílcar Cabral, antiga Praça Serpa Pinto.

(1)-Fonte: Pagina da Macrofilia de Cabo Verde. http://www.marcaspostais.com/Cabo_Verde.html#swipebox. Acedido em 18 de Dezembro de 2017; (2) 2012- Fonte: Google Earth. In, <http://www.panoramio.com/photo/12850779?source=wapi&referrer=kh.google.com>. Acedido em 10 de Janeiro de 2017.

Legenda

1-Coreto de música; 2- Edifício do Senador Vera Cruz, Centro Nacional de Artesanato;
3-Quiosque; 4- Sanitários; 5- Chafariz.

Da reflexão sobre o património construído do Mindelo, observarmos a dinâmica existente na relação monumento/espço envolvente, essencialmente relacionada aos fenómenos urbanos inerentes do desenvolvimento da cidade.

QUADRO VI - Vias que atravessam os espaços urbanos centrais/históricos do Mindelo, em toda a sua extensão.

LOCALIZAÇÃO	VIAS			
	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888 1858
Orla marítima central. - Da Torre do Mindelo à zona da Matiota.	Avenida da República (Rua da Praia) + Avenida Marginal Avenida Marginal (2010).	Avenida da República + Avenida Marginal.	Rua do Tenente Valladim. «*»	Rua Marginal. «*»
Da Praça Estrela ao bairro da Zona Militar.	Rua de S. ^{to} António + Avenida 5 de Julho.	Rua de S. ^{to} António + Rua Infante D. Henrique + Rua Judice Bicker.	Rua de S. ^{to} António + Rua do Infante D. Henrique.	Rua do Inf. D. Henrique. «*»
Do bairro do Monte Craca às proximidades do bairro do Fonte de Meio/ Madeiralzinho.	Rua do Douro + Via que atravessa a Praça Estrela + Rua da Luz + Via anexa a Pracinha da igreja (com ligeiro desvio junto ao edifício da igreja) + Rua Senador Vera Cruz.	Rua do Douro + Via que atravessa a Praça Estrela + Rua da Luz + via anexa a Pracinha da igreja (com ligeiro desvio junto ao edifício da igreja) + Rua Senador Vera Cruz.	Alto da Penha de França + Rua do Douro + Via que atravessa a Praça Estrela + Rua do Conselheiro Neves Ferreira (com ligeiro desvio junto ao edifício da igreja) + Largo do Albuquerque + Rua de Sagres.	Rua da Luz (A sul e norte da Rua dos Navegadores).
Da Praça de Estrela às proximidades do bairro do Fonte de Meio/ Madeiralzinho.	Rua Suburbana + Largo do Madeiral + Rua Jaime Mota + Avenida Baltazar Lopes.	Rua Suburbana + Largo Owen Pinto + Largo do Madeiral + Rua João Machado + Rua Capitão Teófilo Duarte.	Rua Suburbana + Largo Madeiral + Largo do Madeiral + Rua João Machado + Travessa de Brites d' Almeida + Largo do João Paes + Rua João Machado.	Rua do Inf. D. Henrique. «*»
Ligação da orla marítima com os espaços urbanos interiores.	A Rua Unidade Africana (apresenta delimitada por um conjunto de edifícios localizados na Avenida 5 de Julho).	Rua do Governador Sampaio.	Rua do Conselheiro Sampaio.	Rua Sampaio.
	Travessa da Praia.	Travessa da Praia.	Travessa da Praia.	Trav. da Praia. «-...-»

«*» - Visualização da parte da via, localizada a Sul da Rua Libertadores de África; «-...-» - visualização da formação inicial da via; ø - Ausência da via; x - A via não encontra enquadrada no referido plano.
 Fonte: Autor. Base de trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; Barcellos, C. S. (1911). Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné (Vol. V). Lisboa: Imprensa Nacional; AHU -Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV – Planta do Mindelo em 2010.

QUADRO VI - Largos e Praças da área Central/histórica do Mindelo

LOCALIZAÇÃO	Largos e Praças			
	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1858 1888
Centro da Cidade/ Morada	Praça Amílcar Cabral. (designação popular - Praça Nova)	Praça Serpa Pinto.	Praça Serpa Pinto.	× ø
	Praça da Doutora.	*	© - Espaços da Companhia Carvoeira <i>Millers & Cory</i> .	× ø
	Largo do Palácio.	Largo 5 de Outubro.	Largo do João Paes.	× ø
	Praça Nhô Roque	Ruínas (início dos anos 70 - parcialmente construído – bloco habitacional e de serviços)	© - Espaços da Companhia Carvoeira <i>Millers & Cory</i> .	«*» «*»
	Praça Zimbabwe	Praça Dr. Roberto Duarte Silva (posteriormente Largo do Liceu)	Largo da Parada	× ø
	Praça D. Luís. (Reposição do espaço da praça, em 2006)	Espaço ocupado com construções	© - Espaços da Companhia Nacional de Carvão.	Praça D. Luiz *
	Pracinha da Igreja. (Inicialmente Praça Pidjiguiti)	Praça da República	Largo dos Paços do Concelho.	* ©
	Praça Dr. Baltazar Lopes da Silva (Inicialmente Largo William du Bois).	Largo Vasco da Gama	Largo do Madeiral.	× ø
	Praça Dr. Regala.	Praça Dr. Regala	*	× ø
	Largo do Madeiral.	Largo Owen Pinto	Largo do Madeiral.	× ø
	Praça Estrela. (Inicialmente Praça da Independência)	Largo Almirante Reis	Largo do Salina.	Largo da Salina ø
	Ruas contornando, de NW a SE, o edifício do Mercado de verduras.	Ruas contornando, de NW a SE, o edifício do Mercado de verduras.	Largo do Albuquerque.	* ø

LOCALIZAÇÃO	Largos e Praças				
	De 1975 a 2010	Anos 60 início dos anos 70	1906	1888	1858
Chã de Cemitério	Atualmente parcialmente, ocupado pelos espaços de bombas de combustíveis.	Largo <i>John Miller</i> .	Terrenos sem enquadramento urbano.	-	-
Alto Mira Mar	Largo Madina de Boé.	*	*	×	ø
	Praça José Lopes.	*	*	×	ø
	Largo da Paz.	*	*	×	ø

* - Visualização do espaço livre; ø - Ausência do espaço; «*» - Espaço, ocupado pelos depósitos de carvão do Miller, Rendall e Real das Mallas; × – não enquadrado no plano; © - ocupado com construções.

Fonte: Autor. Base de trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; AHU -Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV – Planta do Mindelo em 2010.

2.3.2.A orla marítima do Mindelo - Baía do Porto Grande

A Baía do Porto Grande fica localizada a Noroeste da ilha de S. Vicente, estendendo-se entre as pontas de João Ribeiro a Norte e a do Morro Branco a Oeste, "ocupando a distância de duas milhas, e mede 1,5 milha do meio da linha das pontas a terra" (Barcellos, 1911, p. 59)⁵⁵. Abriga, nos seus limites, o ilheu dos pássaros.

Esta baía protegida dos ventos dominantes e ladeada por montanhas de configurações, cores e sulhetas diversas, enquadra um porto de águas profundas e de condições de abrigo excelentes, tendo, sido considerado um porto importante das províncias ultramarinas portuguesas e atualmente o maior porto do país. O Monte Cara a Oeste, denominada também de *washington face*, destaca-se como marco referencial do urbe mindelense, Fig. 43. A cidade do Mindelo ergue-se a leste e ao fundo da baía protegida.

Among the many monuments to Washington is the one which every visitor to the Cape Verde Islands will remember as one of the most colossal and marvelous freaks of natural sculpture in existence. Along the farther side of the harbor of San Vicente, the principal town, rises a bold ridge of dark gray volcanic rocks, the crest of which forms an exact likeness of our immortal George, seemingly lying face upward, as if in a peaceful sleep. The hero's large, bold features, the backward wave of the hair, his massive shoulders and even the frill of the shirt front are all reproduced on a gigantic scale with wonderful exactness. The strange monument, sharply outlined against the deep blue of the tropical sky, is one of the first objects that meet one's eye in approaching the island.

Fig. 43: Monte Cara ou Washington Face, no texto jornalístico mais antigo que conhecemos sobre essa designação. Fonte: Djack, J. (2012, 27 de Dezembro). O Monte Washington [texto colocado do Blog da Praia de Bote] enviado para <https://mindelosempre.blogspot.pt/2012/>. Acedido em 24 de Abril de 2017.

Segundo Djack J., o autor da publicação, este texto, Fig.43, foi publicado em *Hyannis Patriot*, Estados Unidos da América [EUA], a 15 de Janeiro de 1917.

⁵⁵ Barcellos, C. S. (1911). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* (Vol. V). Lisboa: Imprensa Nacional.

A frente mar, com um potencial de imagem panorâmica ainda por explorar, apresenta-se visualmente fragmentada, não constituindo uma imagem integrante e global do conjunto urbano atual. A delimitação natural, da ponta de João Ribeiro até a zona da Matiota, enquadrando uma zona montanhosa, contribui para a impossibilidade de construção imediata de uma imagem de conjunto da orla marítima do Mindelo. Atualmente, os espaços nessas proximidades encontram-se parcialmente ocupados com construções individuais, desenraizado do contexto da orla, tendo nos estaleiros navais, a desintegração da continuidade da imagem da frente marinha nos espaços mais a Norte. Os atuais espaços dos estaleiros navais, conjuntamente com a zona da Empresa de prestação de serviços de eletricidade e água potável [Electra], enquadram espaços industriais, intimamente ligados a frente mar urbana, dificultando a interação cidade/água e consequentemente, sociedade/orla, quebrando o elo de ligação anteriormente existente, sendo a 'Matiota', uma das zonas de descanso e lazer, característico da urbe Mindelense como zona Balnear, já visualizado no plano de 1820. Atualmente, a Electra encontra em fase de transição para a zona industrial do Lazareto.

A zona da Lajinha, anexo a Sudoeste dos espaços da Matiota, constitui mais um fragmento da orla marítima Mindelense. Este espaço urbano, integrando nos seus limites a praia urbana mais vivida da orla citadina, encontra delimitado a norte pelos espaços da Electra e a Sul pelos espaços da zona portuária. A zona de veraneio da Lajinha tem sido alvo de alterações constantes desmarcado nos últimos anos pelo extensão do areal, na direção ao mar, a instalação de espaços de restauração, o melhoramento da área pedonal, enquadramento de equipamentos para prática de desportos, aumento da zona para estacionamento, bem como, uma melhor gestão no estacionamento diurno. Consequência ou não do aumento da zona portuária do Mindelo, esse aumento de areal foi contestada por muitos munícipes, por razões diversas, tais como: ecológicos e ambientais, perda da identidade do lugar nomeadamente a relação íntima existente entre a água e a espaço exterior criando um ambiente intimista apreciado por frequentadores assíduos e não só. No entanto, é de reforçar não só a melhoria da imagem urbana da zona, mas também dos benefícios inerentes, ligados à utilização do espaço de praia resultante dessa transformação. Essas transformações contribuíram para a mudança do centro de diversão diurna/noturno do Mindelo, anteriormente centrada essencialmente na Praça Amílcar Cabral, para a zona da Lajinha.

A zona do Porto Grande, a sul da Lajinha e estendendo-se em quase toda base oeste do monte Fortim, enquadra nos seus limites atuais a zona dos contentores, a zona do cais principal, a zona administrativa portuária e os espaços do terminal do cais dos navios de

transporte de passageiros entre as ilhas, anexando nessa zona um estacionamento de dimensões consideráveis mesmo em frente à orla marítima.

O Porto Grande do Mindelo, base do desenvolvimento inicial da ilha, é destacado pelas condições naturais excepcionais, dada a sua extensão, as águas profundas e a segurança do porto à navegação, bem como a sua localização geoestratégica no oceano Atlântico, colocando-o a meio das rotas marítimas entre a Europa, África e Américas, servindo inicialmente como ponto de escala ideal à navegação. Localiza-se nesta baía, cuja segurança à navegação marítima e imagem panorâmica é completada pela silhueta formada pela magnitude da cordilheira de montanhas da Ilha de S. Antão, "constituindo uma muralha protetora dos ventos reinantes (...)" (Figueira, 1968, p. 13). Realçamos: o plano hidrográfico do Porto Grande de S. Vicente levantado em 1899 pelo Capitão Tenente C. J. de Senna Barcellos e publicado em 1924; o plano do Porto grande, publicado em 1884; o esboço do Porto Grande, datado da época da Guerra de 1914-1918. Fig. 44 – 46.

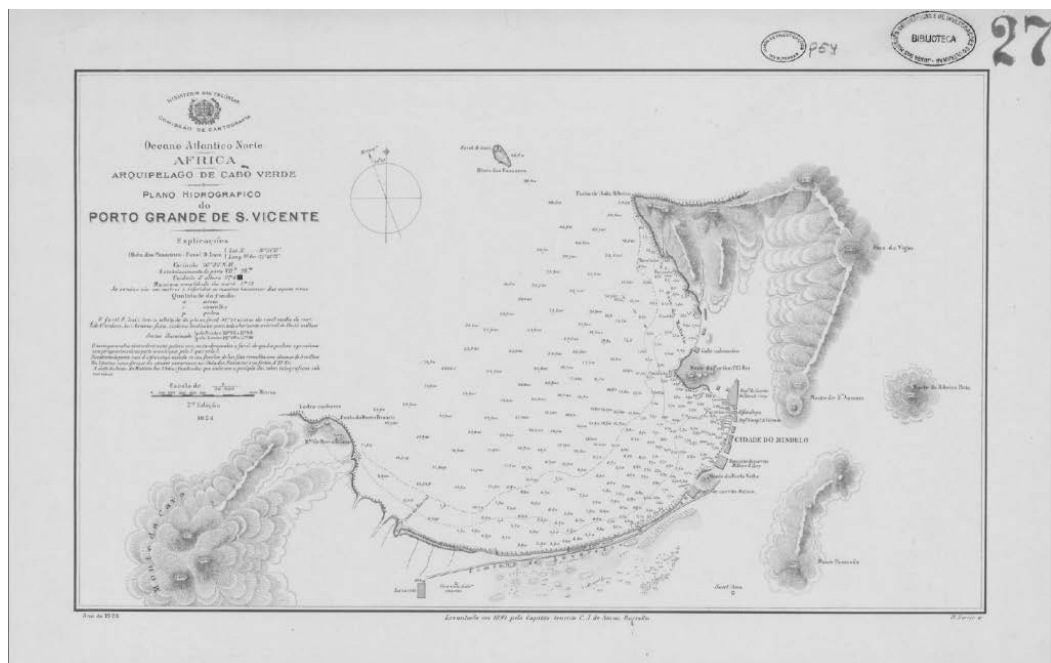


Fig. 44: Plano Hidrográfico do Porto Grande de S. Vicente, 1899. Fonte: Portal eletrônico (2014, 8 de Maio) Plano Hidrográfico do Porto Grande de S. Vicente – 1899. In Portal do Instituto de Investigação Científica Tropical, <https://www.iict.pt/cartografiaCV/inicio.html>. Acedido em 8 de Maio de 2014.

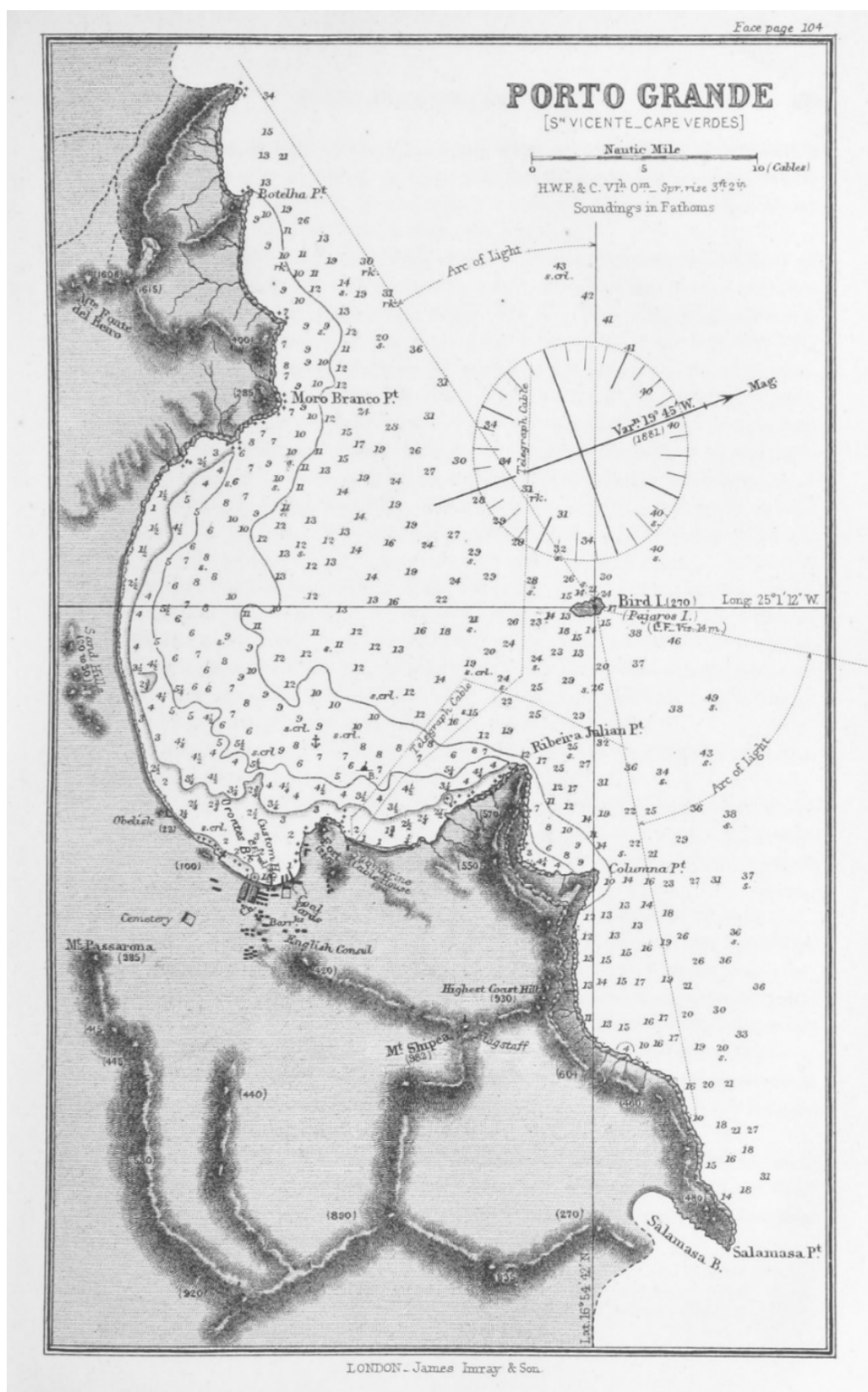


Fig. 45: Porto Grande / [Sn Vicente Cape Verdes]. s/ data

Fonte: Imray, J. F. & Jenkins, H. D. (1884) Atlantic Ocean Pilot. The Seaman's guide to the navigation of the Atlantic Ocean, with numerous illustrations, charts and plans. Acedido a 15 de Abril de 2017 em <https://www.flickr.com/photos/britishlibrary/11167389835/sizes/o/>

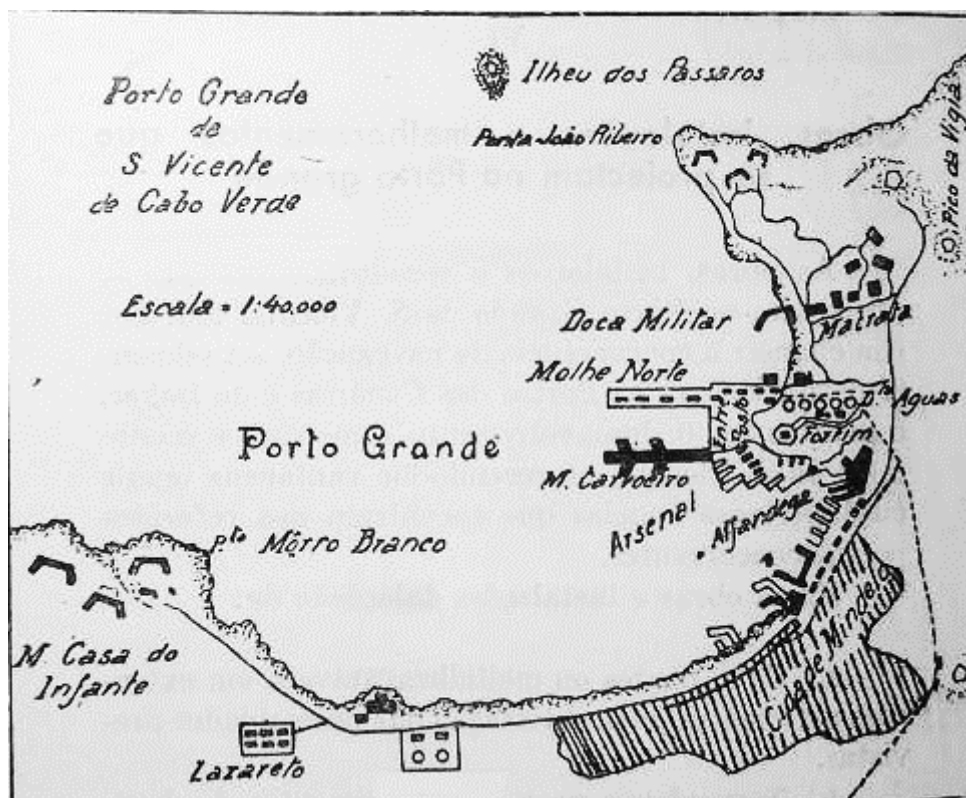


Fig. 46: Plano do Porto Grande de S. Vicente de Cabo Verde, 1914-1918. Sem escala.

Fonte: Momentos de História, Portal eletrônico (2013, 28 de Setembro) Cabo Verde na Grande Guerra. In, http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_07_Marinha.htm. Acedido em 26 de Maio de 2015.

Estas cartografias/desenhos da Baía do Mindelo permitem visualizar as transformações iniciais. De espaços livres em 1889, à zona em desenvolvimento em 1884 e em franca expansão nos anos de 1914-18.

O primeiro período áureo do seu porto foi alcançado nas décadas de 50 – 60 do século XX, como porto carvoeiro e de importância mundial "(...) embora não tivesse uma ponte acostável, não tivesse uma doca seca, um plano inclinado e os restantes apetrechos imprescindíveis num grande porto comercial" (Figueira, 1968, p. 14), cujo decréscimo acontece de forma acelerada quando da inserção dos óleos combustíveis como substitutos do carvão de pedra.

Os espaços centrais, da orla, estendendo-se do cais e terminal de passageiros entre ilhas – a noroeste, ao edifício da Torre do Mindelo – a sul, constituem o limite mar da área central e histórica da cidade da cidade, delimitado pela Avenida Marginal e pela Rua da Praia. O 'traçado' da Rua da Praia e, o da Avenida Marginal estabelecem um dos eixos importantes de ligação entre as zona norte, centro e sul da cidade. A Avenida Marginal une a Rua da Praia nas proximidades do monumento Pássaro, junto da Praça Dom Luís. Este espaço de referência do

Mindelo esteve ocupado com construções, inicialmente pela Companhia Carvoeira de S. Vicente de Cabo Verde e posteriormente pelos pavilhões da Empresa Pública de Abastecimento [EMPA], até ao ano de 2006. Anteriormente centro industrial e base de desenvolvimento da ilha, é atualmente destinado essencialmente ao turismo e lazer.

A existência de uma certa homogeneidade de uso do solo, essencialmente de prestação de serviços e a ligação direta da orla central à área urbana permitem-nos realçar este espaço urbano como área de referência da urbe mindelense.

Nas últimas décadas a orla mindelense tem sofrido alterações inerentes ao desenvolvimento urbano, nomeadamente a construção dos estaleiros navais na zona da Matiota, o terminal de passageiros 'inter-ilhas', a marina, a ampliação do areal da praia da Lajinha e da zona de contentores do porto e algumas edifícios de prestação de serviços.

CAPÍTULO III - OCUPAÇÃO URBANA DA CIDADE DO MINDELO, 1820-2010

O capítulo III enquadra o desenvolvimento da presente tese de doutoramento.

Realça as transformações gerais do solo, assente em 10 períodos de ocupação urbana, interligando-as aos elementos morfológicos implicados na produção/crescimento da cidade.

A expansão da cidade por bairros periféricos caracteriza a dimensão física ao longo do intervalo temporal, 1820-2010, em estudo.

3.1. Contextualização

Do conjunto de desenhos do Mindelo, publicados neste intervalo temporal, é de acrescentar, também, os seguintes:

- O Plano Hidrográfico do Porto Grande de S. Vicente levantado por Barcellos em 1899. Este plano restringido à Baía do Porto Grande, possibilita a visualização dos espaços urbanos localizados nas zonas do Lazareto e do Morro Branco. Embora as construções existentes nestas zonas não estejam enquadradas no desenho da cidade de 1906, área urbana da época, são posteriormente comprovadas no esboço/Plano do Mindelo de 1914-1918, nas cartografias da ilha de S. Vicente de 1916 e 1920.

- A cartografia da ilha de S. Vicente de 1916. Esta cartografia, pouco detalhada, permite o enquadramento das diferentes ribeiras que atravessam os atuais espaços urbanos.

- As plantas aerofotogramétricas dos anos 60 integradas nos estudos urbanísticos do Mindelo do Arquiteto José Amorim: Zona Marginal (antes das obras do Porto), e Célula 2, Monte Sossego, Zona Desportiva, Parque e Escolas Secundárias – Estado Atual. Estas duas plantas urbanas representem detalhadamente o estado atual dos terrenos ocupados em 1960, mas não enquadram a totalidade dos terrenos da época. Contudo, possibilitam um melhor enquadramento de algumas áreas urbanas pouco legíveis no desenho do Mindelo de 1960.

- O ortofotomapas de 1968. A falta de todas as partes constituintes deste ortofotomapas não permitiu a elaboração de um esquema consistente. Porém, este possibilita a integração de áreas delimitadas no perímetro urbano em estudo mas não incluídos nos desenhos do Mindelo de 1973 e 1982 – restringida à área urbana da época. Estas ocupações dos terrenos em análise, essencialmente agrícolas, são posteriormente comprovadas no ortofotomapas de 2003.

- A cartografia militar da Ilha de S. Vicente, levantada em 1970 e publicada em 1975. Embora esta cartografia não apresente a subdivisão dos quarteirões urbanos, permite a visualização da totalidade dos terrenos integrados na presente análise.

Todavia, a insuficiência de elementos necessários à análise, estes desenhos do Mindelo não são incluídos na elaboração de esquemas. Destacam-se como componentes complementares, de referência para o enquadramento: da denominação das principais elevações e ribeiras; de áreas construídas e não integradas nos desenhos do Mindelo dos anos de 1906, 1960, 1973 e 1982. Estas áreas, atualmente urbanas, localizavam-se fora do perímetro urbano dos respetivos anos.

Os terrenos contíguos a sul e leste da área de intervenção são realçados na presente tese, quando da inclusão de características urbanas ou de serviços. Inicialmente, estes terrenos eram essencialmente de ocupação agrícola.

De realçar ainda a cartografia – Planta do Porto Grande de S. Vicente de 1841. Esta, não integrada na análise pretendida, constata-se alguma ocupação no monte do Forte Velho, então Monte Salgadaduro.

3.1.1.Área de Estudo

A inexistência de uma frente marinha, estruturante para a totalidade da Baía do Porto Grande, leva a que qualquer utilizador a delimita, erradamente, à frente de mar circunscrita à zona histórica do Mindelo.

A inclusão do perímetro urbano atual, tangente a todos os intervalos temporais da presente análise, permite a construção da imagem completa da orla marítima e o entendimento da imagem do passado e presente da cidade no contexto da sua baía, proporcionando um melhor enquadramento futuro.

Como se disse, a paisagem da cidade é circundada por montes de silhuetas diversificadas e marcada pela extensa Baía do Porto Grande e por ribeiras secas, atualmente ocupadas com alguma construção. As ribeiras secas apresentam características torrenciais quando chove, fragmentando de forma significativa o espaço urbano. Destaca-se os espaços das ribeiras do Paúl e da Areia Branca, e o espaço do escoamento das águas das ribeiras, do Lameirão, do Julião e da Vinha, junto aos depósitos de combustíveis da Shell, na zona de Salgados. Fig.47 e 48.

Para a análise pretendia, a cidade do Mindelo será dividida em três unidades de análise, áreas urbanas, demarcadas na sua paisagem à partir do período, 1873/77-1906:

- 1- O espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'.
- 2- O espaço urbano a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell.
- 3- O espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

A primeira fragmentação do espaço urbano é definido pela ribeira seca. Por 'Ribeira seca' entende-se a articulação dos espaços da Ribeira do Paul aos da Ribeira de Areia Branca. O espaço definido pela articulação dessas duas ribeiras atravessa a cidade em toda a sua extensão, de leste a oeste. A Ribeira do Paul é caracterizada pelo espaço de junção das águas pluviais das ribeiras de Pedra Rolada e da Areia Branca e o escoamento destas para o mar. Esta junção ocorre na zona da Torrada, nas proximidades da zona da Ribeira Bote.

A segunda fragmentação é definida por uma linha utópica, contígua a sudoeste dos depósitos da Shell. Apesar destes não serem visualizados nos desenhos da cidade até ao ano de 1920, o espaço a oeste destes é realçado por pequenas construções anexas à Baía do Porto Grande, sendo estas visualizadas no desenho do Porto Grande de S. Vicente levantado em 1899. Esta fragmentação do espaço urbano é realçada pela zona de Salgados, praticamente isenta de construções.

Mindelo atual é uma cidade composto por 40 bairros, Fig.49. Estes englobam duas ou mais zonas anteriormente distintas, sendo referenciadas no texto ao longo do estudo.

As três grandes áreas urbanas são compostas pelos seguintes bairros:

1- Os espaços urbanos a norte da 'Ribeira seca' – Centro da Cidade/Morada; Ribeira Bote; Fonte Cónego; Alto Solarine; Fonte Filipe; Fonte Francês; Fonte Inês/Espia; Alto Mira Mar; Alto Santo António; Cruz João Évora; Alto S. Nicolau; Fortim/Escola Técnica; Che Guevara; Zona Militar; Fonte Meio/Madeiralzinho; Mاتيota/Lajinha; Alto Morabeza; Chã de Alecrim; parte do bairro da Ribeirinha.

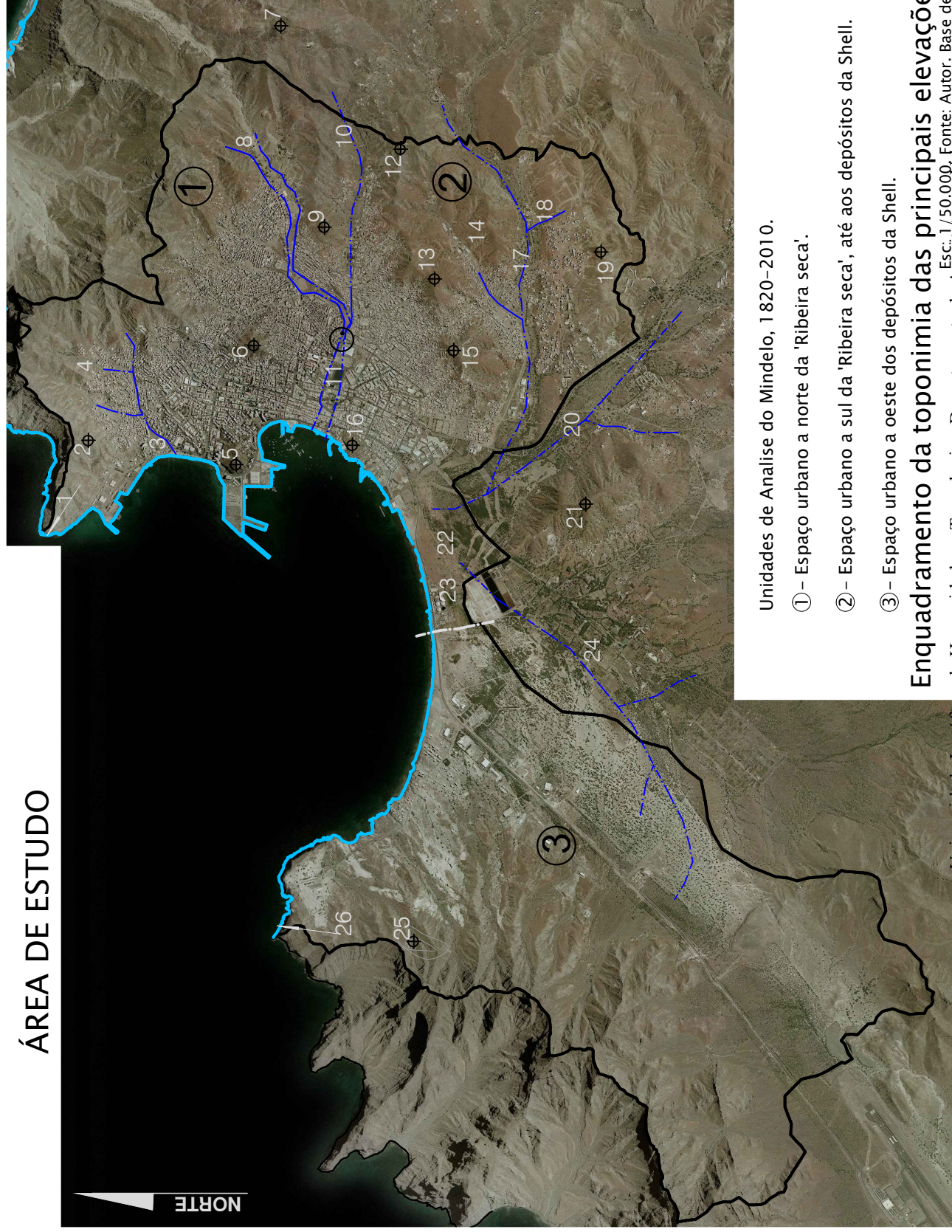
2- Os espaços urbanos a sul da 'Ribeira seca,' seguindo-se até aos depósitos da Shell – Monte Craca; Chã de Cemitério; Torrada; Dji d'Sal; Campinho; Chã de Monte Sossego; Monte Sossego; Fonte Francês; Bela Vista; Vila Nova/Lombo Tanque; Pedra Rolada; parte do bairro da Ribeirinha; Galé; Zona Industrial Sul; Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério; Fernando Pó; Ribeira de Craquinha; Horta Seca; Ribeira do Passarão; o bairro da Ribeira de Julião.

3- Os espaços urbanos a oeste dos depósitos da Shell – Parque Industrial do Lazareto; Lazareto; Morro Branco.

Os bairros do Centro da Cidade/Morada, Chã de Cemitério, Torrada, Bela Vista/Pedreira, Vila Nova/Lombo Tanque e Ribeirinha, enquadram os espaços da 'Ribeira seca', e o bairro da Galé, à zona de Salgados.

Fig. 47: Área de intervenção – Enquadramento da toponímia das principais elevações e ribeiras. (página 135).
Fonte: Autor. Base de trabalho: Ortofotomapas do Mindelo, 2010.CMSV

ÁREA DE ESTUDO



LEGENDA

- 1- Ponta João Ribeiro.
- 2- Monte do Ninho do Guincho.
- 3- Ribeira da Matiota.
- 4- Ribeira da Canalonea.
- 5- Monte Fortim.
- 6- Monte S.to António.
- 7- Monte Areia Branca.
- 8- Ribeira d' Areia Branca.
- 9- Monte Pedra Rolada.
- 10- Ribeira da Pedra Rolada.
- 11- Ribeira do Paul.
- 12- Craquinha.
- 13- Monte do Passarão.
- 14- Lombo de Craquinha.
- 15- Monte Sossego.
- 16- Monte do Forte Velho. (Rochinha)
- 17- Ribeira do Lameirão .
- 18- Ribeira do Moco.
- 19- Monte R. Julião. (M.te Tarafe)
- 20- Ribeira de Julião.
- 21- Monte de S. João.
- 22- Zona de Salgados.
- 23- Depósitos da Shell.
- 24- Ribeira da Vinha
- 25- Monte Cara.
- 26- Ponto do Morro Branco.

— Delimitação da área do estudo.

— Orla marítima- Baía do Porto Grande

⊕ Cume das elevações.

— Espaço da 'Ribeira seca'

○ Zona da articulação das duas ribeiras.

--- Linha utópica. (divisão da área do presente estudo)

Unidades de Análise do Mindelo, 1820-2010.

① - Espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'.

② - Espaço urbano a sul da 'Ribeira seca', até aos depósitos da Shell.

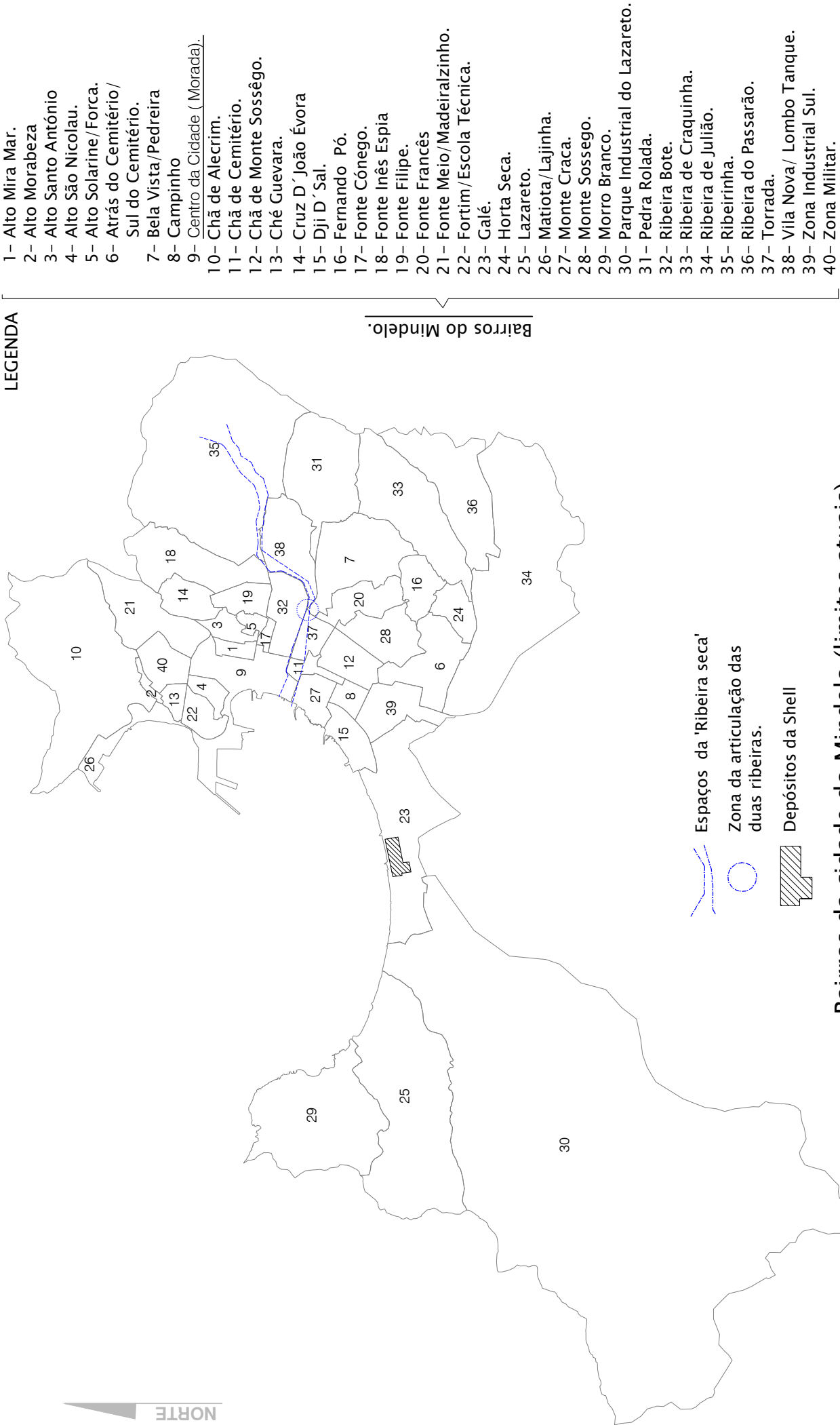
③ - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

Enquadramento da toponímia das principais elevações e ribeiras.

Esc. 1/50,000. Fonte: Autor. Base de trabalho: Ortofotomapas de 2010. CMSV
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Fig. 48: Bairros da Cidade do Mindelo, 2016. Fonte: CMSV. (página 137)
Fonte: Autor. Base de trabalho: Planta do Mindelo, 2010.CMSV

Fig. 49 -Base topográfica dos terrenos ocupados com construções urbanas, 2010 (página 139)
Fonte: Autor. Base de trabalho: Ortofotomapas do Mindelo



Bairros da cidade do Mindelo (limites atuais)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Esc: 1/50,000. Fonte: Autor. Base de trabalho: Limite dos bairros do Mindelo, 2016.CMSV



Base topográfica dos terrenos ocupados com construções urbanas, 2010

Fonte: Autor. Base de trabalho: Planta do Mindelo, 2016.CMSV.
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

3.2. O Primeiro núcleo urbano e as transformações urbanas da Vila do Mindelo.

O primeiro núcleo urbano, da atual cidade do Mindelo, era denominado de Aldeia de Nossa Senhora da Luz, posteriormente de Povoação Dom Rodrigo e mais tarde de Povoação D. Leopoldina. Tem a designação de Mindelo no ano de 1838. A povoação é elevada à categoria de vila em 1858 e à de cidade em 1879.

3.2.1. A povoação de 1820 (Mapa 01)

No plano do Porto Grande da Ilha de S. Vicente de 1820 podemos constatar uma povoação de pequena dimensão, localizada numa baía protegida dos ventos dominantes do nordeste e ladeada por montes, a norte, sul e nordeste. A povoação desenvolve-se a norte e sul do edifício da Igreja. Fig.50.

A povoação de 1820, denominada de D. Leopoldina, tem nos montes do Fortim del' Rei, a norte, e o do Forte Velho⁵⁶, a sul, o enquadramento de uma enseada de areia, demarcada por um pequeno ancoradouro.

Esta povoação – composta por um conjunto de blocos essencialmente retangulares e dispostos de forma paralela em relação à orla marítima – é constituído pelas seguintes construções: duas fileiras de casas um pouco afastadas da costa; o edifício da Igreja situada na sua área central; o Palácio do Governo, a sul desta; uma Instalação Militar localizada no limite norte da área urbana.

Seguindo-se para o noroeste deparamos com o edifício da Alfândega, situada junto à orla marítima e contígua à base sul do monte do Fortim. Continuando sempre a norte, destaca-se um poço, na zona da Mاتيota. "Nesse tempo, havia na zona da Mاتيota e arredores alguns poços de água potável onde os navios que demandavam o nosso Porto Grande se abasteciam." (Ramos, 2003, p. 147). Segundo o mesmo autor a designação desses espaços com o nome de Mاتيota está relacionada a forma aportuguesada do nome da galera italiana '*Matteori*', que encalhou na respetiva praia quando tentava aproar, por forma a evitar ser saqueada por piratas.

É interessante observar que a localização do povoado privilegiou as partes baixas, concentrando-se na parte mais a norte dos terrenos entre os montes do Fortim e do Forte Velho. A inexistência de qualquer sistema defensivo relevante nos seus terrenos revela o desinteresse por esse espaço inóspito, ignorando que, pela sua posição estratégica entre os continentes, o

⁵⁶ O monte do Forte velho é também designado de 'Rochinha'.

desenvolvimento económico e técnico na Europa ocidental viria a interessar pelo bom porto da ilha (MHOP, 1984).

Resumindo, a povoação do Mindelo de 1820 demarca a localização inicial da ocupação urbana dos terrenos da atual urbe mindelense, transmitindo a escolha racional e perfeita então realizada para a implementação da cidade – lugar seguro, porto abrigado e de posição geoestratégica privilegiada, a futura ligação com as terras do além-mar.

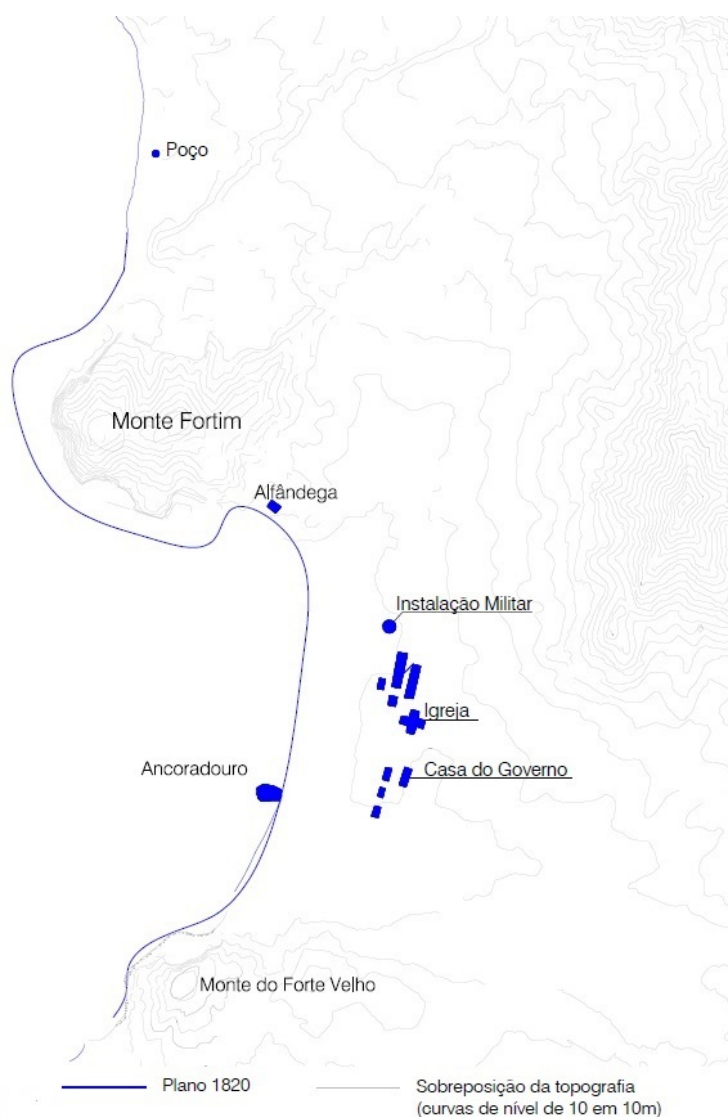


Fig. 50: Ocupação urbana do Mindelo em 1820 e o seu enquadramento na base topográfica da cidade.
Esc:1/15.000

Fonte: Autor/ vetorização do plano. Base de trabalho: Plan of Porto Grande in Island Saint Vincent of Cape Verd, 1820. In, Garcia de Orta (1961). Cinco seculos de cartografia das ilhas de Cabo Verde, A. Teixeira da Mota: SNI in Heuijerjans.net - Overview of Historical Maps of the Cape Verde Islands. Acedido a 22 de Abril de 21017 em <http://www.heuijerjans.net/CapeVerde/maps/CaboMaps.html>.

3.2.2. A Vila do Mindelo em 1858.

Com a instalação e consolidação das companhias de carvão na ilha a, "povoação do Mindello, na ilha de S. Vicente, entrara num período de prosperidades; alinharam-se as ruas e multiplicaram-se as construções particulares" (Barcellos, 1911, p. 302). O plano do Mindelo de 1858 é o resultado de um esboço elaborado pelo engenheiro Januário d'Almeida, de passagem pela ilha de S. Vicente, para a identificação atualizada da povoação, explanando as necessidades de melhoramento de uma cidade com perspetivas visíveis de franco crescimento económico e demográfico. Fig. 51.

Da ocupação urbana nos terrenos em 1958 podemos constatar a relevância das companhias de carvão no contexto da vila, ocupando áreas de terreno de dimensões significativas, localizadas em espaços abrigados dos ventos dominantes e, consequentemente, apropriado para construção de pontes-cais. Os terrenos destas companhias carvoeiras são compostos pelos depósitos de carvão da Companhia *Millers*, situado nos terrenos mais a norte, anexado à sul pelos depósitos da Companhia *Rendall*, e a sul deste, os depósitos de carvão da Companhia Real das Mallas⁵⁷. Estas companhias estão enquadradas na Baía do Porto Grande pelos respetivos pontões, nomeadamente, a ponte do *Miller*, Fig. 52, a ponte do *Rendall* e a ponte da Companhia Real das Mallas. Esta área da Vila do Mindelo é complementada a sul, por uma pequena casa de guarda, o edifício da Alfândega e um armazém ainda em construção, e a norte pela oficina do serralheiro. Seguindo-se para noroeste deparamos com o edifício do Consulado Inglês localizado nas proximidades da orla marítima.

Este conjunto de construções não habitacionais constrói a frente marinha dos terrenos da Vila situados a noroeste da zona mais densificada.

A área urbana mais densificada da vila fica localizada aproximadamente na área central dos terrenos ladeados pelos montes do Fortim e do Forte Velho, desenvolvendo-se nos espaços à frente da sua igreja. Esta área urbana é composta por um conjunto de quatro ruas e quatro travessas. As ruas estão dispostas paralelamente à orla e organizada em quarteirões retangulares. Dos espaços da orla marítima para o interior localizam-se: a Rua do Infante D. Henrique, atual Rua de S.^{to} António; a Rua de S. João; a Rua de Sá da Bandeira, atual Rua Moçambique; a Rua da Luz. As travessas estão realçadas pela Rua dos Navegadores, atual Rua Libertadores de África, localizada a norte da área urbana, seguindo-se a Travessa da Igreja; a Travessa da Praia e de mais uma travessa nos seus terrenos mais a sul.

⁵⁷ Royal Mail (Visger & Miller) ou Royal Mail Steam packet.

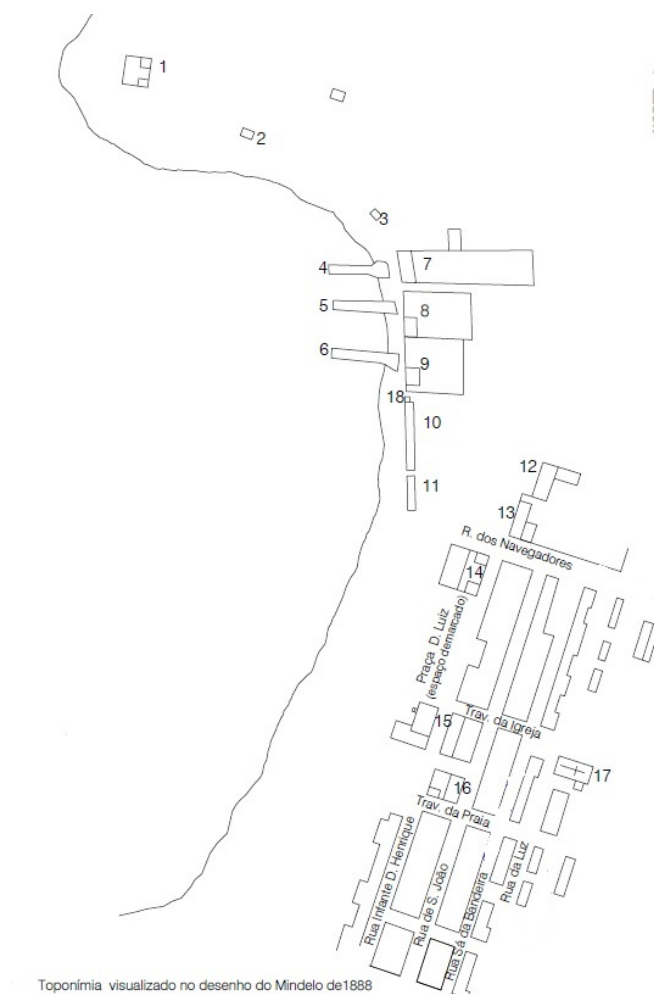


Fig. 51: A Vila do Mindelo em 1858: Esboço/planta da área urbana.

Esc: 1/5.000

Fonte: Autor- vectorização da planta. Base de trabalho: Planta da Povoação do Mindelo 1858. Barcellos, C. S. (1899). In: Barcellos, C. S. (1899). Subídios para a História de Cabo Verde e Guiné (I) ed., Vol. I). Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

Legenda original

- | | |
|--|---|
| 1 – Fortim Del' Rei | 10 – Alfandega |
| 2 – Consulado Inglez | 11 – Armazém em projecto |
| 3 – Officina de Serralheiro | 12 – Casa de George Rendell |
| 4 – Ponte do Miller | 13 – Casa António Joaq.m Miz |
| 5 – Ponte do Rendell | 14 – Casa de José Paulo Machado |
| 6 – Ponte da Comp. ^a Real Das Mallas | 15 – Casa de João Ant. ^o Miz |
| 7 – Depósito de carvão do Miller | 16 – Quartel Militar |
| 8 – Depósito de carvão do Rendell | 17 – Igreja em construcção |
| 9 – Depósito de carvão da Comp. ^a Real Das Mallas | 18 – Casa de guarda |

O seu conjunto urbano, realçado pela dimensão dos quarteirões centrais e mais próximos do mar, tem a frente urbana composta por duas casas isoladas, um quarteirão de forma irregular e dois largos. A casa de José Paulo Machado destaca-se por ser a construção mais próxima da orla e contígua à Rua dos Navegadores. Esta casa conjuntamente com a casa de João António Miz enquadra um dos largos do Mindelo da época. O seu Quartel Militar, localizada na Rua do Infante D. Henrique, atual Rua de S. João, tem a sua parte traseira direcionada para o mar, enquadrando o segundo largo da frente urbana. A igreja, de forma retangular e com um anexo a sul, localiza-se na parte mais afastada da orla, nos limites interiores da vila e sem ligação direta ao elemento água. Este espaço urbano é fechado a norte por um conjunto de duas casas, a casa de António Joaquim Miz, e a de George Rendall a norte deste, estando ambas enquadradas num extenso quarteirão.

O Fortim d'El Rei, no topo do monte Fortim e uma construção mais a leste concluem a estrutura urbana da Vila de Mindelo em 1858.



Fig. 52: A Ponte-cais em frente à Companhia Carvoeira Miller. Finais da década de 1800.
Fonte: Arquivo pessoal.

Embora a estrutura da Vila do Mindelo em 1958 seja caracterizada pela sua malha regular e ruas alinhadas, apresenta-se com carência de edifícios públicos. Os únicos existentes encontram-se em condições precárias, nomeadamente: a Alfândega, albergada numa construção precária e alugada; o Quartel Militar, não mais do que uma barraca coberta de palha com

péssimas condições de higiene; a Igreja Paroquial, em construção, tem as suas obras paralisadas. Na altura estas construções foram enumeradas pelo engenheiro Januário d'Almeida como de prioridade e carácter de urgência. Conjuntamente com elas foram elencadas novas construções necessárias para uma vila em franco desenvolvimento económico, particularmente, um hospital, um lazareto, a casa do governo, um edifício para a municipalidade e administração e uma praça pública para a povoação do Mindelo (Barcellos, 1911). Segundo este autor, a praça ficaria localizada na orla marítima, embelezando o espaço urbano árido, seco e sem atractivos. A proposta para a localização das novas construções acima referidas seria a seguinte:

- A alfândega ficaria localizada no espaço visualizado, neste plano, no n.º 11, junto aos pontões e não no indicado inicialmente, visualizado neste plano a oeste do n.º 15, por "ficar distante das pontes de carvão, onde era preciso exercer-se rigorosa fiscalização e por ser a barraca onde ella funcionava semelhante a uma immunda tasca (...)" (Barcellos, 1911, p. 100). A nova localização traria, também, a possibilidade de uma construção de dimensões maiores devido ao espaço livre, anexo, a leste e seguindo até a casa de George Rendall;
- A praça da vila ergueria nos espaços livres entre as casas de José Machado e António Miz junto da costa. Esta, denominada Praça D. 'Luiz' teve, posteriormente, o seu espaço público ocupado com construções por largos anos, sendo devolvido à cidade no ano de 2005;
- O Quartel Militar localizar-se-ia em espaço fora da povoação existente;
- O edifício da Igreja Paroquial, em construção, manteria a sua localização de raiz, concluindo-se a sua edificação.

Atualmente: no terreno ocupado pela casa de José Paulo Machado, localiza-se os edifícios da Biblioteca Municipal e da *Aliance Française* do Mindelo; no da casa de João António Miz e posteriormente parte da Casa *Cory Brothers/Millers & Cory*, a Agência Nacional de Viagem; no do Quartel Militar, o edifício do Serviço Nacional da Viação; no da casa de António Joaquim Miz, o edifício da Residencial Chave d' Ouro; no de George Rendall, à Agência dos Transportes aéreos de Cabo Verde [TACV].

Resumindo, da análise à vila do Mindelo em 1858 consta-se que os terrenos da zona central – em particular, as atuais ruas de S.^{to} António, S. João e do Moçambique –, encontram consolidados. A clareza de imagem das vias e o posicionamento dos quarteirões em relação a linha da orla são realçadas pela largura da Rua dos Navegadores, artéria central da cidade atual, e pelas Travessas da Igreja e da Praia, penetrando o elemento água para os espaços urbanos interiores.

3.3. A Cidade do Mindelo – ocupação e transformações urbanas, 1820-2010

As transformações urbanas do Mindelo no presente período são definidas pela análise de 10 esquemas da sua ocupação urbana, referentes aos seguintes intervalos temporais: 1820-1873, 1873/77-1906, 1906-1920, 1920-1932, 1932-1946, 1946-1960, 1960-1973, 1973-1982, 1982-2003, 2003-2010.

Cada intervalo temporal é caracterizado pela relação existente entre as transformações do terreno urbano e os elementos primários da urbe, demarcados na presente tese pela topografia, elemento água/orla marítima e o centro urbano. Estes são identificados ao longo dos intervalos temporais em estudo.

3.3.1. 1820 – 1873/77: O início da expansão urbana (Esquema 1; Mapa 02)

O núcleo urbano localizado junto à orla marítima, em 1820, desenvolve-se de forma ordenada, apresentando em 1873/77, um crescimento urbano essencialmente localizado a norte da 'Ribeira seca' e expandindo-se para os espaços interiores. Destaca-se a ocupação urbana dos terrenos localizados à frente da povoação D. Leopoldina, de 1820, sendo o desenvolvimento urbano da Vila do Mindelo do período 1820-1873/77 demarcado pela ocupação urbana crescente da sua frente marinha.

Ao ancoradouro em 1820 acrescente, em 1858, três pontes cais de dimensões significativas, apresentando-se em 1873/77 um conjunto de onze pontes-cais, localizados:

1- A norte da 'Ribeira Seca' – uma ponte de pequena dimensão, na zona da Mاتيота; dois pontões, de pequenas dimensões, na base sul do Monte Fortim; quatro pontões de dimensões mais significativas, sendo três – os visualizados em 1858, contíguos aos depósitos de carvão das Companhias Carvoeiras do *Millers*, *Rendell* e Real das Mallas, e um situado nas proximidades a sul do edifício da Alfândega. Segundo (MHOP, 1984), um cais em madeira foi construído por conta da Casa *Visger & Miller*, nos anos de 1850; o ancoradouro de 1820, situado nos espaços da orla marítima contíguos à norte da 'Ribeira seca', Fig. 53.

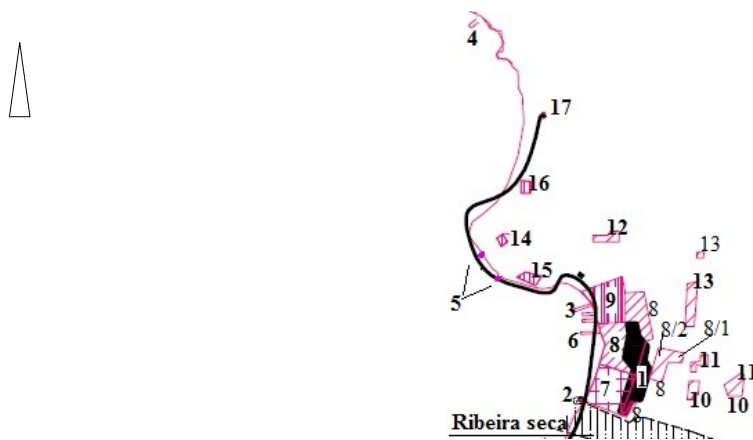
O cais de madeira era também designado de Cais de sul era onde se faziam os embarques e desembarques (Ramos, 2003).

2- A sul da 'Ribeira Seca' – uma ponte-cais de dimensão considerável localizada na base, norte, do monte do Forte Velho; duas pontes-cais ao sul do mesmo monte, situados na zona do Dji d'Sal, apresentando-se anexos aos armazéns de carvão da Companhia Carvoeira *Wilson Sons*. Fig. 55.

Esta característica inicial de ocupação da frente mar com construções portuárias, essencialmente relacionadas com o comércio do carvão, permite comprovar a relevância das companhias carvoeira no crescimento urbano do Mindelo.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig.53

No presente período, o crescimento urbano dos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' estendem o Mindelo para o norte e leste, realçando uma área urbana densificada, contígua à ribeira e conluída pelos espaços dos depósitos de carvão.



— 1820; — 1873/77

Esc: 1/35.000

Fig. 53: Ampliação do Esquema 1: Área ocupada no espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca' – 1820-1873/77.

Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Ocupação urbana de 1820
- 2- Ancoradouro, visualizado em 1820
- 3- As três pontes-cais, visualizados desde 1858
- 4- Ponte-cais, na zona da Mاتيota
- 5- Dois pontões, na base sul do Monte do Fortim
- 6- Ponte-cais nas proximidades a sul do edifício da alfândega
- 7- Área urbana densificada. (área urbana de 1858)
- 8- Área de crescimento urbano nos espaços do bairro do Centro da Cidade Morada
 - 8/1 – *Barracks* ou seja casernas – local das Instalações Militares da época.
 - 8/2 – *Telegraph Off. Flastaff* – local do atual edifício do Palácio do Povo
- 9- Depósitos de carvão
- 10- Área construída na zona da Ribeira Bote

- 11- Área construída na zona do Fonte Cónego
- 12- Área construída na zona do Alto S. Nicolau
- 13- Área construída na zona do Alto Mira Mar
- 14- Fortim d'El Rei
- 15- Construções dispersas na base sul do Monte Fortim
- 16- Edifício do Cabo Submarino
- 17- Área ocupada na zona da Matiota – Poço

Constata-se, também, que o crescimento urbano acompanha a linha da orla. No entanto, pode-se observar que a expansão urbana para os espaços mais a norte, bem como a leste da área central, segue em grupos dispersos, contradizendo a definição organizada do espaço urbano central, criando assim uma complexidade na orientação e funcionalidade da cidade. Estas construções, desarticuladas da urbe central, encontram-se essencialmente localizadas em zonas altas. Destaca-se: alguns grupos de construções de pequenas dimensões, localizadas nos espaços do bairro da Ribeira Bote – mais precisamente na zona do Lombo, do bairro do Fonte Cónego e do Alto S. Nicolau; construções soltas na zona de Alto Mira Mar; o edifício do Fortim d'El Rei; um conjunto de três pequenas construções de organização dispersas no terreno, localizadas na base sul do Monte Fortim, sendo que uma encontra posicionada, possivelmente, nos espaços do Consulado Inglês visualizado no esboço/planta de 1858; o edifício do Cabo Submarino, situado na encosta norte do monte Fortim; a expansão da área construída nos terrenos do Matiota em 1820, e atualmente espaços do bairro Matiota/Lajinha.

No crescimento urbano dos terrenos contíguos à área central, integrados atualmente no bairro do Centro da Cidade/Morada, pode-se observar uma construção no local do Palácio do Povo, com a designação de *Telegraph Off. Flastaff* e uma outra com a designação de *Barracks*. Este, Quartel Militar da época, albergando mais tarde também os Correios, e posteriormente, Liceu; Escola Preparatória Jorge Barbosa e atualmente um polo universitário, mais precisamente, a M_EIA.

O componente topográfico tem a sua importância, na localização das novas áreas urbanas, na conservação da ligação do crescimento urbano com o elemento água, e na criação de uma relação entre centro urbano e a periferia, através da construção de perspetivas panorâmicas. Porém esta característica da expansão urbana por terras altas não apresente uma

lógica de continuidade de leitura no espaço urbano do Mindelo, apresentando-se em grupos isolados e um pouco afastados da área central.

Neste sistema de crescimento orgânico, essencialmente de construções isoladas e por vezes completamente desligadas entre si, desenha-se um sistema de organização no crescimento urbano dos seus espaços centrais. Este é visualizado na expansão da Rua de São João, para o norte; na área livre ocupando os espaços centrais do Mindelo da época e atual – a Rua dos Navegadores, embora parcialmente obstruída no presente período; no enquadramento da expansão da área central para o norte, acompanhando à linha física da orla marítima. Esta característica morfológica da expansão urbana para o norte é demarcada por uma única fileira de construções, contíguas a leste das instalações das companhias carvoeiras. Fig.54.

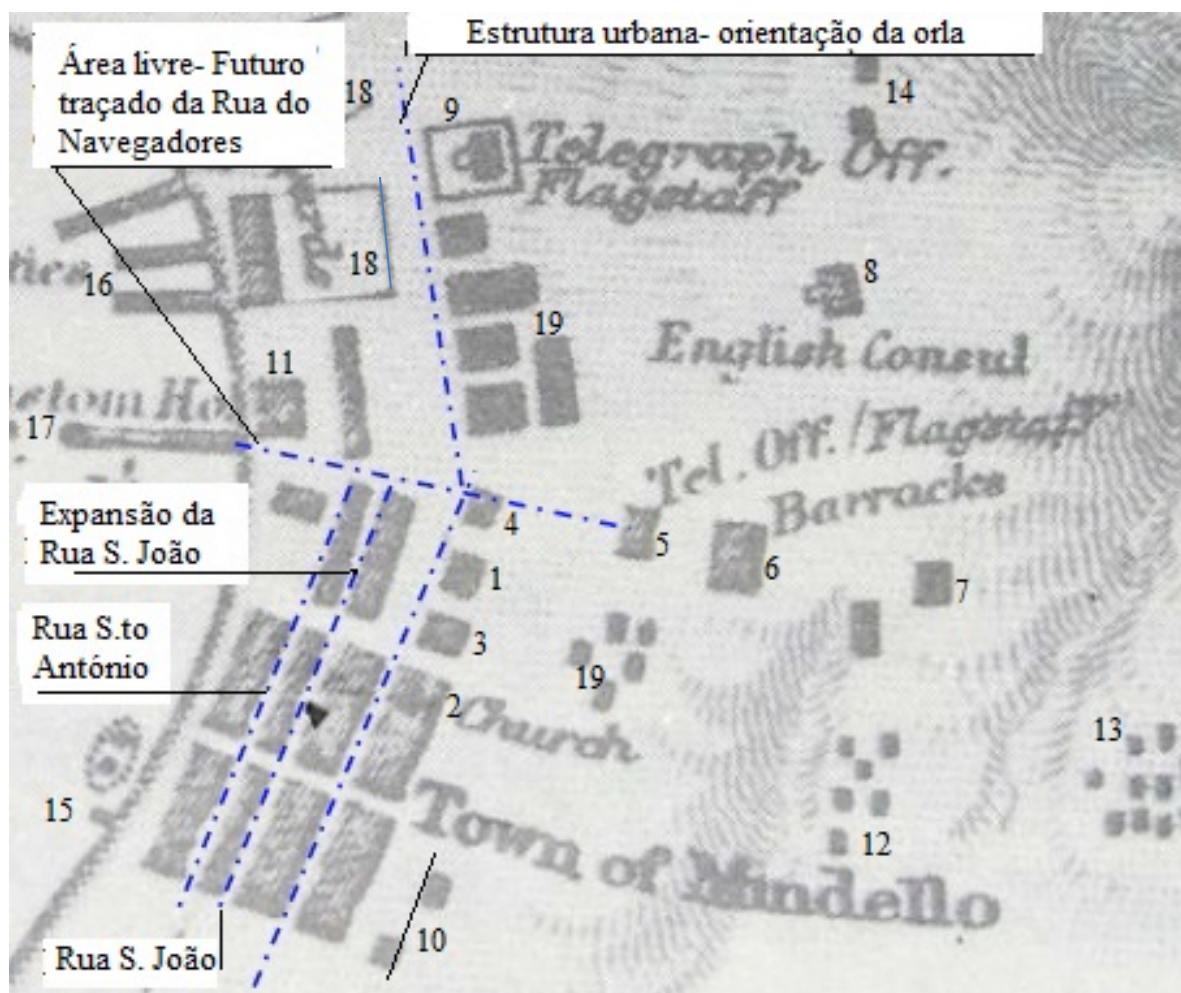


Fig. 54: Ampliação do Mapa 02: Centro urbano e áreas adjacentes da Vila do Mindelo, 1873. Esc: 1/5.000. Fonte: Autor. Base de trabalho: Porto Grande, St. Vincent Island, 1873/77. 'Chart 370 (BO)', sendo corrigida posteriormente em 1877. (M HOP, 1984, p. 35)

Legenda

- 1 – Uma construção situada nos espaços da Câmara Municipal
- 2 – Igreja
- 3 – Uma construção localizada entre os edifícios da Igreja e da Câmara Municipal
- 4 – Uma área construída, em frente dos espaços do atual Mercado Municipal
- 5 – Uma construção no local do atual Palácio do Governo e designada por *Tel. Off. /Flagstaff*
- 6 – Uma construção nos espaços do antigo quartel militar, designada de *Barrack*;
- 7 – Uma construção nos espaços da Antiga casa do Dr. Adriano e atuais espaços do edifício da Delegacia de Saúde
- 8 – O edifício do Consulado Inglês, da época, localizado nos espaços do antigo consulado holandês, na zona do Alto Mira Mar
- 9 – Uma propriedade localizado aproximadamente nos espaços da atual zona do telégrafo, com designação de *Telegraph Off. Flagstaff*
- 10 – Duas construções desarticuladas demarcando os futuros espaços da Rua da Moeda
- 11 – Edifício da Alfândega
- 12 – Construções no bairro da Ribeira Bote
- 13 – Construções estendendo-se do bairro do Fonte Cónego para o da Ribeira Bote
- 14 – Construção no bairro do Alto Mira Mar
- 15 – Ancoradouro, visualizado inicialmente em 1820
- 16 – Pontes-cais das Companhias Carvoeiras
- 17 – Ponte-cais em frente ao edifício da Alfândega
- 18 – Instalações das Companhias Carvoeiras
- 19 – Construção nos terrenos do bairro Centro da Cidade/Morada.

Outro, fator relevante da ocupação urbana do período de 1820-1873/77 é a localização precisa dos seguintes edifícios: Câmara Municipal; Igreja; um edifício envolvido por estas duas construções; uma construção nos espaços do extinto Consulado Holandês em Mindelo, na zona do Alto Mira Mar, e demarcado no desenho do Mindelo de 1873/ 77 como edifício do Consulado Inglês; o palácio do Povo e o Quartel Militar, já citados; uma construção com a designação de *Telegraph Off. Flastaf*. Este último possivelmente encontra situado nos espaços do antigo edifício do hospital do telégrafo – posteriormente escola primária – até porque "este edifício é um dos primeiros da rua e existia já na década de 1870, propriedade de António Joaquim de Miller" (MHOP, 1984, p. 143). No Esquema 1, as três primeiras construções

encontram-se localizadas na área de ocupação urbana de 1820. Fig.54. Nesta imagem visualiza-se também o enquadramento da topografia nas novas áreas de expansão urbana e a demarcação inicial dos espaços da Rua da Moeda.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig.55

Os espaços urbanos localizados a sul da 'Ribeira seca' seguindo-se até aos depósitos da Shell são destacados por construções desarticuladas entre si e de características essencialmente não habitacionais. Possivelmente, estes terrenos adquiriram características habitacionais pela proximidade com áreas de serviços, em expansão para o sudoeste da área urbana – uma ponte-cais nas proximidades da 'Ribeira seca' e um depósito de carvão anexo a duas pontes-cais. Inicialmente as áreas de serviços da Vila do Mindelo localizavam-se nos espaços da orla mais protegidos dos ventos dominantes.

Porém, visualiza-se uma área habitacional composta por dois blocos retangulares de pequenas dimensões e localizada nos espaços do bairro do Monte Craca. Este conjunto construído, sem relação com a água/orla marítima, segue a continuação da estrutura urbana da área central, em particular o alargamento da Rua de S. João para o sudoeste, criando uma continuidade de leitura do espaço urbano, e a integração desta área periférica à área urbana central. O facto da área habitacional estar posicionado um pouco afastado dos espaços da 'Ribeira seca', explica a importância destes terrenos para o escoamento das águas pluviais.

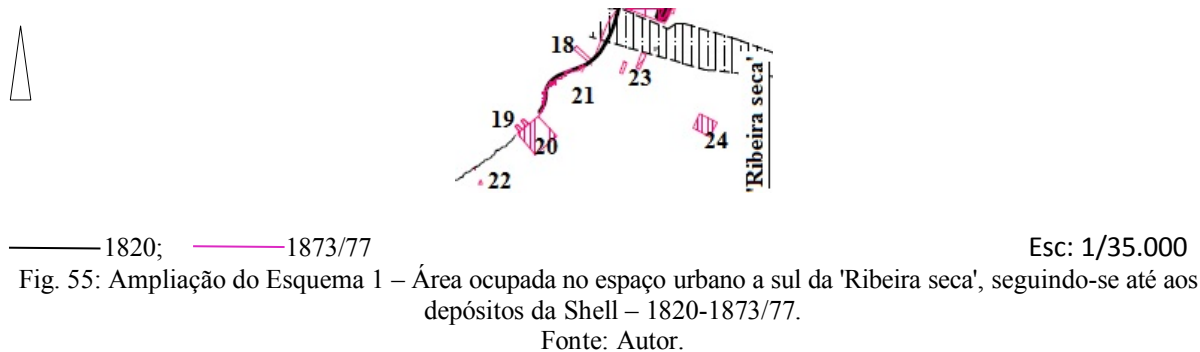
De salientar que a esta ocupação na zona do Monte Craca era inicialmente denominada de Aldeia da Salina, demarcada no auto de medição dos terrenos da *Cory Brothers & Co*, localizados junto a base norte do Monte do Forte Velho e atualmente, os espaços da Empresa Nacional de combustíveis e Lubrificantes [ENACOL].

Conforme o Auto de demarcação e medição dos terrenos da *Cory Brothers & Co* de 10 de Agosto de 1876:

"No sítio da Salina, uma área confrontando norte com a mesma Salina, sul com o Monte do Forte Velho, leste com a rua que separa os terrenos concedidos da Aldeia da Salina e oeste com a praia da Salina chamada Curral do Concelho compreendendo uma superfície de quinze mil seiscientos e seis metros quadrados. " (MHOP, 1984, p. 36)

O monte do Forte Velho destaca-se pelo enquadramento das construções desta área urbana no presente período. Enquadra a norte uma ponte-cais, a sul um depósito de carvão, e a nordeste o conjunto habitacional do Monte Craca. Seguindo-se para o sudoeste, deparamos com um obelisco situado nas proximidades a sudoeste do depósito de carvão, estando ambos enquadrados nos terrenos do atual bairro do Dji d' Sal.

O cemitério da época que se localiza nos terrenos do atual bairro de Chã de Monte Sossego apresenta-se um pouco afastado das construções.



Legenda

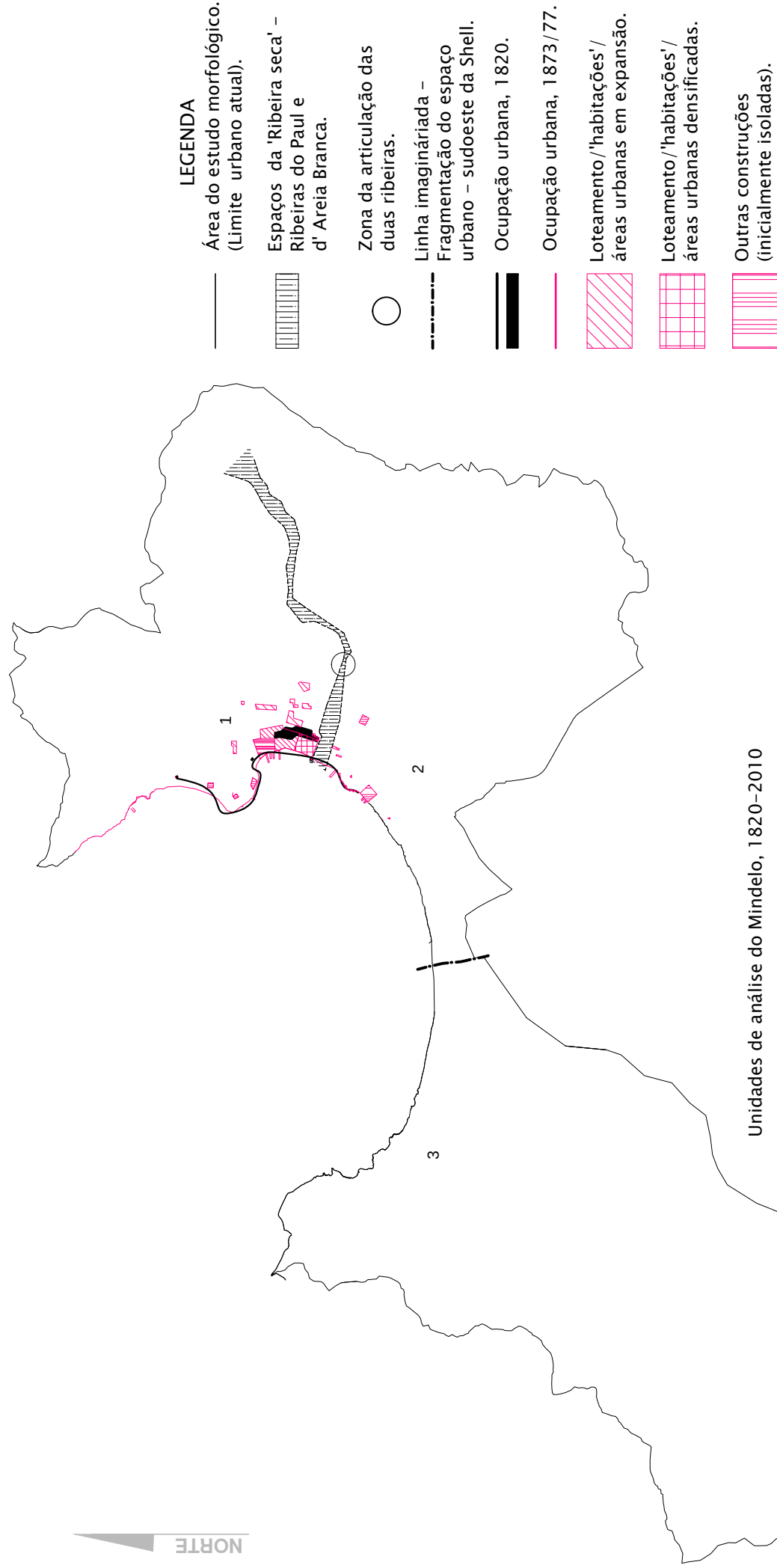
- 18- Ponte-cais, a norte do Monte do Forte Velho.
- 19- Duas pontes-cais, na base sul do Monte do Forte Velho
- 20- Depósito de carvão
- 21- Monte do Forte Velho
- 22- Obelisco
- 23- Conjunto composto por dois quarteirões de forma retangulares em planta.
- 24- Cemitério.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell

No período 1820-1873/77 ainda não é visualizado os depósitos da Shell. Esta área é demarcada por uma linha utópica, contígua à oeste destes quando da sua demarcação no terreno – a partir do período 1906-1920. Os terrenos localizados nesta área de análise apresentam-se isentos de qualquer construção.

Resumindo, a ocupação urbana do período 1820-1873/77 é realçado pela expansão da cidade para os terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca', em particular, para os situados à frente da área urbana preexistente, preenchendo assim todos os terrenos de cotas mais baixas e contíguos à orla marítima. A expansão do Mindelo para sul da 'Ribeira seca' apresenta-se de forma pouco significativa no contexto urbano da época, sendo definida essencialmente por construções não residenciais.

Todavia, da ocupação urbana deste intervalo temporal podemos observar que o Mindelo cresce também pelas encostas dos montes situados a norte e a leste da área urbana, demarcando de forma dispersa os terrenos interiores, e consequentemente, o início da expansão periférica. Esta característica, da ocupação por zonas altas e orientadas no sentido do centro urbano e da água, realça um crescimento urbano interligado aos três elementos distintivos do Mindelo – topografia, orla marítima/água, e centro urbano.



3.3.2.O Centro Urbano do Mindelo em 1888

Com o crescimento do Mindelo para o norte, a condição inicial do crescimento urbano dos espaços centrais seguindo o formato da orla é alterada, apresentando em 1888 a estrutura urbana linear visualizada até a atualidade. O desenho da cidade do respetivo ano demarca um núcleo urbano central e de lógica organizacional. Fig.56.

Em 1888, Mindelo é uma cidade que se destaca pela afluência do comércio carvoeiro, definida nos diversos pontões instalados na sua orla marítima e ocupando áreas expressivas do espaço urbano.

A cidade é definida por ruas paralelas, nomeadamente: a Rua do Infante D. Henrique, a Rua de S. João, a Rua de Sá da Bandeira e a Rua da Luz, ambas visualizadas desde o ano de 1858. A Rua da Luz, e a do Infante D. Henrique prolongam-se para norte, ultrapassando a rua perpendicular e central da urbe – a Rua dos Navegadores. Esta, permanece até a atualidade como espaço de referência da urbe mindelense. Deste conjunto de vias paralelas destaca-se a Rua Maginal, localizada na orla marítima. A delimitação desta via por um muro de proteção situado junto à costa, a praça 'D. Luiz', o enquadrando de dois molhes, e uma Ponte-cais, na área centra do muro, realçam a forma acabada da frente urbana.

Das ruas transversais existentes, realce para a Rua dos Navegadores. Esta via, já calçetada em 1876⁵⁸, destaca-se na estrutura urbana não só pelas dimensões mas também pelo eixo principal partindo de uma praça na zona nobre da orla e atual rotunda do Pássaro, alargando-se à medida que penetra pelo interior da urbe. A norte desta, situam-se a Rua Sampaio, a Rua de Miller e a Rua de Cadamosto; e a sul, a Rua do Calheiros, a Travessa da Igreja, a Travessa da Praia e o Largo da Salina. Este ultimo, um espaço amplo enquadrando a Casa Ferro nos seus limites junto a costa, apresenta-se como uma zona de separação da zona central de uma outra a sul realçada pelo espaço do Depósito de Cory, junto à costa, embora os espaços deste se apresentem delimitados neste plano. A Rua do Calheiros surge da fragmentação de um quarteirão visualizado desde 1858, criando uma perspectiva visual do edifício da Câmara ao mar. A Travessa da Igreja situada nas imediações dos edifícios públicos do Paços do Concelho e Igreja Paroquial, abre a perspectiva da praça interior para a orla. A Travessa da Praia intersesta toda a extensão urbana, penetrando o elemento água no interior do pequena urbe. (ver quadros em apêndice)

⁵⁸ BO 28/1877. SNI in MHOP (1984), P. 151.

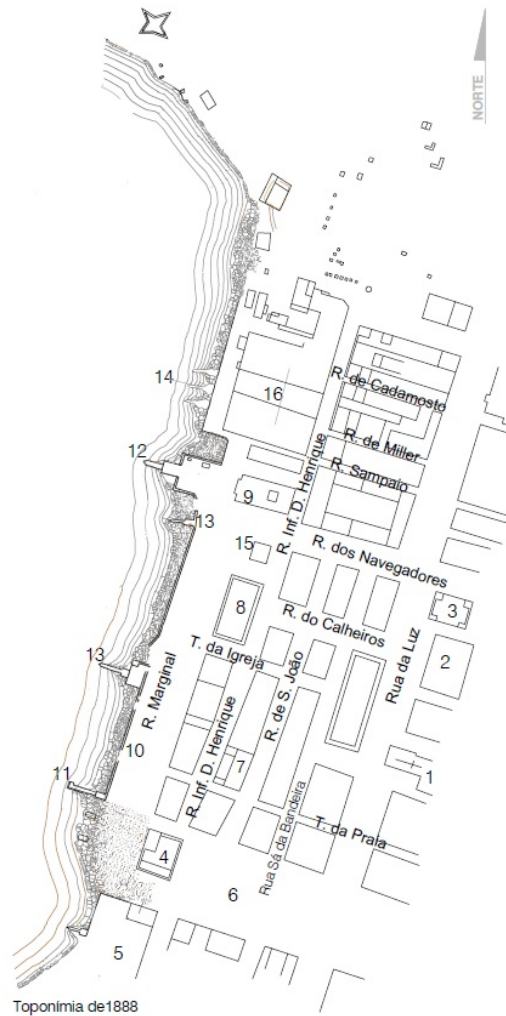


Fig. 56: Área urbana central do Mindelo: Planta incompleta do Mindelo de 1888. Enquadramento da toponímia da época. Esc: 5.000.

Fonte: Autor – Vectorização da planta. Base de trabalho: Planta incompleta da cidade do Mindelo de 1888. AHU. Lisboa

Legenda

- | | |
|--|---|
| 1 – Igreja | 10 – Muro de resguardo da Rua Marginal |
| 2 – Câmara Municipal | 11 – Ponte-cais, no local do ancoradouro (1820) |
| 3 – Mercado | 12 – Ponte-cais da Alfândega |
| 4 – Casa Ferro | 13 – Ponte-cais |
| 5 – Depósito da Companhia <i>Cory Brothers</i> | 14 – As três pontes-cais das Companhias de carvão |
| 6 – Largo da Salina | 15 – Correio |
| 7 – Obras públicas | 16 – Casa Miller |
| 8 – Praça D. Luís | |
| 9 – Alfândega | |

A zona à sul do Largo da Salina, espaços da 'Ribeira seca', é também demarcada pela continuação das ruas, da Luz, de Sá da Bandeira, de S. João e a do Infante D. Henrique, sendo esta, de continuação menos directa, apresentando-se fragmentada junto aos espaços da Casa Ferro. A antiga Casa Ferro & C.^a/Quintal da Vascónia, atualmente desativada, era um espaço destinado a venda de água aos habitantes.

A ocupação urbana da área central em 1888 é mais densa a sul da Rua dos Navegadores.

Dos edifícios públicos existente destaca-se a alfândega, contígua ao pontão mais expressivo da orla marítima. Este edifício de planta singular forma um conjunto urbano harmonioso com: uma vasta área livre anexa a sul; o edifício dos correios e a Praça Dom 'Luiz', a sudeste; e, o início da Rua dos Navegadores, a leste. O espaço livre da praça expande a amplitude da área urbana para o sul, indo até a Travessa da Igreja. O conjunto é completado à norte com uma construção menos relevante localizada entre a alfândega e a Casa *Miller*.

O Mercado Municipal, o edifício da Câmara Municipal e o da Igreja, ambos localizados no limite interior da zona central, marcam a localização da área pública e administrativa do Mindelo de 1888, ocupando os espaços mais afastados da costa, em zona mais firme. Os espaços a frente da Igreja destacam-se no plano de 1820 como zona baixa e de fácil alagamento.

No desenho da cidade de 1888 podemos constatar que a urbe prolonga-se para além desse núcleo central urbano, sendo esta, visualizada por quarteirões não completos na parte mais a leste e também, por pequenas construções dispersas, localizadas nos espaços mais à norte.

A existencia do Palácio do Governo destacada no MHOP (1984) como obras iniciadas em 1858 e concluídas em 1874, na altura com um único piso, e demarcada por uma construção no local, no desenho da cidade de 1873/77, não é visualizada no plano da área central de 1888, indicando que, a sua localização está fora do centro público e administrativo da época. Segundo o mesmo autor, em 1929, o edifício do Palácio do Governo era, ainda, uma construção pacata e com boas dimensões, mas de construção simples e destinada essencialmente ao lazer popular – Music Hall, não digno das funções governamentais. De igual modo, o desenho do Mindelo não enquadra o Lazareto, destinado a doentes e localizada fora da área urbana. Esta construção é visualizada no Plano Hidrografico do Porto Grande de 1899.

A orla marítima encontra protegida por um muro estendendo-se dos espaços em frente a alfândega, até as proximidades da Casa Ferro. Esta zona, enquadrando oito pontes-cais nos

seus limites de norte a sul, encontra num espaço de cota mais baixa e demarcada por uma extensão de areia/calhaus. A ponte-cais de maior porte localiza-se em frente a alfândega, sendo seguida de um pontão a meio da Rua Marginal e nas imediações da praça D. Luiz, e um outro, de construção mais simples e de porte menos arrojado, nas proximidades da Casa Ferro, no local do ancoradouro de 1820. Deste conjunto de pontões refletindo a importância do comércio marítimo na cidade, destaca-se também os três pontões em frente da Casa *Miller*, visualizados inicialmente em 1858, e uma ponte-cais, pouco expressiva, ao sul do cais da alfândega, em frente ao edifício dos correios. De realçar que neste desenho da urbe mindelense não é visualizado a ponte-cais de dimensão expressiva, localizado nas proximidades da Alfândega, demarcando a orla marítima em 1873/77. Por esta ponte-cais estar demarcada no desenho seguinte em análise, este aspeto pode demonstrar que a planta incompleta do Mindelo de 1888 enquadra unicamente o desenho pretendido, não transcrevendo na totalidade o existente no terreno.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade em vistas panorâmicas da época destaca-se a vista dos espaços centrais em 1885, Fig. 57.



Fig. 57: Cidade do Mindelo, 1885.

Fonte: Mindel.info - fotos antigas de Cabo Verde. In, <https://www.facebook.com/pg/Mindel.info/photos>.
Acedido em 7 Janeiro de 2014.

Legenda

1-Quartel Militar; 2-Palacete; 3-Câmara Municipal; 4-Instalações da Companhia Millers; 5-Armazéns da Alfândega; 6- Alfândega; 7-Praça Dom Luís; 8- Igreja; 9-Casa *Cory*

Brothers/ Millers & Cory; 10- Ponte-cais da Alfândega; 11- Rua dos Navegadores; 12- Mercado.

A imagem da figura 57, de 1885, permite a visualização dos espaços da Mindelo após 1880, e assim pode-se examinar algumas das alterações morfológicas da área central da época, em relação ao período anterior e identificadas no texto, nomeadamente:

- Uma pequena parte da extensão da urbe para o norte da Rua dos Navegadores, expandindo de formas linear a sua estrutura urbana dos terrenos a sul desta vias, ao contrário da estrutura urbana paralela à linha da orla marítima visualizada no desenho da cidade de 1873/77.

- A abertura da Rua do Calheiros. Esta não é visualizada no desenho da cidade de 1873/77, encontrando-se ocupada por construções.

A paisagem fronteiriça da urbe mindelense, apresenta em 1885 embelezado pela praça 'D. Luíz' – destacada entre as obras necessárias à urbe, em 1858. Esta, constitui conjuntamente com a Rua do Calheiros, a ligação do edifício do Paços do Concelho com o mar. De realçar também, o Palacete do Governo e o antigo Quartel Militar, ambos ainda com um único piso.

Da análise dos espaços urbanos do Mindelo visualizados nos desenhos da cidade dos anos de 1800, constata-se o seguinte:

1- Do exame dos desenhos da cidade de 1873/77 e 1888 constata-se que a ponte-cais localizada em frente ao edifício da Alfândega, e visualizado em 1888, foi construída contígua a norte da ponte-cais visualizada em 1873/77. O muro de resguardo da orla marítima surge provavelmente para a proteção da cidade, uma vez que esta parte do Mindelo fora erguida em uma zona de praia, constatado até hoje pelo nível freático na zona.

2- Do exame entre o desenho do Mindelo de 1888 em relação aos de 1858 e 1873/77, interessa ressaltar a definição atual do traçado da Rua Libertadores de África. O limite da via em 1858, demarcado por muro enquadrando a propriedade de António Joaquim Miz e George Rendell, não é visualizado em 1873/77. De igual modo, destaca-se o prolongamento do sistema viário da parte urbana existente, desde 1858, para os espaços urbanos localizados a norte da Rua dos Navegadores, alterando assim a morfologia desta área urbana visualizada ainda em 1873/77 e seguindo o formato da linha da orla marítima. Estes aspectos atrás citados constituem as alterações morfológicas da área central de 1888 em relação ao período 1820-1873/77.

Resumindo, em 1888, a área mais central da cidade encontra-se estruturada, demarcando a lógica organizacional da área histórica do Mindelo atual.

3.3.3.1873/77 – 1906: A definição do traçado da área central/histórica [Esquemas 2 e (a)2; Mapa 03]

O período, 1873/77 – 1906, apresenta-se não só como o período de estruturação da área central urbana do Mindelo mas também de definição da imagem urbana dos seus espaços mais centrais.

De uma primeira análise ao esquema 2, pode-se observar que a ocupação urbana deste intervalo temporal encontra centrada entre os montes do Fortim e do Forte Velho, desenvolvendo-se para os terrenos interiores, bem como a relevância do crescimento urbano para os espaços localizados a norte da 'Ribeira seca'. Prevalece também a tendência de ocupação da frente marinha com construções de caris industrial. No presente período ainda não são visualizados os depósitos da Shell, sendo a subdivisão das partes urbanas da presente análise, enquadradas por este, definida por uma linha utópica na zona da Galé.

A paisagem urbana do presente período é demarcada pelos terrenos livres de construções e situados no Largo da Salina, atual Praça Estrela. Estes enquadram o escoamento das águas pluviais – espaços da 'Ribeira seca' –, fragmentando os terrenos da cidade em duas grandes áreas urbanas, a norte e a sul da 'Ribeira seca'. Porém, nota-se a demarcação da subdivisão dos terrenos da 'Ribeira seca', contíguos à orla marítima.

A relevância dos espaços urbanos do Mindelo da época não se limita à estrutura planeada da sua cidade, mas também pela crescente ocupação da Baía do Porto Grande, em particular, nos espaços situados entre o Monte do Fortim e a zona de escoamento das águas pluviais da Ribeira de Vinha para o mar. Estes espaços, ocupados essencialmente pelas instalações das companhias de carvão e respetivos pontões, destacam-se de noroeste para sudoeste: pela adição de uma ponte-cais de pequenas dimensões localizada nas proximidades a oeste do edifício do Consulado Inglês da época, da nova ponte-cais da Alfândega, e da plataforma da Companhia Carvoeira de S. Vicente, junto à área central urbana. Esta encontra anexada a dois pontes-cais e contígua a mais dois localizados respetivamente a norte e a sul desta plataforma; pela ampliação e alteração do formato da ponte-cais da Companhia de Carvão *Millers & Cory* localizada junto a base norte do monte do Forte Velho, e contíguo a sudoeste,

a uma ponte-cais de pequenas dimensões; pela ampliação dos dois pontões situados a sul do monte do Forte velho e então espaços da Companhia Carvoeira *Wilson Sons*. Visualiza-se também o crescimento da área ocupada, em terra, por esta desta companhia de carvão.

A ponte-cais situada a norte da plataforma da Companhia de Carvoeira de S. Vicente⁵⁹ situa-se nos espaços de uma ponte-cais visualizada, no desenho da cidade de 1888, em frente ao edifício dos Correios, apresentando-se em expansão.

A nova ponte-cais da Alfândega, já é visualizado no desenho da cidade de 1888, delimitado à área central urbana e da adição de dois molhes situados na base sul do monte Fortim completam o desenvolvimento da orla marítima de 1873/77-1906. Fig. 58.

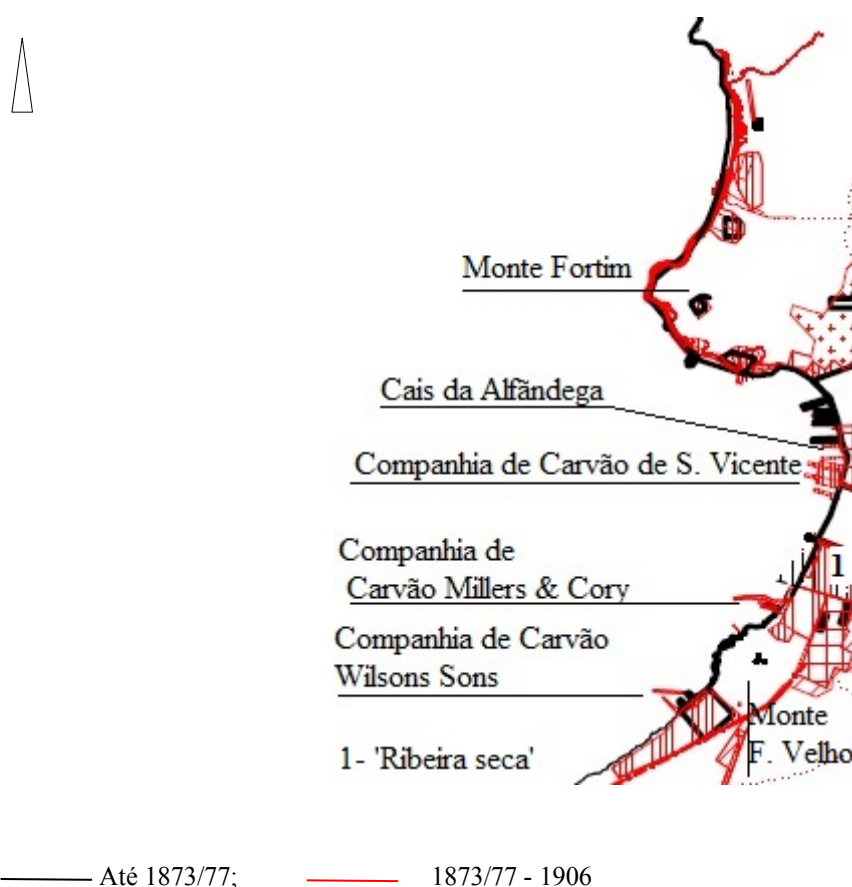


Fig. 58: Ampliação do Esquema 2: Espaços ocupados da orla marítima do Mindelo no período 1873/77-1906.
Fonte: Autor.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig.59

No espaço urbano localizado a norte da 'Ribeira seca' encontra-se a maior extensão de área urbana densificada do período 1873/77-1906, alargando-se particularmente para todo o espaço do atual bairro Centro da Cidade/Morada, incluindo os espaços da 'Ribeira seca'

⁵⁹ Esta companhia carvoeira é também designada de Companhia Nacional.

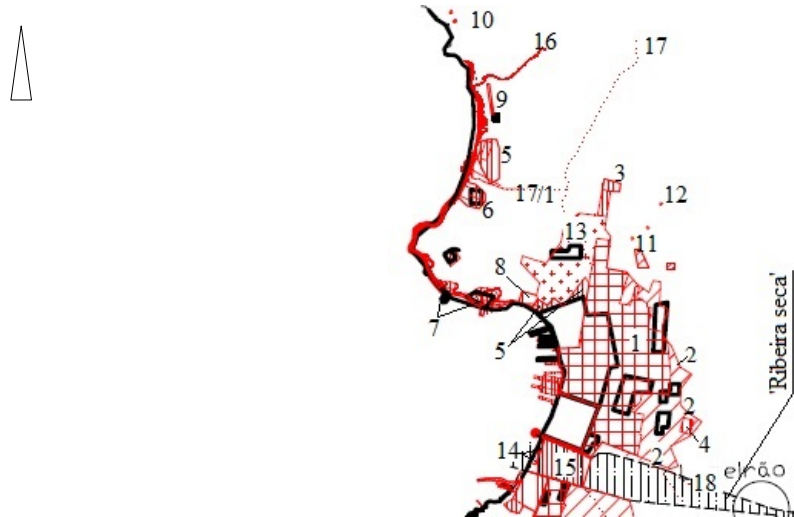
contíguos à orla marítima. Porém, apresenta-se por consolidar uma pequena área urbana localizada a nordeste. Esta, definida por alguma construção dispersa e dois poços estende-se para os espaços do atual bairro do Madeiralzinho, com mais um poço. A zona da 'Ribeira seca', composta unicamente por três construções de pequenas dimensões, situadas nas proximidades da linha do mar, é realçada pela subdivisão dos terrenos em parcelas urbanas e pela demarcação do Largo da Salina. (ver Quadro VII)

Seguindo-se para o sudoeste da área urbana da área urbana densificada, visualiza-se a expansão da cidade para os terrenos dos atuais bairros do Alto Mira Mar, Fonte Cónego e da Ribeira Bote. A noroeste, o crescimento urbano na zona do Montevideo e atuais espaços do bairro do Alto S Nicolau é definido por construções dispersadas.

A paisagem destes terrenos situados a norte da 'Ribeira seca' tem a sua ocupação urbana demarcada pelos edifícios da Cadeia Civil, a norte, e do hospital, a sudeste. A área industrial também em expansão é realçada pelo espaço da Companhia *Millers & Cory*, nos terrenos do atual bairro da Che Guevara, a ampliação dos depósitos da Estação Telegráfica e por pequenas ocupações localizadas na base sul do monte Fortim, contíguos a orla marítima. Seguindo-se para o sudeste deparamos com o edifício do Consulado Inglês. Esta paisagem urbana é completada nos seus terrenos mais a norte por um bloco de construção de formato retangular em planta, contígua à Ribeira da Mاتيota. "Construíram-se renques de casas dos trabalhadores na Mاتيota (...)" (Ramos, 2003, p. 95), Fig. 60. A construção retangular, renque de casas de trabalhadores, situa nos terrenos da Companhia *Millers & Cory*, mais precisamente nos espaços contíguos ao poço visualizado no período anterior do presente estudo, 1820-1873/77.

Seguindo-se para noroeste deparamos com outras duas, de pequenas dimensões e localizadas nos espaços da Companhia de S. Vicente, sendo uma destas de forma circular em planta, possivelmente demarcando a localização de um poço.

Da análise desta parte urbana, visualizar-se também a existência de uma relação entre a urbe e as áreas localizadas nas zonas mais interiores. Esta relação é demarcada pelos caminhos de acesso, ao Lameirão iniciando-se nas proximidades da 'Ribeira seca', e nas zonas situadas a Norte da Ilha de S. Vicente. A zona periférica da Mاتيota encontra interligada à urbe através do caminho carreteiro de acesso aos espaços da Estação Telegráfica e da Companhia *Millers & Cory*, localizados junto à praia da Lajinha.



— Até 1873/77; — 1873/77 - 1906 Esc: 1/35.000
 Fig. 59: Ampliação do Esquema 2: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca', no período 1873/77 -1906. Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Área urbana densificada
- 2- Expansão urbana para sudoeste – Alto Mira Mar, Fonte Meio e Ribeira Bote
- 3- Cadeia Civil
- 4- Hospital
- 5- Companhia *Millers & Cory*
- 6- Depósitos da Estação Telegráfica
- 7- Grupo de construções - base sul do monte do Fortim
- 8- Edifício do Consulado Inglês
- 9- Construções na Mاتيota - Renque de casa de trabalhadores
- 10- Ocupação nos terrenos da Companhia de S. Vicente
- 11- Construção dispersa, incluindo dois poços
- 12- Poço – construção na zona do Madeiralzinho
- 13- Crescimento urbano a noroeste – Alto Montevideo/ Alto S. Nicolau.
- 14- Construções contíguas à orla marítima.
- 15- Largo da Salina
- 16- Ribeira da Mاتيota
- 17- Caminhos de acesso às zonas periurbanas situadas a Norte da Ilha de S. Vicente.
- 17/1- Caminho de ligação do centro urbano à zona da Mاتيota/Lajinha
- 18- Caminhos de acesso às zonas periurbanas – Lameirão



Fig. 60: Matiota, 1914.

Fonte: *Blog do mindelsempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2012/>. Acedido em 24 de Abril de 2017.

Legenda

1-Renque de casas dos trabalhadores na Matiota. Construída pelos ingleses.

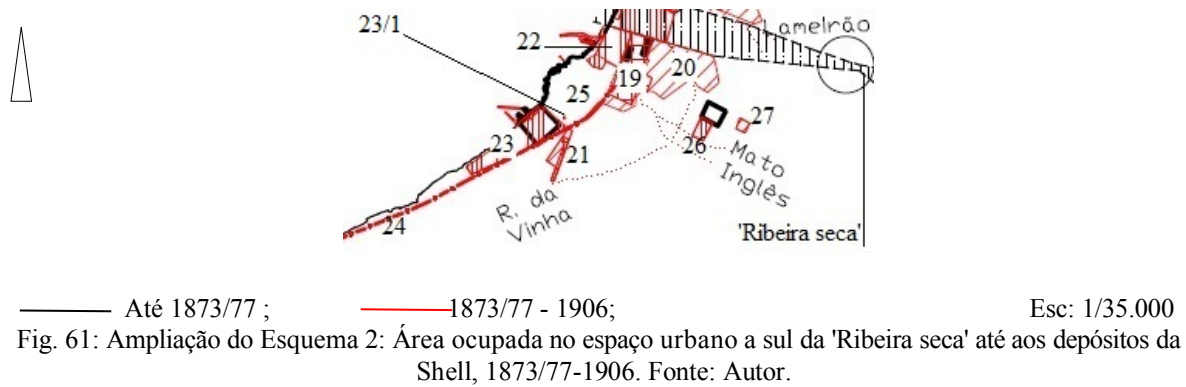
Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 61

A parte urbana situada a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell é caracterizada pela expansão da sua área residencial. Esta encontra dividida em duas zonas, uma situada a leste dos espaços do bairro do Monte Craca, e uma outra nos terrenos do bairro do Dji d'Sal, a sudoeste das construções existentes. Prevalece também a característica industrial visualizada no período de ocupação urbana anterior, demarcada pela adição dos espaços da Casa *Cory*, contígua à 'Ribeira Seca', mais precisamente a norte do Monte do Forte Velho, e a ampliação dos espaços da Casa *Wilson Sons*, para o sudoeste do mesmo monte. Contígua a nordeste dos terrenos desta companhia carvoeira, encosta sul do monte do Forte Velho, visualiza-se uma construção de pequenas dimensões.

O núcleo habitacional do Monte Craca, visualizado de forma pouco significativa na ocupação urbana do período de 1820- 1873/77, encontra em expansão para o sudeste, apresentando uma área densificada junto ao monte do Forte Velho. Esta está interligada ao centro urbano do Mindelo através da ligação das suas vias à estrutura viária central.

O núcleo habitacional do Dji d'Sal localiza-se nas proximidades dos depósitos de carvão da Casa *Wilson Sons*.

Seguindo-se para o sudeste da área urbana em crescimento, na zona de Monte Craca, pode-se observar a expansão dos espaços do cemitério da época e uma nova construção a sudeste deste. Ambos estão localizados nos terrenos do atual bairro de Chã de Monte Sossego.



Legenda

- 19- Área urbana densificada, na zona do Monte Craca
- 20- Área urbana em crescimento na zona do Monte Craca
- 21- Núcleo habitacional na zona do Dji d'Sal
- 22- Casa Cory
- 23- Casa *Wilson Sons*
 - 23/1- Construção contígua a nordeste da Casa *Wilson*
- 24- Estrada do Lazareto
- 25- Monte do Forte Velho
- 26- Expansão dos espaços do cemitério
- 27- Ocupação urbana na zona de Chã de Monte Sossego

Enquanto a área urbana da época alarga-se por espaços de bairros contíguos à zona central, através de uma estrutura viária ordenada, o acesso aos espaços interiores, mais distantes é efetuado essencialmente por caminhos careteiros, exceto o acesso à zona do Lazareto. Este é demarcado pela Estrada do Lazareto, interligando a área urbana aos terrenos mais a sudoeste – zona do Lazareto. Destaca-se como caminho careteiro: o caminho de acesso às zonas do Mato Inglês e o da Ribeira da Vinha.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell

Embora os depósitos da Shell não sejam visualizados no presente período de ocupação urbana, esta parte urbana, demarcada por terrenos localizados a oeste da linha utópica, tem a sua paisagem definida por algumas construções localizados nas zonas do Lazareto e do Morro Branco. Estes, não integrados no desenho do Mindelo de 1906, são visualizados no Plano Hidrográfico do Porto Grande de 1899, e comprovados nos desenhos da cidade publicados posteriormente, bem como em documentação diversas. "No mesmo ano de 1880 tiveram início as obras do edifício do LAZARETO ao fundo da Galé." (Ramos, 2003, p. 26).

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig.62

A estrutura da área central do período de 1873/77-1906 está destacada no Esquema (a)2 – componente complementar do esquema 2, correspondendo a estrutura viária da área urbana de 1906, a base morfológica do crescimento urbano do Mindelo.

No Esquema (a)2 pode-se observar o traçado das vias centrais e a relação destes com a periferia urbana. A continuação linear demarcando a lógica organizacional dos espaços urbanos iniciais, visualizada desde 1858, apresenta-se concluída em 1906. O sistema de vias, definida pela estrutura regular e de matriz ortogonal, é composto por vias partindo da orla marítima e prolongando-se para o interior sem que os destinos variados chegassem a determinados lugares, permitindo assim a penetração do elemento água para o interior da urbe, e de outras, perpendiculares às primeiras, atravessando a cidade em toda a sua extensão nordeste/sudoeste. A lógica organizacional é realçada pela Rua de D. Carlos, localizada aproximadamente no centro da área urbana, e pela Rua do Tenente Valladim, junto a Baía do Porto Grande.

Em 1906 é visível a interligação dos bairros periféricos através de vias estruturantes e de dimensões proporcionais em relação a área urbana, possibilitando a orientação espacial a partir do centro urbano. Deste sistema de vias estruturantes de ligação do centro urbano às artérias periféricas destaca-se duas vias seguindo-se da orla marítima para o interior urbano, particularmente para os espaços dos bairros de Alto Santo António – Rua do Conselheiro Sampaio e o da Ribeira Bote – Travessa da Praia. Esta característica de ligação à água pode demarcar a relevância destes espaços periféricos no contexto geral da urbe da época.

Segundo Ramos (2003), no início do século XX, existia a zona da Ribeira Bote um pequeno estaleiro para construção de barcos de madeira bem como "botes e escaleres de todos os tamanhos e feitios", servindo não só a Baía do Porto Grande do Mindelo mas também as

outras ilhas, sendo "ali construídos os navios «Pomba», «Mensajeiro», etc." (p.19). A ligação direta da Travessa da Praia, à respetiva zona pode ser explicada pela forma de acesso dos barcos construídos ao mar. Segundo este autor, esses "eram assentes em roletos de ferro maciços e apoiados lateralmente em escoras de madeira e à medida que as pessoas iam puxando os barcos com cabos fortes simultaneamente, as escoras eram novamente colocadas para manter o equilíbrio dos mesmos" (p.19). Este processo seguia-se até os barcos começassem a flutuar, contribuindo assim para a designação do sítio – Ribeira Bote

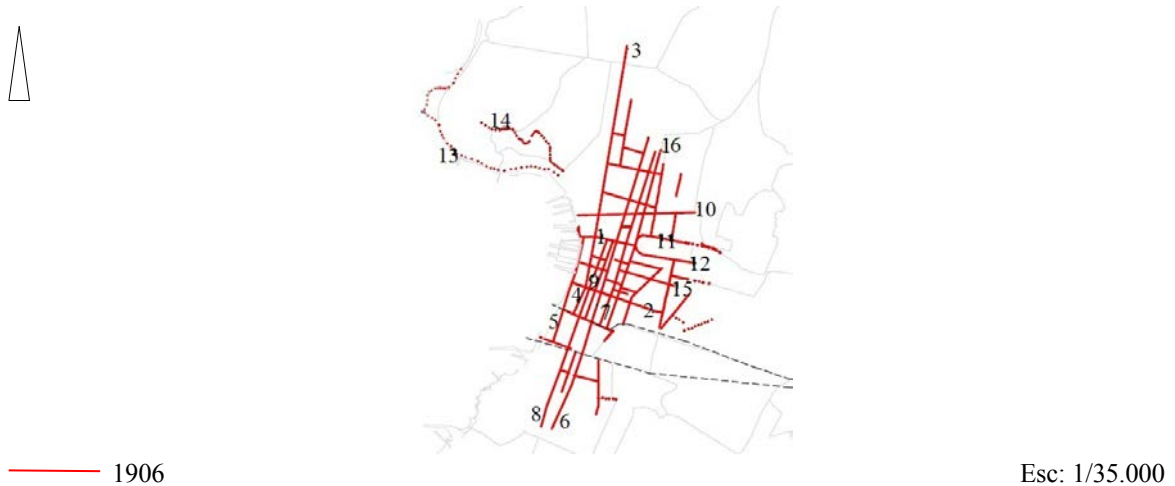


Fig. 62: Ampliação do Esquema (a)2: Traçado urbano da área central, em 1906.

Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Rua D. Carlos, atual Rua Libertadores de África
- 2- Travessa da Praia
- 3- Rua Infante D. Henrique, atual Avenida 5 de Julho
- 4- Rua S. to António
- 5- Rua Tenente Valladim, atual Rua da Praia/ Avenida Marginal
- 6- Rua do Douro
- 7- Rua do Conselheiro Neves Ferreira
- 8- Rua da Guebara, atual Rua do Morguinho
- 9- Rua S. João
- 10- Rua do Conselheiro Sampaio, atual Rua Unidade Africana
- 11- Rua do Custódio Duarte, atual Rua Franz Fanon
- 12- Rua do Hospital, atual Avenida Fernando Ferreira Fortes
- 13- Caminho de acesso à zona da Pontinha.
- 14- Acesso ao Forte - Fortim d' El Rei
- 15- Travessa dos Paços do Concelho

16- Rua João Machado

Deste conjunto de vias, pode-se observar as seguintes vias de ligação do centro urbano às áreas periféricas mais próximas: a Travessa da Praia – interliga o centro urbano à zona da Ribeira Bote; a Rua do Infante D. Henrique, no prolongamento, para o norte, da Rua de S. António, estabelece a ligação da área central com aos espaços do atual bairro da Zona Militar; na zona do Monte Craca, as Ruas do Douro, no prolongamento da Rua do Conselheiro Neves Ferreira, e da Guebara, no prolongamento da Rua de S. João, estabelecem a ligação desta zona com o centro urbano; a Rua do Conselheiro Sampaio dá o acesso aos espaços do atual bairro do Alto Santo António; a Ruas do Custódio Duarte estabelece a ligação da área mais central com os espaços dos bairros do Alto Mira Mar e do Alto de Solarine/Forca; a Rua do Hospital estabelece a ligação do centro com os espaços do bairro do Fonte Cónego; a Travessa da Igreja e a Travessa dos Paços do Concelho unem a área urbana central ao sítio da Ribeira Bote. Destaca-se também os caminhos de acesso a zona da Pontinha e da Forte, Fortim d’El Rei.

O prolongamento das ruas do Conselheiro Neves Ferreira e de S. João para a zona do Monte Craca não encontra consolidado no terreno, mantendo assim a unidade dos espaços do Largo da Salina.

Dimensão urbana da análise do Mindelo – 1906. Fig. 63 (ver planta original em anexo)

Como já foi citado, o rigor do traçado, e a importância do crescimento urbano visualizado no desenho da cidade de 1906, no contexto geral da paisagem do Mindelo atual, permite o enquadramento da toponímia das vias centrais ao longo dos períodos de ocupação em análise e a demarcação de marcos referenciais do Mindelo, sendo relevante uma descrição sumária da morfologia urbana do respetivo ano.

Devemos todavia observar que a planta manuscrita, de 1906, não enquadra toda a extensão da área em estudo, tornando necessária a interação da respetiva planta com a documentação histórica e a cartografia do Porto Grande de 1899, bem como a dos anos seguintes, possibilitando a delimitação do espaço urbano em estudo, localizado a sudoeste da zona da Galé.

Em 1906 são relevantes as vias que atravessam a cidade em toda a sua extensão. Aproximadamente, de nordeste a sudoeste: a via composta pela Rua de Sagres, Rua Conselheiro Neves Ferreira, a rua que atravessa o Largo da Salina e, a Rua do Douro seguindo-se até a zona do Alto da Penha de França no bairro do Monte Craca; a via composta pela Rua do João Machado, a Travessa de Brites de Almeida e a Rua Suburbana. Esta última é atravessada por

dois largos, o de João Paes e o do Madeiral, tendo, como limite Sul, os espaços da Salina nas proximidades da Rua do Matadouro.

Deste conjunto de vias realçamos também, a via composta pelas Ruas Infante D. Henrique e a de S.^{to} António e, a via composta pela Rua de S. João, e a Rua da Guebara à seguir a uma rua na zona da Salina. O primeiro conjunto de ruas apresenta-se delimitado a sudoeste por um espaço em construção e localização atual da Torre do Mindelo, enquanto, a segunda via tem como limite a Rua de D. Carlos. Aproximadamente da orla para o interior ou seja, de noroeste a sudeste: a Rua do Conselheiro Sampaio, e a Travessa da Praia. A via de ligação da Rua de Sagres à Rua do Douro, no bairro do Monte Craca, destaca-se, ainda atualmente, como a mais comprida via do conjunto urbano central. Esta via proporciona uma perspetiva panorâmica interessante, realçado na interligação da área histórica à periferia, e a topografia montanhosa envolvendo, a norte, o centro urbano do Mindelo. (ver Mapas 13 – 16 e os quadros, em apêndice)

Destaca-se também um conjunto de vias aproximadamente paralelas à orla. Destaca-se: a norte da Rua de D. Carlos – Rua do Infante D. Henrique, Rua de Sagres, Rua dos Descobrimentos, Rua do João Machado, Rua do Capitão Heitor d’Azevedo e a Rua da Paz; a sul da Rua de D. Carlos – Rua da Moeda, Rua Suburbana, Rua do Barreiros, Rua do João Carlos, Rua António de Nola e, a Rua do Augusto Ferro. Estas vias têm a orientação nordeste/sudoeste.

Todavia visualiza-se também o enquadramento de algumas vias direcionadas à orla marítima mas sem acesso ao mar, nomeadamente: a Travessa do Jardim, e a Travessa Camões, nos arredores da Praça Serpa Pinto; a Rua do Custódio Duarte e a Rua do Hospital, respetivamente a norte e a sul do edifício do Palácio do Governo; a Rua do Poço do Estado e a Travessa dos Paços do Concelho, nas proximidades do Largo do Madeiral; a Travessa da Paz e a Travessa da Fé, respetivamente, a norte e sul do edifício da igreja; a Rua Figueiredo de Barros, a norte da Casa Carvoeira *Cory*, na zona do Monte Craca, estando este nos espaços a sul da 'Ribeira seca'.

A frente marinha apresenta uma forte presença inglesa. Estes espaços estão ocupados essencialmente pelas áreas das companhias carvoeiras, distinguindo-se dos anos anteriores, pela mudança da área de estar e lazer da orla, para o interior urbano, particularmente, para o limite norte da zona central urbana. Esta transformação é determinada pela ocupação dos espaços da Praça Dom Luís, pelos quintalões da Companhia Nacional de S. Vicente e pela localização de uma nova praça pública – a Praça Serpa Pinto na Rua do Infante D. Henrique. O Largo dos Paços do Concelho, o Largo do Albuquerque e os dois Largos do Madeiral concluem os espaços

públicos urbanos. A Praça Serpa Pinto, designada de Praça Amílcar Cabral, após à independência de Cabo Verde, é vulgarmente designada de Praça Nova – desde sua construção (MHOP, 1984) à atualidade.

O conjunto destas vias e largos constituiu a base morfológica da cidade do Mindelo.

Os quarteiros estreitos e de forma retangular, característicos da urbe inicial e localizados a sul da Rua de D. Carlos, apresentam-se enquadrados por novos quarteirões de dimensões mais expressivas, a norte da referida rua. Os espaços localizados no limite norte, desta área urbana, são realçados por algumas ocupações ao redor da Praça Serpa Pinto, nomeadamente os espaços da Estação Telegráfica e os do Jardim D. Angélica, localizados respetivamente a sul e leste da Praça Serpa Pinto.

Legenda original - Planta da Cidade do Mindelo, 1906.

1 – Fortim d’El Rei	19 – Fonte Cutù
2 – Igreja	20 – Depósitos da Est. Telegráfica
3 – Alfândega	21 – Jogo de <i>Cricket</i>
4 – Paços do Concelho	22 – Carreira de Tiro
5 – Mercado	23 – Largo do Madeiral
6 – Tribunal	24 – Largo da Salina
7 – Palácio	25 – Largo do P. do Concelho
8 – Quartel	26 – Largo do Tarrafal
9 – Parada (praça pública)	27 – Caminho da R. ^a da Vinha
10 – Depósito d’ águas	28 – Caminho do Mato Inglez
11 – Praça Serpa Pinto	29 – Estrada do Lameirão
12 – Jardim D. Angélica	30 – Estrada do Lazareto
13 – Hospital novo	31 – Casas na Matiota
14 – Estação Telegráfica	32 – Zona do Montevideo
15 – Antigo Cemitério Portuguez	Comp. ^{as} Carvoeiras
16 – Cemitério Inglez	M – Casa <i>Millers & Cory</i>
17 – Consulado Inglez	W – Casa <i>Wilson Sons</i>
18 – Cadeia Civil	S – Comp. ^a S. Vicente
 - Terrenos com construções	 - Terrenos sem construções

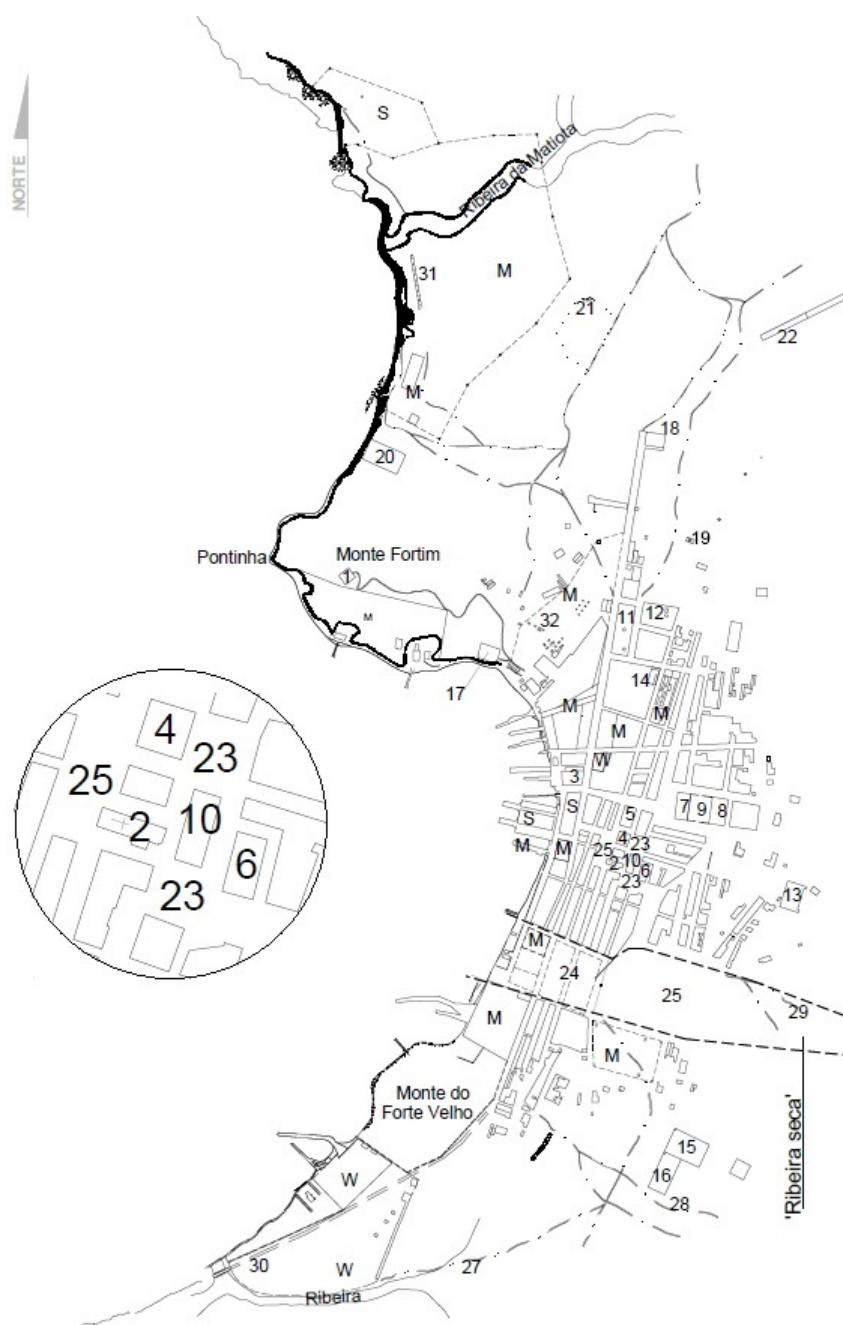


Fig. 63: Planta da Cidade do Mindelo, 1906. Escala 1:15.000

Fonte: Autor – Vectorização da planta. Base de trabalho: Planta da cidade do Mindelo da Ilha de S. Vicente. 1906. AHU. Lisboa.

Os terrenos urbanos situados no limite norte da área urbana de 1906 são realçados: pelos edifício da Cadeia Civil, localizado no atual bairro da Zona Militar, espaços do antigo Comando Militar; os espaços da Carreira de Tiro e uma área para o jogo de *cricket*, situados na

mesma zona; os depósitos da Estação Telegráfica, anexos à orla; grandes extensões de terrenos pertencentes à Companhia de Carvão *Millers & Cory*, estendendo-se da orla para o interior e ocupando uma extensa área enquadrada nas atuais bairros de Mاتيota/Lajinha, Chã de Alecrim, Alto Morabeza e Che Guevara, e uma outra área localizada na encosta sul do monte do Fortim. Este, estendendo-se pela orla segue-se dos espaços da Pontinha até as proximidades do edifício do Consulado Inglês; uma área de terreno pertencente à Companhia de S. Vicente, localizada junto à costa, nas proximidades da zona de João Ribeiro.

Seguindo-se para sudeste, a paisagem urbana é realçada pelo edifício do hospital anexo a um pequeno núcleo habitacional, localizada no atual bairro da Ribeira Bote. Este núcleo habitacional é composto pelas ruas do Sol e da Esperança.

Os terrenos mais a sul, destacados pelo enquadramento do Largo da Salina - 'Ribeira seca', e o monte do Forte Velho, tem a sua frente urbana delimitada por construção das Companhias Carvoeiras, da Casa *Cory* e da *Wilson*. Estes encontram-se localizados, respetivamente, a nordeste e sudoeste do monte. A sudeste do respetivo monte visualiza-se uma área habitacional. Esta, contígua a sudoeste do Largo da Salina e localizada na zona do Monte Craca, encontra interligada ao centro da cidade, através da ligação das suas vias à estrutura viária central.

O núcleo habitacional do Monte Craca é composto pelas ruas da Guebara, do Minho, do Douro, do Dr. Medeiros – na zona do Alto da Penha de França, e do Matadouro. Estes localizam-se, respetivamente, de noroeste a sudeste da Casa Carvoeira *Cory*. Interessante a amplitude panorâmica construída através da relação das suas vias com a área central, nomeadamente: a Rua da Guebara, ligada a Rua de S. João até aos espaços da Rua de D. Carlos; o conjunto formado pela Rua do Minho atravessando o Largo da Salina, a Rua de Sá da Bandeira e a Rua do Tejo, seguindo-se até a Rua de D. Carlos; a Rua do Douro interligada, a norte, a Rua do Conselheiro Neves Ferreira e a Rua de Sagres.

As restantes áreas localizados a sul da cidade encontram-se praticamente livres de construções, sendo realçados unicamente pelos cemitérios, Ingleses e Portugueses, situados no limite sudeste do Mindelo, conjuntamente com pequenas construções, localizados de formas dispersas.

O acesso aos lugares mais distantes do Mindelo da época é estabelecido através de um conjunto de caminhos careteiros e realçados pela Estrada do Lazareto, unido o Mindelo aos sítios do Lazareto e Morro Branco.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade pelas perspectivas panorâmicas da época realçamos:

1- Uma vista panorâmica do Mindelo da época. Fig. 64

A imagem da figura 64 visualiza-se uma urbe de característica tipicamente industrial, demarcada por uma frente marinha ocupada essencialmente por construções industriais.

Embora sem data, esta vista do Mindelo, pode ser enquadrada entre os finais dos anos de 1899 e início de década de 1900. Este enquadramento temporal deve-se:

- À definição dos espaços da Casa Carvoeira *Cory* anexo aos respetivos pontões, localizado junto a base norte do monte do Forte Velho. Este, não visualizado no Plano Hidrográfico do Porto Grande de 1899, mas demarcado na Planta manuscrita da cidade do Mindelo de 1906.
- A ausência do edifício da Capitania dos Portos – Réplica da Torre de Belém. Este é datado de 1918-1921.



Fig. 64: Vista panorâmica do Mindelo (sem data)

Fonte: *Blog do mindelosempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2014/>. Acedido em 24 de Abril de 2017.

2- Propriedade agrícola localizada na orla marítima do Mindelo. Fig.65

Esta figura corresponde a uma vista panorâmica do Monte Cara, a partir dos terrenos do Mindelo. Do ponto da perspectiva panorâmica desta imagem, pode-se constatar que a propriedade agrícola, tipo horta, fica localizada nos espaços mais a norte da orla da Baía do Porto Grande, particularmente, nas proximidades de Ribeira da Matiota.

No desenho da cidade de 1906, esta apresenta-se integrada nos espaços da companhia *Millers & Cory*.

Interessante ressaltar outras ocupações agrícolas da orla integradas no presente período, 1873/77-1906: uma outra construção contígua a um poço, localizada nesta zona da Matiota, em particular, nos espaços da companhia de S. Vicente, visualizada no desenho do

Mindelo de 1906; uma construção localizada nos espaços do escoamento das águas pluviais das ribeiras do Lameirão, de Julião e da Vinha, á sul do monte do Forte Velho, visualizada em 1899 – cartografia complementar da presente análise.

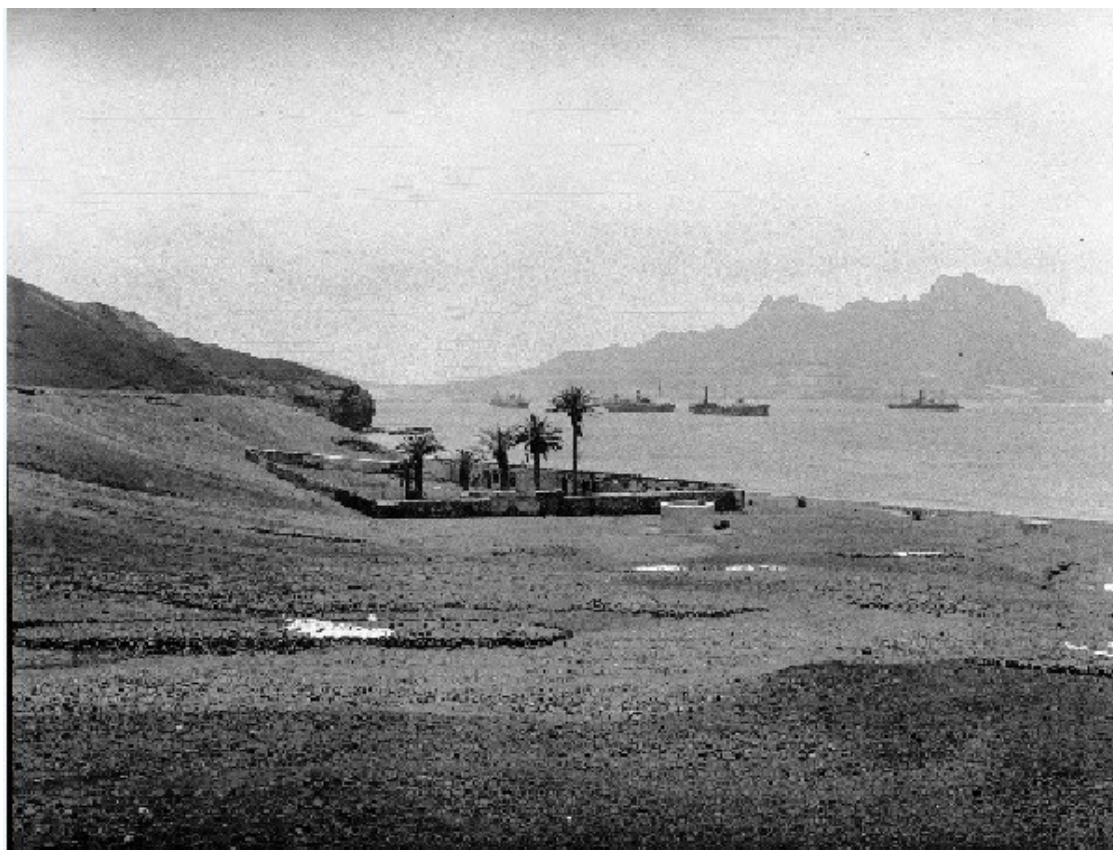
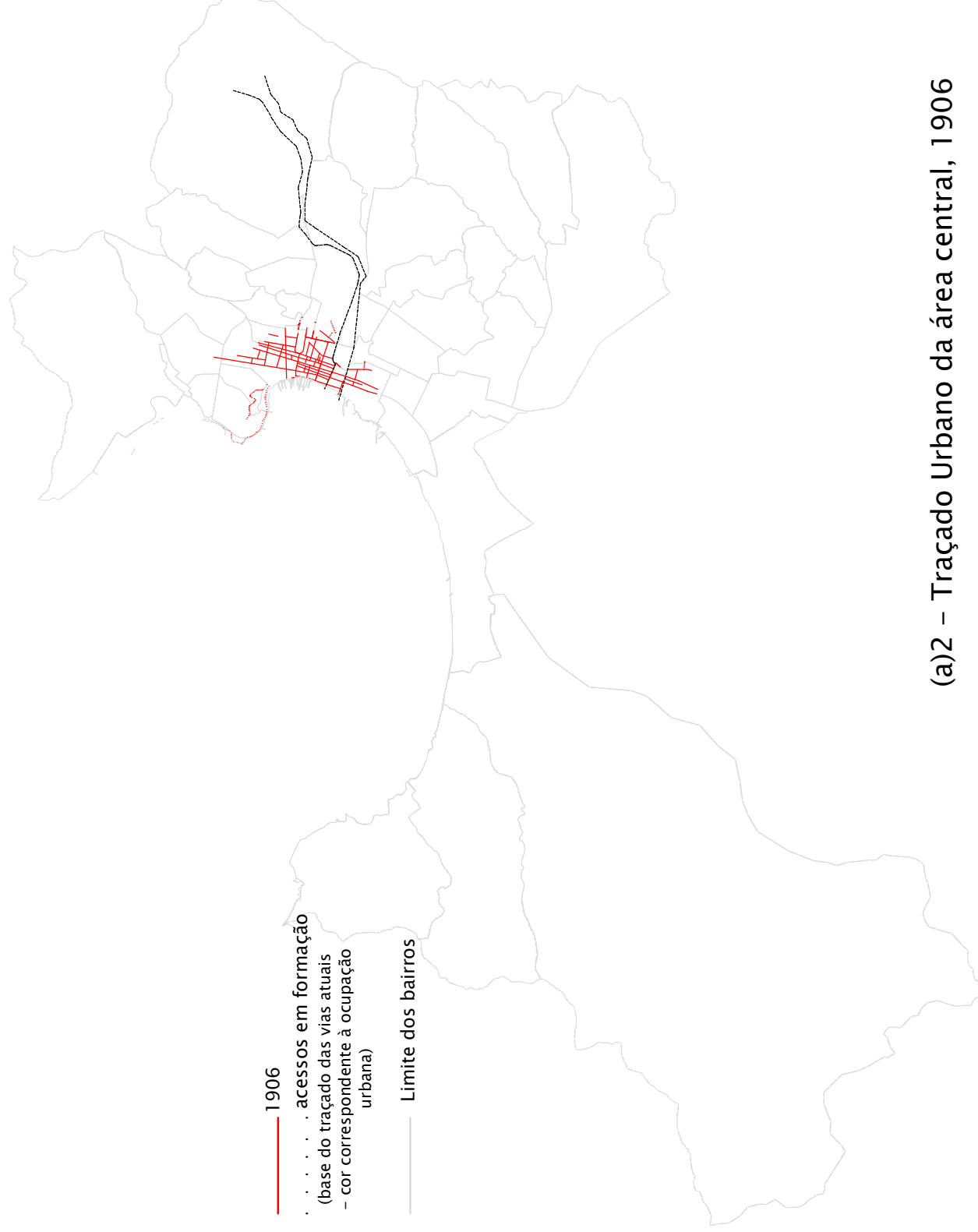


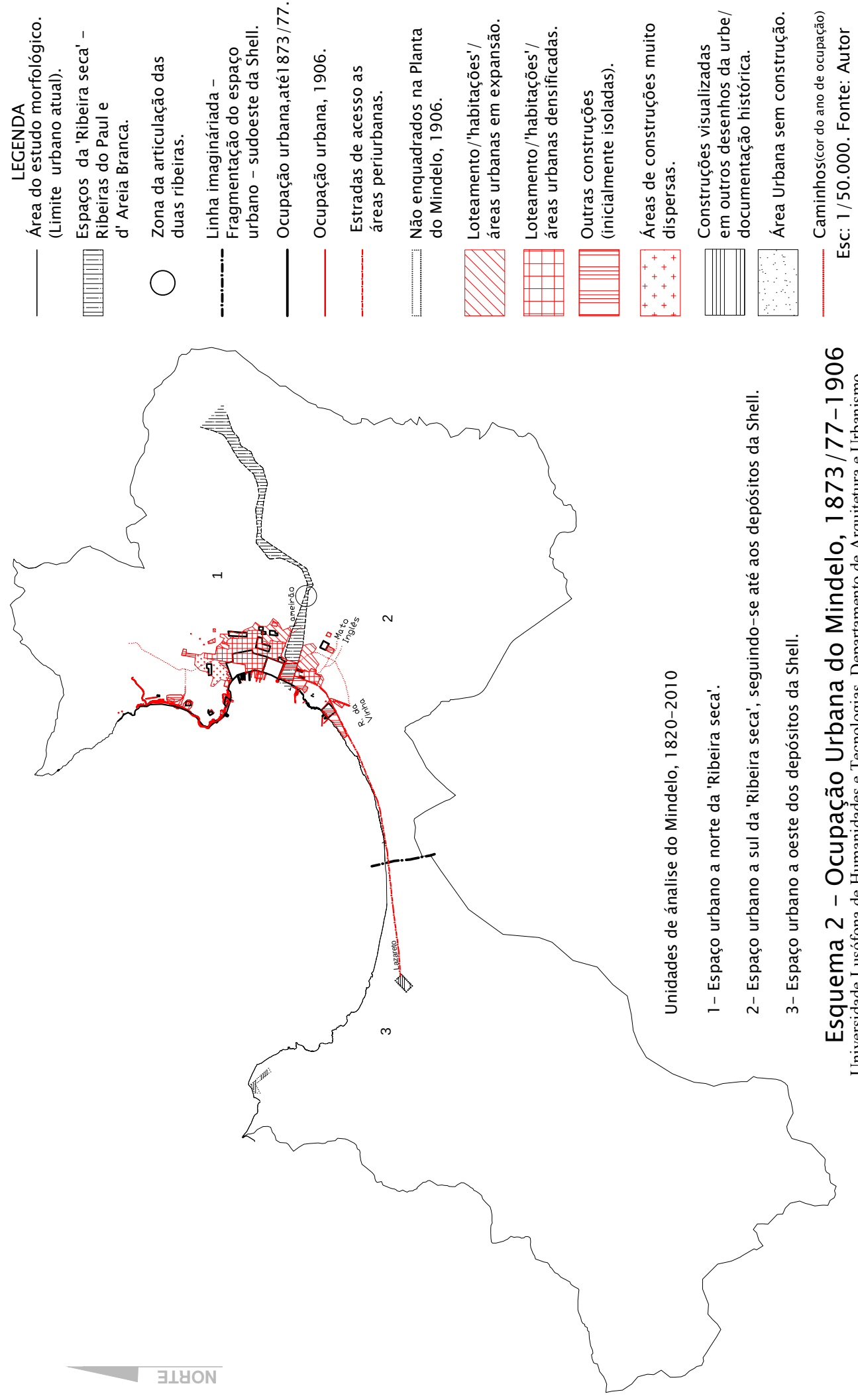
Fig. 65: Propriedade agrícola localizada na orla marítima do Mindelo

Fonte: Blog do arrozcatum. In, <http://arrozcatum.blogspot.pt/2015/08/>. Acedido em 20 de Setembro de 2015.

Resumindo, a ocupação urbana do período 1873/77-1906 é realçada na morfologia dos seus espaços urbanos visualizados em 1906. A clareza de imagem da cidade englobando praticamente toda à área central atual permite a identificação dos lugares, a integração da toponímia dos diferentes períodos da ocupação urbana em estudo e consequentemente a caracterização deste intervalo temporal como período da definição do traçado da área central do Mindelo. Constituí uma das bases fundamentais da ocupação urbana.



(a)2 – Traçado Urbano da área central, 1906



3.3.4. 1906 – 1920: A expansão da infraestrutura viária periurbana [Esquemas 3 e (a)3; Mapa 04]

No período 1906-1920, a área urbana da cidade encontra-se essencialmente á norte da 'Ribeira seca' apresentando um crescimento mais acentuado a leste, em áreas periféricas e localizadas no limite urbano. Embora esse crescimento enquadre estruturas urbanas auto-organizadas, mantém-se a relação terra/água visualizada desde o início da formação da urbe.

No contexto urbano da época são visualizados não só as vias de ligação da urbe aos terrenos mas afastados da cidade mas também uma via de acesso a uma área periférica mais próxima. Esta via, atual Avenida Dr. Alberto Leite, demarcada como caminho carreteiro no período de 1873/77-1906, estabelece a ligação da urbe aos depósitos da Estação Telegráfica, localizada nas proximidades da praia da Lajinha. Das estradas de acesso às áreas mais interiores, destaca-se: a estrada de acesso às zonas da Ribeira de Julião e da Viana, e a estrada de acesso à zona do Monte Verde. As zonas interiores da Ribeira de Julião e do Monte Verde com características agrícolas, e a zona da Viana, enquadrando um vulcão e uma extensa planície e localizada no extremo sudeste de S. Vicente, demarcam o início da ligação estruturada entre a urbe mindelense e os terrenos localizados no interior da ilha. As obras da estrada para Viana iniciaram-se em 1914 (MHOP, 1984) e foram concluídas em Maio de 1915. A estrada do Monte Verde teve as suas obras iniciadas em 1912 (Ramos, 2003, p. 28). O período em questão pode ser resumidamente identificado como período de início da expansão da infraestruturação viária, particularmente de acesso às áreas periurbanas.

De facto a construção de vias de ligação da área urbana com os terrenos mais distantes permite-nos concluir a importância destes lugares no contexto do Mindelo, sendo que na altura os restantes acessos existentes, de ligação às áreas localizadas fora do perímetro urbano, eram caminhos carreiros, essencialmente relacionados à prática de agricultura ou de lazer, nomeadamente: o caminho do Mato Inglês e da Fazenda Real, o caminho de acesso à vila piscatória da Salamansa e à zona do Salgadinho, e o caminho de acesso à zona do Morro Branco. O caminho de acesso às zonas do Mato Inglês e da Fazenda, iniciando-se na zona de Fonte Francês, atravessando a Ribeira do Lameirão, passando pelos montes do Maroço e da Fonte Nova, segue-se por fim pela estrada de acesso a Assomada da Baleia, a partir da interseção com esta, nas proximidades da Ribeira do Mato Inglês ou do Cavalo. De realçar que este caminho apresenta um desvio para a propriedade Fialho, na zona da Fazenda Real. O caminho de acesso, as zonas da Salamansa e do Salgadinho, iniciando-se nas proximidades do depósito de água, localizado no bairro atual da Vila Nova/Lombo de Tanque, segue-se aproximadamente de

forma paralela a Ribeira da Areia Branca, bifurcando-se na zona baixa entre os Montes, Amargosa a norte – acesso à aldeia da Salamansa, Areia Branca/Cabouco Vermelho a sul – acesso à zona do Salgadinho Estes dois acessos enquadram pelo monte do Salgadinho. Esta bifurcação do caminho de acesso às zonas da Salamansa e do Salgadinho, bem como os montes envolventes, localizam-se fora do perímetro do presente estudo, apresentando-se contíguos ao limite nordeste desta área urbana. O caminho de acesso ao Morro Branco tem o seu início no cruzamento com a estrada do Lazareto, particularmente localizado um pouco à leste das construções existentes na respetiva zona.

A paisagem da orla marítima é alterada com a adição de três pontes-cais, situadas a sul da 'Ribeira seca', na zona do Dji d' Sal, sendo duas contíguas a sul dos pontes-cais da Companhia Carvoeira do *Wilson Sons* e uma outra a sul destes. Esta última apresenta-se nas proximidades dos espaços da estufa de desinfeção. De igual modo, as medidas de adaptação ao desenvolvimento técnico adotadas por *Millers & Cory* em 1919 é realçada na ampliação dos seus espaços contíguos à orla marítima, na zona do Monte Craca. Nesse ano "foi concebida a licença para estabelecimento de uma instalação de óleos combustíveis na Praia da Salina" (MHOP, 1984, p. 75).

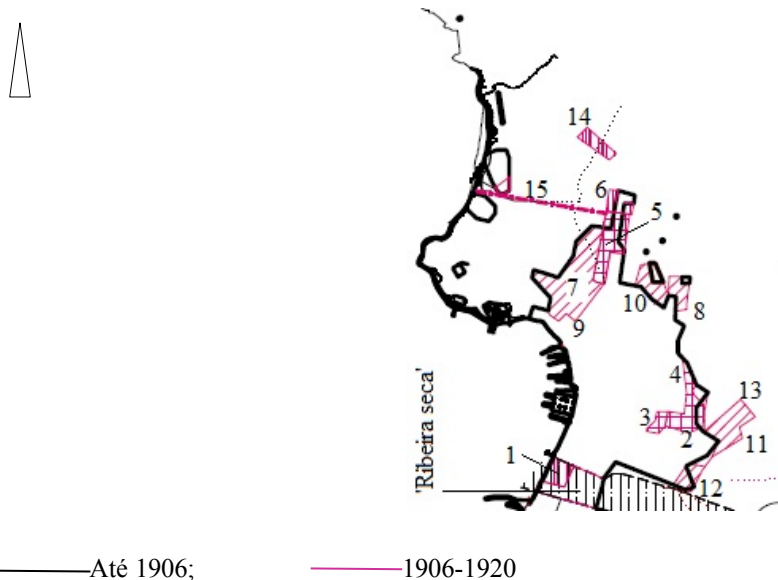
Outros importantes fatores que caracterizam a urbe do período 1906 – 1920 são: um crescimento urbano pouco expressivo; o desenvolvimento de algumas áreas urbanas e a compactação de outras; construções localizadas fora da área escolhida para este estudo do Mindelo; a mudança do cemitério urbano para espaços mais afastados da área urbana existente; a ampliação da ocupação urbana no Lazareto; área construídas nos espaços da 'Ribeira seca', contígua à orla marítima. Este conjunto construído é composto pelos espaços da Torre do Mindelo⁶⁰, 1918-21, e pelos espaços da Casa Ferro & Companhia /Quintal da Vascônia, constituída em 1919.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig.66

O crescimento urbano, a norte da 'Ribeira seca', destaca-se essencialmente na compactação dos terrenos situados a norte do bairro Centro da cidade/Morada e de alguma área no bairro do Fonte Cónego, junto ao bairro central. Esta ocupação estende-se a norte, pelo bairro do Alto Mira Mar – zona do Largo da Paz, e a oeste, pelo bairro do Centro da Cidade/Morada, enquadrando neste local os atuais espaços da Praça Dr. Regala. O preenchimento dos espaços do bairro do Centro da Cidade/Morada é demarcado pelos quarteirões contíguos à Rua do Infante D. Henrique, atual Avenida 5 de Julho, estendendo-se dos espaços da Cadeia Civil em

⁶⁰ A Réplica da Torre de Belém em Mindelo, a antiga Capitania dos Portos.

1906 – atuais espaços da Radiotelevisão Cabo-verdiana [RTC], prolongando pelos terrenos ao longo da via em direção à Praça Serpa Pinto.



— Até 1906; — 1906-1920 Esc: 1/35.000
Fig. 66: Ampliação do Esquema 3: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca', no período, 1906-1920.
Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Área construída nos espaços da 'Ribeira seca', junto á orla marítima.
- 2- Área compactada na zona do Fonte Cónego.
- 3- Centro da Cidade/Morada - área enquadrando à Praça do Dr. Regala, a partir dos anos 40
- 4- Área compactada na zona Alto Mira Mar- zona do Largo da Paz.
- 5- Quarteirões contíguos à atual Avenida 5 de Julho.
- 6- Expansão dos espaços da Cadeia Civil em 1906, atuais espaços da RTC.
- 7- Construções dispersadas, na zona do Alto S. Nicolau.
- 8- Crescimento urbano na zona do Alto Mira Mar.
- 9- Bairro centro da Cidade/Morada – expansão a noroeste.
- 10- Bairro centro da Cidade/Morada – expansão a nordeste.
- 11- Crescimento urbano na zona da Fonte Cónego.
- 12- Crescimento urbano na zona da Ribeira Bote.
- 13- Crescimento urbano na zona do Alto Solarine/Forca.
- 14- Ocupação urbana no bairro atual da Zona Militar.
- 15- Traçado inicial da atual Avenida Dr. Alberto Leite.

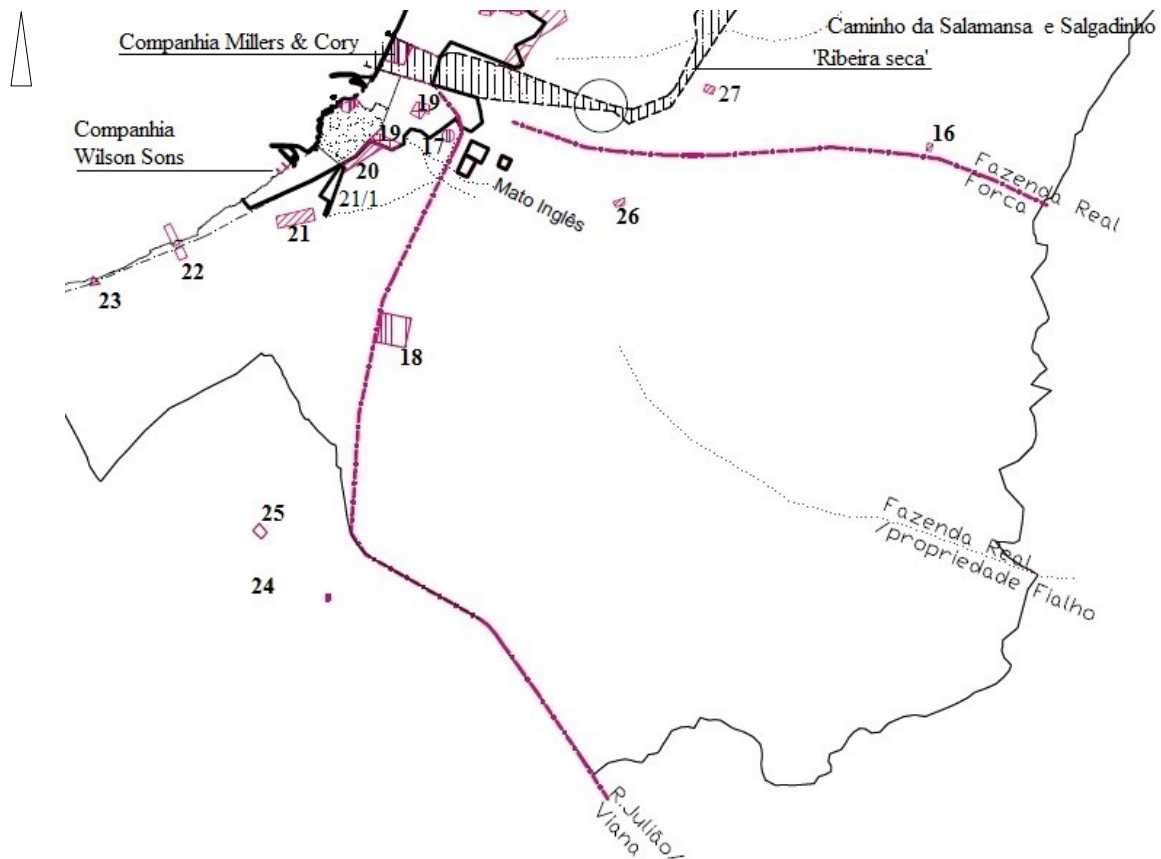
Como já citamos, a expansão periférica do período desenvolve em estruturas orgânicas. Estas são marcantes nos bairros do Alto de S. Nicolau – designado em 1906 de Alto de Montevideu, Fonte Cónego, Alto Solarine/Forca, Ribeira Bote, Alto Mira Mar e algumas áreas localizadas nos limites a nordeste e noroeste do bairro Centro da Cidade/Morada. No caso específico dos espaços do atual bairro de Alto de S. Nicolau, anteriormente pertencentes a Companhia *Millers & Cory*, estes apresentam-se definitivamente abertos às construções urbanas.

A expansão urbana para o norte, pelos terrenos contíguos à Cadeia Civil, 1906, é demarcada por uma área urbana construída, definindo os espaços do pavilhão da *St. Vicent Cricket Club*. Segundo Ramos (2003, p. 28), este terreno foi requerido por aforamento na respetiva zona no ano de 1913. Estas construções rematam o crescimento urbano da área urbana a norte da 'Ribeira seca'.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 67

No presente período, a parte urbana situada a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos espaços da Shell tem a sua paisagem realçada pelas estradas de acesso às áreas periurbanas da Fazenda Real/Forca e da Ribeira do Julião/Viana. A primeira partindo aproximadamente do bairro atual da Torrada, e a segunda do bairro de Chã de Cemitério delimitam três grandes áreas urbanas: uma, envolvida a norte pela 'Ribeira seca' e a sul pela estrada de acesso à zona do Fazenda Real/Forca; uma outra, encaixilhada entre esta estrada, a norte, e a Estrada da Ribeira de Julião/Viana, a oeste e sul; uma última, junto a orla marítima do Mindelo, tem com limite leste a Estrada da Ribeira de Julião/Viana. A zona da Forca localiza-se na encosta sul do Monte Verde, à 607m de altitude.

A área urbana envolvida pela 'Ribeira seca' e pela Estrada da Fazenda Real/Forca, praticamente isenta de construção, tem o crescimento urbano realçado por um depósito de água situado na zona da Vila Nova/Lombo Tanque. O depósito de água localiza-se no cume de uma pequena elevação, nas proximidades da 'Ribeira seca' – particularmente nos espaços entre as Ribeira do Paul e a da Pedra Rolada, de modo a facilitar o abastecimento de água à população. Seguindo-se para sudeste, contígua a estrada de acesso a Fazenda Real/Forca e a sudeste do monte da Pedra Rolada, encontra-se uma outra ocupação, nos limites do atual bairro da Pedra Rolada. Interessante ressaltar que, este monte de 135m de altitude é demarcado, na cartografia da ilha de S. Vicente de 1916, como Monte da Ribeira Bola. (ver Fig.47,48 e 49)



— Até 1906; — 1906- 1920

Esc: 1/35.000

Fig. 67: Ampliação do Esquema 3: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell - 1906-1920. Fonte: Autor.

Legenda

- 16- Ocupação urbana na zona da Pedra Rolada
- 17- Poço nos espaços da extinta Padaria Matos
- 18- Cemitério
- 19- Área urbana densificada na zona do Monte Craca
- 20- Crescimento urbano interligando os bairros, Monte Craca e Dji d'Sal
- 21- Construções dispersada na zona do Dji d'Sal
 - 21/1-Conjunto habitacional, tipo 'comboio' em planta – visualizados no período 1873/77-1906.
- 22- Estufa de desinfeção
- 23- Base NW
- 24- Expansão urbana para fora da área delimitada pela presente análise
- 25- Propriedades dos Serradas
- 26- Ocupação nos terrenos do bairro de Fonte Francês
- 27- Depósito de água da zona da Vila Nova/Lombo Tanque

A área urbana encaixilhada entre as estradas da Fazenda Real/Forca e da Ribeira do Julião/Viana encontra realçada pelo novo cemitério do Mindelo. Este localizado nos terrenos do atual bairro da Zona Industrial Sul, demarca a posição atual do cemitério da urbe mindelense, contíguo a leste da Estrada da Ribeira de Julião/Viana. Nesta extensa área urbana, integrada na área de intervenção, visualiza-se também uma pequena ocupação nos terrenos de Fonte Francês.

A área urbana delimitada pela orla marítima, a oeste, e a Estrada Ribeira Julião/Viana, a leste, tem os seus terrenos realçados pelos seguintes construções: uma área urbana em crescimento, interligando as zonas do Monte Craca e do Dji d' Sal; um grupo de construções dispersadas no terreno, contíguos a oeste do conjunto habitacional de formato em planta do tipo comboio, na zona do Dji d' Sal; um poço nos espaços da antiga Padaria Matos no Bairro de Chã de Cemitério; a estufa de desinfeção na zona da Galé – atual bairro da Galé; a demarcação da Base NW; duas áreas urbanas densificadas localizadas nos limites do bairro do Monte Craca. Segundo Ramos (2003), o terreno para a construção da Padaria Matos foi adquirida pela empresa Henrique Rato e José de Matos, em 1915, com a finalidade de construção de uma Fábrica de Moagem do milho, bolachas e panificação.

As duas vias que confinam o perímetro do estudo situado a sul da 'Ribeira seca' são de grande importância para a cidade, interligando a urbe às zonas de ocupação agrícola e de lazer, localizadas nos terrenos mais interiores. Aqui pode-se visualizar o início de construção em terrenos muito afastados da urbe da época, nomeadamente áreas agrícolas localizadas fora dos terrenos da presente análise. De realçar a propriedade dos Serradas localizada à sudoeste da Estrada Ribeira de Julião/Viana.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell, Fig. 68

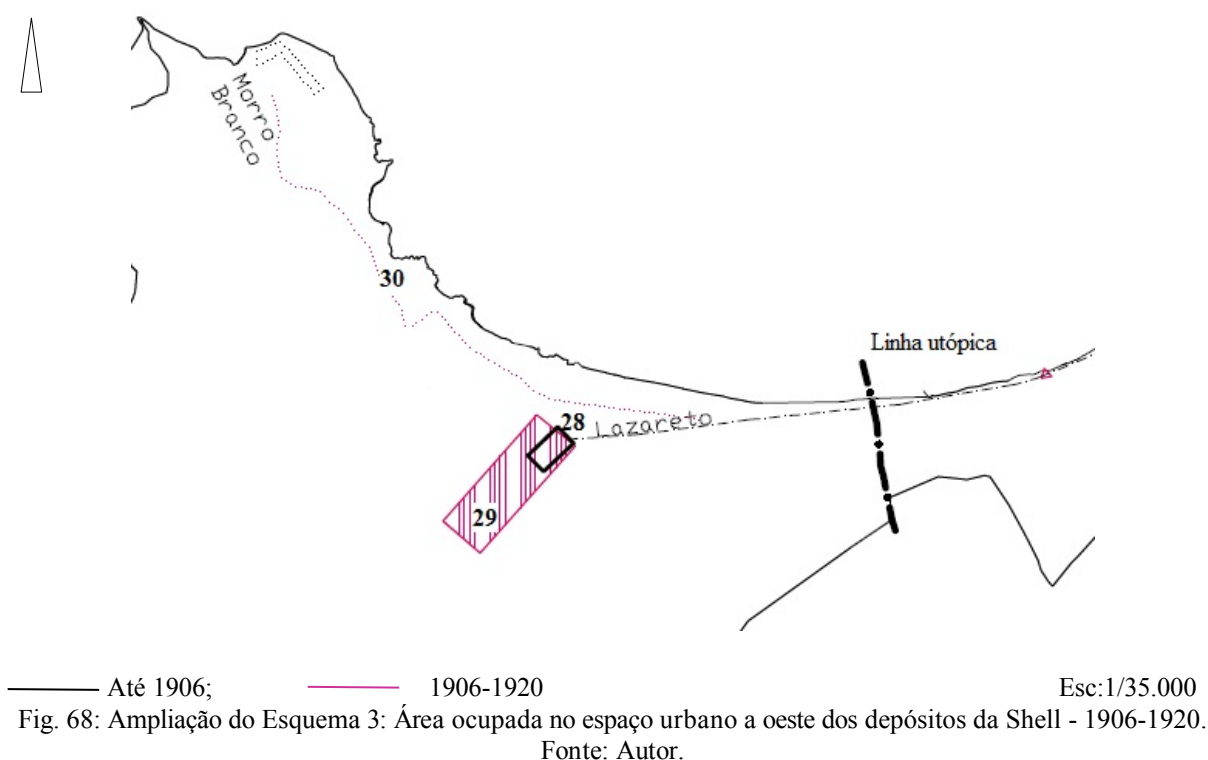
Ao contrário dos espaços urbanos localizados a norte e a sul da 'Ribeira seca', a área urbana situada a oeste dos depósitos da Shell, ainda inexistentes e a delimitação demarcada por uma linha utópica, não engloba construções habitacionais.

Esta área de grande tamanho abrangendo o espaço dos bairros do Lazareto e do Morro Branco demarca uma paisagem aberta e praticamente isento de construções. Porém, contém um elemento referencial do Mindelo, o Monte Cara, localizado no extremo noroeste da ilha.

No período, 1906-1920, o crescimento urbano destes espaços é realçado por um cemitério, a sudoeste da construção já existente, localizado nos espaços do bairro do Lazareto.

Interessante ressaltar que, a construção existente na zona albergou em 1915, as instalações do Albergue Municipal. Este destinado a recolher mendigos de ambos os sexos ficou provisoriamente instalado nos "2 pavilhões do Lazareto (...)" (Ramos, 2003, p. 28).

A ocupação militar situado no limite noroeste da zona do Morro Branco, demarcado no período de 1873/77- 1906, não é visualizado no desenho da ilha de S. Vicente de 1920.



Legenda

- 28- Albergue Municipal do presente período. Construção existente em 1873/77- 1906
- 29- Cemitério e espaços contíguos.
- 30- Caminho de acesso ao Morro Branco

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig. 69

No período 1906-1920, o crescimento da estrutura viária de ligação entre os espaços urbanos é pouco significativo. Contudo a expansão das ruas do Hospital e do Custódio Duarte e a nova via de ligação da área urbana aos espaços do bairro da Mاتيota/Lajinha caracterizam a direção do crescimento urbano do período. A relação do crescimento urbano com o elemento

água é visualizada no acesso aos espaços da Matiota. Esta, anteriormente um caminho carreteiro, enquadra atualmente uma parte do traçado da Avenida Dr. Alberto Leite.

A clareza de articulação existente na ligação entre o centro e os bairros periféricos é menos definida no acesso ao bairro do Fonte Cónego, devido ao cruzamento de três vias – a Rua Libertadores de África, a Avenida Dr. Baltazar Lopes e a Avenida Fernando Ferreira Fortes. No entanto, a pertinência do conjunto formado pelos edifícios do Palácio do Povo e do Quartel Militar/Correio – atual polo universitário M_EIA, enquadrando uma praça pública, definem um marco de referência do espaço urbano do Mindelo. (ver Fig.63)

As áreas periféricas localizadas nos terrenos mais afastados do centro apresentam-se desarticuladas do conjunto urbano, sendo, os acessos feitos a partir de caminhos carreteiros.

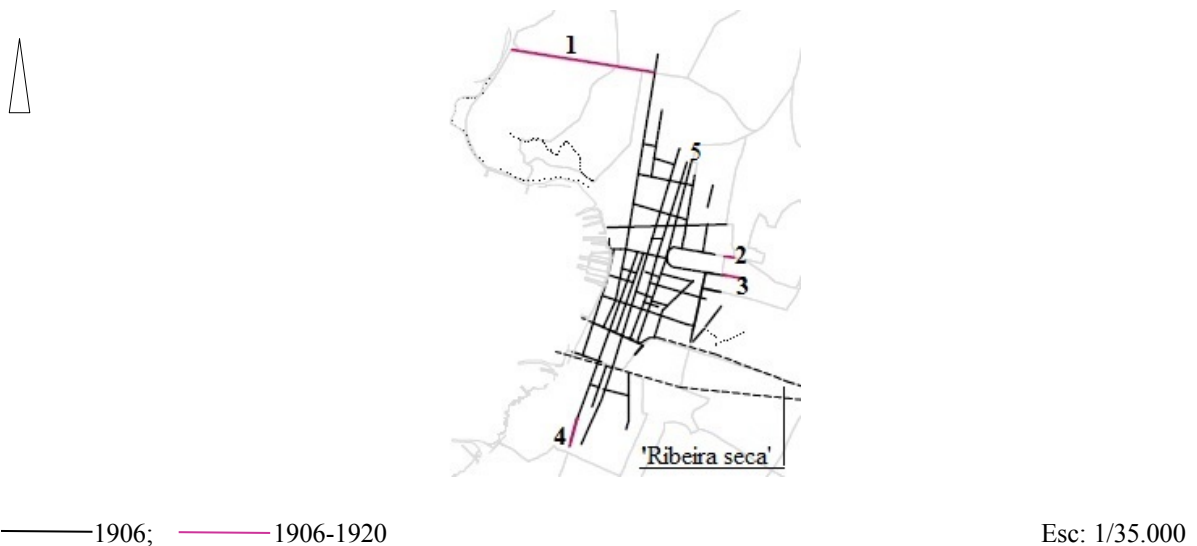


Fig. 69: Ampliação do Esquema (a)3: Vias estruturantes e de ligação entre os bairros urbanos - 1906-1920.
Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Acesso à zona da Matiota/Lajinha, uma parte do traçado da atual Avenida Dr. Alberto Leite
- 2- Extensão da Rua do Custódio Duarte, atual Rua Franz Fanon
- 3- Extensão da Rua do Hospital, atual Avenida Fernando Ferreira Fortes
- 4- Extensão da Rua do Guebara, atual Rua do Morguinho
- 5- Rua do João Machado, atual Avenida Dr. Baltazar Lopes

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade através de imagens da época, destacamos uma imagem com carimbo postal do ano de 1911, Fig. 70.

Nesta imagem é perceptível o enquadramento do Largo da Salina no contexto urbano, apresentando-se envolvida por construções urbanas.

Pode-se constatar também a existência de uma relação coerente entre a urbe e as paisagens periféricas. Esta é construída por um conjunto de vias, estabelecendo uma relação entre a cidade e as paisagens montanhosas, a nordeste, e aos terrenos de cota mais baixas, a sudoeste. Este conjunto de vias é composto pelas ruas de Sagres, do Conselheiro Neves Ferreira e do Douro. (ver quadro VII).

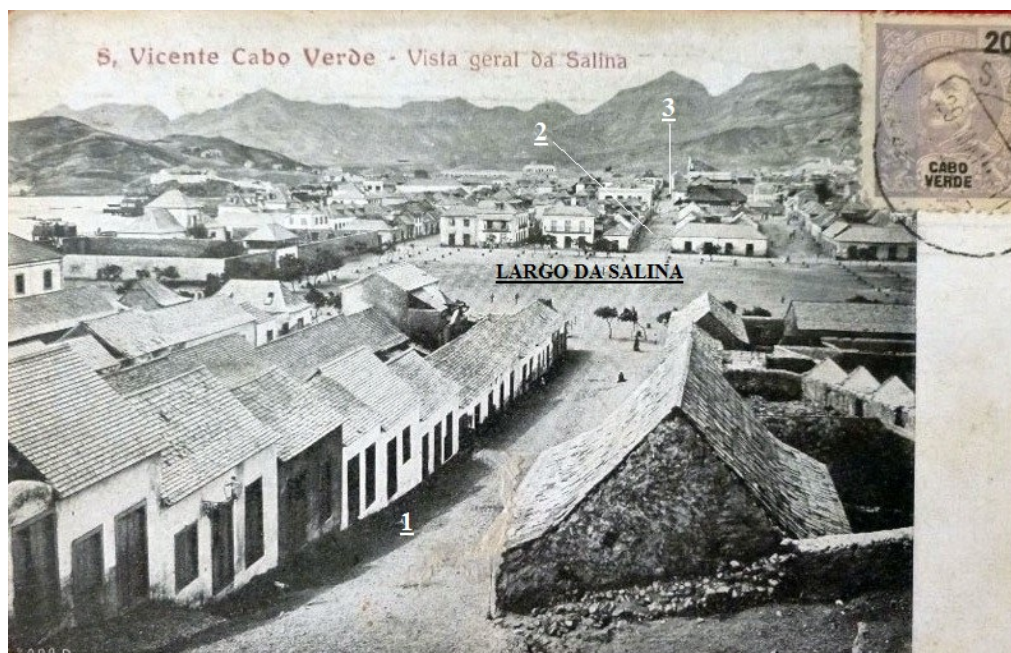


Fig. 70: Rua do Douro, 1911.

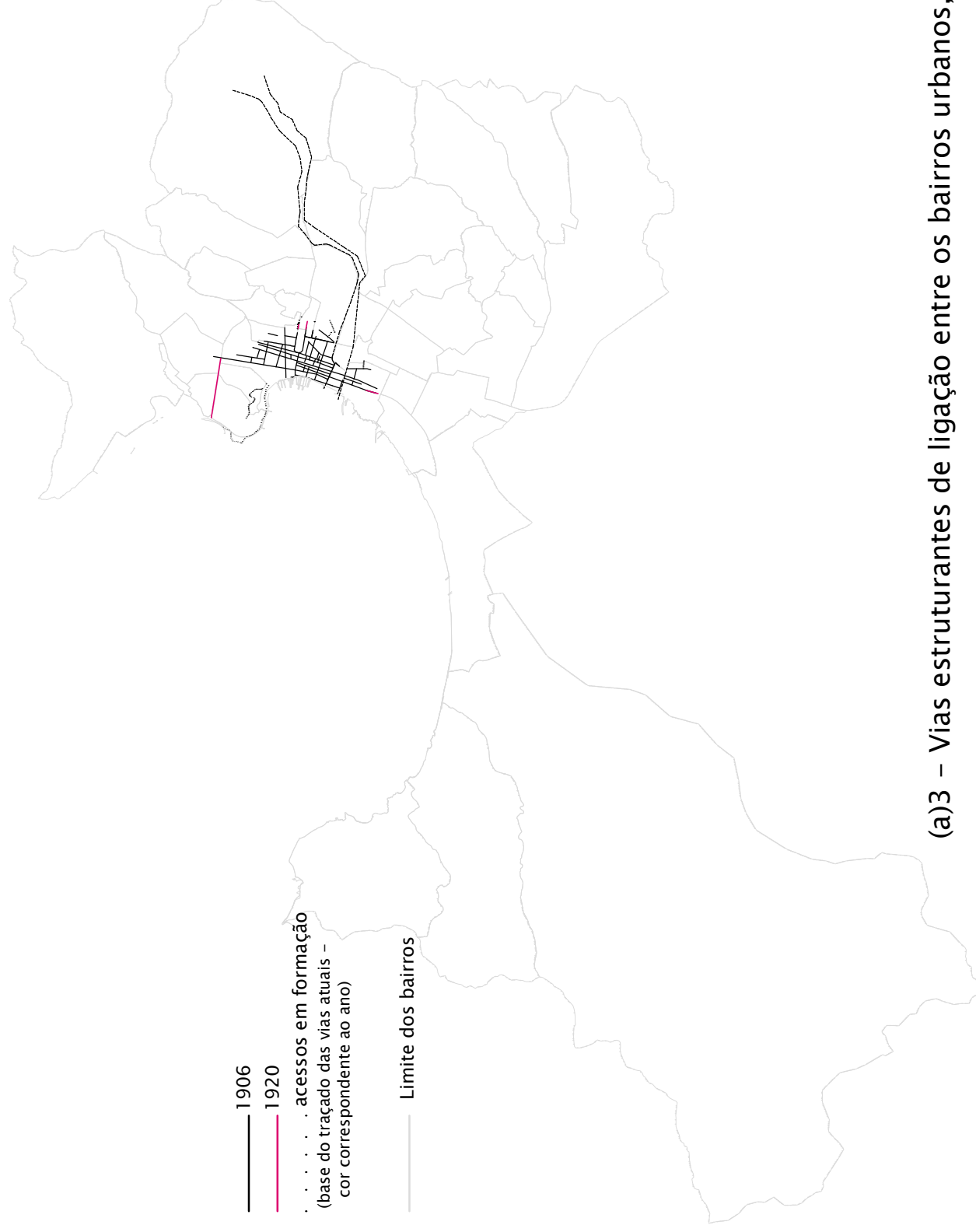
Fonte: Pagina da Macrofilia de Cabo Verde. In, http://www.marcaspostais.com/Cabo_Verde.html#swipebox.
Acedido em 18 de Dezembro de 2017

Legenda

1 – Rua do Douro, no bairro do Monte Craca; 2 – Rua do Conselheiro Neves Ferreira, atual Rua da Luz; 3 – Rua de Sagres, seguindo-se até o limite da área urbana a norte.

Resumindo, a ocupação urbana do período 1906-1920 é destacada por um conjunto de vias estruturantes de ligação da urbe com os terrenos localizados no interior da ilha de S. Vicente, e pela demarcação de equipamentos urbanos importantes, tais como o cemitério, o lazareto e os depósitos de água.

A definição da centralidade urbana, refletida em padrões ordenados da sua estrutura viária e a ocupação urbana de terrenos um pouco afastados da área central, em conformidade com a topografia, refletem um crescimento urbano interligado ao ambiente natural.



(a)3 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1906–1920



3.3.5. 1920 – 1932: O fraco crescimento urbano [Esquemas 4; Mapa 05]

O período de ocupação urbana, 1920-1932, é caracterizado como um período de fraco crescimento urbano. Este aspeto está provavelmente associado à depressão económica capitalista de 1929-30 e de um período de seca em Cabo Verde, estendendo-se de 1931-33 (MHOP, 1984, p.79).

Apesar desta realidade complexa, a imagem da orla marítima é ampliada com a construção do primeiro depósito de combustível da Shell, na zona da Galé.

A área urbana, com pouca alteração em relação ao período de 1906-1920, estende-se para o norte e leste. Esse crescimento urbano é visualizado de forma pontual, sendo definido essencialmente por construções não residenciais e por vias de acessos a áreas localizadas no interior da ilha – áreas agrícolas, e em zonas de veraneio – no limite físico da ilha de S. Vicente, ampliando assim os acessos periurbanos existentes.

Das vias visualizadas em 1906-1920, pode-se observar que a estrada de acesso à Ribeira de Julião/Viana e a de acesso ao Lameirão/Pé do Verde apresentam pequenas alterações no seu traçado do período de 1920-1932, Fig.71:

1- A primeira observação reside na alteração do traçado da Estrada da Ribeira de Julião, mas precisamente na curva contígua a norte dos terrenos da zona da Ribeira de Julião, nas proximidades da propriedade Serradas.

2- O traçado da Estrada da Fazenda Real/Forca de 1906/20 é ampliado, forqueando-se por diferentes direções a partir do limite a leste dos espaços do bairro da Pedra Rolada. O acesso à zona da Fazenda Real/Forca prolonga-se até a zona da Assomada da Baleia, a partir da zona do Mato Inglês. Uma das ramificações desta via inicia-se a partir do limite do bairro da Pedra Rolada, atravessa os terrenos da zona do Lameirão, estendendo até a zona do Pé do Verde. Uma outra ramificação da via, seguindo-se para os terrenos a norte, atravessando os terrenos da zona da Areia Branca, estende-se até interseção o caminho de acesso às zonas da Salamansa e Baía das Gatas. Estas zonas ficam localizadas no limite físico a nordeste da Ilha de S. Vicente.

3- A expansão do caminho de acesso à zona do Salgadinho, visualizado no período de 1906-1920, até à zona balnear da Baía das Gatas. Segundo Ramos (2003, p.31), em 1932 iniciou-se a construção da estrada de acesso à zona da Baía das Gatas.

Relativamente a vias de ligação da cidade aos terrenos mais interiores, a área urbana delimitada pelo presente estudo é demarcado por novas estradas de ligação às seguintes zonas periurbanas, Fig. 71:

- Zona do Santo André de São Pedro, localizado no extremo sudoeste da ilha. Esta estrada, com início no bairro do Dji d'Sal, junto aos espaços da Companhia Carvoeira *Wilson Sons* e atravessando a zona da Ribeira da Vinha, estabelece a ligação da área urbana com o Farol D. Amélia, localizado na ponta Machado, na zona de S. Pedro;

- Zonas da Salamansa e da Baía das Gatas. Esta estrada, destacada como caminho no período de 1906-1920, apresenta-se de traçado definido, destacando-se como estrada, no desenho da cidade de 1932, até aos terrenos contíguos ao Albergue Municipal, seguindo-se como caminho até estas zonas do litoral de S. Vicente. O edifício do Albergue Municipal, localizado nos espaços do atual bairro da Ribeirinha, nas proximidades a sul dos espaços da Ribeira da Areia Branca, tem o acesso a partir de uma ramificação da via.

- Zona de João Ribeiro, sendo atualmente enquadrado no bairro de Chã de Alecrim. Esta estrada inicia-se junto aos Depósitos do Cabo Submarino, mais precisamente na interseção com o troço da atual Avenida Dr. Alberto Leite, junto à praia da Lajinha.

A ligação da área urbana com os terrenos mais distantes é definida por caminhos, demarcando assim a relação da urbe com as zonas periurbanas, em particular: a adição do caminho de acesso a zona litoral da Baía de João d'Évora, a partir dos terrenos da área urbana de Cruz João Évora; o caminho de acesso aos espaços da Casa do Cabo Submarino localizado na zona da Aldeia de S. Pedro, contígua à sua Baía. Este caminho, iniciado nos espaços do atual bairro da Galé, segue-se para sudoeste, interetando a estrada de acesso ao Farol D. Amélia nas proximidades da Ribeira da Vinha. Seguindo-se a respetiva estrada, desvia-se desta nos espaços situados na base oeste do Monte Montona.

A área urbana do período 1920-1932, enquadrada nos terrenos de cota mais baixa, apresenta-se é fragmentada pelos espaços da 'Ribeira seca', permanecendo a ocupação urbana da urbe mindelense centrada entre os montes Fortim e o monte do Forte Velho. Para além disto é também visualizado pequenas construções dispersadas no terreno, essencialmente localizados em áreas muito afastadas da urbe da época.

A orla marítima do período de 1920-1932 permanece semelhante ao do período de 1906-1920. É de realçar a inauguração do "lançamento da primeira pedra para a construção da nova Ponte-cais, à entrada do Porto Grande (frente a Alfândega Velha) (...)" (Ramos M. N., 2003, p. 31).

No entanto, a frente marinha tem a sua forma mais estruturada, não somente pela 'requalificação' do caminho de acesso a zona da Pontinha e aos espaços da Matiota/Lajinha, seguindo-se à linha física da orla marítima, mas também pela instalação de um dos depósitos

de óleos combustíveis da Shell. Em 1932 inicia-se a construção da estrada marginal de acesso à Pontinha, sendo para tal, a necessidade do arroteamento de rochas e, a construção de muros de suporte, contornando o Monte do Fortim (Ramos, 2003, p. 31).

Os depósitos da Shell, contíguos à linha utópica demarcando a segunda fragmentação da área do presente estudo, fica localizado no limite sudoeste desta área urbana – o espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' seguindo-se até aos depósitos da Shell depósitos. Uma construção contígua a nordeste do depósito, completa o conjunto existe nos espaços da Shell, na Galé, no presente período.

Todavia não podemos deixar de referenciar a adição de dois monumentos alusivos à primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul em 1922 e os espaços urbanos adjacentes. Estes monumentos, localizados junto à orla marítima e contíguos à frente urbana, não são visualizados nos desenhos do Mindelo de 1920 e 1932, talvez devido a escala das cartografias, mas encontram-se demarcados em diferentes documentações históricas relacionados à cidade do Mindelo, e à ilha de S. Vicente.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig.71

A grande área urbana localizada a norte da 'Ribeira seca' tem o seu crescimento urbano demarcado por pequenas áreas de ocupação urbana dispostas nos terrenos dos atuais bairros do Alto S. Nicolau, Centro da Cidade/Morada, Fortim/Escola Técnica, Alto de Mira Mar, Fonte Cónego, Alto Solarine/Forca, Fonte Meio/Madeiralzinho, Cruz João Évora e Zona Militar. O crescimento do bairro do Alto S. Nicolau está centrado no seu limite a sul, estendendo-se pela zona da orla marítima até espaços contíguos ao edifício do Consulado Inglês. Nesta zona da orla marítima, visualiza-se também uma ocupação, a sudeste da atual Rua das Irmãs do Amor de Deus, demarcando assim, as primeiras construções situadas a sudeste do traçado desta via. O espaço do atual bairro do Fortim/Escola Técnica tem a sua expansão localizada na base sul do monte do Fortim, apresentando-se interligada ao crescimento do bairro do Alto S. Nicolau. O crescimento urbano do bairro do Centro da Cidade/Morada é destacado numa pequena área localizada nos seus limites, a norte. A ocupação do bairro do Alto Mira Mar é evidenciada nos seus terrenos situados mais a norte, contíguos ao crescimento do bairro do Centro da Cidade/Morada. Os bairros do Fonte Cónego, Alto Solarine/Forca, Fonte Meio/Madeiralzinho e Cruz João Évora têm os respetivos crescimentos urbanos interligados, entre si. O terreno do atual bairro da Zona Militar, integrado anteriormente à zona de Chã de Alecrim, apresenta um

alargamento para nordeste e sudeste da área construída no período de 1906-1920, possivelmente a expansão da *St. Vicent Cricket Club*.

Embora a construção do Estádio Municipal da Fontinha seja datada de 1929-30 (MHOP, 1984, p. 78), este não é visualizado nos desenhos da cidade /ilha do período 1920-1932.

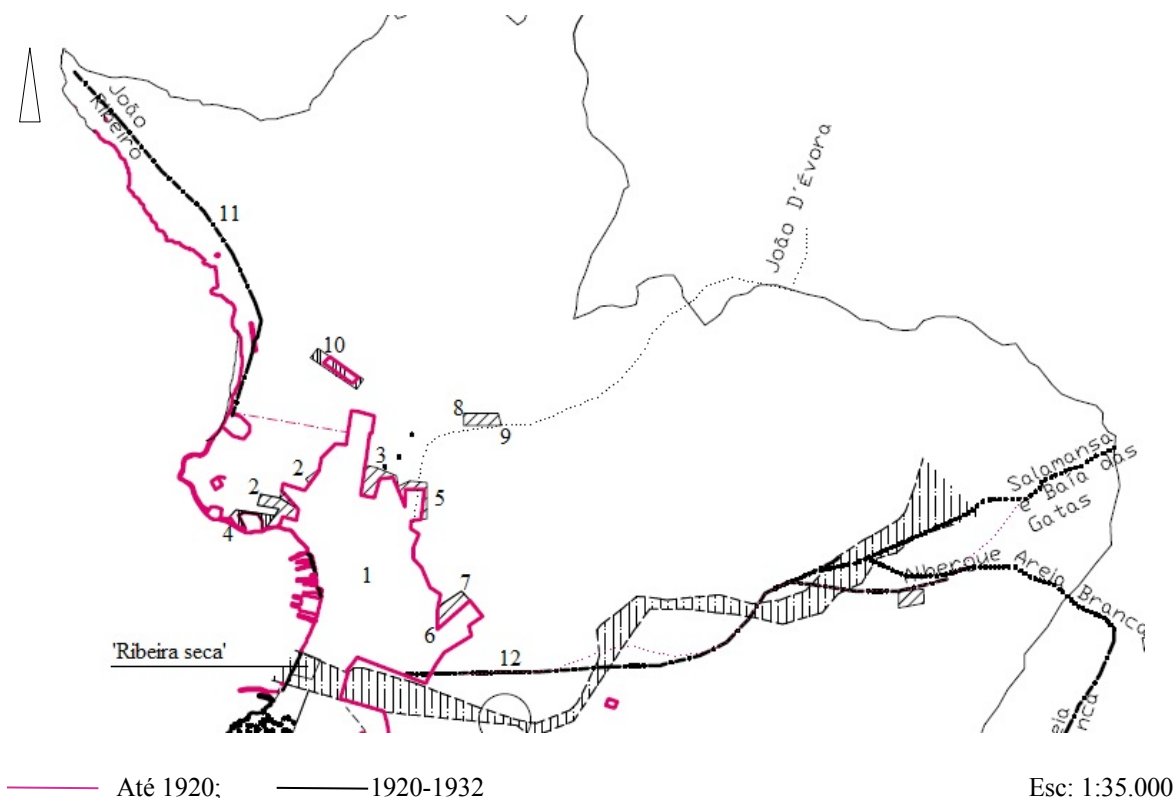


Fig. 71: Ampliação do Esquema 4: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca' -1920-1932

Fonte: Autor

Legenda

- 1- Área ocupada em 1906-1920.
- 2- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Alto S. Nicolau
- 3- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Centro da Cidade/Morada
- 4- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Fortim/Escola Técnica – na encosta sul do monte do Fortim
- 5- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Alto Mira Mar
- 6- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Fonte Cónego
- 7- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Alto Solarine/Forca

- 8- Crescimento urbano nos espaços do bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 9- Crescimento urbano nos espaços do bairro da Cruz João Évora
- 10- Crescimento urbano nos espaços do atual bairro da Zona Militar – em particular no sítio designado, anteriormente, de Alto de Chã de Alecrim.
- 11- Estrada de acesso à Ponta João Ribeiro
- 12- Estrada de acesso às zonas litorais da Salamansa e Baía das Gatas, e ao edifício do Albergue Municipal – a sul da 'Ribeira seca'.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig.72

O crescimento urbano desta área em análise, situado a sul da 'Ribeira seca' e seguindo-se até aos depósitos da Shell, inclui apenas algumas ocupações isoladas, desarticuladas da área urbana da época, e essencialmente demarcando por áreas agrícolas, exceto o edifício do Albergue Municipal, nos espaços do atual bairro da Ribeirinha.

Das restantes construções, podemos encontrar: os já citados espaços da Shell, à adição de um poço na ocupação dos terrenos na zona do Fonte Francês; os espaços da telefonia sem fios [T.S.F] situados a sudoeste dos cemitérios Português e Inglês, nos terrenos do atual bairro de Chã de Monte Sossego; a ampliação da construção nos espaços do atual bairro da Pedra Rolada; uma pequena construção nos terrenos do atual bairro da Ribeira de Craquinha. Esta construção fica localizada nos limites do perímetro do presente estudo.

Noutros tempos a zona de Fonte Francês albergava "uma rica propriedade, com bela casa de moradia (...) com alguns poços de água potável (...) e um bom «court» de ténis" (Ramos, 2003, p.18). Segundo este autor, este lugar também de confraternização, cultivava-se desde hortaliças a árvores de frutas, como tamareiras, coqueiros, amendoeiras etc, era inicialmente residência do Cônsul Francês.

Das ocupações urbanas em terrenos agrícolas e localizadas fora do perímetro do presente estudo, visualiza-se: uma ocupação na zona da Areia Branca; a ampliação da área ocupada na propriedade dos Serradas, nos espaços da Ribeira de Julião.

De realçar também a localização dos fornos de cal, a sudoeste desta propriedade, na zona da Ribeira da Vinha.

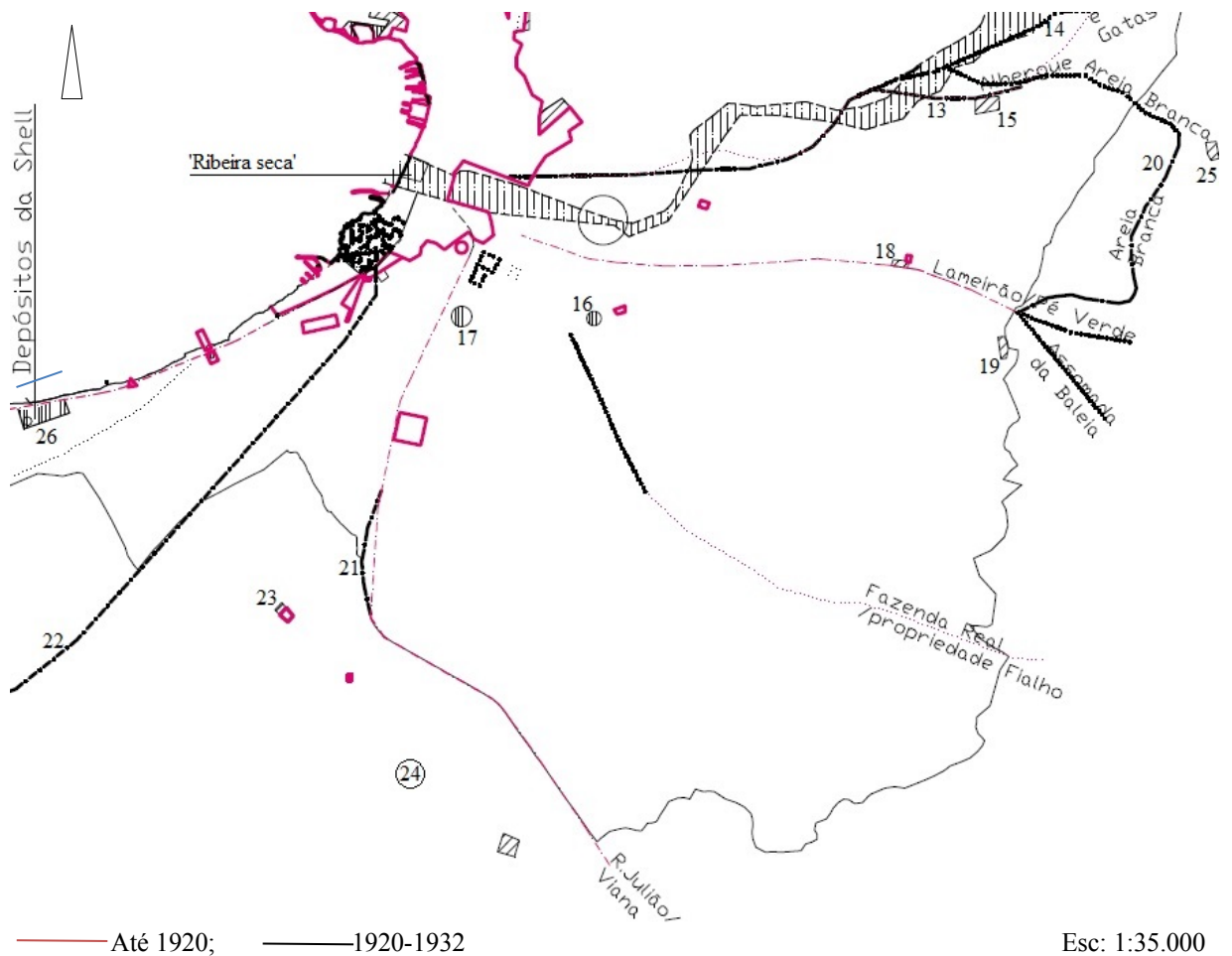


Fig. 72: Ampliação do Esquema 4: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' -1920-1932

Fonte: Autor.

Legenda

- 13- Estrada de acesso ao Albergue Municipal
- 14- Caminho de acesso às zonas litorais da Salamansa e Baía das Gatas
- 15- Edifício do Albergue Municipal, em Ribeirinha
- 16- Poço, na zona do Fonte Francês
- 17- T.S.F., nos espaços do atual bairro de Chã de Monte Sossego
- 18- Construção nos espaços do atual bairro da Pedra Rolada
- 19- Construção nos terrenos do atual bairro da Ribeira de Craquinha
- 20- Estrada de ligação entre a estrada do Lameirão/Pé do Verde e o caminho da Salamansa e da Baía das Gatas.
- 21- Alteração do traçado da estrada de acesso à Ribeira de Julião/Viana
- 22- Estrada de ligação da cidade ao Farol D. Amélia, na zona de S. Pedro
- 23- Ampliação dos espaços dos Serradas, na zona da Ribeira da Vinha
- 24- Ocupação urbana nos terrenos fora do perímetro urbano em estudo

25- Uma construção na zona da Areia Branca

26- Espaço físico da Shell, na zona da Galé

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell

Seguindo-se para Oeste, a seguir dos espaços da Shell, encontra-se a terceira grande área urbana do presente estudo. Estes terrenos localizados a oeste dos depósitos da Shell apresentam-se praticamente isentas de construções, sendo realçados pelas construções visualizadas no período de 1906-1920.

Interligação viária entre os bairros urbanos

O fraco crescimento do período relaciona-se com a estagnação do limite da cidade da época, permanecendo assim, inalterada a estrutura viária de ligação entre os mesmos.

Mindelo em imagens da época

Da complementaridade dos desenhos do Mindelo com a documentação histórica constata-se que em 1920-1932, ocorreram transformações relevantes na urbe mindelense, relacionadas fundamentalmente com a edificação/reconstrução dos espaços urbanos enquadrados nos períodos de 1906-1920.

Dentro das construções e requalificações urbanas da época destaca-se a configuração atual Praça Amílcar Cabral, antiga Praça Serpa Pinto. "A própria praça sofreu uma transformação em 1928-29 segundo um projeto elaborado pela Repartição Técnica, e obteve assim o seu aspecto actual, com novas plantações, novos postos de iluminação e uma nova base do coreto." (MHOP, 1984, p. 79). O quiosque foi construído no local do velho coreto.

Destacamos uma imagem a área central do Mindelo dos anos 30, contígua às pontes-cais localizadas em frente ao edifício da Alfândega e os espaços das companhias de carvão, realçada por um dos seus elementos identitários – o Monte Cara, ou *Washington face*. Fig. 73.

Nesta imagem visualiza-se uma urbe composta essencialmente de construções com um único piso e com coberturas em telhas. As construções com mais de um piso apresentam-se localizadas de forma pontual, centrando-se nas proximidades da orla marítima, em particular os edifícios: da Câmara Municipal, na pracinha da Igreja; da *Cory Brothers/ Millers & Cory*, na Rua da Praia; do Café Royal, na atual Rua Libertadores de África; o edifício das instalações da atual Biblioteca Municipal. Os edifícios do Palácio do Governo e do Quartel Militar,

apresentam-se com um único piso e o Mercado Municipal destaca-se como uma área vedada e enquadrado em um largo, o Largo do Albuquerque.

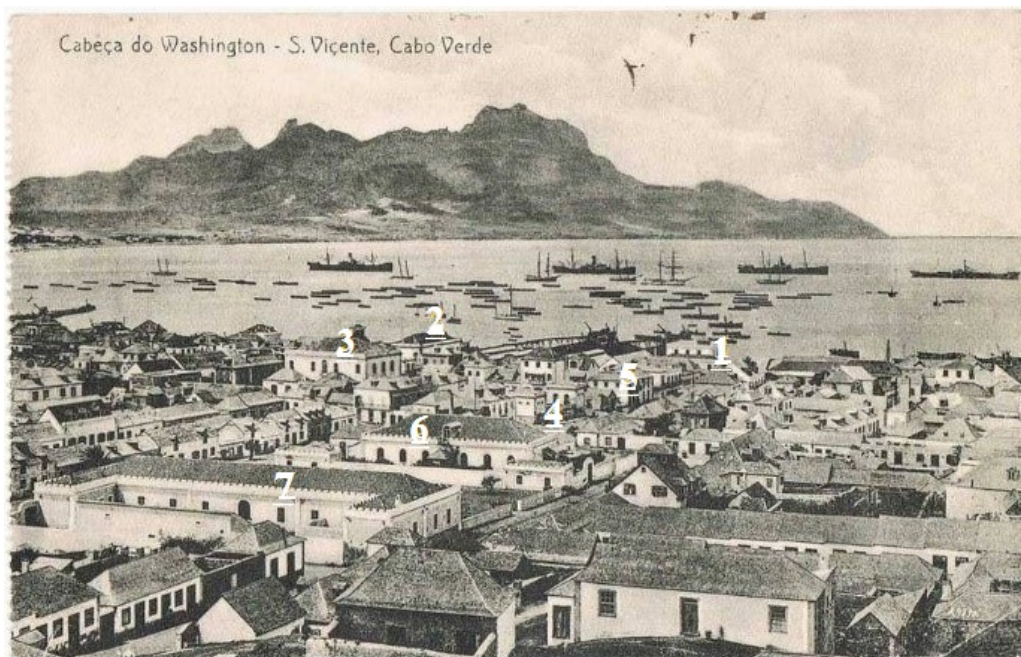


Fig. 73: Mindelo – zona central, 1932

Fonte: *Blog do mindelosempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2012/10/>. Acedido a 24 de Abril de 2017.

Legenda

1-Local da antiga Casa de José Machado e atualmente das instalações da Biblioteca Municipal; 2- Cory Brothers/ Millers & Cory; 3-Câmara Municipal; 4-Mercado; 5-Antigo Café Royal. Este edifício foi demolido e reconstruído, com alguma alteração, nos anos 2000; 6-Palácio do Povo; 7-Liceu/Correio. Inicialmente Quartel Militar. Atualmente, já com as transformações iniciadas em 1932, alberga as instalações da M_EIA.

Resumindo, a ocupação urbana do período de 1920-1932 é pouco significativa. O crescimento urbano é visualizado de forma pontual, nos terrenos de alguns bairros periféricos, permanecendo a orla marítima sem alterações. A relação da ocupação urbana com os elementos distintivos/primários da cidade está presente na expansão habitacional pelas encostas dos montes do Fortim e do Alto de Santo António, e na ampliação das estradas de ligação da centralidade urbana com os terrenos localizados no interior da ilha de S. Vicente.

3.3.6. 1932 – 1946: O crescimento da periferia urbana do Mindelo [Esquemas 5 e (a)5; Mapa 06]

No período 1932-1946, a ocupação urbana do Mindelo apresenta-se centrada nos espaços situados a norte da 'Ribeira seca', mantendo a tendência inicial de crescimento urbano para os terrenos situados mais a Norte. Nota-se também, um crescimento urbano de forma dispersa a nordeste e a sudeste do núcleo central, em relação a expansão organizada dos terrenos contíguos à área urbana do período de 1920-1932. Porém, a ocupação urbana nos terrenos do bairro do Monte sossego, localizado a sul da 'Ribeira seca' e desenvolvendo-se de forma desligada da urbe central, bem como, algumas construções visualizados nos espaços da 'Ribeira seca', realçam novas áreas urbanas.

O presente período, definido pela expansão urbana não somente para terrenos adjacentes a área urbana existente mas também por espaços desarticulados da urbe, demarca a efetiva definição da maioria dos espaços dos bairros do Mindelo até a atualidade.

Os novos bairros urbanos tem como génese a vista privilegiada da Baía do Porto Grande e a relação destes com o elemento água. Estes aspetos, de interação do crescimento urbano com a topografia do terreno e com a água, visualizados de forma pontual nos períodos anteriores deste estudo, apresentam-se bem definidos no contexto urbano da época. O elemento água, delimitada pela linha da orla marítima, tem assim a sua imagem expandida para além da sua interação com os espaços centrais, penetrando pelos terrenos interiores mais distantes da área central, criando vistas panorâmicas de interação entre o natural e o construído.

A identificação destes dois elementos distintivos do espaço urbano do Mindelo é concluída com um terceiro elemento distintivo integrado na presente análise – o conjunto urbano da área contígua à orla e atuais espaços do centro histórico. Em 1946, esta área urbana apresenta-se uma forma estruturada, atingindo neste período a sua uniformidade arquitetónica e urbana.

A topografia do terreno, como elemento distintivo do Mindelo e realçada no Monte Cara, é marcada pela forma do solo urbano, composto essencialmente por elevações e ribeiras, pelas ocupações habitacionais privilegiando zonas de cotas elevadas, e pelo enquadramento de áreas urbanas contíguas aos espaços das ribeiras. Esta última, visualizada de forma mais definida a partir do presente período, está demarcada nos espaços dos seguintes bairros: Chã de Alecrim, nas proximidades da Ribeira da Matiota; Bela Vista/Pedreira e Vila Nova/Lombo Tanque, ambos, contíguos a sul da 'Ribeira seca'; no crescimento urbano da Ribeira Bote, contíguo a norte da 'Ribeira seca'. A ocupação em terrenos de cota elevada é visualizada nos

espaços dos bairros do Monte Sossego, Alto Santo António e na expansão das áreas urbana existentes nos espaços dos bairros do Fonte Meio/Madeiralzinho, Cruz João Évora e Alto Solarine/Forca, bem como na área mais plana dos terrenos do bairro do Fernando Pó. Embora, a ocupação do Fernando Pó localize-se em uma zona de cota elevada, não tem uma relação direta com o elemento água. A sua relação com este elemento poderá estar na sua localização contígua ao caminho de acesso às zonas interiores de cariz agrícolas – Fazenda Real e Assomada da Baleia.

O elemento água interligada à subsistência é também uma das características da génese dos bairros urbanos mindelenses. Destaca-se no presente período, a criação dos bairros do Fonte Filipe e a expansão dos bairros do Fonte Cónego e do Fonte Francês. Este último bairro expande-se de forma dispersa pelos terrenos de cota mais elevada, permanecendo livre de construções, às suas áreas de cotas mais baixas.

A interação destes três elementos distintivos da urbe, realçados no contexto urbano a partir do período 1932-1946, possibilita um melhor conhecimento das diferentes partes da forma da urbe mindelense e o modo como as mesmas se estruturam, à escala pretendida da presente análise – escala da cidade.

No presente período, as construções habitacionais tendem a organizar-se em agrupamentos dispersos, enquanto as construções não habitacionais são enquadradas no terreno de forma pontual, privilegiando os terrenos localizados mais a norte. No entanto, a importância da componente geográfica prevalece em ambos os casos – sendo estas construções enquadradas em terrenos planos mas de cota elevada – preservando a relação terra/água, e a urbe, uma imagem urbana concluída e coesa.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig.74

Nos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' destacam-se as seguintes construções localizados em terrenos planos mas de cota elevada: as instalações da Companhia Telegráfica – Italcable, localizada nos terrenos do atual bairro da Ché Guevara e estendendo-se para os terrenos do atual bairro da Zona Militar; o Quartel da 2ª Companhia de Caçadores, situado no bairro da Zona Militar; uma área vedada enquadrando diferentes construções pertencentes à Companhia Italcable, localizada nos terrenos do atual bairro da Mاتيota/Lajinha; uma outra área vedada enquadrando no seu limite uma pequena construção, situada a sul dos espaços da Italcable na Lajinha, atuais espaços da Feira Internacional de Cabo Verde [FIC]; uma construção contígua a sul da Ribeira da Mاتيota, nos terrenos do atual bairro de Chã de Alecrim.

Esta construção, visualizada no desenho do Mindelo de 1946 mas não visualizado no de 1960, alberga possivelmente o Quartel Militar da Matiota demolido em 1947. "1947 – Demolição arbitrária e criminosa, pelo Administrador Mota Carmo "do Quartel Militar na Matiota (...) em bom estado de conservação"(Ramos, 2003, p. 32).

Embora a companhia telegráfica italiana, Italcable, tenha sido estabelecida em S. Vicente no ano de 1923 e a inauguração do seu primeiro cabo submarino, datado de 1925 (MHOP, 1984, p. 81), esta construção não é visualizado no desenho do Mindelo de 1932.

A área vedada situada nos atuais terrenos da FIC corresponde aos espaços do *Matiota Tennis Club* da época, fundado pelos ingleses. Segundo Ramos (2003, p. 148), os ingleses construíram em frente à Lajinha, uma casa para servir de vestiário e balneário e um quintalão com grandes muros, enquadrando um *court* de ténis, denominado *Matiota Tennis Club*. "(...) essas instalações foram demolidas e no mesmo lugar construídos os armazéns do EMPA, hoje Pavilhão da Feira Internacional de Cabo Verde".

De realçar que nessa época, a zona com construções no atual bairro da Zona Militar era designada de Chã de *Cricket*.

Seguindo-se para o norte depara-se com uma construção, junto à orla marítima – o *Step* da Matiota –, e contígua a uma outra construção localizada em terra.

A orla marítima enquadrada nos terrenos a norte da 'Ribeira seca' é definida pelo Padrão situado na zona da Pontinha, uma nova ponte-cais situado em frente ao edifício da Alfândega, e uma outra ponte-cais – o 'Caizim'⁶¹, localizada nas proximidades da zona do mercado de peixe, contígua à Rua do Figueiredo de Barros. O Caizim foi a zona do despejo do esgoto aéreo do Mindelo da época, devido a falta de saneamento público. A construção da "(...) Sentina Pública, «chamada CAIZINHO»" (Ramos, 2003, p. 31) está enquadrada nas obras públicas da cidade do Mindelo de 1929/1930. Segundo o mesmo autor, em 1929 foi lançada a primeira pedra para a construção da nova Ponte-cais localizada em frente a Alfândega Velha.

No período, 1932-1946, a paisagem urbana situada a norte da 'Ribeira seca' é caracterizada essencialmente pelo crescimento urbano para os terrenos interiores. É também visível a densificação de espaços urbanos do atual bairro Centro da Cidade/Morada e das áreas situadas nos seus terrenos adjacentes, e o crescimento de vias de ligação da cidade como as áreas urbanas relevantes, nomeadamente as estradas de acesso à zona da Pontinha – Estrada Marginal, à zona de João Ribeiro e a do Pé do Verde.

⁶¹ Caizim- um cais de pequenas dimensões no crioulo de S. Vicente.

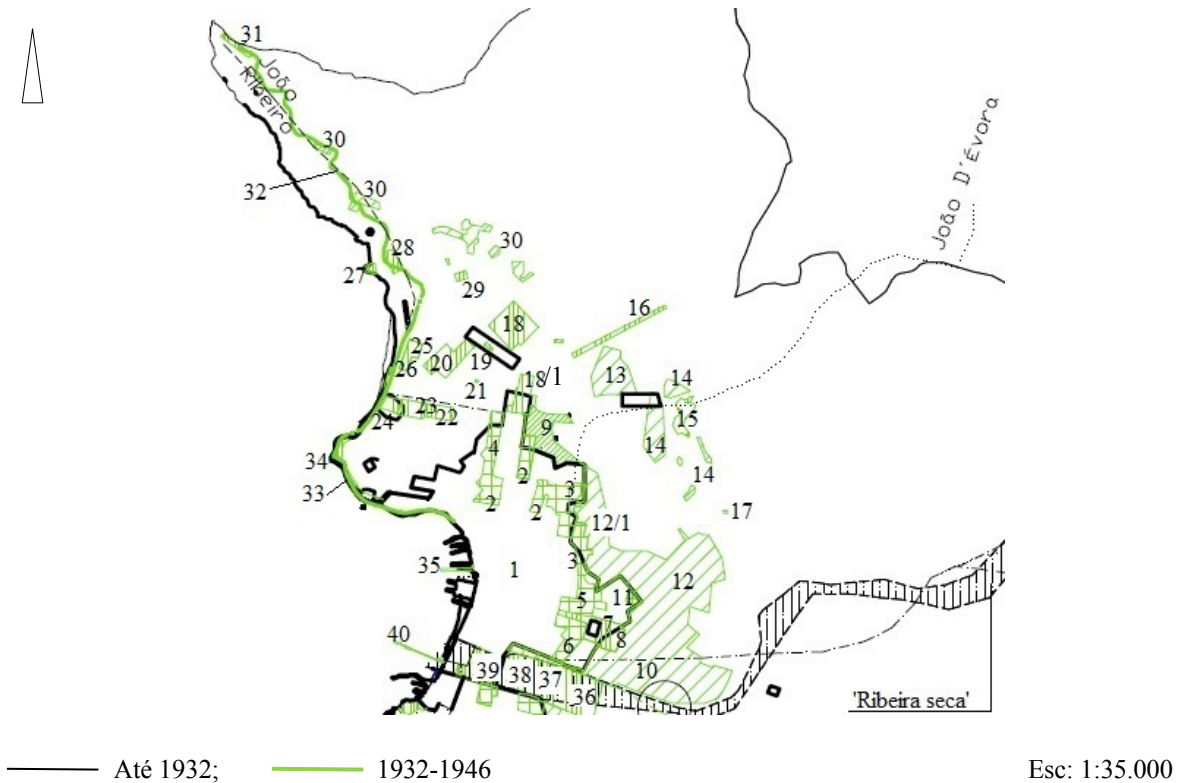


Fig. 74: Ampliação do Esquema 5: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1932-1946.
Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Ocupada urbana de 1920-1932
- 2- Área urbana densificada, nos terrenos do bairro Centro da Cidade/Morada
- 3- Área urbana densificada, nos terrenos do bairro do Alto Mira Mar
- 4- Área urbana densificada, nos espaços do bairro do Alto S. Nicolau
- 5- Área urbana densificada, no bairro do Fonte Cónego
- 6- Área urbana densificada, nos terrenos do bairro da Ribeira Bote
- 7- Ampliação dos espaços do hospital
- 8- Espaço do Salesiano
- 9- Expansão urbana da área central, atual bairro do Centro da Cidade/Morada, para nordeste, prolongando-se para os terrenos dos bairros do Fonte Meio/Madeiralzinho e da Zona Militar
- 10- Bairro da Ribeira Bote – expansão à leste e sudeste
- 11- Área urbana densificada, no bairro do Alto Solarine/Forca
- 12- Crescimento urbano expandindo-se do bairro do Alto Solarine/Forca para o bairro do Fonte Filipe.
- 12/1- Crescimento urbano no bairro do Alto de Santo. António
- 13- Expansão da área urbana do bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 14- Expansão da área urbana do bairro da Cruz João Évora

- 15- Construções dispersadas, nos terrenos da Cruz João Évora
- 16- Espaços da antiga Carreira de Tiro. Estende-se dos terrenos do atual bairro da Zona Militar para os do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 17- Ocupação urbana nos terrenos do bairro de Fonte Inês/Espia
- 18- Quartel da 2ª Companhia de Caçadores. 18/1- Expansão do Quartel Militar
- 19- Espaços do *St. Vicent Cricket Club*, em regressão
- 20- Espaços da Italcable, no bairro atual do Ché Guevara. Estendendo-se para os terrenos do bairro da Zona Militar
- 21- Ocupação residencial no bairro do Che Guevara
- 22- Escola Técnica, atualmente espaços da Escola Industrial e Comercial do Mindelo Guilherme Dias Chantre
- 23- Área vedada
- 24- Depósito do Cabo Submarino, nos espaços do atual bairro do Fortim/Escola Técnica.
- 25- Espaços da Italcable, nos terrenos do bairro da Matiota/Lajinha.
- 26- Matiota *Tennis Club*
- 27- *Step* da Matiota
- 28- Construção no bairro da Matiota/Lajinha
- 29- Quartel Militar da Matiota, demolido em 1947
- 30- Área urbana enquadrada nos terrenos atuais do bairro de Chã de Alecrim
- 31- Construções na Ponta de João Ribeiro.
- 32- Reconfiguração da Estrada de João Ribeiro
- 33- Estrada Marginal
- 34- Padrão da Pontinha
- 35- Nova ponte-cais em frente ao edifício da Alfândega
Nos espaços da Ribeira seca
- 36- Campo de jogos
- 37- Espaços do Grémio Desportivo do Castilho
- 38- Espaços do Grémio Desportivo *Tennis Club de Mindelo*
- 39- Praça Estrela
- 40- Caizim

A Estrada Marginal, de acesso à zona da Pontinha, foi iniciada em 1932. Para tal foi necessário o desbravamento das rochas com dinamite, aterros sobre o mar, e a construção de

muros de proteção (Ramos, 2003, p.31). O traçado desta estrada, contornado o monte do Fortim e indo desembocar na estrada existente na Matiota, completa as alterações dos espaços centrais da orla da Baía do Mindelo. A ligação com os espaços mais afastados é realçada na reorganização das estradas de acesso a zona do Pé do Verde e João Ribeiro. A estrada de acesso à Ponta de João Ribeiro estende-se até aos espaços dos depósitos do Cabo Submarino, junto à praia da Lajinha.

Das áreas habitacionais e não centrais, já citadas, o bairro da Ribeira Bote é o mais expressivo nos espaços localizados a norte da 'Ribeira seca', essencialmente pela vasta área ocupada no respetivo período. Os terrenos do bairro encontram-se praticamente preenchidos. Porém, a falta de uma estrutura organizada dos seus espaços não permita a construção de uma imagem de conjunto, ostentando-se como uma área habitável composta por pequenas construções mas aleatoriamente disposta no terreno. Este bairro tem a sua génese ligada não só a 'Ribeira seca', particularmente aos espaços da Ribeira do Paul, mas também à sua ocupação urbana inicial demarcada pelas ruas do Sol e da Esperança, determinantes na denominação do bairro. A zona da Ribeira Bote possui como elementos distintivos: os espaços do hospital, realçado pelo tamanho das suas construções e pela demarcação do acesso ao mesmo; o espaço do Lar Nhô Djunga. Este último destaca-se pela sua forma em planta e pelo seu enquadramento numa extensa área livre de construção. Fig. 75.

A ocupação urbana dos terrenos da 'Ribeira seca' apresenta-se em crescimento, prolongando a área existente aos espaços de um campo de jogo. Este, situado no local do Estádio da Fontinha, atualmente Estádio Adérito Sena, foi construído a partir de 1938 (Ramos, 2003, p. 163). Nestes terrenos planos localizados nas proximidades do mar, praticamente delimitados por construções do período de 1920-1932, foram efetuadas arruamentos entre os espaços do Largo da Salina e dos grémios desportivos do *Tenis Club de Mindelo* e do Castilho. O essencial desta estrutura dos espaços da 'Ribeira seca' é a construção de uma Praça no terreno do Largo da Salina. Esta, "com coreto de música, bancos de cimentos à volta com vários canteiros interiores com árvores, tendo os mesmos a forma de Estrela. Daí o nome de Praça Estrela, como ficou a ser denominado pelo povo". (Ramos, 2003, p. 163). O obelisco central existente na praça dos anos quarenta, não é visualizado em 1946, tendo os seus espaços fragmentados por uma via de ligação do centro urbano aos Terrenos do bairro do Monte Craca.



Fig. 75: Ampliação do Mapa 06: Espaços do bairro da Ribeira Bote em 1946. Esc: 5.000
Fonte:: Autor. Base de trabalho: 1-Plano Hidrográfico do Porto Grande, 1946. IHM, Lisboa.2- Limite dos bairros do Mindelo. CMSV, 2016.

Legenda

1-Hospital; 2- Salesianos, 3- Lar Nhô Djunga; 4- A formação inicial do atual acesso central da Ribeira Bote; 5- Rua R. M. Ribeiro de Almeida, em formação.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', até aos depósitos da Shell, Fig. 76

O espaço urbano localizado a sul da 'Ribeira seca' e seguindo até aos depósitos da Shell é demarcado por crescimento urbano nos bairros do Monte Craca, do Chã de Cemitério e do Monte Sossego, e por construções dispersadas no terreno dos bairros do Dji d'Sal, Fonte Francês, Bela Vista/Pedreira, Fernando Pó, Vila Nova/Lombo Tanque e Monte Sossego. Os espaços urbanos dos bairros do Monte Craca e do Chã de Cemitério destacam-se como áreas urbanas densificadas.

Ao contrário da ocupação habitacional visualizado a norte da 'Ribeira seca' em terrenos mais acidentados, a ocupação habitacional situada a sul desta ribeira estende-se essencialmente por terrenos menos acidentados, exceto os seguintes: parte da área do Monte Sossego; o crescimento em Fonte Francês; a ocupação dispersa em Fernando Pó. Este bairro fica situado em terrenos de cota elevada mas a sua ocupação estende-se por terrenos planos.

O bairro do Monte Sossego, situado junto a área urbana existente em Fonte Francês, estende-se da sua zona de cota mais elevada para os terrenos mais planos. Este bairro destaca-se em relação aos demais bairros periféricos, pela sua desarticulação da urbe e pelo tamanho da sua área ocupada. Esta área do Mindelo tem a sua ligação aos espaços centrais, através de um

caminho careteiro, base do atual traçado da Avenida da Holanda. A sua configuração em planta é de um lugar de residência, com a sua parte baixa definida por um pequeno conjunto de ruas direitas e perpendiculares, em formação, enquadrando um amplo espaço livre, o atual campo de futebol da zona – Campo 'Bitim'. A estrutura das suas vias mais centrais interligados ao centro da cidade, por um caminho relevante no contexto da paisagem situada a sul da 'Ribeira seca', e a construção militar no cume do monte da zona, são os elementos identificáveis dos terrenos do Monte Sossego em 1932-1946. No entanto a heterogeneidade da estrutura dos seus espaços, visualizada particularmente na ocupação da encosta do respetivo monte, cria uma certa confusão a nível de acessos às construções. Fig.77.

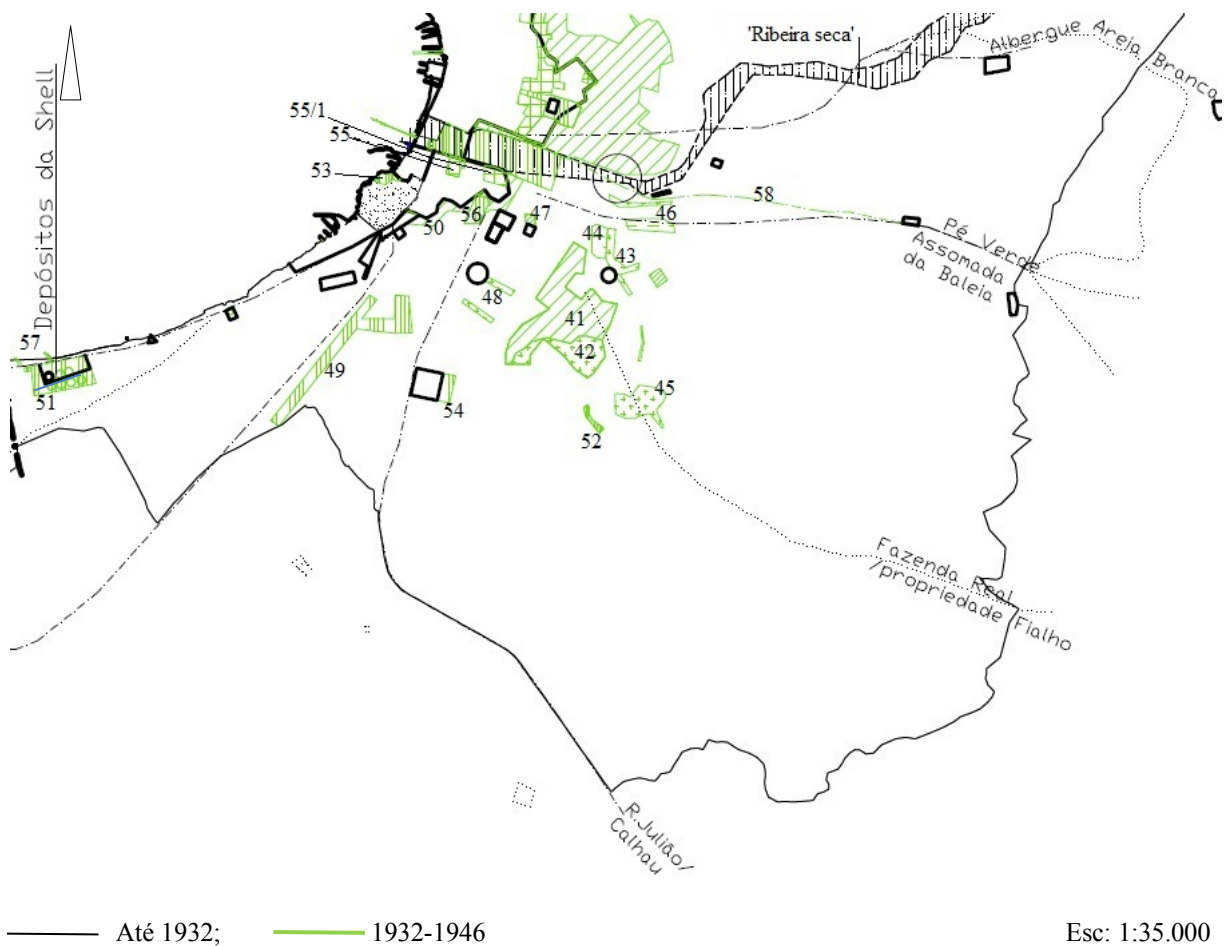


Fig. 76: Ampliação do Esquema 5: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1932-1946. Fonte: Autor.

Legenda

- 41- Crescimento urbano, nos espaços do bairro do Monte Sossego
- 42- Área de ocupação urbana muito dispersada, em Monte Sossego

- 43- Crescimento urbano dispersada, em Fonte Francês
- 44- Ocupação agrícola em Fonte Francês
- 45- Crescimento urbano dispersado no terreno do bairro de Frenando Pó
- 46- Ocupação agrícola no terreno do bairro da Bela Vista/Pedreira
- 47- Crescimento urbano, nos terrenos do atual bairro de Chã de Monte Sossego
- 48- Construções dispersadas, no bairro de Chã de Monte Sossego
- 49- Espaços da pista de Avião de Missão e áreas adjacentes
- 50- Crescimento urbano, no bairro do Monte Craca
- 51- Expansão dos espaços da Shell, Visualização de 7 depósitos de combustíveis
- 52- Ocupação militar no Monte Sossego. Expande-se pelos terrenos do bairro Fernando Pó
- 53- Expansão dos espaços da Companhia *Millers & Cory*, junto ao monte do Forte Velho, no bairro do Monte Craca
- 54- Ampliação dos espaços do Cemitério
- 55- Área urbana densificada, no bairro do Monte Craca
 - 55/1- Área urbana densificada, no bairro do Chã de Cemitério
- 56- Espaços da Fábrica Favorita
- 57- Dois molhes, contíguos aos depósitos da Shell
- 58- Novo traçado da estrada de acesso ao Pé do Verde

Nesta área urbana de grande tamanho, localizada a sul da 'Ribeira seca', podem-se observar também: os espaços da Shell no bairro da Galé; a expansão dos espaços do cemitério, nos terrenos do atual bairro da Zona Industrial Sul; a pista de Avião de Missão enquadrada em conjunto com uma pequena construção e uma área terraplanada/vedada; a expansão dos espaços da Shell, na zona da Galé e contíguos à orla; a ampliação dos espaços da Companhia *Millers & Cory* junto à orla, na base oeste do Monte do Forte Velho – zona do Monte Craca.

Os terrenos da pista de Avião de Missão estendem-se para o bairro da Galé

A atividade industrial localiza-se nos terrenos interiores, sendo visualizada nos limites da área ocupada em 1920-1932. É definida pela Fábrica Favorita – fábrica de moagem de milho, bolachas e panificação, localizada nos espaços do bairro de Chã de Cemitério. O terreno para a sua construção foi adquirido por aforamento em 1915 (Ramos, 2003, p. 29).

Os terrenos localizados fora do perímetro do presente estudo, enquadrando algumas construções no período de 1920-1932, não são integrados no desenho do Mindelo de 1946,

apresentando o esquema 05 – ocupação urbana 1932-1946 –, a ocupação destes terrenos em 1920-1932.



Fig. 77: Ampliação do Mapa 06 – Sobreposição do traçado viário atual na ocupação urbana do Monte Sossego, 1946. Esc: 5.000

Fonte: Autor. Base de trabalho: I- Plano Hidrográfico do Porto Grande, 1946. IHM, Lisboa. II- Limite dos bairros do Mindelo. CMSV, 2016.

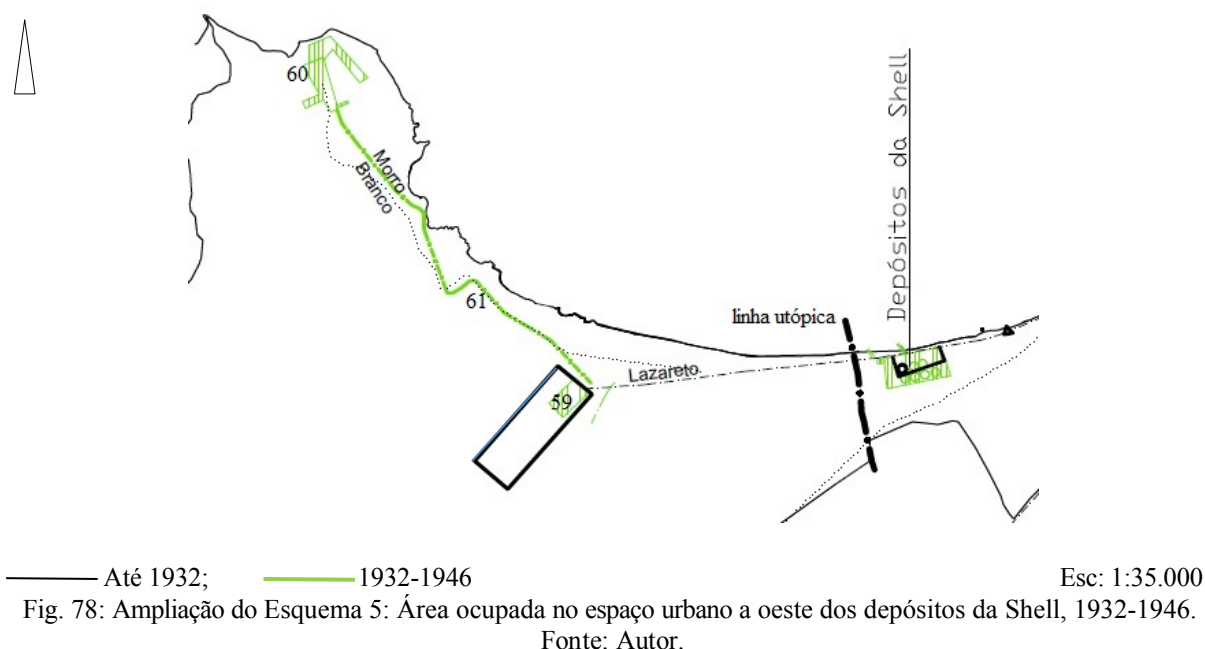
Legenda

1-Limite administrativo, atual, do bairro de Monte Sossego; 2- Rua 1; 3- Acesso aos bairros do Fernando Pó e Ribeira de Craquinha; 4- Área livre- atuais espaços do Campo 'Bitim'; 5- Traçado inicial da Avenida da Holanda; 6- local do atual rotunda da Avenida da Holanda; 7- Traçado inicial da via central do bairro do Fonte Francês; 8- Local da atual rotunda do Fonte Francês; 9 – Caminho da Fazenda Real; 10- Terrenos do Fernando Pó; 11- Terrenos do bairro

do Fonte Francês; 12- Espaços do bairro do Chã de Monte Sossego; 13 – Construção militar; 14- Expansão da construção militar pelos terrenos do bairro do Fernando Pó. 15- Crescimento urbano pela encosta do monte.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell, Fig. 78

O espaço urbano situado a oeste dos depósitos da Shell é realçado pela alteração do caminho do Morro Branco, para estrada, e pela ampliação da área construída nos terrenos do atual bairro do Morro Branco. Destaca-se também algumas construções situadas na zona do Lazareto. Estas construções foram anteriormente transformadas em Quartel de Infantaria nº5. (Ramos, 2003, p. 32).



Legenda:

- 59- Construções na zona do Lazareto
- 60- Expansão da área construída na zona do Morro Branco.
- 61- Estrada do Morro Branco.

A estrada do Lazareto estabelece a ligação entre a cidade e os terrenos situados a oeste da Shell. É interseçada por uma outra estrada seguindo-se a geografia do terreno até aos espaços do Morro Branco – Estrada do Morro Branco. Esta, definida como caminho carreteiro no período de 1920-1932, apresenta no presente período, 1932-1946, com uma pequena alteração relativamente ao traçado inicial. Importante realçar que o desenho do Mindelo de 1946, não

inclui nos seus limites os espaços do cemitério visualizado ainda no período de 1920- 1932, nos terrenos da zona do Lazareto.

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig.79

Mindelo do período de 1932-1946 é uma cidade de bairros. No entanto não apresenta uma estrutura viária de ligação entre estes e a sua centralidade urbana. Esta ligação é estabelecida através de caminhos sinuosos, seguindo a topografia dos terrenos. Uma outra característica do período é a interligação dos seus bairros periféricos com às zonas localizadas no interior/litoral da ilha, nomeadamente a ligação do bairro do Monte Sossego, do Fonte Francês e do Fernando Pó, à zona interior da Fazenda Real; a ligação do bairro do Fonte de Meio/Madeiralzinho com a zona litoral de João d'Évora, através de um caminho atravessando os terrenos do bairro da Cruz João Évora; na ligação do acesso central do bairro da Ribeira Bote, com as zonas de Areia Branca, Salamansa e Baía das Gatas. Esta via central, em formação, localiza-se nas proximidades da R. M. Ribeiro de Almeida. O caminho de acesso a zona litoral de João d'Évora encontra interligada ao centro urbano pela extensão deste até à Rua da Boa Vista, atravessando de norte a sul os terrenos do Alto Mira Mar. (ver quadros em apêndice)

Legenda – Figura 79

- 1- Acesso ao Monte Sossego-Avenida da Holanda em formação.
- 2- Atual 'Rua 1', em formação
- 3- Acesso aos terrenos do bairro do Fernando Pó
- 4- Acesso aos terrenos do Fonte Francês
- 5- Acesso central da Ribeira Bote, em formação
- 6- Rua R. M. Ribeiro de Almeida, em formação
- 7- Rua da Boa Vista, em Alto Mira Mar
- 8- Acesso aos terrenos do Chã de Monte Sossego
- 9- Ligação da ocupação urbana do Fonte Meio/Madeiralzinho com à zona Central.
- 10- Ligações da ocupação urbana do bairro do Alto S. Nicolau com o centro do Mindelo
- 11- Traçado 'inicial' da Rua Angola
- 12- Estrada Marginal
- 13- Ligação da Rua Marginal à estrada da Matiota – ligação à zona do João Ribeiro
- 14- Ligação entre Matiota/Lajinha com os terrenos da Zona Militar
- 15- Ligação da ocupação urbana do bairro de Chã de Alecrim com o centro urbano

- 16- Interligação entre os terrenos ocupados nos bairros do Fonte Meio/Madeiralzinho e da Cruz João Évora
- 17- Prolongamento da Rua Argélia
- 18- Prolongamento da Rua Senador Vera Cruz
- 19- Ligação entre os bairros do Fonte Cónego e do Alto Solarine/Forca.
- 20- Rua Pereira Marinho, em formação.
- 21- Ligação da Avenida Marechal Carmona à Rua Franz Fanon, através da Travessa D. Dália
 - 21/1- Avenida Marechal Carmona, atual Rua Capitão Ambrósio
- 22- Ligação da Rua contígua a sudeste do espaço do Salesiano, Ribeira Bote, à Rua Rainha D. Leonor, Fonte Cónego
- 23- Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo
- 24- Acesso ao Quartel Militar, no alto do Monte Sossego
- 25- Vias contornando os terrenos do Grémio Desportivo *Tenis Club de Mindelo*
- 26- Antiga Avenida Fontoura da Costa, atual Avenida Dr. Alberto Leite. Visualizado desde do período 1906-1920



— Até 1932; — 1932-1946

Esc: 1:35.000

Fig. 79: Ampliação do Esquema (a)5: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1932-1946.

Fonte: Autor.

Dimensão urbana da análise do Mindelo - 1946

Como já foi referido, a importância do desenho da cidade de 1946 está associada à identificação dos lugares do Mindelo. Isto deve-se à definição da maioria dos bairros periféricos e toponímia das vias e lugares, possibilitando o enquadramento da forma da urbe mindelense, à escala da cidade. Para tal, segue-se a descrição da sua forma urbana no ano 1946 (ver Mapa 06)

A área central do Mindelo em 1946, caracterizada pela sua imagem planeada, apresenta-se mais compacta. Isto é visualizado na densificação dos seus quarteirões e no aumento da estrutura viária, realçada por três avenidas estruturantes da urbe mindelense – Avenida Marginal, Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo e Avenida Fontoura da Costa. A Avenida Marginal, localizada na Baía do Porto Grande, iniciada a partir dos espaços da Companhia *Millers & Cory*, estabelece a ligação da área urbana com a zona da Matiota, atual bairro da Matiota/Lajinha. Esta avenida, de traçado inicial simples e contornando toda a base oeste e sul do monte do Fortim, é delimitada nos terrenos localizados junto ao ponte-cais da Companhia *Millers*. A Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo, atual Avenida 12 de Setembro, localizada nos espaços contíguos a norte da 'Ribeira seca', destaca-se pela sua largura em planta e pelo seu prolongamento para o interior, anexado ao caminho de acesso as zonas do Lameirão e da Baía das Gatas. No entanto, a vegetação central que lhe é característica e enquadrada nos estudos do plano para melhoramentos do Mindelo de 1911/1938, não é visualizada no desenho da cidade de 1946. A Avenida Fontoura da Costa de traçado inicial visualizado no período 1906-1920, conclui a estrutura da área urbana central, a norte. Esta via, de traçado em direção ao mar, cria uma perspetiva panorâmica e visual clara do elemento água a partir da urbe, reforçando a inter-relação terra/mar existente e característica do núcleo urbano inicial.

Pode-se constatar também que a área urbana mais central – espaços do bairro atual do Centro da Cidade/Morada – encontra praticamente consolidada, exceto a área portuária ainda inexistente, e os espaços urbanos localizados nos limites a nordeste, ainda por consolidar.

Neste conjunto viário central, enquadra-se também: a Rua do Hospital, atual Avenida Fernando Ferreira Fortes, prolongando-se para este até a zona de Fonte Cónego, estabelecendo assim a ligação da área central com os novos bairros de Alto Solarine/Forca e Fonte Filipe, respetivamente; Travessa dos Paços do Concelho, atual Rua William du Bois, prolongando-se para sudeste até aos espaços do hospital velho; A Rua do João Machado, atual Avenida Dr. Baltazar Lopes, visualizada inicialmente no desenho da cidade de 1906, apresenta-se de traçado consolidado e estende-se até as proximidades da antiga Fonte Cutú, localizado no limite

nordeste do bairro do Centro do Cidade/Morada. Esta área da Fonte Cutú, anexa a noroeste da Rua do João Machado, encontra, até a atualidade, isenta de construção. (ver Mapas 12-15 e Quadros III e IV em apêndice).

A Travessa dos Paços do Concelho inclui no seu percurso o Largo do Madeiral contíguo a Câmara Municipal e a Praça Dr. Regala.

Os terrenos interiores são visualmente marcados por áreas livres de construções e áreas urbanas, de pequenas dimensões, compostas por construções dispersadas no terreno, constituindo bairros periféricos em formação e sem uma conceção pré-definida. Porém, constata-se alguma conceção pré-determinada nos bairros contíguos à área central, nomeadamente em Alto Mira Mar, Alto S. Nicolau e Fonte Cónego, embora ainda encontrem por consolidar.

Em 1946, os terrenos localizados de noroeste a leste da área urbana do Mindelo são realçados pelos seguintes bairros: o bairro do Alto S. Nicolau em expansão, estendendo-se pela encosta do monte do Fortim em construções dispersas e demarcado por uma fileira de construções contíguas a noroeste da área central urbana; o bairro de Chã de Alecrim, caracterizado por vários conjuntos compostos de construções dispersadas no terreno e demarcado pelo conjunto de casas sociais organizadas em estrutura ortogonal; o bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho, com o aglomerado inicial centrado nos seus espaços e a sul dos espaços da Carreira de Tiro, desenvolvendo-se por uma encosta; o bairro da Cruz João Évora, com construções dispersadas e enquadradas em ilhas. Este último bairro, a nordeste da área central, cresce pelas encostas dos montes envolventes. As ocupações urbanas autónomas são visualizadas nos bairros de Fonte Meio/Madeiralzinho, Chã de Alecrim e da Cruz João Évora apresentam-se segregadas do núcleo urbano consolidado. De realçar também a existência de construções com características não habitacionais, 'polvilhadas' nos espaços fronteiriços desta área mais a norte da cidade Mindelo, enquadrando espaços de bairros em análise, nomeadamente: no bairro do Fortim/ Escola Técnica, no bairro do Che Guevara, no bairro da Zona Militar e no bairro da Matiota/Lajinha. Esta paisagem é demarcada pelos espaços do areal englobando toda a extensão oeste do bairro da Matiota/Lajinha – da Pontinha até a Matiota. Este conjunto é fechado a oeste por uma área vedada com pouca construção, nos espaços da atual FIC, e por uma fileira de casas de pequenas dimensões localizadas junto à praia, ambas, situadas nos espaços do bairro da Matiota Lajinha. Os espaços da Escola Técnica, anexos a oeste com os espaços da *Cable and Wierless* – Cabo Submarino, realçam o traçado ainda em formação da atual Avenida Alberto Leite. Seguindo para norte, a paisagem é realçada pelos

espaços da *Italcable*, na zona do Che Guevara e do Quartel Militar, na zona Militar, antiga Chã de Cricket. Os espaços do Quartel Militar encontram-se em formação, tendo um único bloco construído.

A paisagem nos limites a norte da Cidade exhibe terrenos praticamente isentas de construção, salvo pequenas construções dispersadas no terreno e localizadas junto a costa, nos espaços do atual bairro e Chã de Alecrim. Destas construções destaca-se uma pequena área construída, com forma retangular e localizada na zona da Ponta de João Ribeiro, bem como, o acesso à mesma, interligando-a à zona urbana através da Avenida Marginal.

Mindelo de 1946 demarca-se como uma cidade de bairros heterogêneos e geralmente localizados de forma desarticulada, ocupando terrenos de norte a sul da urbe mindelense.

Os espaços localizados de sudeste a leste do núcleo urbano central são realçados por ocupações urbanas em espaços dos bairros da Ribeira Bote, do Fonte Cónego, do Alto Solarine/Forca, do Fonte Filipe, do Alto Mira Mar e do Alto de Santo António. Destes, destaca-se o bairro do Alto Mira Mar, pela sua interligação à estrutura da área central e pela densidade da sua área ocupada. Este aspeto é demarcado pela expansão das construções pela encosta do monte do Alto de Santo António, constituindo assim a formação inicial do referido bairro. As ocupações nos bairros, do Alto Solarine/Forca e do Fonte Filipe e parte do bairro da Ribeira Bote, desenvolvem-se de forma orgânica e sem enquadramento urbanístico. O bairro do Alto de Solarine/Forca, de menor dimensão, apresenta-se mais organizado, enquadrando alguns quarteirões nas proximidades do bairro do Fonte Cónego.

O bairro da Ribeira Bote, situado nos espaços contíguos a 'Ribeira seca', destaca-se como o maior núcleo periférico do Mindelo. Sendo demarcado em 1906 pela definição das ruas do Sol e da Boa Esperança, contíguos ao hospital, apresenta-se mais composto, embora, com uma conceção espontânea. O conjunto do bairro é realçado pelas duas fileiras de habitações organizadas de forma linear e atrás referidas, pelos espaços do Lar Nhô Djunga, contíguo à atual Avenida 12 de Setembro e pela formação inicial das duas vias contíguas a sudeste do Salesiano.

O bairro do Fonte Cónego, em expansão, é realçado por construções organizadas em quarteirões, enquadrando os espaços da atual Avenida Fernando Ferreira Fortes. Deste conjunto urbano destacam-se três quarteirões: um a sudoeste, nas proximidades do Hospital; um a sudeste e um a nordeste, no prolongamento do quarteirão do edifício do Palácio do Povo. Este último apresenta-se composto por construções envolvidas por extensos espaços livres.

Os bairros de Torrada, Chã de Monte Sossego, Zona Industrial Sul e Galé apresentam alguma ocupação de cariz não urbano. A ocupação na zona da Galé, demarcada pelos espaços dos depósitos da Shell e a base NW, bem como a ocupação na zona industrial sul enquadrando o espaço do cemitério, apresentam-se fora do limite urbano da época. Os espaços destes dois bairros atuais são realçados, em 1946, pela pista de Avião de Missão.

Do conjunto construído, em 1946 destaca-se alguma ocupação nos espaços da 'Ribeira seca', nomeadamente:

- No limite sudoeste do bairro central – o quarteirão enquadrando os espaços da Réplica da Torre de Belém e do Mercado Municipal, junto à orla, o quarteirão composto pelos espaços da Casa Ferro e um espaço ocupado com construções, posteriormente destacados como área da Polícia, e um espaço livre e de desenho bem definido – a atual Praça Estrela;
- No limite norte, do bairro de Chã de Cemitério – dois quarteirões de desenho bem definidos em planta, mas ainda por consolidar, sendo um de forma triangular;
- No bairro da Torrada – pelos espaços do campo de jogos;
- Ao norte dos bairros da Bela Vista/Pedreira e Vila Nova/Lombo Tanque. Nos terrenos dos bairros da Bela Vista/Pedreira e Vila Nova/Lombo Tanque, em formação inicial, visualizam-se pequenas construções dispersadas, contíguas à 'Ribeira seca', mais precisamente na zona de encontro das ribeiras de Areia Branca e da Pedra Rolada.

Dos bairros visualizados, o do Monte Craca ainda com algum espaço livre ao sul, destaca-se pelo enquadramento do seu traçado na estrutura da área central urbana. É demarcada pelas vias paralelas iniciais, estendendo-se para sudoeste até ao núcleo habitacional do Dji d'Sal. Os seus espaços a leste e a sudeste, até as proximidades do bairro de Chã de Cemitério, são realçados por quarteirões localizados de forma dispersa no terreno. O monte do Forte Velho e os espaços da Companhia Carvoeira *Millers*, a oeste, separam a área urbana da orla marítima. A sudeste encontra-se o bairro de Chã de Cemitério e a sudoeste o do Dji d'Sal. O bairro do Chã de Cemitério, com uma ocupação urbana considerável nos seus espaços centrais e realçado por quarteirões livres localizado nos espaços da 'Ribeira seca'. Estes enquadram uma via bem definida, estabelecendo a ligação dos espaços norte e sul do Mindelo. O bairro do Dji d'Sal, com os terrenos essencialmente livres, é definido pelos espaços da companhia carvoeira e um conjunto de casas de trabalhadores, dispostas no terreno em forma de comboio. Este bairro é demarcado por uma zona de Salgados – zona de escoamento para o mar das águas pluviais das ribeiras do Lameirão, Julião e da Vinha.

O Bairro de Monte Sossego fica localizado a sudeste da área central consolidada, apresentando-se como um conjunto de construções dispersas e desarticulado da urbe central. A frente urbana do bairro apresenta-se de forma ordenada, constituindo vias 'direitas', compostas por quarteirões de pequenas dimensões e de forma retangular. Este conjunto habitacional desenvolve-se, de forma dispersada, pela encosta do Monte Sossego. Contíguo ao bairro encontram-se dois pequenos núcleos habitacionais, o do Fernando Pó localizado a sudeste e a do Fonte Francês a nordeste. Este último, com alguma vegetação e muito pouca habitação, localizada de forma dispersa, é demarcado pelos espaços de uma propriedade agrícola, com uma construção significativa no interior. O conjunto construído destes bairros é completado pelos espaços da Forte, localizado no Alto do monte de Monte Sossego. Estes estendem-se pela zona do Fernando Pó, sendo aí demarcados com apenas duas construções.

Seguindo-se para noroeste, situa-se os espaços do atual bairro de Chã de Monte Sossego. Nestes terrenos, praticamente livres de construções, visualizam-se os cemitérios, Português e Inglês, e alguma construção não significativa.

A orla marítima, dos espaços à seguir ao centro urbano, é realçada pelos espaços dos depósitos de combustível da Companhia *Millers* e o espaço do *Wilson Sons*, respetivamente, a norte e a sudoeste do monte do Forte Velho. Os espaços da Shell, com os seus sete depósitos de combustíveis e localizados na zona da Galé, completam a paisagem dos espaços centrais da orla do Mindelo. Seguindo-se para sudoeste a paisagem, de imagem dominada pela via de ligação da centralidade urbana à zona do Morro Branco e atravessando os espaços do Lazareto, apresenta-se praticamente isenta de construções, sendo demarcados pelos espaços de um Lazareto de construção datado de 1880 (Ramos, 2003), visualizado no plano do Porto Grande de 1899, e uma área militar situada na zona do Morro Branco.

A morfologia da urbe mindelense de 1946 é completada pelos diversos caminhos carreteiros partindo da urbe e seguindo em diferentes direções, interligando o Mindelo não apenas as diferentes construções periféricas mas também às outras partes da ilha de S. Vicente.

Na vista panorâmica do Porto Grande de 1946 pode-se constatar a relevância das elevações e dos espaços dos vales na paisagem da cidade. Os vales/ribeiras secas, espaços do escoamento das águas pluviais para o mar. O Monte verde, mais distante, é visível de todos os pontos da urbe expandindo o limite visual da paisagem urbana. Com isso, o seu distanciamento em relação a área urbana torna-se secundário na construção da imagem da paisagem mindelense. Fig. 80

Fig. 80: Vista panorâmica tirada a cerca de 0,8 milhas ao Sul do Ilhéu dos Pássaros – 1946. (ver p. 223)

Silhueta do Mindelo, 1946: o contorno dos seus montes envolventes

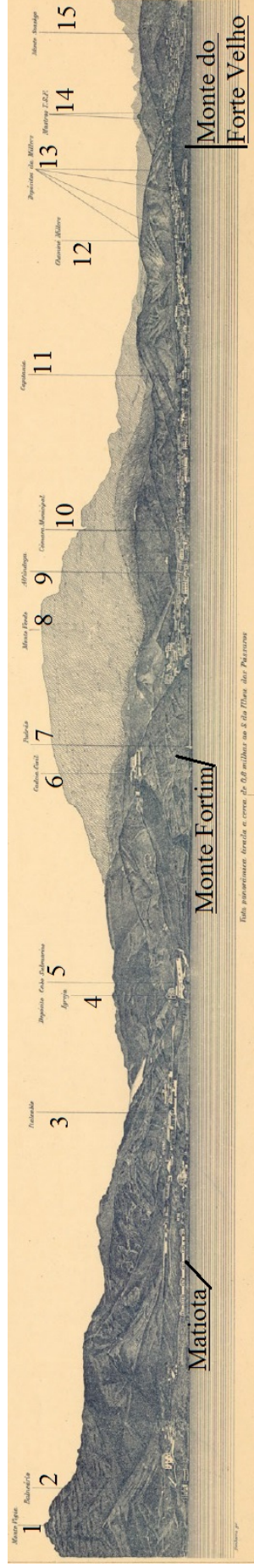


Fig. 80: Vista panorâmica tirada a cerca de 0,8 milhas ao Sul do Ilhéu dos Pássaros – 1946. Sem escala.

Fonte: Autor- Imagem editada. Base de Trabalho: Plano Hidrográfico do Porto Grande, 1946. Instituto Hidrográfico da Marinha de Portugal[IHM]. (C_10_6 CIH)

Legenda

- 1- Monte vigia; 2- Balneário; 3- Italcable; 4- Igreja; 5- Depósito Cabo Submarino; 6- Cadeia Civil (Fortim Del Rei); 7- Padrão (zona da pontinha); 8- Monte Verde; 9- Alfândega; 10- Camara Municipal; 11- Capitania (Réplica da Torre de Belém em Mindelo; 12- Chaminé Millers; 13- Depósitos de carvão; 14- Mastros T.S.F. 15- Monte Sossego.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade da época através de perspectivas panorâmicas, destacam-se três imagens demarcando a importância deste período na formação da imagem atual do Mindelo. Fig. 81 – 83.

Na primeira figura, retratando a área central do Mindelo em 1943, é relevante o somatório das construções identitárias da urbe, determinantes da sua morfologia. Embora atualmente com algumas sobreposições pontuais, o conjunto arquitetónico e urbano dos anos 40, demarca a sua autonomia relativa aos novos conteúdos adquiridos no processo de desenvolvimento.

Esta figura realça a interação dos três elementos distintivos da presente análise: a importância da água, génese do crescimento urbano, definida pela ocupação da Baía do Porto Grande por embarcações diversas; a projeção do Monte Cara como parte integrante da construção da imagem citadina, reforçando a interação do urbe com o componente geográfico; a definição arquitetónica e urbana da área central/histórica. Fig. 81



Fig. 81: Área central do Mindelo, 1943.

Fonte: *Blog mindelosempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2012/11/0267.html>. Acedida em 11 de Março de 2017.

Legenda:

1- Liceu/ atualmente polo universitário M_EIA; 2-Palácio do Povo; 3- Câmara Municipal; 4-Consolidação dos terrenos adjacentes à Rua do Barreiros, atual Rua do Coco; 5-

Consolidação dos terrenos envolventes à Rua do Hospital, atual Avenida Fernando Ferreira Fortes; 6- Mercado Municipal; 7- Torre do Mindelo- Réplica da Torre de Belém; 8- Compactação dos espaços adjacentes à Rua de Lisboa, atual Rua Libertadores de África; 9- Edifícios na Rua do João Machado, atual Avenida Dr. Baltazar Lopes; 10- Rua Raul Duarte Silva, atual Rua Franz Fanon.

A segunda imagem conclui a descrição dos espaços centrais do ponto de vista arquitetónico. Com carimbo postal de 1947, transmite a imagem do conjunto urbano da rua central do Mindelo, da época de 40 – então Rua de Lisboa. Fig. 82



Fig. 82: Rua de Lisboa, 1947. Atualmente Rua Libertadores de África.

Fonte: *Blog do mindelosempre*. In, <https://mindelosempre.blogspot.pt/2015/02/>. Acedida em 25 de Abril de 2017.

Legenda

1-Mercado Municipal; 2- Antiga Casa César Gil ;3- Edifício do antigo Café Royal

Ao examinarmos a figura 82 podemos constatar a dimensão arquitetónica da rua. A legibilidade urbana visualizada nesta imagem – onde a harmonia é o resultado da continuidade de leitura da via, simplicidade das construções, clareza da articulação da arquitetura, singularidade de cada construção e o alcance visual desta rua –, e a relação de equilíbrio existente entre as construções é semelhante nas diferentes artérias mais centrais.

Destaca-se:

- O edifício do Mercado Municipal, conservando atualmente a mesma configuração;
- O edifício do antigo Café Royal. O edifício foi construído em fases, entre os anos de 1925 – 1939. MHOP (1984).
- A antiga Casa César Gil. Antiga casa comercial construída por volta de 1905. MHOP (1984).

A terceira figura, de autoria de Foto Melo, realça os espaços do hospital e parte dos terrenos do bairro da Ribeira Bote, área de crescimento urbano do presente período. Fig.83

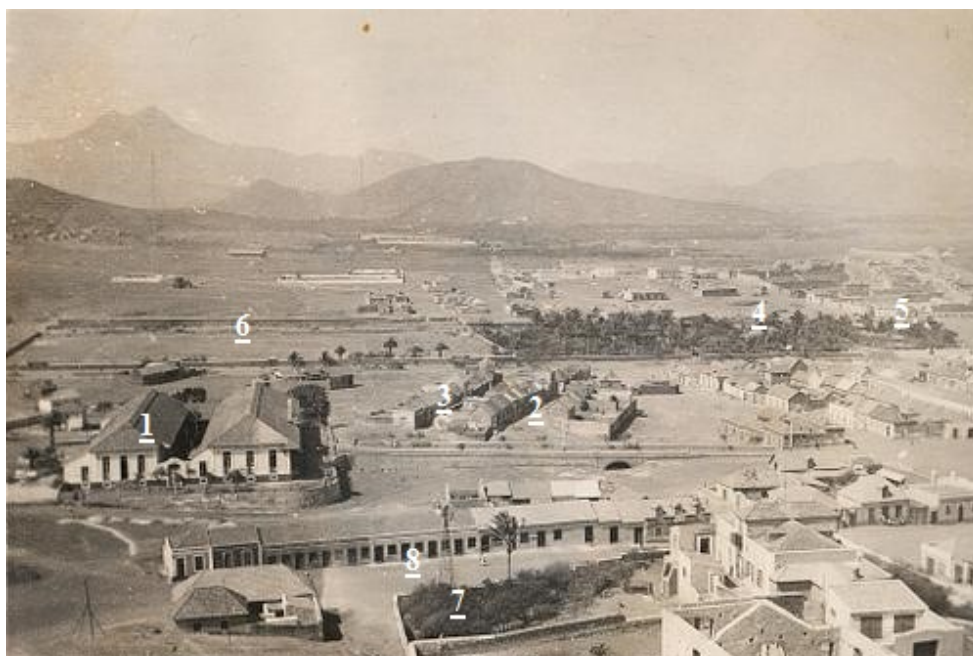


Fig. 83: Ribeira Bote – anos 40.

Fonte: Arquivo de djomartins. In, <http://www.fotolog.com/djomartins/>. Acedida em 11 de Março de 2017.

Legenda

1-Hospital; 2- Rua do Sol; 3- Rua da Esperança; 4-Delimitação dos espaços do Grémio Desportivo do Castilho, isenta de construções, e contíguo a uma vasta área também delimitada por muros. Ambos enquadram áreas com imensa vegetação; 5- Delimitação dos espaços do Grémio Desportivo *Tennis Club* do Mindelo; 6- Campo de jogos- Fontinha; 7- Espaços do antigo Poço do Fonte Doutor – atualmente terreno da Escola primária – Valentina Lopes da Silva; 8- Atual Avenida Fernando Ferreira Fortes.

Esta imagem do Mindelo permite uma leitura dos terrenos para além do campo de jogos, apresentando uma ocupação urbana essencialmente centrada nos terrenos do Monte Craca. Esta imagem, sem data, desmarca talvez os primeiros anos da década de 40. Este aspeto é confirmado por espaços integrantes no desenho do Mindelo de 1946 e da possibilidade do enquadramento, ou não, destes nesta imagem, nomeadamente: a inexistência de quaisquer construções contíguas ao hospital, uma construção de pequenas dimensões situada nos terrenos do campo de jogos; a fraca ocupação dos terrenos à leste das fileiras de casas iniciais da Ribeira Bote; a demarcação da delimitação dos espaços do Lar Nhô Djunga ou mesmo parte da construção. Ambas visualizadas no desenho do Mindelo de 1946, confirmando-se a integração dessa imagem no presente período.

Resumindo, da interação da análise da ocupação urbana do período, 1932-1946, escala da cidade, com a morfologia dos seus espaços urbanos no ano de 1946, escala urbana, pode-se constatar que o crescimento urbano do presente período está associado a fatores determinantes na definição da imagem urbana do Mindelo atual, nomeadamente:

1- A definição do conjunto arquitetónico e urbano do centro do Mindelo.

A área central – apresentando uma imagem urbana concluída, atualmente Património Nacional e referência da imagem do Mindelo – tem o seu potencial na conjugação do seu desenho urbano com as arquiteturas, portuguesas e inglesa.

2- A definição das áreas periféricas.

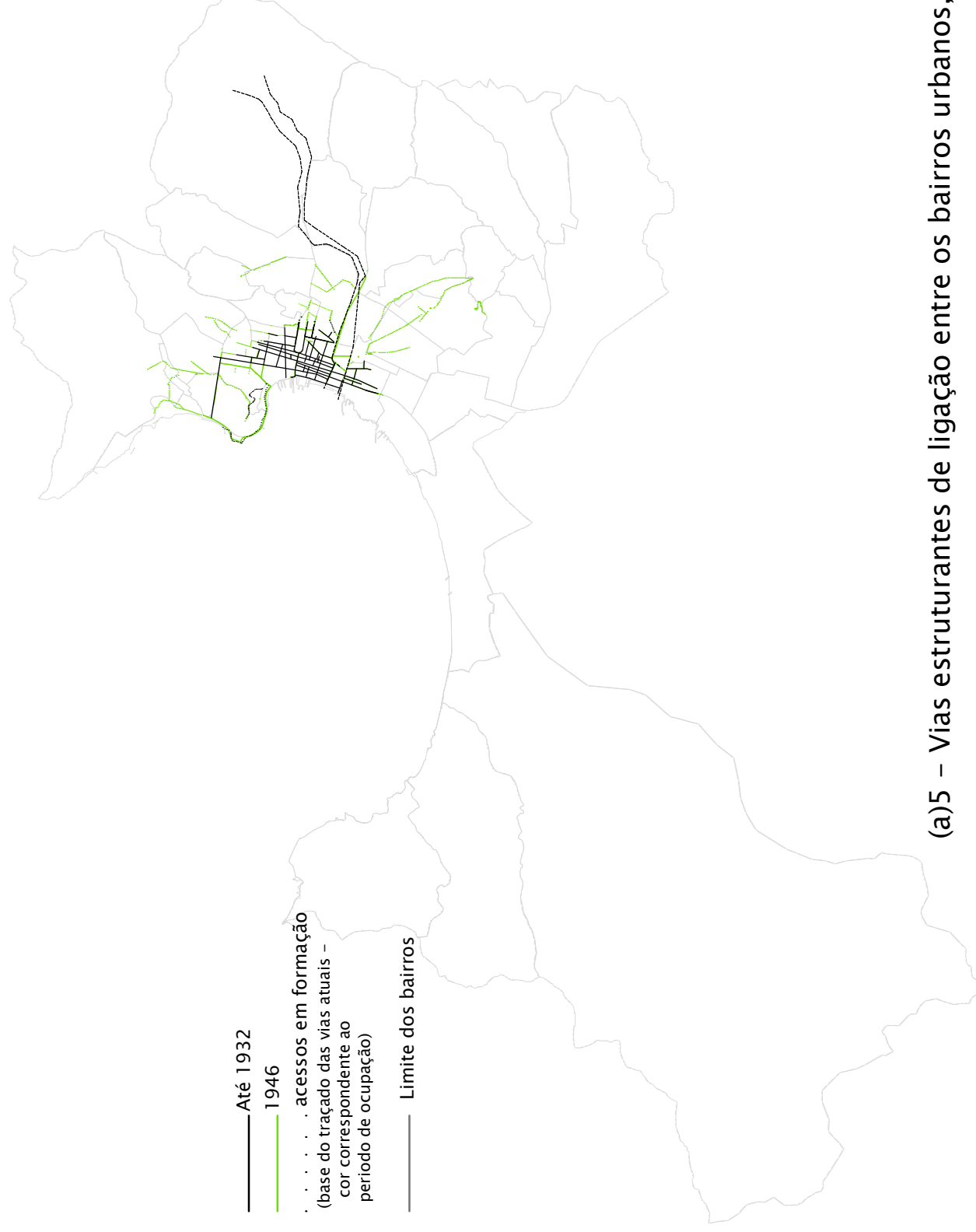
A imagem definida da génese dos bairros periféricos está relacionada com a interação do crescimento urbano com o meio ambiente, fornecendo assim matéria-prima para os símbolos de identificação dos lugares, integrados na presente tese de doutoramento.

3- A definição dos três elementos distintivos da urbe e a interação dos mesmos com o seu crescimento urbano. O elemento água/orla marítima, destacada fundamentalmente pela imagem do oceano Atlântico, revele-se também nos poços/fontes, necessários para a subsistência das populações; a topografia – elevações e ribeiras –, em que o meio ambiente surge como elemento de organização do espaço urbano, constituiu a base da estrutura envolvente da cidade; o conjunto arquitetónico e urbano da área central, baseada no equilíbrio bidimensional e tridimensional, desenvolvendo-se à escala humana.

Da leitura deste período – determinante na definição da maioria dos espaços dos bairros mindelenses –, tendo em conta os fundamentos acima expostos, pode-se fazer uma primeira avaliação da hipótese levantada no início da investigação:

1- A primeira observação, comum a todos os períodos integrados na presente análise, até ao ano de 1946, reside na insustentabilidade da hipótese - Mindelo cresce de costas viradas ao mar e desenraizado dos elementos morfológicos identitários. Até ao presente período a urbe cresce interligada a sua base geográfica sem perder à sua condição marinha, tendo o seu crescimento urbano demarcado na interação dos três componentes distintivos elencados nesta análise.

2- A desarticulação existente entre os diferentes bairros, e entre estes e a centralidade urbana é colmatada pela inclusão de percursos claros respeitando a topografia do terreno. Esta condição é visível não somente nos destinos de utilização habitacional mas também nos relacionados com as diferentes atividades urbanas.



(a)5 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1932–1946



3.3.7. 1946 – 1960: Expansão urbana dispersa [Esquemas 6 e (a)6; Mapa 07]

A ocupação urbana do período, 1946-1960, é composta por áreas de construção dispersa, localizadas em terrenos contíguos à ocupação do período anterior 1932-1946, e essencialmente de característica residencial.

De realçar que o presente período enquadra épocas difíceis, particularmente: a fome em Cabo Verde no período de 1947 à 1948, e o fim do comércio do carvão nos finais dos anos 50 (MHOP, 1984, p. 93). Porém, é visível o impacto de uma zona portuária contígua a um cais acostável – localizada na zona da Pontinha –, a adição de mais uma nova estrada de acesso ao Albergue da Ribeirinha e às zonas costeiras da Salamansa/Baía das Gatas, e a construção da estrada de acesso à zona de S. Pedro. Esta, anteriormente iniciada nos terrenos do bairro do Dji d'Sal e seguindo-se até ao Farol D. Amélia, no período 1946-1960 inicia-se nos terrenos do bairro de Ribeira de Julião, após intersetar à Estrada de Ribeira de Julião/Viana. Uma ponte-cais localizada a sudeste do cais acostável completa as transformações da orla marítima.

Interessante também evidenciar a ausência da antiga ponte-cais, nas proximidades do edifício da Alfândega, e da ponte-cais da Companhia *Millers*. A nova estrada de acesso ao Albergue Municipal e às zonas litorais da Salamansa/Baía das Gatas inicia-se no limite a norte do bairro da Ribeira Bote. Esta apresenta-se interligada à Rua do Custódio Duarte.

Neste período, 1946-1960, a expansão urbana sustenta a génese dos bairros, desenvolvendo-se em zona de cota elevada. Esta característica da ocupação urbana periférica do Mindelo, demarcada pelos componentes topografia e água, e realçada pelo alargamento dos caminhos de ligação da periferia com o centro urbano, fundamenta à existência de uma relação entre o crescimento urbano e elementos distintivos da cidade.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig. 84

A paisagem do espaço urbano localizado a norte da 'Ribeira seca' desenvolve-se em grupos de construções isoladas e, por vezes, por elementos completamente desligados. É destacada pela densificação de áreas urbanas localizadas nos terrenos dos bairros do Chã de Alecrim, Alto S. Nicolau, Fonte Cónego, Centro da Cidade/Morada, Alto Mira Mar e Ribeira Bote. A área densificada em Ribeira Bote é atravessada pela via central da zona, e esta intersetada, nesta área urbana, pela Avenida Capitão Ambrósio.

O sistema urbano da época delimita um crescimento urbano irregular, visualizado na sinuosidade dos seus percursos urbanos, a base estrutural da unificação da cidade, e na centralidade urbana, demarcando à área urbana de interligação entre os diferentes bairros

periféricos. Os espaços urbanos em expansão nos bairros da Ribeira Bote, Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe, Cruz João Évora, e Chã de Alecrim, bem como, as novas áreas urbanas em Ribeirinha, Fonte Inês/Espia visualizada na continuação da área construída do bairro do Fonte Filipe, em Fonte Meio/Madeiralzinho interligada à expansão do bairro da Cruz João Évora são compostos por construções de pequenas dimensões, dispersas no terreno e localizadas na periferia urbana. Visualiza-se também uma construção isolada, do tipo habitacional, contígua à Avenida Fontoura da Costa e do acesso ao monte do Fortim.

A área densificada em Chã de Alecrim constituiu um espaço urbano previamente planeado e localizado nos terrenos periféricos, mais afastados do centro urbano. Trata-se de um conjunto formado por 12 construções, dispostas no terreno de forma paralela entre si. Enquadra duas ruas e quatro travessas. Este conjunto urbano é concluído por um muro de proteção a nordeste, salvaguardando-a das águas da Ribeira da Mاتيota, uma construção contígua a sudoeste, seguindo-se de uma igreja. Ao contrário do grupo de 12 casas, localizadas de costas voltadas ao mar, o edifício da igreja, estrategicamente posicionada, situa-se de frente para o mar, apresentando o seu eixo central direcionada ao Monte Cara.

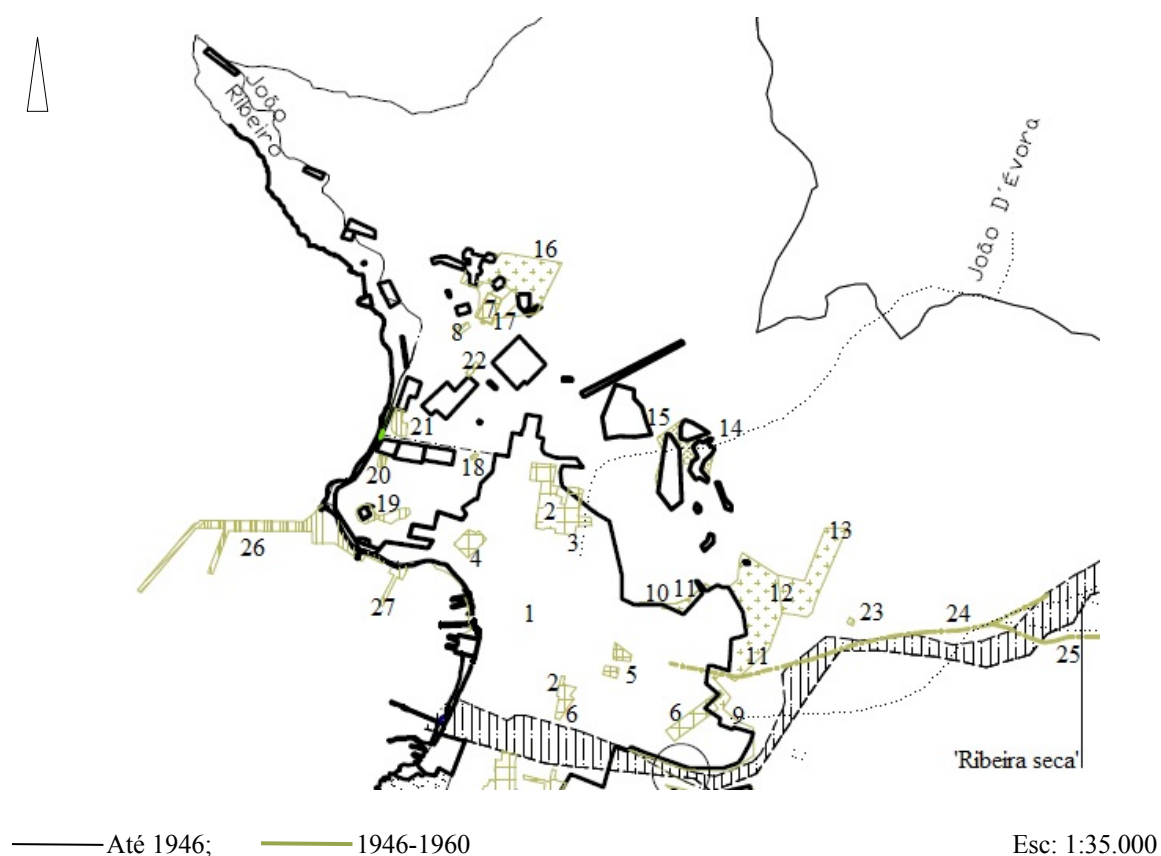


Fig. 84: Ampliação do Esquema 6: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1946-1960.

Fonte: Autor.

Legenda

- 1- Ocupação urbana do período 1936-1946
- 2- Área urbana densificada no bairro do Centro da Cidade/Morada
- 3- Área urbana densificada no bairro do Alto Mira Mar
- 4- Área urbana densificada no bairro do Alto S. Nicolau
- 5- Área urbana densificada no bairro do Fonte Cónego
- 6- Área urbana densificada no bairro da Ribeira Bote
- 7- Área urbana densificada no bairro do Chã de Alecrim.
- 8- Edifício da igreja do Chã de Alecrim
- 9- Construções dispersadas no bairro da Ribeira Bote
- 10- Construções dispersadas no bairro do Alto Solarine/Forca
- 11- Construções dispersadas no bairro do Fonte Filipe
- 12- Construções dispersadas no bairro da Fonte Inês/Espia
- 13- Construções dispersadas no bairro da Ribeirinha
- 14- Construções dispersas no bairro da Cruz João Évora
- 15- Construções dispersadas no bairro do Fonte Meio/ Madeiralzinho
- 16- Construções dispersadas no bairro do Chão de Alecrim
- 17- Crescimento urbano no bairro do Chã de Alecrim
- 18- Construção isolada, contígua à Avenida Fontoura da Costa
- 19- Miradouro e espaço envolventes
- 20- Edifício da antiga Frigorífica.
- 21- Uma área vedada enquadrando um edifício
- 22- Escola de Sargentos e posteriormente a escola primária da 2ª Companhia. Atualmente alberga espaços de escola.
- 23- Construção nos espaços da atual Cadeia Civil
- 24- Nova estrada de acesso às zonas costeiras da Salamansa/Baía das Gatas
- 25- Acesso ao Albergue da Ribeirinha
- 26- Zona portuária- cais acostável
- 27- Ponte-cais

Os terrenos localizados nas proximidades do mar são marcados essencialmente por construções não residenciais. Destaca-se: a expansão das construções no alto do monte Fortim, pela adição de um miradouro e o enquadramento paisagístico dos espaços envolventes; uma

nova construção – o edifício da antiga Frigorífica –, contígua a sul dos depósitos do Cabo Submarino; uma área vedada enquadrando uma construção – atuais espaços da residência do Bispo do Mindelo –, contígua a sul da *Matiota Tennis Club* demarcada no período de 1932-1946. Este conjunto de construções de característica não residencial enquadra mais duas construções localizadas nos terrenos mais interiores. Uma construção situada entre os espaços do Italcable e o Quartel Militar – Escola de Sargentos e posteriormente a escola primária da 2ª Companhia –, no atual bairro da Zona Militar, e uma outra no local da atual Cadeia Civil, em Ribeirinha.

Neste período de ocupação urbana, os espaços da 'Ribeira seca' permanecem sem alterações.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 85

A ocupação urbana do presente período localizada a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, sustenta um equilíbrio entre as áreas de crescimento urbano com alguma uniformidade de bairro, e as áreas de crescimento urbano dispersado.

A primeira é visualizada essencialmente nos espaços do bairro do Monte Sossego, enquadrando os espaços de construção dispersa do período anterior, em áreas de crescimento urbano, e alargando-se para os terrenos situados mais a sul, a sudoeste e a leste pelos terrenos do bairro de Fonte Francês. Observa-se também pequenas áreas de crescimento urbano com uniformidade de bairro nos terrenos dos bairros do Chã de Cemitério, Dji d' Sal e Chã de Monte Sossego, estendendo-se para o bairro da Torrada, bem como, em áreas urbanas densificadas, particularmente nos bairros do Monte Craca e do Chã de Cemitério.

A segunda é destacada nos terrenos dos bairros do Fonte Francês, da Bela Vista/Pedreira, Campinho, e nos terrenos mais centrais do atual bairro de Chã de Monte Sossego, bem como, por construções isoladas. A área ocupada nos espaços do bairro do Campinho é composta por um grupo de duas construções dispersadas. Pode-se observar que geralmente as construções dispersadas no terreno, de características habitacionais, estão localizadas nas proximidades de terrenos anteriormente agrícolas.

Legenda – Figura 85

28- Crescimento urbano no bairro do Monte Sossego

29- Crescimento urbano no bairro do Fonte Francês

30- Crescimento urbano no bairro do Monte Sossego

- 31- Crescimento urbano no bairro do Chã de Cemitério
- 32- Crescimento urbano no bairro da Torrada
- 33- Crescimento urbano no bairro do Dji d'Sal
- 34- Construções dispersadas no bairro do Fonte Francês
- 35- Construções dispersadas no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 36- Construções dispersadas, no bairro do Chã de Monte Sossego
- 37- Área urbana densificada no bairro do Monte Craca
- 38- Área urbana densificada no bairro do Chã de Cemitério

38/1- Escola de Chã de Cemitério, situada no Largo *John Miller*

- 39- Construção na base sul do monte do Forte Velho
- 40- Ampliação dos espaços do Cemitério
- 41- Expansão da área militar do Monte Sossego
- 42- Estrada de acesso à zona de S. Pedro

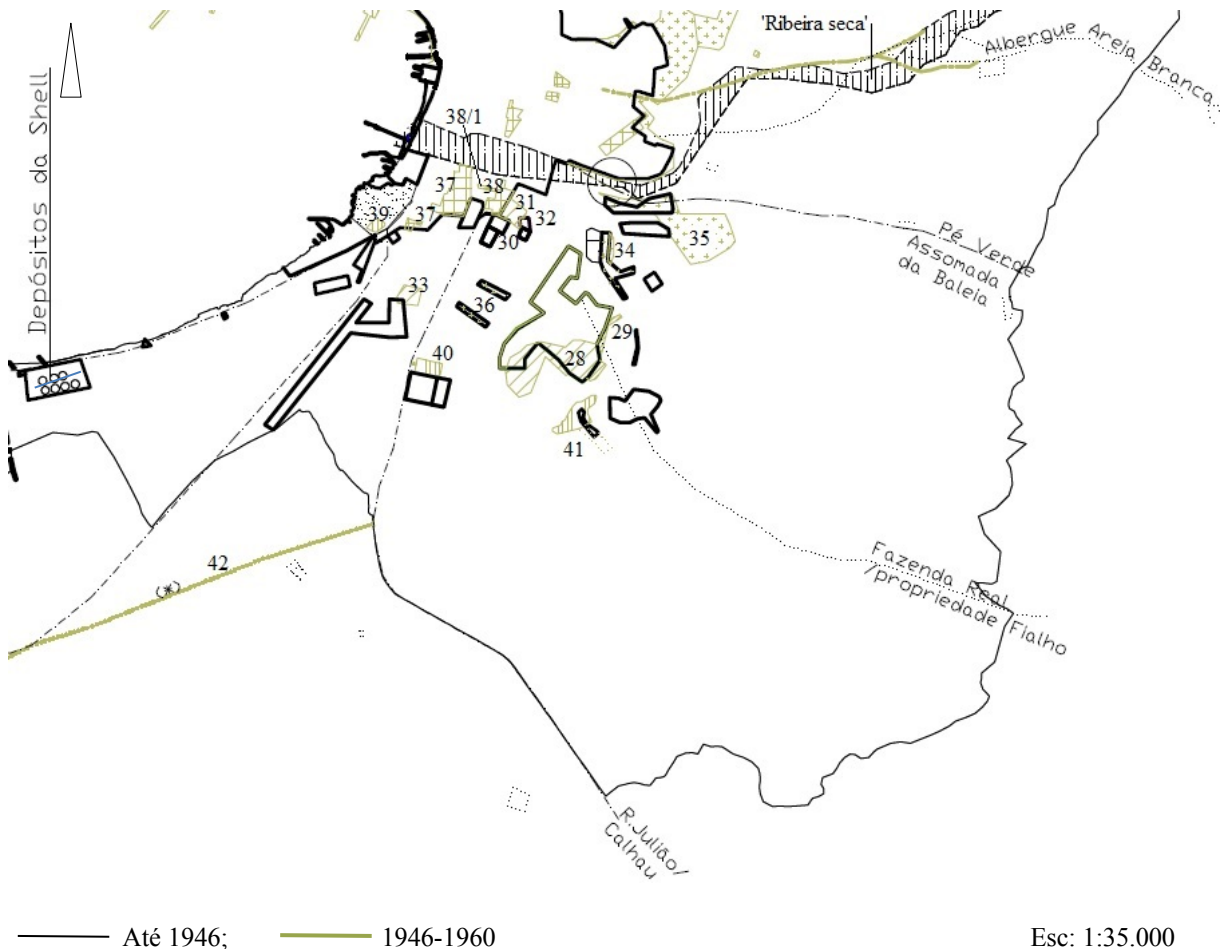


Fig. 85: Ampliação do Esquema 6: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1946-1960.

Fonte: Autor.

As construções isoladas possuem essencialmente características não residenciais. Destaca-se: uma área vedada enquadrando uma construção localizada na base sul do monte do Forte Velho – a construção é visualizada inicialmente no desenho da cidade de 1906; a ampliação dos espaços do cemitério, contíguo a norte do existente; a ampliação dos espaços da área de construções militar em Monte Sossego; a Escola de Chã de cemitério, localizada no Largo *John Miller*, nas proximidades do bairro do Monte Craca e da antiga Fabrica Favorita. Esta escola, atualmente designada de Escola EB nº 9 de Chã de Cemitério, foi inaugurada em 1951.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell

Importante realçar que estes espaços não estão integrados no desenho da cidade de 1960. No entanto, estes são visualizados no desenho da cidade de 1968/1974, com alguma alteração relativamente ao período de 1932-1946. Estes são visualizados nos espaços do bairro do Lazareto e integrados no período seguinte, do presente estudo.

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig. 86

No período, 1946-1960, as vias de ligação entre os diferentes bairros urbanos permanecem sem alterações significativas do seu traçado.

Apresenta-se algumas ampliações das vias de acesso entre os bairros compostos por construções dispersadas, nomeadamente: Chã de Alecrim, Fonte Francês, Bela Vista/Pedreira, Ribeirinha e Cruz João Évora. Estes, essencialmente caminhos carreteiros, desenvolvem-se de forma sinuosa, estabelecendo uma relação direta com a forma física do espaço urbano. Deste conjunto destaca-se a formação do traçado da Estrada de Cruz.

Ao mesmo tempo as vias mais contíguas à área central aparentam uma forma mais organizada. Evidencia-se: a integração de uma área de vegetação na Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo; a expansão da Avenida Marechal Carmona, para o interior do bairro da Ribeira Bote; a integração entre a Forte e o Miradouro, no monte do Fortim; a definição da Rua R. M. Ribeiro de Almeida, pelo enquadramento do quarteirão da escola nos espaços do bairro da Ribeira Bote; o melhoramento na via de acesso aos espaços do atual bairro da Mاتيota/Lajinha.

Legenda – Figura 86

- 43- Vias de ligação entre os bairros de Fonte Francês e Bela Vista/Pedreira
- 44- Via de ligação dos espaços da Ribeirinha ao centro urbano

- 45- Via de acesso ao depósito da Vila Nova/ Lombo/Tanque
- 46- Expansão da via entre os bairros do Fonte Filipe e Fonte Inês/Espia
 - 46/1- Caminho localizado no limite do bairro do Fonte Filipe
- 47- Expansão da via de ligação do bairro de Chã de Alecrim com a centralidade urbana
- 48- Ligação entre a Forte e o Miradouro
- 49- Prolongamento da Avenida Marechal Carmona, atual Avenida Capitão Ambrósio
- 50- Rua R. M. Ribeiro de Almeida
- 51- Quarteirão da escola da Ribeira Bote
- 52- Definição do traçado, da atual Estrada de Cruz
- 53- Via de acesso à Matiota/Lajinha
- 54- Vias de ligação do Chã de Cemitério com o centro da cidade
- 55- Via de ligação entre os bairros de Monte Sossego e Fonte Francês
- 56- Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo, atual Rua 12 de Setembro

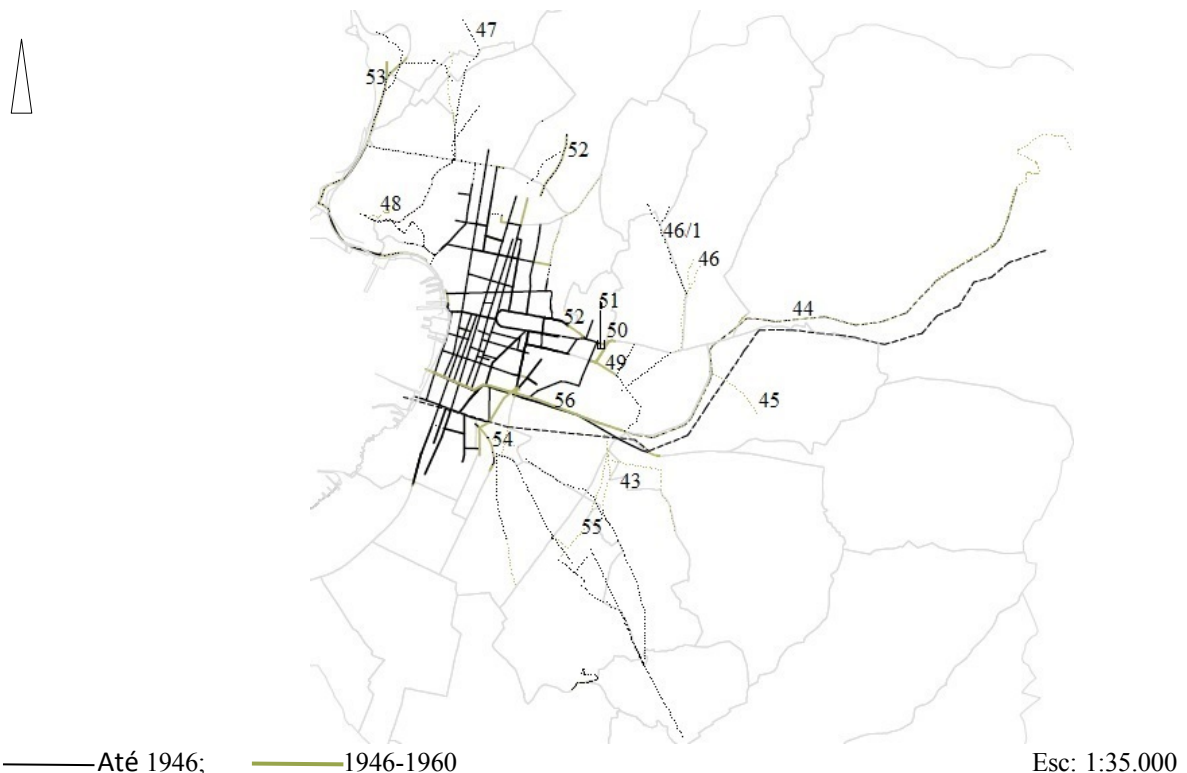


Fig. 86: Ampliação do Esquema (a)6: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1946-1960.
Fonte: Autor.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade da época, destacamos duas imagens da antiga zona da Pontinha, atualmente espaços do cais acostável.

Nas imagens da figura 87 pode-se observar às transformações da zona da Pontinha. Esta zona de imagem 'inicial' definida unicamente por um monumento – alusivo à primeira Travessia do Atlântico Sul pelos aviadores portugueses, Gogo Coutinho e Sacadura Cabral e posteriormente integrada na Estrada Marginal, tem a sua paisagem urbana alterada com a integração de um cais acostável, nos finais dos anos 50.



(1)



(2)

Fig. 87: Antiga Zona da Pontinha/ atuais espaços do cais acostável.

Fonte: Arquivo de djomartins. In, <http://www.fotolog.com/djomartins/>. Acedida em 11 de Março de 2017.

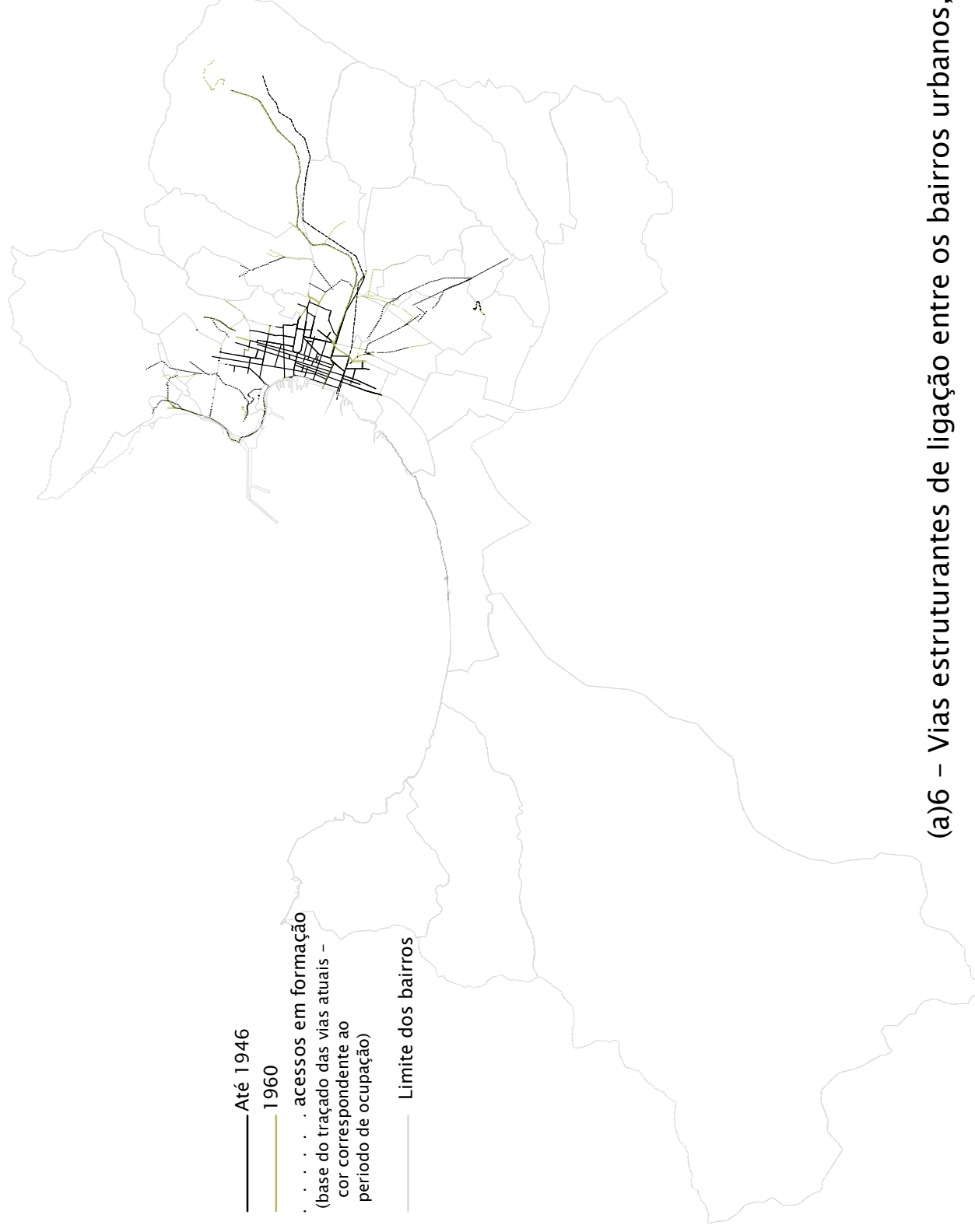
Legenda

1- Padrão da Pontinha interligada a Estrada Marginal, posterior ao ano de 1932; 2- Enchimento do cais acostável, finais dos anos 50.

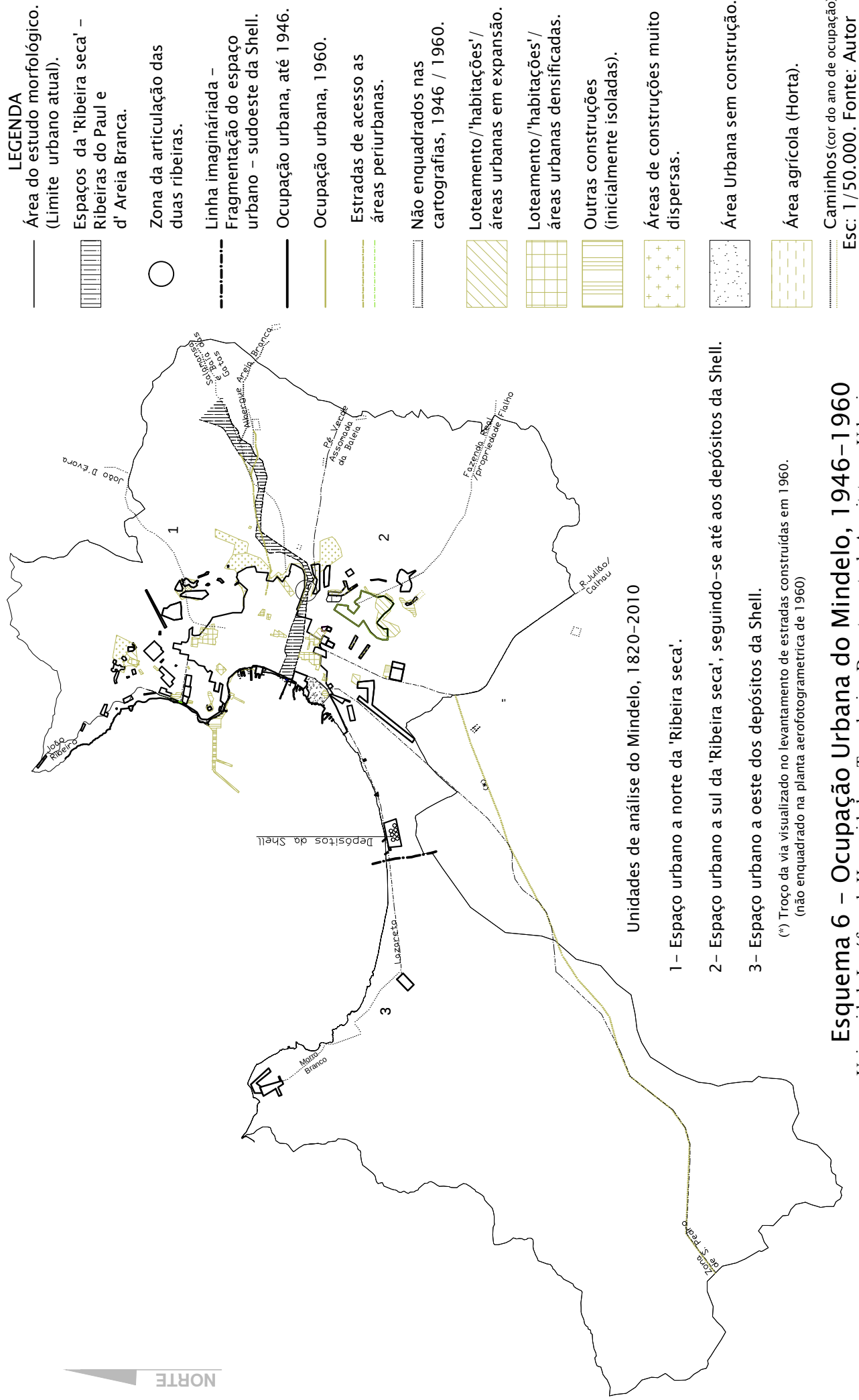
Resumindo, da análise do período 1946-1960 constata-se que a ocupação urbana continua ligada ao mar, sendo caracterizada essencialmente por áreas de crescimento urbano dispersadas no terreno e interligadas aos elementos distintivos do Mindelo.

No entanto, por demarcar também o início do crescimento urbano não interligado ao elemento água, sustenta somente em parte a génese dos bairros – localização em zona de cota elevada e orientadas à água, orla marítima/ribeiras. Isto fundamenta parcialmente a hipótese levantada no início da investigação – O Mindelo cresce de costas viradas ao mar e desenraizado dos elementos morfológicos identitários.

O crescimento de áreas urbanas orientadas de costas para mar é visualizado nas construções com unidade de bairro localizadas em Chã de Alecrim e na área de construção dispersa do bairro da Pedra Rolada/Pedreira. As construções em Chã de Alecrim estão orientadas para os terrenos interiores, tendo como elemento de referência uma escola localizada nas proximidades, a leste destes, e os espaços do Quartel Militar. Embora, a área urbana no bairro da Pedra Rolada estende-se pela encosta do respetivo monte tem as suas construções orientadas no sentido da ribeira, alterando assim, o elemento água inicialmente relacionado à orla marítima, para à ribeira.



(a)6 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1946–1960



3.3.8. 1960 – 1973: A expansão urbana para os terrenos a leste [Esquemas 7 e (a)7; Mapa 08]

A ocupação urbana no período de 1960-1973 desenvolve-se para leste e sul da ocupação urbana do período de 1946-1960. No entanto, pela extensão das novas áreas urbana em relação à expansão urbana visualizada a sul e aos espaços urbanos densificados, localizados a norte e sul, o presente período pode ser identificado como período de expansão urbana para os terrenos contíguos à leste do Mindelo da época. É o período em que se altera a característica, até então visualizada, de expansão urbana essencialmente para os espaços a norte.

É evidente, alguma organização urbana em áreas de bairros, compostos anteriormente por construções dispersadas, integradas em diferentes estudos urbanos e planos urbanísticos a partir dos finais dos anos 50 até o início dos anos 70, particularmente nos bairros do Alto de S. Nicolau, Chã de Alecrim; Fonte Meio/Madeiralzinho; Cruz João Évora; Alto S. António; Ribeira Bote; Bela Vista/Pedreira; Monte Craca; Chã de Monte Sossego e Monte Sossego.

O enquadramento de diferentes tipologias de construção urbana possibilita a amplitude de espaços com construções. Estes espaços urbanos são compostos por pequenas áreas urbanas desarticuladas, estendendo-se até ao limite sul, do perímetro urbano do presente estudo. Realçam alguma descontinuidade na leitura da cidade, emergindo assim, uma 'descentralização' do crescimento urbano anteriormente interligado ao espaço central e crescendo pelos terrenos contíguos. Este novo fator de ocupação urbana, com pouca expressão no terreno, põe em evidência os espaços urbanos localizados a sul da Ribeira do Lameirão, pelo enquadramento de uma nova área urbana, localizada junto à estrada da Ribeira de Julião/Calhau.

Das tipologias de construção relacionadas com áreas residenciais, produtivas, e militares existentes, é visível o acréscimo de áreas com características agrícolas, nos espaços da Ribeira do Lameirão. Estas, com pouca expressividade nos terrenos integrados no presente estudo – nos períodos anteriores –, encontravam-se localizadas nas proximidades da 'Ribeira seca', mais precisamente nos espaços da Ribeira da Pedra Rolada. O não enquadramento dos espaços da Ribeira do Lameirão no desenho da cidade de 1960 impossibilita a precisão do ano da integração destas áreas agrícolas, no Mindelo. No entanto, estas são visualizadas no ortofotomapas de S. Vicente de 1968 e no desenho do Mindelo de 1973.

Ao mesmo tempo a cidade do presente período, desenvolvendo-se em grupos de construções heterogéneos, prevalece a essência da ocupação urbana inicial – em zonas de cota elevada, orientadas no sentido do mar e ligadas ao centro urbano através de vias sinuosas –

preservando assim a geografia do terreno. A estas condições é visível o acréscimo de áreas urbanas interligado aos espaços de ribeiras e uma nova área urbana sem nenhuma interação com os elementos distintivos do Mindelo, localizado no limite sul do perímetro do presente estudo urbano.

A orla marítima é realçada pela ampliação dos espaços da zona portuária e pela requalificação da Avenida Marginal. Esta estende-se das proximidades da ponte-cais da Alfândega seguindo-se até as proximidades dos Silos, atualmente silos da empresa industrial de Moagem de Cabo Verde [Moave], incluindo estes. A zona portuária enquadra mais duas construções retangulares localizadas nos espaços da atual ENACOL, incluindo a via de acesso ao cais. Uma das construções, disposta no terreno de forma oblíqua em relação à Avenida Marginal, localiza-se a norte da via de acesso ao cais e a sul dos Silos. A outra, aparentemente perpendicular à Avenida Marginal, situa-se a sul do acesso ao cais acostável. O edifício do Comando Naval e a ampliação dos espaços da Shell, datados da época, contribuem para a construção da imagem da Marginal do Mindelo.

É de sublinhar a ausência de construções visualizados no período no período de 1946-1960, nomeadamente, a ponte-cais localizada a sudeste do cais acostável e duas pontes-cais das Companhia carvoeira *Millers & Cory*, bem como, a degradação da ponte-cais do 'Caizim' e dos espaços da Companhia de Carvão de S. Vicente, localizados junto à orla marítima.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig. 88

No período de 1960-1973, a parte urbana localizada a norte da 'Ribeira seca' em relação às restantes partes urbanas em análise, resultantes da divisão da área do presente estudo, é a área de terreno do Mindelo com maior concentração urbana. A ocupação urbana deste espaço desenvolve-se em áreas compostas essencialmente por construções dispersas, definidas no desenho do Mindelo de 1973 como áreas de ocupação clandestina. Estendem-se para o leste pelos terrenos dos bairros do Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe, Cruz João Évora, Fonte Inês/Espia e Ribeirinha. Neste conjunto de construções desenvolvendo sem um planeamento prévio visualiza-se a integração de uma área livre de construções, localizada entre os espaços construídos nos bairros de Fonte Filipe e Fonte Inês/Espia, salvaguardando uma área de ribeira.

A ocupação urbana dos terrenos do bairro da Ribeirinha é realçada pela construção/expansão da Cadeia Civil.

Todavia pode-se observar que a maior parte desta ocupação clandestina encontra localizada em áreas de construções dispersa do período de 1946-1960, mantendo assim a

condição da ocupação urbana existente. Este contexto de ocupação urbana, integrada a áreas urbanas preexistente, é visualizado também nos terrenos urbanos situados no limite norte desta grande área urbana, nomeadamente nos espaços do bairro de Chã de Alecrim.

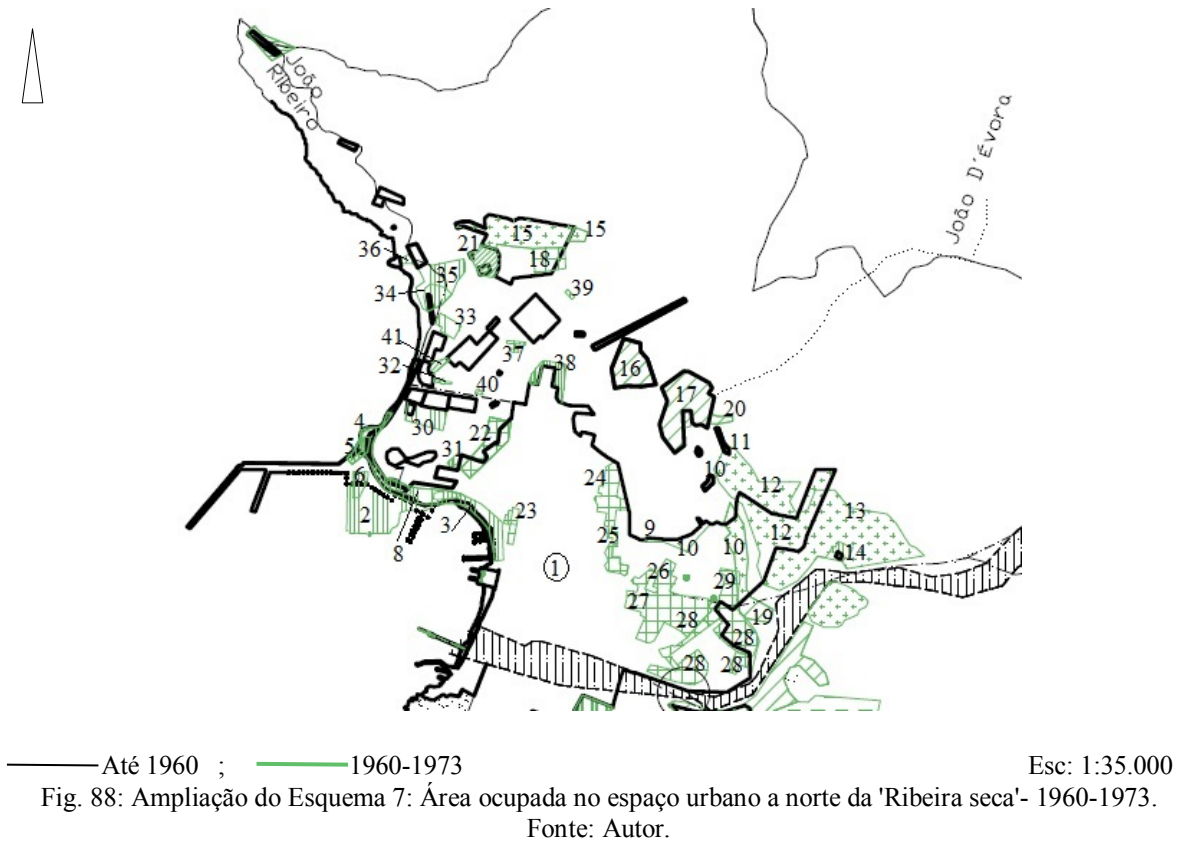
Os estudos urbanos, dos anos de 1960 e primeiros anos de 1970, concretizados na cidade são visualizados em áreas de bairro estruturadas. Estas são definidas no desenho da cidade de 1973 como áreas urbanas concretizadas segundo o plano. Destaca-se os espaços urbanos localizados nos bairros de Fonte Meio/Madeiralzinho, Cruz João Évora e Chã de Alecrim. A área em Chã de Alecrim apresenta-se completamente densificada. Estes, no período de 1946-1960, constituíam áreas de construção dispersa.

Observa-se a densificação de áreas urbanas nos terrenos dos bairros Alto de S. Nicolau, Centro da Cidade/Morada, Alto Mira Mar, Alto de Santo António, Alto de Solarine/Forca, Fonte Cónego, Ribeira Bote e Fonte Filipe. No entanto, é de salientar que as áreas densificadas em Chã de Alecrim, Alto S. Nicolau e no Centro da Cidade/Morada estão enquadradas, no desenho do Mindelo de 1973, como áreas concretizadas segundo um plano urbano. A área urbana densificada nos terrenos do Centro da Cidade/Morada é definida por um conjunto urbano de construções, retangulares em planta, situada nos espaços da Companhia *Millers*, apresentando dois blocos contíguos a oeste Rua Infante D. Henrique, e mais dois outros, de menor dimensão definindo o traçado da Rua Cristiano de Sena Barcellos.

Outro componente destes espaços urbanos localizados a norte da 'Ribeira seca' e resultante da concretização dos estudos/planos urbanísticos é a requalificação dos espaços da orla, localizado na base sul do monte Fortim, enquadrando a Marginal.

De realçar também novas áreas urbanas em crescimento localizados nos terrenos da Ribeira Bote, Cruz João Évora e Chã de Alecrim.

Estudando os espaços a norte da 'Ribeira seca', tornam-se evidentes duas grandes áreas de ocupação urbana. Uma, essencialmente de característica residencial, localizada a leste da ocupação urbana do período anterior, e uma outra, do tipo industrial/serviços, situada nos espaços mais a norte. Esta última é definida por construções heterogéneas e sem uma unidade de plano, desenvolve-se nas proximidades do oceano. Porém, as suas construções não se apresentam interligadas à água. A imponência do mar, elemento 'forte' da ocupação urbana a sul do monte do Fortim, aparenta como 'fraco' nestes espaços urbanos localizados a norte do monte, e contíguos à orla marítima.



Legenda

- 1- Ocupação urbana do período de 1946-1960
- 2- Ampliação da zona portuária
- 3- Requalificação da Marginal, Atual Avenida Marginal
- 4- Silos
- 5- Edifício localizado a sul dos Silos
- 6- Edifício localizado a sul da via de acesso ao cais acostável
- 7- Expansão dos espaços da Shell
- 8- Edifício do Comando Naval
- 9- Área de construção clandestina no bairro do Alto Solarine/Forca
- 10- Área de construção clandestina no bairro do Fonte Filipe
- 11- Área de construção clandestina no bairro da Cruz João Évora
- 12- Área de construção clandestina no bairro do Fonte Inês/Espia
- 13- Área de construção clandestina no bairro da Ribeirinha
- 14- Expansão/construção da Cadeia Civil da Ribeirinha
- 15- Área de construção clandestina no bairro do Chã de Alecrim.
- 16- Área concretizadas segundo um plano urbano, em Fonte Meio/ Madeiralzinho

- 17- Área concretizadas segundo um plano urbano, no bairro da Cruz João Évora
- 18- Área concretizadas segundo um plano urbano, no bairro de Chã de Alecrim
- 19- Crescimento urbano no bairro da Ribeira Bote
- 20- Crescimento urbano no bairro da Cruz João Évora
- 21- Crescimento urbano no bairro de Chã de Alecrim
- 22- Área densificada nos terrenos do bairro do Alto S. Nicolau
- 23- Área densificada nos terrenos do bairro do Centro da Cidade/Morada
- 24- Área densificada nos terrenos do bairro do Alto Mira Mar
- 25- Área densificada nos terrenos do bairro do Alto Santo António
- 26- Área densificada nos terrenos do bairro do Alto Solarine/Forca
- 27- Área densificada nos terrenos do bairro do Fonte Cónego
- 28- Área densificada nos terrenos do bairro da Ribeira Bote
- 29- Área densificada nos terrenos do bairro do Fonte Filipe
- 30- Expansão dos terrenos da Frigorífica
- 31- Dois depósitos de água
- 32- Escola do Cortiço
- 33- Congel
- 34- Central de Dessalinização
- 35- Central Elétrica contígua a uma área construída na zona do Chã de Alecrim
- 36- Construções em frente ao *Step* da Matiota/praias dos Falcões
- 37- Escola de Oficiais, atual espaço físico da Universidade Lusófona do Mindelo.
- 38- Construções contíguas ao Comando Militar
- 39- Construção nos espaços da extinta Fábrica da Morabeza
- 40- Construção junto a Avenida Fontoura da Costa, atual Avenida Dr. Alberto Leite
- 41- Construção a sudoeste do espaço da Italcable

Para além das construções já citadas, destaca-se também: a expansão dos espaços da Frigorífica, e dois depósitos de água, no bairro do Fortim/Escola Técnica; o edifício da Escola do Cortiço, atual Instituto Universitário do Mindelo [IUM], no atual bairro da Che Guevara; os espaços da antiga indústria de pesca e frio [Congel]; os espaços da Central de Dessalinização, os espaços da Central Elétrica, no atual bairro da Matiota/Lajinha, contígua a uma área construída na zona do Chã de Alecrim; a expansão das construções contíguas ao *Step* e a praia dos Falcões/Matiota, nos espaços do atual bairro da Matiota/Lajinha. Seguindo-se para o

interior, depara-se com o edifício da Escola de Oficiais, posteriormente Hotel 5 de Julho e atualmente os espaços da Universidade Lusófona do Mindelo; construções contíguas ao Comando Militar, e uma construção a nordeste do edifício militar da 2ª Companhia de Caçadores. Este último encontra localizado nos espaços da antiga Fábrica da Morabeza, no bairro da Zona Militar.

Importa realçar que a Congel foi constituída por particulares em 1956 (MHOP, 1984, p.94).

Cabe referir que, nas proximidades deste conjunto de construções industriais/serviços visualizam-se dois espaços com construções de características residenciais. Estas construções localizam-se nos terrenos do atual bairro da Che Guevara, sendo uma localizada a sudoeste do espaço da *Italcable* e outra, junto à Avenida Fontoura da Costa.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig.89

A ocupação urbana destes espaços urbanos é composta por áreas urbanas de construções espalhadas no terreno. É realçada por ocupações agrícolas e por uma nova via de acesso à zona da Baía das Gatas, localizada no extremo nordeste da ilha de S. Vicente. Esta ligação, no período de 1946-1960, efetuada a partir da via de acesso ao Albergue Municipal, passa-se também a ser possível, no presente período, à partir da estrada de acesso ao Pé do Verde, seguindo-se uma ramificação desta via, localizado no limite leste do bairro da Pedra Rolada, junto a ribeira com o mesmo nome.

Com a expansão agrícola para os espaços da Ribeira do Lameirão é alterado o caminho de acesso aos espaços interiores da Fazenda Real e Mato Inglês, atravessando os terrenos localizados entre as hortas, no bairro da Ribeira de Craquinha. O desvio deste caminho carreteiro sucede pelos espaços dos bairros do Fernando Pó, seguindo-se os da Ribeira de Craquinha e Ribeira do Passarão.

A condição agrícola, visualizada até ao período de 1946-1960, junto aos espaços da Ribeira da Pedra Rolada, apresenta-se em expansão junto a esta ribeira, e nos espaços da Ribeira do Lameirão. Pode-se observar que a ocupação agrícola desses novos espaços é significativa, estendendo-se não somente ao longo de todo o espaço da ribeira mas, também, para o norte. Este é destacado por uma horta nos terrenos do bairro da Ribeira de Craquinha, mais precisamente nos espaços entre os montes do Passarão e de Craquinha.

Nesta segunda parte urbana, resultante da fragmentação dos terrenos do Mindelo da presente tese, a ocupação é mais expressiva nos espaços contíguos à ocupação do período de

1946-1960, apresentando também espaços urbanos de construção clandestina. Estes são visualizados no desenho da cidade de 1973, geralmente contíguos á áreas urbanas composta por construções dispersadas, nomeadamente nos espaços dos bairros da Vila Nova/Lombo Tanque e Ribeira de Craquinha.

A ocupação por áreas urbanas com construções dispersadas desenvolve-se nos espaços dos bairros do Dji d'Sal, Monte Sossego, Vila Nova/Lombo Tanque, Bela Vista/Pedreira e do Fonte Francês alargando-se para o bairro do Fernando Pó. Estes terrenos ostentam uma tendência de crescimento urbano pelas proximidades de áreas urbanas com uma melhor definição do espaço construído, geralmente compostas por construções organizadas em grupos.

O crescimento urbano, enquadrando áreas urbanas com convergência de edificações, é visualizado nos espaços dos seguintes bairros: da Vila Nova/Lombo Tanque, desenvolvendo-se junto à 'Ribeira seca'; da Bela Vista/Pedreira, enquadrada em áreas de ocupação dispersa no período de 1946-1960; do Fonte Francês, a leste da sua ocupação urbana anterior; do Monte Sossego, a sul da área urbana existente; do Chã de Monte Sossego, demarcando a formação do traçado da atual Avenida da Holanda, e uma escola – Escala do Monte Sossego, contígua a oeste do bairro de Monte Sossego; do Campinho, iniciando-se nas proximidades do bairro de Chão de Cemitério e estendendo-se para o sudoeste; da Galé, definido por três construções localizadas nas proximidades do bairro da Zona Industrial Sul, e uma outra de pequenas dimensões localizadas a leste dos depósitos da Shell; da Zona Industrial Sul, com uma única construção, contígua a oeste da Estrada Ribeira de Julião/Calhau; da Ribeira de Julião, definida por um conjunto edificado localizado em terrenos afastados da área urbana do Mindelo da época. No entanto destacam-se pela posição estratégica em espaços de cota elevada – monte da Ribeira de Julião –, permitindo a relação com a água e uma vista panorâmica no Monte Cara – elemento de referência da cidade do Mindelo. De características heterogêneas e com enquadramento urbanístico, o conjunto urbano da Ribeira de Julião, interligada à cidade através da Estrada Ribeira de Julião/Calhau é composta pelo espaço físico da Radio Naval e por um conjunto residencial.

A imagem urbana acabada desses bairros é visualizada em suas áreas densificadas. A configuração topográfica dos terrenos, realçando à génese desses lugares, não se apresenta como o componente primordial para a consolidação das áreas urbanas. Estas são visualizadas essencialmente em terrenos planos e de fácil construção, geralmente direcionadas às artérias de ligação com o centro urbano. Isto é evidente na integração de grupos de construções com

unidade de bairro – visualizadas em Monte Sossego e Chã de Monte Sossego. Este último enquadra o traçado da Avenida da Holanda. Fig.90.

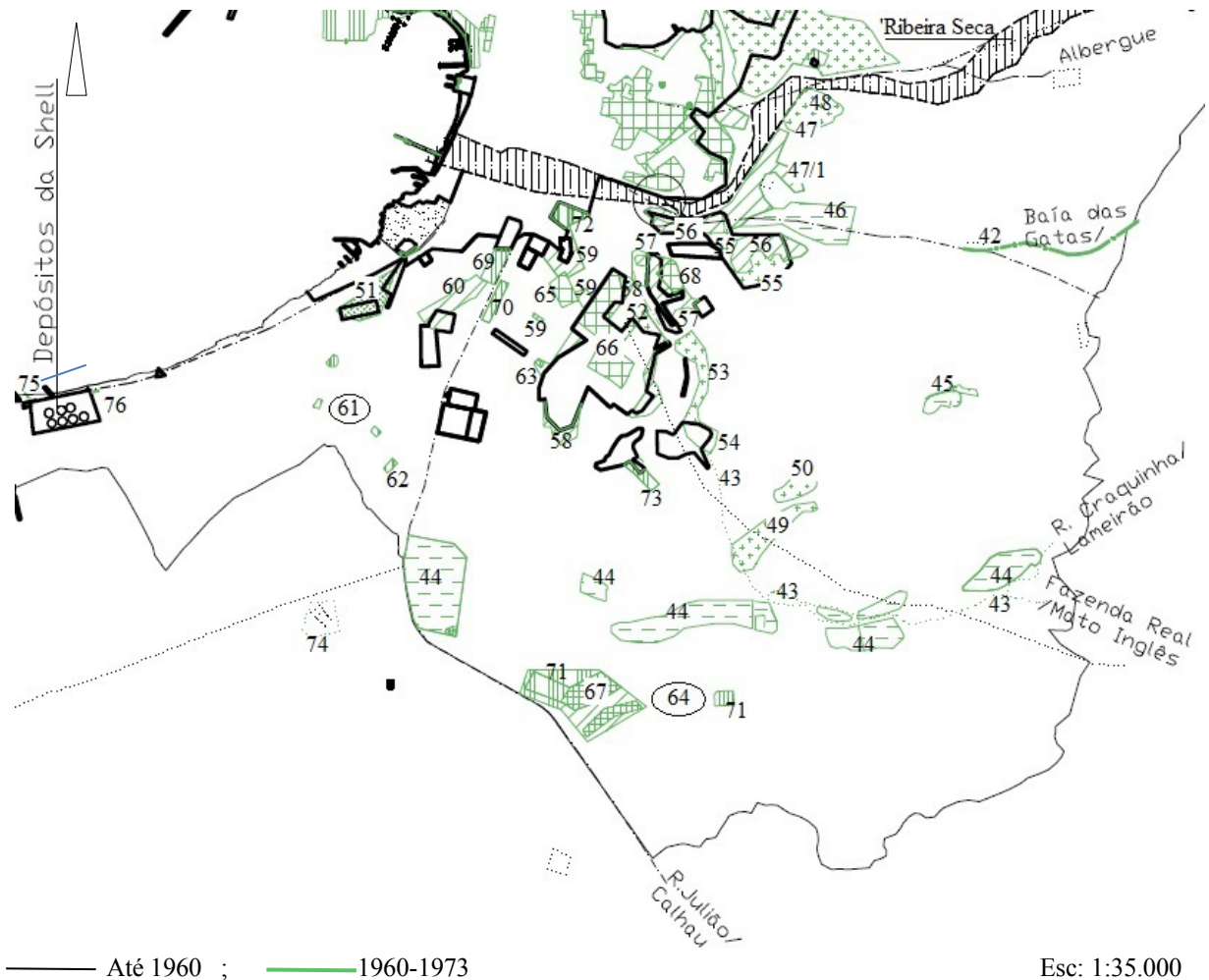


Fig. 89: Ampliação do Esquema 7: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1960-1973. Fonte: Autor.

Legenda

- 42- Estrada de ligação à zona litoral da Baía das Gatas
- 43- Novo caminho de acesso às zonas da Fazenda Real e Mato Inglês
- 44- Áreas agrícolas nos espaços da Ribeira do Lameirão
- 45- Horta na Ribeira de Craquinha
- 46- Expansão da área agrícola, contígua à Ribeira da Pedra Rolada
- 47- Construções clandestinas no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 47/1- Crescimento urbano no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 48- Construções dispersadas no terreno, no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 49- Construções clandestinas no bairro da Ribeira de Craquinha

- 50- Construções dispersadas no bairro da Ribeira de Craquinha
- 51- Construções dispersadas no bairro do Dji d'Sal
- 52- Construções dispersadas no bairro do Monte Sossego
- 53- Construções dispersadas no bairro do Fonte Francês
- 54- Construções dispersadas no bairro do Fernando Pó
- 55- Construções dispersadas no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 56- Crescimento urbano no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 57- Crescimento urbano no bairro Fonte Francês
- 58- Crescimento urbano no bairro Monte Sossego
- 59- Crescimento urbano no bairro Chã de Monte Sossego
- 60- Crescimento urbano no bairro do Campinho
- 61- Crescimento urbano no bairro da Galé
- 62- Crescimento urbano no bairro da Zona Industrial Sul
- 63- Escola, nos terrenos do bairro de Chã de Monte Sossego
- 64- Crescimento urbano no bairro da Ribeira de Julião
- 65- Área urbana densificada, no bairro de Chã de Monte Sossego
- 66- Área urbana densificada, no bairro de Monte Sossego
- 67- Área urbana densificada, no bairro da Ribeira de Julião
- 68- Área urbana densificada, no bairro de Fonte Francês
- 69- Área urbana não residencial, localizada a sudoeste dos espaços da Fabrica Matos
- 70- Construção não residencial, nas proximidades da Fabrica Matos, a leste da área construída no bairro de Chã de Monte Sossego
- 71- Espaços físicos da Radio Naval
- 72- Liceu, atual Liceu Lujero Lima
- 73- Ampliação das construções militar no alto do monte de Monte Sossego
- 74- Expansão das construções nos terrenos do *Golf*, localizados fora do perímetro do presente estudo
- 75- Um molhe na praia da Galé
- 76- Construção de pequenas dimensões, a leste dos espaços da Shell

Contudo, a densificação dos espaços existentes no bairro do Monte Sossego estende-se de forma orgânica, da parte baixa e planeada, para a encosta do monte com o mesmo nome, refletindo a génese dos bairros periféricos – ocupação urbana em zonas de cota mais elevada e

direcionadas á orla marítima/água. Esta situação é visualizada também na densificação dos terrenos dos bairros da Ribeira de Julião e do Fonte Francês. Importante mencionar que a densificação dos terrenos em Fonte Francês é composta por um conjunto de quatro fileiras de construções dispostas de forma paralela no terreno.

Esta área urbana de grande dimensão, localizada a sul da 'Ribeira seca', e de característica construtiva heterogénea, adquire um efeito unificante na integração estratégica dos seus espaços urbanos não residenciais. Esta condição é conseguida no enquadramento de uma 'linha' ao longo do qual cresce os equipamentos industriais e de serviços – a Estrada da Ribeira de Julião/Calhau. Destaca-se: uma área construída, localizada a sudoeste dos espaços da Fabrica Matos – terrenos do bairro de Chã de Cemitério –, seguida de uma outra a leste; a construção dos espaços da Radio Naval, atualmente o espaço físico da Universidade de Cabo Verde [UNICV] em Mindelo.

As construções não residenciais encontram-se espalhadas no terreno, mas de disposição estratégica. Visualiza-se os seguintes: os espaços do Liceu, localizados no bairro da Torrada e contíguos à área urbana existente; a ampliação das construções militar no alto do monte de Monte Sossego; a construção de um molhe na praia da Galé, contíguos aos existentes; uma construção de pequenas dimensões localizada a leste dos espaços da Shell.

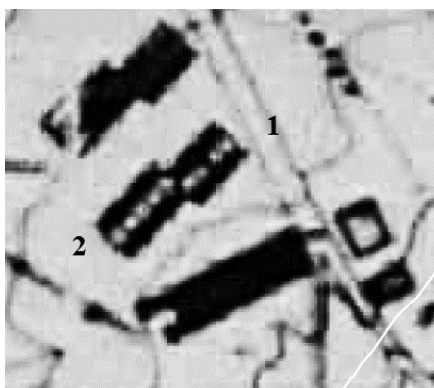


Fig. 90: Ampliação do Mapa 08 – Zona com unidade de bairro em Chã de Monte Sossego, 1973. Esc: 5.000
Fonte: Autor. Base de trabalho: 1- Planta aerofotogramétrica do Mindelo, 1973. AHU

Legenda

1-Formação do traçado da atual Avenida da Holanda; 2- Área urbana com unidade de bairro em Chã de Monte Sossego

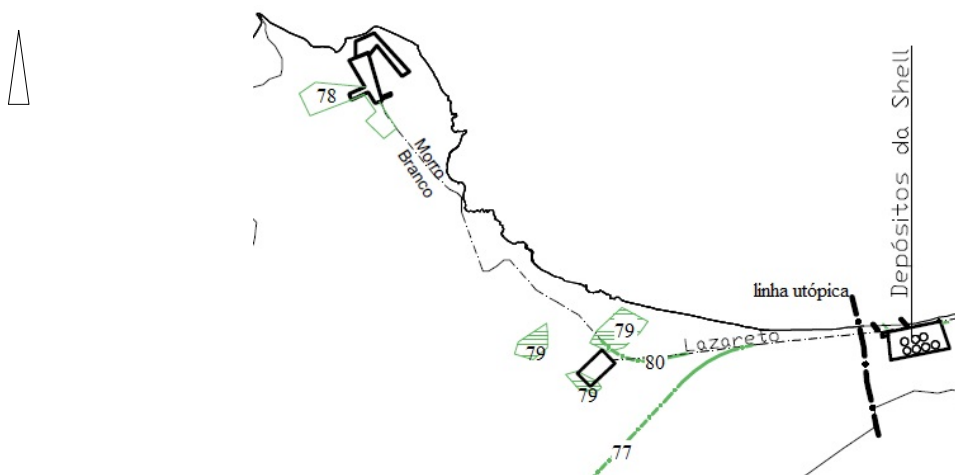
O princípio da ocupação urbana localizada fora do perímetro urbano integrado na presente análise, visualizado desde dos anos de 1920, mantém-se. Este é definido pela expansão

das construções nos terrenos do *Golf*, na zona da Ribeira da Vinha. Porém, é de realçar que no presente período, estes terrenos sustentam a característica agrícola.

A linha física da orla marítima e os terrenos localizados à beira-mar permanecem separados da ocupação urbana do presente período, constituindo assim, uma imagem desligada do crescimento urbano desta grande área urbana em análise.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell, Fig.91

Seguindo-se para o oeste, visualiza-se uma paisagem aberta e praticamente isenta de construção. Os terrenos localizados a oeste dos depósitos da Shell são realçados pela adição da estrada de acesso ao Aeroporto de São Pedro. Esta estrada inicia-se na interseção com a Estrada do Lazareto, nas proximidades da Shell e terrenos do atual bairro do Parque Industrial do Lazareto.



— Até 1960; — 1960-1973

Esc: 1:35.000

Fig. 91: Ampliação do Esquema 7: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 1960-1973.

Fonte: Autor.

Legenda

77- Estrada de São Pedro

78- Expansão das construções no bairro do Morro Branco

79- Área construída, contígua às construções visualizadas no período de 1946-1960

80- Alteração do traçado da Estrada do Morro Branco

Semelhante à parte urbana localizada a sul da 'Ribeira seca', a imagem da linha física da orla marítima mantém-se desintegrada da ocupação urbana dos seus terrenos. Constituí assim, conjuntamente com os espaços da orla localizados a sul da 'Ribeira seca', uma leitura

continua da orla marítima localizada entre os espaços da Companhia *Wilson Sons* e a Ponta do Morro Branco.

A ocupação dos terrenos é visualizada na expansão das construções militares, situados no bairro do Morro Branco e em uma área construída, contígua às construções do período de 1946-1960. Esta área construída encontra-se interligada à centralidade urbana através da interseção da Estrada do Morro Branco com a do Lazareto. Porém, é de realçar uma alteração no traçado da Estrada do Morro Branco, em particular, no troço localizado junto a zona de interseção com a Estrada do Lazareto.

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig.92

A interligação entre os diferentes bairros urbanos do presente período é relevante pela requalificação de diferentes caminhos existentes no período de 1946-1960. Esta é visualizada na transformação de caminhos carreteiros em estradas urbanas. A rua de ligação entre os bairros, como elemento da qualidade direcional do espaço urbano, é conseguida pela adaptação dos caminhos existentes para a construção das estradas. Este modo de planificação do espaço urbano, tendo "o caminhar como forma de intervenção urbana" (Careri, 2013, p. 7)⁶², cria uma articulação do movimento no espaço urbano. A divisão morfológica do Mindelo da época corresponde essencialmente a porções não lineares mas retendo-se a noção do percurso, confirmando a independência das vias em relação ao espaço edificado.

Legenda - Figura 92

- 81- Avenida Marginal
- 82- Avenida de Holanda
- 83- Expansão da Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo, atual Avenida 12 de Setembro
- 84- Expansão da Avenida Fontoura da Costa, atual Avenida Dr. Alberto Leite
- 85- Estrada da Cruz
- 86- Estrada atravessando os terrenos centrais do bairro da Ribeira Bote
- 87- Avenida Marechal Carmona, atual Avenida Capitão Ambrósio
- 88- Estrada de acesso a zona militar do Alto do Monte Sossego
- 89- Rua S. João Bosco, em formação inicial
- 90- Rua Filipe Pereira
- 91- Rua Rainha D. Leonor

⁶² Careri, F. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. (F. Banoldo, Trad.) S. Paulo: Editora G. Gili.

92- Rua 1

93- Troço inicial da estrada da ligação entre os bairros do Monte Sossego e do Fonte Francês

94- Estrada de acesso à Forte – Fortim d’El Rei

95- Caminho expandindo a Rua do Douro até à Estrada Ribeira de Julião/Calhau

96- Caminho de acesso à zona periurbana da Ribeira da Vinha

97- Caminho de acesso à encosta do bairro do Monte Sossego

98- Caminho de ligação da Bela Vista/Pedreira com à Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo

99- Ligação do caminho do Fonte Filipe à Estrada da Cruz

100- Caminho do Fonte Filipe, visualizado desde do período 1946-1960

101- Caminho de acesso aos espaços da Central Elétrica

102- Ligação da área construída no bairro da Ribeira de Julião à cidade

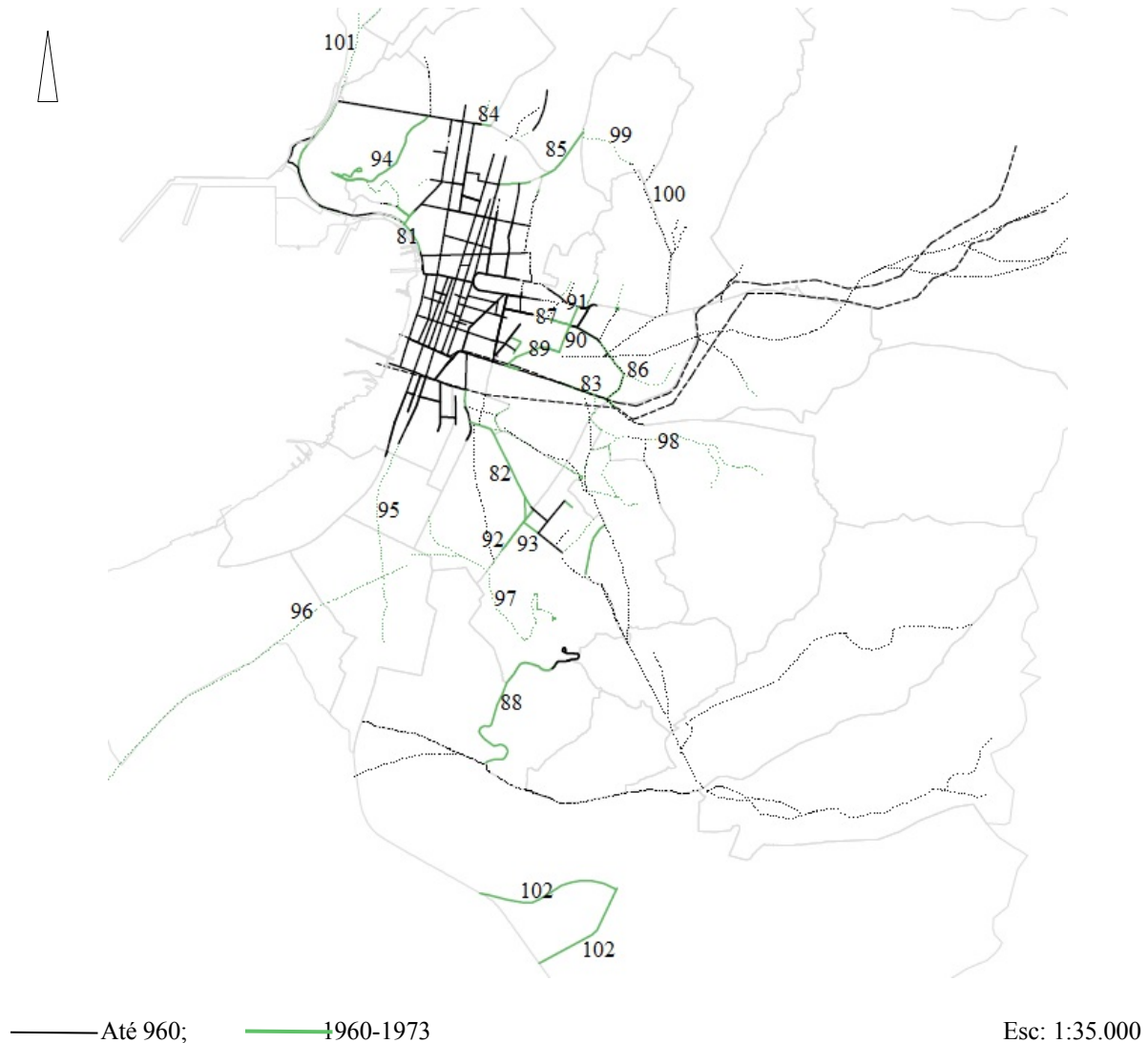


Fig. 92: Ampliação do Esquema (a)7: Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos - 1960-1973.

Fonte: Autor.

Esta qualidade de autonomia das vias em relação ao edificado, destacada pela sinuosidade desta no terreno, é visualizada nos seguintes espaços: na Avenida Marginal, interligando a área central com os espaços do Bairro da Mاتيota/Lajinha; na Avenida da Holanda, interligando os bairros do Chã de Monte Sossego e do Monte Sossego, à centralidade urbana; na expansão da Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo até à zona de interseção com a estrada de acesso à zona litoral da Baía das Gatas; na expansão da Avenida Fontoura da Costa, até às proximidades do bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho; a Estrada da Cruz, iniciando-se nos espaços do Largo José Lopes, no bairro do Alto Mira Mar, e interligando o bairro da Cruz João Évora à área histórica; na estrada que atravessa os espaços centrais do bairro da Ribeira Bote, estabelecendo a ligação deste com o centro do Mindelo após interceder à Avenida Marechal Carmona; na estrada de acesso à zona militar – situado no alto do monte de Monte Sossego – interligando-a ao centro urbano, através de um caminho que dá acesso à Estrada da Ribeira de Julião/Calhau; no traçado inicial da atual Rua S. João Bosco – intercedido pela Rua Filipe Pereira seguindo-se pela Rua Rainha D. Leonor –, estabelecendo a ligação entre os bairros da Torrada, Ribeira Bote, Fonte Cónego e Alto Solarine/Forca; no traçado da Rua 1, após a interseção desta com a Avenida da Holanda, seguindo-se para o sudoeste até às proximidades da Escola do Monte Sossego; o troço inicial da estrada da ligação entre Monte Sossego e Fonte Francês; a estrada de acesso à Forte, Fortim Del' Rei, e Miradouro, situados no alto do monte do Fortim.

Visualiza-se também a adição de novas vias de ligação entre os bairros urbanos e a expansão dos existentes. De realçar: o caminho de expansão da Rua do Douro – atravessando os bairros do Campinho e da Zona Industrial Sul – até à interseção deste, com a Estrada da Ribeira de Julião/Calhau; o caminho de acesso à zona periurbana da Ribeira da Vinha, iniciando-se nas proximidades do cemitério; o caminho de acesso às áreas urbanas situadas na encosta do Monte Sossego, interligando-a aos bairros do Chã de Monte Sossego, Campinho e da Zona Industrial Sul; o caminho de ligação da área construída em Bela Vista/Pedreira com a Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo, após atravessar o bairro da Torrada; a expansão do caminho do Fonte Filipe, interligando-o à Estrada da Cruz; a expansão do troço da Avenida Marginal – por um caminho de acesso aos espaços da central Elétrica, no bairro da Mاتيota/Lajinha; a via de acesso de interligação das construções situadas no bairro da Ribeira de Julião. Esta via estabelece a ligação desta zona periurbana com a cidade da época, após interceder a Estrada Ribeira de Julião/Calhau.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo o Mindelo através de imagens da época, segue-se uma vista panorâmica da área central urbana do ano de 1968, Fig.93.



Fig. 93: Vista panorâmica do Mindelo em 1968.

Fonte: Pagina do facebook do mindel Infos. In, <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10150584660863604.405646.258418368603&type=1>. Acedido em 10 de Abril de 2015

Legenda

1-Espaços anteriormente ocupados pela Companhia Carvoeira *Millers*; 2-A nova ponte-cais da Alfândega, em degradação; 3-A ocupação, com construções, dos espaços da antiga Praça D. Luís; 4-Ausência das três pontes-cais, das companhias de carvão; 5-Edifício localizado à frente dos armazéns da alfândega; 6-Edifício dos armazéns da alfândega; 7-Edifício da Alfândega; 8-Edifício do Comando Naval; 9- Edifício do Consulado Inglês; 10-Edifício do Liceu.

Esta imagem permite a identificação de construções relevantes, da urbe mindelense da época, em particular, uma construção localizada em frente aos armazéns da Alfândega, atualmente inexistente, o edifício do Consulado Inglês, a Alfândega, os armazéns da Alfândega e a construção nos espaços da antiga Praça D. Luís. Da análise à imagem constatar-se também:

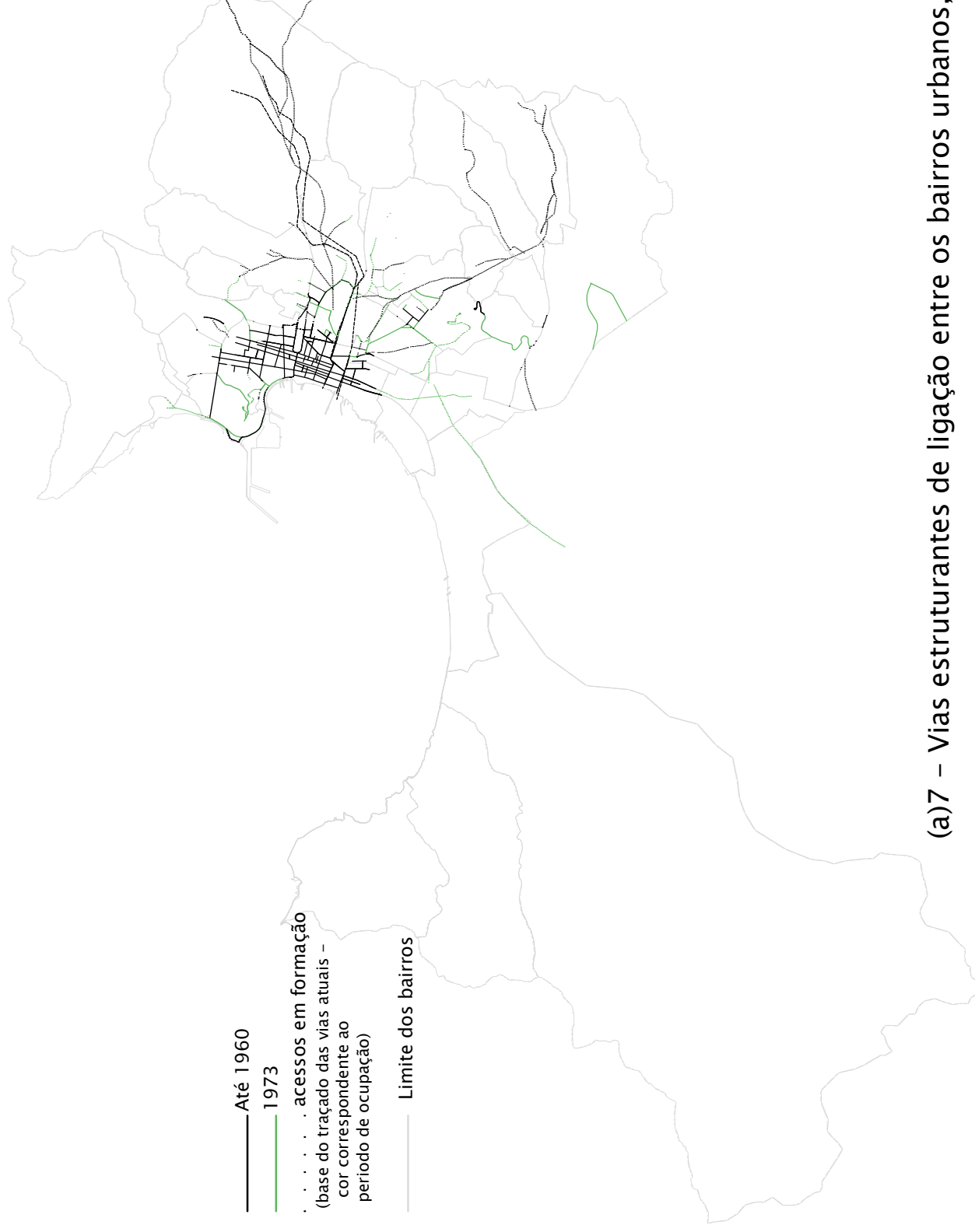
- A fase de degradação dos espaços urbanos contíguos à orla marítima da cidade. Esta é visualizada na ausência de construções nos espaços da Companhia *Millers*, a ausência das três pontes-cais das companhias de carvão; a degradação da ponte-cais da Alfândega.

- Algumas das alterações urbanas introduzidas com a implementação parcial dos planos urbanos dos finais dos anos 60 e início dos anos setenta. É visualizada no enquadramento dos edifícios do Comando Naval e do Liceu Gil Eanes, o atual Liceu Ludjero Lima.

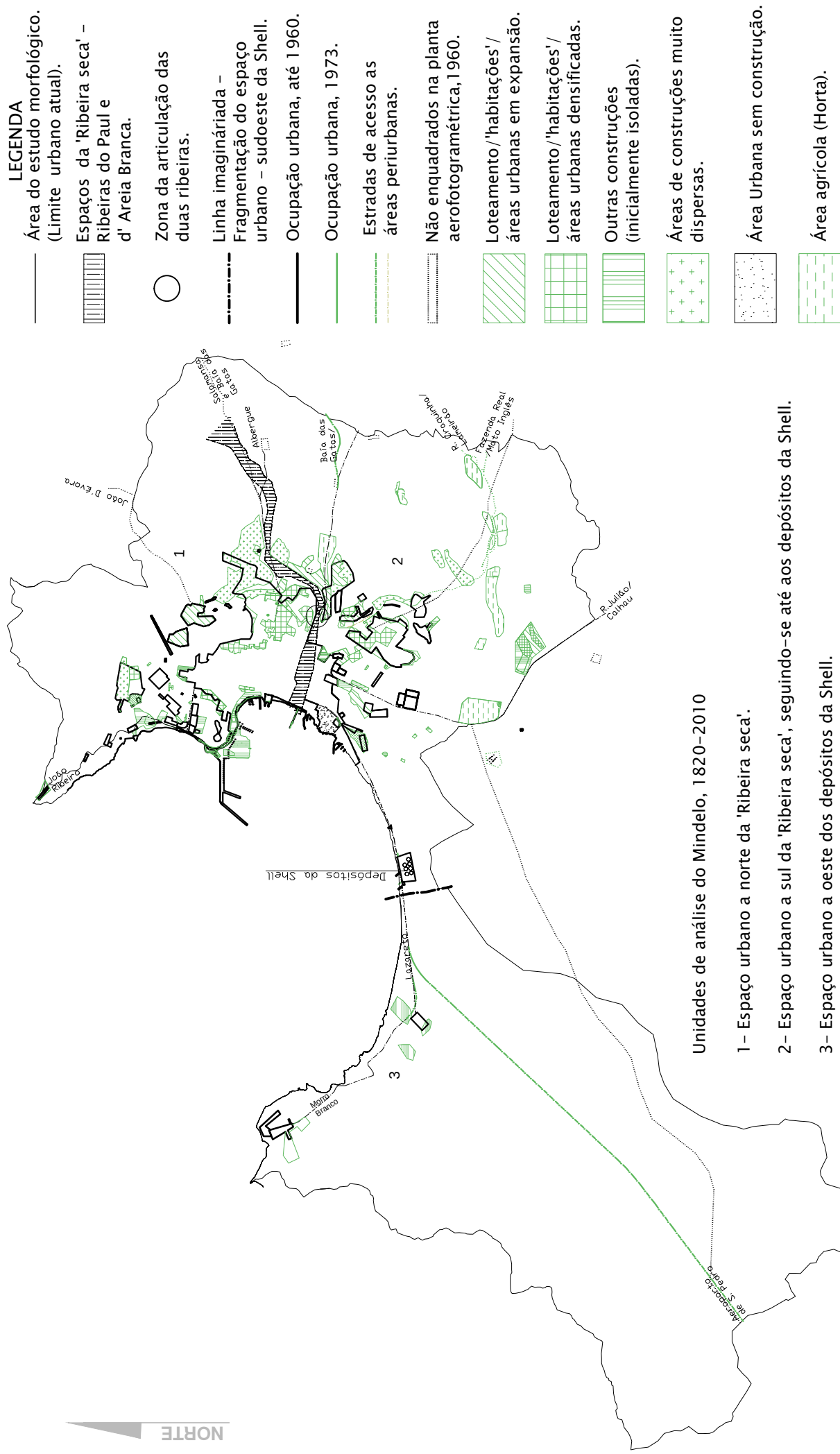
Resumindo, a ocupação urbana do período 1960-1973 destaca-se pela densificação das áreas urbanas existentes e expansão urbana com características essencialmente habitacionais, localizadas a leste do centro urbano. Altera-se assim, a tendência do crescimento urbano, principalmente para os terrenos localizados a norte, até então visualizado. Todavia, é de salientar que o crescimento urbano dos terrenos situados a norte do Mindelo mas contíguos à linha física da orla marítima conservam às características não habitacionais dos períodos anteriores. São evidenciados pela expansão da zona portuária, a demolição dos espaços físicos das companhias carvoeiras – localizados nas proximidades do edifício da Alfândega –, a requalificação da Marginal, a Central Elétrica, e a Central de Dessalinização.

Do conjunto construído destaca-se também a integração de edificações relevantes do Mindelo atual, nomeadamente: o Comando Naval, a Radio Naval, e a Escola do Cortiço.

O sistema viário irregular – visualizado na interligação entre os diferentes espaços urbanos, criando assimetrias urbanas através da articulação sinuosa das suas vias – é consequência da transformação dos caminhos existentes em estradas.



(a)7 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1960–1973



Esquema 7 - Ocupação Urbana do Mindelo, 1960-1973

3.3.9. 1973 – 1982: A expansão urbana para norte, sul e leste [Esquemas 8 e (a)8; Mapa 09]

A ocupação urbana do período de 1973-1982 destaca-se pelo alargamento da cidade pelos terrenos localizados a norte, sul e leste da área urbana do período de 1960-1973. Prevalece a ocupação de novas áreas urbana, em relação à densificação das existentes.

O Mindelo do presente período é uma cidade com um crescimento urbano essencialmente de característica residencial e destacada por três espaços urbanos de referência no contexto geral da urbe. Estes, enquadrando zonas de encostas/vales/ribeiras e englobadas por áreas urbanas consolidadas, destacam-se como áreas livres urbanas, nomeadamente: o espaço dos montes do Fortim, do Forte Velho e do Alto de Santo António, uma zona plana localizada entre os bairros do Fonte Francês e da Bela Vista/Pedreira, e os terrenos da 'Ribeira seca' – localizados a seguir ao campo da Fontinha. No entanto, estes últimos apresentam-se ocupados por uma construção no bairro da Ribeirinha.

A génese da ocupação urbana da cidade, por terrenos de cota elevada, prevalece mas nota-se a alteração da relação entre os componentes topografia e água. Isto advém da mudança no sentido da orientação das construções em diferentes bairros urbanos, deixando assim de refletir a linha física da orla marítima como elemento mais forte e estruturante da urbe mindelense. O elemento água, inicialmente relacionado com a orla marítima, é alterado para os espaços das ribeiras, que embora apresentem-se geralmente secas, demarcam espaços de hortas agrícolas. Esta característica da ocupação urbana é visualizada nos terrenos localizados nas proximidades da 'Ribeira seca' e da Ribeira da Matiota, e nas artérias de acesso à Ribeira do Lameirão, bem como, nos terrenos localizados fora do perímetro urbano do presente estudo. A ocupação urbana destes últimos é definida por um conjunto urbano construído, situados nas proximidades das áreas agrícolas existentes na respetiva zona.

No entanto, pode-se observar o realce da presença marinha, evidenciado os terrenos interiores como parte integrante de uma cidade costeira, nas áreas de crescimento urbano mais afastadas dos espaços das ribeiras e vias de acesso às áreas agrícolas.

A mudança no sentido de orientação do crescimento urbano – possivelmente resultante do fim da atividade inglesa na ilha, nos anos de 1973/74, (MHOP, 1984) – é visualizada na orla marítima, pelo estado de degradação das construções portuárias. Destaca-se o desgaste da ponte-cais da alfândega. A este junta-se as ruínas dos espaços da Companhia de S. Vicente e do Caizim, já visualizados no período anterior. A ponte-cais da Companhia *Wilson Sons*, posteriormente espaços das Oficinas Navais de S. Vicente [ONAVE], e a ponte-cais da

Companhia *Millers & Cory*, junto ao monte do Forte Velho e atuais espaços da ENACOL, apresentam-se menos degradados.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig. 94

No período de 1973-1982, os espaços urbanos localizados a norte da 'Ribeira seca' mantêm a característica de crescimento urbano heterogéneo e fragmentado em três áreas distintas, orla marítima, espaços mais centrais e no limite urbano.

A primeira não apresenta áreas de expansão urbana.

A segunda é composta essencialmente por construções soltas e de características não habitacionais. De realçar as seguintes construções/áreas urbanas: a requalificação dos espaços entre a Escola de Sargentos e o Quartel Militar 2ª Companhia de Caçadores; a ampliação das construções contíguas ao Comando Militar; a expansão das construções localizadas a nordeste do Quartel Militar da 2ª Companhia de Caçadores, posteriormente, espaços da Fábrica Morabeza; uma nova construção, contígua da Escola da 2ª Companhia, antiga Escola de Sargentos.

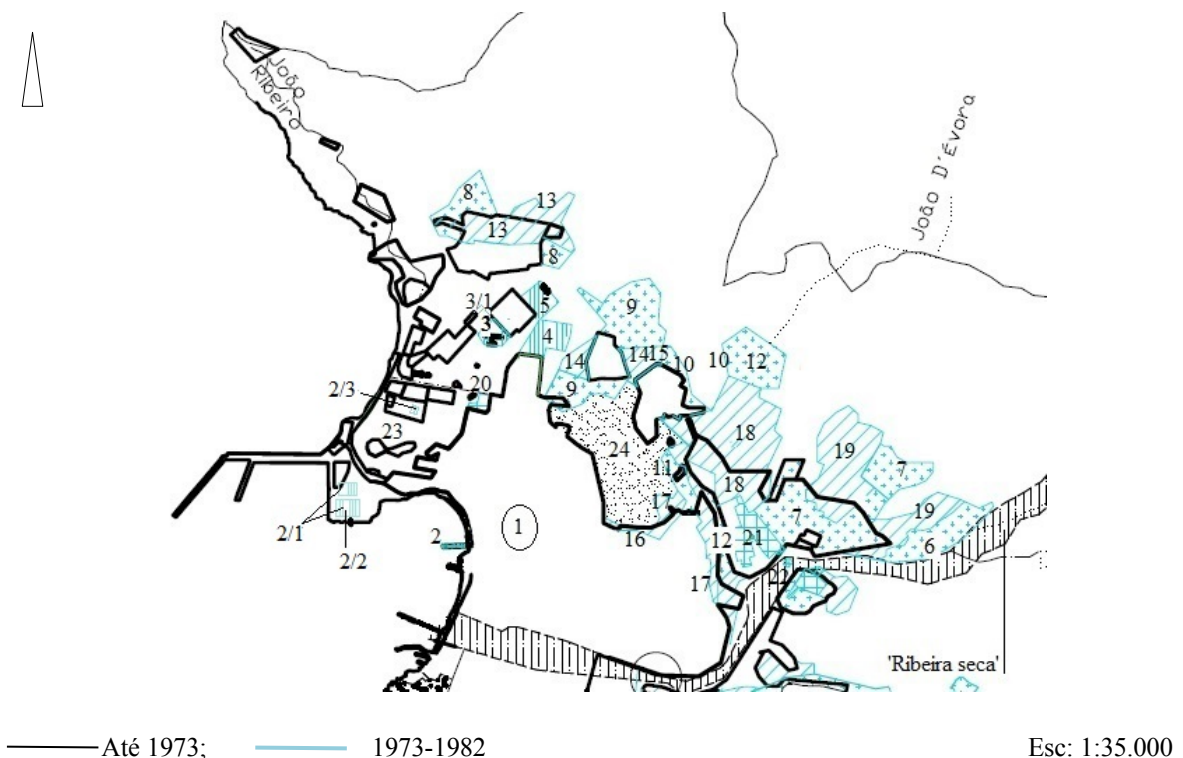


Fig. 94: Ampliação do Esquema 8: Área ocupada no espaço urbano a norte da 'Ribeira seca'- 1973-1982.

Fonte: Autor.

Legenda

1- Ocupação Urbana do período 1960-1973

2- Ponte-cais da Alfândega em ruína

2/1 – Ampliação das construções na plataforma marítima, nas proximidades do cais acostável

2/2 – Interbase

2/3 – Nova construção nos terrenos da Frigorífica

3- Requalificação dos espaços entre a Escola de Sargentos e o Quartel Militar da 2ª Companhia de Caçadores

3/1 – Ampliação da Escola de Sargentos, posteriormente escola da 2ª Companhia

4- Ampliação das construções contíguas ao Comando Militar

5- Expansão das construções contíguas a nordeste do Quartel Militar da 2ª Companhia de caçadores, posteriormente espaço físico da Fábrica Morabeza.

6- Área urbana de crescimento dispersado contíguo à 'Ribeira seca', no bairro da Ribeirinha

7- Área urbana de crescimento disperso no bairro da Ribeirinha

8- Área urbana de crescimento disperso no bairro da Chã de Alecrim

9- Área urbana de crescimento disperso no bairro do Fonte Meio/ Madeiralzinho

10- Área urbana de crescimento disperso no bairro da Cruz João Évora

11- Área urbana de crescimento disperso no bairro do Fonte Filipe

12- Área urbana de crescimento disperso no bairro do Fonte Inês/Espia

13- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro em Chã de Alecrim

14- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro em Fonte Meio/ Madeiralzinho

15- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro em Cruz João Évora

16- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro em Alto Solarine

17- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro no bairro de Fonte Filipe

18- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro no bairro de Fonte Inês/Espia

19- Área urbana com uma certa uniformidade de bairro no bairro de Ribeirinha

20- Área urbana densificada no bairro do Alto S. Nicolau

21- Área urbana densificada no bairro do Fonte Inês/Espia

22- Escola localizada nos espaços da 'Ribeira seca'

23- Área urbana sem construção – Monte do Fortim

24- Área urbana sem construção – Alto de Santo António

A terceira, definida essencialmente por construções de característica residencial, é composta por áreas de crescimento urbano com uma certa uniformidade de bairro e áreas de

crescimento urbano disperso. As áreas urbanas compostas por construções dispersas são formadas por construções separadas, uma das outras, enquadrando áreas livres significativas entre estas. Estas áreas urbanas são realçadas pela ocupação de uma área urbana contígua aos espaços da 'Ribeira seca' e por uma outra localizada nas proximidades desta e expandindo-se pelas encostas dos montes envolventes, demarcando assim, as fragilidades inerentes à construção em áreas de risco e sem enquadramento urbanístico. Estas duas áreas urbanas situam-se no bairro da Ribeirinha. As restantes áreas urbanas de construções implantadas de forma dispersa no terreno são também visualizadas nos terrenos dos bairros do Fonte Inês/Espia, Fonte Filipe, Cruz João Évora, Fonte Meio/ Madeiralzinho e em Chã de Alecrim.

Nestes bairros visualizam-se também áreas de crescimento urbano com alguma uniformidade de bairro, concebidas essencialmente em terrenos contíguos à ocupação urbana existente. Este tipo de crescimento urbano é observado também em terrenos que enquadravam áreas urbanas de construções dispersas no período 1960-1973, nomeadamente nos espaços dos bairros de Chã de Alecrim, Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe e Ribeirinha.

Todavia, é salientar que a diferença entre o crescimento urbano composto de construções dispersadas no terreno e o crescimento urbano com uma certa homogeneidade é definida fundamentalmente pela diminuição dos espaços livres existente entre as suas construções e pelo enquadramento de grupos de construções, visualizados no segundo caso.

Continuando ainda nos terrenos localizados a norte pode-se visualizar que, no presente período existe, praticamente, uma ausência de áreas urbanas densificadas. Isto permite deduzir que há uma permanência das pequenas áreas livres urbanas, visualizadas entre as construções do Mindelo no período 1960-1973.

Porém, nota-se uma área urbana densificada localizada nos espaços do bairro Fonte Inês/Espia, e uma outra de pequenas dimensões localizada no limite do bairro de Alto S. Nicolau. Esta última, pela união do conjunto de construções junto a Escola Técnica com o espaço da Escola da Praça Nova, vem definir uma das linhas de construção da Avenida Fontoura da Costa.

A área densificada em Fonte Inês/Espia é composta por um conjunto urbano com unidade de bairro, orientadas no sentido da orla marítima, e desenvolvendo-se pela encosta do monte da respetiva zona. Este conjunto urbano fica localizado nas margens de uma área de vale. Este, ainda livre de construções no período 1960-1973, ostenta no presente período ocupado por uma construção localizada nas proximidades da 'Ribeira seca' – os espaços do Mercado da Ribeirinha. Fig. 95.

No período 1973-1982 os espaços da 'Ribeira seca' são destacados pela construção da Escola da Ribeirinha, nas proximidades da Cadeia Civil.



Curvas de níveis de 5 em 5 metros

Fig. 95: Ampliação do Mapa 09 – Área urbana densificada no bairro do Fonte Inês/Espia em 1982. Esc: 5.000
Fonte: Autor. Base de trabalho: 1- Planta aerofotogramétrica do Mindelo, 1982. CMSV. 2- Base topográfica do Mindelo. CMSV.

Legenda

1- A direção da inclinação do terreno; 2- Sentido da orla marítima; 3-Vale; 4- Mercado;
5- Ribeira Seca.

Os terrenos contíguos à orla marítima são realçados pela ampliação das construções localizadas na plataforma marítima, localizada a leste do cais acostável. Nestes espaços encontram-se os armazéns da Infraestrutura de Tratamento, Congelação e Conservação de produtos de pesca e presáveis [Interbase]. Este edifício ficou destruído após um incêndio no ano de 2014.

Nas proximidades da orla marítima, em particular, nos terrenos da Frigorífica visualiza-se uma nova construção, situados no bairro do Fortim/Escola Técnica.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 96

Seguindo-se para o sul e após a Ribeira seca, inicia-se a segunda parte urbana da presente análise do Mindelo. A ocupação urbana destes terrenos define a mudança no sentido da orientação do crescimento urbano, que deixando de refletir a linha física da orla marítima, altera o significado do elemento água como componente forte e de identificação do Mindelo como uma cidade costeira. Nessa relação existente entre a topografia e a água, o elemento água

deixa de ser demarcada essencialmente pelo oceano, delimitado pela linha física da orla marítima, e passa a ser também definida pelas ribeiras. No entanto, pode-se observar que a relação topografia/água(ribeira) é concebida de forma indireta. A mesma é efetuada essencialmente a partir de artérias de ligação dos terrenos urbanos, com às zonas agrícolas – nos espaços das ribeiras. Estas artérias, em parte demarcando a atual Estrada de Fernando Pó, iniciam-se nos espaços do bairro de Fonte Francês, unindo-se depois o caminho de acesso às zonas interiores da Fazenda Real/Mato Inglês, nos terrenos do bairro do Fernando Pó. A área urbana em crescimento, localizada nos dois lados desta artéria estruturante, segue o sentido do caminho da Fazenda Real até ao bairro da Ribeira de Craquinha, nos terrenos localizados junto ao bairro da Horta seca. Visualiza-se também uma pequena área em crescimento no bairro de Monte Sossego, contíguo ao bairro do Fonte Francês. De realçar que estas áreas urbanas não possuem nenhuma relação com à orla marítima, por desenvolverem-se nos lados das encostas, dos montes do Monte Sossego e do Passarão, sem vista para o oceano.

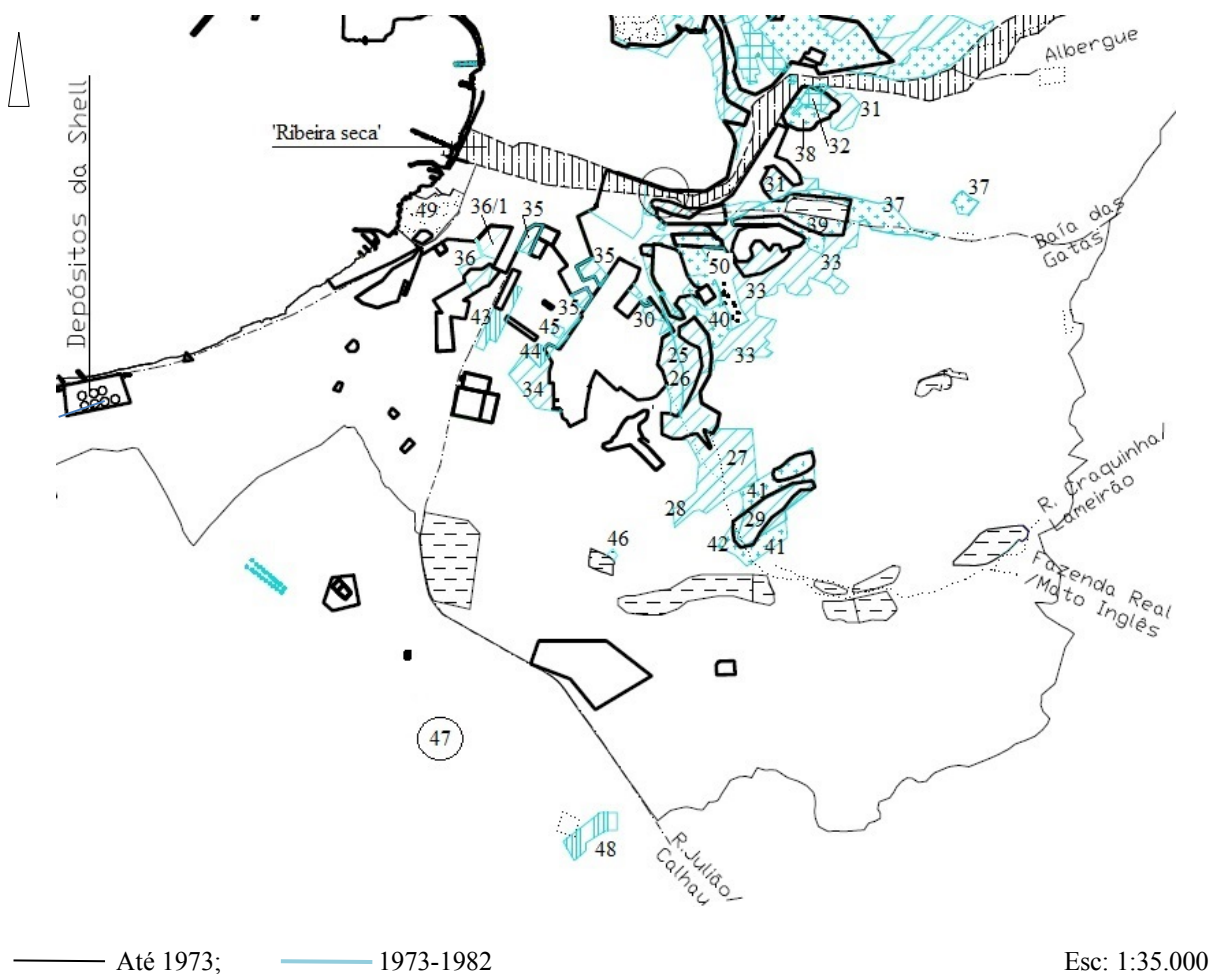


Fig. 96: Ampliação do Esquema 8: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1973-1982. Fonte: Autor.

Legenda

- 25- Parte da via demarcando a atual Estrada de Fernando Pó
- 26- Crescimento urbano interligado às áreas agrícolas e sem relação com à orla marítima, no bairro Fonte Francês
- 27- Crescimento urbano interligado às áreas agrícolas, no bairro Fernando Pó
- 28- Crescimento urbano interligado às áreas agrícolas, no atual bairro Horta Seca
- 29- Crescimento urbano interligado às áreas agrícolas no bairro Ribeira da Craquinha
- 30- Crescimento urbano interligado às áreas agrícolas e sem relação com à orla marítima, no bairro Monte Sossego
- 31- Crescimento urbano, no bairro Vila Nova/Lombo Tanque
- 32- Conjunto urbano de base planeada em Vila Nova/Lombo Tanque
- 33- Crescimento urbano, no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 34- Crescimento urbano, no bairro do Monte Sossego
- 35- Crescimento urbano, direcionada às vias de ligação da periferia urbana com a centralidade urbana, no bairro do Chã de Monte Sossego
- 36- Crescimento urbano direcionada às vias de ligação da periferia urbana com a centralidade urbana, no bairro do Dji d'Sal
 - 36/1 - Crescimento urbano direcionada às vias de ligação dos subúrbios com a centralidade urbana, em Monte Craca
- 37- Área urbana de crescimento disperso, no bairro da Pedra Rolada
- 38- Área urbana de crescimento disperso, no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 39- Área urbana de crescimento disperso, no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 40- Área urbana de crescimento dispersa, no bairro do Fonte Francês
- 41- Área urbana de crescimento dispersa, no bairro da Ribeira da Craquinha
- 42- Área urbana de crescimento dispersa, no bairro da Horta Seca
- 43- Área de construção não residencial, no bairro do Chã de cemitério
- 44- Expansão dos espaços físicos da Escola do Monte Sossego, no bairro de Chã de Monte Sossego.
- 45- Jardim Infantil, no bairro do Chã de Monte Sossego.
- 46- Áreas de expansão agrícola, no bairro da Horta Seca
- 47- Crescimento urbano, nos terrenos localizados fora do perímetro urbano do presente estudo
- 48- Conjunto urbano, construído na zona periurbana da Ribeira de Julião
- 49- Área urbana sem construção – Monte do Forte Velho

50- Área urbana sem construção – espaços urbanos em Bela Vista/Pedreira, contíguo ao bairro do Fonte Francês.

A relação direta entre terra e ribeira é observada nos bairros da Bela Vista/Pedreira e da Vila Nova/Lombo de Tanque. Esta área do bairro da Vila Nova/Lombo Tanque, orientada em direção ao monte de Santo António, desenvolve-se pela encosta do Monte da Pedra Rolada. É destacada por um conjunto urbano de base planeada e localizada junto à 'Ribeira seca'. Importante realçar que esta zona está referenciada no desenho da cidade de 1973, como parte integrante dos estudos urbanísticos efetuados e pela Câmara Municipal. Em Bela Vista/Pedreira, a área de crescimento urbano, contígua aos espaços da ribeira, desenvolve-se nos terrenos da junção das ribeiras de Areia Branca e da Pedra Rolada.

Uma outra característica do crescimento urbano sem ligação direta à orla marítima é a expansão urbana direcionada às artérias de ligação dos bairros periféricos com a centralidade urbana, comprovando assim, o centro urbano como elemento distintivo da urbe mindelense. Nestes terrenos, esta característica do crescimento urbano do Mindelo é observado nos bairros do Chã de Monte Sossego, Dji d'Sal e Monte Craca.

O crescimento urbano orientado no sentido da orla marítima, preservando à 'essência' marinha, é visualizado nos bairros do Monte Sossego, Chã de Monte Sossego e da Bela Vista/Pedreira. Neste último, a ligação à orla marítima – conseguida através da expansão urbana pela encosta do Monte do Passarão – torna-se irrelevante devido a interação direta destes espaços urbanos com a Ribeira da Pedra Rolada.

O enquadramento de áreas de crescimento urbano disperso é visualizado de modo menos significativo, em relação aos localizados a norte da 'Ribeira seca'. Destacam-se essencialmente nos terrenos contíguos às hortas agrícolas ou de acesso a estas, sendo visualizadas nos seguintes bairros: da Pedra Rolada estendendo-se para os terrenos da Vila Nova/Lombo Tanque; da Bela Vista/Pedreira; do Fonte Francês; da Ribeira de Craquinha, alongando-se para os terrenos do atual bairro da Horta Seca.

Relativamente a construção urbana não residencial, observa-se um crescimento seguindo uma 'linha' de construção iniciada no período de 1960-1973. Este crescimento, de característica essencialmente industrial, é visualizado em expansão para o sudoeste em direção aos espaços do cemitério da cidade.

Porém, na expansão de construções não habitacionais, mantém-se também a condição do enquadramento de alguns equipamentos urbanos de forma solta no terreno, e não envolvidos

pela área construída dos bairros. Estes equipamentos urbanos estão geralmente localizados na periferia dos terrenos ocupados, sendo realçados pela adição de um jardim infantil e de uma escola. Ambos localizam no bairro de Chã de Monte Sossego.

A ocupação urbana destes terrenos localizados a sul da 'Ribeira seca' e seguindo-se até aos espaços da Shell engloba duas áreas livres urbanas, relevantes no contexto desta paisagem urbana. A primeira é definida pelo Monte do Forte Velho. Encontra-se enquadrada pela área urbana construída nos bairros do Monte Craca e do Dji d'Sal. A segunda destaca-se pela extensão de terrenos sem construção, localizados entre duas áreas de crescimento urbano. Esta área 'livre urbana' encontra-se enquadrada num vale. É visualizada no bairro da Bela Vista/Pedreira, em particular, nos seus terrenos contíguos ao bairro do Fonte Francês.

Seguindo-se para o sul pode-se observar a expansão de uma horta agrícola, localizada nos terrenos do atual bairro da Horta Seca.

Os restantes espaços desta segunda parte urbana, da presente análise, apresentam-se livres de construções.

Todavia, é de evidenciar que mantem-se o crescimento urbano para os terrenos localizados fora do perímetro urbano do presente estudo. Este crescimento urbano é realçado por um conjunto de construções com característica industrial, nos terrenos da zona periurbana da Ribeira de Julião.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell

No período de 1973-1982, a paisagem dos terrenos localizados a oeste dos depósitos da Shell apresenta-se sem alterações urbanas em relação ao período de 1960-1973.

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig. 97

O crescimento urbano do presente período torne-se naturalmente relevante, devido a transformação dos caminhos carreteiros e de ligação entre os diferentes bairros urbanos em vias mais sólidas ou mesmos em estradas. Dos visualizados, destaca-se no terreno urbano, os seguintes:

- A via de ligação entre os bairros da Ribeira Bote, Fonte Filipe, Fonte Inês/ Espia e Cruz João Évora. Esta via une a atual Avenida 12 de Setembro, à Estrada da Cruz. Através desta via, estabelece-se a ligação viária com os terrenos, de cotas mais elevadas, do Alto de Santo António;

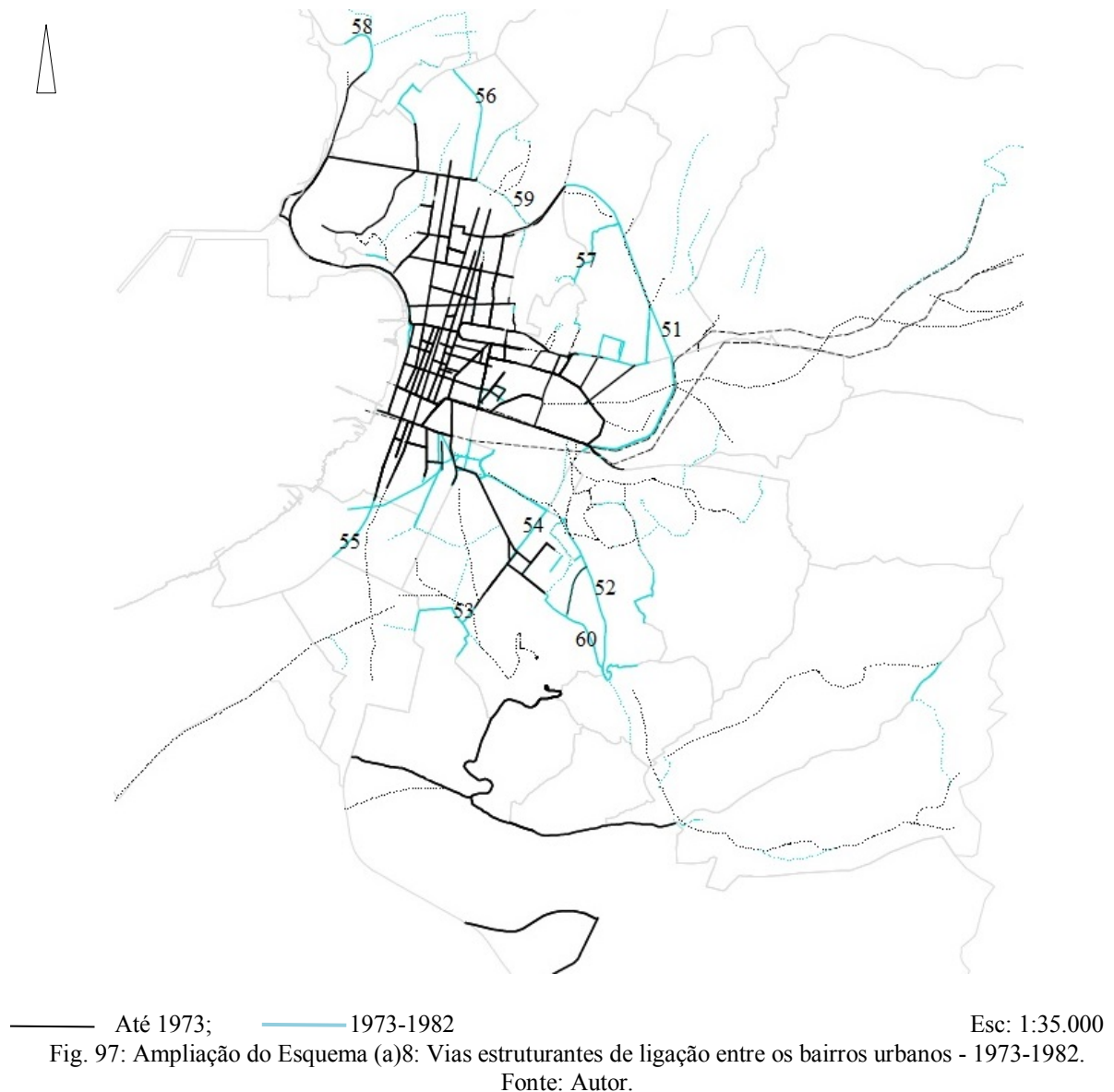
- O prolongamento da estrada de acesso aos terrenos do bairro da Matiota/Lajinha. Contorna os espaços das centrais de dessalinização e elétrica;
- A via de acesso às hortas localizadas nas proximidades do Mindelo da época, em particular, à Ribeira do Lameirão. Une-se ao caminho de acesso as áreas agrícolas situadas nos terrenos mais interiores, do Mato Inglês e da Fazenda Real. Estabelece também, ligação dos bairros do Monte Sossego com os bairros do Fernando Pó, e da Ribeira da Craquinha. Esta via demarca o traçado atual da Estrada do Fernando Pó;
- A expansão da Rua 1 para os terrenos mais a sudoeste. Estabelece a ligação do bairro do Monte Sossego com os bairros do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério e da Zona Industrial Sul;
- A expansão da Rua 1 para nordeste seguindo-se até a interseção desta com a Estrada do Fernando Pó;
- O prolongamento da atual Rua do Morguinho para o sudoeste. Une os terrenos dos bairros do Campinho e do Dji d'Sal com as áreas urbanas central do Mindelo;
- A via de ligação entre o centro urbano e os terrenos localizados a nordeste do Quartel Militar da 2ª Companhia de Caçadores – posteriormente espaços da Fabrica Morabeza, no Bairro da Zona Militar

Pode-se observar também, a adição de caminhos carreteiros relevantes. Estes muitas vezes apresentam-se no prolongamento de vias existentes. Destaca-se a ligação da atual Avenida Dr. Alberto Leite com a estrada de acesso ao bairro da Cruz João Évora.

Legenda - Figura 97

- 51- Via de ligação entre o bairro da Ribeira Bote com a Estrada da Cruz – atual Rua das Oficinas Navais
- 52- Traçado da Estrada do Fernando Pó
- 53- Rua 1- expansão para sudoeste
- 54- Rua 1- expansão para nordeste
- 55- Prolongamento do traçado da Rua do Morguinho
- 56- Via de acesso aos espaços da, já extinta, Fábrica Morabeza
- 57- Estrada de acesso ao Alto de Santo António
- 58- Prolongamento da estrada de acesso aos terrenos do bairro da Matiota/ Lajinha
- 59- Caminho de ligação da atual Avenida Dr. Alberto Leite com a Estrada da Cruz.

60- Via de ligação do bairro do Monte Sossego com os bairros do Fernando Pó, e da Ribeira de Craquinha;



Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade do Mindelo em imagens da época, destaca-se uma fotografia da Rua Libertadores de África dos anos 80. Fig. 98

No primeiro plano, destaca-se o edifício do Café Portugal construído em 1939, seguindo-se a Casa Bemvindo, 1914, o edifício da Farmácia do Leão, as Casas *Rendall* – dois edifícios idênticos – e o edifício da Pensão Chave d' Ouro. Este último localizado no cruzamento desta via com a Avenida 5 de Julho. Ao fundo pode-se visualizar o edifício da velha Alfândega – 1858/61.

O edifício da Farmácia do Leão destaca-se como um dos mais antigos da rua, senão o mais antigo. (MHOP, 1984, p. 152).



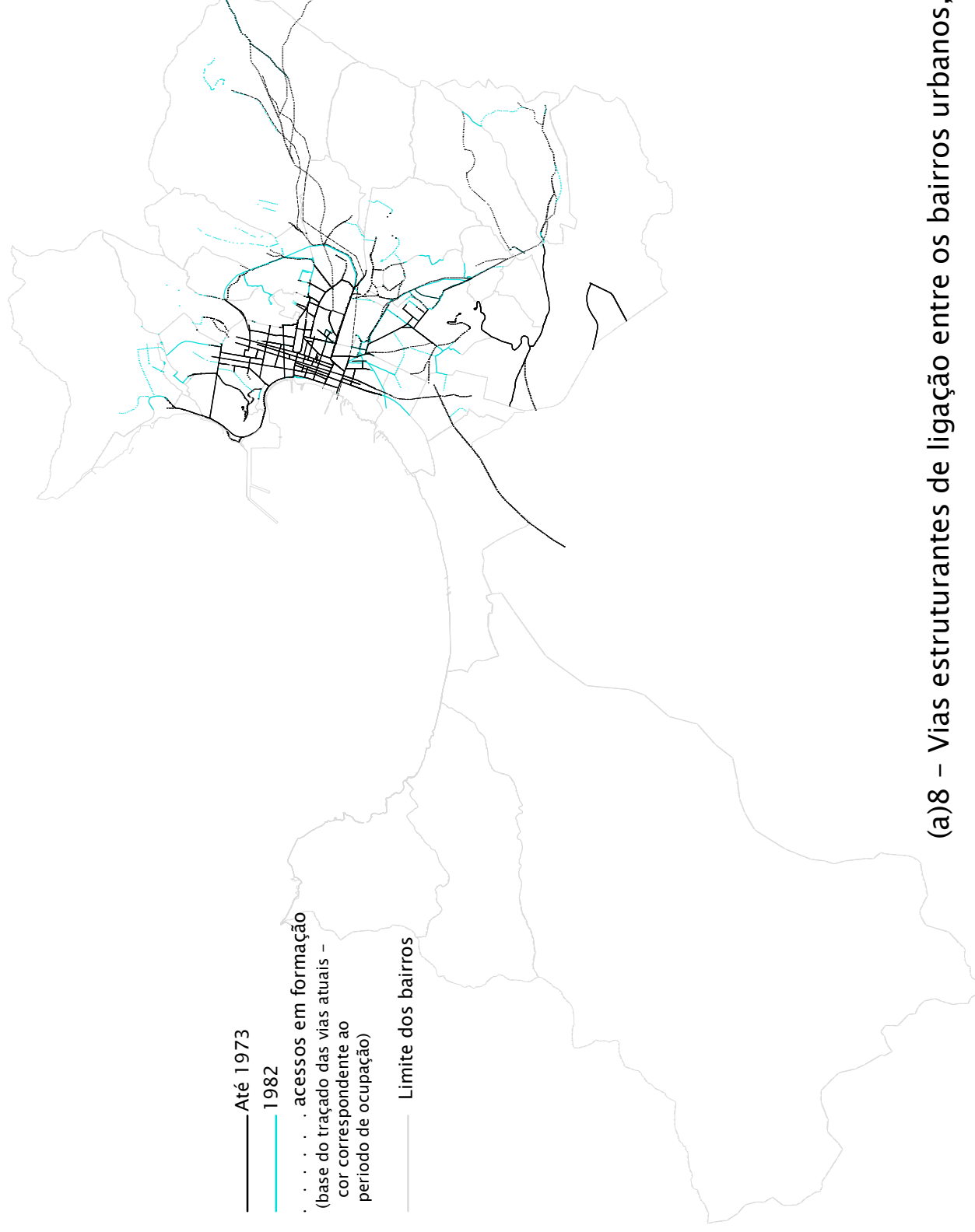
Fig. 98: Rua Libertadores de África/ Rua de Lisboa – Anos 80.

Fonte: Pagina dofacebook do mindel Infos.

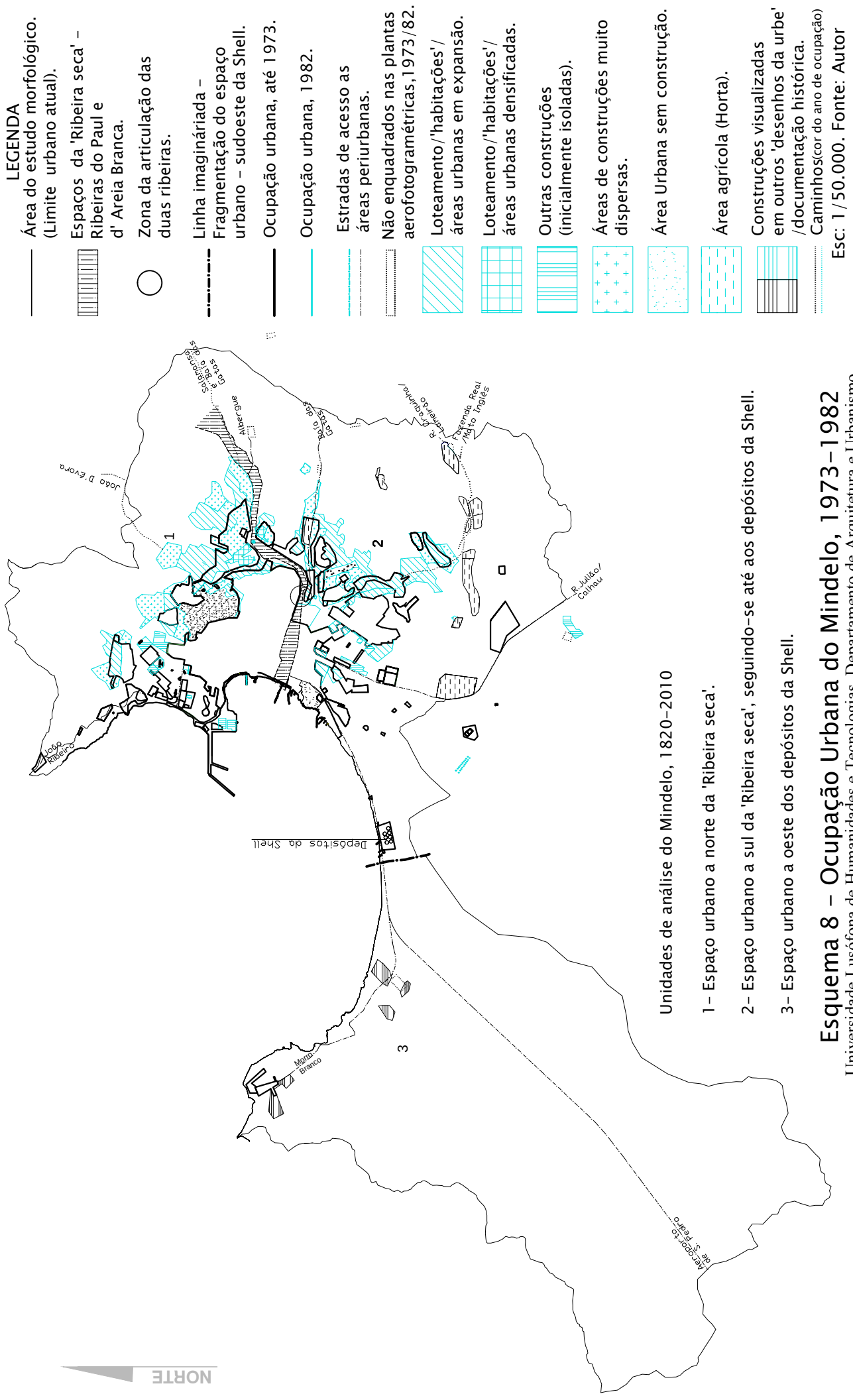
In, <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10152543865143604.1073741828.258418368603&type=3>

Resumindo, a ocupação urbana do período 1973-1982 é caracterizada pela expansão da cidade para norte, sul e leste da área existente. Demarca de forma significativa a alteração do sentido de orientação do crescimento urbano. O elemento 'forte' do crescimento urbano, inicialmente demarcado pela orla marítima/água, é alterado para os espaços das ribeiras e/ou artérias de acesso às zonas de hortas situadas na periferia da cidade. No entanto, este elemento, relevante na demarcação das cidades costeiras, prevalece nos espaços urbanos localizados mais a norte do Mindelo – em terrenos de cota elevada e de construção orientadas em direção à orla marítima/água.

O terceiro elemento distintivo integrado na presente análise, o centro urbano, ostenta-se como elemento mais 'forte' da ocupação urbana do presente período. Isto advém, da visualização de algum crescimento urbano sem nenhuma conexão com o elemento água e por a ocupação urbana encontrar-se essencialmente interligada às artérias de acesso ao centro urbano. Contudo, estas vias não encontram-se enquadradas em um sistema viário estruturado.



(a)8 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1973–1982



3.3.10. 1982 – 2003: A densificação do espaço construído a norte e a expansão urbana para o sul e sudoeste. [Esquemas 9 e (a)9; Mapa 10]

Mindelo do período, 1982-2003, continua a refletir um crescimento urbano para os terrenos interiores.

Os vinte e um anos de crescimento urbano do presente período são realçados pela densificação dos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' e pela expansão significativa da cidade para terrenos planos, situados a sul e sudeste da área urbana existente. Isto advém do preenchimento dos espaços urbanos preexistente e a procura de terrenos mais factíveis para a construção de habitações. Esta condição vem alterar a génese da periferia mindelense – ocupação urbana por zonas de cota elevadas, salvaguardando o panorama marinho nos terrenos mais interiores.

Outro, fator importante desta expansão urbana por terrenos planos e sem relação com o elemento água é o de vir, não somente alterar, mais uma vez, o sentido da orientação da ocupação urbana, mas também a inter-relação existente, até então visualizada, entre os três elementos distintivos do Mindelo – topografia/terra, orla marítima/água e o centro urbano. A alteração da relação terra/água, visualizada no período 1973-1982, com a mudança do elemento água da orla marítima para as zonas das ribeiras, não prevalece. A expansão urbana do presente período está essencialmente relacionada à qualidade dos terrenos para a construção. Este aspeto é definido pela dimensão da área construída nos terrenos relativamente planos, em relação aos de cota mais elevada. No entanto, devido a inexistência de infraestruturas urbanas que permitissem uma inter-relação terra/água(orla marítima), reflete-se a perda de identidade marinha desses espaços urbanos.

Pode-se observar também a expansão urbana para os terrenos a sudoeste da área urbana existente. Esta apresenta-se de forma menos 'clara' no terreno do que a dos terrenos a sul e sudeste. É realçada pela definição de uma nova linha de crescimento urbano de característica industrial, seguindo-se a orientação da Estrada de S. Pedro.

As áreas de ocupação urbana da época, integradas em áreas urbanas do período anterior – 1973-1982, encontram-se praticamente ocupadas por construções. No entanto apresentam ainda algum espaço urbano por preencher, demarcados essencialmente por parcelas sem construção.

A linha física da orla marítima como componente 'forte', identificativo da presença do mar, permanece sem um enquadramento da totalidade dos seus espaços no contexto da cidade. Os espaços da orla marítima localizados no bairro da Galé, seguindo-se até à Ponta do Morro

Branco apresentam-se completamente amorfos a ocupação urbana do presente período. A expansão edificativa da orla marítima é visualizada nos seus espaços localizados mais a norte, contíguas à área urbana existente, sendo esta definida por construções portuárias. Mantém-se assim, as características da ocupação da orla marítima dos períodos anteriores. Destaca-se:

1- A norte da 'Ribeira seca': a adição de uma zona de reparação naval – Estaleiros Navais de Cabo Verde [CABNAVE], situado no limite noroeste do bairro da Mاتيota/Lajinha, expandindo à sua área construída para o mar; a expansão dos espaços da zona portuária – pela integração da área de contentores e a ampliação de uma das pontes-cais do cais acostável do Porto Grande; a adição de uma ponte-cais – cais de passageiros, localizada nas proximidades a leste do cais acostável, formando conjunto com o edifício do Terminal de passageiros em trânsito pelas ilhas; uma ponte-cais de pequena dimensão contígua a leste da ponte-cais de passageiros.

2- A sul da 'Ribeira seca': o enquadramento de um cais de pesca, nos espaços do bairro do Dji d'Sal.

3- Nos espaços da 'Ribeira seca': o enquadramento de um ancoradouro junto ao Mercado de peixe.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig. 99

A ocupação urbana dos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' segue a sua 'linha de força' dominante – construções habitacionais essencialmente orientadas no sentido da orla marítima/água, justificando a presença da água e a identidade do Mindelo como uma cidade costeira. Advém do crescimento urbano por terrenos acidentados, localizados nos limites da ocupação urbana do período 1973/1982. Mantém-se também o crescimento urbano com característica industrial localizada nos terrenos contíguos à frente marinha.

A relação topografia/água é realçada pela criação de imagens panorâmicas da cidade a partir deste espaço urbano. Estas vistas de referência da cidade estão essencialmente direcionadas ao Monte Cara – uma das bases da forma visual e identitária do Mindelo.

Do exame à ocupação urbana do período, 1982-2003, constata-se uma diferença entre a extensão das áreas urbanas edificadas em relação as áreas urbanas sem construção – vazio urbano. Este último é visualizado, de forma pouco significativa, nas encostas dos montes do Fortim e do Alto de Santo António.

Outra particularidade da ocupação urbana dos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' é observada na proporção existente entre as áreas urbanas em crescimento e as

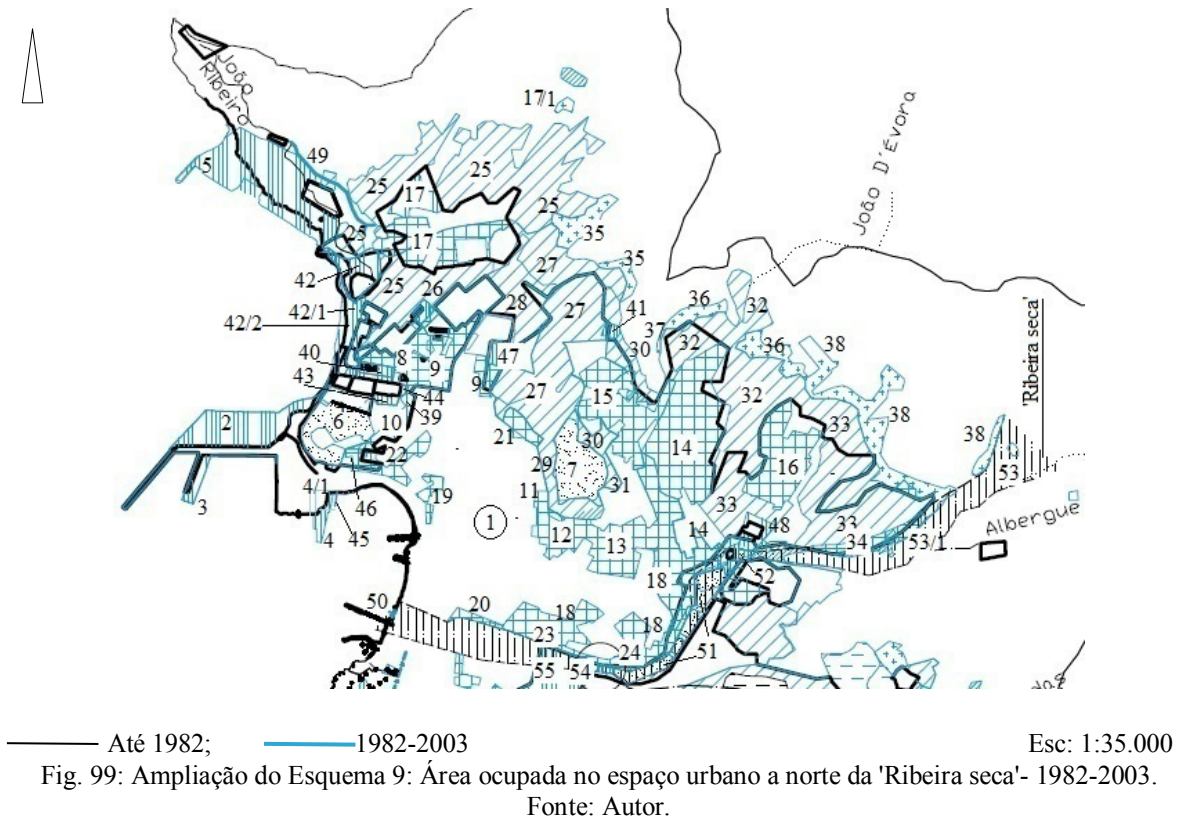
densificadas. Estas últimas encontram-se localizadas em áreas urbanas resultantes do preenchimento de áreas de crescimento urbano do período 1973-1982, e também nas novas áreas de crescimento urbano.

A primeira é visualizada nos terrenos dos bairros do Centro da Cidade/Morada, Alto S. Nicolau, Alto Santo António, Ribeira Bote, Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe, Cruz João Évora, Fonte Inês/Espia, Ribeirinha e Chã de Alecrim. Do conjunto edificado nestes espaços de bairro, destacam-se os seguintes: o bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho, com a maior área urbana em expansão; o do Fonte Inês/Espia, pela extensa área urbana densificada; o do Centro da Cidade/Morada visualizada, em particular, no enquadramento de edifícios com mais de dois pisos – realçando o traçado da Avenida 12 de Setembro –, e na dos espaços da antiga Companhia *Millers & Cory*, contíguos à Avenida Marginal; o bairro do Alto S. Nicolau destacada pela densificação urbana nos antigos terrenos localizados na zona do Montevideo.

A segunda é observada nos terrenos dos bairros da Che Guevara, Zona Militar, Alto S. Nicolau e Chã de Alecrim. Pode-se constatar que estas áreas densificadas encontram localizadas em espaços urbanos contíguos à zona Central do Mindelo, e consequentemente, em solo urbano com um valor imobiliário significativo.

A edificação com mais de dois pisos, observado nos terrenos contíguos a norte da Avenida 12 de Setembro, segue-se das proximidades da orla marítima até ao edifício do Lar Nhô Djunga, não incluindo este, situado nos terrenos do bairro da Ribeira Bote. Os restantes espaços adjacentes à avenida e também contíguos à 'Ribeira seca' ostentam-se construções geminadas, com um e dois pisos, e sem harmonia de conjunto. Definem uma área de construção situada no bairro da Ribeira Bote, e em crescimento desde do período de 1932-1946. Segue-se a densificação das áreas contíguas a 'Ribeira seca' e enquadradas nos terrenos do bairro da Ribeirinha. Estes desenvolvem-se por uma área urbana estruturada.

A ocupação da frente urbana é assinalada pela expansão das edificações industriais, demarcando a linha física de interligação terra/água e os seus espaços urbanos contíguos. É realçada na ampliação do espaço físico da Central Elétrica e da Dessalinização, contíguos à orla marítima, e na adição de uma construção de pequenas dimensões, contígua ao areal da praia da Lajinha. Atualmente, após renovação alberga o espaço físico do Bar/Esplanada Caravela.



Legenda

- 1- Ocupação urbana do período, 1973-1982
- 2- Ampliação da zona portuária – Área dos contentores
- 3- Ampliação da ponte-cais – Porto Grande
- 4- Cais de passageiros
 - 4/1 – Terminal de passageiros em trânsito pelas ilhas
- 5- CABNAVE
- 6- Área urbana sem construção – Monte do Fortim
- 7- Área urbana sem construção – Monte do Forte Velho
- 8- Área densificada, situada em novas áreas de crescimento urbano, no bairro da Che Guevara
- 9- Área densificada, situada em novas áreas de crescimento urbano, no bairro da Zona Militar
- 10- Área densificada, situada em novas áreas de crescimento urbano, no bairro de Alto S. Nicolau
- 11- Área densificada, no bairro do Alto S. António
- 12- Área densificada, no bairro do Alto Solarine/Forca
- 13- Área urbana densificada, no bairro de Fonte Filipe
- 14- Área urbana densificada, no bairro de Fonte Inês/Espia
- 15- Área urbana densificada, no bairro da Cruz João Évora

- 16- Área urbana densificada, no bairro da Ribeirinha
- 17- Área urbana densificada, no bairro do Chã de Alecrim
 - 17/1- Área urbana densificada, situada em novas áreas de crescimento urbano, no bairro do Chã de Alecrim
- 18- Área urbana densificada, no bairro da Ribeira Bote
- 19- Área urbana densificada, nos antigos espaços da Companhia *Millers e Cory*, no bairro do Centro da Cidade/Morada
- 20- Área densificada na Avenida 12 de Setembro, em Centro da Cidade/Morada
- 21- Área urbana densificada, junto à Estrada da Cruz João Évora, no bairro do Centro da Cidade/Morada
- 22- Área urbana densificada na antiga zona do Montevideo, no bairro do Alto de S. Nicolau
- 23- Lar Nhô Djunga – 'João Cléofas Martins'
- 24- Área urbana densificada, junto à 'Ribeira seca', no bairro da Ribeira Bote
- 25- Crescimento urbano, no bairro de Chã de Alecrim
- 26- Crescimento urbano, no bairro do Alto Morabeza
- 27- Crescimento urbano, no bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 28- Crescimento urbano, no bairro da Zona Militar
- 29- Crescimento urbano, no bairro do Alto Santo António
- 30- Crescimento urbano, no bairro da Cruz João Évora
- 31- Crescimento urbano, no bairro do Fonte Filipe
- 32- Crescimento urbano, no bairro de Fonte Inês/Espia
- 33- Crescimento urbano, no bairro da Ribeirinha
- 34- Área densificada, no bairro da Ribeirinha
- 35- Crescimento urbano dispersa, no bairro de Fonte Meio/Madeiralzinho
- 36- Crescimento urbano dispersa, no bairro de Fonte Inês/Espia
- 37- Crescimento urbano dispersa, no bairro da Cruz João Évora
- 38- Crescimento urbano dispersa, no bairro da Ribeirinha
- 39- Crescimento urbano, no bairro do Alto S. Nicolau
- 40- Enquadramento paisagístico da antiga Escola do Cortiço
- 41- Depósitos da água
- 42- Ampliação da Central Elétrica e de Dessalinização
 - 42/1 – Construção contígua à praia da Lajinha - Bar/esplanada Caravela
 - 42/2 – Praia da Lajinha

- 43- Placa desportiva da Escola Técnica
- 44- Ampliação do espaço físico da Escola Técnica – construção contígua à leste
- 45- Ponte-cais de pequenas dimensões
- 46- Crescimento urbano em Fortim/Escola Técnica
- 47- Escola Secundária Jorge Barbosa em Fonte Meio/Madeiralzinho
- 48- Ampliação da Cadeia Civil.
- 49- Novo/redefinição acesso à Ponta de João Ribeiro.

Nos Espaços da 'Ribeira seca'

- 50- Ponte-cais, junto ao Mercado de peixe
- 51- Enquadramento urbanístico dos espaços da 'Ribeira seca' – pontes e rotunda
- 52- Edificação junto a Escola da Ribeirinha
- 53- Construção nos espaços da 'Ribeira seca' – proximidades do perímetro urbano da presente análise.
 - 53/1 - Construção nos espaços da 'Ribeira seca', situada entre as duas construções anteriores
- 54- Armazém do COPA
- 55- Novo campo de futebol

As áreas urbanas em crescimento, embora não densificadas, vêm colmatar os terrenos sem construção existentes, localizados norte da 'Ribeira seca', e enquadrados na extensa cratera envolvente à cidade do Mindelo. Esse tipo de crescimento urbano é visualizado nos terrenos dos bairros do Fortim/Escola Técnica, Chã de Alecrim, Alto Morabeza, Alto S. Nicolau, Fonte Meio/Madeiralzinho, Zona Militar, Alto Santo António, Cruz João Évora, Fonte Filipe, Fonte Inês/Espia e Ribeirinha. Este crescimento urbano com certa identidade de bairro enquadra nos seus limites áreas de crescimento urbano disperso. O crescimento urbano disperso é observado nos bairros do Fonte Meio/Madeiralzinho, Fonte Inês/Espia, Cruz João Évora e Ribeirinha. Nota-se que no bairro do Fortim/Escola Técnica – bairro essencialmente de características serviços/industrial – esse crescimento, essencialmente residencial, é composto por duas construções do tipo vivenda localizadas na base sul do Monte do Fortim, contíguos aos depósitos de combustível da Shell – visualizados no período 1960-1973 da presente análise.

Das edificações urbanas não residenciais destacamos os seguintes: o enquadramento urbanístico da, existente, Escola do Cortiço; a ampliação dos espaços físicos da Escola Técnica,

pela adição de uma construção, a leste, e de uma placa desportiva localizada nas traseiras do corpo central; a adição de dois depósitos de água nos terrenos do bairro da Cruz João Évora; a adição de uma construção no terreno da Frigorífica; a ampliação do espaço físico da Cadeia Civil da Ribeirinha; a edificação dos novos espaços físicos da Escola Secundária Jorge Barbosa, localizada no bairro do da Zona Militar – sendo que anteriormente ocupava os espaços do antigo Quartel Militar/Correio.

De realçar também a redefinição do troço inicial de acesso à Ponta de João Ribeiro, após o enquadramento da CABNAVE.

Os espaços da 'Ribeira seca' encontram-se parcialmente incluídos na ocupação urbana da época, em particular, nos terrenos dos bairros da Ribeira Bote, Vila Nova/Lombo Tanque, Fonte Inês/Espia e Ribeirinha. A inclusão, conseguida pelo enquadramento urbanístico dos espaços da ribeira no contexto dos bairros envolventes, é realçada por três pontes e uma rotunda. Esta última localiza-se na área de junção das ribeiras de Areia Branca e da Pedra Rolada, estabelecendo a ligação da cidade com a zona litoral da Baía das Gatas.

Seguindo-se para o nordeste, ainda nos espaços da 'Ribeira seca' deparam-se com três áreas construídas, compostas por construções com características residenciais. Uma localizada nas proximidades da Escola da Ribeirinha, uma outra, no limite do perímetro urbano da presente análise, e mais uma, situada no espaço central entre às duas.

A 'Ribeira seca' é realçada por uma ponte-cais, contíguo ao edifício do Mercado de peixe, um novo campo de futebol e o armazém da Cooperativa de Produtos Alimentares [COPA]. Estes estendem-se para os terrenos localizados a sul da 'Ribeira seca'.

Espaço urbano, a sul da 'Ribeira seca' e seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 100

Com o preenchimento dos espaços urbanos a norte e a delimitação – pelos montes do Monte sossego e da cordilheira enquadrando o Monte do Passarão, seguindo-se por uma área de ribeira, Ribeira do Lameirão – dos terrenos adjacentes à zona urbana existente e localizada a sul da 'Ribeira seca' torna-se iminente a expansão para os terrenos mais a sul, situados nas proximidades do limite urbano da época e estendendo-se para as zonas situadas fora do perímetro urbano da presente análise.



— Até 1882; — 1882-2003 Esc: 1:35.000
Fig. 100: Ampliação do Esquema 9: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 1882-2003. Fonte: Autor.

Legenda

56- Espaços da Ribeira do Lameirão

57- Zona de Salgados

58- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Ribeira de Julião

59- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Horta Seca

60- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Ribeira do Passarão

61- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Ribeira de Craquinha

62- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Pedra Rolada

62/1- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Vila Nova/Lombo

Tanque

63- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro da Bela Vista/Pedreira

- 64- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro de Fonte Francês
- 65- Crescimento urbano amorfo à presença marinha, no bairro do Fernando Pó
- 66- Área urbana estruturada, nos espaços da Ribeira do Lameirão – no bairro da Ribeira do Passarão - a área densificada.
- 67- Área urbana densificada, no bairro do Monte Craca
- 68- Área urbana densificada, contígua ao Largo *John Miller*, no bairro do Chã de Cemitério
- 69- Área urbana densificada, no bairro Chã de Monte Sossego
 - 69/1-Academia de Música Jotamonte, no bairro de Chã de Monte Sossego
- 70- Área urbana densificada, no bairro do Monte Sossego
 - 70/1- Área urbana densificada, no bairro da Ribeira de Craquinha
- 71- Área urbana densificada, no bairro da Horta Seca, estendendo-se para os terrenos do bairro do Fernando Pó.
- 72- Área urbana densificada, no bairro do Campinho
- 73- Área urbana densificada, no bairro do Dji d'Sal
- 74- Área urbana densificada, no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 75- Expansão urbana, no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 76- Expansão urbana, no bairro do Chã de Monte Sossego
- 77- Expansão urbana, no bairro do Monte Sossego
- 78- Expansão urbana, no bairro do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério
- 79- Expansão urbana, no bairro do Fonte Francês
- 80- Expansão urbana, no bairro da Bela Vista/Pedreira
- 81- Espaço de uma ribeira – atravessa o bairro da Ribeira de Craquinha
- 82- Áreas urbanas de crescimento muito dispersa, no bairro da Pedra Rolada
- 83- Áreas urbanas de crescimento muito dispersa, no bairro do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério
- 84- Construção isolada, no bairro da Ribeirinha
- 85- Crescimento urbano para fora do limite perímetro urbano da presente análise – Zona do Lameirão
- 86- Crescimento urbano para fora do limite perímetro urbano da presente análise – Zona da Ribeira de Julião (área industrial)
- 87- Crescimento urbano para fora do limite perímetro urbano da presente análise – Zona da Ribeira da Vinha
- 88- Área agrícola, no bairro da Pedra Rolada

- 89- Área agrícola, no bairro da Ribeira de Craquinha
- 90- Área agrícola, no bairro da Ribeira do Passarão
- 91- Expansão do espaço físico da Shell, na Galé
 - 91/1 – Praia da Galé
- 92- Caís de pesca
- 93- Complexo de pesca
- 94- INDP
- 95- Expansão dos espaços da ONAVE
- 96- Área desportiva em terra batida
- 97- Expansão da área industrial, no bairro da Zona Industrial Sul
- 98- Expansão do Cemitério
- 99- Espaço físico da Empresa Construções Metálicas, no bairro da Ribeira de Julião
- 100- Construção envolvida por uma vedação, a oeste das Construções Metálicas
- 101- Espaço físico da CV Telecom, no bairro da Ribeira de Julião
- 102- Redefinição do troço inicial da estrada de acesso ao Lazareto e S. Pedro
- 103- Requalificação do caminho de ligação à zona da Fazenda Real/ Mato Inglês
- 104- ETAR, localizada na Zona da Ribeira da Vinha – terrenos situados fora do perímetro urbano da presente análise
- 105- Expansão do conjunto industrial na Zona da Ribeira de Julião
 - 105/1- Nova área de construções do tipo industrial na Zona da Ribeira de Julião
- 106- Escola Secundária José Augusto Pinto – Liceu
- 107- Escola localizada no bairro da Torrada

A ocupação urbana dos terrenos localizados a sul da 'Ribeira seca' e seguindo-se até aos depósitos da Shell, composta essencialmente por construções habitacionais, desenvolve-se em terrenos predominantemente planos. Estes estão realçados pela inclusão dos espaços da Ribeira do Lameirão. Definem a característica principal do presente período – a expansão urbana para o sul e sudeste da área urbana existente, demarcando uma fase de desconexão do crescimento urbano da sua génese.

Esta desconexão urbana é definida pela inexistência de uma estrutura urbana clara, ou seja, de inter-relação entre os três elementos distintivos da cidade, põe em evidência a 'inconstância' do elemento mais forte – a orla marítima/água. Daqui resulta a perda de identidade marinha desses espaços urbanos – importante na codificação da forma da cidade

costeira – apresentando-se completamente amorfos à existência desse componente no contexto geral da paisagem urbana do Mindelo. Esta ocupação urbana sem interação com o elemento água é destacada pelo crescimento urbano no bairro da Ribeira de Julião. No entanto é também observada em terrenos mais acidentados nomeadamente nos bairros da Ribeira de Craquinha, Pedra Rolada, Vila Nova/Lombo Tanque, Bela Vista/Pedreira, Fonte Francês e Fernando Pó, bem como, por terrenos planos situados nos atuais bairros da Horta Seca e da Ribeira do Passarão.

Nos terrenos do bairro da Bela Vista/Pedreira, a imagem preservada dos espaços do vale, situado no limite deste bairro com o Fonte Francês e demarcado como área sem construção no período 1973-1982, é alterada. Encontra-se ocupada com construções urbanas, interligando os dois bairros.

Na ocupação urbana desta área da cidade, de grande tamanho, evidencia-se também a salvaguarda dos espaços da Ribeira do Lameirão e da zona de Salgados – destacando-se como área de risco e salubre, respetivamente –, e a inclusão da Estrada da Ribeira de Julião nos novos espaços urbanos. Esta estrada, permitindo a inter-relação destas novas áreas urbanas com o centro da cidade, ressalta os terrenos localizados a leste em relação aos terrenos urbanos contíguos à orla marítima, a sudoeste da mesma.

Porém, visualiza-se alguma ocupação urbana nos espaços da Ribeira do Lameirão, integrada nos terrenos contíguos entre os bairros da Ribeira do Julião e da Ribeira do Passarão. Esta ocupação urbana é salientada por uma área urbana estruturada, de pequena dimensão e enquadrada entre duas áreas agrícolas, localizada nos terrenos do bairro da Ribeira do Passarão. A mesma ocupa uma faixa de cota mais elevada, possibilitando assim, o desvio das águas da ribeira.

As restantes áreas urbanas em expansão encontram-se localizadas em espaços urbanos contíguos aos existentes. Estas novas áreas urbanas estão interligadas ao centro da cidade através de vias estruturantes. Mantêm-se também, uma certa interação entre estas áreas de expansão urbana e à orla marítima. Isto advém do desenvolvimento urbano destas áreas urbanas pelas encostas dos montes envolventes ou mesmo por terrenos planas, posicionadas em terrenos de cota elevada. Ambos os casos, as suas construções encontram direcionados ao mar. São visualizados nos espaços dos bairros da Vila Nova/Lombo Tanque, Chã de Monte Sossego, Monte Sossego, Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério, e nos terrenos de cota mais elevadas dos bairros de Fonte Francês e Bela Vista/Pedreira. No bairro de Chã de Monte Sossego, as áreas em expansão apresentam-se praticamente consolidadas. São compostas por construções de dois

pisos e localizam-se nos terrenos contíguos às construções com mais de três pisos. Por consolidar destaca-se uma pequena área a frente da Academia de Música Jotamonte, situada no bairro de Chã de Monte Sossego. É de salientar a integração de duas áreas urbanas densificadas, localizadas nos terrenos dos bairros da Ribeira de Craquinha e da Horta Seca. A primeira acha-se em áreas urbanas em crescimento desde do período 1960-1973.

Apreendendo, na presente análise, a densificação de áreas urbanas como área completamente preenchidas com construções e praticamente sem espaços urbanos públicos, esta é irrelevante em áreas urbanas preexistente. Esta condição destaca-se em pequenas áreas urbanas localizadas nos bairros do Monte Craca, Chã de Cemitério, Chã de Monte Sossego, Monte Sossego, Vila Nova/Lombo Tanque e da Ribeira de Craquinha. Porém, é observada a densificação de terrenos situados em novas áreas urbanas, nomeadamente, nos bairros do Campinho, do Dji d´Sal e Horta Seca.

Nos terrenos do bairro de Chã de Monte sossego, a densificação é definida por construções com três a cinco pisos, marcando uma nova tipologia construtiva da cidade do Mindelo, enquanto nos do Monte Sossego e do Chã de Cemitério prevalece a tipologia dominante nas construções urbanas da ilha – essencialmente composta por edifícios de um e dois pisos. A área densificada no bairro de Chã de Cemitério encontra realçada pela ampliação do espaço físico da escola do bairro e o enquadramento urbanístico dos espaços do *Largo John Miller*.

O crescimento urbano do bairro da Ribeira de Craquinha encontra-se fragmentado em duas áreas urbanas, envolvidas pelos espaços de uma ribeira. A área densificada do bairro fica localizada na base do Lombo de Craquinha.

Do exame da ocupação urbana do presente período, constata-se também, áreas de crescimento urbano compostas por construções muito dispersas, e o acréscimo de áreas urbanas enquadrando propriedades agrícolas.

No entanto visualiza-se também alguma área de construção dispersa nos espaços dos bairros da Pedra Rolada e do bairro do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério. Este ultimo, estendendo-se para os terrenos do bairro da Ribeira de Julião. De realçar, uma construção isolada, localizada nos terrenos do bairro da Ribeirinha, a leste do Albergue Municipal.

A condição agrícola em crescimento é visualizada nos terrenos do bairro da Pedra Rolada, contíguos à Estrada de acesso à Baía das Gatas, e nas zonas de vale situadas nos bairros da Ribeira da Craquinha e da Ribeira do Passarão.

As áreas de construções muito dispersadas predominam-se nos terrenos localizados fora do perímetro urbano em estudo. Estas são visualizadas nas zonas periurbanas do Lameirão, Ribeira de Julião e Ribeira da Vinha.

Seguindo-se para os terrenos contíguos à orla marítima depara-se com uma paisagem livre de construções e realçada por uma zona de salina – zona de Salgados. Estes terrenos estão identificados pela ampliação dos espaços da Shell no bairro da Galé.

O espaço da orla marítima tem a expansão do presente período visualizado no enquadramento de um cais de pesca, contíguas as respetivas instalações físicas em terra – o edifício do Complexo de Pesca localizado no bairro do Dji d'Sal. Neste bairro, pode-se observar também: a adição de uma nova construção – o edifício do Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pesca [INDP]; a expansão dos terrenos da antiga companhia *Wilson Sons* – espaços da Oficinas Navais de S. Vicente [ONAVE]; uma área desportiva, em terra batida, localizada no limite da sua área construída. O complexo de pesca e o cais de pesca localizam-se nos espaços da antiga praia da Cova de Inglesa.

Importante salientar que os espaços da ONAVE, usualmente utilizados como oficinas de fundição de ferro, construções metálicas, metalomecânica etc, foram colocados em liquidação no ano de 2009⁶³.

A tendência de construções industriais nos espaços mais próximos da costa prevalece não somente nestas duas ocupações urbanas visualizadas nos terrenos contíguos à orla marítima mas também no crescimento da linha industrial no bairro da Zona Industrial Sul, visualizado no período de 1973-1982. Esta linha de construções industriais inicia-se na Avenida Manuel de Matos e alonga-se pelos dois lados da Estrada da Ribeira de Julião/Calhau. As construções industriais estendem-se também em direção à costa, seguindo-se até as proximidades do bairro do bairro do Dji d'Sal. Ainda, nos espaços do bairro da Zona Industrial Sul pode-se observar a expansão do espaço físico do Cemitério, para sul, até a fronteira deste bairro com o bairro da Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério.

Seguindo-se para o sudeste visualiza-se os espaços da Empresa Construções Metálicas, contígua à leste de uma outra construção do tipo industrial. Nas suas proximidades destaca-se uma pequena construção envolvida em uma extensa área vedada. Esta, com espaços

⁶³Oficinas navais em Liquidação (n.d.). A Semana, 19 de Julho de 2009. In <http://www.asemana.publ.cv/?ONAVE-E-P-Oficinas-Navais-de-S-Vicente-em-Liquidacao>. Acedido em 10 de Maio de 2017.

pertencentes a CV Telecom, localiza-se no bairro da Ribeira de Julião, nos terrenos contíguos a oeste da área da antiga Radio Naval.

Este crescimento não residencial estende-se também para os terrenos urbanos contíguos a sul do perímetro urbano integrado na presente análise. Distingue-se: a Estação de Tratamento de águas Residuais [ETAR], localizado na zona periurbana da Ribeira da Vinha; uma área ocupada por construções do tipo industrial, localizada a sudeste do limite urbano; a ampliação das construções contíguas a sul da Estrada da Ribeira de Julião/Calhau. Estes dois últimos localizados na zona periurbana da Ribeira de Julião.

De realçar também as seguintes construções de serviços não englobadas por construções habitacionais, situadas no bairro da Torrada: o campo de futebol e do armazém da COPA, integrados também no espaço da 'Ribeira seca'; os espaços do Liceu Augusto Pinto e uma escola de Ensino Básico. Esta última localizada no bairro da Torrada, faz fronteira com os bairros do Chã de Monte Sossego, Monte Sossego e Fonte Francês.

No contexto geral da cidade, no presente período, pode-se aperceber que o bairro da Ribeira de Julião, ainda em formação, diferencia de qualquer outro bairro, da urbe mindelense, Fig. 101. Isto advém:

- Pela integração dos espaços de uma ribeira, Ribeira do Lameirão, delimitando toda a extensão norte do bairro e criando um impacto visual – área de vale, ribeira seca e de característica torrencial quando chove – na imagem urbana do bairro, predominantemente edificada.
- Pela topografia, desenvolvendo-se por terrenos essencialmente planos, contrapondo à génese dos bairros urbanos do Mindelo – iniciando-se essencialmente em terrenos de cota elevada e direcionadas à orla marítima/água.
- Pela sua tipologia construtiva. Esta é definida por três áreas urbanas em crescimento, envolvidas por uma via principal. Esta via encontra interligada a sudoeste com a Estrada de Ribeira de Julião/Calhau e a nordeste com uma que dá acesso à Estrada do Fernando Pó, após atravessar o bairro da Ribeira de Craquinha.

Os espaços urbanos do bairro, dos anos 60, desenvolvem-se para os terrenos localizados a norte da via principal, e conjuntamente com estes demarcam uma área urbana composta essencialmente por vivendas geminadas. A terceira área urbana deste bairro apresenta a sudeste da via, localizados em terrenos um pouco afastado da via principal. É composta por casas geminadas.

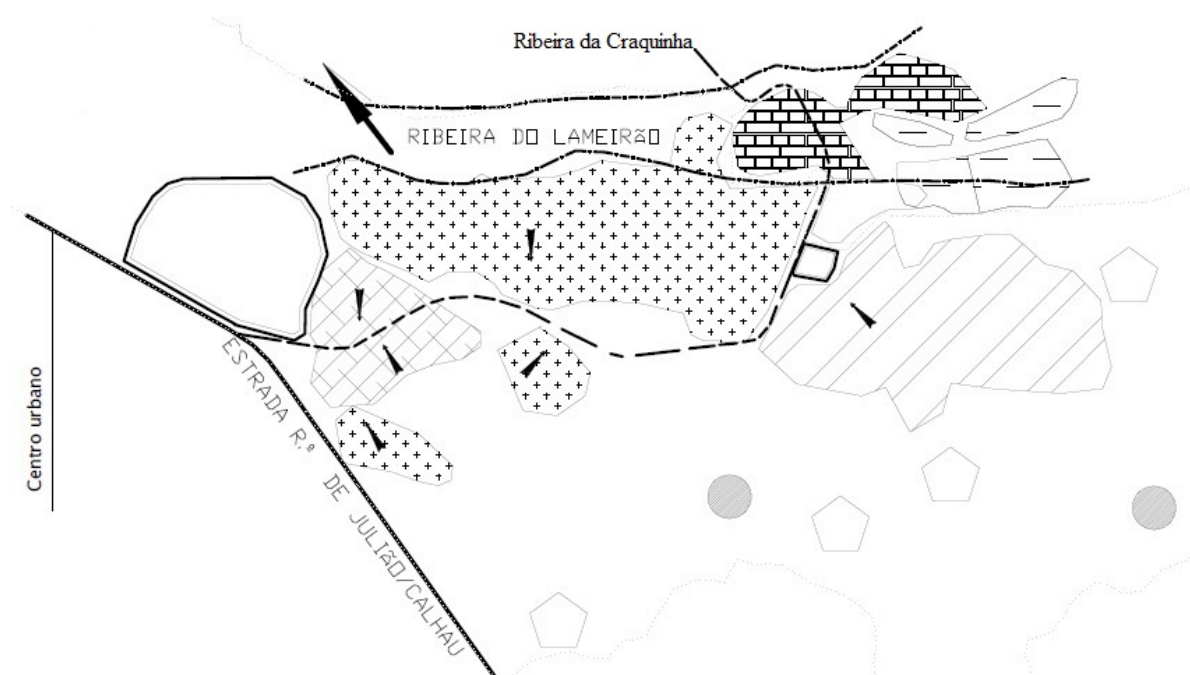


Fig. 101: Análise da área residencial do bairro da Ribeira de Julião em 2003. Esc: 15.000. Fonte: Autor

Legenda

	Elevações, H= 50-100metros		Construções não residenciais
	Elevações, H= 101-150metros		Área urbana no bairro da Ribeira do Passarão
	Área de vivenda		Sentido de orientação das construções
	Área preexistente		Via principal
	Área de casas geminadas		Áreas agrícolas
	Limites do bairro da R.ª de Julião		Direção da Orla Marítima

Esta nova área urbana destaca-se como referência do desligamento da ocupação urbana dos elementos distintivos do Mindelo – topografia, orla marítima/água e centro urbano. Mesmo, uma pequena área urbana em expansão nas proximidades de uma ribeira apresenta-se desligada desta. A colina existente na zona permanece essencialmente livre de construções urbanas, sendo

as existentes, orientadas no sentido da via principal, ou seja, de costa para o espaço da ribeira, destacando assim, esta via como elemento de força na construção da imagem destes novos espaços urbanos do Mindelo.

É também de realçar as transformações observadas nas seguintes vias de ligação do Mindelo com às zonas localizadas fora do perímetro urbano:

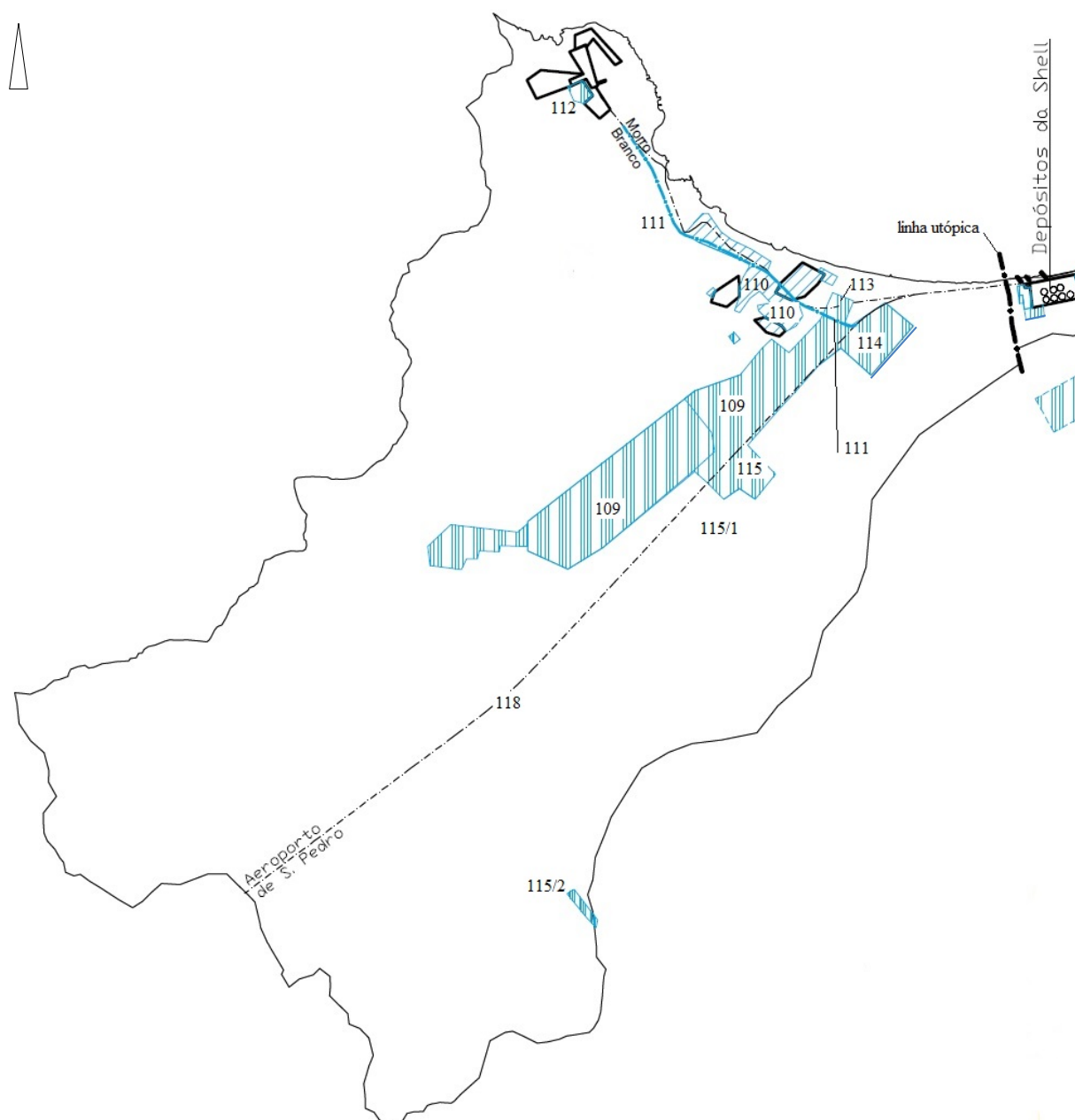
- A redefinição do traçado da via de ligação entre cidade e a zona periurbana de São Pedro – composta pela Rua do Morguinho e a Estrada do Lazareto/S. Pedro. Esta, anteriormente seguindo-se pela base do Monte do Forte Velho, atravessando os terrenos do bairro do Dji d'Sal, é redefinida. Iniciando-se na interseção com a Rua do Morguinho, na base do Monte do Forte Velho – junto aos espaços contíguos à ENACOL, antiga área da Companhia *Millers & Cory* –, contorna a área edificada do bairro do Dji d'Sal, unindo-se à Estrada do Lazareto/S. Pedro nas proximidades, a leste dos espaços da Shell, no bairro da Galé.
- A requalificação do troço inicial do caminho de ligação às zonas interiores da Fazenda Real/Mato Inglês – parte da atual Estrada do Fernando Pó. Este, iniciando-se no espaço urbano entre os bairros do Monte Sossego e do Fonte Francês, prolonga-se até ao bairro da Ribeira de Julião. Nestes espaços, esta via une-se a uma outra via que atravessa toda a área construída do bairro da Ribeira de Julião.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell, 102

A paisagem dos espaços urbanos localizados a oeste dos depósitos da Shell reflete a nova linha de crescimento industrial do Mindelo e da ilha de S. Vicente. Este crescimento industrial, desenvolvendo-se pelos dois lados da Estrada de S. Pedro – no bairro do Parque Industrial do Lazareto –, é realçada pela consolidação da estrutura viária de acesso as parcelas industriais, ainda por edificar.

No entanto, pelos terrenos contíguos à costa, a situação da ocupação urbana muda. Aqui, destaca-se um crescimento urbano de característica residencial, integrado no bairro do Lazareto. A realidade topográfica destes terrenos, zona de cota elevada em relação ao mar, parece irrelevante. Isto advém da inexistência de qualquer componente de enquadramento urbanístico destes espaços urbanos com o mar, praça pública ou via, apresentando uma ocupação urbana estendendo-se até o limite da costa. Este crescimento urbano encontra envolvido pela Estrada do Morro Branco.

A orla marítima integrada nesta parte urbana apresenta-se sem alteração em relação ao período, 1973-1982.



— Até 1982; — 1982-2003 Esc: 1:35.000
 Fig. 102: Ampliação do Esquema 9: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 1982-2003.
 Fonte: Autor.

Legenda

- 108- Estrada de S. Pedro
- 109- Crescimento de característica industrial
- 110- Crescimento urbano em Lazareto
- 111- Redefinição do traçado da Estrada do Morro Branco
- 112- Expansão das construções militares
- 113- COPA

114- Electra

115- CAVIBEL

115/1 – TECNOCASA

115/2 – Parque Eólico do Mindelo

Destaca-se também a expansão das construções militares, localizados no bairro do Morro Branco, e a redefinição da Estrada do Morro Branco. A alteração desta estrada é visualizada no troço de interseção com a Estrada de S. Pedro, após uma área construída visualizada desde do período 1960-1973, e nos seus espaços mais centrais.

Um pouco mais afastada da área urbana destes terrenos visualiza-se a construção do Parque Eólico do Mindelo. Este encontra-se situado no limite sudeste desta terceira parte urbana em análise.

Considerando a realidade física da ocupação industrial destaca-se um conjunto de construções, localizados essencialmente nas proximidades do bairro do Lazareto. Deste é de realçar os espaços da COPA, localizada junto a praia do Lazareto. Do, outro lado da via, nas proximidades desta construção, pode-se observar as novas instalações da Electra, seguindo-se as instalações da Indústria de Bebidas de Cabo Verde [CAVIBEL] e uma área contígua pertencente a empresa de construção civil TECNOCASA.

Importante realçar que a falta de um desenho da cidade do Mindelo ou mesmo da Ilha de S. Vicente, publicada entre os anos de 1975 à 2003, integrando os terrenos do Lazareto e do Morro Branco, dificulta uma definição precisa da alteração urbana destes terrenos no respetivo período.

Interligação viária entre os bairros urbanos, Fig. 103

A qualidade espacial da ocupação urbana do período, 1982-2003, é alcançada também com melhoramento do sistema viário de ligação entre os diferentes bairros urbanos. Esta condição é observada na integração de um conjunto de rotundas, expansão das vias, transformação de caminhos carreteiros em estradas e o enquadramento urbanístico de espaços de ribeira, particularmente os espaços da 'Ribeira seca', integrando-os na zona urbana consolidada. Nestes espaços dessa ribeira visualiza-se um conjunto de tanques, separados por pontes, situados no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque. As pontes estabelecem a interligação entre os terrenos dos bairros contíguos.

A expansão da rede viária é visualizada essencialmente na ampliação dos caminhos carreteiros, sendo estes integrados na rede de estradas. Destacamos: a Estrada de Espia; a via que atravessa os terrenos do bairro da Ribeira de Julião; a expansão da Estrada da Cruz para os terrenos do bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho, interligando-se depois a estrada de ligação entre este último e os bairros da Zona Militar e Chã de Alecrim, e mais a sul, ao troço da expansão, para leste, da Avenida Dr. Alberto Leite; a expansão da via principal do bairro de Chã de Alecrim; a via central do bairro do Fonte Filipe, estabelecendo o acesso aos seus com terrenos de cota mais elevada; expansão da via que passa em frente a Cadeia Civil da Ribeirinha, estendendo-se para o norte até aos terrenos de cota mais elevada; a via entre os bairros da Ribeirinha e do Fonte Inês/Espia; a expansão da Estrada do Fernando Pó em direção ao bairro da Ribeira de Craquinha, expandindo-se a partir deste, até aos espaços do bairro da Ribeira de Julião; o prolongamento da Rua 1, para nordeste, unindo-se depois à via de acesso a rotunda da Ribeira Bote; a Rua dos Bombeiros, interligando o bairro do Dji d'Sal com a Estrada da Ribeira de Julião/Calhau; a rua localizada entre os bairros do Campinho e do Monte Craca; a requalificação do caminho existente, enquadrando atualmente a Rua Renato Cardoso. Esta prolonga-se até ao Bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho.

A via central do bairro do Fonte Filipe une-se, nos seus terrenos de cota mais elevada, com o acesso ao Alto de S. António.

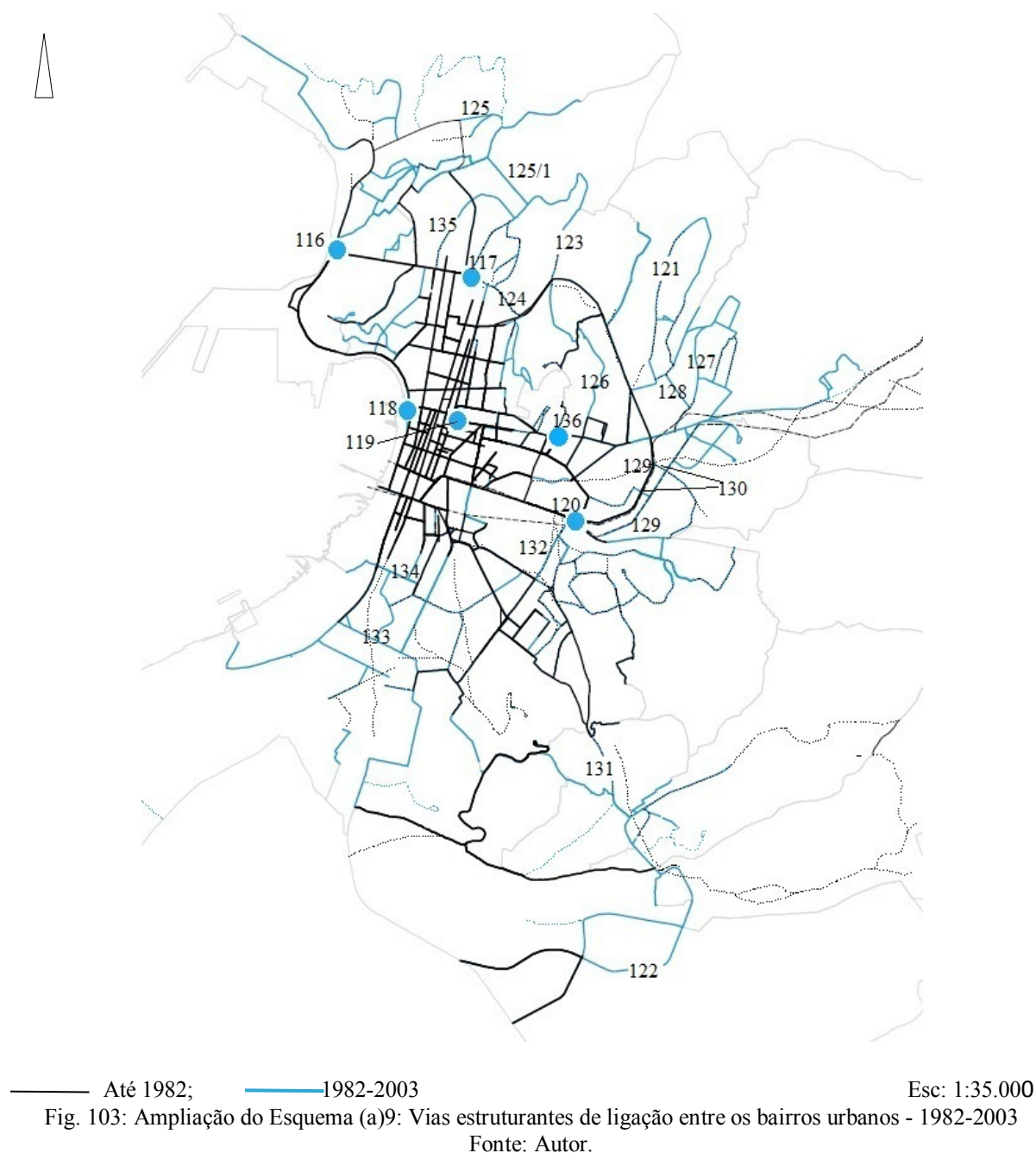
A Rua dos Bombeiros demarca a separação entre a área residencial do bairro do Campinho e a área industrial localizada no bairro da Zona Industrial Sul.

Observar-se que, a transformação dos caminhos, de ligação entre os bairros, em estrada vem definir o limite administrativo, atual, dos diferentes bairros do Mindelo.

Das rotundas destaca-se: a rotunda da Lajinha, localizada junto à praia da Lajinha; a rotunda localizada entre os bairros do Centro da Cidade/Morada, Madeiralzinho e Zona Militar; a rotunda envolvendo o monumento alusivo a Travessia do Atlântico Sul, localizado junto ao edifício da antiga Alfândega do Mindelo, na Avenida Marginal; a rotunda junto ao edifício do Palácio do Povo; a rotunda localizada no limite do bairro do Fonte Cónego, estabelecendo a ligação entre os bairros do Fonte cónego, Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe e da Ribeira Bote; a rotunda da Ribeira Bote. Esta última localiza-se na zona de interseção das ribeiras da Areia Branca e da Pedra Rolada, inicio dos espaços da Ribeira do Paúl – 'Ribeira seca'.

As rotundas localizadas nas proximidades do Palácio do Povo e entre os bairros do Centro da Cidade/Morada, Madeiralzinho e Zona Militar são exclusivamente sinalizadas no

pavimento, ou seja não integram nenhuma área construída. Estas posteriormente foram parcialmente circundadas com vasos de planta.



Legenda

116- Rotunda da Lajinha

117- Rotunda, localizada entre os bairros do Centro da Cidade/Morada, Fonte Meio/Madeiralzinho e Zona Militar

118- Rotunda, envolvendo o monumento da Avenida Marginal

- 119- Rotunda localizada junto ao edifício do Palácio do Povo
- 120- Rotunda da Ribeira Bote
- 121- Estrada de Espia
- 122- Estrada que atravessa os terrenos do bairro da Ribeira de Julião
- 123- Expansão da Estrada da Cruz para o bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 124- Prolongamento, para leste, da Avenida Dr. Alberto Leite.
- 125- Expansão da via principal do bairro de Chã de Alecrim
 - 125/1– Estrada de ligação entre os bairros de Fonte Meio/Madeiralzinho, Zona Militar e Chã de Alecrim.
- 126- Via central do bairro do Fonte Filipe
- 127- Expansão da via que passa em frente à Cadeia Civil da Ribeirinha
- 128- Via entre os bairros da Ribeirinha e do Fonte Inês/Espia
- 129- Vias contornando a oeste os tanques, enquadrados nos espaços da 'Ribeira Seca', no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque.
- 130- Pontes atravessando os tanques da 'Ribeira seca', no bairro da Vila Nova/Lombo Tanque
- 131- Expansão da Estrada do Fernando Pó em direção à Ribeira de Craquinha
- 132- Expansão da Rua 1, até à Rotunda da Ribeira Bote
- 133- Rua dos Bombeiros
- 134- Rua localizada entre os bairros do Campinho e do Monte Craca
- 135- Rua Renato Cardoso
- 136- Rotunda localizada nos terrenos do bairro do Fonte Cónego, contíguos aos bairros do Alto Solarine/Forca, Fonte Filipe e Ribeira Bote.

Mindelo em imagens da época

Reconhecendo a cidade em imagens da época, destacam-se os seguintes panoramas urbanos, Fig. 104 - 105:

1- Uma vista panorâmica da cidade, tirada a partir do monte do Monte Sossego. Fig. 104.

Nesta imagem do ano de 2003, pode-se visualizar a densificação dos espaços dos seguintes bairros: do Monte Sossego em primeiro plano; do Chã de Monte Sossego, a oeste deste, unindo-se ao do Monte Craca, junto ao monte do Forte Velho e após os espaços do bairro do Chã de Cemitério; da Torrada, enquadrando os dois campos de futebol e um armazém da Copa. Segue-se os espaços do bairro do Centro da Cidade/Morada e os dos contíguos. O bairro

da Ribeira Bote é visualizado a leste. Mais ao fundo visualiza-se os restantes bairros localizados a norte da 'Ribeira seca', estendendo-se até ao limite norte da área urbana do bairro do Chã de Alecrim.

Na orla marítima visualiza-se os Silos da Moave, os depósitos da Shell e o cais acostável, nas proximidades do Monte Fortim. Os destroços da ponte-cais da Alfândega, nas proximidades da área central urbana, apresentam-se pouco legíveis nesta imagem.



Fig. 104: Vista panorâmica dos bairros do Mindelo, 2003.

Fonte: Autor.

Legenda

1-Monte do Forte Velho; 2- Campos de futebol; 3- Armazém do COPA; 4- Alto do Santo António; 5- Monte Fortim; 6- Prédio 2000; 7- Liceu Ludjero Lima; 8- Silos da Moave; 9- Ruínas do Cais da Alfândega; 10- Depósitos da Shell; 11- Cais acostável.

Pode-se observar, uma paisagem urbana composta essencialmente por construções de pequenas dimensões, geralmente geminadas, enquadrando aqui e acolá alguns conjuntos urbanos homogêneos e realçada por um edifício em altura – prédio 2000, nas proximidades do Liceu Ludjero Lima, antigo Liceu Gil Eanes. Este prédio fica localizado no bairro de Chã de Monte Sossego. A imagem destes espaços urbanos, pelo enquadramento desse edifício desarticulado com a sua envolvente – edifício 2000, ênfase o crescimento urbano denso e praticamente isento de áreas de lazer público/urbano. O monte de Alto de Santo António, cujas

encostas encontravam ainda no período anterior, 1973-1982, praticamente sem construções, ostenta-se algumas construções.

Outro aspeto importante é a ocupação do solo urbano, aparentando praticamente edificado todo os terrenos de construção mais 'viável'.

2- A imagem da orla marítima no ano de 2003, mais precisamente a imagem do espaço urbano localizado entre a Torre do Mindelo, Réplica da Torre de Belém e atuais espaços do Museu do Mar, e os depósitos da Shell situados na Avenida Marginal. Fig.105.



Fig. 105: Orla marítima do Mindelo, 2003
Fonte: CMSV

Legenda

1-Estatua do Diogo Afonso; 2- Depósitos da Shell; 3- Ruínas da ponte-cais da Alfândega; 4- Ruínas da ponte-cais da Companhia de S. Vicente; 5- Alfândega Velha; 6- Monumento – 'Mastro'; 7- Monumento – Pássaro; 8- Antigo Comando Naval; 9-Praia de Bote; 10-Rua da Praia, integrado atualmente nos espaços da Avenida Marginal; 11- Edifício do antigo Consulado Inglês; 12- Praça Nhô Roque – poeta António Aurélio Gonçalves.

No primeiro plano desta imagem destaca-se a estátua do Diogo Afonso – monumento comemorativo dos descobrimentos. Os outros dois marcos referenciais enquadrados nestes espaços apresentam-se pouco legíveis, nesta imagem, nomeadamente o 'mastro' em mármore

localizado nas proximidades do edifício do antigo Comando Naval, e o monumento 'Pássaro', junto ao edifício da Alfândega Velha.

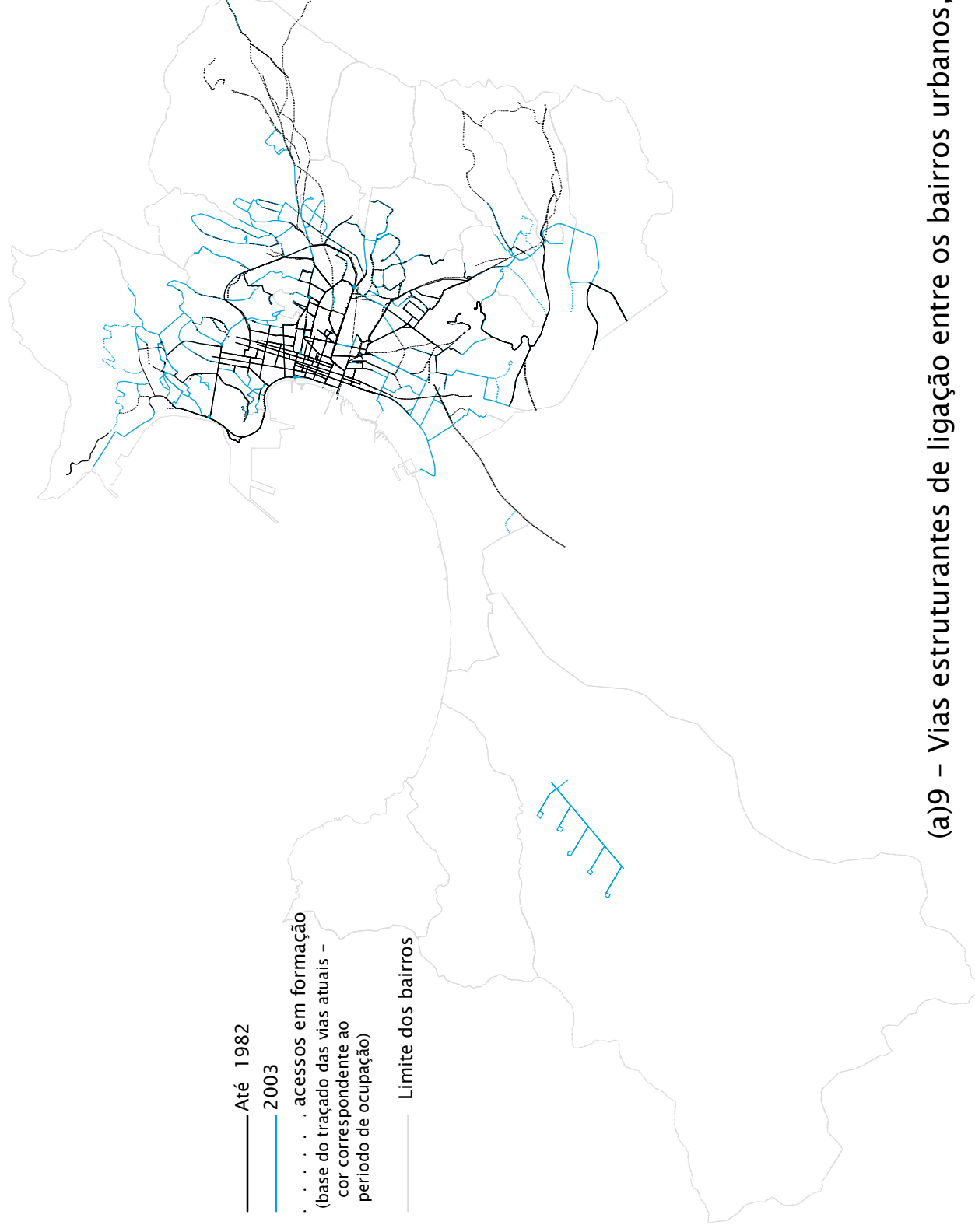
Pode-se observar que a imagem visual do local em 2003 é demarcada pelas ruínas dos pontes-cais, da Alfândega, mais a norte, e da antiga Companhia Carvoeira de S. Vicente. No entanto é relevante: a clareza de articulação entre estes espaços urbanos e à área construída; o alcance visual da água – proporcionada pela inexistência de construções contíguas à orla; uma continuidade de leitura da orla visualizada entre a Torre do Mindelo, contígua a sul da Estatua do Diogo Afonso, e os depósitos da Shell.

Resumindo, a ocupação urbana do período, 1982-2003, reflete a perda de uma das características básicas do crescimento urbano do Mindelo – a inter-relação terra/água, sendo o elemento água realçada ou pela orla marítima ou pelas ribeiras. Esta inter-relação, sempre presente ao longo dos períodos anteriores da presente análise é observada essencialmente na interação das construções com a água

Esta alteração é definida pela expansão urbana por terrenos planos, localizados a sul da 'Ribeira seca', sem nenhuma relação com o elemento água e completamente desligados da orla marítima, demarcando assim, o início do crescimento urbano da cidade relacionado essencialmente com a viabilidade/qualidade do solo para a edificação urbana. O componente, 'forte', de distinção do Mindelo como uma cidade costeira – orla marítima/água – torne-se 'fraco' nestes lugares interiores. Isto advém, essencialmente pela inexistência de um sistema viário penetrando o elemento água para o interior urbano, ou seja, estabelecendo uma ligação clara e identitária destes terrenos com a frente mar.

No entanto, a presença marinha mantém-se nos espaços urbanos localizados a norte da 'Ribeira seca'.

De realçar também a adição de uma nova linha de crescimento industrial, nos terrenos do bairro do Lazareto, encontrando-se interligado à Estrada de S. Pedro.



(a)9 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 1982–2003

3.3.11. 2003 – 2010: A expansão urbana para terrenos contíguos ao limite urbano do Mindelo [Esquemas 10 e (a)10; Mapa 11]

Com a significativa expansão urbana visualizada no período anterior, 1982-2003 – alterando a génese dos bairros –, a paisagem urbana da cidade no presente período expanda-se para os terrenos localizados fora do perímetro urbano existente, predominantemente por terrenos contíguos às zonas habitacionais e pelas estradas de ligação da cidade com os terrenos localizados no interior/litoral da ilha.

Neste período, as variações nos espaços urbanos preexistentes é relevante, pelo preenchimento com construções/requalificação de praticamente todos os terrenos urbanos sem construção, visualizados no período de 1982-2003, surgindo assim, uma cidade de imagem compacta, ladeada por montanhas e matizada por cinco espaços urbanos de referência:

- Alguma área livre observada nos montes do Fortim e de Alto Santo António. Estes espaços sem construção apresentam-se enquadrados nas áreas urbanas estruturadas.
- Os espaços das ribeiras, do Lameirão – atravessando todo os terrenos urbanos localizados a sul – e parte da 'Ribeira seca'. Esta iniciando-se nas proximidades da rotunda da Ribeira Bote, alarga-se pelos tanques localizados em Vila Nova/Lombo Tanque, seguindo-se para nordeste, pelos terrenos do bairro da Ribeirinha.
- A zona de Salgados localizada no bairro da Galé.

Constata-se também que no geral as áreas urbanas densificadas encontram localizadas em espaços urbanos consolidados no período anterior, 1982-2003 – apresentando poucas parcelas/áreas livres urbanos por preencher. O enquadramento de quase a totalidade das áreas livres urbanas/de reserva urbana, no presente período, reflete na paisagem urbana do Mindelo – paisagem cerrada, composta de blocos de cimento. Fig. 104, e 112.

Porém no contexto geral da cidade, esta paisagem urbana – parcialmente visualizada no período 1982-2003 com o alargamento da cidade pelas encostas dos montes, enquadrando os terrenos da cratera envolvente da cidade, e preenchida com a densificação destes espaços urbanos no período 2003-2010 – conserva a imagem dos três elementos distintivos do Mindelo – orla marítima/água, topografia/elevações e ribeiras, e o centro urbano. 'Isto advém do contraste de cores visualizado, entre estes elementos e a ampla área urbana, nas vistas aéreas da cidade'⁶⁴.

⁶⁴ No final do texto encontra-se integrada um panorama de uma parte da ilha de S. Vicente, onde visualiza-se a integração dos três elementos distintivos da cidade do Mindelo, justificados nesta tese de doutoramento.

A topografia é realçada pelos montes de cores e silhuetas diversificadas, envolvendo toda à área edificada, e pelos espaços das linhas de água, que embora apresentem alguma construção urbana detêm a sua maior extensão isenta de edificações. Estes terrenos sem construção, destacados pelos terrenos da 'Ribeira seca' e da Ribeira do Lameirão, demarcam a fragmentação da extensa paisagem de cimento.

A água, realçada pelo azul do mar contrastando com a terra árida e a grande paisagem de cimento, é delimitada pela linha física de encontro entre a terra e o mar. Este elemento tão omnipresente e forte evidência o Mindelo como uma cidade costeira.

A área central, pela organização da sua estrutura urbana enquadrada em uma malha ortogonal e pela sua localização estratégica, junto ao mar, evidencia-se como local de convergências do crescimento urbano do Mindelo.

Todavia, é de realçar que esta imagem urbana, de conjunto, da cidade refletida nas 'vistas aéreas', não corresponde a relação existente entre a ocupação urbana e os elementos distintivos do Mindelo. Esta desarticulação vem acentuando-se ao longo dos períodos de ocupação urbana integrados na presente tese de doutoramento.

Os terrenos urbanos situados após a zona de Salgados, embora em expansão e enquadrados em parte no limite urbano de 2010, apresentam-se desenraizados da urbe mindelense da época. A preservação dos terrenos do bairro da Galé, como área de risco – zona de Salgados –, e o fraco crescimento urbano dos terrenos contíguos a costa sul do Mindelo contribuam para uma fragmentação urbana. De realçar que esta área urbana encontra situada em terrenos expostos aos ventos dominantes do nordeste, dificultando assim a consolidação dos seus espaços.

Com o desenraizar do crescimento urbano dos três elementos distintivos do Mindelo e o início de uma ocupação urbana interligada essencialmente a qualidade de terrenos para edificação, altera-se a relevância do elemento água, para à topografia. Esta última não é realçada pelas elevações/ribeiras, mas por terrenos mais planos.

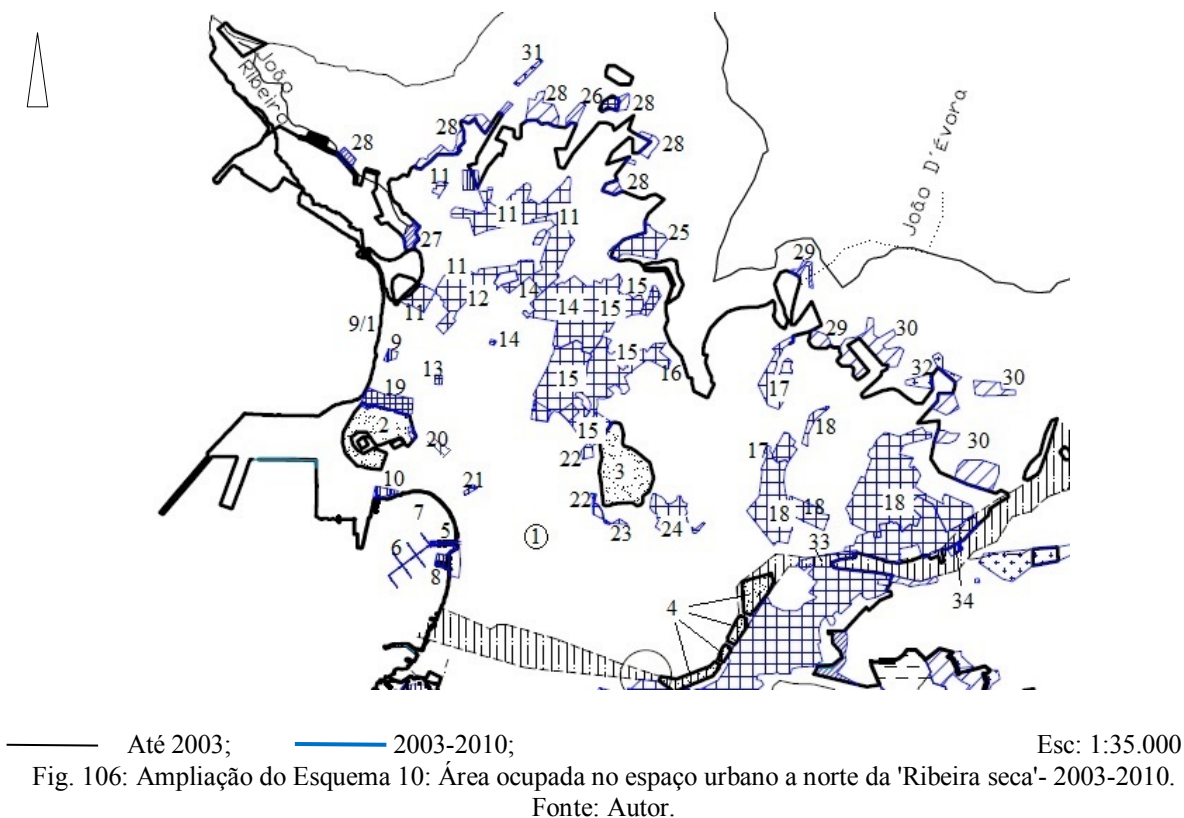
A orla marítima da época evidencia-se pela requalificação da antiga ponte-cais em frente ao edifício da velha Alfândega e pela adição de uma marina, contígua a esta ponte-cais. De salientar que, no presente período não é visualizado a ponte-cais de pequenas dimensões, visualizado junto ao Terminal de passageiros em transito pelas ilhas, no período de ocupação urbana anterior, 1982-2003.

Espaço urbano, a norte da 'Ribeira seca', Fig. 106

Os espaços urbanos localizados a norte da 'Ribeira seca' refletem a característica base da ocupação urbana da época – a compactação dos terrenos urbanos, possibilitando a expansão da cidade para fora do perímetro urbano do Mindelo. Esta característica da ocupação urbana é alcançada na predominância da densificação dos espaços urbanos e a fraca expansão urbana integrada nos limites da cidade, pela falta de terrenos de qualidade para a construção urbana.

A densificação das áreas urbanas, definida na presente tese pela ausência de espaços urbanos livres de construções, permite uma diminuição do nível de referência dos lugares, apresentando estes completamente interligados. A densificação de terrenos enquadrados em áreas urbanas existentes é visualizada nos bairros do Chã de Alecrim, Alto Morabeza, Che Guevara, Zona Militar, Fonte Meio/Madeiralzinho, Cruz João Évora, Fonte Inês/Espia, Ribeirinha, Fortim/Escola Técnica, Alto S. Nicolau, Centro da Cidade/Morada, Alto Santo António, Alto Solarine/Forca, e do Fonte Filipe. Destes, destacam-se os bairros da Ribeirinha e do Fonte Meio/Madeiralzinho, pela dimensão dos espaços urbanos densificados. Os bairros periféricos mais antigos, do Alto do Solarine/Forca, Alto S. Nicolau e do Fonte Filipe, bem como o bairro do Centro da Cidade/Morada, pelo enquadramento de áreas de maior procura urbana, ostentam-se pouco espaços por preencher.

Evidencia-se também, a inclusão de áreas urbanas densificadas, nas áreas de crescimento urbano. Estas, definidas por conjuntos urbanos estruturados, localizam-se essencialmente no limite da ocupação urbana do período 1982-2003, em particular, no bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho – Complexo multifuncional Pombas Brancas – e no bairro de Chã de Alecrim. Este último é definido por uma área urbana, situada um pouco afastada das construções existente no bairro. O Pombas Brancas é composto por um conjunto residencial e de serviços, essencialmente de restauração e realização de eventos. Ambos, localizados em terrenos de cota elevada, preservam o sentido de orientação das suas construções em direção à orla marítima/água, posicionando-se em terrenos de fácil construção de imagens panorâmicas da orla e da cidade.



Legenda

- 16- Área urbana densificada, no bairro da Cruz João Évora
- 17- Área urbana densificada, no bairro de Fonte Inês/Espia
- 18- Área urbana densificada, no bairro da Ribeirinha
- 19- Área urbana densificada, no bairro do Fortim/Escola Técnica – Conjunto multifuncional, Copacabana
- 20- Área urbana densificada, no bairro do Alto S. Nicolau
- 21- Área urbana densificada, no bairro do Centro da Cidade/Morada
- 22- Área urbana densificada, no bairro do Alto Santo António
- 23- Área urbana densificada, no bairro do Alto Solarine/Forca
- 24- Área urbana densificada, no bairro de Fonte Filipe
- 25- Conjunto multifuncional, Pombas Brancas, em Fonte Meio/Madeiralzinho
- 26- Conjunto residencial de base estruturada, em Chã de Alecrim
- 27- Edifício com mais de sete pisos em Chã de Alecrim
- 28- Crescimento urbano, no bairro do Chã de Alecrim
- 29- Crescimento urbano, no bairro do Fonte Inês/Espia
- 30- Crescimento urbano, no bairro do Ribeirinha
- 31- Crescimento urbano dispersa, no bairro da Chã de Alecrim
- 32- Crescimento urbano dispersa, no bairro da Ribeirinha

Nos espaços da 'Ribeira seca'

- 33- Densificação da área urbana em crescimento no período 1982-2003
- 34- Placa desportiva

O conjunto urbano estruturado, constituído por construções geminadas e com dois pisos, localizado em Fonte Meio/Madeiralzinho, Fig. 107, define uma nova característica do crescimento urbano mindelense – a integração de conjuntos urbanos de base planeados, integrando edifícios de habitação e de serviços, essencialmente localizados nos limites da cidade. Outros exemplos deste enquadramento são observados:

- Nos espaços do bairro do Fortim/Escola Técnica, mais precisamente nos terrenos da antiga Frigorífica, pelo enquadramento do conjunto multifuncional do Copacabana, embora este seja composto por edifícios com mais de sete pisos.

Importante realçar a mudança da função industrial dos antigos espaços da Frigorífica, datados do período 1946-1960 e visualizados ainda em 2003, para função residencial.

- No bairro do Chã de Alecrim, pelo enquadramento de um edifício residencial com mais de sete pisos, em uma área de crescimento urbano. Este, situado nos terrenos contíguos a norte da Central Elétrica, apresenta-se desligado do contexto urbano envolvente, constituído essencialmente por construções de um a dois pisos, exceto uma construção com três pisos localizado a leste deste. De salientar também a inexistência de qualquer via de acesso estruturante ou mesmo espaços de lazer, nos terrenos contíguos ao edifício.



Fig. 107: Ampliação do Mapa 10 – Conjunto multifuncional, Pombas Brancas. 2010.
Fonte: Autor. Base de trabalho: Ortofotomapas da Ilha de S. Vicente – 2010. CMSV.

Pode-se observar que o fraco crescimento urbano visualizado nos terrenos situados a norte da 'Ribeira seca' emerge um problema urbano, predominantemente relacionado com a inexistência de um sistema viário estruturado e enquadrado no contexto da cidade, possibilitando assim, melhor acesso aos terrenos urbanos localizados em zonas de cota mais elevada, relevantes nestes espaços urbanos do Mindelo.

Visualiza-se um crescimento urbano de forma exígua nos limites da ocupação urbana do período anterior, 1982-2003, sendo demarcado por pequenos grupos de construções predominantemente desorganizados e localizados nos bairros do Chã de Alecrim, Fonte Inês/Espia e da Ribeirinha.

O crescimento urbano composto por construções dispersas no terreno é observado nos terrenos do Chã de Alecrim e da Ribeirinha. No entanto, pode-se observar que, no presente período, este tipo de ocupação urbana é praticamente insignificante.

A realidade física dos espaços situados a norte da 'Ribeira seca', onde o desnível do terreno está sempre presente, ressalta o enquadramento de uma área desportiva, em terra batida. Situa-se no limite da área do crescimento urbano do bairro de Chã de Alecrim, visualizado no período 1982-2003, mais precisamente, nos espaços de uma linha de água direcionada a Ribeira da Matiota.

Os terrenos contíguos à orla marítima encontram-se destacados: pela requalificação dos espaços urbanos contíguos a sul dos espaços da FIC, em frente a praia da Lajinha, pela integração de uma área de estacionamento; pelo enquadramento de um estacionamento junto ao edifício do Terminal de passageiros em trânsito entre as ilhas.

Constata-se que no presente a ocupação urbana dos terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca' é essencialmente de característica residencial.

Seguindo-se para o sul, os terrenos da 'Ribeira seca' são evidenciados por uma área urbana densificada, localizada nas proximidades da Escola da Ribeirinha, e pela adição de uma placa desportiva. Ambos localizados no bairro da Ribeirinha.

Os restantes terrenos da 'Ribeira seca' preservem a imagem do período de ocupação urbana 1982-2003.

Espaço urbano a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, Fig. 108

Neste período a ocupação urbana dos terrenos localizados a sul da 'Ribeira seca', seguindo-se até aos depósitos da Shell, é realçada pela predominância da densificação de áreas urbanas preexistentes em relação a novas áreas de crescimento urbano, e também pela expansão urbana para os terrenos localizados fora do perímetro urbano da cidade do Mindelo. Esta última é visualizada em zonas de crescimento urbano dispersa, visualizadas no período 1982-2003, nomeadamente: nas zonas periurbanas do Lameirão, a leste, e nas zonas da Ribeira de Julião e da Ribeira da Vinha, a sul. Estas duas últimas desenvolvem-se de forma autónoma e essencialmente situados entre linhas de águas, ocupando terrenos anteriormente agrícolas. A expansão urbana na zona do Lameirão, integrada em terrenos de cota elevada, desenvolve-se pelos dois lados da Estrada da Baía das Gatas. Nestes espaços urbanos visualiza-se também,

algumas áreas de crescimento urbano dispersado. Estas são evidenciadas em duas áreas urbanas situadas na zona periurbana do Lameirão.

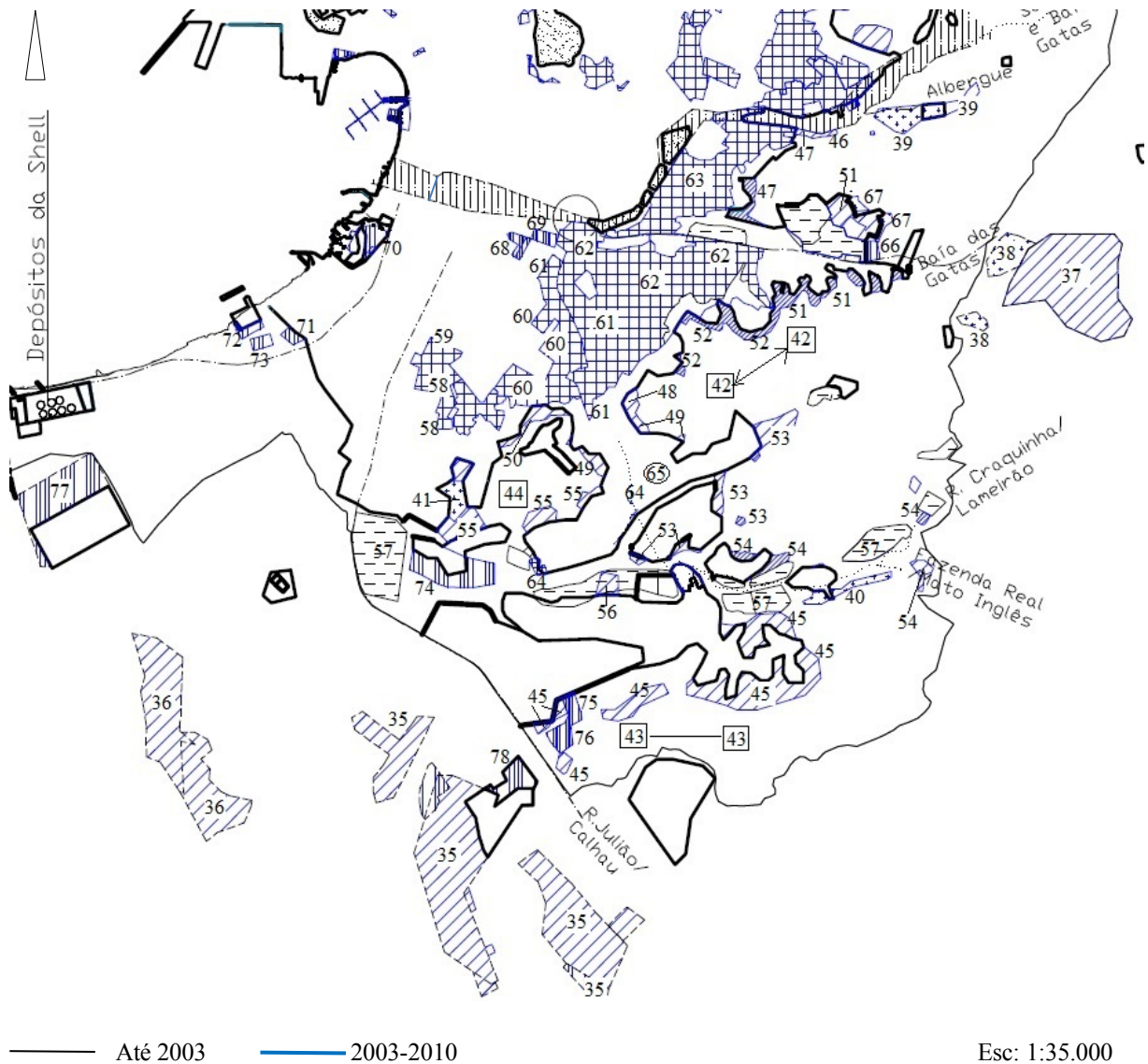


Fig. 108: Ampliação do Esquema 10: Área ocupada no espaço urbano a sul da 'Ribeira seca' até aos depósitos da Shell, 2003-2010. Fonte: Autor.

Legenda

- 35- Crescimento urbano para fora do limite atual da cidade – Zona da Ribeira de Julião
- 36- Crescimento urbano para fora do limite urbano atual, da cidade – zona da Ribeira da Vinha
- 37- Crescimento urbano para fora do limite urbano, atual da cidade – zona do Lameirão
- 38- Crescimento disperso na zona do Lameirão
- 39- Crescimento disperso em Ribeirinha
- 40- Crescimento disperso em Ribeira do Passarão
- 41- Crescimento disperso no bairro de Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério

- 42- Vazio urbano - Cordilheira, enquadrando o Monte do Passarão
- 43- Vazio urbano – Monte da Ribeira de Julião
- 44- Vazio Urbano – Encosta sul do Monte Sossego
- 45- Crescimento urbano em Ribeira de Julião
- 46- Crescimento urbano em Ribeirinha
- 47- Crescimento urbano em Vila Nova/Lombo Tanque
- 48- Crescimento urbano em Fonte Francês
- 49- Crescimento urbano em Fernando Pó
- 50- Crescimento urbano em Monte Sossego
- 51- Crescimento urbano em Pedra Rolada
- 52- Crescimento urbano em Bela Vista/Pedreira
- 53- Crescimento urbano em Ribeira de Craquinha
- 54- Crescimento urbano em Ribeira do Passarão
- 55- Crescimento urbano em Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério
- 56- Crescimento urbano em área anteriormente agrícola, no bairro da Ribeira de Julião
- 57- Áreas agrícolas
- 58- Área urbana densificada em Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério
- 59- Área urbana densificada em Chã de Monte Sossego
- 60- Área urbana densificada em Monte Sossego
- 61- Área urbana densificada em Fonte Francês
- 62- Área urbana densificada em Bela Vista/Pedreira
- 63- Área urbana densificada em Vila Nova/Lombo Tanque
- 64- Estrada de acesso à zona periurbana da Fazenda Real/Mato Inglês
- 65- Ocupação urbana, 1982-2003
- 66- Campo para prática desportiva, no bairro da Pedra Rolada
- 67- Crescimento urbano dispersa, no bairro da Pedra Rolada
- 68- Enquadramento do Liceu José Augusto Pinto em uma vedação
- 69- Expansão dos armazéns do COPA, no bairro da Torrada
- 70- Área de lazer/prática desportiva, nos terrenos do Monte do Forte Velho, em Monte Craca
- 71- Área cercada por uma vedação baixa, em Dji d'Sal – campo em terra batida no período de 1982-2003
- 72- Ampliação da vedação das instalações do INDP
- 73- Campo, em terra batida, para prática desportiva, em Dji d'Sal

- 74- Expansão da área industrial, junto a Ribeira do Lameirão, no bairro da Ribeira de Julião
- 75- Aldeia SOS
- 76- Uma zona de estaleiros, no bairro da Ribeira de Julião
- 77- ETAR, na zona da Ribeira da Vinha
- 78- Expansão da área industrial, fora do limite atual da cidade, na zona periférica da Ribeira de Julião

A ocupação urbana dispersa é visualizada também nos terrenos incluídos no perímetro urbano do presente estudo, em particular nos bairros da Ribeirinha e do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério.

A densificação dos espaços urbanos preexistentes, dominante nos terrenos desta segunda parte urbana em análise, é visualizada nos bairros do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério, Chã de Monte Sossego, Monte Sossego, Fonte Francês, Bela Vista/Pedreira, Vila Nova/Lombo Tanque e da Ribeira do Passarão. Estas áreas urbanas contrastam-se com a paisagem urbana desobstruída observada nos espaços mais elevados dos montes envolventes. Os bairros do Fonte Francês, Bela Vista/Pedreira e da Vila Nova/Lombo Tanque destacam-se pela extensão das suas áreas urbanas densificadas.

A função primária do crescimento urbano, ligada à componente residencial, destes terrenos localizados a sul da 'Ribeira seca' é salientada também pela componente não residencial. Esta encontra realçada: pelo enquadramento paisagístico dos terrenos da encosta leste do Monte do Forte Velho, no bairro do Monte Craca – integração de uma área de lazer público e da prática de exercícios físicos; pela ampliação do espaço físico do Liceu José Augusto Pinto – integração de conjunto edificado e áreas envolventes, em uma vedação, situado no bairro da Torrada; pela ampliação dos armazéns do COPA, localizados no bairro da Torrada; pelo enquadramento de uma área cercada por uma vedação de baixa altura localizada no bairro do Dji d'Sal, nos terrenos do campo de terra batida visualizado no período 1982-2003, alargando-se para os terrenos contíguos a sudoeste; pela integração de um novo campo para prática desportiva, em terra batida, contíguo à leste do Complexo de Pesca, situado no bairro do Dji d'Sal; pela expansão da vedação do Complexo de Pesca; pela ampliação da área industrial localizada no bairro da Ribeira de Julião, junto aos espaços da Ribeira do Lameirão; pela integração dos espaços da Aldeia SOS, no bairro da Ribeira de Julião; pela integração de área de estaleiro, contíguo a sudeste da Aldeia SOS; o enquadramento de uma área terraplanada, para prática desportiva, localizada no limite da área construída no bairro da Pedra Rolada.

Esta característica heterogénea da ocupação urbana deste período é visualizada também na ocupação urbana para fora do perímetro urbano do presente estudo, pelas inclusão de áreas habitacionais e industriais, em particular, na expansão dos espaços da ETAR, situada na zona periurbana da Ribeira da Vinha, e no conjunto de construções industriais localizados junto a Estrada da Ribeira de Julião/Calhau.

Espaço urbano, a oeste dos depósitos da Shell, Fig. 109

Seguindo-se para o oeste, após os depósitos da Shell, depara-se com uma paisagem ampla demarcada pela dimensão de terrenos livres de construção, salientada pela Estrada de acesso ao Morro Branco, atravessando toda a extensão dos terrenos costeiros.

Pode-se observar que as construções urbanas estendem para os terrenos contíguos à orla marítima, contrariando a tendência do enquadramento de vias estruturantes contíguas à linha física de delimitação entre terra e água, visualizada nos terrenos localizados até os depósitos da Shell. A zona costeira destes terrenos apresenta, predominantemente, uma cota elevada em relação à água, sendo a parte de praia – Paria do Lazareto – evidenciada por uma área de lazer localizada em frente ao edifício do COPA.

A ocupação urbana destes terrenos, a oeste da Shell, apresenta-se fragmentada em três áreas distintas: a militar, nos espaços do bairro do Morro Branco; a residencial, nos terrenos do bairro do Lazareto; a industrial, nos terrenos do bairro do Parque Industrial do Lazareto. Esta diversidade funcional, já visualizada no período de ocupação urbana 1982-2003, destaca-se no período presente período, pela afirmação da área residencial. Esta iniciando-se nos terrenos junto à costa, expande pela encosta dos montes envolventes.

O crescimento urbano de característica residencial – localizada entre a área militar, a noroeste, e a industrial, a sudeste – observada de forma exígua e desordenada no período de 1960-1973 – apresenta-se em expansão estruturada, para sudoeste. Tem as suas construções essencialmente orientadas a sudeste, sem ligação direta com a água. Isto advém do facto desta área urbana estar exposta a ação direta dos ventos dominantes do Nordeste. Este crescimento urbano é composto: por áreas de base estruturada, localizada particularmente nos terrenos contíguos ao edifício do COPA, mas também pelos situados junto do limite da ocupação urbana anterior; por áreas de construção dispersada, situadas no limite da área construída no presente período; uma área de lazer, localizado em frente ao edifício do COPA.

A área industrial desenvolve-se essencialmente nos terrenos localizados a sudeste da Estrada de S. Pedro. É destacada pelos espaços das empresas do Armando Cunha, Cintila e do

C.I.C, e mais duas áreas com construções industriais, sendo uma contígua a sudoeste dos terrenos da TENOCASA e uma outra mais afastada desta.

A expansão urbana nos terrenos do bairro do Morro Branco encontra-se localizada no limite noroeste da área construída.

A separação desta terceira parte urbana do contexto edificado do Mindelo, situada a seguir aos terrenos livres integrando a zona de Salgados, na Galé, e evidenciada na imagem urbana construída à partir do mar, e a fragilidade existente na ligação do primeiro plano da água com a paisagem construída nestes terrenos, a oeste dos depósitos da Shell, reforça a inexistência de uma frente urbana estruturante para a totalidade da Baía do Porto Grande – iniciada na Ponta de João Ribeiro e seguindo-se até à Ponta do Morro Branco.

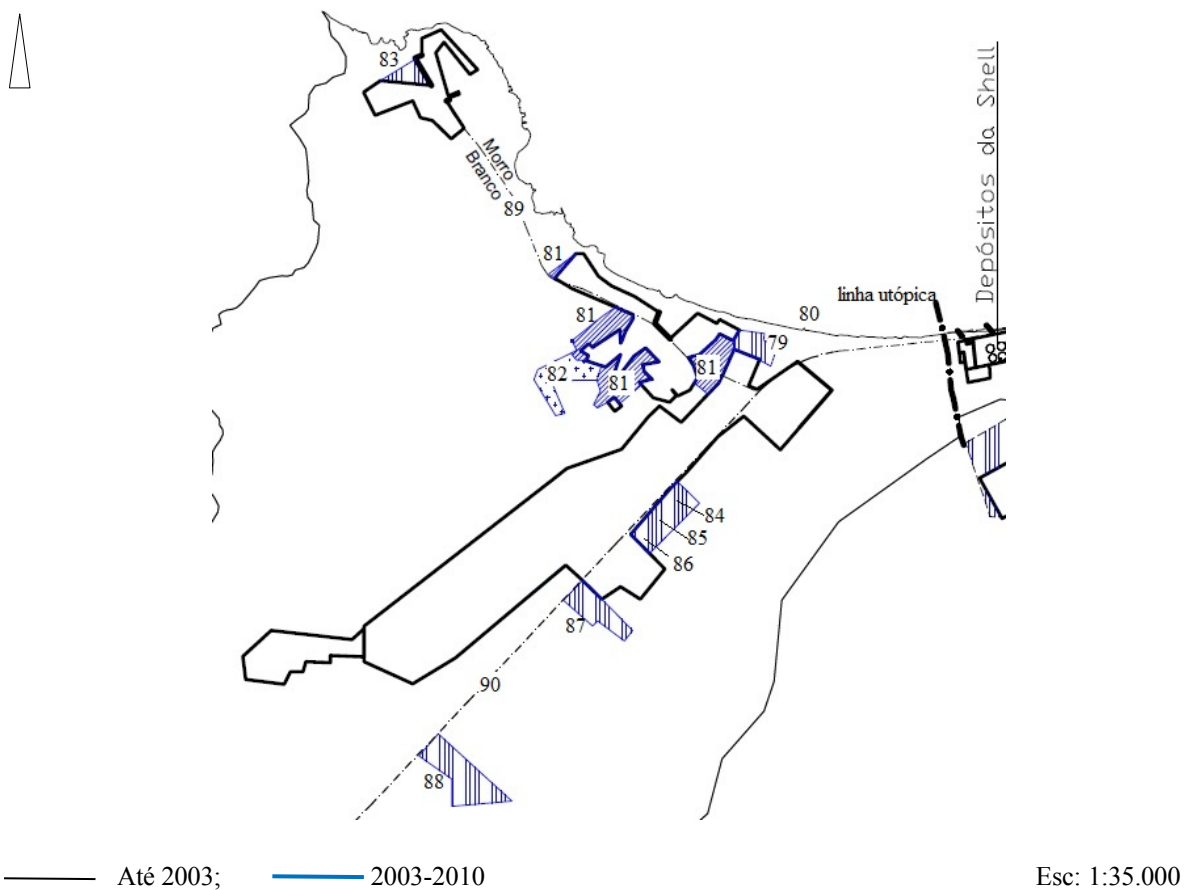


Fig. 109: Ampliação do Esquema 10: Área ocupada no espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell, 2003-2010. Fonte: Autor.

Legenda

- 79- Área de Lazer
- 80- Praia do Lazareto
- 81- Área de crescimento urbano

- 82- Área de crescimento urbano dispersado
- 83- Expansão dos terrenos de ocupação Militar
- 84- Instalações da empresa do Armando Cunha
- 85- Instalações da empresa Cintila
- 86- Instalações da empresa C.I.C.
- 87- Área ocupada com construções do tipo industrial, a sudoeste da TECNOCASA
- 88- Área ocupada com construções do tipo industrial
- 89- Estrada de acesso ao Morro Branco
- 90- Estrada de S. Pedro

Interligação viária entre os bairros urbanos, 110

A compactação dos espaços urbanos enquadra um conjunto de novas estradas de ligação entre os bairros. Estas, normalmente incluídas nos traçados dos caminhos existentes, destacam-se pelo enquadramento de novas rotundas nos pontos onde o cruzamento de vias apresente-se mais complexo.

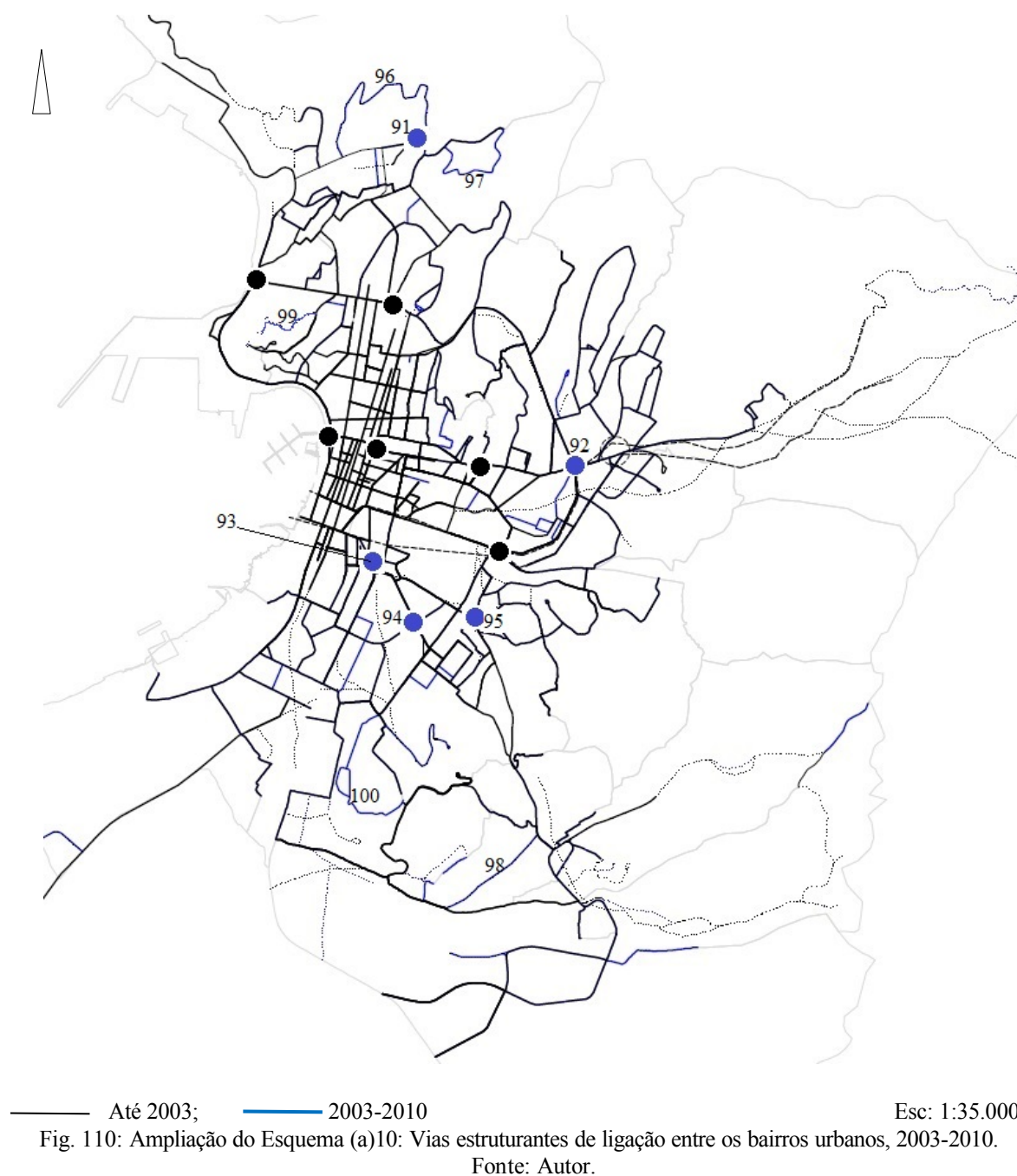
Destaca-se as seguintes: a rotunda situada no bairro do Chã de Alecrim, junto aos limites do bairro de Fonte Meio/Madeiralzinho; a rotunda situada entre os bairros da Ribeira Bote, Vila Nova/Lombo Tanque e Ribeirinha, mas proximidades, do Mercado da Ribeirinha e dos tanques situados nos espaços da 'Ribeira seca'; a rotunda situada no bairro do Chã de Cemitério, a leste da escola, EBI do Chã de Cemitério; a rotunda situada no bairro de Chã de Monte Sossego, na Avenida da Holanda; a rotunda situada na Estrada do Fernando Pó, junto ao bairro do Monte Sossego.

Apesar da sinuosidade ou mesmo irregularidades existentes nas vias, a urbe mindelense apresenta uma estrutura viária simples, particularmente visualizada nas vias estruturantes de ligação entre os diferentes bairros urbanos. Estas, antigos caminhos carreteiros, visualizados desde da década de 60, apresentam-se localizadas nas fronteiras entre os bairros periféricos, demarcando assim, os seus respetivos limites administrativos.

No presente período a expansão viária, realçada no alargamento das vias existente ou transformação dos caminhos carreteiros em vias urbanas, é destacada pelos seguintes:

- Requalificação dos caminhos existentes: A via interligação dos terrenos situados no interior do bairro de Chã de Alecrim com a centralidade urbana, através da interligação desta via com a estrada principal do respetivo bairro; a via atravessando todo a área construída no bairro da Horta Seca; a via de ligação entre os bairros do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério

e do Monte Sossego. Este último tem parte do seu traçado, visualizado como caminho careteiro desde do período de ocupação urbana 1960-1973.



Legenda

- 91- Rotunda nos terrenos do bairro de Chã de Alecrim, junto ao bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho
- 92- Rotunda localizada entre os bairros da Ribeira Bote, Vila Nova/Lombo Tanque e Ribeirinha

- 93- Rotunda no bairro de Chã de Cemitério, junto a escola da EBI de Chã Cemitério
- 94- Rotunda da Avenida da Holanda, em Chã de Monte Sossego
- 95- Rotunda localizada na estrada do Fernando Pó, junto ao bairro do Monte Sossego
- 96- Via em Chã de Alecrim - ligação dos terrenos interiores com a estrada principal
- 97- Via de acesso ao conjunto multifuncional, Pombas Brancas
- 98- Requalificação da via principal no bairro da Horta seca
- 99- Via no monte do Fortim
- 100- Via estabelecendo de ligação entre os bairros do Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério e do Monte Sossego.

A via de interligação dos terrenos do bairro de Chã de Alecrim una-se à rotunda localizada junto ao bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho.

- A adição de novas vias: a via que estabelece a ligação das construções localizadas no interior do bairro do Fonte Meio/Madeiralzinho com a via principal do bairro de Chã de Alecrim, e consequentemente, ligadas ao centro histórico. Esta dá acesso ao conjunto multifuncional, Pombas Brancas; uma via nos terrenos do Monte Fortim.

Mindelo em imagem da época

Reconhecendo a cidade através de vista panorâmicas destacamos três exemplos, evidenciando áreas urbanas cuja paisagem passou por transformações relevantes no presente período, nomeadamente:

1- Os espaços da frente marítima do Mindelo – envolvidos entre a Torre do Mindelo e os depósitos da Shell, sendo estes últimos não incluídos na presente imagem. Esta integra as transformações da paisagem central da linha da orla marítima. Fig. 111

Com a requalificação da antiga ponte-cais da alfândega e o enquadramento de uma marina no ano de 2008 – Marina do Mindelo, segue-se uma sequência de transformações inerentes a nova função desta área urbana costeira, em particular: a integração da construção de apoio à marina e do complexo de prestação de serviços e lazer – Pont d'água. Este último, inaugurado em 2009, é definido por um conjunto de pequenas construções envolvidas por palmeiras e uma piscina. Localiza-se no antigo espaço da Companhia de S. Vicente, nas proximidades do monumento 'Pássaro'.

Constata-se também que, ao contrário da construção de serviço de apoio direto à ponte-cais da Alfândega, anteriormente localizado em terra firme, o de apoio à Marina do Mindelo

encontra intimamente ligado a esta. Esta construção de pequenas dimensões localiza-se na extremidade do pontão, destacando-se como primeiro plano na construção da imagem da frente urbana.

Embora estes dois equipamentos sejam relevantes para o embelezamento da orla marítima e a construção de uma paisagem cuidada, o facto é que, aqui nesta área urbana, a linha física da margem fragmentou-se, possibilitando a divisão destes espaços centrais da orla do Mindelo em dois – um localizado entre o edifício da Torre do Mindelo, e seguindo-se até ao complexo de lazer e serviços, e o outro iniciando-se a partir deste.



Fig. 111: Orla marítima do Mindelo.

Fonte: 'Site' do Cruise Discover. In, <http://cruisediscover.com/port-of-call/cruise-to-mindelo-cabo-verde>. Acedido, em 11 de Dezembro de 2017.

Legenda

1-(re) Construção da antiga ponte-cais da velha Alfândega; 2- pontes flutuantes da Marina do Mindelo; 3- instalações de apoio a marina; 4- complexo de serviços, Pont d' água; 5-Estatua do Diogo Afonso; 6- Antigo edifício da Radio Naval; 7- Alfândega Velha; 8- Rua da Praia- enquadrado nos espaços da Avenida Marginal; 9-Edifício tipo Torre na zona do Chã de Alecrim; 10- Praia de Bote; 11- Praça Nhô Roque; 11- Edifício do antigo Consulado Inglês.

2- Uma vista geral dos bairros periféricos, enquadrando os espaços definidos na presente análise como espaços da 'Ribeira seca'. Fig.112

A linha construída seguindo-se a orientação dos campos de futebol, prolongando-se pelos espaços dos tanques da Vila Nova/Lombo Tanque, demarca os espaços definidos, na presente análise urbana, como 'Ribeira seca'.



Fig. 112: Mindelo, 2009

Fonte: Imagens do Google eart.

In, <http://www.panoramio.com/photo/12850779?source=wapi&referrer=kh.google.com>. Acedido em 10 de Janeiro de 2017.

Legenda

1-Rua do Coco; 2- Rua Eduardo Mondlane; 3-Rua Guerra Mendes; 4- Rua Domingos Ramos; 5-Avenida 12 de Setembro; 6-Avenida da Holanda; 7- Rotunda da Ribeira Bote; 8- Tanques nos espaços da 'Ribeira seca'; 9-Estádio da Fontinha- atualmente Estádio Municipal Adérito Sena; 10- Estádio Alcindo Nascimento; 11- Liceu Lúdjero Lima; 12- Escola secundária (Liceu) José Augusto Pinto; 13- Área livre na zona da Torrada; 14- Edifício 2000; 15- Hospital Batista de Sousa; 16- Expansão dos armazéns do Copa; 17- Clube desportivo do Castilho.

Nesta figura pode-se constatar o crescimento urbano desenvolvendo-se pelas encostas dos montes envolvente e a noção do enquadramento da ocupação urbana do Mindelo numa imensa cratera.

3- A nova tipologia edilícia da cidade do Mindelo, edifícios com mais de sete pisos e geralmente integrando conjuntos multifuncionais – residência e serviços, Fig. 113.

Esta tipologia, anteriormente visualizada essencialmente em edifícios com três a cinco pisos, é aqui realçada pelo complexo habitacional do Copacabana, localizada no Bairro do Fortim/Escola Técnica. Embora esta imagem seja datada do ano de 2014, retrata o mesmo ambiente construído e visualizado nesses espaços no período, 2003-2010. Este conjunto multifuncional, posicionada em frente à praia da Lajinha, foi construído nos terrenos da antiga Frigorífica, após a demolição do respetivo edifício.

Apesar de esta construção permitir uma leitura definida da via em frente à praia da Lajinha, o facto é que contribuí para a perda da identidade desta parte urbana, pela obstrução da imagem visual do Monte Fortim, marco de referência da cidade.



Fig. 113: Conjunto Residencial da Lajinha – Edifícios Copacabana, 2014
FonteAutor

Resumindo o presente período evidencia a inclusão de áreas urbanas em terrenos sem ligação direta com a urbe existente, demarcando a efetiva expansão urbana para o sul e sudeste do Mindelo. Estes, predominantemente localizados nas proximidades do perímetro urbano da época, possibilitam um crescimento urbano por terrenos anteriormente agrícolas.

Esta condição vem acentuar a desarticulação da ocupação urbana da sua génese e dos elementos identitários – orla marítima/água, topografia- elevações e ribeiras, o centro urbano.

Constata-se também a expansão urbana para os terrenos localizados a sudoeste. Estes, destacados anteriormente por construções não habitacionais, ostentam uma área residencial contígua à uma área industrial. Ambas, ainda por consolidar. Porém, pode-se avaliar a importância do crescimento urbano desta zona, na paisagem edificada do Mindelo.

Embora, a paisagem urbana mindelense seja fragmentada pelos terrenos livres de construção localizados na zona da Galé, o efeito desta edificação a sudoeste resulta particularmente interessante no contexto urbano, permitindo a amplitude da cidade, e consequentemente, a criação de uma imagem urbana da totalidade da Baía do Porto Grande.

De realçar a integração de uma nova tipologia edílica no Mindelo – a construção de conjuntos urbanos. Estes, essencialmente de características habitacionais, são realçados por alguns conjuntos multifuncionais, integrando áreas de serviços e de habitação

Do exame geral à ocupação urbana do Mindelo destaca-se:

1- Uma imagem dos terrenos da ilha de S. Vicente, incluindo os espaços urbanos do Mindelo.

Neste panorama da cidade, a partir do Monte Verde, pode-se observar a relevância dos três elementos distintivos, elencados na presente tese, no contexto do Mindelo:

- Orla marítima/água
- Topografia- elevações e ribeiras
- O centro urbano

A amplitude desta fotografia não permite a distinção da relação da centralidade urbana com os bairros periféricos. Este é visualizado com maior clareza no Mapa 10. (ver apêndice)

Destaca-se também o enquadramento da área urbana em uma cratera de dimensões consideráveis.

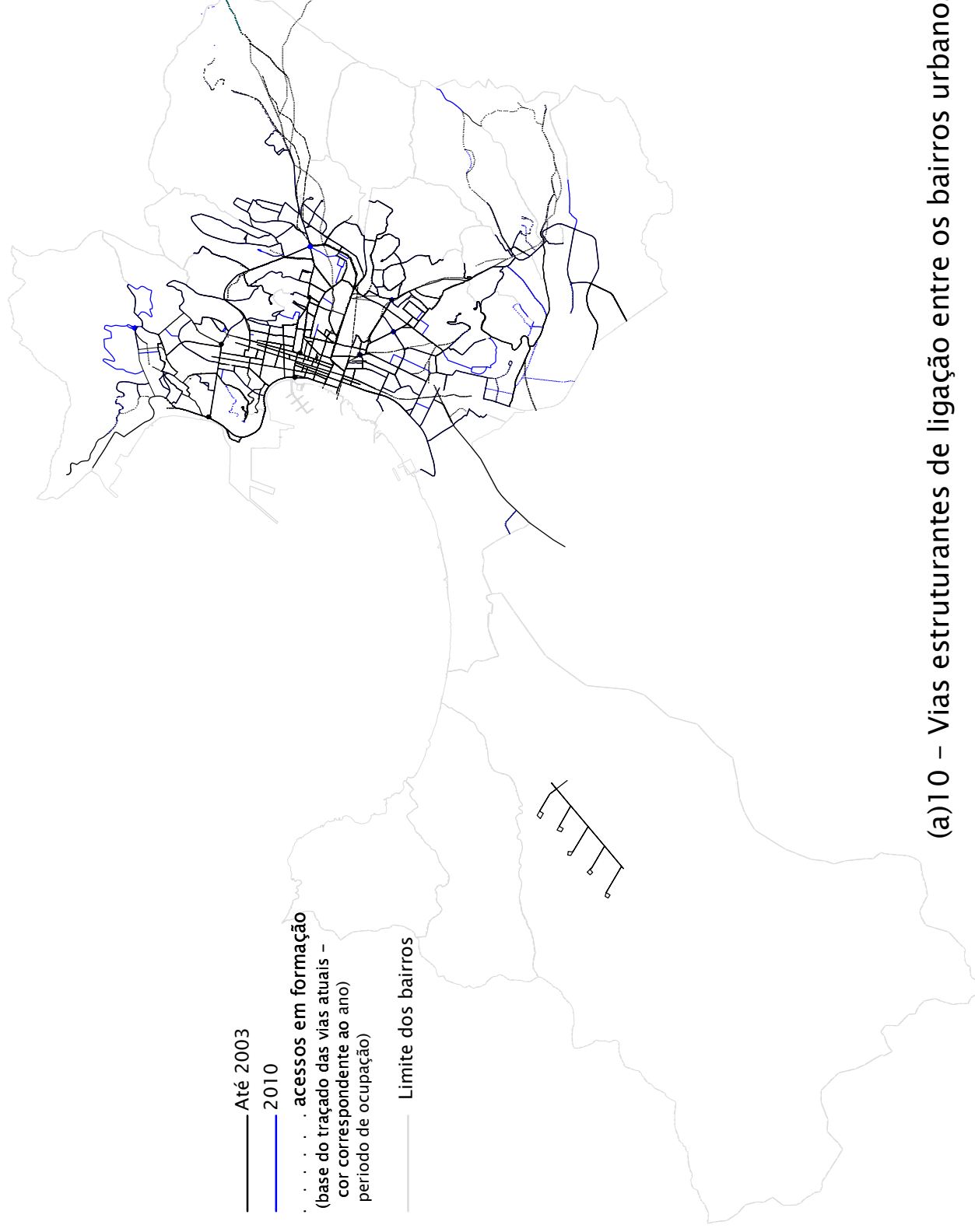
Todavia é de realçar que esta vista retrata a paisagem após uns dias de chuva. No geral estes terrenos ostentam um aspeto seco, realçando uma diversidade de cores do solo.



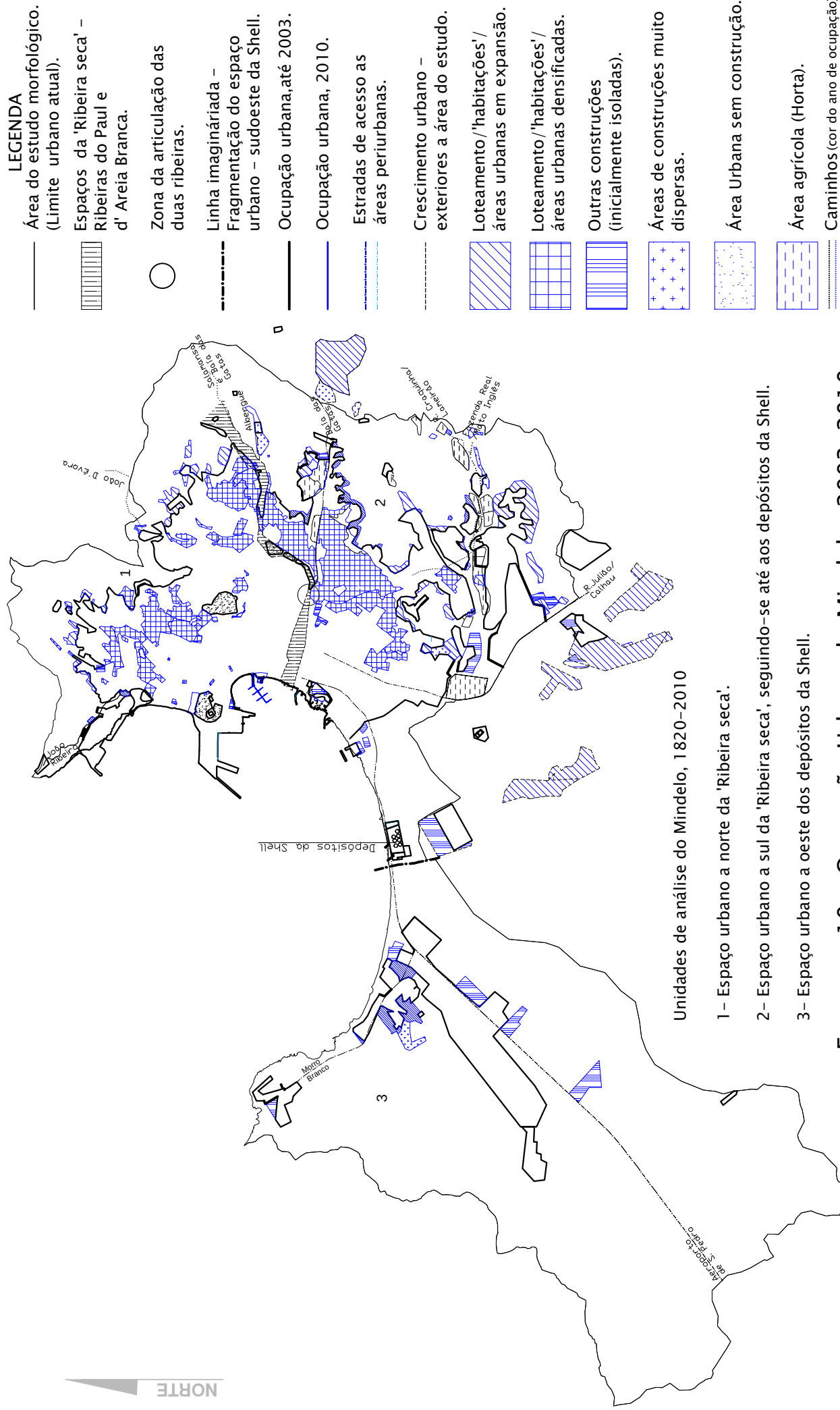
Fig. 114: Paisagem do Mindelo e lugares contíguos (tirada a partir do Monte Verde), 2003
Fonte: CMSV

2- Quadros VIII e IX e Planta da área central enquadrando a toponímia do Mindelo em 2010 (em apêndice). Nestes dois quadros, pode-se constatar a alteração da toponímia das ruas da área central do Mindelo nos anos de 1858, 1888, 1906, anos 60 e início dos anos 70, e de 1975 á 2010.

3- Quadro X. Neste quadro, em apêndice, pode-se constatar o inico da formação dos bairros e o respetivo desenvolvimento urbano ao longo do intervalo temporal estabelecido na presente tese de doutoramento - representado em metros quadrados,m2, a área de terreno do Mindelo ocupado nos anos de 1820, 1873/77, 1906, 1920, 1932, 1946, 1960, 1973, 1982, 2003 e 2010.



(a)10 – Vias estruturantes de ligação entre os bairros urbanos, 2003–2010



CONCLUSÃO

Mindelo desenvolveu-se a partir de um núcleo urbano colonial, localizado junto ao mar. A estrutura regular da sua malha inicial e característica da área central expandiu-se para as áreas contíguas, permanecendo a cidade uma estrutura urbana organizada até aos anos 30. Esta é realçada por espaços urbanos harmoniosos, de escala humana e cuja Baía do Porto Grande se apresenta como elemento estruturante. A influência das culturas portuguesa e britânica – denunciada nas suas ruas, edifícios e espaços públicos centrais – conferem desde cedo uma atmosfera cosmopolita à cidade, refletindo-se no seu crescimento periférico.

A relação óbvia e imediata existente entre o solo urbano e a água, demarcando uma cidade tipicamente marítima, visualizada no início da formação do Mindelo, é alterada com o crescimento urbano periférico. Porém, esta ligação prevalece de forma indireta até aos anos 60. A 'força' do elemento água interligada ao componente geográfico permite a continuação da ligação visual entre a terra e a água, explicando talvez a dependência que as cidades costeiras apresentam em relação a este componente tão omnipresente, realçando a força da natureza e a identidade do lugar.

Com o rápido aumento populacional da urbe mindelense nos anos 60, e consequentemente a expansão urbana, começa a observar-se uma certa inversão na relação existente entre os elementos terra e orla marítima/água. A tendência de expansão da cidade não somente para o interior mas também seguindo-se a morfologia da área costeira, visualizada com o crescimento das companhias corveiras para além dos terrenos mais protegidos dos ventos dominantes, não prevalece.

A cidade dos anos 70, após a independência de Cabo Verde, segue um crescimento urbano unicamente pelos terrenos interiores. Estes, localizados essencialmente a leste e sudeste da área urbana existente, apresentam alguma alteração na relação terra/orla marítima(água) até então observada. Por falta de instrumentos urbanísticos consistentes, homologados pelo governo, este crescimento urbano persegue-se inicialmente pelas áreas sem construções, dos bairros dos anos 60, visualizando-se ainda nessa época uma certa relação com a água. O preenchimento do espaço urbano preexistente, não seguindo uma lógica de planeamento, possibilita a ocupação de áreas de risco, e a cidade a crescer sem espaços de lazer públicos e de reserva urbana.

Contudo, a integração de instrumentos urbanísticos, não homologados, nos anos de 1882 e 1995 permitiu alguma organização dos espaços de crescimento urbano orgânico, embora, sem interação com os elementos distintivos da urbe – a topografia, a orla marítima/água

e o centro urbano. Isto advém fundamentalmente da falta de solidez destes instrumentos, possibilitando assim, alterações nos mesmos quando da implementação no terreno. A este constrangimento de interação, entre a ocupação urbana e os marcos identitários, é adicionado a partir dos anos 2000 à implementação de planos avulsos. Estes, na presente análise, são definidos como áreas urbanas de base planeadas. Foram integrados no Mindelo por forma a dar resposta as demandas urbanas, expandindo assim a cidade por terrenos de fácil construção e localizados predominantemente nos limites a sul e leste da área urbana consolidada. É de realçar também, a ocupação urbana dos terrenos localizados junto a costa, particularmente, pelos a sudoeste da centralidade mindelense.

A falta de uma rede viária de interligação do crescimento urbano com a orla marítima/água, a falta de estudos urbanísticos que permitisse a salvaguarda das zonas de risco, e a inclusão do crescimento urbano à totalidade da linha marítima, explicam o caráter amorfo da ocupação urbana da cidade. Isto resulta em uma cidade desarticulada da orla marítima/água e de crescimento urbano moldado no terreno de forma essencialmente aleatória, demarcando um desenho urbano de composição orgânica, mas também de paisagem única.

A ocupação do solo urbano da cidade do Mindelo é constante ao longo do período temporal, 1820-2010, ou seja, o perímetro urbano atual ostenta alguma construção desde os primeiros períodos de ocupação urbana em análise. Esta característica inicialmente visualizada nos terrenos localizados nos limites mais a norte, tem nos anos 20 a sua expansão para o sul demarcada por ocupações agrícolas. A ocupação urbana em áreas agrícolas torna-se expressiva no contexto geral da cidade, a partir do período de 1960-1973.

No esquema conclusivo, Esquemas 11, 14 e 15, pode-se constatar que, a ocupação urbana desta paisagem citadina encontra definida em três grandes épocas. Estas, com características semelhantes de crescimento urbano, estão organizadas nos seguintes grupos temporais da ocupação urbana:

I- 1820-1873/77, 1873/77-1906 e 1906-1920

O espaço temporal de 1820 à 1920 é caracterizado pela ocupação dos terrenos da frente marítima – envoltentes da área central/histórica –, a expansão urbana essencialmente para os terrenos localizados a norte da 'Ribeira seca', a definição da morfologia urbana da zona central – destacando-se como base estrutural da ocupação urbana do Mindelo –, e a demarcação do traçado das primeiras vias de ligação da urbe com os terrenos localizados no interior/litoral da ilha de S. Vicente.

A interação dos desenhos do Mindelo, destes anos, permite elencar algumas conclusões acerca do desenvolvimento urbano da cidade, nomeadamente:

1- A localização do edifício da Igreja da Nossa Senhora da Luz

Analisando o crescimento do Mindelo entre os anos de 1820 a 1906 constatamos que a igreja atual foi implementada nas proximidades da localização de 1820, aproximadamente a leste da sua posição inicial, Fig.115.

A localização atual da igreja, já visualizada no esboço/planta da cidade de 1858, destaca-se na urbe da época como marco referencial na formação dos espaços urbanos, sendo que, alberga nas suas proximidades, as construções mais relevantes da cidade.

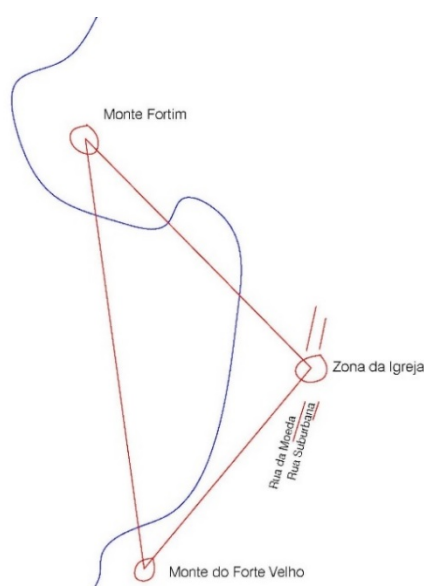


Fig. 115: Análise da localização da Igreja
Fonte: Autor

2- Localização do edifício do Palácio do Governo em relação ao traçado da Rua Libertadores de África, Fig. 116.

A transformação do traçado da Rua dos Navegadores – posteriormente Rua de D. Carlos, de Lisboa – a atual Rua Libertadores de África – é visualizada no desvio do centro do edifício do Palácio do Governo em relação ao eixo central da via. Esta alteração é visualizada a partir do desenho do Mindelo de 1906.

Porém, da análise dos desenhos do Mindelo de 1873/77, 1888 e 1906, bem como, do esboço/planta de 1858 pode-se constatar que o edifício inicial, de dimensões mais pequenas, apresenta centrado com a base terrena da ponte-cais da época. Esta ponte-cais, de dimensões consideráveis e alinhado com a extremidade sul do edifício da Alfândega – visualizado

inicialmente no desenho da cidade de 1873/77 e destacado na cartografia do Porto Grande de 1884 –, não é visualizado no desenho da cidade de 1888 e posteriores.

Do exame ao crescimento urbano dos terrenos localizados do lado norte da atual Rua Libertadores de África, constata-se o seguinte:

- A desarticulação do edifício do Palácio do Governo com o traçado da via deve-se possivelmente à nova localização da ponte-cais. Do alinhamento da ponte-cais com a extremidade sul do edifício da Alfândega em 1873/77, a nova ponte-cais passa a localizar-se de forma centrada com este edifício em 1888.

- A construção pouco sofisticada do edifício do palácio da época, (MHOP 1984, p.171), comprovado pelo não enquadramento deste no desenho da área central do Mindelo de 1888, não proporciona a relevância do edifício do palácio em relação ao traçado da via, mesmo após a sua ampliação, visualizado no desenho da cidade de 1906. Este facto permite que a ocupação urbana do lado norte da via seguisse os limites das propriedades, visualizadas no esboço/planta do Mindelo de 1858, posteriormente construídas – desenho da cidade, 1888.

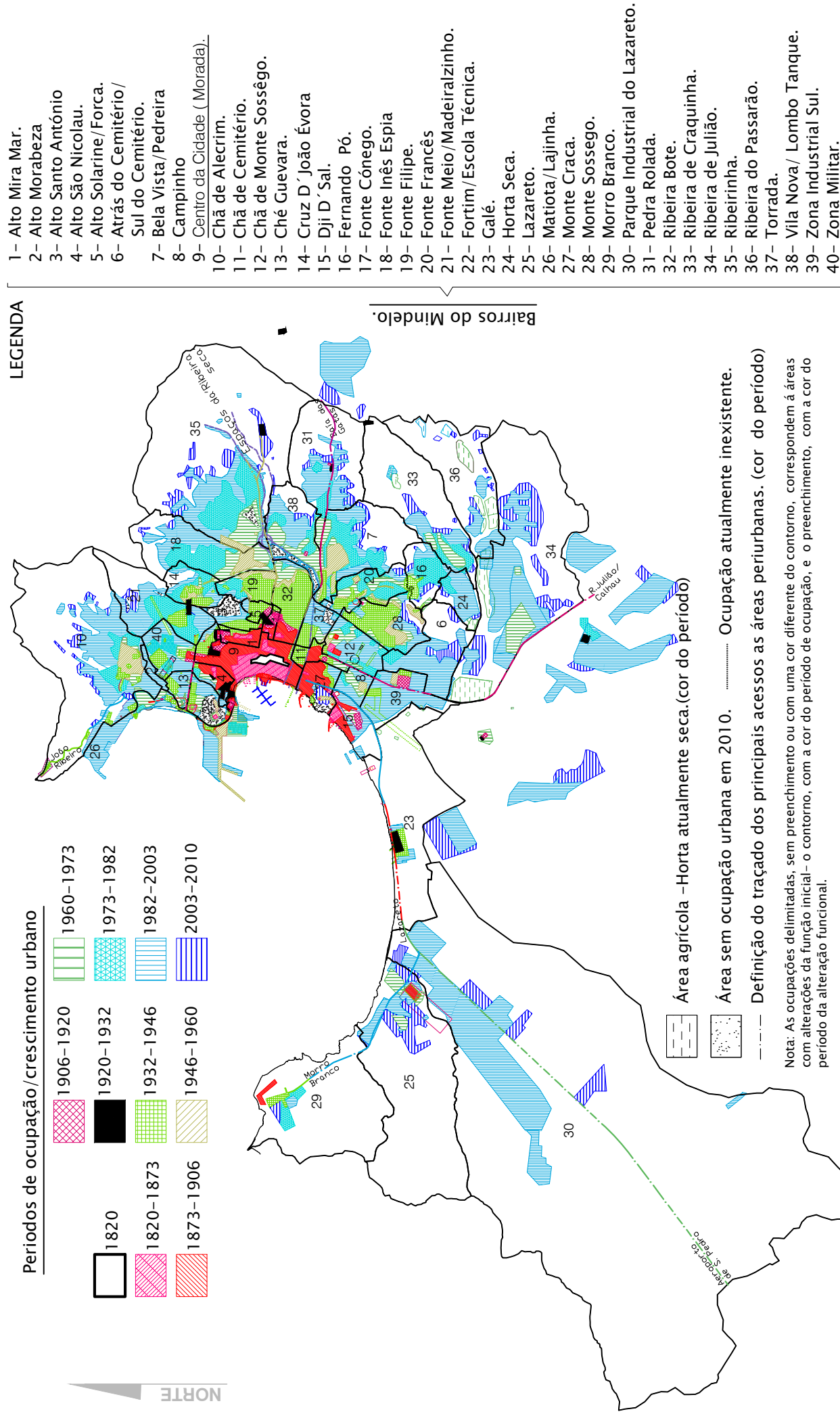
Porém, em 1873/77, pode-se constatar dois pressupostos relativos ao assentamento do edifício do Palácio em relação à Rua Libertadores de África:

1º – A largura inicial do edifício existente no local do Palácio do Governo, 1873/77, é definida pelas linhas de interseção entre os limites da base terrena da ponte-cais e o angulo das construções mais próximas da orla marítima e localizadas nos dois lados da via, Fig.116 (1).

2º – O eixo central interligando o centro da ponte-cais e o centro do edifício da época é definida pela interseção do alinhamento da extremidade norte deste edifício com o limite da ponte-cais da época e da linha unindo a extremidade sul do edifício com o angulo sudoeste do edifício da Alfândega. Fig.116 (2).

Esta análise permite a identificação da construção localizada nos espaços centrais da via, visualizada no desenho de 1873/77, como uma ocupação irrelevante e possivelmente não coberta, sendo que esta encontra localizada nos espaços urbanos contíguos aos espaços do mercado – destacado no desenho da cidade de 1888, como área vedada.

- Com a nova localização da ponte-cais e a ampliação do edifício do Palácio, em 1906, a extremidade sul deste é alinhado com à extremidade sudoeste do edifício da Alfândega. Fig.116 (2)



A partir do desenho do Mindelo de 1906, o edifício do Palácio do Governo apresenta-se desarticulado com a Rua Libertadores de África. No entanto, este edifício determina o alinhamento das construções localizadas no limite sul da via, e destaca-se pela relação paralela existente entre o seu eixo central e o limite norte da respetiva via. Este eixo central é definido pelo alinhamento do centro do edifício com a extremidade sudoeste do edifício da Alfândega.

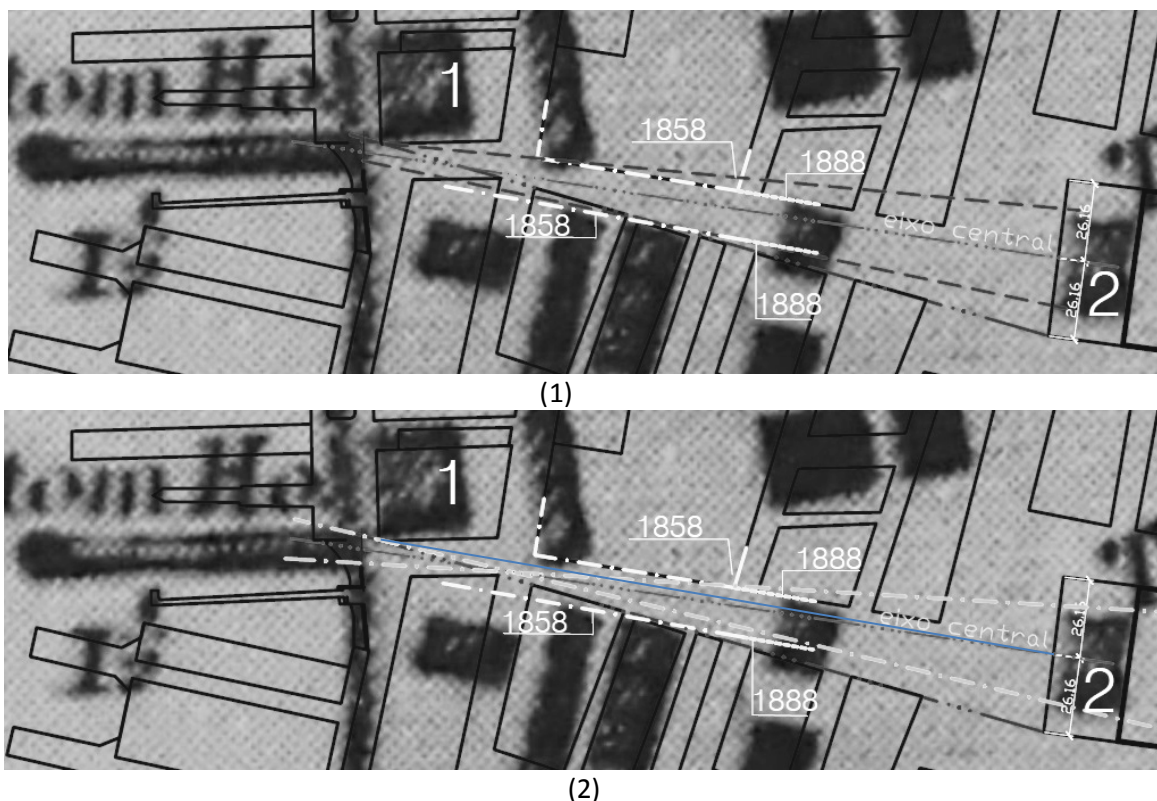


Fig. 116: Análise da posição do edifício do Palácio em relação ao traçado da atual Rua Libertadores de África – Sobreposição dos desenhos do Mindelo de 1873/77 e 1906 e os limites da construção urbana da via em 1858 e 1888. Fonte: Autor

Legenda

1-Edifício da Alfândega; 2- Edifício do Palácio do Governo.

Base cartográfica – Desenho da cidade, 1873/77.

- | | |
|--|---|
| | – Desenho da cidade, 1906. |
| | – Alinhamento da rua, 1858. |
| | – Prolongamento do alinhamento da rua, 1888. |
| | – Alinhamento do edifício existente em 1873/77 (1º pressuposto). |
| | – Alinhamento do edifício existente em 1873/77 com as extremidades da ponte-cais, e com o edifício da Alfândega (2º pressuposto). |
| | – Alinhamento do edifício com o limite sul da atual via, 1906. |
| | – Eixo central do edifício existente, 1873/77. |
| | – Eixo central do Palácio, visualizado a partir do desenho do Mindelo de 1906. |

Pode-se observar que em ambos os casos, o Palácio do Governo é avistado a partir de ponte-cais. Embora este seja descortinado somente em parte – dos espaços centrais ao limite da ponte-cais da Alfândega.

II- 1932-1946, 1946-1960, 1960-1973

O intervalo temporal entre os anos de 1932 à 1973 destaca-se pelo crescimento urbano associado as condições determinantes da sua ocupação urbana e a formação da imagem urbana do Mindelo atual, nomeadamente: a consolidação do conjunto arquitetónico e urbano do centro do Mindelo, a delimitação e a definição da génese dos bairros periféricos. Isto permite comprovar a importância dos três componentes elencados, na presente tese, como elementos distintivos do Mindelo: a orla marítima/água, a topografia e o centro urbano.

É relevante, o enquadramento da ocupação urbana direcionado para o mar. Porém, no período 1946-1960 observe-se de forma pontual alguma área urbana não direcionada ao elemento água, sustentando em parte a hipótese levantada no início da investigação.

O espaço temporal é marcado pela integração de infraestruturas urbanas importantes no desenvolvimento económica/social e urbano da cidade do Mindelo e da ilha de S. Vicente, nomeadamente: o cais acostável; a central elétrica e de dessalinização; a Avenida Marginal; o traçado da Estrada de S. Pedro.

III- 1973-1982, 1982-2003, 2003-2010

Os trinta e sete anos de ocupação urbana deste intervalo temporal são caracterizados por um crescimento urbano significativo, alargando-se para fora do limite da cidade, e a alteração da relação existente entre este e os elementos distintivos do Mindelo, em particular, a água e a topologia do terreno. Esta alteração é visualizada no sentido da orientação das novas áreas urbanas, da orla marítima para as ribeiras. Evidencia-se também, nos dois últimos períodos de ocupação urbana, a predominância do crescimento urbano por terrenos planos, de fácil construção, em detrimento as áreas de cota elevadas, completamente desligados do elemento água – orla marítima ou ribeiras.

A requalificação dos espaços mais centrais da orla marítima – particularmente definida pela remodelação da Avenida Marginal, a reconstrução da ponte-cais de Alfândega e o enquadramento dos cais flutuantes da Marina do Mindelo – permite devolver-lhe à importância adquirida nos primeiros períodos de ocupação urbana do Mindelo.

Da análise dos diferentes desenhos da cidade pode-se constatar a relevância das transformações morfológicas dos espaços centrais da orla marítima, na construção de uma leitura de continuidade de imagem à totalidade da Baía do Porto Grande, Fig. 117.

A frente marinha – de relação terra/água fragmentada por barreiras naturais, em particular pelos montes do Fortim e do Forte Velho, nas áreas mais centrais, e pela cordilheira localizada mais a norte, junto a João Ribeiro – apresenta-se ocupada por pontes-cais desde da formação da cidade. A delimitação natural pelo monte do Fortim é alterada com a abertura do acesso à zona da Pontinha, visualizada ainda como caminho carreteiro em 1906.

A relação terra/água da frente urbana inicialmente delimitada por construções das companhias carvoeiras localizadas à beira mar, apresenta-se a partir dos anos 60, com a abertura da estrada marginal, uma relação direta. No entanto, esta relação é posteriormente condicionada nas seguintes áreas urbanas: na zona da Pontinha, pelo enquadramento de edificações ligadas ao cais acostável; nos terrenos mais a noroeste, pela inclusão dos estaleiros navais – CABNAVE; a sul do Forte Velho, pela construção das instalações do Complexo de pesca.

No período de ocupação urbana 2003-2010 destaca-se uma outra fragmentação nessa relação de continuidade de leitura da primeira linha construída da frente urbana. Esta é visualizada pela adição de duas construções nos espaços mais centrais/urbanos da orla marítima. Fig. 117.

Da análise à figura 117 pode-se constatar que, o período 2003-2010 distinguir-se como o de maior obstrução visual, e consequentemente, de diminuição de espaços livres urbanos, adjacentes à orla.

Resta-nos ainda ambicionar, uma regeneração urbana da totalidade da orla da Baía do Porto Grande, onde a prioridade seja a ligação direta entre terra e água, possibilitando a melhoria na relação de proximidade do mar com os espaços envolventes, potenciando o usufruto da população à frente marinha, tendo a finalidade do reforçar a identidade costeira do Mindelo e as qualidades visuais existentes na morfologia urbana da cidade.

A importância da orla marítima/água no reforço da identidade costeira deve ser constituída não somente pelo enquadramento de um acesso, viário e/ou pedonal, circunscrito à totalidade da Baía do Porto Grande, mas também relacionado com os terrenos interiores, através de artérias transversais direcionadas à água e interligadas no sistema viário da cidade. Isto é, a construção de uma frente urbana com clareza de articulação, alcance visual e continuidade de leitura da orla, encontrando-se incluída no contexto geral do Mindelo: ambiental – montes, áreas de salgados e escoamento das ribeiras, e urbano – bairros.

De realçar que essa renovação urbana – em que o desenvolvimento futuro, venha a enquadrar as suas qualidades visuais inerentes à paisagem marinha – não compromete uma inter-relação com a zona portuária existente, sendo que, este não impeça a fruição da frente marinha do Mindelo.

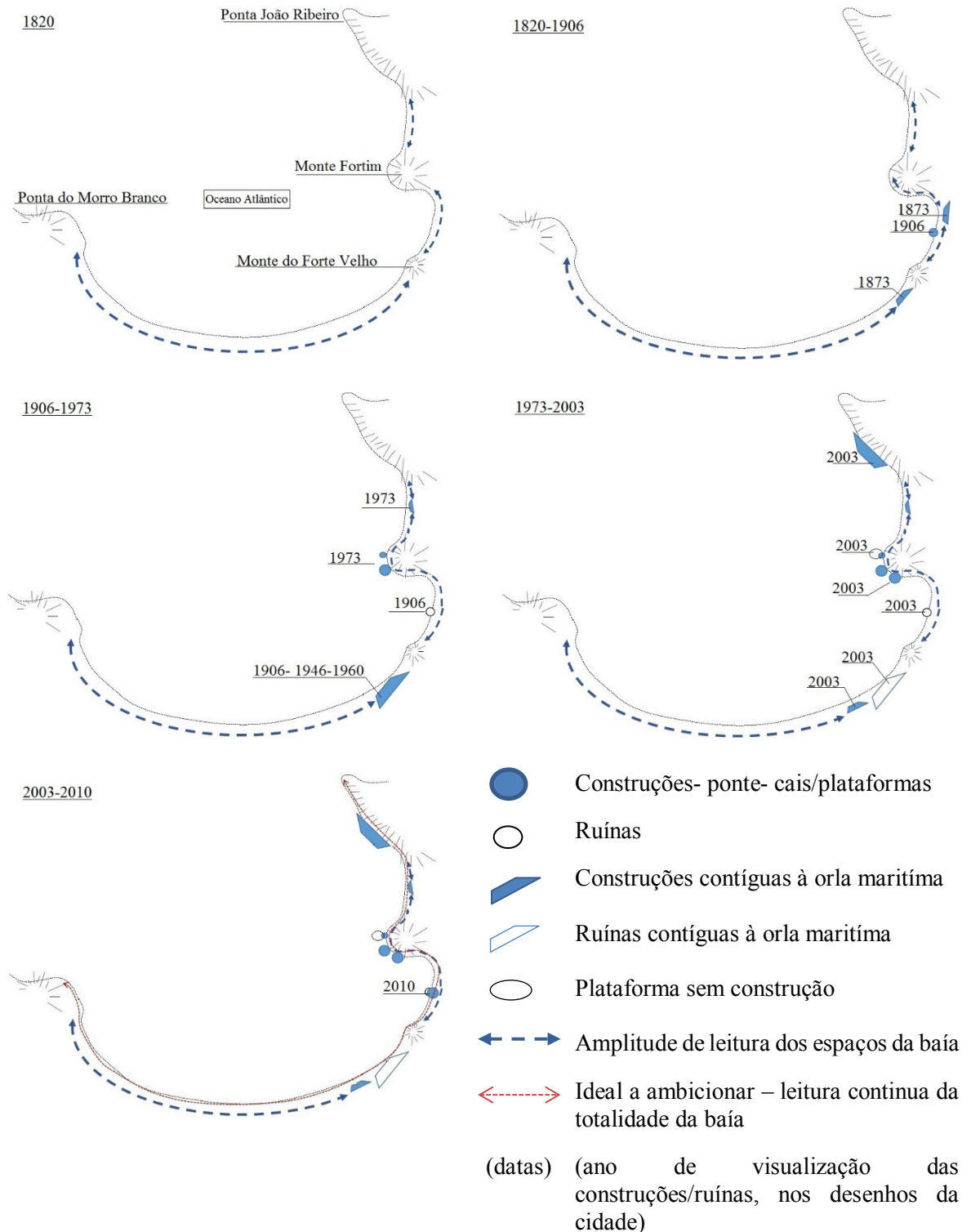


Fig. 117: Analise da continuidade de leitura visualizada na primeira linha construída, em terra, da Baía do Porto Grande – 1820-2010.

O período 1920-1932 distingue-se destes três grandes intervalos temporais, pela exígua expansão urbana. Esta é essencialmente demarcada pela ampliação dos acessos às zonas periurbanas e a alteração da imagem da orla marítima, pela adição do primeiro depósito de combustível da Shell.

Outro facto importante da ocupação da cidade é a densificação das áreas urbanas preexistentes, sendo considerável a partir do período de 1982- 2003 mas visualizada de forma mais significativa no período 2003-2010. Neste período, a cidade adquire uma imagem urbana densa, praticamente isenta de áreas sem construção/verde urbano, refletindo-se no contexto geral da paisagem do Mindelo – paisagem cerrada composta de blocos de cimento. A densificação significativa é comprovada no esquema conclusivo das áreas urbanas densificadas no período de 1820-2010 – Esquema 12.

Neste esquema, pode-se constatar a compactação dos terrenos situados a norte, sul e leste da área central/histórica, em detrimento à paisagem praticamente desobstruída dos terrenos a sudoeste desta. Todavia, as variações da ocupação urbana destes terrenos, passando de compacta para desobstruída e/ou mesmo dispersada, apresentam-se alguma uniformidade da paisagem urbana mindelense. Isto sucede pela construção de uma imagem urbana coesa, realçada no contraste de cores resultante da interação dos três elementos distintivos do Mindelo (Esquema 13):

- O azul do mar, destacado pelas águas do oceano Atlântico – orla marítima/água.
- A aridez do solo, demarcado pela silhueta diversificada e a diversidade de cores dos montes envolventes – topografia.
- A área construída, evidenciada pela malha organizada da área central/histórica – centro urbano.

Esta imagem coesa visualizada na vista aérea do Mindelo, não é sustentada na relação existente entre elementos identitários da cidade e a sua ocupação urbana dos últimos anos. Observa-se que a partir do período 1982-2003 inicia um crescimento urbano desligado dos elementos identitários, intensificando-se no período seguinte, 2003-2010, comprovando assim, a hipótese levantada no início desta investigação:

Mindelo cresce de costas viradas ao mar e desenraizado dos seus elementos identitários.

O desenraizar do crescimento urbano do Mindelo dos seus componentes distintivos é demarcado pela ocupação urbana fundamentalmente relacionada à viabilidade dos terrenos para

construção, alterando assim, o elemento mais forte – de água para a topografia. Esta última é destacada pela expansão urbana por terrenos planos.

O anfiteatro natural visualizado com a densificação do solo urbano, a ausência de construções na zona de Salgados e a inexistência de uma frente marítima que enquadre à totalidade da orla marítima, da Ponta de João Ribeiro à do Morro Branco, pode indicar o tipo de ação necessária para a criação de uma relação entre a linha costeira e a urbe existente, de modo a preservar o ambiente natural, urbano e a identidade do Mindelo.

Neste caso é importante também a reorganização da estrutura viária da cidade por forma a permitir uma relação direta entre a ocupação dos espaços mais interiores com a orla marítima/água. Este elemento tão forte que se torna fraco nos espaços mais interiores da cidade do Mindelo, pela falta de uma inter-relação, terra/orla marítima, a qual justifica a sua existência. Com isto, demarcar a identidade da cidade – que embora o elemento água se encontre 'pontualmente' expressa de forma elementar, pode vir apresentar-se de forma inequívoca nos espaços mais interiores.

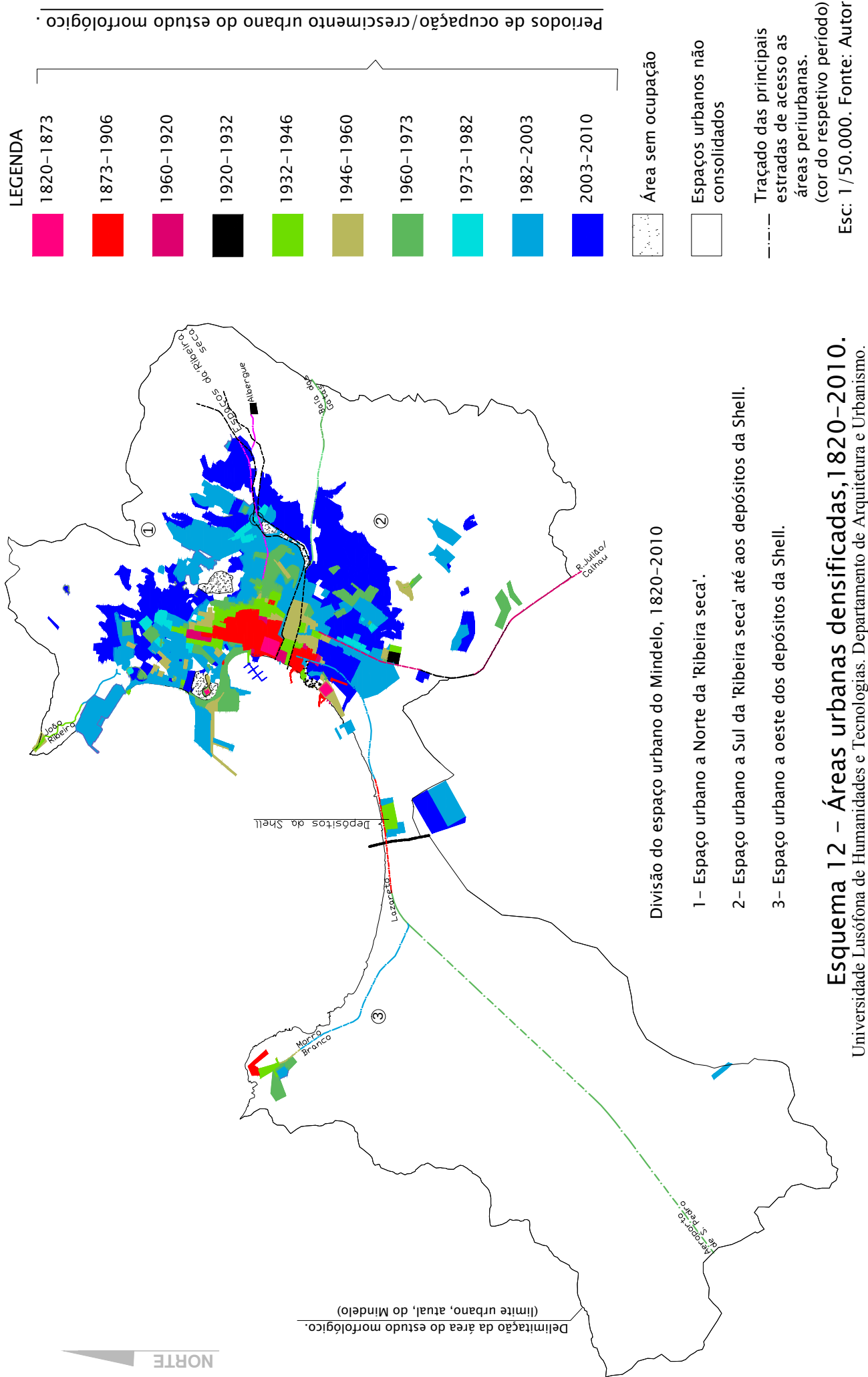
A criação dessa articulação entre os três elementos distintivos da cidade – linha da orla marítima/água, topografia e centro urbano, com os vários pontos da urbe –, através de acessos estruturados, permitirá emergir de forma clara a imagem de uma cidade costeira, em toda a extensão urbana do Mindelo.

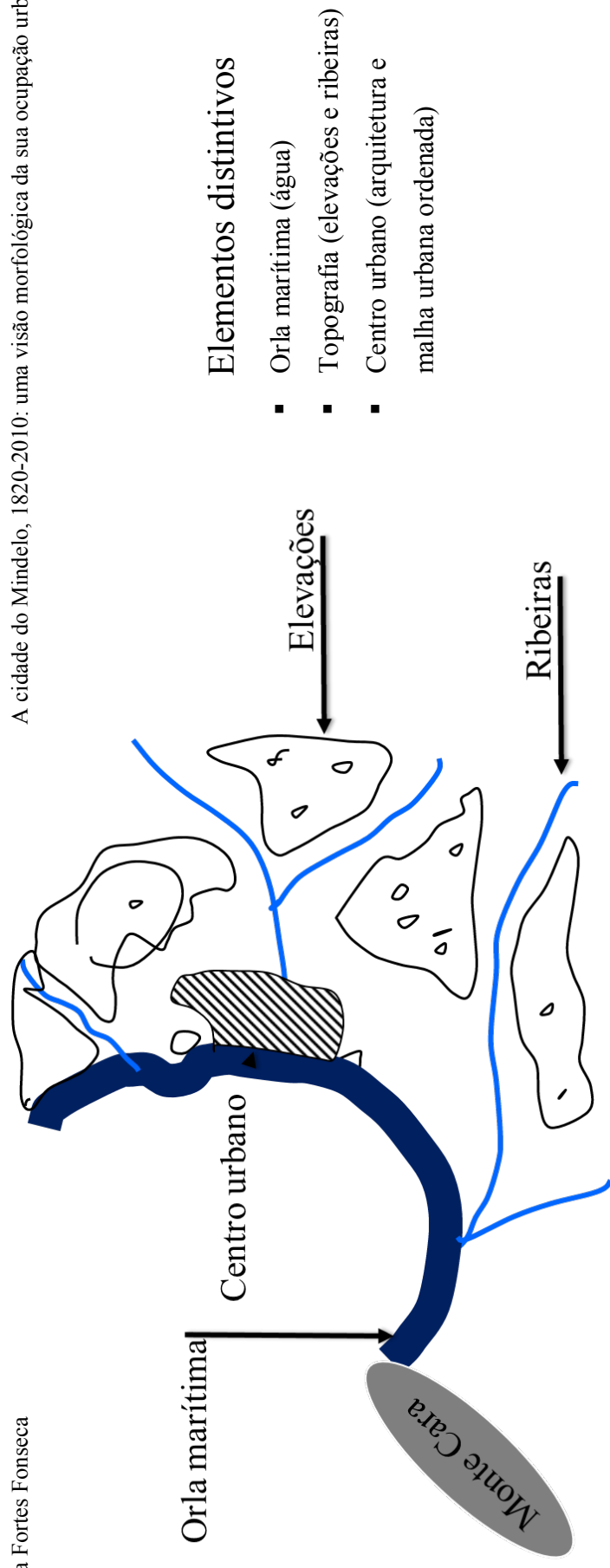
Constata-se que os instrumentos de planeamento, realçados no capítulo II e demarcados pontualmente no Capítulo III, não foram eficazes na ocupação urbana do período 1820-2010. Esta característica fundamenta a segunda hipótese desta tese - A ocupação do solo está desarticulada com os instrumentos de Planeamento urbano.

Para um urbanismo sustentável do Mindelo será preciso: Assegurar recursos humanos devidamente qualificados; Promover uma educação para o Urbanismo e Ordenamento do Território; Melhorar a eficácia do enquadramento legal.

Como reflexão final, constata-se a importância das análises da forma física da cidade na salvaguarda da sua identidade, em particular as cidades costeiras, sendo que esta não reside unicamente na forma física da urbe, mas também na imagem construída pela imensidão da paisagem marinha. Isto é, a existência do sentido de presença da água, mesmo nos seus espaços mais interiores.

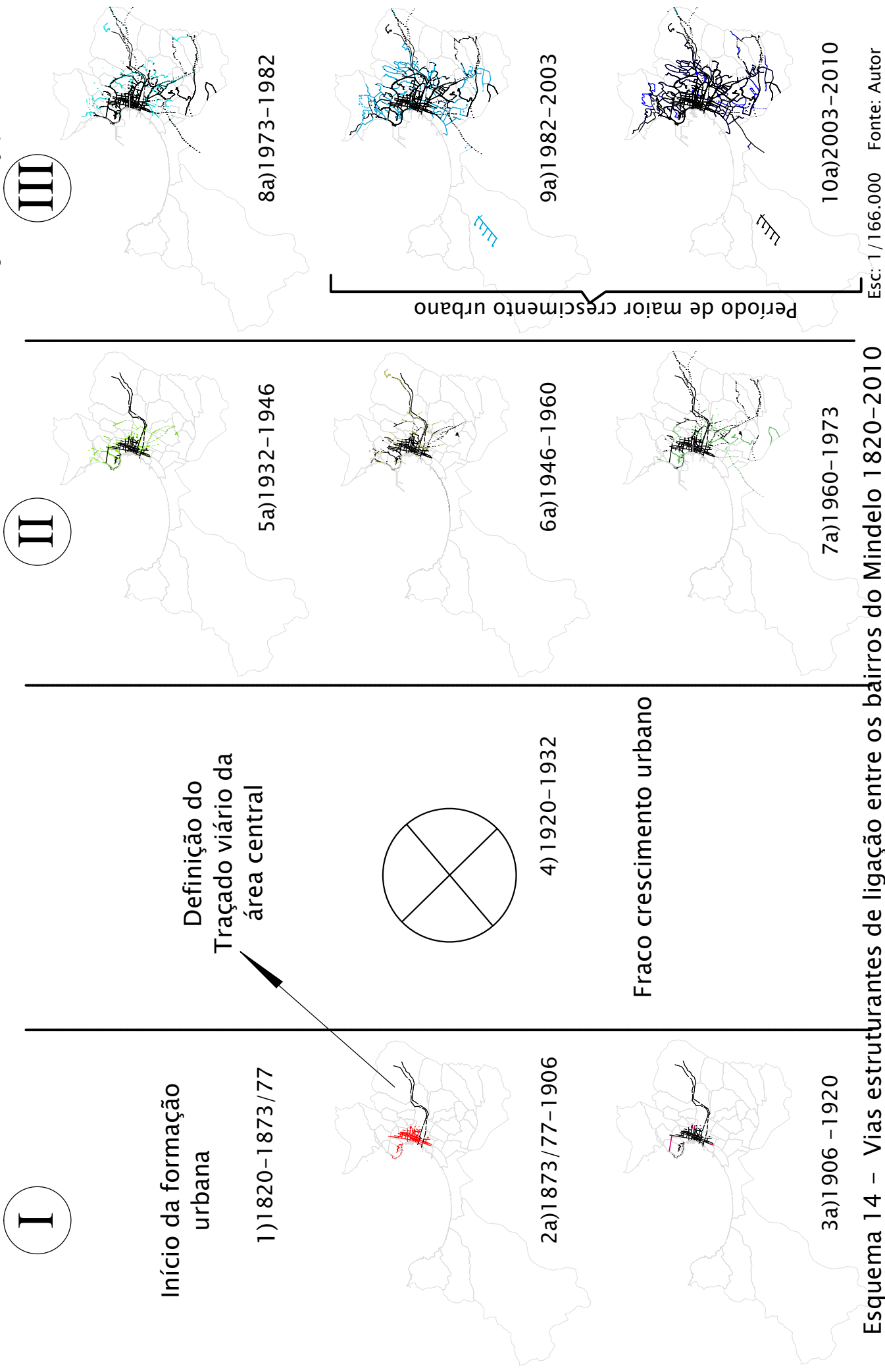
A terminar, que a presente análise da ocupação urbana do Mindelo possa contribuir para a compreensão dos objetivos futuros, sem comprometer a funcionalidade e as características identitárias locais.

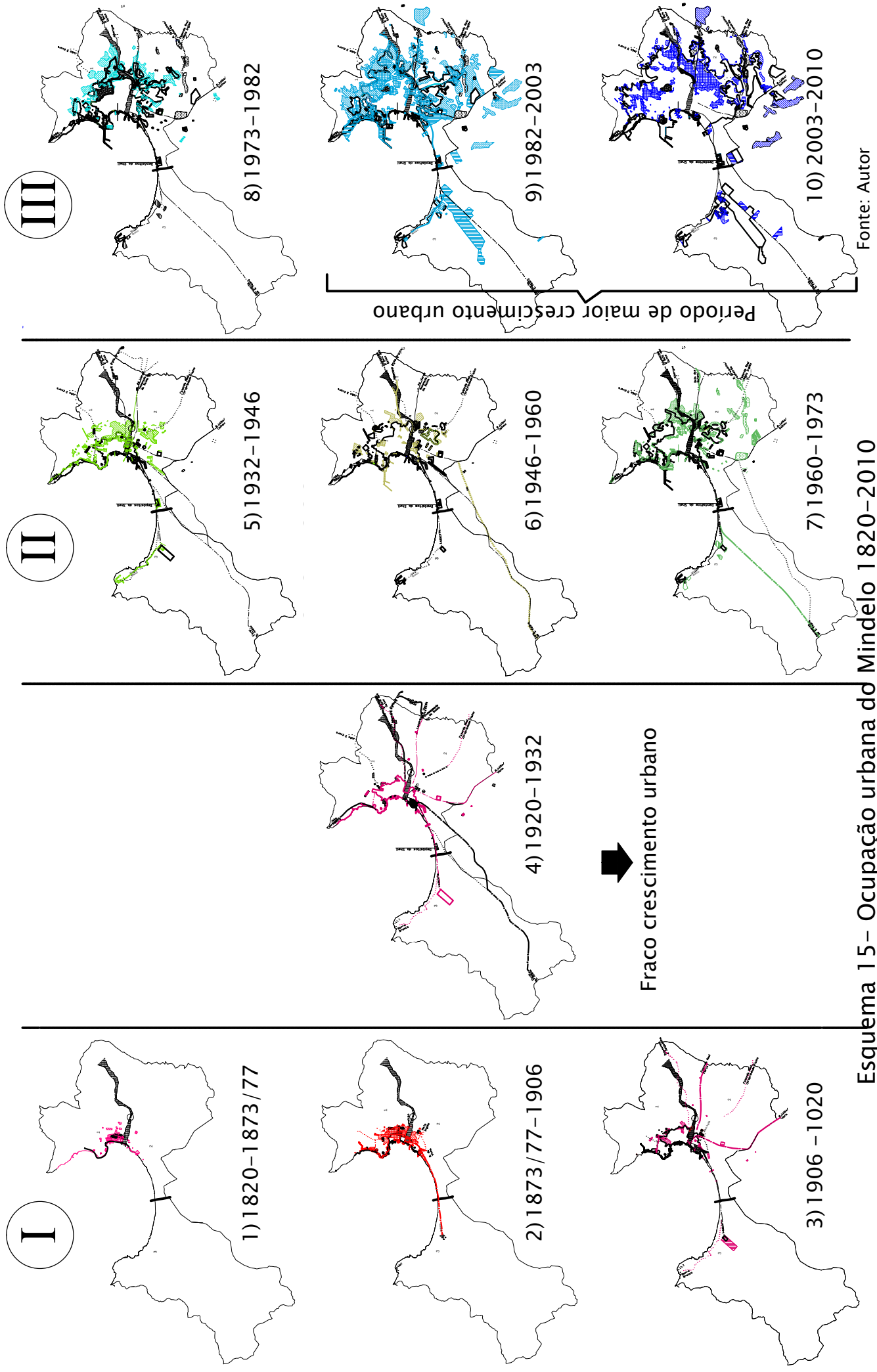




Bases gerais da análise dos esquemas

- O resumo das transformações.
- A direção do crescimento urbano.
- A interação destes com os elementos identitários da urbe.





Esquema 15 - Ocupação urbana do Mindelo 1820-2010

Síntese em crioulo

Êss tese de doutoramento te presentá um analce urbana d'cidade d'Mindel. Ele é baseód n'esquemas d'ocupação urbana elaboród a partir d'desenhs d'cidad. Esch desenhs tê englobá tud cartografia, ortofotomapas e levantamentos de base topográfica d'cidad d'Mindelo publicôd na period 1820-2010.

Sê objetiv é estudá evolução urbana d'Mindel k'base na progressiva ocupação d'sê território de 1820, primer desenh d'base topográfica d'Mindel, até 2010, ano d'inic d'estuds urbanos legais pê elaboração de instrumentos de ordenamento e planeamento urbanísticos produzid dpôs d'independência d'Cabo Verde.

Tê pretendé realçá sich transformação urbana pê melhor compreendê se gênese, evolução e identificá elementos d'referência d'Mindel e sich relação. Também, justificá existência d'presença d'água como elemento importante nê cresciment inicial d'sich bairr e possível abandon dêss caraterística costeira ao longo dos tempos. É listôd como elements d'referência: 1) orla marítima – tá representá elemento água; 2) topografia – tá representá montes e ribeiras; 3) centro histórico d'Mindel – tá representá malha urbana estruturada e conjunto arquitetónico. Êch element d'referência d'Mindel levantôd ness estud é justificôd a partir d'cresciment d'sê periferia urbana na period 1932-1946.

Ness estud é levantôd dôs hipóteses d'partida:

1) Mindel tá crecê d'costa voltôd pá mar e desligôd d'sich elemento d'referencia, por falta d'um visão a longo termo da cidade d'Mindel. Êss hipótese é fundamentôd a partir d'anos 80 do século XX, k'ond ocupação d'território tá presentá d'articulôd d'sich element d'referência.

2) A ocupação do solo tá dzarticulôd q'instrumentos de Planeamento urbano. Êss hipótese é fundamentôd ao longo dêss estud, pela não execução, na totalidade, dos planos urbanos elaborôds antes e dpôs d'independência de Cabo Verde.

De realçá q'period d' maior ocupação do solo foi de 2003-2010 e period d'menor ocupação do solo foi 1920-1932 (seca / indefinição da politica colonial).

Mindel nâ 2010 tá apresentá como um cidad estruturôd sem áreas verdes ou d'reseva urbana.

Pa terminá, que este estudo urbano d'Mindel ta podê bem contribui pá compreendê objetivs urbans futurs, sem comprometê funcionalidad e caraterísticas idêntitárias locais.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- Aguiar, J. (1959). *Urbanização do Mindelo*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino.
- Amorim, J. L. (1960). *Urbanização do Mindelo*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino.
- Alexander, C. (2011). *A city is not a tree*. Acedido em 06 de Maio de 2013, de <http://en.bp.ntu.edu.tw/wp-content/uploads/2011/12/06-Alexander-A-city-is-not-a-tree.pdf>
- Alves, F. M. (2003). *Avaliação da qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ascher, F. (2010). *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbano, um léxico*. (M. d. Lobo, & A. Valente, Trans.) Lisboa: Livros Horizonte.
- Aymonino, C. (1984). *O Significado das Cidades*. (A. Rabaça, Trad.) Lisboa: Presença.
- Barcellos, C. S. (1899). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* (1ª ed., Vol. I). Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Barcellos, C. S. (1911). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* (Vol. V). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Brandão, P. (2011). *O Sentido da cidade. Ensaio sobre o mito da Imagem como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Careri, F. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. (F. Banoldo, Trad.) S. Paulo: Editora G. Gili.
- Caria, M. E. (1969). *Urbanização da Cidade do Mindelo*. Lisboa: Arquivo Histórico
- Caria, M. E. (1970). *Elementos relativos aos forais das cidades da Praia e Mindelo*. Praia, Cabo Verde: Ministério do Ultramar.
- Carvalho, J. (2003). *Ordenar a Cidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cataldi, G., Maffei, G. L., & Vaccaro, P. (2002). Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual. *Revista da Morfologia Urbana*, 2014, 2 (1), 25-36.
- Coelho, C. D., Amado, A. M., Costa, J. P., Santos, J. R., Martins, P., Justo, R., et. al., (2014). O Tempo e a Forma. In *Cadernos de Morfologia Urbana, estudos da cidade portuguesa* (Vol. 2) Lisboa: Argumentum.

- Coelho, C. D., Costa, J. P., Leite, J. S., Silva, J. M., Trindade, L., Pereira, P., et. al., (2015). Os Elementos Urbanos. In *Cadernos de Morfologia Urbana, estudos da cidade portuguesa*. (2ª ed., Vol 1). Lisboa: Argumentum.
- Collins, G., & Collins, C. (2006). *Camillo Sitte: The Birth of modern city Planning*. New York: Dover.
- Consiglieri, V. (1999). *A Morfologia Urbana da Arquitectura 1920 - 1970*. Lisboa: Edições 70.
- Conzen, M. P. (2001). The Study of urban form in the United States. *Urban Morphology*, 5 (81), 3-14. Acedido em 25 de 5 de 2014, de <http://www.urbanform.org/pdf/conzen2001.pdf>
- Conzen, M. R. (1960). *Alnwick, Northumberland – a study in town-plan analysis*. London: The Institute of Brithish Geogrphers.
- Costa e Andrade, A. (1913). *Cabo Verde*. Lisboa: Topografia Universal.
- Cravalho, J. (2003). *Ordenar a Cidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Craveiro, T. (2010). Lisboa a caminho da sustentabilidade: Do Plano Estratégico a Agenda Local 21. *Mestrado em Urbanismo - Apoio aos seminários*. Lisboa: ULHT.
- Cristopher, A. (1996). A City is Not a Tree. *Design*, nº206. London.
- Cullen, G. (1961/2013). *Paisagem urbana*. (I. Correia, & C. Macedo, Trans.) Lisboa: Edições 70 (original publicada em 1961).
- Çalışkan, O., & Marshall, S. (2011). Urban Morphology and Design: Introduction. *Built Environment, Volume 37, Numer 4, December 2011*, pp 381-392. Acedido em 18 de 7 de 2015, de <http://www.ingentaconnect.com/content/alex/benv/2011/00000037/00000004>
- Darvin, M. (1998). The study of urban form in France. *Urban Morphology*, 2(2), 63-76. Acedido em 7 de 5 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/um199802_63-76.pdf
- Del Rio, V. (1990). *Introdução ao desenho urbano no processo de planeamento*. S. Paulo: Pini, Lda.
- Delfante, C. (1997). *A Grande História da Cidade. Da Mesopotâmia aos Estados Unidos*. (L. C. Feio, Trad.) Lisboa: Instituto PIAGET.
- ecdj10 (Ed.). (2007). *Reabilitação Urbana - Mindelo* (Vol. 10). Coimbra: ecdj- Departamento de Arquitectura da Faculdade de Coimbra.
- Fernandes, M. G. (2010). *O estudo da morfologia urbana em Portugal*. XII Colóquio ibárico de geografia. Porto, Portugal, Outubro 6-9, 2010: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido em 9 de Junho de 2015, de <http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/288.pdf>

- Fernandes, M. J. (1996). *Casas da Macaronésia*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Fernandes, M. J. (2015). *Luso-Africana: Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa- II*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Fernandes, M. J; Janeiro, M. L & Milheiro, A. V. (2014). *Cabo Verde. Cidades, Território e Arquitecturas*. Lisboa: Ed. Autores.
- Fernandes, S. P. (2016). *Cidades Imaginadas nos Planos de Urbanização. Cabo Verde 1934-1974*. Lisboa: Argumentum.
- Figueira, M. B. (1968). Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo de São Vicente de Cabo - Verde. Tese de Licenciatura apresentada no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina da Universidade Técnica de Lisboa.
- FORMA URBIS Lab. (2015). <http://formaurbislab.fa.utl.pt/investiga.html>. Acedido em 27 de Dezembro de 2015, de FORMA URBIS Lab: <http://formaurbislab.fa.utl.pt>
- Gauthier, P., & Gilliland, J. (2005). Mapping Urban Morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. *Urban Morphology* 2006, 10 (1), 41-50. Acedido em 15 de Julho de 2015, de <http://www.researchgate.net/publication/42242470>
- Gauthiez, B. (2004). The History of Urban Morphology. *Urban Morfology*, 8 (2), 71- 89. Acedido em 7 de 5 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2004/200482_71-89.pdf, 03 /10/2015
- Gauthiez, B., Zadora-Rio, E., & Galinié, H. (2003). *Village et Ville au Moyen Âge: les dynamiques morphologique*. Press universitaires François Reblais. Acedido em 5 de 7 de 2017, de <https://books.google.pt/books?id=2F0qDwAAQBAJ&pg=PA26&lpg=PA26&dq=Lenoir+e+Landry+,1854&source=bl&ots=zoeaM1z2u4&sig=3t6aDnHyy60rgvJO7x60UVv7A7w&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiE1MjYgdDYAhWItxQKHdw9CykQ6AEIJzAA#v=onepage&q=Lenoir%20e%20Landry%20%2C1854&f=false>
- Gilliland, J., & Gauthier, P. (2006). The study of urban form in Canada. *Urban Morphology*, 10 (1), 51-56. Acedido em 7 de 5 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2006/2006101_51-66.pdf
- Guimarães, P. P. (2004). *Configuração Urbana. Evolução, Avaliação, Planejamento e Urbanização*. São Paulo: ProLivros Lda.

- Hofmeister, B. (2004). The study of urban form in Germany. *Urban Morphology online*, 8 (1), 3 - 12. Acedido em 23 de 3 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_public/2017_1.shtml
- Howard, E. (1902). *Garden Cities of To-morrow*. London: Swan Sonnenschein & co., Ltd.
- Ibraz, J. V. (1997). The study of urban form in Spain. *Urban Morphology*, 1998, 2 (1), 5344. Acedido em 7 de 7 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2002/200262_59-73.pdf
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010). Evolução da população residente em Cabo Verde por ilha Concelho (1900-2010). *Resenceamentos de População 1900-2010*. Acedido a 5 de Abril de 2016, de <http://bdmi.ine.cv/>
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010a). Evolução da população residente urbana por Ilha e Concelho, segundo censos de 1990-2010. *Censos 1990, 2000 e 2010*. Acedido a 28 de Abril de 2016, de <http://www.ine.cv/>
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2015). Anuário Estatístico de Cabo Verde. http://bdmi.ine.cv/anuarios/Anuario_CV_2015.pdf. Acedido a 28 de Março, 2016 de INECV: <http://bdmi.ine.cv/>
- International Seminar on Urban Form [ISUF]. (2015). <http://www.urbanform.org/about.html>. Acedido a 26 de Março, 2015 de ISUF em www.urbanform.org/
- Jacob, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random.
- Krafta, R. (2014). *Notas de Aula de Morfologia Urbana*. Porto Alegre: UFRGS.
- Lamas, J. M. (2004). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade (3ªed. Vol. 1-2)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Larkham, P. J. (2001). The study of urban form in Great Britain. *Urban Morphology*, 10 (2), 117- 141. Acedido em 23 de 3 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2006/2006102_117-141.pdf
- Leite, A. R. (2012). *Açores Cidade e Território*. Tese de doutoramento, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra para obtenção de grau de doutor, orientada pelo Professor Doutor Walter Rossa. Coimbra.
- Levy, A. (1999). Urban morphology and the problem of the modern urban fabric: some questions for research. *Urban Morphology*, 3 (2), 79-85.
- Lopes, C. A. (2016). Cabo Verde na Grande Guerra, XI (I). Acedido em 17 de Maio de 2017, de http://www.momentosdehistoria.com/001-grande_guerra/001-01-marinha/001-01-09-marinha_cabo_verde.html

- Lynch, K. (1960/2009). *A Imagem da Cidade*. (M. C. Afonso, Trad.) Lisboa: Edições 70, Lda. (original publicado em 1960).
- Marat-Mendes, T., & Cabrita, M. A. (2012). Morfologia urbana em Portugal: Percurso e visibilidade. *The Seconds Conference of the Portuguese Network on Urban Morphology, PNUM 2012 - Morfologia urbana nos Países Lusófonos*. Acedido em 5 de Maio de 2015, de <http://repositorio.iscte.pt/handle/10071/363>
- Marshall, S., & Çalışkan, O. (2011). A Joint Framework for Urban Morphology and Desing. *Built Environment, Volume 37, Numer 4, December 2011*, pp 415-426. Acedido em 18 de 7 de 2015
- Marzot, N. (2002). The study of urban form in Italy. *Urban Morfophology*, 6 (2). Acedido em 7 de 7 de 2015, de http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2002/200262_59-73.pdf
- Mattoso, J. (2010). Património de Origem Portuguesa -arquitectura e urbanismo. In F. T. Barata, J. M. Fernandes (Coord.), A. Freudenthal, A. M. Martinho, A. Sopa, C. D. Coelho et. al., *África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico* (Vol. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Medina, L. (2009). Evolução Demografica da Ilha de S. Vicente. Do Descobrimento a 1950. Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa [IUL] para obtenção do grau de Mestre, orientada por Teresa Rodrigues. Lisboa.
- Ministério da Habitação e Obras Públicas [MHOP]. (1984). *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Praia, República de Cabo Verde: Fundo de Desenvolvimento Nacional- Ministério da Economia e das Finanças.
- Ministério do Ultramar. (1960-1973). *Urbanização do Mindelo*. S. Vicente - Cabo Verde.
- Monteiro, C. (2015). A forma física das cidades- uma análise do contributo luso-brasileiro para o debate internacional. *Revista da Morfologia Urbana*, 3 (2), 134-136.
- Morais, J. S. (2010). *Mindelo. Património Urbano e Arquitectónico. Assentamento Urbano e os seus protogonistas*. Lisboa: Caleidoscopio.
- Moudon, A. V. (1994). Getting to know the built landscape: typomorphology. *K.A. Franck & L. H. Schneekloth (Eds). Ordering space: types in narchitecture and desing*, 289-311.
- Moudon, A. V. (1997). Morfologia urbana como campo interdisciplinar emergente. *Revista de Morfologia Urbana*, 3 (1), 4-49.
- Moutinho, M., Mateus, D., & Primo, J. (2007). *Desenho Urbano. Elementos da análise morfológica*. Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas.

- Muga, H. (2005). *Psicologia da Arquitectura* (1ª ed.). Canelas: Gailivro.
- Mumford, L. (1998/1961). *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas* (4ª ed.). (N. R. Silva, Trad.) S. Paulo: Martins Fontes.
- Oficinas navais em Liquidação (n.d.). (19 de Julho de 2009). *A Semana*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de <http://www.asemana.publ.cv/?ONAVE-E-P-Oficinas-Navais-de-S-Vicente-em-Liquidacao>
- Oliveira, V. (2013). Morfologia Urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, 1, 3-4.
- Oliveira, V. (2013a). *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: U. Porto.
- Oliveira, V. (2014). As origens da morfologia urbana e a geografia Alemã. *Revista da Morfologia Urbana*, 2(1), 37-46.
- Oliveira, V. (2014a). A Dimensão Física do Planeamento II: A Forma Urbana. *Aulas de planeamento*. Porto. Acedido em 14 de 7 de 2015, de http://vitoroliveira.fe.up.pt/Aulas%20Planeamento%20Urbano_Aula%206.pdf
- Oliveira, V. (2015). Introdução à abordagem Histórico-geográfica e ao conceito de região morfológica. (C. M. Victor Oliveira, Ed.) *PNUM Workshop. Diferentes abordagens no estudo da Forma Urbana*.
- Oliveira, V. (2016). Morfologia urbana: diferentes abordagens. *Revista da Morfologia Urbana*, 4 (2), 65-84.
- Oliveira, V. (2016a). *Urban Morphology. An Introduction to the study of the Physical form of Cities*. Switzerland: Springer
- Oliveira, V. (Ed.). (2018). *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros*. Porto: Urban Form.
- Oliveira, V., Marat-Mendes, T., & Pinho, P. (2015). *O Estudo da Forma Urbana em Portugal*. Porto: U.Porto.
- Papini, L., Papini, B., Asplund, G., Femenias, P., Andersson, G., Jansson, I., et al, (1995). *Plano Diretor Municipal [PDM] da ilha de S. Vicente- Plano Desenvolvimento Urbano [PDU] da cidade do Mindelo*. S. Vicente: Direcção Geral do Ordenamento do Território - Câmara Municipal de S. Vicente.
- Paulet, J. P. (2000). *Geographie Urbanie*. Paris: Armand Colin.
- Pinto, S. M. (2013). Regular = planeado versus irregular = espontâneo: nascimento e morte de uma relação dicotómica nos estudos históricos da forma urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, 1, 5-16.

- Pires, F. (2007). *Da Cidade de Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde*. Cabo Verde: Universidade de Cabo Verde [Unicv].
- Prieto, G. (2017). *Baedeker y Murray: las primeras guías modernas de viaje*. In, <https://www.geografiainfinita.com/>. Acedido em 10 de 12 de 2017 em <https://www.geografiainfinita.com/2017/07/las-primeras-guias-modernas-de-viaje/>
- Proença, S. B. (2014). A diversidade da rua na cidade de Lisboa: morfologia e morfogénese. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de doutor, orientada por Carlos Francisco Lucas Dias Coelho e Bourdier. Lisboa. Acedido em 29 de Julho de 2015, de <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/8101>
- Ramos, M. N. (2003). *Mindelo D'Outrora*. Mindelo: Gráfica do Mindelo, Lda.
- Ramos, T. B. (2013). Apresentação. In T. B. Ramos (Coord.), A. P. Barros, B. Turkienicz, C. V. Silva, B. F. Macedo, F. Holanda, et. al., *Arquitetura, Urbanismo, Desing: Metodologias e métodos de investigação* (pp. 9-11). Caleidoscópio.
- Rego, R. L., & Meneguetti, K. S. (2011). A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum Technology*, 33 (2), 123-127. Acedido a em 18 de Julho de 2015, de <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/viewFile/6196/6196>
- Ribeiro, M. d., & Melo, A. S. (2014). *Evolução da Paisagem Urbana; Cidade e Periferia*. Braga: CITCEM.
- Roca Z., O. J. (2006). *A Paisagem como Elemento de Identidade e Recurso para o Desenvolvimento. Lisboa*. Lisboa: ULHT, TERCUD.
- Rossi, A. (1966). *A arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rossa, W. (2015). *Fomos condenados à cidade. Uma década de estudos sobre o património urbanístico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Samuels, I. (2013). ISUF Task Force on Research and Pracyice in Urban Morphology: an interium report. *Urban Morphology* 17 SNI, 40-43.
- Samuels, I. (2015). Porque importa a morfologia urbana? *Revista da Morfologia Urbana*, 3 (2), pp. 125-127.
- Samuels, I. (2018). Prefácio. In V. Oliveira (Ed.), *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros*. (p. 5). Porto.

- Santos, M. E., (Coord.) Correia e Silva, A., Soares, M. J., Baleno, I., Torrão, M. J., Cabral, I. M., et. al., (2001). *História Geral de Cabo Verde* (2ª ed., Vol. II). Coimbra: Imprensa de Coimbra, Lda.
- Santos, M. E., Garcia, J. C., Carvalho, C. A., De Barros, F. F., Do Amaral, I., Ribeiro, J. M., et. al., (2009). *Álbum Cartográfico de Cabo Verde. Comissão de Cartografia (1883-1936)* (1ª_2008 ed.). Lisboa: SIG- Sociedade Industrial Gráfica.
- Silva, A. C. (1998). *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O Tempo das Cidades - Porto*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Sitte, C. (1889). *The Art of Building Cities. City Building according to its. Artistic Fundamentals*. New York: Reinhold.
- Smith, A. (2016). *Events in the City*. UK: Routledge.
- Tavares, A., Dias, S., Brito, S., & Pego, V. (2015). As regiões morfológicas de M. R. G. Conzen. (C. M. Victor Oliveira, Ed.) *PNUM Workshop. Diferentes abordagens no estudo da Forma Urbana.*, 22- 34.
- Teixeira, M. C. , & Valla, M. (1999). *O urbanismo Português*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Trindade, L. (2013). *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Whitehand, J. (2001). Morfologia Urbana Britânica: a tradição Conzeniana. *Revista de Morfologia Urbana*, 1, 45-52.
- Whitehand, J. (2007). Conzen urban Morphology and urban Landscapes. *6th International Space Syntax Symposium*. In, http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr/papers%5CInvitedpapers%5CJeremy_whitehand.pdf. Acedido em 3 de 7 de 2015.
- Whitehand, J. (2014). Conzen Research and urban Landscape Manegement. *21 International Seminar of Urban Form*. Universidade do Porto. In <http://isuf2014.fe.up.pt/Whitehand.pdf>. Acedido em 7 de 12 de 2015.
- Yin, J. (2012). *Urban Planning for Dummies*. Canada: Wiley.

ÍNDICE REMISSIVO

- 2ª Companhia de Caçadores, 250, 266, 267, 274
Abordagem histórico-geográfica, 38, 39, 68, 70
Abordagem tipológica-projetual, 37
Academia de Música Jotamonte, 289, 292
Adição, 162, 163, 166, 182, 196, 197, 199, 233, 235, 255, 258, 273, 274, 282, 283, 287, 293, 304, 310, 315, 323, 341, 343
Agentes, 52, 60, 64, 70, 71, 102
Agrícola, 31, 50, 90, 91, 133, 175, 176, 186, 213, 222, 250, 252, 255, 271, 273, 289, 290, 292, 317
Albergue, 96, 187, 196, 199, 200, 233, 235, 250, 292
Alcance visual, 38, 225, 304, 341
Aldeia da Salina, 152
Aldeia de Nossa Senhora da Luz, 141
Aldeia SOS, 318
Alfândega, 30, 87, 88, 90, 92, 95, 114, 115, 118, 141, 143, 145, 147, 151, 158, 160, 161, 162, 163, 172, 196, 201, 207, 209, 233, 246, 259, 260, 267, 275, 299, 302, 303, 304, 310, 324, 336, 339, 340
Alinhamento, 54, 336, 339
Alterações, 103, 118, 126, 130, 161, 195, 202, 210, 236, 238, 260, 273, 334
Alto de Santo António, 202, 220
Alto Mira Mar, 97, 100, 107, 134, 149, 151, 164, 165, 170, 182, 183, 184, 198, 208, 216, 219, 220, 235, 249, 258
Alto Morabeza, 134, 174, 285, 286, 311, 312
Alto S. Nicolau, 97, 100, 103, 107, 134, 149, 165, 183, 197, 198, 208, 216, 219, 235, 247, 249, 267, 268, 283, 284, 285, 286, 311, 313
Alto Santo António, 97, 134, 168, 170, 206, 249, 283, 285, 286, 309, 311, 313
Alto Solarine/Forca, 107, 108, 183, 184, 197, 198, 206, 208, 217, 218, 220, 234, 235, 246, 248, 249, 258, 268, 283, 284, 299, 301, 311, 313
Ambiente, 42, 46, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 109, 113, 126, 190, 227, 326, 344
Amorfo, 288, 289, 334
Análise morfológica, 54, 62, 72, 73, 76, 351
António Pussich, 85
Área urbana densificada, 148, 164, 247, 268, 283, 315
Areia Branca, 86, 96, 100, 110, 133, 182, 195, 196, 199, 201, 216, 221, 272, 287, 299
Arquipélago de Cabo Verde, 46, 76, 78, 82
Arquitetura, 9, 35, 37, 38, 42, 46, 53, 55, 56, 58, 62, 63, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 110, 112, 114, 225
Articulação, 38, 45, 54, 55, 68, 134, 225, 256, 260, 304, 341, 344
Assentamentos, 61, 72, 333
Assomada da Baleia, 96, 181, 195, 206
Atrás do Cemitério/Sul do Cemitério, 134, 274, 289, 291, 292, 293, 317, 318, 322, 323
Autómatos Celulares, 70
Avenida 12 de Setembro, 103, 107, 218, 220, 256, 273, 283, 285, 325
Avenida 5 de Julho, 107, 112, 169, 182, 183, 275
Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo, 217, 218, 238, 239, 256, 257, 258
Avenida Capitão Ambrósio, 107, 233, 239
Avenida da Holanda, 103, 212, 214, 216, 251, 252, 254, 258, 321, 323
Avenida da Republica, 112
Avenida Dr. Alberto Leite, 181, 183, 188, 196, 217, 218, 256, 274, 299
Avenida Dr. Baltazar Lopes, 113, 188, 218, 225
Avenida Fernando Ferreira Fortes, 169, 188, 218, 220, 225, 226
Avenida Fontoura da Costa, 217, 218, 234, 235, 250, 256, 258, 268
Avenida Manuel de Matos, 293
Avenida Marechal Carmona, 217, 238, 239, 256, 258
Avenida Marginal, 94, 95, 103, 109, 112, 129, 169, 218, 220, 246, 248, 256, 258, 283, 299, 300, 303, 324, 340

- Baía das Gatas, 82, 83, 90, 96, 195, 196, 199, 200, 216, 218, 233, 235, 250, 252, 258, 287, 292, 315
- Baía de João d'Évora, 196
- Baía do Porto Grande, 18, 33, 35, 41, 47, 82, 84, 109, 110, 111, 125, 126, 132, 133, 134, 143, 162, 168, 175, 205, 218, 224, 320, 327, 341, 342
- Bairros, 9, 30, 136
- Barreiras visuais, 110
- Base topográfica, 9, 13, 30, 35, 40, 41, 68, 142
- Bela Vista, 97, 100, 107, 134, 245
- Bela Vista/Pedreira, 107, 134, 205, 211, 213, 221, 237, 238, 245, 251, 253, 257, 258, 265, 271, 272, 273, 288, 289, 291, 317, 318
- Biblioteca Municipal, 146, 201, 202
- Cable and Wierless*, 219
- CABNAVE, 15, 282, 284, 287, 341
- Cabo submarino, 207
- Cadeia Civil, 87, 100, 115, 164, 165, 172, 173, 182, 183, 184, 235, 236, 246, 248, 269, 286, 287, 299, 301
- Café Royal, 201, 202, 225, 226
- Cais acostável, 90, 94, 233, 235, 239, 240, 246, 248, 267, 269, 282, 302, 340
- Caizim, 207, 209, 246, 265
- Câmara Municipal, 15, 97, 102, 115, 151, 158, 201, 202, 219, 224, 272, 352
- Caminhos, 45, 111, 164, 167, 170, 174, 181, 188, 196, 216, 222, 233, 238, 256, 260, 273, 274, 298, 299, 321
- Campinho, 100, 107, 134, 236, 251, 253, 258, 274, 289, 292, 299, 301
- Característica industrial, 166, 273, 281, 282, 297
- Característica residencial, 233, 247, 265, 267, 296, 315, 319
- Características identitárias, 35, 344
- características não residenciais, 238
- Caravela, 283
- Carreira de Tiro, 172, 173, 209
- Cartografia, 13, 40, 72, 132, 133, 142, 170, 176, 184, 336
- Casa Bemvindo, 275
- Casa Ferro, 157, 158, 159, 182, 221
- Casa *Visger & Miller*, 147
- Castilho, 209, 210, 226, 325
- CAVIBEL, 15, 298
- Central de Dessalinização, 249, 260
- Central Elétrica, 97, 249, 257, 260, 283, 285, 314
- Centro da Cidade/Morada, 134, 149, 151, 164, 182, 183, 184, 197, 198, 207, 208, 218, 233, 235, 247, 249, 283, 285, 299, 300, 301, 311, 313
- Centro histórico, 9, 35, 109, 112, 205, 323
- Centro Nacional de Artesanato, 120, 121
- Centro urbano, 45, 46, 95, 110, 149, 154, 165, 166, 168, 170, 171, 210, 216, 222, 233, 234, 238, 245, 251, 258, 272, 274, 276, 281, 295, 309, 327, 334, 340, 343, 344
- Chã de Alecrim, 95, 97, 100, 107, 134, 174, 196, 197, 199, 205, 206, 209, 216, 219, 220, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 245, 247, 248, 249, 267, 268, 283, 285, 286, 299, 301, 302, 311, 312, 313, 314, 315, 321, 322, 323, 324
- Chã de Cemitério, 100, 107, 134, 184, 186, 211, 213, 221, 236, 237, 238, 239, 254, 289, 292, 301, 321, 323
- Chã de *Cricket*, 207, 220
- Chã de Monte Sossego, 199, 200, 213, 215, 216, 236, 251, 252, 258, 271, 272, 289, 291, 301, 317
- Chafariz, 120
- Che Guevara, 97, 134, 164, 174, 209, 219, 249, 250, 283, 284, 311, 312
- Ciclo da parcela burguesa, 69
- Cidade do Mindelo, 21, 29, 32, 33, 35, 39, 40, 41, 47, 82, 84, 85, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 102, 103, 111, 112, 125, 133, 141, 158, 172, 173, 175, 197, 207, 224, 226, 251, 275, 286, 292, 298, 309, 315, 326, 328, 334, 344, 352
- Cidades costeiras, 36, 276, 333, 344
- Cinturas periféricas, 69
- Clareza, 38, 41, 56, 58, 146, 176, 188, 225, 304, 327, 341
- Comando Naval, 246, 248, 259, 260, 303
- Companhia Carvoeira de S. Vicente de Cabo Verde, 130
- Companhia *Millers*, 143, 160, 164, 165, 213, 218, 222, 233, 247, 259, 266, 283, 285
- Companhia Real das Mallas, 143
- Companhia *Rendall*, 143

- Companhias de Carvão, 86, 104, 143, 162, 201, 259
- Complexo de pesca, 290, 293, 318, 341
- Congel, 249, 250
- Conjunto residencial, 251, 311
- Conjunto urbano, 42, 112, 126, 145, 147, 159, 171, 188, 205, 220, 225, 234, 247, 251, 265, 268, 272, 313
- Consulado Inglês, 88, 143, 149, 151, 162, 164, 165, 174, 197, 259, 303
- Continuidade, 33, 37, 38, 52, 67, 126, 150, 152, 225, 304, 341, 342
- Contraste, 42, 110, 309, 343
- COPA, 15, 286, 287, 294, 297, 298, 317, 318, 319
- Copacabana, 33, 313, 326
- Coreto de musica, 120
- Cory Brothers*, 86, 88, 104, 120, 146, 152, 158, 161, 201, 202
- Costa, 76, 79, 84, 141, 146, 157, 159, 174, 220, 293, 296, 310, 319, 334
- Costas viradas ao mar, 36, 228, 240, 343
- Cota elevada, 36, 205, 206, 211, 233, 240, 245, 251, 265, 276, 291, 294, 296, 311, 315, 319
- Cotas mais baixas, 153, 206
- Conzen, 37, 38, 63
- Crescimento populacional, 92, 104, 105, 106
- Crescimento urbano, 9, 18, 42, 76, 93, 105, 109, 110, 118, 126, 147, 148, 149, 150, 154, 162, 164, 168, 170, 182, 184, 186, 187, 190, 195, 197, 199, 202, 205, 207, 211, 224, 226, 227, 228, 233, 236, 240, 245, 251, 255, 260, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 276, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 296, 302, 304, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 318, 319, 321, 325, 326, 327, 333, 334, 336, 340, 343, 344
- Cruz João Évora, 95, 97, 100, 107, 134, 196, 197, 199, 206, 208, 216, 217, 219, 234, 235, 238, 245, 246, 247, 248, 249, 258, 267, 267, 268, 273, 274, 283, 284, 285, 286, 287, 311, 313
- Delimitada, 42, 109, 113, 174, 185, 186, 195, 205, 218, 226, 310
- Desenho da cidade, 13, 17, 38, 41, 45, 60, 61, 67, 132, 157, 159, 161, 163, 170, 175, 196, 218, 238, 245, 247, 251, 272, 298, 336
- Desenho urbano, 39, 55, 62, 64, 65, 67, 227, 334, 348
- Desvio, 113, 181, 250, 291, 335
- Diogo Afonso, 76, 82, 303, 304, 324
- Dispersadas, 221, 235, 237, 238
- Dispersas, 95, 97, 149, 159, 174, 209, 219, 220, 222, 234, 235, 246, 268, 292, 315
- Divisão tripartida, 38, 39, 68
- Dji d´Sal, 107, 134, 147, 152, 166, 167, 182, 185, 186, 196, 211, 221, 233, 237, 251, 271, 272, 273, 274, 282, 289, 292, 293, 299, 318
- Dominante, 39, 282, 292, 318
- Edifícios, 38, 41, 51, 55, 56, 58, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 69, 86, 87, 98, 107, 109, 112, 113, 130, 145, 146, 151, 157, 159, 164, 173, 188, 201, 260, 275, 283, 292, 313, 326, 333
- Electra, 15, 126, 298
- Elemento água, 109, 114, 145, 146, 147, 149, 157, 168, 188, 205, 206, 218, 227, 240, 265, 269, 276, 281, 291, 304, 310, 333, 340, 344
- Elementos distintivos, 9, 45, 154, 202, 205, 206, 210, 224, 227, 233, 240, 246, 281, 290, 295, 309, 310, 327, 334, 340, 343, 344
- Elementos identitários, 36, 41, 46, 55, 201, 327, 343
- Elementos morfológicos, 39, 41, 54, 55, 58, 60, 73, 132, 228, 240
- Elevações, 9, 30, 42, 82, 133, 134, 205, 222, 227, 309, 310, 327
- ENACOL, 15, 152, 266, 296
- Encostas, 36, 103, 154, 202, 219, 265, 268, 270, 282, 291, 303, 309, 325
- Engenheiro Henrique Lapa Travassos Valdez, 98
- Envolvente, 38, 42, 54, 63, 67, 69, 118, 121, 227, 286, 302, 309, 314, 325, 343
- Escala da cidade, 9, 36, 37, 41, 206, 218, 227
- Escala humana, 35, 58, 110, 227, 333
- Escola da Praça Nova, 268
- Escola de Oficiais, 249, 250
- Escola de Sargentos, 235, 236, 266, 267
- Escola de Versalhes, 38, 63
- Escola do Cortiço, 249, 260, 285, 286

- Escola Preparatória Jorge Barbosa, 149
Escola Secundária Jorge Barbosa, 286, 287
Escola Secundária José Augusto Pinto, 290
Escola Técnica, 97, 107, 209, 219, 268, 286
Espaço urbano, 9, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 42, 45, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 79, 103, 109, 126, 130, 133, 134, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 157, 164, 165, 170, 177, 183, 188, 197, 205, 208, 211, 212, 215, 227, 233, 234, 237, 238, 248, 252, 255, 256, 266, 270, 281, 282, 284, 288, 296, 297, 303, 312, 316, 320, 333
Espontâneos, 68
Esquema (s), 18, 19, 25, 30, 31, 32, 33, 45, 94, 95, 132, 147, 148, 151, 153, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 177, 179, 181, 183, 185, 187, 191, 193, 195, 198, 200, 203, 205, 208, 212, 214, 215, 229, 231, 233, 234, 237, 241, 243, 245, 248, 252, 255, 261, 263, 265, 266, 270, 277, 279, 281, 284, 288, 297, 305, 307, 309, 312, 316, 320, 329, 331, 334, 337, 343, 345
Estádio da Fontinha, 120, 210, 325
Estrada, 90, 93, 167, 172, 174, 181, 182, 184, 186, 195, 196, 197, 199, 200, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 245, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 270, 271, 273, 274, 281, 285, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 301, 304, 315, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 340, 341
Estradas, 45, 181, 184, 186, 195, 202, 207, 210, 256, 260, 273, 298, 299, 309, 321
Estrutura regular, 168, 333
ETAR, 290, 294, 318, 319
Expansão urbana, 18, 19, 80, 147, 149, 150, 152, 184, 205, 233, 245, 265, 266, 272, 281, 290, 291, 304, 309, 311, 315, 320, 326, 327, 334, 343, 344
Farmácia do Leão, 275, 276
Farol Rainha D. Amélia, 90
Fazenda Real, 83, 181, 184, 186, 195, 206, 214, 216, 250, 252, 270, 274, 290, 296, 317
Fenómenos, 9, 36, 50, 51, 54, 61, 71, 121
Fernando Pó, 100, 134, 206, 211, 213, 214, 216, 222, 250, 251, 253, 270, 271, 274, 275, 289, 291, 299, 301, 317, 321
FIC, 15, 206, 207, 219, 315
Fomes, 104
Fonte Cónego, 97, 100, 107, 134, 149, 151, 164, 170, 182, 183, 184, 188, 197, 198, 206, 208, 217, 218, 219, 220, 233, 235, 247, 249, 258, 299, 301
Fonte Cutú, 218
Fonte de Meio/Madeiralzinho, 216
Fonte Doutor, 226
Fonte Filipe, 100, 107, 134, 206, 208, 218, 220, 234, 235, 239, 246, 247, 248, 249, 257, 258, 267, 268, 273, 283, 284, 285, 286, 299, 301, 311, 313
Fonte Francês, 90, 100, 107, 108, 134, 181, 185, 186, 199, 200, 206, 211, 213, 214, 216, 222, 236, 237, 238, 239, 251, 253, 254, 257, 258, 265, 270, 271, 272, 273, 289, 291, 294, 296, 317, 318
Fonte Inês/Espia, 32, 100, 107, 134, 209, 234, 235, 239, 246, 248, 267, 268, 269, 283, 284, 285, 286, 287, 299, 301, 311, 313, 314
Fonte Meio/Madeiralzinho, 107, 197, 199, 206, 208, 209, 216, 217, 219, 234, 245, 247, 258, 283, 285, 286, 299, 300, 301, 311, 312, 313, 321, 322, 323
Fora, 86, 133, 146, 159, 161, 181, 182, 185, 186, 199, 200, 213, 221, 253, 254, 265, 271, 273, 287, 289, 290, 293, 296, 309, 311, 315, 316, 318, 319, 340
Forma urbana, 17, 37, 39, 40, 46, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 112, 218, 352
Fortim d' El Rei, 169
Fortim/Escola Técnica, 134, 197, 198, 209, 249, 269, 286, 311, 313, 326
Fractais, 71
Fragilidades, 36, 66, 110, 268
Fragmentada, 52, 59, 102, 126, 159, 196, 319, 327, 341
Frente marinha, 95, 109, 126, 133, 143, 147, 162, 175, 196, 282, 341, 342
Frigorífica, 236, 235, 249, 267, 269, 287, 313, 326
Galé, 87, 90, 96, 110, 134, 162, 168, 170, 186, 195, 196, 197, 201, 213, 221, 222, 251, 253, 254, 281, 290, 293, 296, 309, 310, 320, 327
Geminadas, 102, 283, 294, 302, 313
Génese, 9, 36, 50, 57, 60, 62, 109, 205, 206, 210, 224, 227, 233, 240, 251, 253, 265, 281, 290, 294, 309, 327, 340

- George Rendall, 145, 146
Golf, 253, 255
 Hanson, 70
 Heterogeneidade, 52, 212
 Hillier, 70
 Hipótese, 36, 228, 240, 339, 340, 343
 História, 9, 35, 37, 38, 52, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 72
 Homogeneidade, 102, 130, 268
 Horta Seca, 134, 271, 272, 273, 288, 289, 291, 292, 322
 Hospital, 87, 90, 146, 151, 164, 208, 210, 218, 220, 226, 227
 Hotel 5 de Julho, 250
 Identidade costeira, 9, 38, 42, 341
 Igreja da Nossa Senhora da Luz, 86, 114
 Ilha de S. Vicente, 18, 23, 29, 40, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 99, 102, 105, 106, 108, 141, 164, 165, 173, 190, 195, 197, 202, 298, 314, 340, 351
 Imagem, 35, 39, 51, 53, 54, 56, 62, 82, 91, 110, 112, 113, 114, 120, 126, 127, 133, 146, 152, 161, 162, 175, 176, 189, 195, 201, 205, 206, 210, 218, 222, 224, 225, 227, 240, 246, 251, 255, 259, 291, 294, 296, 301, 302, 303, 304, 309, 310, 315, 320, 323, 324, 326, 327, 340, 341, 343, 344
 INDP, 15, 290, 293, 317
 Inerentes, 58, 60, 68, 103, 121, 126, 130, 268, 323, 342
 Inglês, 181, 199, 222, 324
 Instrumentos urbanísticos, 9, 333, 334
 Interbase, 15, 267, 269
 Intervalo temporal, 9, 35, 36, 47, 132, 147, 154, 162, 176, 340, 343
 Isenta, 134, 184, 219, 222, 255, 310
 ISUF, 15, 37, 38, 60, 63, 65, 66, 68, 71, 350, 353
 Italcable, 206, 207, 209, 220, 236, 249, 250
 Jardim D. Angélica, 172
 João Aguiar, 99
 João d'Évora, 82, 216
 Joaquim Pereira Marinho, 84
jogo cricket, 120
 Jorge Branco Ló, 94
 José Luís Amorim, 94
 Lameirão, 83, 86, 90, 96, 100, 110, 133, 164, 166, 172, 176, 181, 195, 200, 218, 221, 245, 250, 265, 288, 289, 290, 291, 293, 309, 310, 315, 316, 318
 Lar Nhô Djunga, 107, 210, 211, 220, 227, 283, 285
 Largo da Parada, 116
 Largo da Paz, 112, 182, 183
 Largo da Salina, 30, 110, 119, 157, 158, 159, 164, 165, 170, 172, 174, 189, 210
 Largo do Albuquerque, 87, 117, 171, 202
 Largo do João Paes, 87
 Largo do Palácio, 87, 112
 Largo do Tarrafal, 172
 Largo Dr. Regala, 87
 Largo *John Miller*, 237, 238, 289, 292
 Largo José Lopes, 258
 Largo Madina do Boé, 112
 Largo William du Bois, 112
 Lazareto, 90, 93, 100, 126, 132, 134, 159, 167, 168, 172, 174, 182, 186, 187, 215, 222, 238, 255, 256, 290, 296, 297, 298, 304, 319, 321
 Legibilidade, 38, 58, 62, 225
 Leitura da cidade, 38, 45, 64, 68, 245
 Liceu Gil Eanes, 260, 302
 Liceu José Augusto Pinto, 317, 318
 Liceu Ludjero Lima, 253, 260, 302, 325
 Liceu Nacional D. Henrique, 116
 Linha utópica, 134, 153, 162, 168, 186, 197
 Litoral, 196, 216, 252, 258, 287, 309, 335
 Lógica organizacional, 157, 168
 Lugares, 9, 36, 41, 50, 57, 80, 82, 168, 174, 176, 181, 218, 227, 251, 304, 311
 Lynch, 38, 51, 62, 350
 M_EIA, 116, 188, 202, 224
 Madeiral, 82, 83, 86, 88, 90, 112, 113, 171, 172, 219
 Madeiralzinho, 86, 90, 95, 97, 100, 134, 164, 165, 208, 235, 248, 267, 268, 286, 299
 Mapa, 69
 Maria Emília Caria, 29, 41, 94, 96
 Marina, 130, 310, 312, 323, 324
 Marquês de Sá da Bandeira, 84
 Mاتيota, 31, 90, 93, 95, 100, 107, 110, 126, 130, 134, 141, 147, 148, 149, 164, 165, 166, 172, 175, 187, 196, 207, 209, 210, 216, 218, 234, 236, 249, 258, 274, 315
 Mاتيota Tennis Club, 207, 209, 236

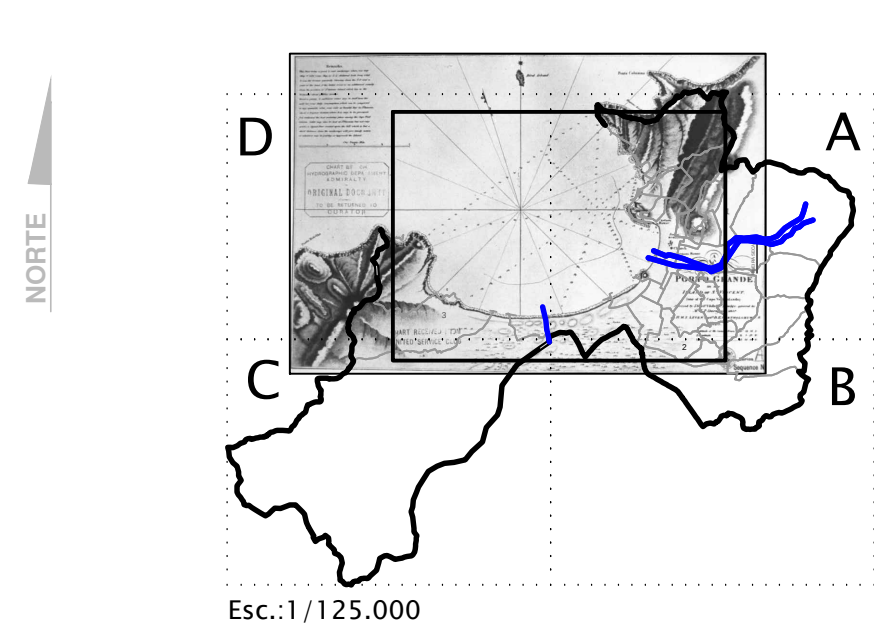
- Matiota/Lajinha, 134, 149, 165, 174, 187, 188, 196, 206, 209, 216, 218, 219, 238, 239, 249, 258, 274, 282
- Mato Inglês, 82, 83, 86, 90, 92, 167, 181, 195, 250, 252, 270, 274, 290, 296, 317
- Mercado de peixe, 282, 287
- Mercado Municipal, 30, 87, 97, 117, 118, 151, 159, 202, 221, 225, 226
- Millers & Cory*, 88, 109, 146, 161, 164, 165, 172, 174, 175, 182, 184, 201, 202, 213, 218, 246, 266, 283, 296
- Moave, 246, 302
- Monte Cara, 5, 29, 30, 42, 83, 110, 111, 112, 125, 175, 186, 201, 205, 224, 234, 251, 282
- Monte Craca, 97, 100, 107, 134, 152, 166, 167, 170, 171, 174, 182, 185, 186, 189, 210, 211, 213, 221, 227, 236, 237, 238, 245, 271, 272, 273, 289, 292, 299, 301, 317, 318
- Monte de Passarão, 96
- Monte de S. João, 96
- Monte de Santo António, 272
- Monte do Forte Velho, 133, 147, 152, 162, 166, 174, 175, 176, 196, 213, 221, 237, 238, 266, 301
- Monte do Fortim, 141, 165, 174, 197, 198, 210, 218, 219, 234, 258, 323, 341
- Monte do Passarão, 272, 287, 317
- Monte Fortim, 107, 114, 127, 145, 149, 164, 235, 238, 247
- Monte Sossego, 31, 32, 94, 97, 100, 103, 107, 108, 132, 134, 153, 167, 206, 211, 212, 213, 214, 216, 221, 222, 236, 237, 238, 239, 245, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 289, 291, 292, 294, 296, 301, 302, 317, 318, 321, 322, 323
- Monte Verde, 42, 82, 83, 87, 90, 181, 184, 327
- Montevideo, 164, 165, 172, 283, 285
- Monumento alusivo a primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, 118
- Morfologia urbana, 9, 17, 35, 37, 38, 39, 46, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 170, 334, 341, 348, 351, 352, 353
- Morro Branco, 125, 132, 134, 168, 174, 181, 186, 187, 215, 222, 255, 256, 282, 298, 319, 320, 321, 344
- Muratori, 37, 60, 63, 67, 68, 347
- Museu do Mar, 117, 303
- Obelisco, 119, 152, 210
- Obras públicas, 73, 86, 87, 92, 114, 207
- Ocupação urbana, 9, 25, 30, 47, 142, 148, 167, 183, 200, 235, 248, 284, 317
- ONAVE, 16, 265, 290, 293, 351
- Orla marítima/água, 42, 254, 276, 281, 282, 290, 294, 295, 309, 311, 327, 333, 334, 340, 341, 343, 344
- Ortofotomapas, 13, 41, 60, 132, 245
- Padaria Matos, 185, 186
- Padrões morfológicos, 36
- Paisagem urbana, 5, 9, 38, 42, 47, 68, 69, 80, 110, 112, 162, 164, 174, 207, 222, 240, 273, 291, 302, 309, 318, 327, 343
- Países lusófonos, 17, 71
- Palácio, 30, 33, 95, 97, 107, 116, 117, 141, 148, 149, 151, 159, 171, 172, 188, 201, 202, 220, 224, 299, 301, 335, 336, 339, 340
- Parcelas, 38, 41, 60, 63, 64, 68, 164, 281, 309
- Parcelas industriais, 296
- Parque Eólico, 298
- Parque Industrial do Lazareto, 255, 296, 319
- Património, 35, 39, 79, 109, 110, 112, 227, 351
- PDM, 16, 40, 41, 94, 95, 99, 102, 352
- Pé do Verde, 83, 90, 207
- Pedra Rolada, 96, 100, 110, 134, 184, 185, 195, 199, 200, 221, 240, 245, 250, 252, 271, 272, 287, 288, 289, 291, 292, 299, 317, 319
- Periferia, 18, 52, 59, 112, 149, 168, 171, 205, 233, 234, 271, 273, 276, 281
- Perímetro urbano, 45, 86, 132, 133, 181, 200, 245, 254, 265, 271, 273, 286, 287, 289, 290, 293, 294, 296, 309, 311, 315, 318, 319, 326
- Pista de Avião de Missão, 213
- Planeada, 36, 50, 65, 120, 162, 218, 253, 271, 272
- Planos de Machado, 120
- Planta 'aerofotogramétrica', 40, 41, 99
- Planta manuscrita, 13, 40, 170
- PNUM, 16, 38, 60, 71, 350, 352, 353
- Pombas Brancas, 33, 311, 313, 314, 323
- Pont d'Água, 312

- Ponta de João Ribeiro, 35, 209, 210, 220, 286, 287, 344
- Ponta do Morro Branco, 35, 126
- Ponte-cais, 87, 90, 114, 147, 152, 160, 161, 162, 163, 207, 209, 218, 233, 246, 259, 265, 282, 284, 287, 302, 303, 310, 312, 323, 324, 336, 339, 340, 341
- Pontinha, 32, 87, 90, 169, 170, 174, 196, 207, 209, 219, 233, 239, 240, 341
- Porto Grande, 29, 30, 40, 81, 82, 84, 85, 90, 91, 92, 93, 104, 105, 114, 126, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 141, 142, 150, 159, 168, 170, 175, 196, 211, 214, 222, 282, 284, 333, 336, 341
- Portugal, 60, 71, 72, 73, 74, 275, 348, 350, 352
- Português, 84, 199, 222
- Povoação D. Leopoldina, 141
- Povoação do Mindelo, 30, 80, 84, 86, 87, 144, 146
- Povoação Dom Rodrigo, 84, 141
- Praça Amílcar Cabral, 98, 100, 112, 113, 120, 127, 172, 201
- Praça Baltazar Lopes da Silva, 112
- Praça D. Luís, 158, 259
- Praça da Doutora, 112
- Praça do Dr. Duarte Silva, 116
- Praça do Pelourinho, 87
- Praça Dom 'Luiz', 87, 112, 120, 159
- Praça Dr. Regala, 112, 182, 219
- Praça Estrela, 30, 107, 110, 112, 119, 120, 162, 209, 210, 221
- Praça José Lopes, 112
- Praça Nhô Roque, 112, 303, 324
- Praça Serpa Pinto, 98, 120, 121, 171, 172, 183, 201
- Praça Zimbabwe, 112
- Pracinha da Igreja, 112, 113
- Praia, 29, 82, 87, 103, 110, 126, 130, 141, 152, 161, 165, 181, 196, 219, 249, 253, 254, 283, 285, 293, 298, 299, 315, 319, 326
- Praia de Bote, 114, 303, 324
- Prédio 2000, 302
- Presença marinha, 36, 265, 288, 289, 304
- Prevalece, 206, 245, 265, 276, 281, 292, 293, 333
- Problemáticas urbanas, 57, 110
- PU, 94
- Quadro, 67, 72, 73, 189
- Quarteirão, 57, 64, 107, 109, 145, 157, 220, 221, 238
- Quartel da 2ª Companhia de Caçadores, 209
- Quartel Militar/Correio, 30, 116, 188, 287
- Radio Naval, 251, 253, 254, 260, 294, 324
- Realçada, 82, 96, 110, 112, 134, 157, 164, 168, 174, 176, 182, 184, 186, 201, 205, 210, 218, 219, 222, 233, 246, 250, 281, 282, 283, 287, 292, 293, 296, 302, 304, 310, 315, 318, 321, 326, 333, 343
- Rede viária, 95, 299, 334
- Região morfológica, 69, 352
- Relação terra/água, 181, 206, 281, 304, 341
- Réplica da Torre de Belém, 117
- Reserva urbana, 42, 309, 333
- Residencial Chave d'Ouro, 146
- Resumindo, 45, 142, 146, 153, 162, 176, 190, 202, 227, 240, 260, 276, 304, 326
- Ribeira Bote, 31, 32, 92, 97, 100, 107, 134, 148, 149, 151, 164, 165, 168, 170, 174, 183, 184, 205, 208, 210, 211, 216, 217, 220, 226, 227, 233, 234, 235, 238, 239, 245, 247, 249, 256, 258, 273, 274, 283, 285, 287, 299, 301, 302, 309, 321, 323, 325
- Ribeira da Matiota, 205, 206, 265
- Ribeira da Vinha, 167, 196, 199, 200, 255, 257, 258, 289, 290, 293, 294, 315, 316, 318, 319
- Ribeira de Craquinha, 100, 134, 199, 200, 214, 250, 251, 252, 253, 270, 272, 275, 288, 289, 290, 291, 299, 317
- Ribeira de Julião, 33, 83, 90, 96, 100, 102, 134, 181, 184, 186, 195, 199, 200, 233, 245, 253, 254, 257, 271, 273, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 299, 301, 315, 316, 317, 318, 319
- Ribeira de Vinha, 82, 83, 162
- Ribeira do Lameirão, 245, 252, 274, 287, 289, 291, 294
- Ribeira do Passarão, 134, 250, 288, 289, 290, 291, 292, 316, 317, 318
- Ribeira do Paul, 29, 111, 134, 184, 210
- 'Ribeira seca', 30, 31, 32, 33, 133, 134, 147, 148, 152, 153, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 171, 174, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 218, 220, 221, 233, 234, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 255, 265, 266,

- 267, 268, 269, 270, 272, 273, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 294, 298, 299, 301, 302, 304, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 321, 324, 325
- Ribeiras, 9, 30, 35, 42, 82, 95, 96, 110, 132, 133, 134, 176, 205, 221, 222, 227, 246, 265, 270, 272, 276, 281, 287, 299, 304, 309, 310, 327, 340, 341
- Ribeirinha, 83, 95, 96, 100, 107, 134, 196, 199, 200, 233, 234, 235, 236, 238, 246, 248, 265, 267, 268, 269, 283, 285, 286, 287, 289, 292, 299, 301, 309, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 321, 323
- Risco, 36, 42, 54, 103, 268, 291, 310, 333, 334
- Rotunda, 118, 157, 214, 286, 287, 299, 309, 321, 323
- Rua 1, 214, 216, 257, 258, 274, 299, 301
- Rua Angola, 107, 216
- Rua António de Nola, 171
- Rua Argélia, 217
- Rua Celso da Silva Leão, 107
- Rua Cristiano de Sena Barcellos, 247
- Rua da Boa Vista, 216
- Rua da Guebara, 169, 171, 174
- Rua da Luz, 112, 143, 157, 189
- Rua da Moeda, 151, 152, 171
- Rua da Paz, 171
- Rua da Praia, 87, 112, 129, 169, 201, 303, 324
- Rua das Irmãs do Amor de Deus, 197
- Rua das Oficinas Navais, 274
- Rua de Cadamosto, 157
- Rua de D. Carlos, 168, 171, 172, 174, 335
- Rua de Lisboa, 32, 33, 225, 276, 335
- Rua de Miller, 157
- Rua de S. João, 143, 152, 157, 170, 174
- Rua de S.^{to} António, 112, 143
- Rua de Sá da Bandeira, 143, 157, 174
- Rua de Sagres, 170, 171, 174, 189
- Rua do Augusto Ferro, 171
- Rua do Barreiros, 171, 224
- Rua do Calheiros, 87, 157, 161
- Rua do Capitão Heitor d'Azevedo, 171
- Rua do Coko, 224, 325
- Rua do Concelheiro Neves Ferreira, 170
- Rua do Conselheiro Neves Ferreira, 169, 174, 189
- Rua do Conselheiro Sampaio, 168, 169, 170, 171
- Rua do Custódio Duarte, 87, 169, 171, 188, 233
- Rua do Douro, 31, 112, 169, 170, 171, 174, 189, 257, 258
- Rua do Figueiredo de Barros, 107, 207
- Rua do Guebara, 188
- Rua do Hospital, 87, 169, 170, 171, 188, 218, 225
- Rua do Infante D. Henrique, 87, 170, 171, 182
- Rua do João Carlos, 171
- Rua do João Machado, 170, 171, 188, 218, 225
- Rua do Matadouro, 171
- Rua do Minho, 174
- Rua do Morguinho, 169, 188, 274, 296
- Rua do Poço do Estado, 171
- Rua do Tejo, 174
- Rua do Tenente Valladim, 168
- Rua dos Bombeiros, 299, 301
- Rua dos Descobrimentos, 171
- Rua dos Navegadores, 87, 143, 145, 146, 150, 157, 159, 161, 335
- Rua Figueiredo de Barros, 171
- Rua Filipe Pereira, 256, 258
- Rua Franz Fanon, 107, 169, 188, 217, 225
- Rua Infante D. Henrique, 143, 145, 157, 169
- Rua Izidoro Martins, 107
- Rua Jaime Mota, 113
- Rua Libertadores de África, 29, 32, 33, 113, 143, 161, 169, 188, 201, 225, 275, 276, 335, 336, 339
- Rua Maginal, 157
- Rua Moçambique, 143
- Rua R. M. Ribeiro de Almeida, 211, 216, 238, 239
- Rua Rainha D. Leonor, 217, 256, 258
- Rua Raul Duarte Silva, 225
- Rua Renato Cardoso, 299, 301
- Rua S. João Bosco, 256, 258
- Rua Sampaio, 157
- Rua Senador Vera Cruz, 113, 217
- Rua Suburbana, 113, 170, 171
- Rua Unidade Africana, 29, 94, 98, 99, 109, 113, 169
- Rua William du Bois, 218
- Ruas do Custódio Duarte, 170

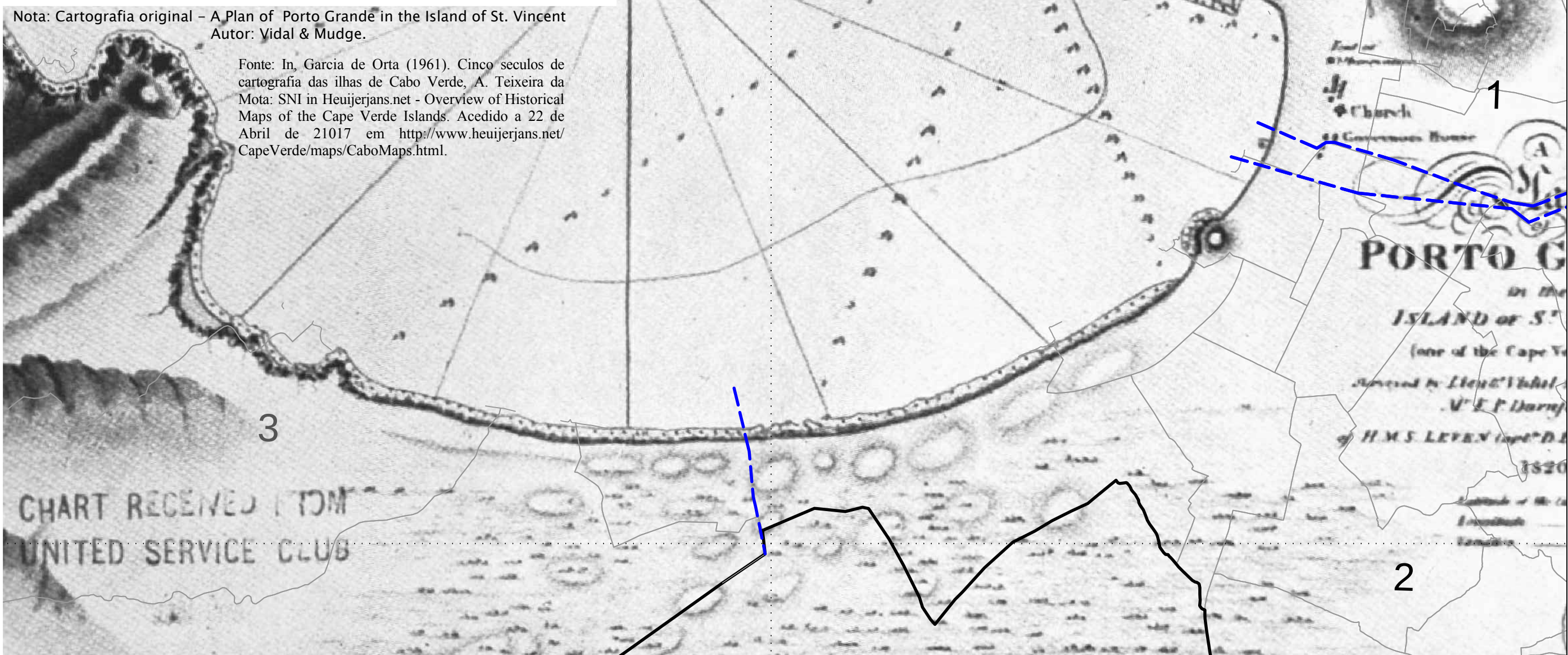
- Ruas do Sol e da Boa Esperança, 174, 210, 220
Ruínas, 302, 303, 342
Salamansa, 82, 83, 90, 181, 195, 196, 199, 200, 216, 233, 235
Salesiano, 208, 217
Sem construção, 267, 271, 272, 273, 281, 282, 284, 286, 291, 309, 310, 312, 342, 343
Senna Barcellos, 127
Shell, 30, 31, 32, 33, 107, 133, 134, 152, 153, 162, 166, 167, 168, 184, 185, 186, 187, 195, 197, 199, 201, 211, 212, 213, 215, 221, 222, 236, 237, 238, 246, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 269, 270, 273, 286, 287, 288, 290, 293, 296, 297, 302, 303, 304, 315, 316, 319, 320, 323, 343
Silhuetas, 35, 42, 82, 110, 133, 310
Simplicidade, 38, 225
Singularidade, 38, 225
Sintaxe espacial, 70
Sobreposição, 41, 55
Solo, 38, 55, 58, 68, 69, 90, 93, 130, 132, 205, 283, 303, 304, 328, 334, 343, 344
St. Vicent Cricket Club, 184, 198, 209
Step, 207, 209, 249
Suporte geográfico, 36
Tenis Club de Mindelo, 209, 210, 217, 226
Terminal de passageiros, 282, 310
Tipologia, 39, 68, 292, 294, 326, 327, 347
Topografia, 9, 42, 78, 147, 152, 154, 171, 190, 205, 216, 228, 233, 265, 269, 270, 281, 282, 294, 295, 309, 310, 327, 334, 340, 343, 344
Torrada, 107, 134, 184, 221, 236, 237, 254, 258, 290, 294, 301, 317, 318, 325
Traçado, 18, 31, 33, 41, 45, 56, 57, 59, 64, 79, 95, 103, 129, 161, 162, 168, 170, 176, 188, 195, 196, 197, 200, 210, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 221, 238, 239, 251, 252, 254, 255, 256, 258, 274, 283, 296, 297, 322, 335, 336, 339, 340
Transformações urbanas, 9, 18, 36, 41, 46, 47, 60, 64, 141, 147
Travessa Camões, 171
Travessa D. Dália, 217
Travessa da Fé, 171
Travessa da Igreja, 143, 157, 159, 170
Travessa da Paz, 171
Travessa da Praia, 113, 117, 143, 157, 168, 169, 170, 171
Travessa de Brites de Almeida, 170
Travessa do Dispensário, 107
Travessa do Jardim, 171
Travessa dos Paços do Concelho, 169, 170, 171, 218, 219
UNICV, 16, 254
Uniformidade de bairro, 236, 267, 268
Universidade Lusófona do Mindelo, 249, 250
Urbanismo, 9, 37, 46, 55, 58, 62, 72, 73, 74, 79, 351
Vias estruturantes, 42, 45, 109, 168, 190, 291, 319, 321
Vias sinuosas, 245
Vila do Mindelo, 18, 30, 141, 143, 144, 145, 147, 150, 152
Vila Nova/Lombo Tanque, 107, 134, 184, 205, 211, 221, 251, 252, 271, 272, 288, 289, 291, 292, 298, 301, 309, 317, 318, 321, 323, 325
Visão morfológica, 1, 3, 9, 35, 36, 70
Wilson Sons, 147, 163, 166, 167, 172, 182, 196, 265, 222, 256, 293
Zona da Lajinha, 126, 127
Zona da Ribeira de Julião, 289, 290
Zona de Salgados, 134, 221, 291, 293, 309, 320
Zona Industrial Sul, 100, 107, 134, 186, 213, 221, 251, 253, 258, 274, 290, 293, 299
Zona Militar, 134, 170, 173, 183, 197, 199, 206, 207, 208, 209, 216, 219, 236, 250, 274, 283, 284, 285, 286, 287, 299, 300, 301, 311, 312
Zona portuária, 90, 126, 233, 246, 248, 260, 282, 284, 342

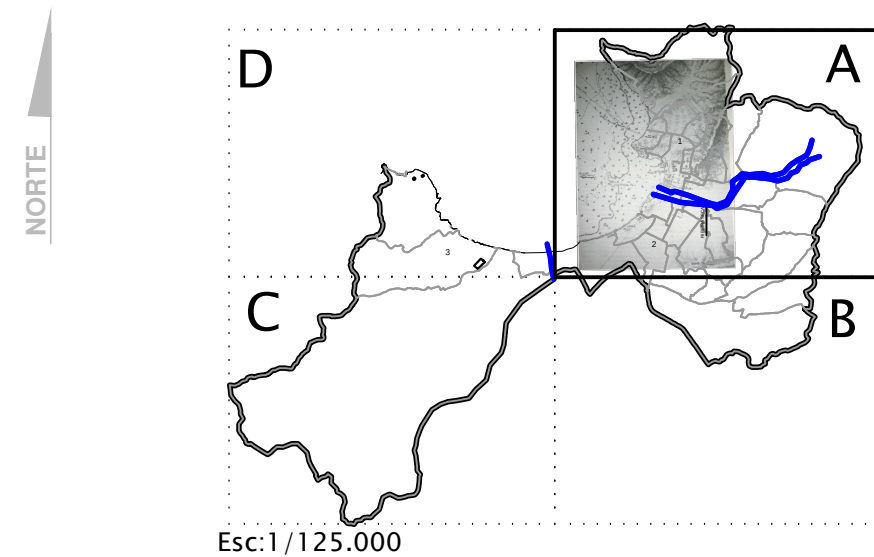
APÊNDICES



- LEGENDA
- 1 – Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 – Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 – Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell. (ainda inexistentes)
- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - Limite dos Bairros, (atual).
 - Área de intervenção – perímetro urbano (atual) do Mindelo.

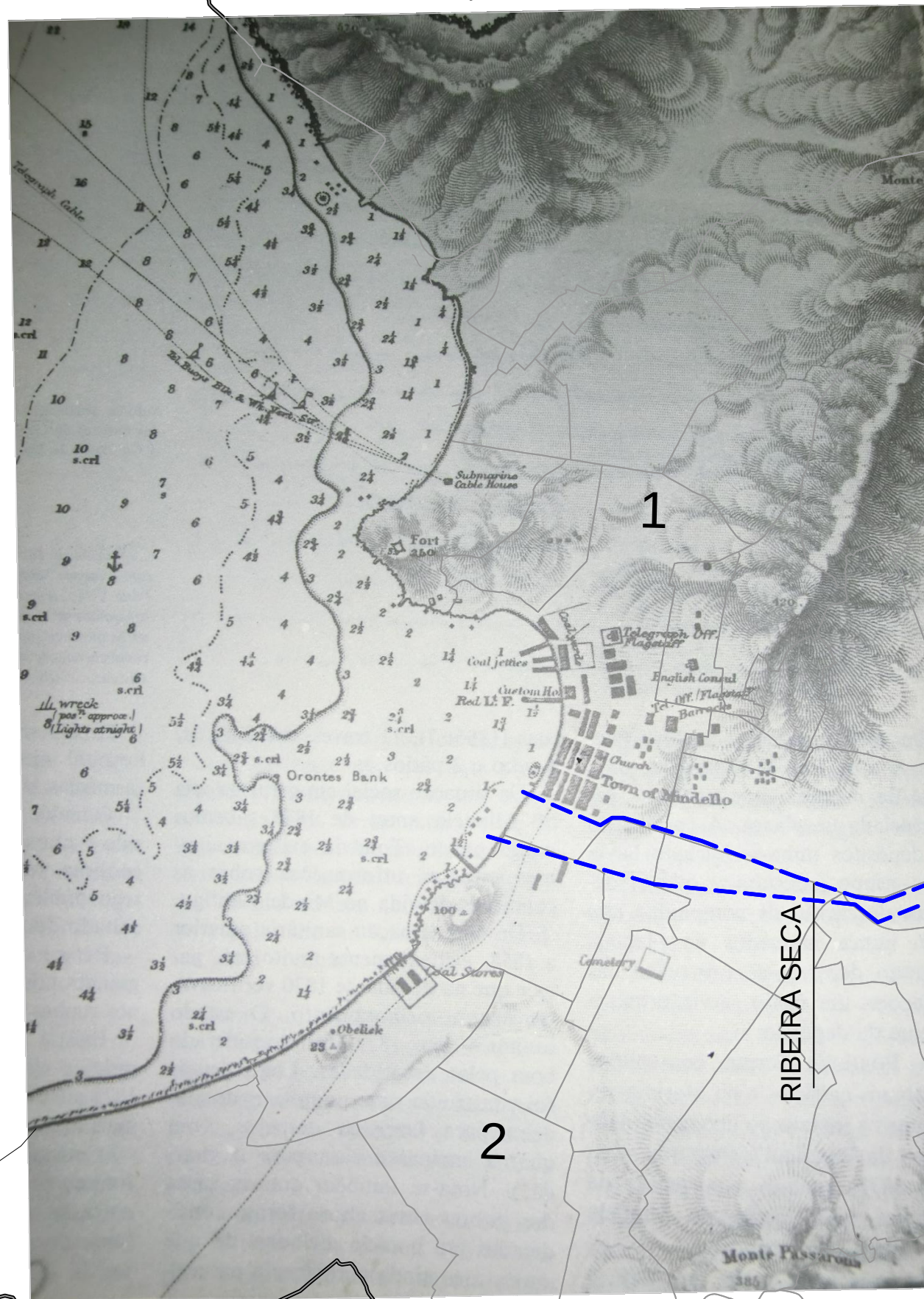
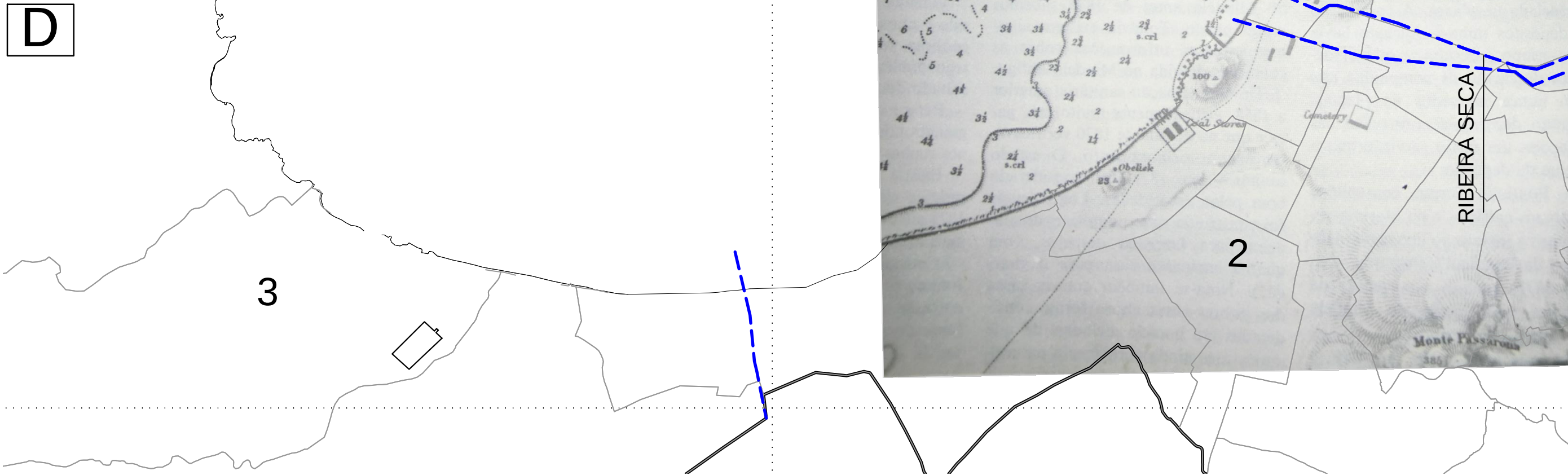
Nota: Cartografia original – A Plan of Porto Grande in the Island of St. Vincent
Autor: Vidal & Mudge.



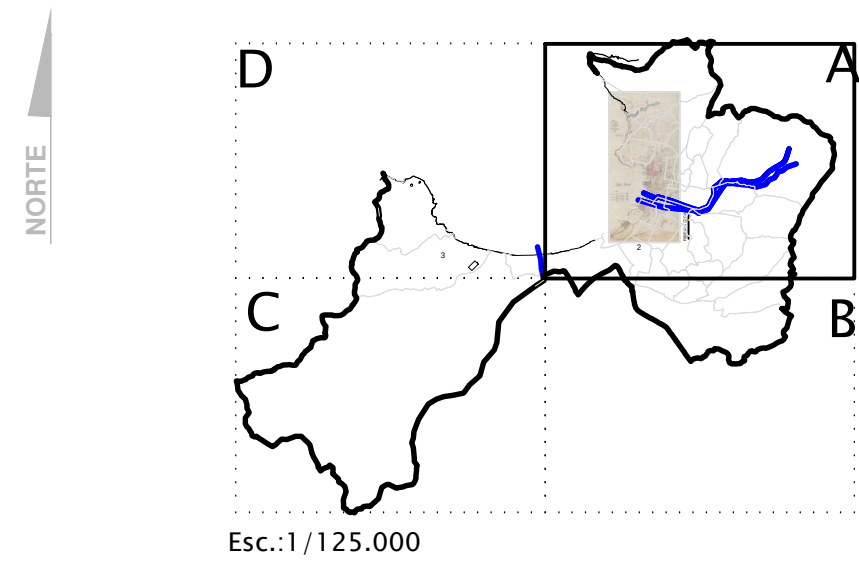
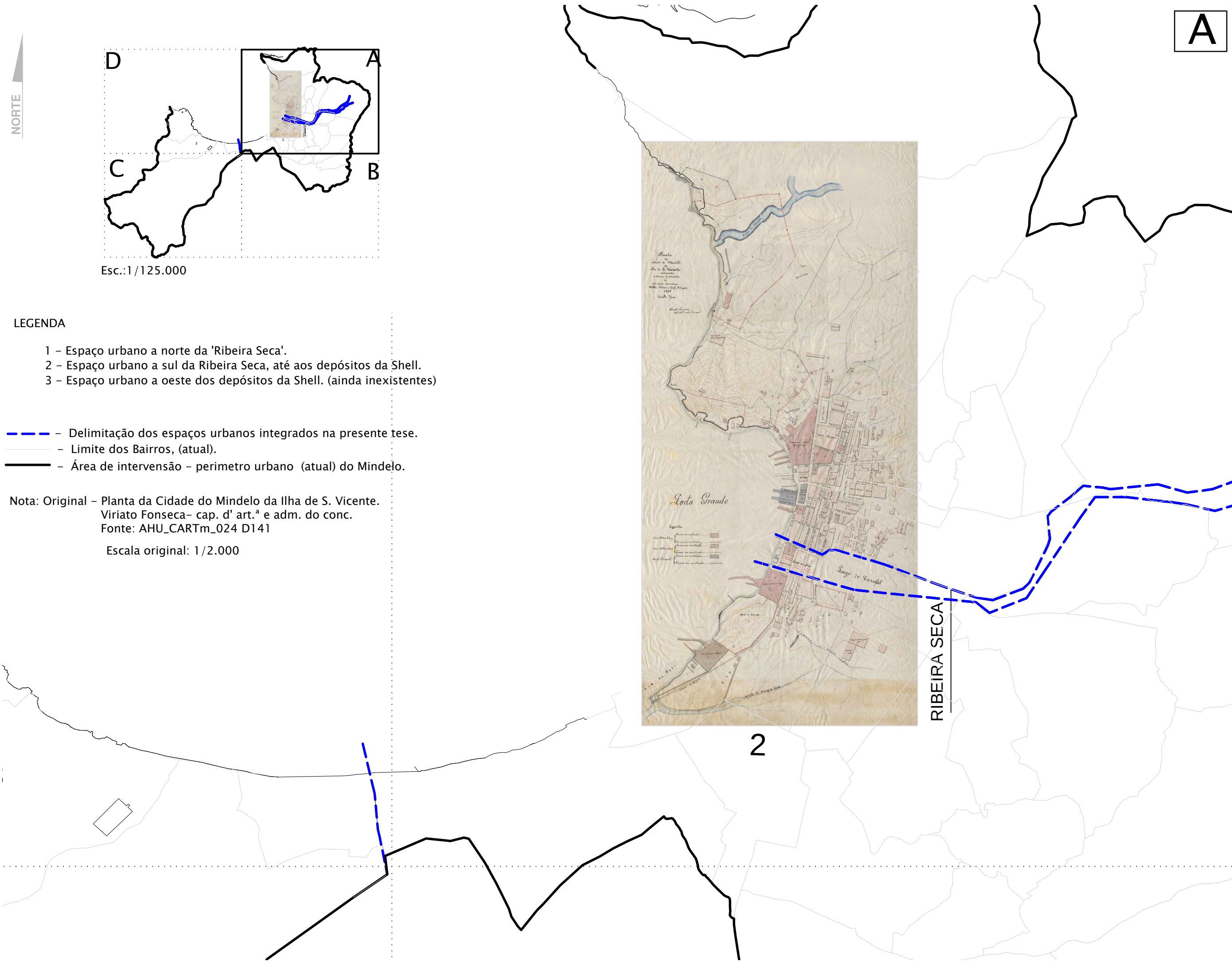


- LEGENDA
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell. (ainda inexistentes)
- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - - Limite dos Bairros, (atual).
 - - Área de intervenção – perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Cartografia original – «Porto Grand, St. Vincent Island (now Know as Luis the 1st Harbour)»
1873, posteriormetecorrigido [Chart 370 (BO)].
Fonte: MHOP, 1984, p. 35)



A

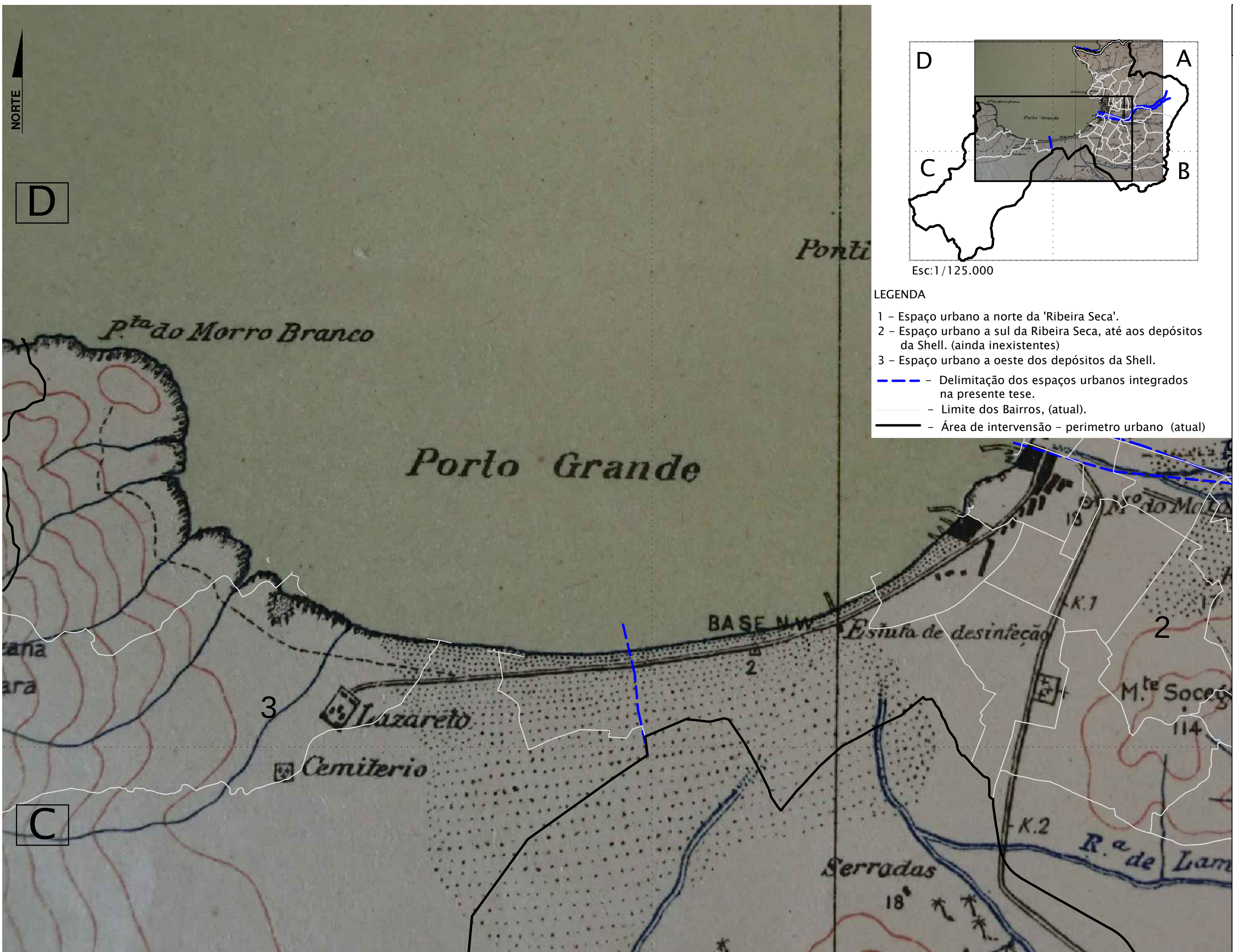


LEGENDA

1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell. (ainda inexistentes)

--- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
--- - Limite dos Bairros, (atual).
--- - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Original - Planta da Cidade do Mindelo da Ilha de S. Vicente.
Viriato Fonseca- cap. d' art.^a e adm. do conc.
Fonte: AHU_CARTm_024 D141
Escala original: 1/2.000



NORTE

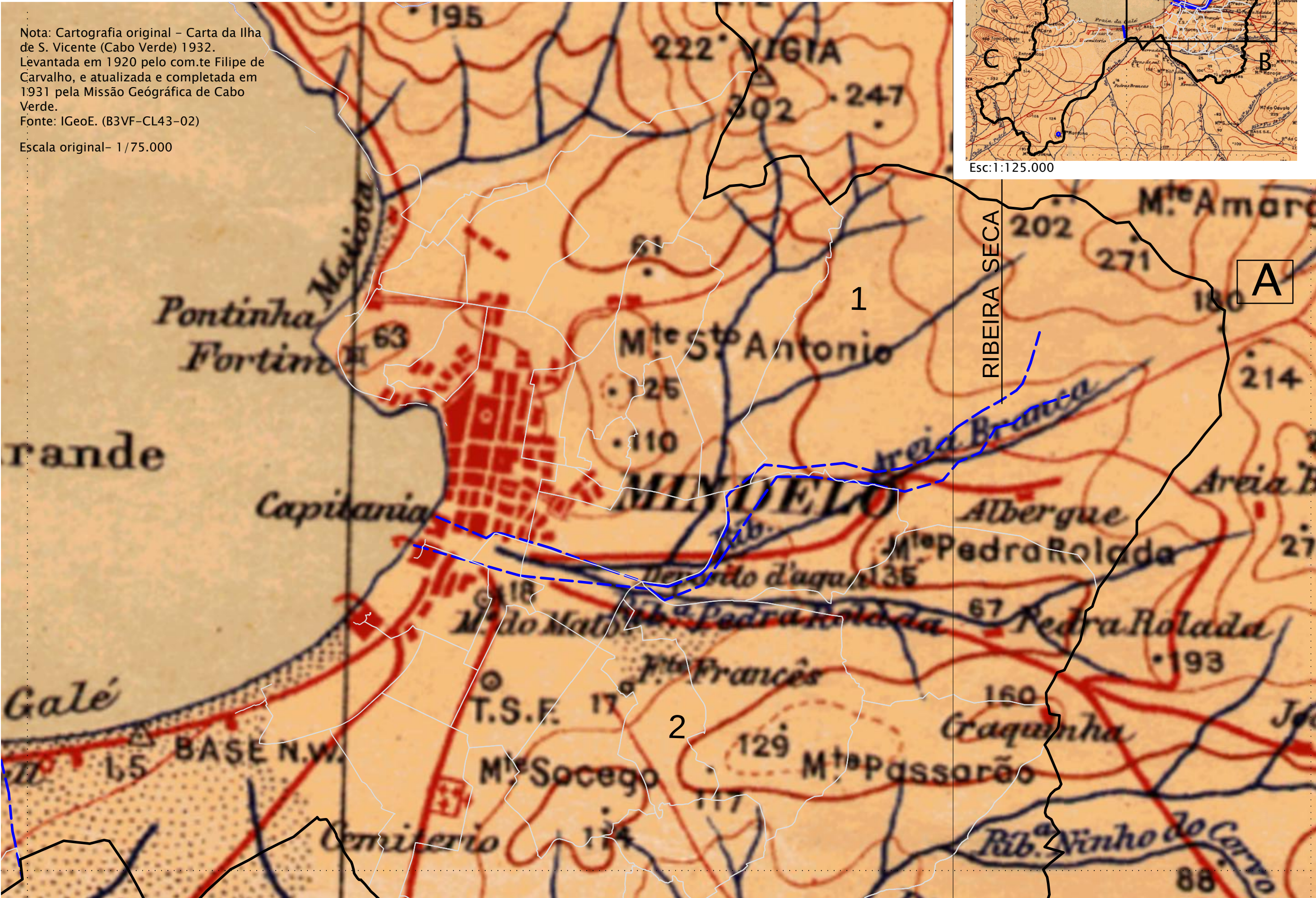
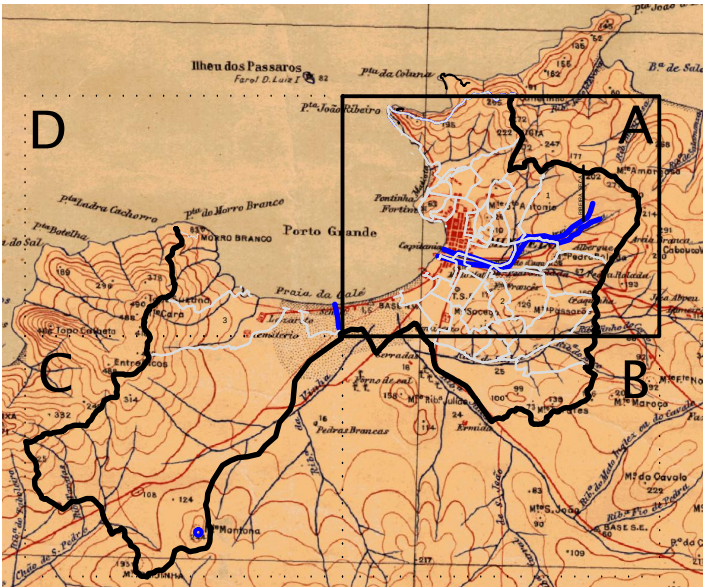
LEGENDA

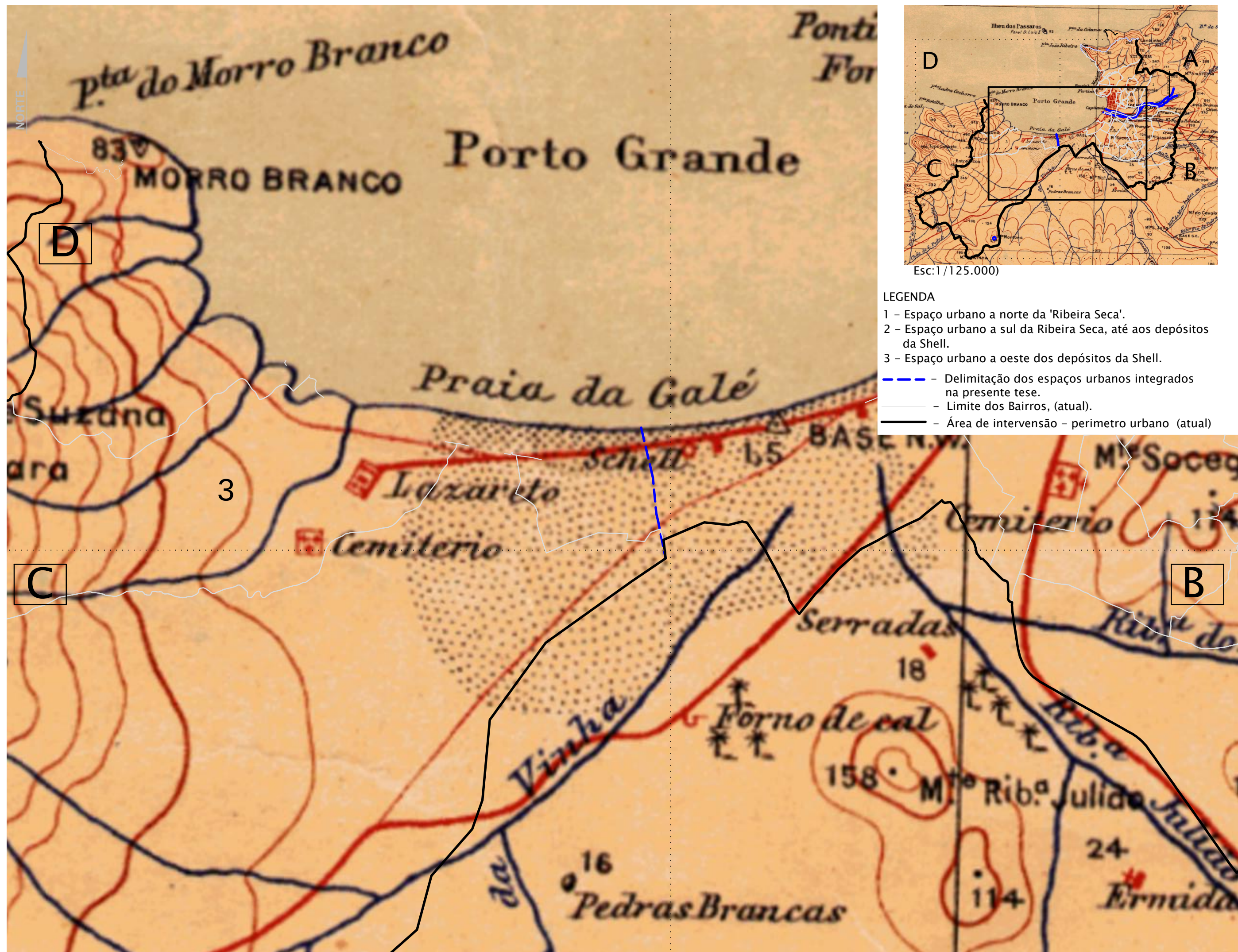
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

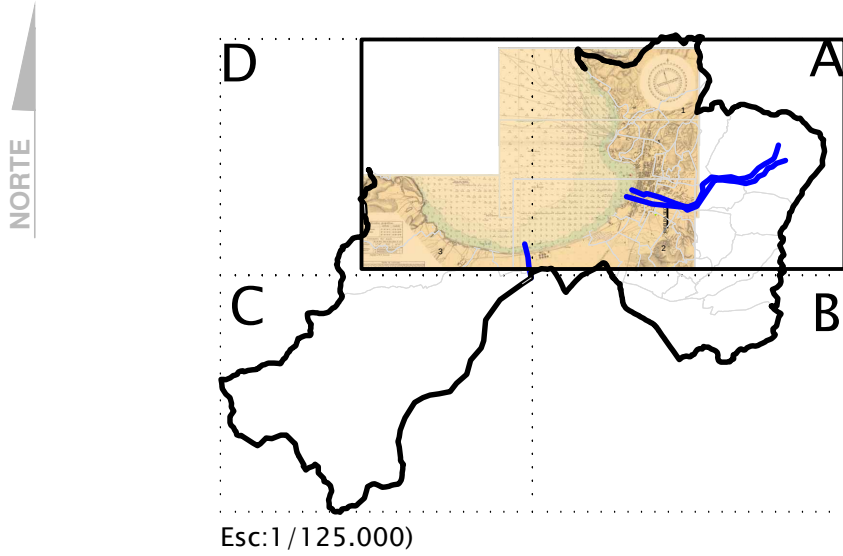
- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- Limite dos Bairros, (atual).
- Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Cartografia original - Carta da Ilha de S. Vicente (Cabo Verde) 1932. Levantada em 1920 pelo com.te Filipe de Carvalho, e atualizada e completada em 1931 pela Missão Geográfica de Cabo Verde. Fonte: IGeoE. (B3VF-CL43-02)

Escala original- 1/75.000



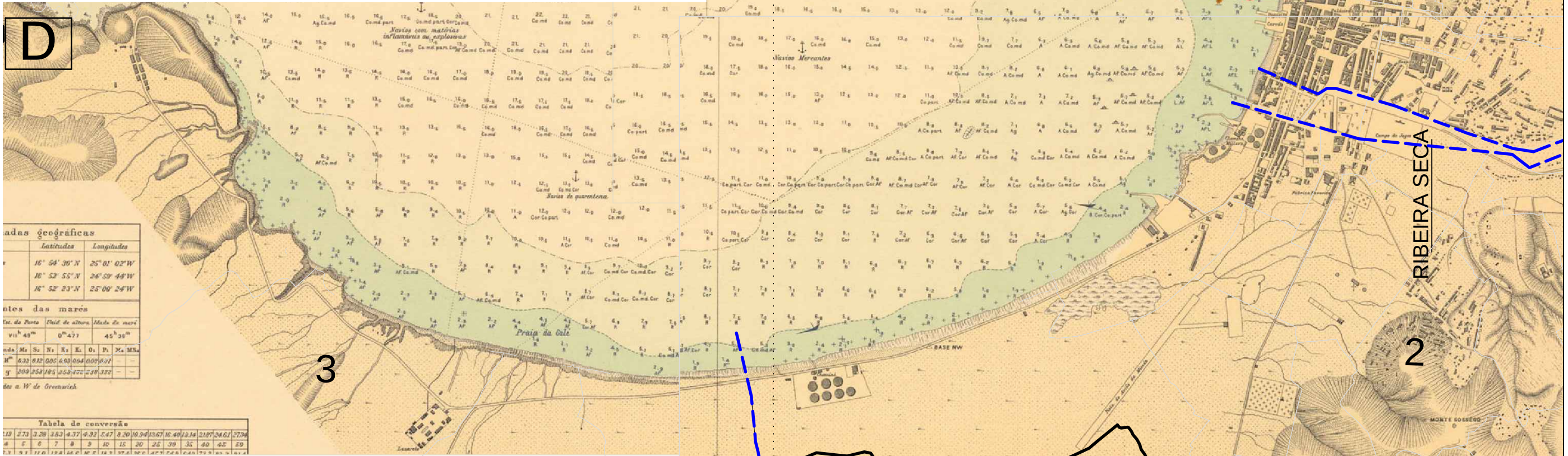


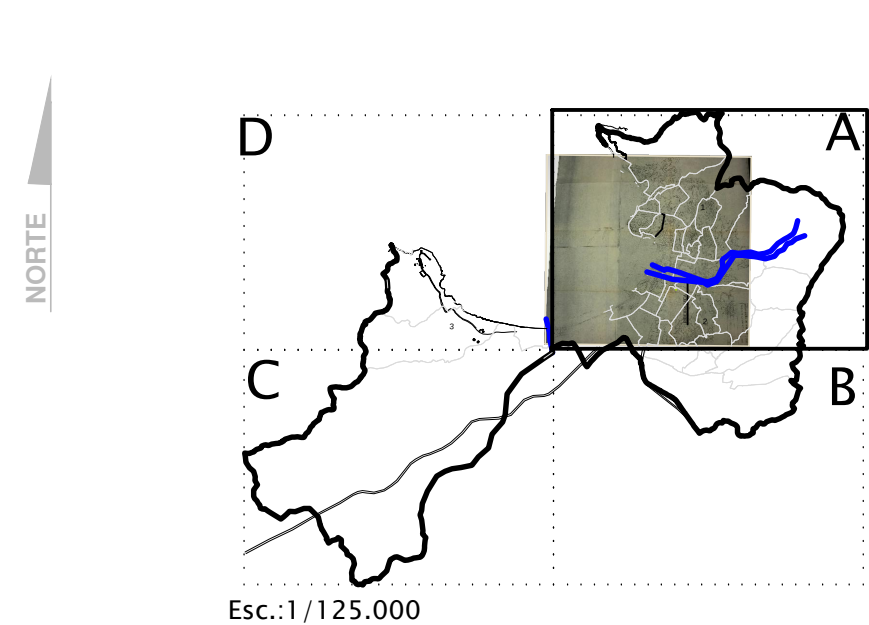


LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell. (ainda inexistentes)
- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - Limite dos Bairros, (atual).
 - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Cartografia original - Costa Norte da Ilha de S. Vicente. Plano Hidrográfico
Plano hidrográfico do Porto Grande, 1946
Levantada pela Missão Hidrográfica do arquipélago de Cabo Verde
Fonte: Instituto Geográfico da Marinha [IGM] de Portugal (C_10_6 CIH)
Escala original- 1/10.000



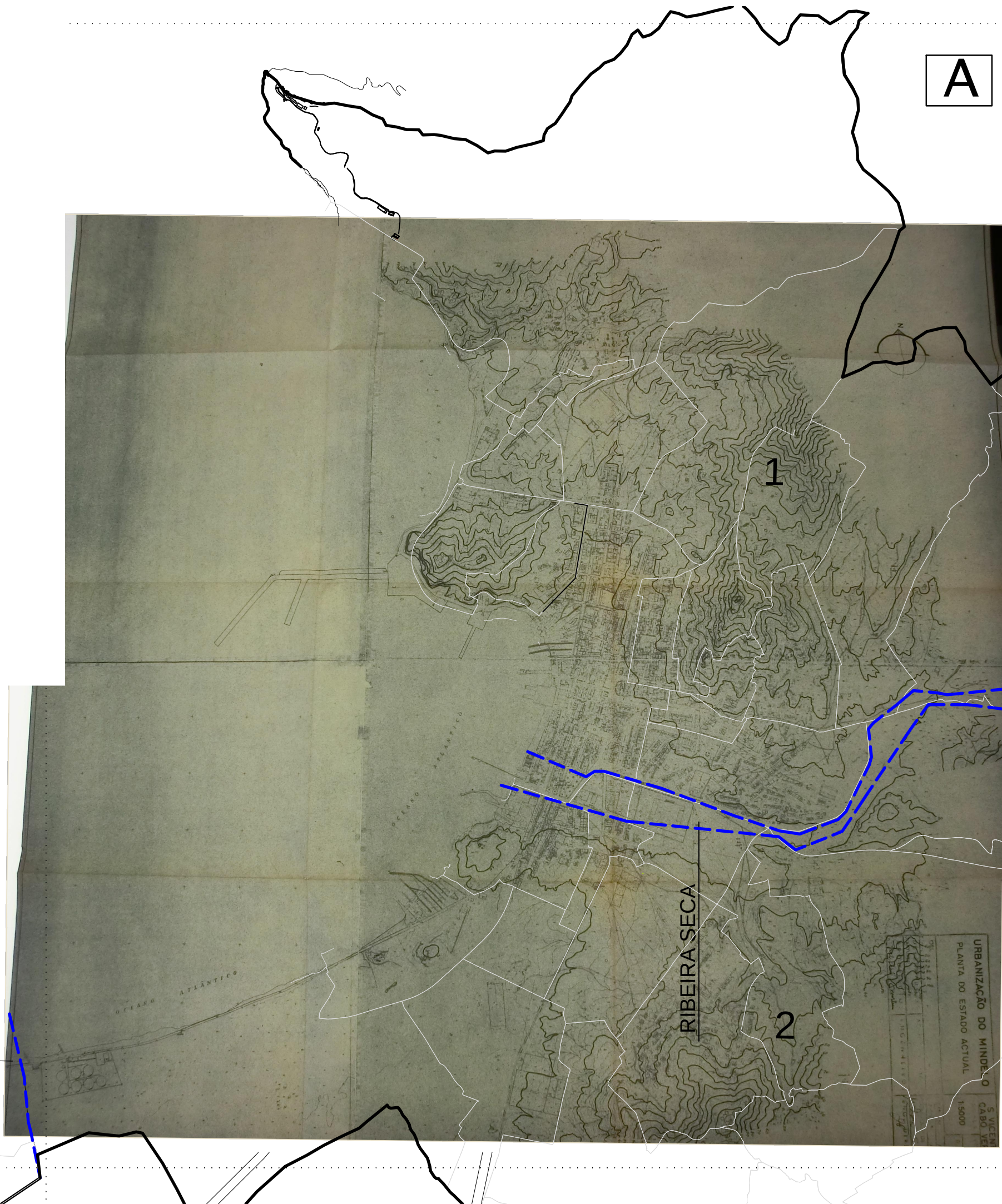


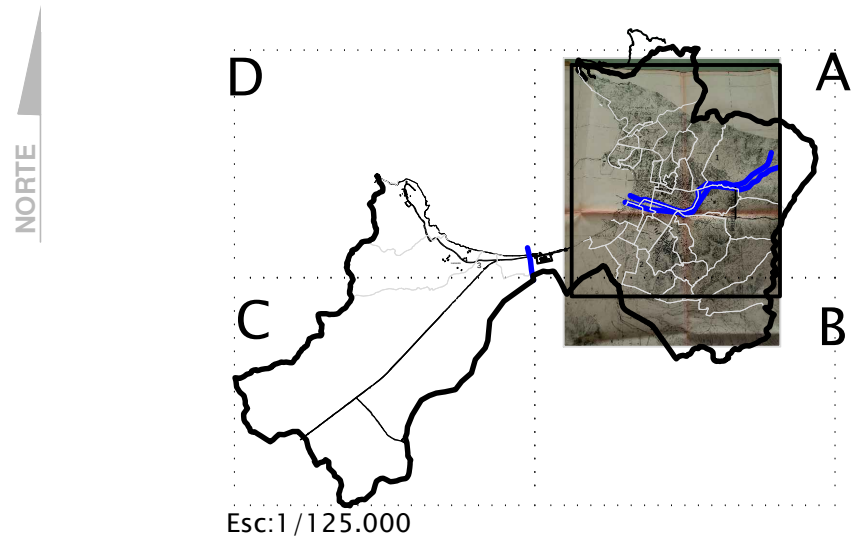
LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell. (ainda inexistentes)
-
- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - - Limite dos Bairros, (atual).
 - - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Original - Planta aerofotogramétrica:
Planta base - Urbanização do Mindelo- Estado atual
Arquiteto José Luís Amorim.
Escala original 1/5.000

A distorção da fotografia não permite um enquadramento exata dos bairros em estudo. Isto, é visualizado no limite dos bairros do Alto Morabeza, Che Guevara, do Alto Mira Mar e do Fernando Pó. (ver levantamento topograficos de 1960 em anexo)





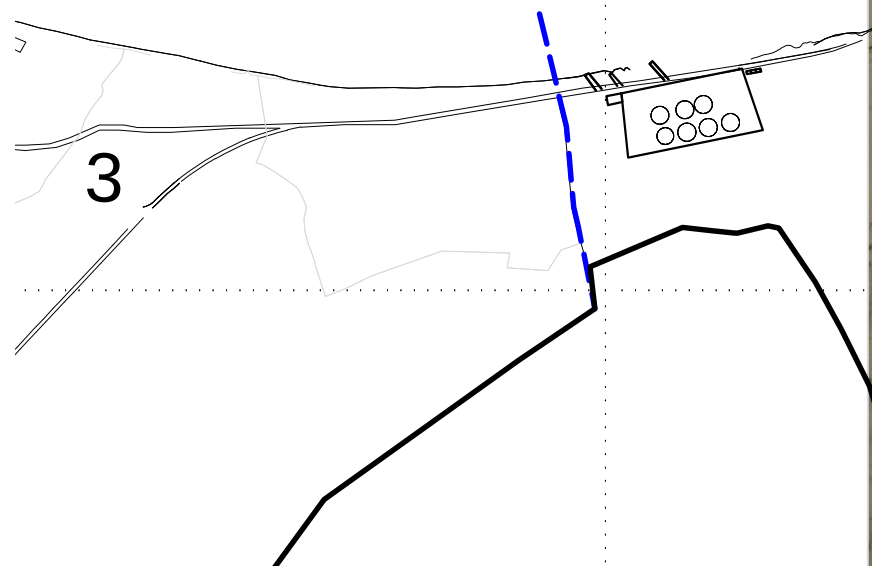
LEGENDA

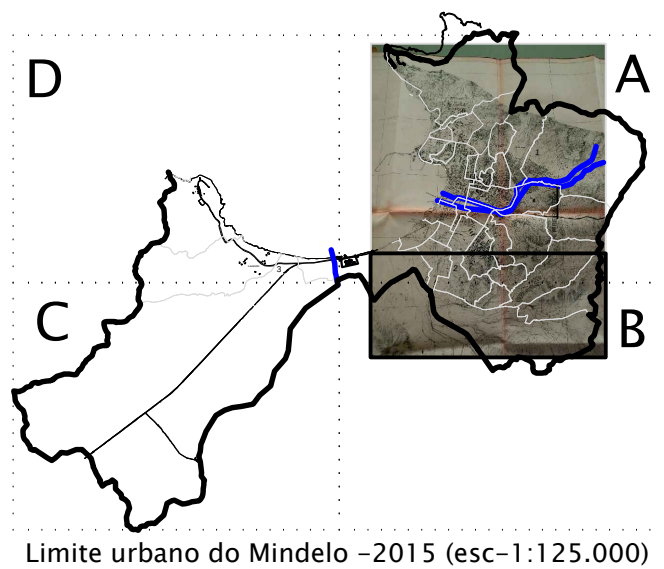
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- Limite dos Bairros, (atual).
- Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

- Legenda original
- Mancha de ocupação clandestina
 - Estudos Elaborados pela Câmara Municipal
 - Concretizações segundo o Plano

Nota: Original - Planta aerofotogramétrica:
Planta base-Urbanização do Mindelo-Província
de Cabo Verde
Arquiteta Maria Emília Caria.
Escala original 1/10.000



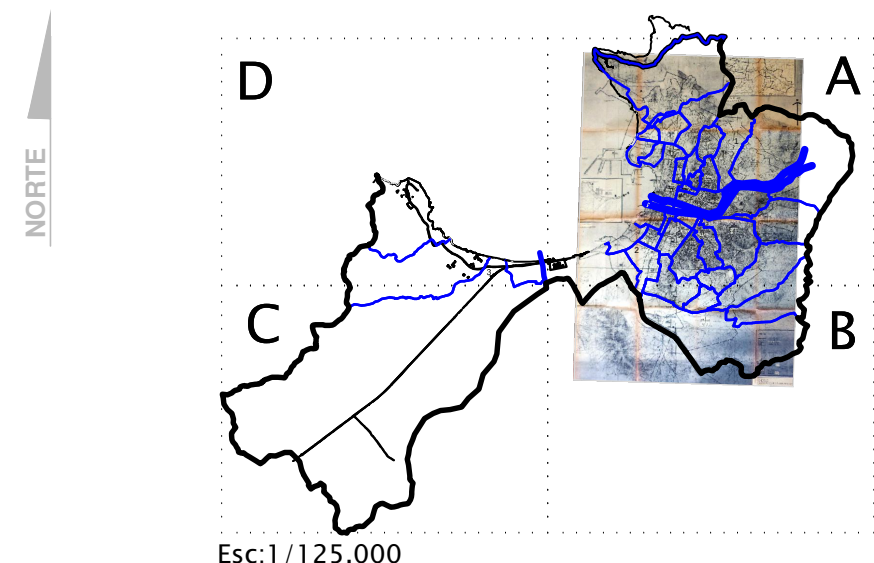


LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- - Limite dos Bairros, (atual).
- - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Legenda original

- Mancha de ocupação clandestina
- Estudos Elaborados pela Câmara Municipal
- Concretizações segundo o Plano

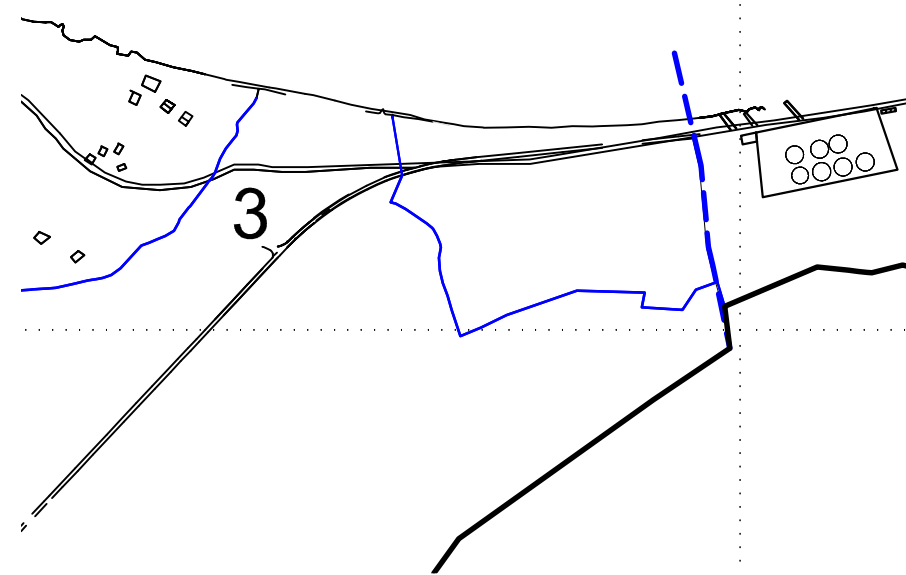


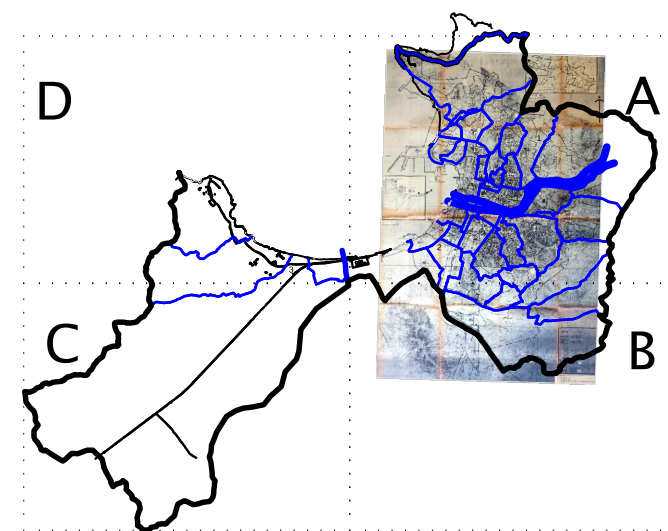
LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- - Limite dos Bairros, (atual).
- - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: Planta aerofotogramétrica:
Planta base - Plano de Desenvolvimento Urbano do Mindelo, 1995.
Proposta PUD's
Consórcio AIP/ Tecnoplaca
Escala original 1/5.000

As áreas urbanas delimitadas a preto/tracejado e as legendas integradas no 'plano' não constituem elementos da presente análise.





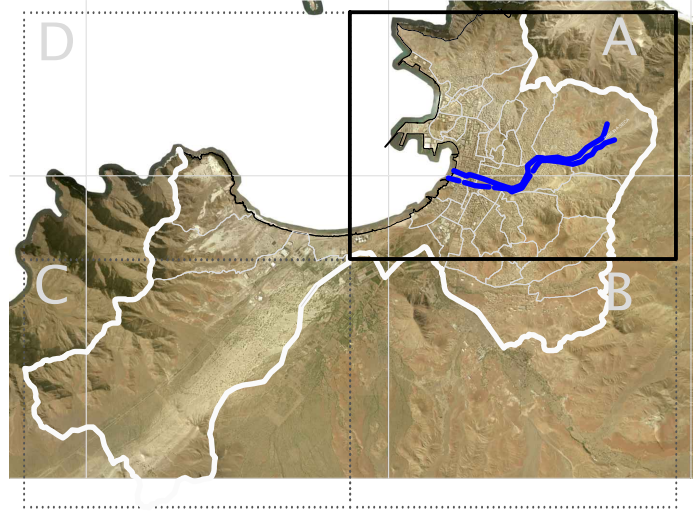
Esc:1/125.000)

LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

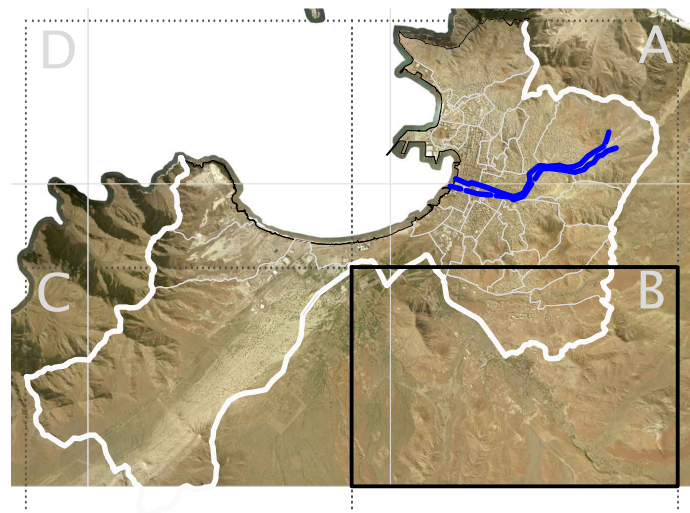
- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- Limite dos Bairros, (atual).
- Área de intervenção - perímetro urbano (atual) do Mindelo.

Nota: As áreas urbanas delimitadas a preto/tracejado e as legendas integradas no 'plano' não constituem elementos da presente análise.



Esc-1:125.000)

- LEGENDA
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
 - - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - - Limite dos Bairros, (atual).
 - - - - - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .

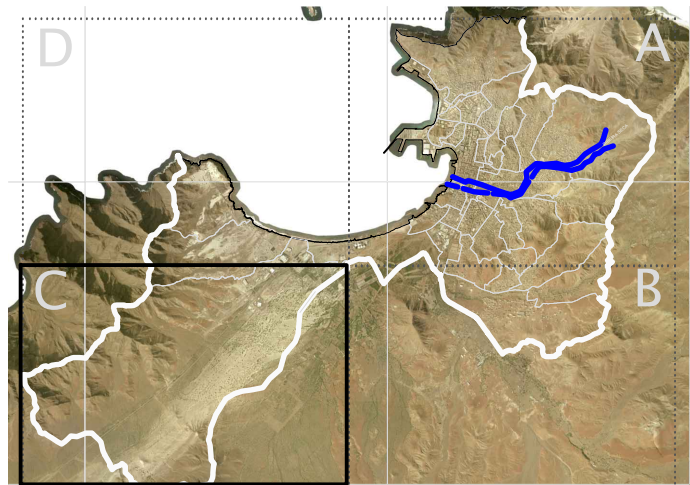


Esc-1:125.000)

LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- Limite dos Bairros, (atual).
- Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .

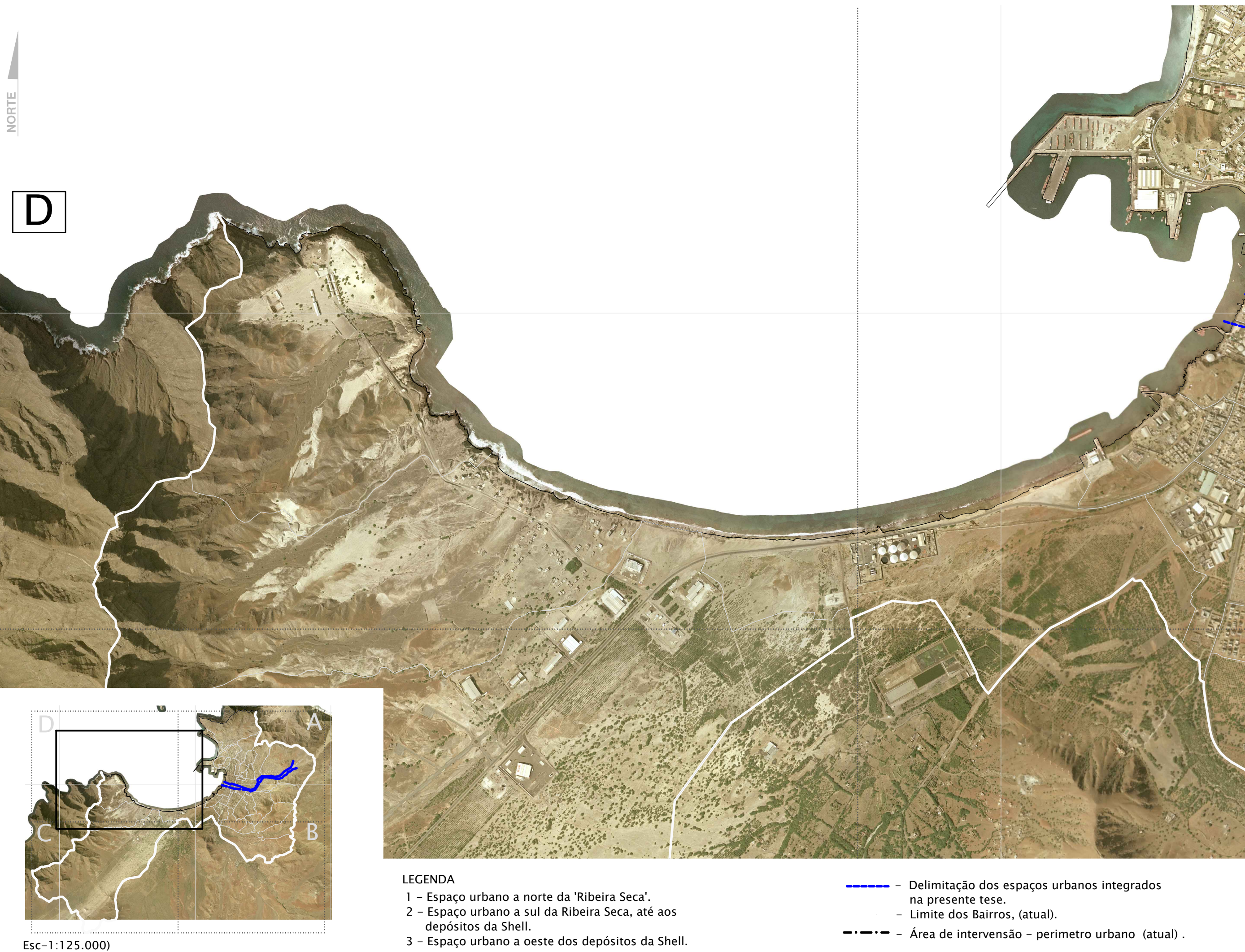


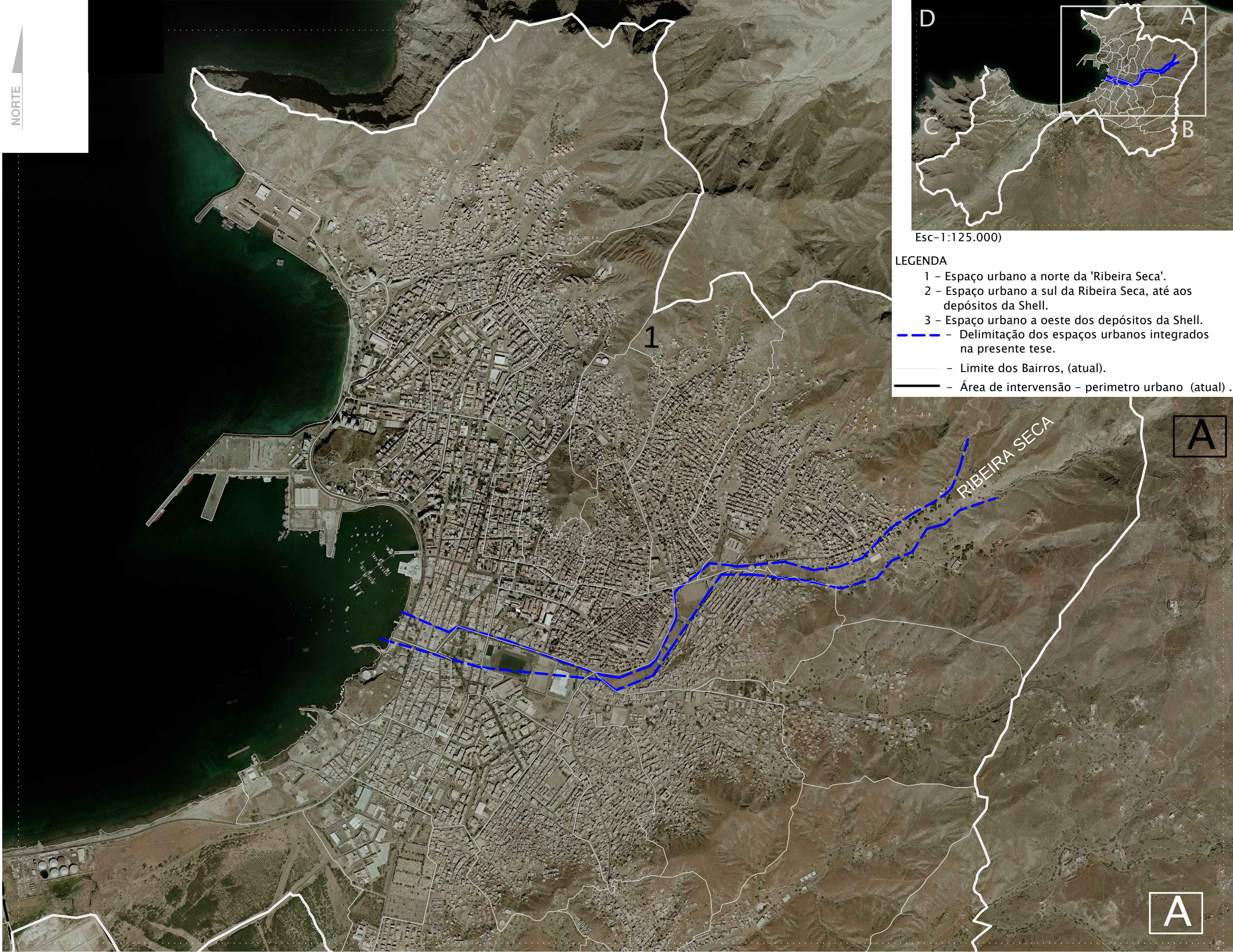
Esc-1:125.000)

LEGENDA

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.

- Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- Limite dos Bairros, (atual).
- Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .



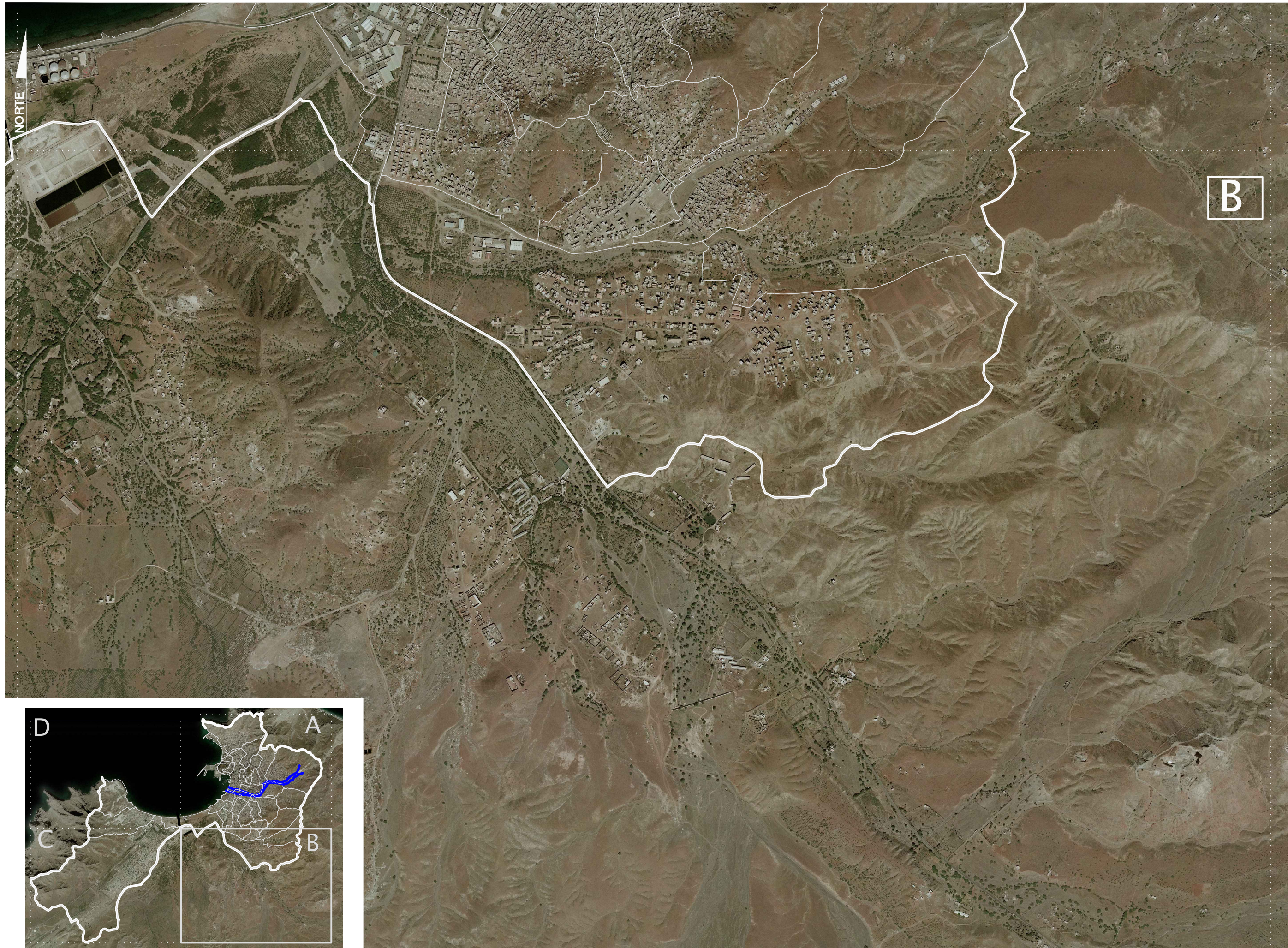


NORTE



Esc-1:125.000)

- LEGENDA
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
 - - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
 - - Limite dos Bairros, (atual).
 - - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .



Esc-1:125.000)

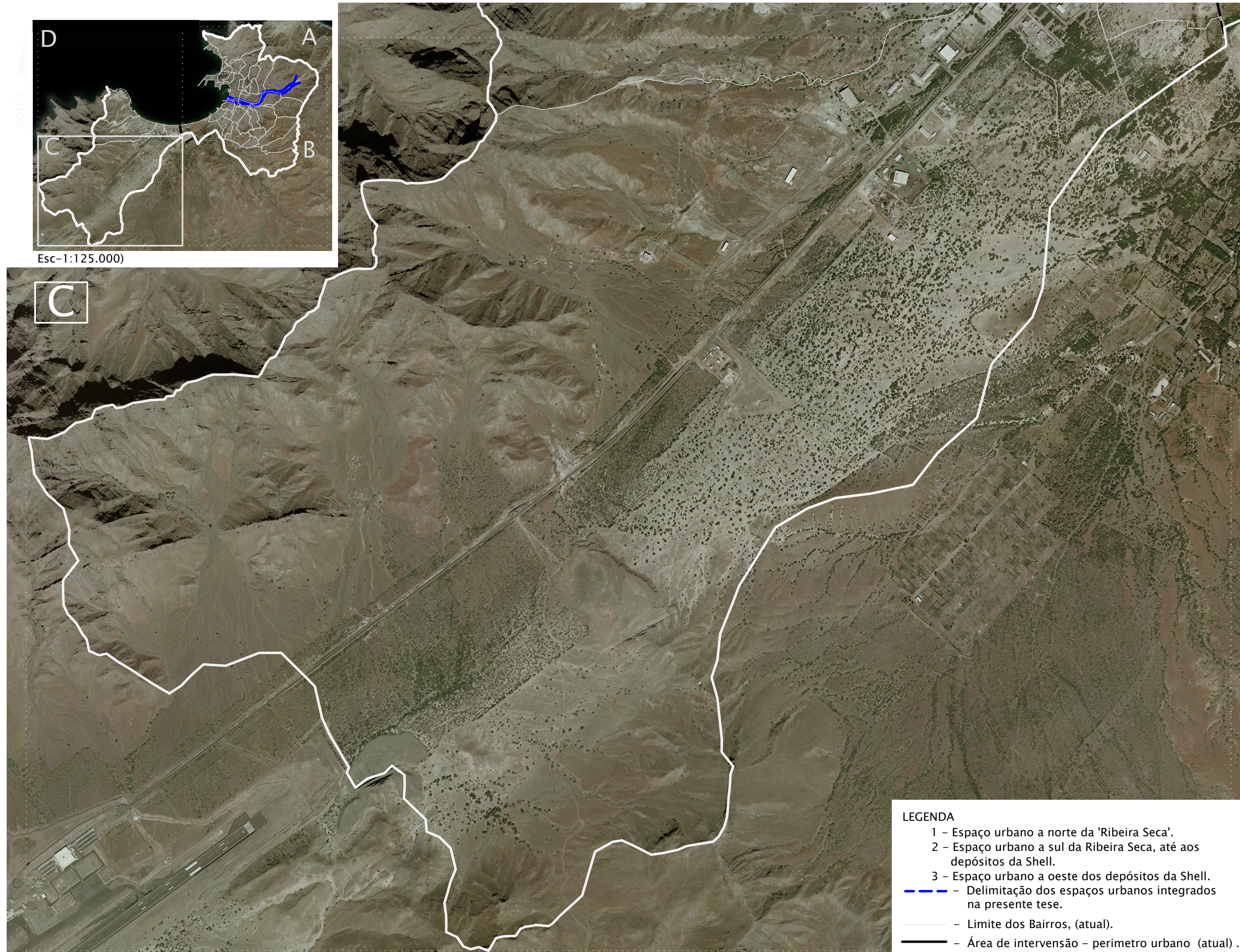
LEGENDA

— - Limite dos Bairros, (atual).

— - Delimitação dos espaços urbanos integradosna presente tese.

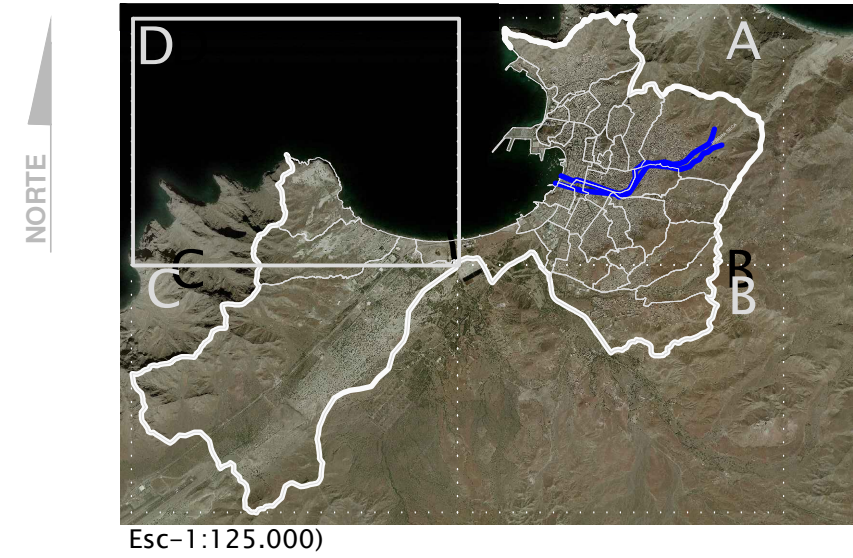
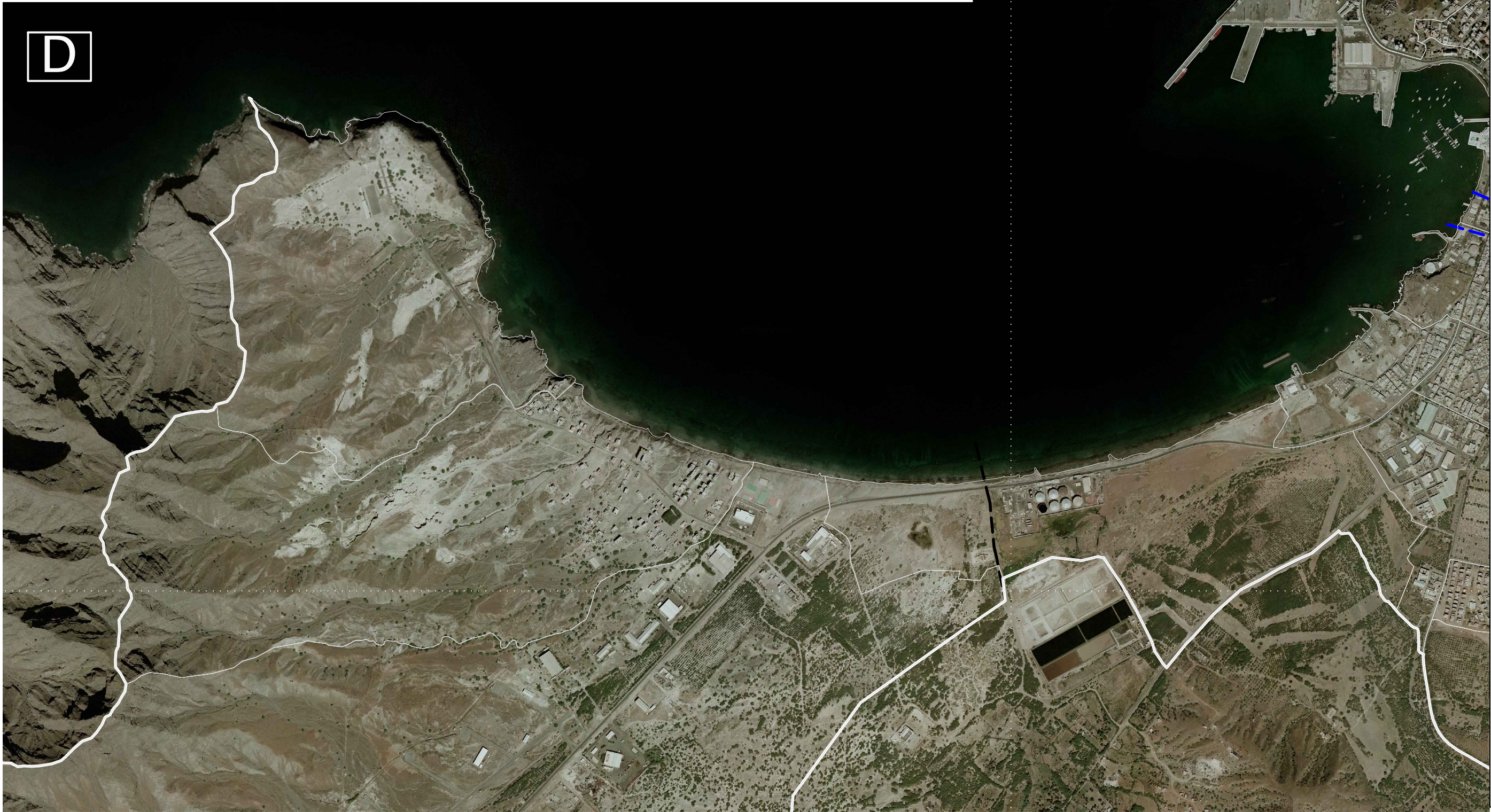
— - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .

- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aosdepósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.



LEGENDA

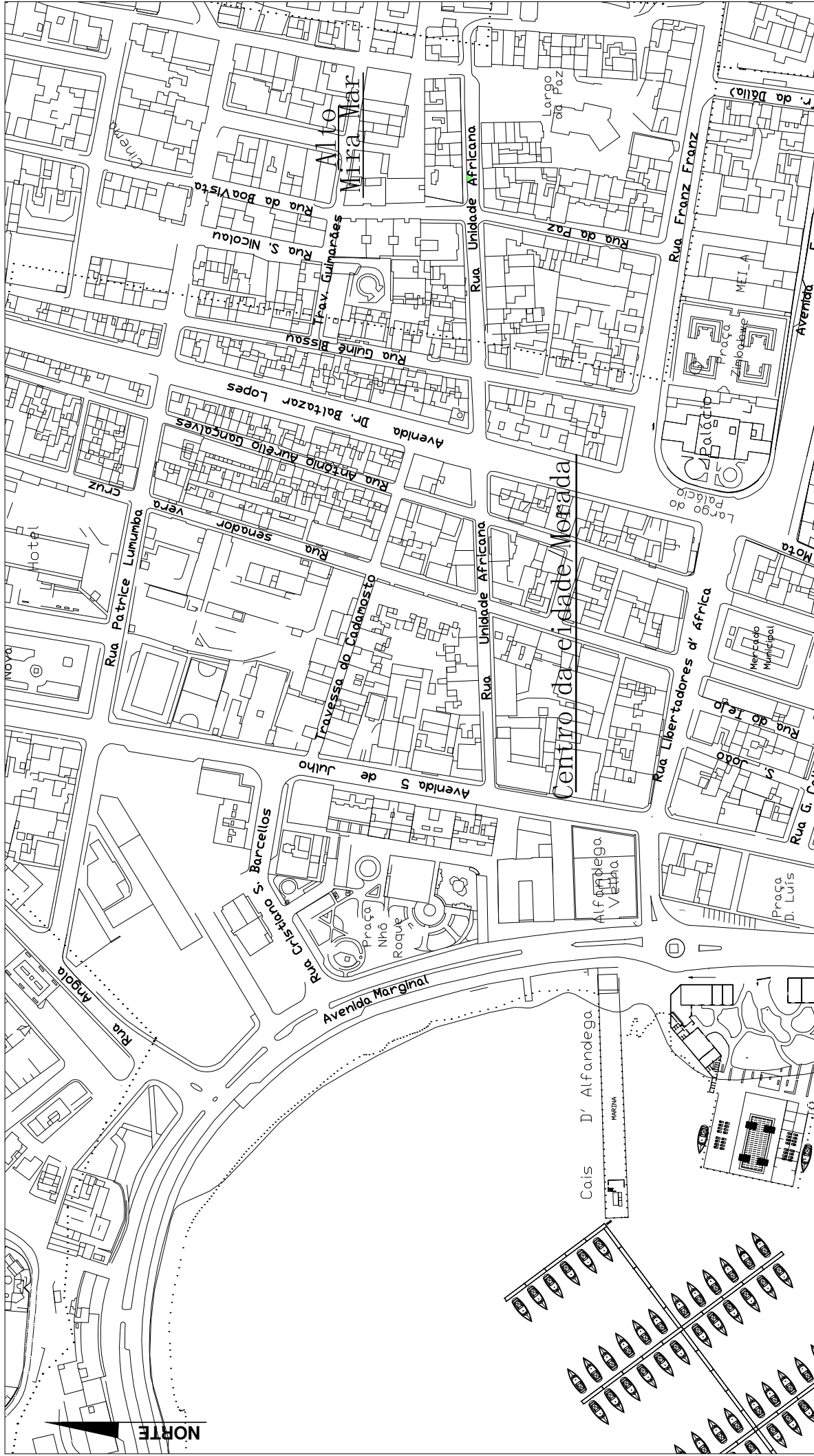
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
- 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
- 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
- — — — — Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- — — — — Limite dos Bairros, (atual).
- — — — — Área de intervenção - perímetro urbano (atual).



- LEGENDA
- 1 - Espaço urbano a norte da 'Ribeira Seca'.
 - 2 - Espaço urbano a sul da Ribeira Seca, até aos depósitos da Shell.
 - 3 - Espaço urbano a oeste dos depósitos da Shell.
- - Delimitação dos espaços urbanos integrados na presente tese.
- - Limite dos Bairros, (atual).
- - Área de intervenção - perímetro urbano (atual) .



Toponímia – Área central/histórica do Mindelo		Mapa:	12
() Limite bairros.	Fonte: AHU; MHOP (1984);CMSV	Autor: Crisolita Fortes Fonseca Data: Jan. 2018 Esc:1 /2.500	
() Antiga designação das ruas.			
Base:Planta do Mindelo – 2010			



Toponímia – Área central/histórica do Mindelo		Mapa:	13
..... Limite bairros. () Antiga designação das ruas.	Fonte: AHU; MHOP (1984);CMSV	Autor: Crisolita Fortes Fonseca	Data: Jan. 2018
Base:Planta do Mindelo – 2010	Esc:1/2.500		



Mapa: 14		Toponímia – Área central/histórica do Mindelo	
Fonte: AHU; MHOP (1984);CMSV		Autor: Crisolita Fortes Fonseca	
Base:Planta do Mindelo – 2010		Data: Jan. 2018	
Esc:1/2.500			

QUADRO VIII (a) – Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo, visualizada nos desenhos da Mindelo de, 1858,

1888, 1906, anos 60 início dos 70 e 1975-2010: Vias de sentido noroeste/sudeste

Espaço urbano localizado a norte do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para norte: vias orientadas, aproximadamente, da orla para o do interior)				
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888
Baixos	Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.	Rua dos Navegadores
	Centro da Cidade/Morada	Rua Franz Fanon (junto ao Palácio do Povo)	Rua Dr. Custódio Duarte	Rua do Custódio Duarte
		Travessa de Rastelo	*	*
		Rua Unidade Africana	Rua do Governador Sampaio	Rua do Conselheiro Sampaio
		©	©	©
		Travessa do Cadamosto	*	Travessa Camões
		Rua Cristiano Senna Barcelos	© - Espaços da Companhia Carvoeira <i>Millers & Cory</i>	© - Espaços da Companhia Carvoeira <i>Millers & Cory</i>
		Rua Patrice Lumumba (estende-se para a zona do Alto Mira Mar)	Rua Camões (estende-se para a zona do Alto Mira Mar)	Travessa Camões. (termina na interseção com a Rua do capitão Heitor d' Azevedo)
		©	Travessa Serpa Pinto	Travessa do Jardim (entre Hotel Porto Grande e <i>Eden Park</i>)
		Travessa Santiago (segunda via após a Praça Amílcar Cabral)	*	*
		Rua Izidoro Martins	Rua Izidoro Martins	©
		Avenida Dr. Alberto Leite	Avenida Fontoura da Costa (1960- em formação)	©
	Alto Mira Mar	Travessa Guimarães	Travessa Guimarães	*

Eixo referencial - linha que passa pela Rua Libertadores de África. *- Visualização da via; © - Ausência da via; «-...-» - visualização mas sem designação da via; × - não enquadrado no plano; © - ocupado com construções.
Fonte: Autor. Base de Trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; AHU - Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV - Planta do Mindelo em 2010.

QUADRO VIII (b) – Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo, visualizada nos desenhos do Mindelo de, 1858, 1888, 1906, anos 60 início dos 70 e 1975-2010: Vias de sentido noroeste/sudeste

Espaço urbano localizado a sul do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para sul: Vias orientadas, aproximadamente, da orla para o do interior)				
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888
Baítros	Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.
		Avenida Fernando Ferreira Fortes. (anteriormente, Avenida Unidade Guiné Cabo Verde)	Rua Dr. Nunes d' Oliveira.	Rua do Hospital (limitada aos espaços até ao edifício do quartel anexo ao Palácio do Governador).
		Rua 24 de Setembro.	Rua do Poço do Estado (ano de 1960) e, posteriormente Rua Com. Adelino d' Oliveira.	Rua do Poço do Estado.
		Rua Governador Calheiros até 1975 «- ... -»	Rua Governador Calheiros	Rua do Calheiros.
		Rua William du Bois.	Rua Vasco da Gama + Alameda Dr. Baptista de Sousa (junto ao hospital).	Travessa dos Paços do Concelho. (limite - na interseção com a Rua do João Carlos).
		Travessa da Igreja.	Travessa da Igreja.	Travessa da Igreja.
		«(-...-»	*	Travessa do Cotovello.
		Travessa da Luz.	*	Travessa da Paz
		Travessa da Fé.	*	Travessa da Fé.
		Travessa da Praia.	Travessa da Praia.	Travessa da Praia.
		Avenida 12 de Setembro.	Avenida Amadeu Gomes de Figueiredo.	ø

Espaço urbano localizado a sul do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para sul: Vias orientadas, aproximadamente, da orla para o do interior)				
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888
Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.	Rua dos Navegadores
	Rua Eduardo de Balsemão.	Rua Eduardo de Balsemão.	Rua Eduardo de Balsemão.	×
	Rua do Figueiredo de Barros.	«<...>»	Rua do Figueiredo de Barros.	×
	Rua Franz Fanon (continuação da via).	Rua Raul Duarte Silva. (Continuação da Rua Dr. Custódio Duarte)	ø	×
Fonte Cônego	Avenida Fernando Ferreira Fortes (continuação da via)	Rua Fernando Ferreira Forte + Rua da Fonte Cônego. (a partir da interseção com a Rua André Alves Almada	Rua do Hospital.	×
	Avenida Capitão Ambrósio.	Avenida Marechal Carmona.	ø	×
	Rua William du Bois (continuação da via).	Alameda Dr. Baptista de Sousa. (continuação da Rua Vasco da Gama)	ø	×
Ribeira Bote	Rua S. João Bosco (anexo a Nordeste dos espaços do Lar Nhô Djunga).	*	ø	×
	Avenida 12 de Setembro.	Avenida Amadeu Gomes do Figueiredo. (de traçado visualizado na planta Geral de Melhoramentos do Mindelo, de 1938)	ø	×
Monte Craca	Travessa do Matadouro Velho.	«<...>»	*	×

Eixo referencial - linha que passa pela Rua Libertadores de África. *- Visualização da via; ø - Ausência da via; «<...>» - visualização mas sem designação da via; × - não enquadrado no plano; © - ocupado com construções.

Fonte: Autor. Base de Trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; AHU - Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV – Planta do Mindelo em 2010.

QUADRO IX(a) – Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo, visualizada nos desenhos do Mindelo de, 1858, 1888, 1906, anos 60 início dos 70 e 1975-2010: Vias de sentido nordeste/sudoeste

Espaço urbano localizado a norte do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para norte: vias, aproximadamente, paralela à orla)					
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888	
Baítos Centro da Cidade/Morada	Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.	Rua dos Navegadores
		Avenida Marginal	Avenida Marginal	ø	×
		Rua das Irmãs do Amor de Deus	* (em formação inicial, junto a Avenida Fontoura da Costa)	*	×
		Rua Angola	Av. Guedes Vaz + Avenida Salazar	ø	×
		Avenida 5 de Julho	Rua Judice Bicker (a seguir aos espaços da praça Serpa Pinto) +Rua Infante D. Henrique	Rua do Infante D. Henrique	Rua Infante D. Henrique
		Rua Argélia	Rua D.ª Angélica	ø	×
		Rua Senegal	Rua Dr. Luiz Terry	ø	×
		Rua Senador Vera Cruz (Inicialmente, Rua Kwame N'kruma)	Rua Senador Vera Cruz (-1960 -o troço da Rua Poeta José Lopes até a Rua Izidoro Martins, em formação)	Rua de Sagres (limite na travessa do Jardim)	×
		Rua António Aurélio Gonçalves (anteriormente Rua Primeiro de Maio)	Rua dos Descobrimentos	Rua dos Descobrimentos	×

Espaço urbano localizado a norte do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para norte: vias, aproximadamente, paralela à orla)				
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888
Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.	Rua dos Navegadores
Centro da Cidade/ Morada	Avenida Dr. Baltazar Lopes	Rua Capitão Teófilo Duarte (a seguir ao atual Largo José Lopes. Em 1960, esta via termina na interseção com a Rua Izidoro Martins) + Rua João Machado	Rua do João Machado – (limite da rua, na zona de interseção a Travessa Camões (anexo a Sul da Praça Serpa Pinto)	×
	Rua Guiné- Bissau	Rua do Capitão Heitor d' Azevedo	Rua do capitão Heitor d' Azevedo	×
	Rua de S. Nicolau	Rua de S. Nicolau	* - (formação inicial)	×
Bairros	Rua da Paz + Rua da Boavista	Rua da Boavista + Rua Dr. Martinho Nobre de Melo	Rua da Paz (termina na interseção com a Rua do Conselheiro Sampaio). A Rua da Boavista apresenta separada da Rua da Paz por construções)	×

Eixo referencial - linha que passa pela Rua Libertadores de África. *- Visualização da via; ø - Ausência da via; «-...-» - visualização mas sem designação da via; × - não enquadrado no plano; © - ocupado com construções.

Fonte: Autor. Base de trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; AHU -Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV – Planta do Mindelo em 2010.

QUADRO IX (b) - Toponímia da área central/histórica da cidade do Mindelo, visualizada nos desenhos do Mindelo de, 1858, 1888, 1906, anos 60 início dos 70 e 1975-2010: Vias de sentido nordeste/sudoeste

Espaço urbano localizado a sul do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para sul: vias, aproximadamente, paralela à orla)									
Anos		De 1975 à 2010		Anos 60, início dos anos 70		1906		1888	
Bairros	Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.		Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.		Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.		Rua dos Navegadores	
		Avenida da República, Rua da Praia e posteriormente Avenida Marginal		Avenida da República		Rua do Tenente Valladim		Rua Marginal	
		Rua de Santo António		Rua de Santo António		Rua Santo António		Rua Infante D. Henrique	
		Rua S. João		Rua S. João		Rua S. João		Rua S. João	
		Rua do Tejo + Rua do Moçambique (a partir da Pracinha da Igreja)		Rua do Tejo + Rua de Sá da Bandeira		Rua do Tejo + Rua de Sá da Bandeira (a partir do Largo do Paços do Concelho)		Rua de Sá da Bandeira	
		Rua da Luz		Rua da Luz		Largo do Albuquerque + Rua do Conselheiro Neves Ferreira		Rua da Luz	
		«-...-» + Rua da Moeda (com ligeiro desvio a partir do Largo do Madeiral)		Rua dos Descobrimentos + Rua da Moeda (com ligeiro desvio a partir do largo Owen Pinto)		Largo do Albuquerque + espaços do Largo do Paços do Concelho + Rua da Moeda (com ligeiro desvio a partir do largo do Madeiral)		×	
		Rua Jaime Mota + Rua suburbana (a partir do Largo do Madeiral)		«-...-» + Rua Suburbana (a partir do Largo do Madeiral)		Travessa de Brites d' Almeida + Rua Suburbana (a partir do Largo do Madeiral)		×	
		«-...-»		*		Travessa do Cotovello (nas traseiras do edifício do tribunal)		×	
		Rua de Coko		Rua Governador Barreiros		Rua do Barreiros		×	
		Rua Eduardo Mondelane		Rua João Carlos		Rua do João Carlos		×	
		Rua Guerra Mendes		Rua Dr. António da Nola		Rua do António de Nola		×	

Espaço urbano localizado a sul do eixo referencial (Leitura – Do eixo referencial para sul: vias, aproximadamente, paralela à orla)				
Anos	De 1975 à 2010	Anos 60, início dos anos 70	1906	1888
Eixo referencial	Rua Libertadores de África - desde de 1975.	Rua Dr. Roberto Duarte Silva. De 1938 a 1975.	Rua D. de D. Carlos. Em 1910- Rua de Lisboa - designação popular até a atualidade.	Rua dos Navegadores
Fonte Cónego	«-...-»	Travessa da Dália (anexo a Sul do quarteirão do Palácio)	ø	×
	«-...-»	Travessa Dispensário	ø	×
	«-...-»	Rua Pereira Marinho	ø	×
	«-...-»	Rua André Alves Almada	ø	×
	Rua Filipe Pereira	Rua Rainha D ^a Leonor	ø	×
Ribeira Bote	Rua Domingos Ramos	Rua do Augusto Ferro	Rua do Augusto Ferro	×
	«-...-»	Rua do Sol	Rua do Sol	×
	«-...-»	Rua da Esperança	Rua da Esperança	×
	Rua Filipe Pereira (continuação da via – anexo a Sul dos espaços dos Salesianos)	«-...-»	ø	×
	Rua Celso Silva Leão (intersecta a Nordeste, a Rua S. João Bosco)	©	ø	×
Monte Craca	«-...-»	Rua M. Ribeiro de Almeida (via anexa a Sudeste dos espaços da Casa de Criança)	ø	×
	Rua de Morguinho	Rua do Guibara	Rua do Guebara	×
	Rua de Craca	Rua do Minho	Rua do Minho	×
	Rua do Douro	Rua do Douro	Rua do Douro + Alto da Penha de França	×
	Rua Dr. Medeiros	Rua Dr. Medeiros	Rua Dr. Medeiros	×
	Rua do Matadouro Velho	Rua do Matadouro	Rua do Matadouro	×

Eixo referencial - linha que passa pela Rua Libertadores de África. *- Visualização da via; ø - Ausência da via; «-...-» - visualização mas sem designação da via; × - não enquadrado no plano; © - ocupado com construções.

Fonte: Autor. Base de trabalho: MHOP. (1984). Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Praia, República de Cabo Verde; AHU -Planta incompleta da cidade do Mindelo em 1888, Planta da cidade do Mindelo em 1906; AHU- Planos de urbanização do Mindelo de 1960, 1969 e dos anos de 1970; CMSV – Planta do Mindelo em 2010.

QUADRO X - Área urbana ocupada pelos bairros da cidade do Mindelo, 1800-2010- (m2)

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIRROS (A _i - área total do bairro (2010)	Anos											
	1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010	
1 Alto Mira Mar (1980-1990 + alto St. António) A _i = 61.155,9	ø	2.433,9	35.140,4	40.924,6 (?)	47.191,7 (?)	53.339,9	54.796,9	61.155,9	61.155,9	61.155,9	61.155,9	
2 Alto Morabeza A _i = 30.705,02	ø	ø	ø	ø	ø	ø	580,6	1.273,0 (*)	2.439,0	27.135,6	30.705,0	
3 Alto Santo António A _i = 98.422,41	ø	ø	223,1	(?)	(?)	10.850,4	9.728,7	15.710,6	16.117,0	44.753,3	46.906,7	
4 Alto São Nicolau A _i = 83.008,06	ø	1.920,7	16.491,1 (*)	24.709,6 (*); (?)	24.709,6 (?)	34.084,5	31.011,3	47.216,3	57.319,1 (~)	75.047,9	83.008,1	
5 Alto Solarine/Força A _i = 47.040,27	ø	ø	ø	1.548,5 (?)	1.548,5 (?)	21.320,5 (*)	26.320,5 (*)	39.229,8 (*)	39.354,1	40.854,0	45.040,3	
6 Atrás do cemitério/Sul do Cemitério A _i = 398.169,67	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	13.583,3 (*)	151.488,1	243.792,4	
7 Bela Vista /Pedreira A _i = 572.889,12	ø	ø	ø	(?)	(?)	4.844,5 (*)	13.710,7 (*)	68.703,7 (~)	179.793,1	321.403,0	365.588,0	

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIROS (A _i - área total do bairro (2010)		Anos										
		1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010
8	Campinho A _i = 84.656,12	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	20.471,3 (*)	29.823,0	75.047,0	84.656,1
9	Centro de Cidade Morada (1980-1990, PUID 11) + Zona Portuária A _i = 541.999,8	20.864,9 (~)	120.519,2	194.393,8 (~)	305.392,2 (?)	313.965,3 (?)	349.285,1	403.690,3	463.865,4	463.865,4	541.999,8	541.999,8
10	Chã de Alecrim A _i = 1.676.625,25	☐	☐	☐	☐	☐	24.119,9 (*)	50.068,9 (*)	63.266,1 (*)	204.752,0 (~)	511.467,8	601.177,1
11	Chã de Cemitério A _i = 73.839,3	☐	☐	13.175,1 (*)	(?)	(?)	55.920,4	57.419,8	68.892,3	72.775,1	73.839,3	73.839,3
12	Chã de Monte Sossego A _i = 209.608,0	☐	5.516,6 (**)	7.668,1 (*, **)	(?)	(?)	20.946,4	14.736,5	56.160,0	101.562,1	202.935,3	209.608,0
13	Che Guevara + CG escola A _i = 4.464,4	☐	☐	298,9	298,9 (?)	(?)	13.531,5	20.514,1	25.834,5	27.503,6	64.464,4	64.464,4
14	Cruz João Évora A _i = 180.004,09	☐	☐	☐	☐	5.661,9 (?)	29.448,2 (*)	32.464,1 (*)	55.389,8 (*)	109.573,6 (*)	140.119,8	157.847,1
15	Dji d' Sal A _i = 181.282,12	☐	13.723,8	34.746,4 (~)	44.713,2	(?)	45.159,1 (~)	45.882,3 (~)	45.882,3 (~)	47.866,3	115.473,7	120.063,1

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIROS (A _i - área total do bairro (2010))	Anos											
	1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010	
16 Fernando Pó A _i =190.045,26	ø	ø	ø	ø	ø	14.553,7 (*)	14.559,7 (?); ©; (*)	52.265,5 (*)	95.390,6 (*)	94.273,6	143.426,9	
17 Fonte Cónego A _i =31962,0	ø	2.206,7	3.680,2 (~)	15.184,0 (?)	15.350,7 (?)	17.592,7	29.755,9	31.962,0	31.962,0	31.962,0	31.962,0	
18 Fonte de Inês/Espia A _t =509.504,92	ø	ø	ø	ø	ø	ø	6.247,5 (*)	117.075,9 (*); ®	224.444,6	379.712,1	386.561,7	
19 Fonte Filipe A _i =140.992,93	ø	ø	ø	ø	ø	46.764,4 (*)	57.573,8 (*)	98.736,0 ®	116.586,9	125.924,9	135.667,4	
20 Fonte Francês A _i =230.089,42	ø	ø	ø	1.440,1 (?)	3.596,7 (?)	5.482,42 (*)	28.958,2 (*)	111.842,5 (~)	132.580,8 (~)	202.029,8	222.555,6	
21 Fonte Meio/Madeiralzinho A _i =446.448,43	ø	ø	29,6	ø; (?)	3.444,7 (?)	16.870,4 (~)	21.885,557 (*)	23.434,3 (*)	118.355,9 (*)	249.724,6	312.936,5	
22 Fortim /Escola Técnica A _i =132.551,54	ø	2.081,7	4.421,4	5.329,0 (?)	6.477,2 (?)	17.063,6	39.015,2	69.417,8	69.417,8	69.417,8	84.669,4	
23 Galé A _i =965.128,42	ø	ø	ø	1.311,7 (?)	28.493,5 (?)	31.686,6	31.686,6	31.686,6 (?); ø	50.813,1 (?); ø	50.813,1	54.879,6	

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIROS (A _i - área total do bairro (2010))		Anos										
		1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010
24	Horta Seca A _i =157.445,66	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	12.666,1 (*)	21.228,2	135.478,9
25	Lazareto A _i =1.688.217,88	ø	(?)	(?)	29.122,4 (?); (**)	29.122,4 (?)	13.271,5 (?); ©	13.271,5 (?); ø	51.663,8 (?); ø	51.663,8 (?); ø	58.730,4	293.765,5
26	Matiota /Laginha A _i =171.231,45	ø	277,9 (~)	2.256,8	1.176,3 (?)	1.176,3 (?)	7.623,5	8.005,6 (?); ø	29.672,9	29.672,9	171.231,5	171.231,5
27	Monte Craca A _i =147.499,34	ø	2.018,0 (~)	77.131,5 (~)	77.131,5 (?)	77.131,5 (?)	94.082,4 (~)	97.132,2	97.132,2	97.132,2	129.155,1	134.873,6
28	Monte Sossego A _i =295.973,57	ø	ø	ø	ø	ø	111.376,5 (~)	145.379,5	189.137,2	222.513,9	236.412,8	268.894,8
29	Morro Branco A _i =1.131.439,58	ø	(?)	(?)	(?)	(?)	7.249,4	7.249,4 (?); ø	7.249,4 (?); ø	50.394,0 (?); ø	91.031,5	91.031,5
30	Parque Industrial do Lazareto A _i =10.455.023,0 7	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	688.077,3	929.253,8
31	Pedra Rolada A _i =671.281,44	ø	ø	ø	3.330,5 (?)	3.330,5 (?)	ø	ø	ø	121.994,6 (*)	122.635,1	197.864,1
32	Ribeira Bote A _i =238.548,31	ø	3.241,0 (~)	3.890,9 (~)	33.301,9 (?)	33.301,9 (?)	178.148,5	192.280,5	224.075,2	225.705,8 (~)	238.548,3	238.548,3

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIROS (At - área total do bairro (2010))		Anos										
		1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010
33	Ribeira de Craquinha A _i =785.951,92	ø	ø	ø	3.382,7 (?)	3.382,7 (?)	(?); ø	(?); ø	54.296,5 ®	87.545,0	173.782,7	216.834,0
34	Ribeira de Julião A _i =1.882.031,00	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	86.206,0	86.206,0	554.879,7	778.218,6
35	Ribeira do Passarão A _i =686.259,88	ø	ø	ø	ø	ø	ø	ø	8.919,8 (*)	18.937,2 (*)	*	185.056,1
36	Ribeirinha (Cadeia Trás Cadeia/areia Branca) A _i =2.315.266,79	ø	ø	ø	3.740,4 (?)	3740,4 (?)	ø	1.268,6 (?); ©; ø	118.884,6 ®	335.760,6 (~)	577.884,2	616.004,8
37	Torrada A _i =113.605,23	ø	ø	ø	ø	ø	30.977,3	33.561,8	44.902,6	44.902,6	87.573,2	113.605,2
38	Vila Nova /Lombo de Tanque A _i =363.870,92	ø	ø	ø	2.695,3 (?)	2.695,3 (?)	957,7 (*); ©	957,7 (*); ©	71.574,7 (*)	137.732,2 (~)	223.877,1	233.388,6
39	Zona Industrial Sul A _i =279.456,79	ø	ø	ø	14.206,1 (?)	14.206,1 (?)	19.986,9	33.451,6	46.407,3	52.763,8	279.456,8	279.456,8

Consumo do solo urbano (valor aproximado, m2)												
BAIROS (At - área total do bairro (2010))		Anos										
		1820	1873/77	1906	1920	1932	1946	1960	1973	1982	2003	2010
40	Zona Militar - chã de Alecrim) A _i =189.225,62	ø	ø	998,7	11.726,5 (?)	17.382,1 (?)	32.862,4	37.304,8	42.013,5 (*); (~)	105.406,9	189.225,6	189.225,6

(*)- Áreas com construções muito dispersas; (~)-Área enquadrando espaços livres; ® - Mancha de ocupação clandestina; ø - Bairro inexistente / Não enquadrado no respetivo plano; (?) - Sem definição precisa da área ocupada; © - Parcialmente integrado no plano. Os planos de 1922 e 1906 apresentam insuficiências relativamente a ocupação das parcelas urbanas.

Fonte: Autor. Base de trabalhos: Desenhos do Mindelo, integrados na presente tese de doutoramento.

ANEXOS

Crisolita Fortes Fonseca. A cidade do Mindelo, 1820-2010: uma visão morfológica da sua ocupação urbana.



Planta da Cidade do Mindelo em 1906. Depositada no Arquivo Histórico Ultramarino - AHU_CARTm_024.D.141

1- Cartografia da Ilha de S. Vicente de 1841

Fonte: Santos, M. E., Garcia, J. C., Carvalho, C. A., De Barros, F. F., Do Amaral, I., Ribeiro, J. M., et al., (2009). Álbum Cartográfico de Cabo Verde. Comissão de Cartografia (1883-1936) (1ª_2008 ed.). Lisboa: SIG- Sociedade Industrial Gráfica.

2- Cartografia da Ilha de S. Vicente de 1916.

Fonte: Biblioteca digital do exército. <http://biblioteca.exercito.pt>. Acedido a 15 de Abril de 2014 de http://www.exercito.pt/sites/BiblEx/PublishingImages/Biblioteca_Digital/igeoe.JPG

3- Plano para melhoramentos do Mindelo de 1911/1938.

Fonte: AHU

4- Estradas existentes na Ilha de S. Vicente em 1960.

Fonte: AHU

5- Ortofotomapas da Ilha de S. Vicente 1968.

Fonte: AHU

6- Plantas 'aerofotogrametricas', 1960 - Arquiteto José Luís Amorim. Fonte: AHU.

- Planta 'aerofotogrametrica' - Zona Marginal, 1960 - ESTADO ATUAL (antes das obras do Porto).
- Planta 'aerofotogrametrica' - Célula 2, Monte Sossego, Zona Desportiva, Parque e Escolas Secundárias, 1960 – ESTADO ATUAL. Arquiteto José Luís Amorim.

7- Cartografia da Ilha de S. Vicente, levantada em 1970 e publicada em 1975.

Fonte: Cartografia da Ilha de S. Vicente, 1975. <http://biblioteca.exercito.pt>. Acedido a 6 de Fevereiro de 2016 em:

<http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/B6VA-CL37-01.jpg>

<http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/B6VA-CL37-02.jpg>;

<http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/B6VA-CL37-03.jpg>;

<http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/B6VA-CL37-04.jpg>

Nota: Esta documentação cartográfica encontra incluída na presente tese de doutoramento, unicamente, no formato digital.